

Património Religioso e Museus Eclesiásticos

Uma proposta para a Igreja Matriz de Santa Cruz (Lagoa-Açores)

Dissertação de Mestrado

Joana Maria Sousa Simas



Mestrado em

**Património, Museologia e
Desenvolvimento**

Património Religioso e Museus Eclesiásticos Uma proposta para a Igreja Matriz da Santa Cruz (Lagoa-Açores)

Dissertação de Mestrado

Joana Maria Sousa Simas

Orientadores

Professora Doutora Susana Goulart Costa e

Mestre Igor Espínola de França

Dissertação de Mestrado submetida como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Património, Museologia e Desenvolvimento



Aos meus pais ...

... pelo amor

... pelo apoio incondicional

... pelas palavras de incentivo

hoje e sempre!

Agradecimentos

O desenvolvimento de uma dissertação aparenta ser um documento de investigação que envolve uma só pessoa, porém, por detrás de todo o estudo desenvolvido, constam vários intervenientes que cooperaram de diversos modos para o resultado final. Por essa razão, cabe-me dispensar este espaço para agradecer o contributo de todos quanto tornaram possível este feito, que para mim, é um sonho tornado realidade.

Em primeiro lugar, as minhas palavras de apreço são dirigidas aos meus orientadores, pelo privilégio em tê-los como guias nesta caminhada. Uma profunda gratidão à Professora Doutora Susana Goulart Costa, pela forma como me orientou e pela disponibilidade e amizade manifestadas, sendo a grande responsável por despertar em mim o gosto pela Museologia. Igualmente, agradeço ao Arquiteto Igor Espínola de França pela disponibilidade, orientação e dedicação demonstradas ao longo do percurso, pelas informações e esclarecimentos prestados.

À minha família, meus pilares: aos meus queridos pais, pelo apoio incansável não só durante esta fase da minha vida como em todas as outras, pelo encorajamento, pela compreensão nos vários momentos, pelas oportunidades que me proporcionaram e que me ajudaram a moldar aquilo que sou; às minhas irmãs, pela ausência na atenção do crescimento delas e pela compreensão demonstrada durante todo este processo, que me vejam como exemplo para o futuro que trilharem.

Ao André, meu amor, por toda a compreensão nos momentos de ausência, pelo apoio, incentivo, estímulo e acompanhamento durante todo o longo processo.

A Deus, por nunca ter fechado uma porta sem abrir uma janela.

Ao Pe. Nuno Maiato, pároco da Igreja Matriz de Santa Cruz, meu “anjo da guarda”, por depositar a sua confiança numa recém-licenciada para abraçar um projeto de grande responsabilidade que culminou de inspiração para a presente dissertação, e por todas as oportunidades que me tem possibilitado, pela amizade e admiração.

Ao amigo e colega Pe. Hélio Soares, pela amizade e pelas incansáveis trocas de conhecimentos e momentos de partilha.

À Carolina Oliveira, à Rita Frias e ao Nuno Costa, trio, cuja companhia sempre agradável, permitiu deliciosas conversas, e que para além do apoio também, quiseram ser parte ativa em algumas fases do processo. Guardo com estima a amizade de cada um de vós.

Aos restantes colegas do mestrado pela partilha de experiências das várias áreas de formação de cada um, unidos pelo mesmo gosto, permitindo uma eclética e estimulante troca de conhecimentos, resultando em debates de ideias muito interessantes.

A todos os professores quer do pré-escolar, primeiro ciclo, segundo ciclo, terceiro ciclo, secundário, aos da licenciatura e do mestrado, que contribuíram para o meu percurso formativo.

E a todos os restantes intervenientes que contribuíram de todos os modos.

A todos, o meu profundo e sentido obrigado!

“... Procurai descobrir na arte religiosa um estímulo para reforçar a vossa união e o vosso diálogo com o Senhor, através da contemplação da beleza que nos convida a elevar o nosso íntimo para Deus...”

Papa Bento XVI, Castel Gandolfo, 2011

Resumo

O presente estudo tem como teatro de análise o património religioso e os museus eclesiásticos, explorando-se ambas as temáticas numa perspectiva de evangelização, aliados ao usufruto cultural e cultural. É sabido que o Património Cultural da Igreja Católica integra todo um conjunto de bens materiais e imateriais, de especial interesse cultural, e que representam a grande parcela de património existente, sendo potenciais ferramentas essenciais a serem utilizadas para o desenvolvimento e realização da missão evangelizadora. Por forma a dar resposta às necessidades pastorais, surgem os museus eclesiásticos que têm sob sua alçada bens culturais religiosos, com o intuito primordial de evangelizar, conservar, investigar, comunicar e expor os bens culturais.

Neste contexto, reflete-se sobre a importância da existência de museus eclesiásticos, não só para a evangelização como para a conservação e valorização do património eclesiástico *in situ*, assim como, para o significado do património religioso. O tema proposto para o estudo suscita vários desafios, implicando desde logo saber se o sagrado pode ser musealizado e em que medida tal pode acontecer, aliando a práticas museológicas inovadoras, tanto para o desenvolvimento da sociedade como para a Igreja.

Num segundo momento do estudo apresentar-se-á uma proposta de um espaço museológico eclesiástico a ser implementado na Igreja Matriz de Santa Cruz de Lagoa, denominado de Coleção Visitável da Matriz de Lagoa, destacando-se todos os processos a ter em consideração, desde o planeamento até à montagem da exposição museológica, assim como a dinâmica pastoral a ser desenvolvida pelo referido espaço.

Palavras-chave: Igreja Católica, Património Religioso, Museus Eclesiásticos, Coleção Visitável da Matriz de Lagoa.

Abstract

The main issue of this study is based mainly in the analysis of the religious heritage and the ecclesiastic museums exploring both themes in a perspective of evangelization related not only to cult but also to cultural use. It is known that Catholic's Church cultural heritage, includes a huge variety of not only material estate but also non-material estate, of great cultural interest, as a huge part of the existing cultural heritage until our days. It is indeed not only the main as well as the essential tools to be used in the development and the achieving of this cultural and religious mission, in other words, a mission based in the evangelization. To give in a specific answer to the main pastoral needs, ecclesiastic museums appear with their huge variety of religious estate in order to evangelize, preserve, investigate, communicate and expose them to others.

In this context, there will be throughout this study a constant reflection about the importance of the existence of ecclesiastic museums, not only for the evangelization, but also to preserve and give more value to the ecclesiastic heritage *in situ*, that means the importance of the religious heritage. The theme proposed with this study lifted several challenges, implying since the beginning to know if the sacred issues can be turned into a museum sacred issue or not and if so what kind of measures could happen allied to innovative museum practices not only for society development but also for Church.

In a second moment of this study, there will be a proposal to be made in an ecclesiastic museum called *Matriz Church* of *Santa Cruz* in the city of *Lagoa*, with the *Visitable Collection of Matriz Church* also in *Lagoa*, in order to bring out all kind of steps to have in consideration, since planning to the setting up of the museum exposition as well as the pastoral dynamic developed in the place previously mentioned.

Key-words: Catholic Church, Religious Heritage, Ecclesiastic Museums, Visitable Collection of Matriz Church.

Índice

| | |
|---|------------|
| Índice de figuras | 11 |
| Lista de abreviaturas..... | 13 |
| Introdução | 14 |
| I Parte Património, Museus e Igreja..... | 21 |
| Capítulo I – Património, Museus e Memória | 22 |
| 1.1. Património Cultural: evolução do conceito | 23 |
| 1.1.1. O Património em prol da identidade, do desenvolvimento e da memória... | 38 |
| 1.2. Um espaço de memória chamado museu | 44 |
| 1.2.1. O papel do museu na sociedade atual | 50 |
| Capítulo II – Património Religioso e Museus Eclesiásticos: legado de uma herança cultural | 55 |
| 2.1. A religião como identidade humana | 56 |
| 2.2. A arte como expressão da religião: breve panorama histórico no contexto cristão.. | 61 |
| 2.2.1. Arquitetura..... | 66 |
| 2.2.2. Pintura e Escultura | 71 |
| 2.3. O Património religioso como símbolo da religião..... | 77 |
| 2.3.1. O material e imaterial presente no património de cariz religioso..... | 86 |
| 2.3.2. O inventário como fonte de conhecimento das igrejas..... | 88 |
| 2.3.3. Conservar para perdurar | 92 |
| 2.4. Museus eclesiásticos: uma nova forma de evangelização | 101 |
| 2.4.1. Panorama dos museus eclesiásticos na Diocese de Angra e Ilhas dos Açores | 114 |
| 2.4.2. O sagrado como grande entrave à musealização de objetos..... | 117 |
| 2.4.3. Musealização de objetos sagrados dentro do seu meio litúrgico..... | 120 |
| II Parte Estudo de caso: a Igreja Matriz de Santa Cruz de Lagoa..... | 124 |
| Capítulo III – Coleção Visitável da Matriz de Santa Cruz de Lagoa: do planeamento à montagem | 125 |
| 1. Enquadramento histórico, geográfico, arquitetónico, patrimonial e cultural | 126 |
| 1.1. História da Paróquia de Santa Cruz e sua Igreja | 126 |

| | | |
|--------|---|------------|
| 1.2. | Espaço arquitetónico..... | 132 |
| 1.2.1. | Exterior | 133 |
| 1.2.2. | Interior | 138 |
| 2. | Inventariação dos bens culturais na Igreja Matriz de Santa Cruz de Lagoa..... | 151 |
| 2.1. | Caracterização do Património Religioso inventariado na Igreja Matriz de Santa Cruz de Lagoa | 151 |
| 3. | Planear e montar a Coleção Visitável da Matriz de Lagoa..... | 155 |
| 3.1. | O projeto | 155 |
| 3.2. | Objeto e coleções..... | 159 |
| 3.3. | Organização do espaço expositivo | 161 |
| 3.3.1. | Núcleo da Imaginária..... | 163 |
| 3.3.2. | Núcleo da Ourivesaria | 165 |
| 3.3.3. | Núcleo da Cerâmica e Azulejaria | 167 |
| 3.3.4. | Núcleo Processional | 170 |
| 3.3.5. | Núcleo da Paramentaria..... | 173 |
| 3.3.6. | Núcleo da Arte Bonecreira | 176 |
| 3.4. | Percurso expositivo | 178 |
| 3.5. | Discurso expositivo | 179 |
| 3.6. | Instalação e montagem | 181 |
| 3.6.1. | Arquitetura do espaço museológico | 182 |
| 3.6.2. | Suportes museográficos | 183 |
| 3.6.3. | Vitrinas | 186 |
| 3.6.4. | Painéis interpretativos e tabelas de identificação | 188 |
| 3.6.5. | Cor | 192 |
| 3.6.6. | Iluminação | 192 |
| | Conclusões | 197 |
| | Fontes & Bibliografia | 202 |
| 1. | Fontes | 202 |
| 2. | Legislação e normas | 204 |
| 3. | Periódicos | 205 |
| 4. | Bibliografia..... | 206 |
| 5. | Sítios da internet | 217 |
| | Anexos..... | 218 |

| | |
|--|-----|
| Anexo A – Formulário do questionário “Museus Eclesiásticos na Diocese de Angra e Ilhas dos Açores” | 219 |
| Anexo B – Análise das respostas ao questionário “Museus Eclesiásticos na Diocese de Angra e Ilhas dos Açores” | 222 |
| Anexo C – Levantamento dos Museus eclesiásticos existentes na Diocese de Angra e Ilhas dos Açores com base nas respostas ao inquérito..... | 230 |
| Anexo D – Proposta de percurso expositivo para a CVML | 231 |
| Anexo E – Fichas de inventário da Igreja Matriz de Santa Cruz..... | 232 |

Índice de figuras

| | |
|--|-----|
| Figura 1 – Igreja Matriz de Santa Cruz | 133 |
| Figura 2 – Fachada da Igreja Matriz de Santa Cruz | 134 |
| Figura 3 – Torre da Igreja Matriz de Santa Cruz..... | 136 |
| Figura 4 – Salão Paroquial e Batistério da Igreja Matriz de Santa Cruz | 137 |
| Figura 5 – Estrutura anexa à Igreja Matriz de Santa Cruz..... | 138 |
| Figura 6 – Interior da Igreja Matriz de Santa Cruz..... | 139 |
| Figura 7 – Capela colateral do Santíssimo Sacramento | 140 |
| Figura 8 – Capela colateral do Senhor Santo Cristo dos Terceiros | 141 |
| Figura 9 – Capela-Mor | 142 |
| Figura 10 – Capela lateral de Santa Teresinha do Menino Jesus | 143 |
| Figura 11 – Capela lateral do Ministério Pascal..... | 145 |
| Figura 12 – Altar do lado da Epístola de invocação à Virgem do Rosário | 146 |
| Figura 13 – Altar do lado do Evangelho de invocação ao Sagrado Coração de Jesus .. | 146 |
| Figura 14 – Púlpito e dossel | 147 |
| Figura 15 – Batistério | 148 |
| Figura 16 – Coro-alto | 149 |
| Figura 17 – Sacristia | 149 |
| Figura 18 – Porta de acesso à torre e coro-alto..... | 150 |
| Figura 19 – Planta da Igreja Matriz de Santa Cruz com os núcleos expositivos..... | 162 |
| Figura 20 – Núcleo da Imaginária | 164 |
| Figura 21 – Núcleo da Imaginária | 164 |

| | |
|--|-----|
| Figura 22 – Núcleo da Ourivesaria..... | 166 |
| Figura 23 – Núcleo da Ourivesaria..... | 167 |
| Figura 24 – Núcleo da Ourivesaria..... | 167 |
| Figura 25 – Núcleo da Cerâmica e Azulejaria..... | 170 |
| Figura 26 – Núcleo Processional | 172 |
| Figura 27 – Núcleo Processional | 172 |
| Figura 28 – Núcleo da Paramentaria | 175 |
| Figura 29 – Núcleo da Arte Bonecreira..... | 177 |

Lista de abreviaturas

a. C. – antes de Cristo

CDBCI – Comissão Diocesana dos Bens Culturais da Igreja

CEBCI – Comissão Episcopal dos Bens Culturais da Igreja

CEP – Conferência Episcopal Portuguesa

CPBCI – Comissão Pontifícia para os Bens Culturais da Igreja

CPC – Conselho Pontifício da Cultura

CVML – Coleção Visitável da Matriz de Lagoa

d.C. – depois de Cristo

DGPC – Direção-Geral do Património Cultural

DRC – Direção Regional da Cultura

ICOM – *International Concil of Museum*

IV – Infravermelhos

SNBCI – Secretariado Nacional dos Bens Culturais da Igreja

UV – Ultravioleta

Introdução

É curioso perceber que a religião está implícita em praticamente tudo, inclusive da prática museística e porventura do fenómeno do colecionismo, que antecedeu o aparecimento da instituição do museu. Desde sempre, que a arte religiosa, especificamente a ligada ao Cristianismo, foi encarada como sendo bela, concebida como uma linguagem universal comunicativa no seio dos crentes, que pela capacidade de usar símbolos, ajudou a estabelecer laços de ligação com o transcendente, mantendo uma relação de afetividade, afinidade e intimidade.

A Igreja Católica encontrou no seu património uma potencial ferramenta de evangelização, assumindo um papel interventivo fundamental. Presume-se que grande parte do Património Cultural existente é de cariz religioso, fazendo da Igreja, detentora de um riquíssimo e diversificado património, testemunho das transformações sociais, culturais, artísticas, económicas e históricas.

Desta forma, devido à importância desta herança, nos últimos tempos assistiu-se a uma crescente preocupação dos organismos eclesiásticos na defesa, salvaguarda e valorização dos seus bens culturais, considerados testemunhos da memória de um povo, plasmada em diversos atos pontifícios e conciliares – Carta-circular da Conferência Episcopal Portuguesa (1990), *Património histórico-cultural da Igreja*; Carta-circular do Conselho Pontifício da Cultura (1999), *Para uma pastoral da cultura*; Carta-circular da Comissão Pontifícia para os Bens Culturais da Igreja (2001), *A função pastoral dos museus eclesiásticos*; Carta-circular da Conferência Episcopal Portuguesa (2005), *Princípios e Orientações sobre os Bens Culturais da Igreja* –, traduzidas na prática no surgimento de certos organismos com elevada importância cultural e pastoral, como o exemplo da CEP, do CPBCI e do CPC.

Graças à importância desenvolvida, nos últimos anos, em torno da preservação e conservação do Património Religioso, aliado ao alargamento da noção de museu, no sentido da necessidade de especialização das instituições museais verificadas a partir do Iluminismo e que permitiu uma abertura concetual de novas tipologias na década de 60 do século XX – umas mais vulgares que outras –, surgiram os Museus Eclesiásticos, tendencialmente equiparados com Museus de Arte Sacra, embora distintos.

Neste âmbito, e dado que a arte religiosa constitui um porção significativa de grande parte das coleções dos museus, na realidade açoriana conhecem-se diversos exemplares de instituições museológicas com esta tipologia de acervo, expressivo da identidade religiosa regional.

Destaca-se o Núcleo de Arte Sacra do Museu Carlos Machado, inaugurado no ano de 2006 em São Miguel, instalado na Igreja dos Jesuítas, uma igreja desde 1971 desafeta ao culto. Este núcleo é uma das valências do Museu Carlos Machado, sendo já na altura da direção do Dr. Nestor de Sousa¹ intenção de constituir no edifício da Igreja de Todos os Santos a secção de arte sacra, algo concebido décadas mais tarde, sobretudo a partir da cedência do edifício e respetivo espólio em 1977 por parte da Câmara Municipal de Ponta Delgada, que outrora a tinha recebido por doação dos herdeiros da respetiva igreja e convento, ao Governo Regional dos Açores encarregue de constituir aquele que viria a ser o polo de arte sacra. Apesar de este espaço museológico estar albergado num edifício eclesial, encontra-se sob tutela do Governo Regional, Direção Regional da Cultura, destituindo-o da categoria de museu eclesiástico, permanecendo na categoria de museu de arte sacra, com um espólio de 116 peças.

Evidencia-se, igualmente, a Casa-Museu da Freira do Arcano², situada na cidade da Ribeira Grande, em São Miguel, que expõe o tão afamado Arcano Místico, obra classificada como Tesouro Regional em 2006, construído no século XIX pela Madre Margarida do Apocalipse³, onde estão retratados em figuras de dimensões muito reduzidas as encenações bíblicas do Antigo e Novo Testamento. O Arcano é da propriedade da Confraria do Santíssimo Sacramento da Matriz de Nossa Senhora da Estrela, albergado na casa que outrora era residência da freira, por protocolo celebrado entre a Câmara Municipal da Ribeira Grande e a Confraria em 2008. Denota-se que a Casa-Museu é um dos núcleos pertencentes à rede do Museu Municipal da Ribeira Grande.

O referido espaço museológico não é o único exemplar com espólio dito sacro na cidade ribeiragrandense. No núcleo sede do Museu Municipal, aberto ao público em 1985, de entre a diversidade temática destacam-se o presépio movimentado do Prior Evaristo Carreiro Gouveia e alguns objetos de arte sacra.

¹ Vd SOUSA, 1986.

² Vd MOURA, 1996.

³ Vd *Idem*, 2010.

No entanto, não se fica por aqui o espólio museológico de arte sacra que a Ribeira Grande tem para oferecer aos seus visitantes. Mais recentemente foi inaugurado em 2013 o Museu Vivo do Franciscanismo⁴, instalado na Igreja de Nossa Senhora do Guadalupe. O museu presenteia o visitante com espólio sacro referente à temática e vivência franciscana naquela zona.

Mas a existência de museus na Região Autónoma dos Açores com espólio de arte sacra não se limita à ilha de S. Miguel. O Museu de Angra do Heroísmo, localizado na ilha Terceira, é um museu com vários espaços museológicos a ele associados mas dispersos pela ilha, de diversas temáticas. A sede do museu está instalada no edifício do Convento de São Francisco desde 1969, embora o museu exista desde a década 40 do século XX, e apresenta, para além de outras coleções, a coleção na área das belas artes, onde estão incorporados objetos de arte sacra provenientes de antigos conventos e igrejas⁵.

Porém, um emblemático espólio de arte sacra está implementado no Tesouro-Museu da Sé de Angra, sede da diocese insular, desde 1932 e conta com um acervo de cerca de 100 peças, vislumbrando-se a imaginária dos Mestres da Sé, entre tantos outros exemplos.

Por último, o Museu da Horta, localizado na ilha do Faial é outro exemplo. Foi fundado em 1977 pelo Decreto Regulamentar Regional nº21 de 18 de julho, como um serviço externo da Direção Regional dos Assuntos Culturais da Secretaria Regional da Educação e Cultura, Governo Regional dos Açores⁶, no edifício do antigo Colégio dos Jesuítas, anexo à Igreja Matriz. De temáticas heterogêneas, destaca-se a coleção de peças de arte sacra presente, oriundas de mosteiros e conventos que pertenciam ao ex-distrito da Horta⁷.

Para além destes museus com acervo de arte sacra, há referência a pequenas salas expositivas em várias Igrejas do Arquipélago dos Açores, nomeadamente: na Igreja de São José em Ponta Delgada, no Santuário do Convento da Esperança em Ponta Delgada, na Igreja Matriz de São Sebastião em Ponta Delgada, na Igreja Matriz de Santa Cruz na Lagoa, na Igreja de São José da Ribeira Chã na Lagoa, na Igreja de São

⁴ *Vd* CHAVES, 2012.

⁵ AAVV, 2055: 43.

⁶ *Idem*: 57.

⁷ *Idem*: 56.

Lázaro em Água d'Alto, na Igreja de Nossa Senhora da Penha de França em Água Retorta, na Igreja Matriz de Nossa Senhora da Mãe de Deus na Povoação, na Igreja Matriz de Nossa Senhora da Estrela na Ribeira Grande, na Igreja de Nossa Senhora da Conceição na Ribeira Grande, na Igreja de Nossa Senhora da Piedade em Ponta Garça, na Igreja de São Bartolomeu em Bartolomeu dos Regatos na ilha Terceira, na Igreja Matriz das Velas em São Jorge, e por último, na Igreja Matriz do Santíssimo Salvador na Horta, ilha do Faial. Este conjunto de espaços museológicos, independentemente da denominação que lhes está associada, enquadram-se na tipologia de museus eclesiásticos, juntamente com o Tesouro-Museu da Sé.

A presente dissertação de mestrado tem como objetivo principal estudar a Coleção Visitável da Matriz da Lagoa, aqui analisada como um estudo de caso no âmbito dos museus de cariz religioso. O projeto da Coleção Visitável da Matriz de Lagoa distingue-se dos demais museus citados por, em primeiro lugar, estar sob tutela da paróquia, e por apresentar uma lógica narrativa assente na perspetiva da evangelização, alicerçada na descodificação do significado da arte religiosa, patente nas legendas completas das peças ao longo do percurso expositivo, para além de permitir um roteiro articulado entre o espaço museológico e o espaço cultural. Não obstante, o projeto entra em conformidade com as práticas museológicas, não verificadas na maioria dos espaços anteriormente referidos. No entanto, assemelha-se à maioria por musealizar os objetos no interior do espaço confinado à liturgia, embora em salas anexas, e por permitir que parte do espólio continue a exercer um ativo desempenho da sua função primordial.

Normalmente associa-se a musealização de um objeto sagrado a um espaço fora da instituição eclesiástica. Não é este rumo que se aborda neste trabalho, mas sim a musealização de um objeto de culto católico dentro do templo, num espaço dedicado para tal. Na verdade, a Igreja é possuidora de um riquíssimo espólio de bens patrimoniais, desde imagens, pinturas, peças de ourivesaria, paramentaria, mobiliário, peças de cerâmica, que se encontram em grande parte, naquilo que nos museus se designa de depósito, ou quando muito estão arrumados em gavetas. Porque então não dar uma outra visibilidade?!

Os Museus Eclesiásticos, apesar de estarem em conformidade com as funções primárias de outras tipologias de museus, apresentam características que só a eles é

específico, distinguindo-os, em simultâneo, dos restantes espaços museológicos. Vistos como importantes centros culturais e educacionais na vida pastoral e evangelizadora, assumem de dia para dia um papel preponderante numa sociedade laicista, permitindo aliar a fé à cultura, descodificando a mensagem intrínseca presente em cada bem cultural religioso. Os Museus Eclesiásticos são, podem ou devem ser os principais intervenientes e dinamizadores, em vez de passarem o espólio para tutela de outrem.

Se analisarmos bem, a esmagadora maioria das pessoas que frequenta a igreja não conhece o seu património e o seu significado. Desta forma, torna-se relevante explicar, não só para que as pessoas consigam identificar em qualquer lado, os objetos religiosos, como para que conheçam o património da Paróquia que frequentam.

Nesse sentido, é sobretudo a partir desta perspetiva do Património Religioso e dos Museus Eclesiásticos, apresentando no final o estudo de um caso prático, que surge a presente dissertação, que tem como objetivo primordial, analisar a relação da arte religiosa com a disciplina museológica, examinando as práticas museológicas em torno dos bens culturais da Igreja, quer afetos ao culto quer desafetos à devoção, mas sob tutela eclesiástica, para uma melhor comunicação entre os objetos de cunho religioso e os Homens. Efetivamente, não constitui como objetivo abordar este tema do ponto de vista meramente teológico. A escolha do tema justifica-se pela pertinência e urgência de reflexões que o objeto de estudo carece, pelo particular interesse pela temática apresentada, assim como, pela envolvência profissional, subordinada ao tema deste cariz.

Em torno desta temática, pretende-se perceber, como é que os Museus Eclesiásticos, através do seu Património Religioso, são potenciais instrumentos de evangelização, a par das restantes funções museológicas estabelecidas pela Lei-Quadro dos Museus.

Abordar a temática do Património Religioso e Museus Eclesiásticos remete para um conjunto de implicações, que envolve averiguar se o sagrado pode ou não ser musealizado e de que forma pode ser musealizado, sem perder a sacralidade e autenticidade aquando musealizados dentro do próprio espaço litúrgico.

Posto isto, há a necessidade do levantamento de questões de partida: o que são museus eclesiásticos? Os objetos sagrados podem ser musealizados? Até que ponto um

objeto sagrado ao ser musealizado perde a sua autenticidade? Existem regras para musealizar objetos sagrados?

Neste seguimento, como tentativa de resposta será concretizada uma dupla abordagem: por um lado, uma componente teórica, suportada na análise de fontes, material bibliográfico, documentação e diplomas legislativos; por outro lado, uma componente prática, apoiada numa realidade concreta. No que respeita à análise teórica, antes de iniciar o estudo, foi efetuado um levantamento da bibliografia existente em torno da temática do património e dos museus, a nível geral. Em contrapartida, na tipologia da presente investigação constatou-se que as referências bibliográficas são escassas, mas há autores e publicações de referência, assumidamente fundamentais no contexto desta dissertação. Foi fundamental a consulta das obras *Museus da Igreja. Missão pastoral e cultural*, de André das Neves Afonso, onde o autor refere toda a problemática em torno dos museus eclesiais, alertando para a missão primordial que rege qualquer museu desta tipologia: a pastoral confluindo na evangelização, apresentando casos concretos; *O Sagrado no Museu. Musealização de objetos do culto católico em contexto português*, da autoria de Maria Isabel Roque é uma obra que merece especial destaque por questionar a musealização de objetos de cunho religioso, ao passo que faz a resenha histórica do surgimento da museologia religiosa, bem como a apresentação destes bens culturais; *O sagrado e o profano. A essência das religiões*, uma obra de Mircea Eliade que aprofunda o tema da sacralidade. Porém, mais do que tudo o que se possa encontrar nos livros, documentos, artigos, entre outros, foi indispensável a experiência vivida na primeira pessoa, enquanto responsável pelo inventário efetuado na Igreja Matriz de Santa Cruz de Lagoa e Coordenadora Científica do Projeto da Coleção Visitável da Matriz de Lagoa.

De forma a dar um seguimento coerente à reflexão proposta, esta encontra-se dividida em duas partes: uma mais teórica e, a outra mais prática, permitindo que a investigação parta do geral para o particular, colocando em prática, tudo o que foi desenvolvido teoricamente.

A primeira parte, a mais teórica, estrutura-se em dois capítulos e cada capítulo encontra-se organizado em vários subcapítulos. No primeiro capítulo traça-se um enquadramento geral e sucinto dos conceitos, apresentando a evolução do conceito Património Cultural desde os primórdios até à atualidade, comparando e analisando as

diversas etapas do seu progresso, relacionando este conceito com algumas questões da atualidade a nível da identidade, desenvolvimento e memória social. O mesmo acontece com o conceito Museu, registando-se cronologicamente a evolução do termo, analisando-se o seu papel na sociedade, através de uma perspetiva antropológica e social.

No segundo capítulo, depois de abordados anteriormente os principais conceitos para uma melhor compreensão do que se segue, particulariza-se uma tipologia de património e museus: o património religioso como objeto dos museus eclesiásticos. À semelhança do capítulo anterior, este também encontra-se dividido em subcapítulos, nos quais a abordagem encontra-se mais centrada nos museus eclesiásticos. Pretende-se nesta abordagem perceber a temática da religião na sociedade, particularizando o Cristianismo; compreender o significado da arte na religião; refletir sobre a posição e ação da Igreja Católica nas vertentes da preservação e musealização do seu património; definir o que são os museus eclesiásticos; entender até que ponto um objeto religioso pode ser musealizado, sem perder o seu contexto e autenticidade, mesmo sem sair do espaço litúrgico; depreender como os museus eclesiásticos podem ser uma importante ferramenta na evangelização do povo.

Na segunda parte, no terceiro capítulo, e partindo do seguimento dos conteúdos abordados no capítulo anterior, realiza-se um estudo de caso que consiste na implementação de uma instituição museológica de tipologia eclesiástica na Igreja Matriz de Lagoa, localizada na freguesia de Santa Cruz, na qual estive envolvida desde o processo de inventário realizado na referida igreja ao planeamento e montagem da Coleção Visitável da Matriz de Lagoa, inaugurada a 18 de maio de 2017. Apresenta-se neste capítulo, não só o enquadramento histórico, geográfico, arquitetónico, patrimonial e cultural do meio onde se encontra inserida a Coleção Visitável da Matriz de Lagoa, o processo de inventário a que a Igreja Matriz de Santa Cruz foi alvo desde o último trimestre de 2014 a meio de 2015, permitindo analisar o espólio existente e o estado de conservação, como também, todo o processo que envolve a planificação de um espaço museológico – de tipologia eclesiástico – até à montagem da exposição.

I Parte | Património, Museus e Memória

Capítulo I
Património, Museus e Igreja

1.1. Património Cultural: evolução do conceito

Quando se pretende analisar a evolução e os diversos significados do termo “património” ao longo do tempo, delinea-se uma grande complexidade existente em torno do conceito.

A designação do conceito “património” que hoje se utiliza, conheceu diversas variações ao longo do tempo, como também uma nuclearização das tipologias do mesmo. Apesar do surgimento do termo ser mais tardio, a noção de valor e de algo que deveria ser preservado para legar às gerações futuras estava já imbuído desde a Antiguidade Clássica.

Uma das primeiras disposições que se destaca na Idade Antiga é a elaboração de uma lista intitulada “As Sete Maravilhas do Mundo Antigo”, possivelmente redigida pelo grego Antípatro de Sídón, onde este considerou serem as setes maravilhas do mundo, a Pirâmide de Quéops no Egito, os Jardins Suspensos da Babilónia, a Estátua de Zeus em Olímpia, o Templo de Artemision no Éfeso, o Mausoléu de Halicarnasso, o Colosso de Rodes e o Farol de Alexandria⁸.

A elaboração desta lista teve como primordial objetivo apresentar estas preciosidades, dignas de serem vistas, despoletando espanto e admiração, como algo enquadrado numa seleção de fatores subjetivos à época.

Apesar de a autoria não ser precisa⁹, dado que esta lista foi subsistindo a diversas propostas de alteração de autores gregos e latinos, crê-se que foi criada no século II a.C., tendo sofrido a alteração mais substancial com a inclusão do Farol de Alexandria, cerca do século VI d.C., (conquanto a construção existisse há muito), em substituição das Muralhas da Babilónia.

Em termos cronológicos, a primeira *thaumata*¹⁰ a ser edificada foram as Pirâmides do Egito. Usando de maior rigor, a que integrou a lista das maravilhas, pela

⁸ FERREIRA, J. e FERREIRA, L., 2009: 7.

⁹ Muitos foram os autores clássicos que escreveram em torno deste tema, sendo imprecisa a autoria da famosa lista. Se há quem considere que o registo mais fidedigno é atribuído a Antípatro de Sídón (séc. II a.C.), desde o século XVII da nossa Era se considera que a fonte mais antiga sobre este opúsculo seja atribuída ao escritor Fílon de Bizâncio, apesar das muitas dúvidas que pesam sobre a sua autenticidade, pois defende-se que terá elaborado o opúsculo das maravilhas apenas no século III a.C.

¹⁰ *Thaumata* é um termo latino que significa maravilhas que causam espanto.

sua magnificência, foi a Pirâmide de Quéops, também conhecida como a Grande Pirâmide de Gizé ou de forma mais simplificada, Grande Pirâmide, localizada perto da atual cidade do Cairo. Foram três as pirâmides edificadas na cidade de Gizé, próximo umas das outras, para os três poderosos reis da IV dinastia. A principal, projetada por Hemiunu para o rei Khufu, cerca de 2560 a.C., demorou cerca de vinte anos a ser levantada por sensivelmente 360 mil homens, colocando 2 milhões e meio de blocos de pedra calcária e em certas partes pedra granítica, permanecendo como a única maravilha que chegou até aos dias atuais, ainda que se encontre um pouco desfigurada, pois o seu revestimento já não se encontra original.

As restantes seis maravilhas desapareceram, sabendo-se da sua existência pelos testemunhos escritos que se perpetuaram no tempo, através de fontes literárias e gravuras¹¹.

A segunda maravilha, os Jardins Suspensos da Babilónia, incluídos nas Maravilhas da Babilónia, fazem parte do mito, pois não se sabe com clareza se terão efetivamente existido fisicamente, dado que é a única *thaumata* cuja localização não foi definitivamente determinada, não havendo evidência arqueológica e iconográfica. O lugar dos jardins seria no imaginário e não no mundo real, segundo alguns defensores, sendo que as muralhas reais desse Jardim tiveram direito a incluir Babilónia¹² na listagem das maravilhas do mundo antigo, contribuindo para o que se designou de Maravilhas da Babilónia ao invés de Jardins Suspensos da Babilónia, pois o conjunto monumental acabou por ser mitificado. Se realmente os jardins existiram terão sido construídos por volta de 732 a.C., pelas ordens do rei da Babilónia, Nabucodonosor II, e ergueram-se em terraços sucessivos cobertos por árvores de frutos e plantas odoríferas e medicinais, arbustos e água corrente, formando uma espécie de grande montanha verdejante, concebendo a ideia de um oásis suspenso, formulando a ideia de maravilha¹³.

A terceira maravilha, a estátua de Zeus em Olímpia era uma estátua criselefantina de figura sentada de dimensão colossal, com cerca de doze metros de altura, o equivalente a um prédio de quatro andares. Encomendada ao escultor grego

¹¹ As gravuras que tiveram grande impacto na difusão das Sete Maravilhas do Mundo Antigo são da autoria do alemão Maerten van Heemskerck, realizadas em 1572.

¹² Babilónia, fundada por Sargão de Acad, tornou-se não só num centro religioso de referência na região, como também, um centro filosófico, cultural e literário.

¹³ FERREIRA, J. e FERREIRA, L., 2009:49-50.

Fídias, ajudado pelo seu sobrinho Paneno na pintura, por volta de 435 a.C., encontrava-se no interior do Templo de Zeus – Templo construído por Líbon entre 468 a.C. e 456 a.C. –, e mais tarde destruído por um forte terramoto que o deixou em ruínas. A estátua chamava a atenção dos gregos devido à sua dimensão imponente: sentado num trono, tinha na cabeça uma coroa que imitava ramos de oliveira, na mão direita segurava uma Vitória (*Niké*) e na mão esquerda encontrava-se um ceptro adornado com toda a espécie de metais, rematado por uma águia, e o majestoso manto era adornado por figuras de animais e flores de açucena. A estátua revestida a ouro e marfim, adornada com pedras preciosas, desapareceu por completo, não existindo sequer cópias romanas, visto que os romanos eram grandes admiradores da arte grega, mas apenas algumas moedas de bronze, que a representavam no reverso, e duas descrições: uma de Estrabão e outra de Pausânias.

A quarta maravilha, o Templo Artemísion, foi um templo grego dedicado à deusa Ártemis¹⁴ erguido no porto da cidade de Éfeso (atual Turquia) por ordem de Creso, datado provavelmente do século VI a.C. Além de ser um famoso santuário dedicado à deusa invocada, funcionou como banco, aceitou dádivas, emprestou dinheiro do tesouro do templo, ou seja, tornou-se o fator mais importante do desenvolvimento da cidade¹⁵. Este templo surge da necessidade de superar a magnificência do templo Heráion, dedicado à deusa Hera, edificado na cidade rival de Samos no primeiro quartel do século VI a.C. O Templo de Artémis, projetado pelos arquitetos Quérsifron e seu filho Metágenes, foi o maior e o mais belo monumento erguido na Antiguidade medindo cerca de 60 metros de largura e 125 metros de comprimento, revestido a calcário nas paredes. O templo original foi destruído por um devastador incêndio que o deixou completamente em ruínas (depois de um outro incêndio em 395 a.C. ameaçar a destruição total), provocado por Heróstrato no dia 21 de julho do ano de 356 a.C., precisamente no dia em que, nasceu o imperador Alexandre Magno, e que segundo a lenda, a deusa encontrava-se na Macedónia ocupada a proteger o parto. O templo, mais tarde, foi reconstruído no mesmo local por Paiónios de Éfeso e Demétrio ao longo da segunda metade do século IV e a primeira metade do século III a.C., alterando a planta original, sendo novamente destruído no século III d.C., mas desta vez pela civilização ostrogoda. Hoje restam apenas ruínas.

¹⁴ A deusa Ártemis Efésica era a deusa grega da pureza, dos animais selvagens e dos espaços exteriores.

¹⁵ FERREIRA, J. e FERREIRA, L., 2009:58.

A quinta maravilha, o Mausoléu de Halicarnasso¹⁶ ou Túmulo de Mausolo, foi um monumento funerário localizado no atual sudoeste da Turquia, com cerca de 42 metros de altura, de planta retangular, rematado por um teto em forma piramidal, erguido sob as ordens de Artemísia II de Cária, esposa e irmã de Mausolo, após a morte do governador. A data da construção gera alguma discórdia entre autores, pois há quem defenda que a construção se tivesse iniciado não depois da morte do governador, mas sim logo após a mudança da capital para Halicarnasso, entre 370 e 365 a.C., e concluído por volta de 349 a.C. Sucessivos terremotos e saques ditaram a destruição desta maravilha, sendo apontada a data de 1551 para a sua destruição total pelos Cavaleiros de Malta. Porém, alguns autores apontam a construção do Forte de São Pedro, em 1494, como o principal responsável pela destruição do Mausoléu. No local não restou praticamente nada do monumento, sendo necessário recorrer a fontes antigas, vestígios escultóricos e arquitetónicos incorporados na fortaleza de São Pedro aquando a sua construção, e vestígios arqueológicos para se extrair o maior número de informações descritivas relativamente a este monumento. No século XIX, parte da arquitrave e cerca de 800 fragmentos de decoração escultórica original do Mausoléu foram conduzidos para o British Museum, fruto dos resultados das escavações arqueológicas comandadas por Sir Charles T. Newton. O Mausoléu não consta na lista das Maravilhas do Mundo Antigo pelo facto da dimensionalidade, mas sobretudo pela rica ornamentação que o embelezavam.

A sexta maravilha, o Colosso¹⁷ de Rodes, era uma estátua com aproximadamente 31 metros de altura dedicada ao Deus Hélios erguida na ilha grega de Rodes por Cares de Lindos, discípulo de Lisipo (um dos escultores mais conceituados do século IV a.C.), possivelmente nos primeiros anos do séc. III a.C. Esta construção deve-se ao facto da cidade de Rodes ter sido cercada pelos macedónios e para celebrar a retirada das tropas macedónias, os Ródios mandaram edificar um Colosso em bronze como homenagem ao deus por eles venerado, traduzindo em simultâneo, a expressão pública do reconhecimento da independência e liberdade. Em 224 a.C. a estátua foi destruída por um terremoto que afetou Rodes deixando-a em ruínas. No século VII d.C., quando os

¹⁶ Halicarnasso tornou-se a capital do reino que o sátrapa Mausolo (senhor da Cária) herdou, até 333 a.C., momento em que Alexandre Magno decide assediar a cidade, conquistando-a mais tarde. Tratava-se de um lugar fértil, junto ao mar, rica em nascentes de água, naturalmente fortificado e com bom porto.

¹⁷ Na Época Clássica, o termo *kolossos* era uma das inúmeras designações dadas a “estátua”, mas não especificamente pela sua dimensionalidade.

árabes atacaram Rodas, resolveram dismantelar o pouco que restava da estátua, sendo esses restos levados por mercadores da Síria.

Por último, a sétima maravilha, o Farol de Alexandria, foi construída por volta de 280 a.C. na ilha de Faros por Sóstrato de Cnidos com o intuito de assegurar a segurança dos marinheiros. Aliás, esta maravilha foi a única que possuía claramente uma utilidade prática maior ao servir de orientação para os navegantes. A torre, do grego *pyrgos* e do latim *turris*, era feita de mármore branco, com vários andares, rematada no topo por estátuas. Apesar de na Época Romana ter sofrido vários restauros, o farol caiu na sequência de um terramoto, à semelhança das outras maravilhas, ocorrido em 1303 d.C., estando hoje situado nesse lugar o Forte turco de Qait-Bey.

Estas maravilhas têm em comum o seu carácter excecional pelas proporções colossais e a proeza técnica da sua construção e materiais, advertindo para uma escala monumental do que preservar, por exemplo as ruínas da Antiguidade constituíram-se como testemunhos materiais dessas épocas. Na sua escala estribou-se o conceito neoclássico do Museu, porque a sua materialidade parecia garantir a perenidade.

A este propósito, o problema da monumentalidade arquitetónica desde o início foi imagem de marca do conceito “património”. Se antes era exclusivo a obras de arte grandiosas, hoje, no século XXI, é entendido como o conjunto de bens, materiais e imateriais, herdados dos nossos antepassados.

Etimologicamente, património tem origem no latim *patrimonium*, derivado de *pathor* que significa herança paterna, e sugere algo que é deixado às gerações vindouras pelos antepassados, intimamente ligado à esfera doméstica, às estruturas familiares, económicas e jurídicas de uma sociedade estável, enraizada no espaço e no tempo¹⁸. Neste sentido, torna-se grande objetivo do património garantir a continuidade dos grupos sociais e interligar uma geração com as restantes, mostrando-se isto, linear ao longo do tempo.

É necessário diferenciar que uma coisa é o património, e outra, a consciência histórica do património que só surgiu na época oitocentista. Por exemplo, os romanos, grandes admiradores da civilização grega, por esta civilização ter produzido magníficos exemplares de objetos de arte sem nunca os colecionar, foram os primeiros que

¹⁸ CHOAY, 2006: 11.

tomaram consciência de valorizar o legado da civilização anterior, não do ponto de vista histórico e patrimonial, mas sim porque valorizavam muito o belo, bem vincado na cultura grega, tomando-a como padrão a imitar. Uma vez que a Grécia Clássica produziu uma vasta coleção de objetos de arte, os romanos apoderaram-se das suas qualidades e das obras artísticas, por motivos políticos e económicos, recontextualizando-as nos seus edifícios, tal como viria acontecer nos séculos posteriores com os conquistadores árabes que fizeram o mesmo às ruínas romanas, e que no Renascimento levou os Papas a proibirem a depredação das ruínas da Antiguidade.

O momento simbólico para o início do objeto de arte e da sua coleção dá-se na Roma Clássica, aproximadamente em 146 a.C.¹⁹, convertendo os romanos nos primeiros colecionadores de obras de arte pelos motivos anteriormente expostos.

Com a evolução das sociedades os bens que primeiramente eram privados passaram a pertencer ao coletivo, muito impulsionado em parte pela apropriação do Estado – algo transversal ao longo das décadas – sobre determinados bens para deleite público. O estatuto de bens privados alterou-se para bens coletivos com Agripa²⁰, apesar de alcançar uma dimensão maior com a Revolução Francesa.

Na Idade Média manteve-se a ideia de entesouramento, graças a conjunturas que predominavam na época, nomeadamente “a redução de número de letrados, bem como a preservação por parte das monarquias bárbaras dos modelos administrativos imperiais, crescentemente apoiados na estrutura eclesiástica, a par com a insegurança social [...] determinarão a prevalência do conceito de *Thesaurus*”²¹, fruto da instabilidade causada pela queda do Império Romano do Ocidente. Este novo conceito impõe-se ao longo da Idade Média face ao Fórum, dominando a conceção de colecionador, pois colecionar conferia prestígio e poder ao colecionador. O valor nesta época tem a ver com os materiais e não com as técnicas, prevalecendo neste período tesouros de caráter simbólico, como por exemplo, as relíquias. Foram sobretudo os mosteiros que durante esta época tornaram-se os grandes colecionadores, não sendo de admirar que grande parcela do património existente é de cariz religioso, fruto dos grandes colecionismos de outrora.

¹⁹ CHOAY, 2006: 30.

²⁰ *Ibidem*.

²¹ FRANÇA, 2008: 4.

Importa aqui referir que estes tesouros tinham valor unitário, e não individual, algo que só no Renascimento se verifica. Além disso o conceito de colecionador individual é mais correto aplicar-se na época renascentista, quando se generaliza entre a primeira elite europeia.

Na Era do Renascimento, nas sociedades ocidentais, surge o entendimento decisivo para o testemunho do passado humano, como consequência da constituição de coleções privadas de antiguidades e a organização de gabinetes de curiosidade durante os séculos XVI e XVII. É na época renascentista que surge grande interesse pelo património, entendido nessa fase como “monumento”, fruto do pensamento humanista que descobre a Antiguidade Clássica e com um sentimento de respeito e interesse pelos monumentos gregos e romanos que tratam de conservar com o intuito de recordar o seu passado.

No seu sentido etimológico, “monumento” vem do latim *monumentum*, ele próprio derivado de *monere* (advertir, recordar), o que interpela a memória, e manifesta qualquer artefacto edificado por uma sociedade, para esta se recordar²² e legar às gerações posteriores um determinado acontecimento, uma memória. Esse monumento é feito com o propósito de chamar a atenção, produzido de forma deliberada e intencional, conseguindo entendê-lo como testemunho de acontecimentos passados e de factos memoráveis, contribuindo para manter e preservar a identidade de uma comunidade. É, portanto, um valioso documento do passado.

O monumento desempenha a sua função antropológica ao estabelecer a relação com o passado através da memória, tendo como incumbência lembrar no presente o passado distante. Sendo assim, um monumento é tudo aquilo que é produzido de forma deliberada, intencional, deixando à posterioridade uma imagem que chame a atenção.

Tal como aconteceu com o conceito “património” o termo “monumento”, entendido no seu sentido original, evoluiu, adquirindo novos significados. Redescoberto pelos renascentistas numa nova e ampla dimensão, abrangia todos os bens que pertenciam à Antiguidade Clássica. Mais tarde, um monumento era claramente visto como símbolo do poder, passando posteriormente a ter um duplo sentido para além do primeiro: lembrar factos memoráveis. Mais do que isso. Monumento era acima de tudo a garantia das origens.

²² CHOAY, 2006:16.

Nos dicionários do século XVII, monumento denota poder, grandeza e beleza. Posteriormente, aliada ao prazer de contemplar a beleza de um edifício, e aqui sempre presente a noção de monumento como edificação, junta-se a mestria técnica que causa admiração e espanto.

Durante a época das grandes invasões e o final da Idade Média inúmeras destruições referentes a monumentos ocorreram, muito impulsionados pelo proselitismo cristão e a indiferença relativa aos monumentos²³. Estas destruições, durante o período renascentista, na grande maioria intencionais deveu-se a motivações várias, agrupadas, ao que Choay distingue de destruição criativa e destruição negativa. A destruição criativa acontece quando se moderniza os monumentos ao gosto da época, prática muito recorrente na Europa Medieval, demolindo edifícios antigos, considerados pequenos ou pouco apelativos, para construir outros mais grandiosos, ou renovando-os profundamente, para ajustá-los a novas funcionalidades, por exemplo, as igrejas de estilo gótico foram intervencionadas por edifícios barrocos ou clássicos²⁴. Neste aspeto, gradualmente, o ideal de memória foi substituído por beleza. Por sua vez, a destruição negativa, tal como o peso das palavras indica, têm motivações de índole política, ideológica e religiosa que via nos monumentos uma identidade do povo e entendia que a sua conservação acarretava perigos, como foi o exemplo, da destruição de arte pagã no início do Cristianismo.

Neste sentido, surgem as primeiras atitudes protetoras em torno dos objetos, impulsionadas pelos humanistas por volta do ano de 1430, apresentando um relevante interesse pelos vestígios do passado humano da Antiguidade. Esta atitude começou a ser devidamente preparada na segunda metade do século XIV através da literatura clássica com as inquietações filológicas, literárias, éticas e históricas relativas à Antiguidade, menosprezando a dimensão visual do passado romano, pois as estátuas e os monumentos não interessavam nesta primeira fase aos humanistas, concentrados nos documentos escritos antigos, sendo esta atitude um reflexo do Renascimento, pelo menos até ao século XVI. Um dos maiores contribuidores para a recuperação do pensamento antigo foi Poggio Bracciolini que viajou por alguns países europeus à procura de manuscritos antigos.

²³ CHOAY, 2006: 32.

²⁴ *Idem*: 14.

Pouco tempo mais tarde, os vários objetos reunidos pelos artistas, humanistas e realeza são depositados nos *studioli* (pequeno gabinete de objetos preciosos e livros), nas antecâmaras, nos *cortile* e nos jardins. Só no século XVI surge a galeria, porém, já no século anterior, alguns colecionadores amadores, mandaram erguer edifícios para albergar as suas antiguidades, como é o caso da *villa* de Mantegna²⁵. Porém, a conservação dos imóveis tem obrigatoriamente lugar *in situ*, diferenciada dos métodos de conservação dos objetos móveis. Era aos Papas que competia a tarefa de preservação dos edifícios, não só com medidas preventivas, como também de restauro das antiguidades. Alberti foi um dos grandes nomes a quem foi incumbida a tarefa de conservar e recuperar os grandiosos monumentos da Antiguidade. Todavia, a atitude contraditória durante o *Quattrocento* italiano, na qual, por um lado, protegiam os edifícios, e por outro, destruíam os edifícios antigos da cidade, deveu-se a políticas económicas e técnicas ligadas à necessidade de reestruturar, embelezar e modernizar a cidade de forma a torná-la numa grande capital secular²⁶.

Entre os artistas, manifestou-se um crescente interesse pelo universo formal da arte clássica, motivando visitas de estudo a Roma, para (re)descobrir os seus monumentos e se apropriarem do conceito de antiguidade, conceito este que na Europa erudita dos séculos XVII e XVIII, não parava de se enriquecer alargando os seus horizontes. Os eruditos, também conhecidos por antiquários, não se fiavam em meros textos clássicos, como acontecia com os humanistas do século XV e da primeira metade do século XVI que confiavam nas ilustrações e testemunhos dos autores greco-romanos em relação aos monumentos e vestígios antigos. Para os antiquários, o mais importante eram os testemunhos materiais, fidedignos de uma leitura do tempo, tendo como primordial objetivo o de dar a conhecer o passado.

Desde cedo, os antiquários dos séculos XVII e XVIII procuraram recolher – em repertórios históricos ilustrados – não só os vestígios arqueológicos da Antiguidade, mas também os edifícios medievais, considerados como “antiguidades nacionais”. Diversos fatores contribuíram para o despertar deste interesse: desde logo as investigações levadas a cabo pela arqueologia, seguindo-se o desejo de equipar a tradição cristã com um conjunto de obras e edifícios históricos idênticos ao da tradição antiga, e por fim, a necessidade de afirmar a originalidade e excentricidade da

²⁵ CHOAY, 2006: 44.

²⁶ *Idem*: 48-49.

civilização ocidental, quer se trate de a diferenciar das suas fontes greco-romanas, quer se trate, de afirmar particularidades nacionais contra a supremacia dos cânones arquitetónicos italianos, conforme a atitude dos antiquários ingleses²⁷.

Estava aberto o caminho para a introdução dos monumentos medievais na esfera do património histórico e do reconhecimento do seu valor histórico e monumental, conseguido a partir de complexas e profundas mudanças a nível ideológico e cultural, impulsionadas pelo Iluminismo, e a nível político, económico e social movido pela Revolução Francesa. Estes dois marcos serão as bases da contemporaneidade patrimonial.

A Revolução Francesa, despoletada em 1789, foi de facto uma grande revolução, com um sentido universalista e as suas devastas consequências, prolongaram-se no tempo e no espaço em vários níveis. Se por um lado é vista como uma atitude bárbara, na qual o balanço do vandalismo revolucionário contra igrejas, palácios e castelos foi significativo, em contrapartida foi um marco para a área do património, pois desenvolveu-se e explorou-se outros aspetos alargando a tomada de consciência do campo patrimonial a nível jurídico e técnico, bem como, sobreveio uma transferência semântica, motivada por razões de ordem política e social.

Os bens que pertenciam à coroa, ao clero e à aristocracia nacionalizaram-se, tornando-se bens nacionais ou monumentos nacionais, património de usufruto público, pertencentes à comunidade que os transmite aos vindouros. Neste âmbito, acarretam um duplo sentido: que pertencem à nação e que se identificam com a nação.

É neste seguimento, no Pós-Revolução Francesa, por influência do Romantismo, que apareceu escrita pela primeira vez em 1790 a expressão “monumento histórico”, pela mão de Aubin-Louis Millin²⁸, durante o contexto revolucionário em que se encontrava a França, consolidando o conceito de património e a tomada de consciência para a sua preservação. Deixa então o monumento de ser entendido como sinónimo de meros edifícios, passando a integrar todos os objetos que fazem referência à história nacional de cada país.

²⁷ CHOAY, 2006: 59.

²⁸ *Idem*: 23.

Todavia, o termo já tinha sido introduzido em Roma por volta do ano de 1420, como resultado da valorização dos monumentos, que englobava três categorias: vestígios da Antiguidade, edifícios religiosos da Idade Média, e castelos. Contudo, só a partir da segunda metade do século XIX, este “novo” conceito viu os horizontes a serem alargados para fora da Europa.

No entanto, surge a questão: qual a diferença entre monumento e monumento histórico? Aliás, existe mesmo alguma diferença ou são termos equivalentes? Choay admite que existem diferenças, referindo que monumento é uma criação deliberada, cujo destino foi assumido *a priori* e à primeira tentativa, ao passo que monumento histórico não é desejado inicialmente e criado enquanto tal²⁹. Todo o objeto do passado, mesmo sem ter sido construído com o propósito memorial, pode ser convertido em testemunho histórico.

Em meados do século XVIII, ampliou-se o horizonte arqueológico, com importantes descobertas em Herculano (1738) e Pompeia (1748), contribuindo para o desenvolvimento desta disciplina e do colecionismo científico. A emergência da História da Arte e o início da ação estatal de salvaguarda do património histórico são acontecimentos da maior relevância, que dão lugar à moderna elaboração crítica do conceito “monumento histórico-artístico” com valor cognitivo e valor artístico.

Segundo Choay só em 1820 é que se aceita de forma plena o “monumento histórico” consagrando-se até 1960, resultado da afirmação de uma mentalidade que colide com a dos antiquários, bem como, com a atitude da Revolução Francesa. No dia 30 de março de 1887 surge a primeira lei francesa sobre a proteção dos monumentos históricos, cerca de 150 anos depois do Decreto publicado em Portugal sobre a conservação dos monumentos antigos.

Em simultâneo, no rescaldo dos acontecimentos bárbaros da Revolução Francesa, que inevitavelmente abalou a Europa provocando uma profunda desestruturação, e no embalar do espírito romântico, surge o conceito moderno de conservação e restauro como necessidade prioritária de preservar e salvaguardar os monumentos de futuras destruições, fruto de um primeiro movimento em defesa do património, que assumiria protagonismo na esfera pública. Porém, a ideia de conservar e restaurar remonta à época renascentista, continuando aí a ser a forma dominante da

²⁹ CHOAY, 2006:22.

conservação, o livro, com a sua iconografia gravada, tornando-se um autêntico “museu de papel”.

Deste modo, e com os progressos da História da Arte e da Arqueologia, no final do século XVIII e ao longo do século XIX era necessário algo mais: o património começou a ser identificado, valorizado, conservado e protegido, a par de uma rigorosa seleção do que deveria ou não ser preservado, evitando o desaparecimento e vandalização que outrora conduziram a inúmeras situações graves de perdas materiais, bem como de tradições e costumes. Neste âmbito, notou-se, sobretudo, em todo o contexto europeu um aumento significativo do número de medidas de proteção.

Enquanto na Europa, as práticas de conservação dos monumentos históricos já estava enraizada, nos Estados Unidos da América não havia interesse em proteger o património edificado, mas sim o património natural, tendo sido os pioneiros a proteger esta espécie de património³⁰.

As primeiras teorias de restauro surgem pelas mãos de Eugène Viollet-le-Duc (1814-1879) e John Ruskin (1819-1900), no âmbito do despertar de consciência no século XIX para as questões de restauro. Ambos apresentam doutrinas que se distinguem em duas linhas norteadoras: intervencionista – medida sustentada por Viollet le Duc; anti intervencionista – medida defendida por Ruskin.

Viollet-le-Duc foi o primeiro a expor os princípios teóricos, que predominaram na maioria dos países europeus, do que deveria ser o restauro arquitetónico, sendo ele próprio arquiteto, afirmando que “restaurar um edifício não significa mantê-lo, repará-lo ou refazê-lo. É restabelece-lo por completo num estado completo que pode nunca ter existido num momento”³¹. Nesta afirmação, percebe-se que era apologista de um restauro estilístico que olha para o estilo e aceita reconstituições por analogias. A ideia formal platónico-materialista de unidade estilística do edifício primitivo sobrepunha-se à realidade histórico-arqueológica, portanto um exercício de reintegração estilística.

Por sua vez, Ruskin entra em confronto com os princípios defendidos por Viollet-le-Duc, pois sendo ele um teórico e ensaísta, recusa totalmente o restauro, pois considerava que restaurar é sinónimo de destruir, tornando-se apologista da

³⁰ CHOAY, 2006: 13.

³¹ *Apud Idem*: 131.

conservação, pois só assim é que havia autenticidade dos objetos. Além disto, defendia que os objetos patrimoniais e monumentos também têm um ciclo de vida, tal como os seres vivos, na medida em que são criados com uma função, a qual desempenham ao longo de um tempo, porém o seu destino final é o desaparecimento, ficando apenas vestígios e ruínas. A ação da conservação na vida dos objetos e monumentos tem por finalidade prolongar a vida num espaço de tempo maior, sendo inevitável o seu desaparecimento parcial como fim.

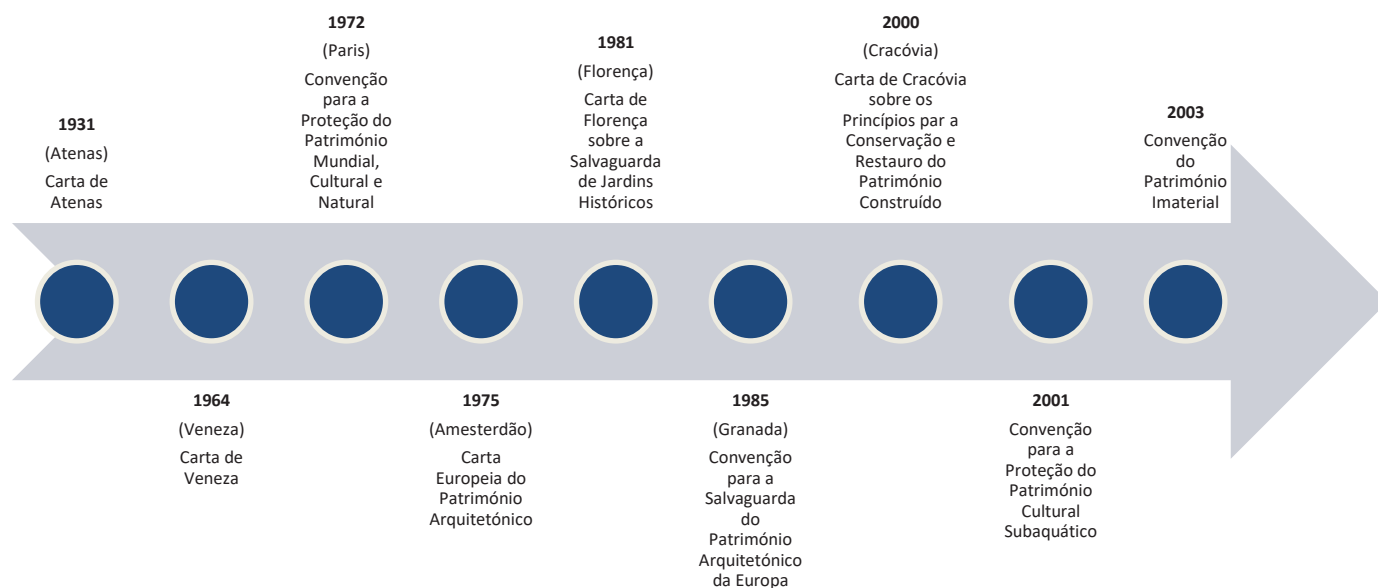
No final do século XIX entra-se noutro capítulo que se aproxima do que consideramos de restauro contemporâneo. A Itália torna-se, sem sombra de dúvida, o berço do restauro.

Camillo Boito (1835-1914), grande teórico do restauro, desenvolve um pensamento estruturado do restauro filológico. Boito recusava completamente o restauro estilístico de Viollet-le-Duc, e era um admirador do pensamento de Ruskin, mas não queria ser tão radical como ele, queria encontrar uma alternativa. Ao contrário de ambos, Boito parte para a abordagem do edifício do tempo presente para o passado. Desenvolve uma hierarquia de graus de intervenção no monumento, estabelecendo desde o início, que só se entende por restauro quando se está a repor algo que falta; segue-se a consolidação, ou seja, a conservação, e por fim a reparação que implica alguma intervenção diferenciando-a da original. Boito defende ainda diferentes atitudes face a diversos tipos de edifício: o restauro arqueológico para os monumentos antigos; o restauro pitoresco para os edifícios góticos; restauro arquitetónico para os edifícios barrocos e clássicos, restauros, estes, que tivessem em conta a totalidade de cada edifício.

Atendendo às conjunturas que a Europa atravessava, também, a Revolução Industrial contribuiu para generalizar e acelerar as legislações de proteção do monumento histórico e para fazer do restauro uma disciplina autónoma, solidária, a par dos progressos da História da Arte³².

³² CHOAY, 2006:112-113.

Todavia, o século XX torna-se o século decisivo para a tomada de consciência do que é necessário salvaguardar e intervir em termos de património histórico e cultural, assistindo-se a uma mudança da metodologia de intervenção, bem como,volvendo-se numa crescente preocupação social, cultural e política que se materializa em vários documentos sobre a conservação dos bens culturais.



A primeira Conferência Internacional para a Conservação dos Monumentos Históricos realizou-se em Atenas no ano de 1931, e reuniu apenas países europeus. A Carta de Atenas, também conhecida como carta de restauro, foi redigida por Le Corbusier em 1931, e define os princípios gerais sobre a conservação e restauro dos monumentos. A partir desta carta muitos foram os documentos que surgiram sobre o património.

Até à Segunda Guerra Mundial pouco ou nada se tinha alterado. A partir da segunda metade do século XX, os monumentos históricos constituem apenas uma parte de uma herança que não para de aumentar³³. Só a partir da década de 1950, a sensibilização para o valor dos bens culturais tornou-se mais vincada, devido à grande destruição provocada pela Segunda Grande Guerra. O efeito devastador e traumático da Segunda Grande Guerra motivou uma espécie de sismo em todo o universo patrimonial, quer na deslocalização de importantes coleções arqueológicas, devido a saques e

³³ CHOAY, 2006:12.

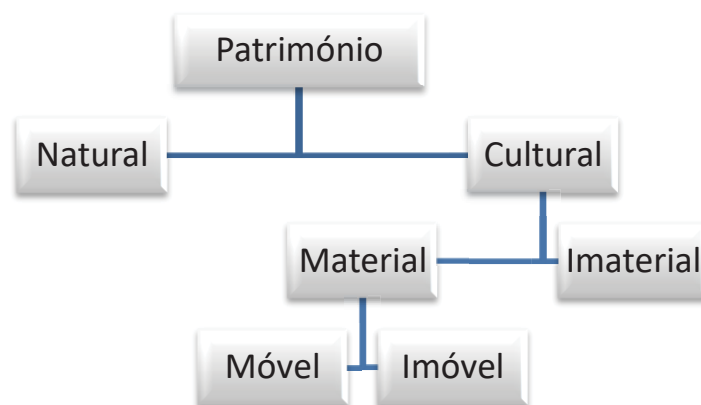
roubos, quer na criação de organizações internacionais, como a UNESCO em 1945, o ICOM em 1946, o ICOMOS em 1965.

Portanto, é na Era Contemporânea que a palavra “património” adquire várias conotações, muitas das quais utilizadas no nosso dia-a-dia para falarmos de patrimónios económicos, imobiliários, do Estado, de uma família, entre outros, conhecendo claramente um alargamento epistemológico, distanciando-se cada vez mais do termo “monumento histórico” para adquirir o estatuto de “património cultural” desenvolvida a partir dos anos 70 do século XX.

Assim sendo, o conceito de património cultural revela-se como um discurso mais abrangente, em comparação com o conceito de património histórico-artístico, circunscrevendo conteúdos muito diversos, como por exemplo, paisagens culturais, património etnológico, património histórico.

Até há bem pouco tempo, o património cultural restringia-se a algo concreto, palpável, tangível, numa designação restrita que só com a Convenção para a Salvaguarda do Património Imaterial em 2003 alterou, passando a incluir no conceito de património cultural para além dos bens materiais, onde se incluía os objetos materiais, monumentais e criações artísticas, uma nova perspetiva, inserindo os bens imateriais, intrinsecamente indissociáveis do que é popular, tornando o século XXI um marco neste campo.

A partir de então, o conceito de Património torna-se mais amplo e diversificado, considerando-se pertinentes as diversas áreas que a legislação internacional, nacional e regional habitualmente aponta. Assim, temos Património Cultural de diversos âmbitos: histórico, arqueológico, científico, social, industrial, paleontológico, arquitetónico, etnográfico, linguístico, artístico, religioso, etnológico, etc. Contudo, a classificação tipológica de Património divide-se em duas categorias gerais: Património Natural e Património Cultural. Na categoria de Património Natural encontram-se inseridos os monumentos naturais, as formações geológicas, entre outros. Por sua vez, o Património Cultural divide-se em outras duas categorias: Património Material e Património Imaterial. O Património Material subdivide-se em Imóvel (igrejas, ermidas, casas, moinhos, entre outras edificações) e Móvel (pinturas, esculturas, artesanato, relicários, entre outros). Já o Património Imaterial abrange tradições, expressões orais, festividades, rituais, práticas artesanais, entre outros. Esquematizando:



Em suma, de património restrito que incluía bens meramente materiais e privados, a um património coletivo, público, que inclui bens materiais e imateriais, conhecendo variadas conotações de acordo com épocas, mentalidades, contexto, interesses, mas sempre tendo presente nas diversas épocas a remeter para valor, identidade e memória, de relevante interesse cultural.

A institucionalização enquanto património cultural nasce, em simultâneo, com os museus, no final do século XVIII e início do século XIX, sendo este último século um dos grandes impulsionadores para uma melhor compreensão de todo o processo evolutivo.

1.1.1. O Património em prol da identidade, do desenvolvimento e da memória

Compreender o património implica não só conhecer a sua história, mas compreender a forma como esse património chegou até nós e como as várias gerações lidaram com ele. Património e identidade são dois termos intimamente relacionados³⁴,

³⁴ PERALTA e ANICO, 2006: 1.

claramente indissociáveis um do outro, ao serviço do desenvolvimento e em salvaguarda da memória. É através do património que a identidade se representa, fazendo com que estes dois parâmetros entreatudem-se, cada um à sua maneira, consoante a função.

O elemento determinante que define o conceito de património é a sua capacidade de representar simbolicamente uma identidade, fenómeno pelo qual os indivíduos assumem e/ou aderem a determinados elementos que seleccionam. Tal como os seres humanos possuem uma identidade individual, no sentido de possuírem características que os distinguem uns dos outros, como por exemplo, o género, o nome, a cor dos olhos, a altura, a cor do cabelo, a cor da pele, etc., o património é o produto de uma identidade social, ou seja, relaciona-se com o sentimento de pertença de um grupo social e com a produção cultural e histórica de uma comunidade, distinguindo-se assim uns dos outros. Ora vejamos, o que distingue a cultura portuguesa da cultura espanhola? A língua, os monumentos, a gastronomia, a música, as tradições, as festividades, etc.

A identidade social é um elo de ligação entre os membros de uma comunidade e pressupõe o assumir de símbolos que caracterizam uma dada sociedade. E, sendo os símbolos, um veículo privilegiado de transmissão cultural, os seres humanos mantêm através destes, estreitos vínculos com o passado. O passado é então o grande responsável pela identidade, pelo sentimento de pertença de uma comunidade que se perpetua ao longo do tempo. Desta forma, dá-se continuidade a um passado, que para além de criar um sentimento de pertença, cria igualmente uma relação entre o tempo passado, presente e futuro.

Para uma melhor compreensão sobre a identidade é necessário abordar a questão da cultura, termo a ela associada e imprescindível à sua melhor compreensão, pois a identidade é descendente – se assim se pode designar – da cultura.

A cultura é a grande responsável por todo o processo da identidade, na medida em que só existe na pluralidade de elementos que tanto podem ser diferentes como comuns. Definida como tudo aquilo que o homem recebe, transmite e inventa, ao longo do tempo e na diversidade dos espaços, com base na ação e na mobilidade organizadas, a cultura é uma multiplicidade de coisas que estão organizadas e encaixadas. Por sua vez, a identidade revê na cultura os elementos que a caracterizam e a distinguem,

através de um processo de seleção. Neste âmbito, a construção da identidade depende de dois fatores determinantes: seleção e diferenciação³⁵.

Património e identidade supõem um sujeito que nomeia, enuncia, classifica, institui um património, e aquele ao qual é atribuída ou reivindica uma identidade³⁶.

Identidade pode então ser definida como “o grau de identificação que um indivíduo tem com o grupo a que pertence”³⁷, conferindo-lhe um sentimento de reconhecimento e pertença, através da qual encontram-se valores, ideias, símbolos e representações³⁸.

A noção de identidade surgiu formulada, pela primeira vez, pelos empiristas dos séculos XVII e XVIII, John Locke e David Hume. Locke propôs “resolver a questão da identidade pessoal pela memória: se sou a mesma pessoa que há vinte anos atrás é porque tenho recordação dos diferentes estados da minha consciência”³⁹.

Porém, a adoção do conceito de identidade só se torna explícito com a publicação em 1963 de *Estigma* por Ewing Goffman⁴⁰. É em 1960, nos EUA, que se divulgou o termo identidade nas ciências sociais⁴¹.

O património é entendido como um elo dinamizador entre a cultura e a identidade, pois como se tem vindo a referir, património e identidade são indissociáveis, mas cultura também é indissociável de património (ou será mais o inverso, neste caso: património inseparável de cultura). Não há património sem cultura, e não há identidade sem património, logo sem cultura.

O património é potencializador de conhecimento, pois através dele aprendemos o nosso passado, a nossa História e por inerência a nossa cultura, atendendo que é através dele que os indivíduos são representados. Salvaguardá-lo é uma forma de garantir a sobrevivência da nossa identidade, tornando-se essencial preservá-lo, não só pelo contexto histórico-artístico, como também pelo seu significado coletivo, valorizando-o em simultâneo. O património coletivo, entendido como identidade, passa

³⁵ PERALTA e ANICO, 2006: 2-3.

³⁶ BRITO, 2006: 44.

³⁷ PERALTA e ANICO, 2006: 2.

³⁸ *Ibidem*.

³⁹ MOREIRA, 2006: 16.

⁴⁰ *Idem*: 17.

⁴¹ *Ibidem*.

a ser usufruído por todos com prudência para legar às gerações futuras, que devem também usufruir, aumentá-lo e transmiti-lo aos seus sucessores⁴².

Porém, nem tudo pode ser encarado como património, daí a frequente questão porque selecionamos o elemento x e não o elemento y? Para algo ser considerado património tem que passar por um processo complexo de uma seleção consciente, desde o atribuir de valores, o eleger, o reconhecer, e estes passos só se dão no âmbito das relações sociais em torno do objeto e/ou eventos com o intuito de deixar para as gerações futuras. Existe então uma escolha cultural subjacente à vontade de legar o património cultural a gerações futuras, considerada uma grande referência.

Por si só, o património já apresenta uma conotação de valor. Valor esse que os seres humanos, tanto individual como em comunidade atribuem aos vestígios do passado, quer seja um valor histórico, valor artístico, valor estético, valor simbólico ou valor afetivo. O património define-se como uma construção social e cultural, fruto dos gostos da época e da própria civilização.

Os valores ganharam consistência a partir da Teoria dos Bens Culturais, fortalecida desde a segunda metade dos anos 50 do século XX, permitindo enfatizar o valor da diversidade cultural como autêntico património da humanidade.⁴³

Neste âmbito, “ao estar em contacto com as características do local onde vive, [ou melhor] com o seu Património, o indivíduo, estabelece uma ligação com a sua própria história, a sua memória, preservando a memória do seu grupo social e desenvolvendo um processo de identidade social e cultural”⁴⁴.

A memória é relevante para a construção consciente da identidade de um povo, pois permite uma viagem através da história materializada no presente, sobretudo, através do legado material. Para se construir tal identidade com base na memória é extremamente necessário um estudo aprofundado das suas origens, história, relatos pessoais, entre outros. O facto de se preservar a memória do passado é também uma forma de interpretar.

⁴² TORRICO, 2006: 25.

⁴³ *Idem*: 24.

⁴⁴ CAFÉ, 2007: 36.

Pode considerar-se que a memória coletiva é a responsável por aquilo que uma dada “comunidade seleciona para trazer ao presente o passado comum, utilizando para esse efeito o património que essa mesma comunidade elege como representativo da sua identidade”⁴⁵.

Neste seguimento, todo o conhecimento dá-se a partir de memórias de um passado que é consolidado no presente, ou seja, a memória não é algo do passado, a memória pode ser do presente através do legado que os nossos antepassados nos deixaram, tornando-se uma memória viva a partir do momento em que a recreamos. Há aqui uma clara luta pelo não esquecimento. Dito assim, a identidade social e cultural juntamente com a memória reforçam-se mutuamente, tornando-se numa constante construção mediante o contexto social, ideológico, político e cultural em que se insere.

Toda a construção patrimonial é uma representação simbólica de uma dada versão da identidade, na qual os objetos ganham um sentido.

Como se constata, o património é fruto de uma construção cultural, como resultado de uma representação simbólica de uma dada identidade. As crenças, os valores, os pensamentos e as ideias é que suportam e realizam a cultura material, chegando-se à conclusão que o património material não existe por si só, sem estar ligado ao património imaterial.

Assim sendo, o Património Cultural compreenderá então todos aqueles componentes que constroem a identidade de um grupo e que o diferenciam dos demais. Neste sentido, o que define o conceito de Património é sobretudo a identidade que está simbolicamente representada, pois são testemunhos da nossa identidade. Deste modo, património, identidade, memória e herança cultural são indissociáveis.

Hoje há cada vez mais consciência para educar para o património, salvaguardar o património, promover o património. Uma realidade recente mas que abrange já inúmeras iniciativas. Aliás, o termo Património nos dias de hoje tem uma sonoridade cada vez mais recorrente, no meio das sociedades do que há vinte anos. Pode-se mesmo dizer que houve um “*boom*” patrimonial tornando-se num verdadeiro culto popular, e na vasta quantidade de elementos e objetos, do individual ao coletivo, do material ao intangível, de um passado mais remoto a um passado mais recente. E esta preocupação

⁴⁵ CAFÉ, 2007: 40.

toda porquê? Devido à identidade! Essa identidade é contribuidora de um desenvolvimento na sociedade, pois promove o turismo cultural⁴⁶. O desafio que se coloca ao turismo cultural é utilizar o Património de forma a adquirir conhecimento, respeitando-o e preservando-o ao máximo.

⁴⁶ Movimento de pessoas para atrações culturais, longe do seu normal local de residência, com a intenção de reunir novas informações e experiências, de forma a satisfazer as suas necessidades culturais.

1.2. Um espaço de memória chamado museu

Os museus, preciosos espaços de memória e identidade, encontram no colecionismo a sua origem, fruto do respeito ao passado e às coisas antigas, da beleza estética presente no objeto e do prestígio social que confere.

Desde sempre que o gosto e o ato de colecionar estão presentes na genética do Homem. Tudo começou com os Hominídeos, que juntavam conchas e ossos de animais para serem utilizados no adorno do vestuário. Embora procedessem de um modo inconsciente, ou seja, não com o intuito de colecionar para preservar, mas sim partindo de uma necessidade para ser empregue em uso utilitário, estava já presente a origem do colecionismo como ato de recolher, selecionar e guardar.

No Antigo Oriente, especialmente, no Egito, o colecionismo foi realizado pelos faraós e pelos sacerdotes, concentrando a preocupação sobre a vida depois da morte, depositando nos túmulos objetos preciosos, acreditando-se na sobrevivência da alma no além. A par dos tesouros funerários, os santuários e os palácios rechearam-se com várias obras de valor, fruto dos motins de guerra⁴⁷.

Por conseguinte, as civilizações clássicas continuam este gosto pela prática colecionista, preenchendo os edifícios, quer de índole privada quer de índole pública, com esculturas e pinturas, sinónimo de riqueza e ostentação, elevando a uma posição relevante na sociedade.

Mas foi na civilização grega que despoletou, pela primeira vez, a expressão *museion*, que epistemologicamente está na origem da palavra museu. *Museion* estava associado ao Templo das Musas⁴⁸, grandes protetoras das Artes e Ciências, traduzindo-se em santuários sagrados consagrados às Musas, um verdadeiro lugar de contemplação, bem como, aos centros filosóficos ou de investigação científica, presididas pelas mesmas⁴⁹. As obras criadas pela civilização helénica advinham muito da inspiração das Musas.

⁴⁷ HERNÁNDEZ HERNÁNDEZ, 2008: 14.

⁴⁸ As Musas, filhas de Zeus, chamavam-se Calíope (oratória), Polínia (poesia e teatro), Clio (História), Euterpe (música), Tália (comédia), Melpómene (tragédia), Terpsícore (dança), Urânia (astrologia) e Erato (poesia).

⁴⁹ HERNÁNDEZ HERNÁNDEZ, 2008: 14.

Porém, a aplicação do termo museu com vínculo associado a uma instituição, surge em Alexandria, cerca de 285 a. C., com a fundação do *Museion* por Ptolomeu II⁵⁰, um recinto que servia como verdadeiro polo universitário do saber, atuando como uma autêntica escola filosófica, onde se reuniam e confraternizavam sábios, artistas e poetas, dispersados pelos vários espaços: laboratórios, biblioteca, salas de reuniões, jardim zoológico e botânico, e observatório⁵¹. Este museu acarretava sobre si uma dupla função, assumindo não só a guarda dos objetos, como a procura do conhecimento.

Com a civilização romana surgiu um novo conceito de colecionismo vocacionado para a troca de objetos. Grandes admiradores da arte grega, os romanos, apresentavam sob sua posse, na sua maioria, coleções roubadas ou compradas, fruto dos saques realizados, pois possuir objetos de arte era sinónimo de prestígio e afirmação social. Simultaneamente, o colecionismo adquire uma dimensão económica e comercial com a compra e venda de objetos de valor.

Os romanos não construíram uma instituição específica para albergar e conservar estas coleções. De derivação latina surge a palavra *museum*, para designar a vila particular onde se reuniam os filósofos, um espaço para discussão pública, bem como, um sítio onde estavam expostas algumas obras de arte, visto que, entendiam o património como coisa pública.

Gradualmente, durante o Império Romano, as coleções passaram a estar expostas em espaços públicos, para contemplação do povo. Este acontecimento aconteceu com Marco Agripa, defensor da abertura ao público das coleções, que considerava essencial a educação artística.

Com o fim do Império Romano, inicia-se na Idade Média, no mundo cristão, um novo ato colecionista conhecido por *thesaurus ecclesiae*, impulsionado pela Igreja Católica, onde os templos tornavam-se uma espécie de museus públicos, como refere Francisco Carreño⁵². Nele primava o valor material e simbólico dos objetos, destacando-se a coleção de relíquias⁵³, verdadeiro tesouro das igrejas, abadias, catedrais

⁵⁰ Com a criação do Museu de Alexandria, Ptolomeu II pretendia transformar Alexandria no centro intelectual do Helenismo.

⁵¹ HERNÁNDEZ HERNÁNDEZ, 2008: 15.

⁵² CARREÑO ZUBIAUR, 2004: 19.

⁵³ As relíquias, restos de homens e mulheres inspirados por Deus ao longo das suas vidas (ROQUE, M., 2011:23).

e mosteiros, símbolo de poder e influência política e social. É neste contexto que, surgem os Museus da Igreja: diocesanos, paroquiais, catedráticos e conventuais.

Paralelamente, na mesma época, formaram-se pela Europa grandes coleções de objetos profanos de soberanos, impulsionando o denominado colecionismo erudito do renascimento.

Um período interessante aproximava-se, movido por um conjunto de fatores que contribuíram para uma viragem na história do colecionismo, emergindo algumas das mais importantes coleções. O Renascimento reabilitou a cultura e a mitologia greco-romana, traduzindo-se os grandes escritos clássicos, explorando-se as ruínas dos antigos monumentos e os vestígios materiais romanos, motivando a criação de grandes coleções de obras de arte. Esta influência clássica, veiculada pela corrente humanista, estimulou mais ainda o gosto pelo colecionismo, recheando galerias de palácios com pinturas, esculturas e uma imensa variedade de peças genuínas ou réplicas da Antiguidade Clássica, passando a realçar o valor artístico, histórico e documental⁵⁴ do valor individual das peças, em contraste com o valor unitário do tesouro medieval. Este novo gosto colecionista impulsiona o aparecimento de conceituados colecionadores, como os Médici. É todo um novo paradigma que se impõe com a encomenda desta família a Vasari para o projeto dos Uffizi.

No entanto, no decorrer da época renascentista, a profunda transformação intelectual e cultural, que fez emergir uma nova mentalidade centrada no Homem, denominada de Teoria Antropocêntrica, ao invés da Teoria Teocêntrica que dominava outrora o pensamento medieval, propiciou um novo espírito colecionista centrado tanto no valor do ser humano como encarava a natureza como objeto de conhecimento, fruto de uma atitude mais racional.

Nos gabinetes de curiosidades e câmaras de maravilhas, surgidos no século XVI, atingindo o auge no século XVII, a recolha de *artificialia* (obras realizadas pela ação humana, por exemplo, esculturas, pinturas, etc.) e *naturalia* (coisas da natureza, por exemplo, conchas, rochas, etc.), ou seja, “de objetos arqueológicos, epigráficos, numismáticos, artísticos, científicos e naturais, não é feita apenas com a intenção de entesouramento, começando a apresentar critérios bem definidos numa lógica de

⁵⁴ ROQUE, 2011: 25.

coleção, complementada pela elaboração de inventários, onde constavam dados básicos como a classificação, a datação e outros elementos descritivos”⁵⁵. Em contrapartida, estes gabinetes eram espaços totalmente preenchidos – numa espécie de horror ao vazio – não obedecendo a nenhuma ordem científica ou museográfica como hoje se exige numa instituição museológica.

Em Portugal, D. Leonor de Lencastre, D. Manuel e D. João III foram os impulsionadores dos gabinetes de curiosidades nos Paços Reais de Lisboa e Évora, notabilizando-se a coleção exótica de D. Manuel no Paço Real da Ribeira.

Salienta-se, que as coleções funcionavam entre o século XV e XVI como um instrumento privilegiado na procura de conhecimento, atendendo que com a criação dos gabinetes de curiosidade ou de ciências naturais ou, ainda, câmaras de maravilhas, destinavam-se ao estudo e investigação, num contínuo processo de aprendizagem. Verdadeiros espaços de entesouramento extravagante, na qual, a coleção é a fonte de estudo, assumem uma dimensão reduzida e a abertura limitada a visitantes selecionados.

Se até agora o colecionismo era exclusivo de entidades com grande prestígio na sociedade, em termos hierárquicos, clero e nobreza, a partir do século XVII surge uma nova classe, a burguesia, que passa a ter um papel ativo no colecionismo.

O século XVII tornou-se um dos períodos mais importantes do colecionismo, destacando-se por um lado a atividade comercial, e por outro os grandes movimentos de obras de arte, derivados das trocas e compras entre embaixadores, nobres e monarcas⁵⁶.

Antes do século terminar, surge o primeiro museu criado como instituição pública, precisamente em 1683, o Ashmolean Museum de Oxford⁵⁷, que parte de uma coleção eclética privada, abrangendo quer o público académico como outros visitantes. A tendência de converter coleções privadas em coleções públicas foi uma constante no século a seguir. No entanto, a abertura das coleções ao público no século XVII, como hoje conhecemos, não era a mesma, cingia-se na abertura a um público muito restrito, nomeadamente a artistas, estudiosos e especialistas. Alguns especialistas consideram que “o museu verdadeiramente público [...] surgiu primeiramente em Londres, durante

⁵⁵ ROQUE, 2011: 25.

⁵⁶ HERNÁNDEZ HERNÁNDEZ, 2008: 21.

⁵⁷ GARCIA, 2003: 26.

a centúria de 1700. Um dos primeiros terá sido aberto por Sir Ashton Lever, em 1774 ...”⁵⁸.

Na centúria seguinte, vários foram os acontecimentos que marcaram a história do colecionismo e dos museus em toda a Europa, como por exemplo, o Iluminismo, a conversão das coleções reais em museus públicos, fruto do desejo da população em ver as coleções, impulsionando, desta forma, o conceito moderno de museu.

Outro momento marcante desta época, sobretudo na segunda metade do século XVIII, a partir das transformações políticas, sociais e ideológicas, incitadas pela Revolução Francesa, impulsionaram o gosto pelo conhecimento, através da divulgação cultural, colocando em prática a teoria que dizia que “el arte era creación del Pueblo y, en consecuencia, su disfrute no podía ser privilegio de una classe social potentada”⁵⁹.

França foi pioneira no que concerne à criação de museus públicos com a fundação do famoso Museu do Louvre, que abriu ao público em 1793 sob a denominação de Museu Central das Artes e/ou Museu da República, convertendo-se, assim, um espaço privado num espaço coletivo, não só porque é aberto a todos quanto o queiram visitar, como também, carrega consigo, tal como refere María Sagüés, a nacionalização do património⁶⁰.

Desta forma, já nos finais do século XVIII as coleções passaram definitivamente a abrir para um público generalizado, convertendo-se em coleções públicas e nacionais. A tendência de conversão das coleções de índole privada para caráter público consolidou-se no século a seguir, e a abertura de museus públicos expandiu-se por toda a Europa, sendo o século XIX, em plena era liberal e romântica, decisivo para a consagração do fenómeno europeu do museu moderno.

Como refere Luis Alonso Fernández, o museu é um fenómeno tipicamente europeu⁶¹, que se tornou, pouco a pouco, um acontecimento à escala universal.

Gradualmente o conceito de museu aproximou-se do atual, associando-se cada vez mais a um edifício que alberga uma coleção de objetos, outrora já aplicado pela

⁵⁸ GARCIA, 2003: 26.

⁵⁹ ALONSO FERNÁNDEZ, 1999: 13.

⁶⁰ SAGÜÉS VALDÉS, 1999: 32.

⁶¹ ALONSO FERNÁNDEZ, 2001: 45.

primeira vez no decorrer do século XVI, pelo humanista Paolo Giovio⁶², embora só a partir do século XVIII tenha sido considerado um edifício utilizado para armazenamento e conservação de objetos. Se no início era considerado uma espécie de mausoléus de objetos ou depósito de objetos, progressivamente converteu-se em espaços de conservação, investigação, estudo, interpretação e partilha de conhecimento.

No entanto, as primeiras definições oficiais do museu surgem no século XX incitadas pelo ICOM, um Comité Internacional, que reconhece em 1947 o museu como “uma instituição permanente que conserva e apresenta coleções de objetos de carácter cultural ou científico com fins de estudo, educação e deleite”⁶³. Anos mais tarde, em 1989, esta definição foi continuamente aperfeiçoada, ampliando cada vez mais as suas funções e categorias, entendido hoje, em pleno século XXI, graças aos Estatutos do ICOM aprovados na 22ª Assembleia Geral, em Viena de Áustria, em 2007, como “uma instituição permanente sem fins lucrativos, ao serviço da sociedade e do seu desenvolvimento, aberta ao público, que adquire, conserva, investiga, comunica e expõe o património material e imaterial da humanidade e do seu meio envolvente com fins de educação, estudo e deleite”.

Inicialmente os primeiros museus públicos não apresentavam um rigor técnico em termos de individualidade, visto que agrupavam os artefactos e as obras de arte segundo critérios de quantidade, como forma de ostentação de riqueza, ecoando uma estética decorativa marcada pelo horror ao vazio e que reflete, sobretudo, a alma romântica. No entanto, o critério expositivo continua, por vezes, no século XXI a ser dominado pelos conceitos de densidade e concentração de peças no espaço museológico.

Pode-se afirmar que a partir do século XVIII os museus tomaram outra proporção, preparando o caminho para aquilo que hoje entendemos por museu, assumindo um papel central na sociedade.

O museu foi-se assumindo, progressivamente, mais do que um espaço que alberga e conserva objetos, um espaço de memória onde o objeto valorizado atua como documento e como reflexo da sociedade, e por conseguinte, de uma cultura. Tudo aquilo que somos e conhecemos provém do passado, e conhecemos o passado graças aos

⁶² HERNÁNDEZ HERNÁNDEZ, 2008: 63.

⁶³ *Idem*:69.

objetos que sobreviveram ao passar do tempo. Um espaço que serve de testemunho da evolução histórica e cultural da humanidade.

Em suma, aos museus compete a tarefa de preservar os objetos do passado, prolongando a memória dos mesmos, transformando-os num ícone de identidade, legados às gerações futuras. Autênticos espaços de memória onde a história permanece no presente bem viva, como se o passado não existisse e o presente fosse uma constante, são locais de produção de conhecimento, conferindo-lhe um poder social.

1.2.1. O papel do museu na sociedade atual

Nunca se falou tanto em museus como na atualidade, embora já fosse uma instituição de predileção no século XIX, algo que se prorrogou até hoje. Talvez, porque o museu assumiu um papel preponderante na sociedade – trespassando o sentido original de um mero lugar onde se guarda, conserva e se mostra objetos patrimoniais –, tentando ao máximo acompanhar a sua rápida evolução, servindo como verdadeiro testemunho histórico, não sendo por acaso que se verificou um acentuado crescimento do número de museus nos últimos tempos.

Se anteriormente vimos que o conceito museu não permaneceu estático no tempo, trespassando o tradicional conceito que outrora estava associado a um mero conjunto de objetos valiosos colecionados, conservados e expostos, logicamente que, como instituição, não ficou parada no tempo, acompanhando as alterações sociais, económicas, políticas e culturais que a humanidade tem sofrido. Por conseguinte, tornou-se o espelho da mesma, revelando-se simultaneamente uma instituição de excelência ao nível do lazer, da cultura e da educação.

No entanto, a mutação ocorrida na sociedade provocando significativas transformações, sobretudo, a partir da segunda metade do século XX, levando à democratização da cultura, desabrochou não só o aparecimento de novos tipos de

museus, registando-se um significativo “boom” museológico⁶⁴, como também, o surgimento de “museus” menos convencionais, como o caso dos museus virtuais, interativos e os parques temáticos⁶⁵.

Por outro lado, a sociedade do século XXI é fortemente marcada pelo tempo-livre, algo que já vinha do século passado, e como tal, há a necessidade do Homem recorrer a conteúdos de lazer, ou seja, conteúdos recreativos de desenvolvimento, de aprendizagem e de enriquecimento. Lógico que esse consumo cultural é segmentado pelos gostos, pelas predileções e pelos diferentes hábitos dos consumidores que têm ao seu dispor um vasto leque de escolhas.

De entre os vários produtos culturais, dá-se grande ênfase aos que estão, de certa forma, ligados ao Património Cultural, nomeadamente, os museus, considerados uma das mais populares ofertas culturais para a sociedade⁶⁶, vistos como espaços de conhecimento e de memória social, trabalhando a partir desta para a construção da identidade cultural.

Os museus, entendidos como autênticos lugares de memória, por meio dos acervos, onde o passado respira-se sobre o presente, atuam como uma ferramenta de auxílio no entendimento do património cultural que eterniza a sociedade num dado espaço e tempo.

A sociedade contemporânea tornou-se numa sociedade exigente e o museu, como instituição cultural, deve saber responder a essa exigência. Como tal, sem descuidar das funções mais seculares, o museu assume-se como um importante instrumento de comunicação na sociedade, dado que melhor caracterizam a cultura de um povo, funcionando, conjuntamente, em prol do seu consumo, identidade e desenvolvimento.

O papel dos museus na comunidade, passa, nesta perspetiva, pela utilização das suas coleções com fins educativos, de um desenvolvimento cognitivo, na lógica do informar para instruir. Numa sociedade que se pretende cada vez mais ativa e dinâmica,

⁶⁴ GARCIA, 2003: 29.

⁶⁵ Relativamente aos parques temáticos, veja-se o caso do World of Discoveries – Museu Interativo e Parque temático, localizado na cidade do Porto, que assume-se, conforme consta no *site*, como “um Museu Interativo e Parque Temático que reconstrói a fantástica odisseia dos navegadores portugueses, que cruzaram oceanos à descoberta de um mundo desconhecido”.

⁶⁶ GARCIA, 2003: 42.

esta função educativa leva a uma progressiva aproximação entre o público e o objeto, deixando este último de ser o foco central na atual dinâmica museológica. No entanto, a visão da instituição museológica como centro educativo desenvolveu-se primeiro nos Estados Unidos da América⁶⁷, chegando à Europa tardiamente.

Os museus ditos “tradicionais produzidos por uma elite e destinados a uma elite difundem a cultura e a realidade social deste grupo. Estão completamente desfasados das necessidades, preocupações e evolução da sociedade”⁶⁸. Tendo em conta a corrente da Nova Museologia⁶⁹ o museu adquiriu uma nova dimensão social, tornando-se num importante centro educativo e social, centrando a sua principal atenção no público, em prol do seu desenvolvimento.

“Las corrientes de la nueva museología defienden [...] que un museo es sobre todo una reflexión del hombre y su actividad, de su natural, cultural y medio ambiente ambiente social. Su lenguaje es directo y específico, como es el del objeto, el de las cosas reales. El comunicación tridimensional, y cumple en nuestro tiempo a la vez la función de expresión de la comunidade y la de convertir-se en instrumento a su servicio”⁷⁰.

Para que um museu se concretize na sua função social, dialogante com o público a que se destina, terá que avaliar as necessidades culturais específicas da comunidade e elaborar um programa de ação consoante as características do meio envolvente. Para um total cumprimento das novas responsabilidades dos museus, emerge a necessidade de conhecer melhor os indivíduos, a forma como se relacionam com os objetos, as suas motivações e interesses, formas de aprendizagem, objetivos de visita, ou seja, toda a informação necessária para a planificação e realização de programas que vão ao encontro das expectativas dos diferentes públicos. Neste seguimento, surgem nos museus contemporâneos o serviço educativo.

Na perspetiva de Luis Alonso Fernández, “el museo [...] debe siempre ejercer su misión pedagógica, cultural y patrimonial, teniendo en cuenta fundamentalmente dos grupos o tipologías de público que acude a sus servicios: el espectador (visitante

⁶⁷ GARCIA, 2003: 26-27.

⁶⁸ ALMEIDA, M., 1996: 101-102.

⁶⁹ A Nova Museologia surge pela primeira vez em documentação oficial a partir da Declaração de Santiago do Chile em 1972.

⁷⁰ ALONSO FERNÁNDEZ, 1999: 116.

passivo) y el público actor (visitante activo), pero también un terceiro, el del público no visitante del museo”⁷¹.

O museu, como instituição ao serviço da sociedade, tem vindo a ganhar notoriedade pelas diversas iniciativas realizadas, englobando nestas todo um conjunto de públicos: quer mais jovem ou mais idoso, passando pelos visitantes portadores de deficiência. Neste espaço não existe discriminação do tipo de visitante, estando o museu aberto a todos, de modo a usufruírem em pleno direito do que o museu tem para oferecer.

Para uma correta comunicação, as instituições museológicas têm que recorrer a técnicas modernas. Não basta o objeto estar exposto. É necessário descodificar a sua mensagem, ou seja, comunicar e informar o que representa o objeto, bem como, a sua história, pois só através desta correta comunicação é possível a construção de uma linguagem apelativa adaptada aos diversos públicos que o visitam, aliando a aprendizagem, ao prazer visual e entretenimento⁷².

Não obstante, apesar da democratização do acesso à cultura com a abertura de museus para todo o tipo de público, salientando-se que alguns espaços museológicos são de ingresso gratuito, este espaço ainda é visto por muitos, direcionados para um tipo de público intelectual, sendo que os museus têm que trabalhar para combater esse estereótipo.

Além deste cliché, os museus devem reunir esforços para transmitir uma imagem diferente, da pré-concebida: os museus são espaços onde estão guardadas velharias.

Se no passado “pouco importava que o museu tivesse muito ou pouco público; estes existiam como guardiões da memória e de tesouros, onde as pessoas, respeitosamente, se deslocavam para admirar objectos únicos indisponíveis em qualquer outro lugar ...”⁷³, o paradigma alterou-se, sendo que os museus não sobrevivem sem o seu público. Desta forma, o museu tem que ser convidativo, proporcionando uma experiência agradável ao visitante para que volte a visitar o mesmo museu, fornecendo condições ambientais favoráveis, bem como, uma vasta programação diferenciada.

⁷¹ ALONSO FERNANDÉZ, 1999: 129.

⁷² GARCIA, 2003: 109.

⁷³ *Idem*: 64.

É certo que não podemos esquecer que a decisão de visitar um museu envolve uma conjugação de interesses e desejos pessoais e sociais, e que o sucesso da visita ao museu depende muito das expectativas e da ideia que o visitante tem desse espaço. Se o visitante nutre um especial interesse por arte religiosa é normal que visite, por exemplo, o Tesouro Museu da Sé de Braga ao invés do Museu Nacional dos Coches, mas, no entanto, se o Museu Nacional dos Coches apresentar uma exposição e/ou programação atrativa fará com que esse mesmo visitante se desloque ao local.

No entanto, há que salientar que um bom museu não é aquele que tem o maior número de visitantes, mas sim aquele que consegue transmitir, ou melhor, comunicar a informação da melhor forma, sendo assimilada e usada pelo seu público.

Resumindo, o museu é uma instituição cultural em constante desenvolvimento, que pretende acompanhar a rápida e assustadora mudança cultural, atuando como um importante meio de comunicação, informação e educação, convergindo num centro social de aprendizagem não formal onde estão reunidas coleções de objetos que marcam a identidade de um povo, contribuindo dessa forma para o desenvolvimento pessoal e para a construção da identidade individual e coletiva.

Capítulo II

*Património religioso e Museus
eclesiásticos: legado de uma
herança cultural*

2.1. A religião como identidade humana

O ser humano é profundamente marcado por ser um indivíduo muito ligado às suas crenças⁷⁴ e pertenças, fazendo dele um ser espiritual e identitário em simultâneo. A religião desde sempre assumiu um papel preponderante no seio da civilização, assumindo-se como um dos principais fatores na construção da sociedade. A religião apresenta um carácter muito forte na comunidade, onde o espaço sagrado passa a ser o ponto fixo por onde se vai estruturando a sociedade. Donizete Rodrigues citando Bronislaw Malinowski afirma que “não existem povos, por mais primitivos que sejam, sem religião nem magia”⁷⁵. De facto, o *homo religious* na perspectiva de Mircea Eliade “crê sempre que existe uma realidade absoluta, o sagrado, que transcende este mundo mas que se manifesta neste mundo, e, por este facto, o santifica e o torna real. Crê [...] que a vida tem uma origem sagrada e que a existência humana actualiza todas as suas potencialidades na medida em que é religiosa, quer dizer: participa da realidade”⁷⁶.

Ao debruçarmo-nos sobre estas afirmações, indubitavelmente reporta-nos a formular as seguintes questões para reflexão: mas que fenómeno é este da religião? De que forma se relaciona com a identidade humana? Como ponto de partida, etimologicamente, o termo religião vem do latim *religio* que na Enciclopédia do Cristianismo indica “uma ligação com o transcendente, com a totalidade”⁷⁷.

Falar de religião é transportar automaticamente para o campo do sagrado, em oposição ao profano. O sagrado é o que sustenta e caracteriza o fenómeno religioso pela sua ligação ao divino, ao mesmo tempo que sustenta uma separação entre o mundo comum e o mundo sacro.

Donizete Rodrigues ao tentar definir religião com base nas teorias de vários autores, afirma que esclarecer o conceito de religião não é consensual nem fácil⁷⁸. E de facto compreende-se, pois a religião é muito mais do que conseguimos ver para ser definida, é algo para lá do campo tangível que se torna quase impossível explicar,

⁷⁴ “As crenças religiosas são representações que exprimem a natureza das coisas sagradas e as relações que elas mantêm umas com as outras, ou com as coisas profanas” (*Apud* ROQUE, 2011: 166.)

⁷⁵ *Apud* RODRIGUES, 2007: 41.

⁷⁶ ELIADE, [s.d.]: 209.

⁷⁷ AAVV, 2004: 765.

⁷⁸ RODRIGUES, 2007: 41.

aludindo para o campo sensorial, já para não falar que depende de cultura para cultura e do tempo em que se enquadra.

No entanto, algo que é perceptível quando se fala em religião é o elemento unificador entre pessoas que partilham a mesma fé, a mesma doutrina e as mesmas crenças em torno do mesmo transcendente, podendo-se desde logo tentar defini-la “como um conjunto de crenças e práticas, com alguma organização, relativas a uma realidade supra-empírica, exercendo, num dado terreno social, uma ou várias destas funções: integração, construção da identidade, explicação da experiência coletiva, resposta ao enigma da precariedade da existência individual e social”⁷⁹.

Aliás, em torno da crença, junta-se mais outra definição que Donizete Rodrigues faz referência ao apresentar a visão de Frazer - “o conceito de religião consiste em dois elementos principais: a crença em poderes sobrenaturais e acções humanas invocando, respeitando e adorando os mesmos”⁸⁰.

As crenças são muitas vezes assumidas como sendo o centro da religiosidade individual, se atendermos que a atitude religiosa é composta, segundo Cañero e Solanes, por três componentes: a componente cognitiva, composta por um conjunto de crenças; a componente afetiva, ligada à experiência religiosa; e a componente da conduta (comportamental) subordinada aos rituais⁸¹.

Porém, a ideia de que a religião é a fé numa doutrina que aspira dar sentido à vida, na qual se segue os ensinamentos do Criador, não é universal. Queremos com isto dizer que as sociedades têm crenças divergentes, conforme a cultura em que estão inseridas, pois se a cultura é entendida como tudo aquilo que o Homem recebe, transmite e inventa, ao longo do tempo e na diversidade dos espaços, com base na ação e na mobilidade organizadas, logo a religião é vista como uma manifestação cultural transmitida ao Homem, como ser cultural, forçosamente influenciada pelo contexto social e cultural em que se encontra inserida. Não existe portanto, uma religião mas sim várias religiões, como por exemplo, o Cristianismo, o Islamismo, o Budismo, o Hinduísmo, entre outras tantas, quer politeístas quer monoteístas, cada qual com as suas crenças, rituais, dogmas, etc., que se caracterizam e distinguem-se das demais.

⁷⁹ PINTO, P., 2006: 24.

⁸⁰ RODRIGUES, 2007: 48.

⁸¹ *Apud* FERREIRA, A., 2005: 45.

Apesar de todas as diferenças associadas a cada tipo de religião, formando a identidade cultural religiosa de cada povo, o elemento unificador comum a todas as religiões prende-se com a consciência da existência de um ser transcendente.

Dando ênfase à questão da identidade e memória, Danièle Hervieu-Léger refere que “La transmission de la religion comme mémoire d'une lignée croyante particulière ne peut pas être entièrement étrangère à la transmission culturelle de la religion en tant que patrimoine pluriel de références, de symboles, de valeurs et d'images appartenant à tous”⁸². Sendo assim, é legítimo afirmar que a religião faz parte da identidade humana, na medida em que a caracteriza, distingue e identifica determinada sociedade cultural.

Neste âmbito, a religião traz um sentimento de pertença e de identidade relacionada não só pelo assumir de uma tradição religiosa como pela construção de símbolos ligados à religião, como por exemplo, igrejas, mesquitas, sinagogas, etc., que identificam desde logo determinada comunidade. O simbolismo apresenta uma conotação muito forte indicando “aquela realidade e expressões em que um sinal imediato, físico, literal, remete para um sentido escondido, figurado, existencial, supramaterial”⁸³, ao mesmo tempo que as ações rituais estão nelas codificadas. Segundo a Enciclopédia do Cristianismo, a “atividade simbólica e ritual constitui o momento mais intenso de relação com a transcendência e da construção da comunidade religiosa”⁸⁴. Aliás, “a grande tradição de uma cultura representa a sua principal religião ou filosofia [...] A pequena tradição refere-se às versões e expressões locais da religião, crença e pensamento”⁸⁵.

No entanto, numa outra tentativa de compilar várias definições, a religião “surge definida como um sistema de símbolos que se traduz em concepções gerais sobre a existência e age de maneira a suscitar nos indivíduos motivações e disposições poderosas e duráveis”⁸⁶.

Ambas as definições aqui apresentadas, a nosso ver, parecem bastante plausíveis, pois a religião resume-se a “uma actividade simbólica que tem a sua consistência própria (...) constituem culturas, heranças culturais – ou seja, mundos

⁸² LÉGER, 1999:167.

⁸³ AAVV, 2004: 807.

⁸⁴ *Ibidem*.

⁸⁵ HOLM e BOWKER, 1999: 62.

⁸⁶ PINTO, P., 2006: 24.

complexos de signos e sentidos que se inscrevem na história e se transmitem de geração em geração”⁸⁷.

Com a simbologia, o Homem pretende uma proximidade entre ele próprio e o Divino, através da representatividade. A simbologia que determinada peça afigura, “torna-se extremamente importante, na medida em que ao olhar para uma peça (cruz, relicário, imagem, entre outros) o Homem tenta decifrar qual a simbologia que está por detrás daquilo que vê, ou seja, a parte da imaterialidade. Se determinadas peças aparentemente apresentam um significado que possa ser comum para todos, a mesma peça, pode porém, ter mais do que um significado, dependendo de quem está a olhar para a peça apresentada. Por exemplo, uma cruz, todas as pessoas dizem simplesmente que é uma cruz. Para o cristão, não é apenas uma cruz, representa o sacrifício de Cristo pela Humanidade”.⁸⁸ Há então toda uma descodificação por detrás de um objeto religioso que abrange duas vertentes, a intangibilidade e a tangibilidade, a espiritualidade e a materialidade.

Deste modo, a religião é vista, tanto por sociólogos como por antropólogos, como uma instituição, um importante elemento cultural que é definido em termos de um determinado grupo social – os crentes. A religião tem uma história que justifica a sua existência, e essa história está associada a duas vertentes, por um lado as doutrinas teológicas contidas nos escritos sagrados, e por outro nos dogmas, liturgias, rituais e quaisquer práticas e crenças da Igreja que o grupo considere espiritualmente significantes.

Porém, os termos religião e religiosidade são comumente utilizados como sinónimos, porventura apesar de estarem relacionados, apresentam sentidos diferentes. Para se estudar a religiosidade torna-se necessário o conhecimento de crenças, sentimentos, emoções, ações, e experiências do indivíduo, que são, no fundo as respostas interiores a um dado sistema exterior. Segundo Van Wicklin, “a obtenção do valor da religiosidade de cada indivíduo pode depender do envolvimento emocional, comportamental ou cognitivo de cada um, através dos estádios da fé e da percepção e atitude que cada pessoa tem face à sua religião”.⁸⁹

⁸⁷ PINTO, P., 2006: 24.

⁸⁸ CAMPOS, F., s.d.: 2.

⁸⁹ *Apud* FERREIRA, A., 2005: 42.

Face a isto, à religião estão subjacentes as manifestações religiosas expressas não só pela coletividade, como a nível pessoal, transportando-nos para o campo da fé, expressa num modo de viver.

A fé está bem presente na formação do ser humano religioso, atestada nas suas devoções⁹⁰, “enquanto acontecimento vivido por alguém, sempre se exprimirá de alguma forma”, segundo Marcel Chappin⁹¹. Porém, a fé distingue-se da religião, apesar de estarem associadas uma à outra “na medida em que se exprime com ritos, símbolos, crenças e práticas”⁹². Exemplo do que estamos a dizer sobre a importância da religião na vida humana, destacamos um episódio na História de Portugal que envolve D. João I e a sua particular devoção pela imagem de Santa Maria da Oliveira de Guimarães. Antes de partir para a Batalha de Aljubarrota, que decorreu no dia 15 de agosto de 1385, consta que o Mestre de Avis foi em jeito de promessa, antes de partir para a batalha, em romaria a pé de Santarém até à Colegiada de Guimarães⁹³, pedir proteção do Reino junto da imagem de Santa Maria. O certo é que saiu vitorioso da batalha, assegurando a independência de Portugal. Como forma de agradecimento, el-Rei ofereceu a Nossa Senhora o loudel envergado na batalha, entre outras ofertas.

Assim, verifica-se que a religião se traduz num “conjunto de relações do homem com o invisível e, portanto, no conjunto de crenças e práticas rituais e éticas que exprimem e manifestam este relacionamento com o divino ou o sagrado”⁹⁴ que se assumem como um fator de coesão social, moldando “a vida social de um grupo de indivíduos que partilham a mesma fé”⁹⁵.

⁹⁰ Devoção e culto são dois termos que apesar de estarem ligados à religião apresentam significados diferentes. O primeiro acarreta uma atitude individual do crente, enquanto o culto está subordinado às ações litúrgicas promovidas pela parte institucional com ritos.

⁹¹ CHAPPIN, 1996: 15.

⁹² AAVV, 2004: 355.

⁹³ A Colegiada de Guimarães era durante a Idade Média um importante e concorrido centro de peregrinação e romaria, tal como, acontece atualmente com Fátima ou Santiago de Compostela, pois nela constava a imagem da Padroeira do Reino de Portugal: a Virgem Santa Maria.

⁹⁴ AAVV, 2004: 765.

⁹⁵ *Idem*: 354.

2.2. A arte como expressão da religião: breve panorama histórico no contexto cristão

O Homem desde a Pré-História sentiu a necessidade de comunicar através de diferentes maneiras, sendo a arte uma das formas utilizada pelos diversos povos para se exprimirem.

Arte e religião apresentam uma relação complexa, mas indiscutível, quase indissociável uma da outra, que nem sempre foi assumida e pacífica, mas inegável enquanto expressão mais marcante da religião, aliando a necessidade do crer e do ver. Nesta ordem de ideias, a arte concebida para o contexto litúrgico adquire o estatuto de sagrado. A arte como importante ação figurativa de uma cultura revela-se, no campo religioso, como marca identitária da sociedade cristã que tem a sua raiz na realidade histórica. Através deste meio, a palavra de Deus é transformada numa linguagem simples e desprovida de qualquer parábola, traduzindo-se numa aproximação entre o crente com o transcendente.

A revelação de Deus em Jesus Cristo permitiu a fundação da principal religião com mais seguidores universalmente: o Cristianismo⁹⁶. Após a morte e Ressurreição de Jesus Cristo, os seus discípulos difundiram os ensinamentos proferidos pelo Mestre pelo Império Romano, tornando o Cristianismo na religião oficial desse Império em 380, com o Imperador Teodósio a promulgar o Édito de Tessalónica, apesar de períodos anteriores conturbados.

Aquando da inclusão do Cristianismo na religião oficial do Império Romano, a manifestação da arte ganhou maior relevância sendo utilizada pela Igreja para “transmitir por ela as belezas de Deus e as verdades do Evangelho, tal como as manifestações superiores da alma religiosa do homem”⁹⁷, nas diversas culturas, surgindo desta forma, grandes edificações monumentais e os seus respetivos embelezamentos interiores e exteriores com intuito cultural e estético. Neste ramo da

⁹⁶ O Cristianismo nasceu no seio das comunidades cristãs da Igreja primitiva, na região do Próximo Oriente, nomeadamente, na Palestina, nascendo assim a Igreja Católica, baseando-se na crença central da Encarnação de Deus na pessoa humana de Jesus. No entanto, devido aos diversos acontecimentos que marcaram a História da Igreja Católica, sobretudo a partir do XI e a partir do século XVI, os cristãos dividiram-se em vários ramos, nomeadamente, em católicos, em ortodoxos e em protestantes.

⁹⁷ Comissão Pontifícia para os Bens Culturais da Igreja, 2000: 5.

religião cristã, a arte é entendida como fonte comunicadora entre os fiéis e o seu Deus, na medida em que, “testemunham a fé e exprimem os sentimentos da comunidade cristã”⁹⁸, proporcionando o anúncio do Evangelho a um maior número de povos.

Por forma a tornar entendível a mensagem de Deus aos Homens, a Igreja recorreu sistematicamente à linguagem expressiva, sobretudo, das imagens para expressar a doutrina religiosa por interferência da arte como algo belo, fonte de evangelização. A imagem sagrada quando interpretada corretamente, ou seja, como intermédio entre o Homem e Deus, despoleta emoções no íntimo do crente.

São Tomás de Aquino era um dos apologistas da utilização das imagens no espaço cultural, apresentando três motivos: “para instrução dos analfabetos [...]; para se recordar diariamente do mistério da Encarnação; porque a imagem é mais eficaz do que a palavra para suscitar afetos”⁹⁹.

Milénios se passaram e a arte continua a ser vista como expressiva, comunicadora e útil ao serviço da religião, apresentando uma bipolaridade de funções, nomeadamente, transmitir mensagens através das representações codificadas em símbolos, e simultaneamente ser educadora e didática na educação e formação cristã, na medida em que educa, comunica e anuncia tornando-se numa ferramenta relevante ao serviço da evangelização.

Numa dimensão não monumental, importa referir que certos objetos sagrados, como por exemplo o cálice ou outras alaias litúrgicas, surgiram com base em objetos utilitários, como por exemplo os copos e afins, que veem a sua função utilitária ascender à categoria de sagrada com o melhoramento dos materiais e pela introdução de símbolos decorativos.

Sendo a arte uma linguagem universal, lógico que a arte sacra, também como linguagem genérica, permite ao cristão oriundo de qualquer parte do mundo identificar e identificar-se com os vários objetos existentes em vários pontos do mundo.

A criação artística fomentada na arte cristã tem a capacidade de evocar a grande beleza do Mistério de Deus, e assume uma tripla função: “homenagem do ser humano a Deus como ato de adoração; explicação humana de Deus como narrativa para a

⁹⁸ Comissão Pontifícia para os Bens Culturais da Igreja, 2000: 5.

⁹⁹ CHAPPIN, 1996: 20.

transmissão da fé – mediação entre o ser humano – e Deus como lugar teológico da experiência do sagrado”¹⁰⁰, ou seja, transforma-se numa via de aproximação. Desta forma, Deus revela-se ao Homem comunicando através da sua própria linguagem humana, com o recurso literário a símbolos, imagens (por inspiração divina) e palavras (Bíblia).

Nesta ordem de ideias, as obras de arte produzidas neste âmbito confluíram na construção de um imenso património artístico-cultural da Igreja Católica que “documenta o caminho da fé através das obras de várias gerações, no âmbito de determinado período e de um território concreto”¹⁰¹, tornando-o tão apreciável por numerosos curiosos, entusiastas e devotos pela beleza que dele transparece, voltada para uma experiência estética ligada à catequese.

Portanto, no início do Cristianismo, a invocação dos principais feitos da Salvação eram realizados por meio de símbolos, de forma a salvaguardar a pureza de uma religião transcendente. Um pouco mais tarde, a necessidade de colocar a imaginação para representar esses feitos foi traduzida nas formas sensíveis da arte e da liturgia.¹⁰² Para a obra de arte cristã ser entendida na sua plena verdade, ela deve ser baseada na Bíblia Sagrada, oferecendo “al creyente un tema de reflexión y una ayuda para entrar en contemplación en una oración intensa, a través de un momento de catequesis y de confrontación com la Sagrada Escritura”¹⁰³.

Constata-se que a arte tem acompanhado a ação da Igreja Católica nos seus séculos de existência, sobretudo, ao representar materialmente imagens divinas que advinham de uma necessidade do ser humano ver o que não é visível aos olhos, idealizando determinadas iconografias para cada figura sobrenatural – isto na vertente da imaginária –, diferenciando-se umas das outras através dos atributos. A arte cristã pela forte carga simbólica tornou-se até há bem pouco tempo – e ainda em alguns casos – como suporte para uma escrita e acuidade visual para os iletrados tornando-se a forma mais facilitada para compreenderem Deus e a sua mensagem.

¹⁰⁰ CARVALHO, C., 2015: 11.

¹⁰¹ COSTA, A., 2011: 501.

¹⁰² PLAZAOLA, 2010: 3.

¹⁰³ Pontificio Consejo de la Cultura, 2008: 63.

A predominância da imagem com configuração humana destacou-se na arte cristã, como ícone devocional por excelência, vista não apenas como forma de culto, mas expressa o culto a Deus, mantendo a ligação entre a Terra e o Céu mais facilmente.

Juan Plazaola distingue três tipos de imagens: a imagem cultural, propulsora da iconografia cristã, baseia-se no mistério pascal (Deus encarnado na pessoa de Jesus Cristo, crucificado e ressuscitado) e está no centro do culto, traduzindo-se numa imagem de adoração, remetendo a presença do Senhor na ação litúrgica; a imagem descritiva-narrativa, destinada à transmissão da mensagem cristã baseia-se na representação das figuras envolvidas na História do Cristianismo, como por exemplo, as cenas da vida de Cristo, a história da Virgem Maria, os Santos e Mártires, entre outros, traduzindo-se num ensinamento; a imagem devocional, circunscrita a uma devoção de natureza individual que suscita emoção, remetendo o crente para dentro do seu coração¹⁰⁴.

A arte cristã é, então, o elemento mediador de comunicação entre os fiéis e Deus, inspiradas pela fé cristã, reivindicadas pela devoção. Os devotos não veneram a imagem, mas sim a pessoa que essa imagem representa. Exemplificando, uma imagem de Santa Luzia é venerada não como imagem, mas como se estivesse ali a Santa de carne e osso, ou seja, torna visível o invisível.

Para tal, a arte sagrada exige que as suas obras se baseiem na verdade e beleza de Deus, de forma a provocar no espírito do crente emoções fortes. A obra de arte cristã nasce da conjugação dos materiais e da inspiração do artista, sob a forma do Espírito Santo para a conceção de uma obra de arte, compondo uma forma que se converte em linguagem.

No entanto, a Igreja nunca assumiu nenhum estilo de arte próprio nem regulamentou os cânones para as representações artísticas, sendo a arte cristã desenvolvida de acordo com o enquadramento filosófico, social, político, económico, teológico e artístico de cada temporada e região, incumbindo aos párocos a aceitação ou não de determinada obra de arte na igreja que dirigem.

¹⁰⁴ PLAZAOLA, 2006: 311-316.

Porém, concordando com Juan Plazaola, não existe nenhuma mensagem de Jesus Cristo a justificar o aparecimento das imagens sagradas. Não obstante, “el nacimiento y uso de las imágenes en el cristianismo no son las palabras de Cristo, sino su existência misma, su mistério, el hecho mismo de la Encarnación del Verbo”¹⁰⁵.

Citando Juan Plazaola “Es el dogma de la Encarnación del Verbo, el mistério de un Dios nacido de mujer, el que justifica la aparición y desarrollo de los iconos, y el que fundamenta todos los esplendores del arte cristiano”¹⁰⁶. Em consequência, a arte cristã, manifestou-se em diferentes formas para servir os cristãos na ação cultural e servir o culto divino, como por exemplo, na arquitetura, na escultura, na pintura, no mosaico, na música, na cerâmica, nas peças de ourivesaria e azulejaria, nos vitrais e nas iluminuras, tudo isto para exprimir a fé religiosa, ajudando a expressar, retratar e interpretar Deus no ímo da fé cristã.

Assim, toda a “arte plástico puede ser abstracto (meramente ornamental), figurativo, con significación simbólica, alegórica o narrativa, e icónico”¹⁰⁷. Esta última, surgida na segunda metade do século IV e que predominou ao longo de séculos, consiste numa “arte en el artista parece invitar al contemplador a concentrar su atenta mirada en la figura o retrato de una persona”¹⁰⁸, representando a convergência da criatividade artística, a beleza e a sacralidade, dotando-a de uma linguagem expressiva, de um usufruto cultural e de uma leitura artística.

Os Papas, destacando-se Paulo VI, João Paulo II e Bento XVI, foram os que mais ativamente contribuíram para a sensibilização da importância da arte como expressão da religião. É importante esta abertura de horizontes, de os conteúdos da fé pela arte não estarem circunscritos somente verbalmente, mas em textos e pensamentos.

Certamente que a religião como hoje conhecemos não teria levado o rumo como hoje vemos, sem a preciosa ajuda da arte. Neste aspeto, a religião deve muito à arte, quer monumental quer figurativa, quanto ao seu desenvolvimento junto dos crentes. Fruto da união entre a inspiração divina e a inspiração artística nasceu o vasto conjunto do património da Igreja¹⁰⁹, que se tornou um autêntico instrumento pastoral e de

¹⁰⁵ PLAZAOLA, 2001: 31.

¹⁰⁶ *Idem*, 2010: 5.

¹⁰⁷ *Idem*, 2001: 33.

¹⁰⁸ *Ibidem*.

¹⁰⁹ ROQUE, J. e PINTO, M., Serafim, 1996: 68.

evangelização ao serviço da Igreja e da missão desta, constituindo um documento valioso para o estudo da História da Arte.

Como ponto de partida, levanta-se a questão: como surgiu a arte cristã? Para um melhor entendimento, traçar-se-á uma breve retrospectiva histórica sobre a arte cristã, onde se inclui a arquitetura, no domínio do aparecimento de um espaço edificado para a prática do culto verificando-se as várias configurações desde os primórdios até à contemporaneidade; e as imagens, sinónimo de devoção. Esta retrospectiva não incidirá no desenvolvimento pormenorizado da arte cristã em cada época, focando somente os aspetos gerais e relevantes, pois para abordar cada época de forma completa teríamos que destacar a título de exemplos comparativos algumas obras de arte e seus autores dentro do mesmo período estilístico, pelo que não é de toda intenção deste estudo.

2.2.1. Arquitetura

Abordar a arte cristã é transportar logo à partida para a monumentalidade, algo bem visível em qualquer lugar, demarcando a existência de uma comunidade cristã num determinado território, diferenciando-se dos demais edifícios. A monumentalidade sacra está associada a lugares sagrados onde os fiéis se reúnem e desenvolvem a atividade cultural. Edificações arquitetónicas de pequena, média e grande dimensão confluem num só sentido: o de prestar culto a Deus, predominando o sagrado sobre o profano.

No âmbito da arquitetura, no início do Cristianismo não existia um templo como hoje conhecemos, bastando um exíguo espaço onde reunisse a comunidade cristã e uma mesa para realizar a ação litúrgica, pois o mais importante era a realização do Sacramento da Eucaristia.

Para tal celebração, os primitivos cristãos reuniam-se, então, em casas privadas, denominadas de *domus ecclesiae* que significa “Casa de reunião”, rejeitando o término *templum*, utilizado em Roma pelos pagãos. À medida que esse lugar foi ganhando maior

importância, aplicou-se o término *ecclesia* ao edifício material, que antes já significava convocação e na linguagem clássica significava a assembleia de cidadãos livres. À medida que o Cristianismo foi ganhando mais devotos, o espaço tornou-se cada vez mais insuficiente para acolher todos.

Em Roma, antes da construção de basílicas, procuraram lugares exclusivamente consagrados a esse fim, como por exemplo os *tituli*¹¹⁰, que eram nada mais, nada menos do que mansões amplas cujos proprietários dedicaram-nas às assembleias das comunidades cristãs¹¹¹.

O início da construção de um edifício para fins culturais ocorreu nos finais do século II, apelidando-os no século a seguir como “Casa de Deus” (*dominikon*).

Após um período de grande perseguição aos cristãos, o Édito de Milão, emitido em 313 por Constantino e Licínio, garantiu a liberdade religiosa dentro do Império Romano, encerrando assim a época das perseguições que até então os cristãos eram alvos. Como consequência, edificaram-se vários espaços destinados ao culto, que permitissem celebrar, oficialmente, a fé cristã, sobressaindo os edifícios denominados de basílicas. Estes templos obedeciam, regra geral, a dois modelos: o de planta basilical, transformada em cruz latina, com três ou cinco naves, sendo a central mais alta que as restantes, separadas por arcadas e/ou colunatas, cobertas de tetos de armação de madeira, precedida por um átrio a céu aberto, rodeado por um pórtico de colunas. No tocante a regras de disposição dos fiéis, nota-se uma clara divisão dentro do próprio espaço: homens ficavam na nave lateral direita e as mulheres na nave lateral esquerda, convergindo toda a atenção para o altar onde estava o presbítero¹¹²; e o de planta centrada, de influência helenística e oriental, em cruz grega ou em círculo, coberto por uma cúpula ou meia cúpula. O imperador Constantino empenhara-se nesta tarefa, mandando erguer um elevado número de templos, como por exemplo, a Basílica de São Pedro em Roma¹¹³.

¹¹⁰ Nos *tituli* constavam vários espaços destinados às várias fases da liturgia: “el *atrium* y el *tablinum* debieron de servir para la lectura y oración en común, y el *triclinium* para la cena eucarística”(PLAZAOLA, 2010: 13).

¹¹¹ PLAZAOLA, 2010: 12.

¹¹² *Idem*: 35-36.

¹¹³ *Ibidem*.

Fruto deste evento as mentalidades alteraram-se, vislumbrando-se estes espaços como uma espécie de palácios do Imperador Celeste, não se coibindo de dar o melhor para Deus, ao invés de meros espaços acolhedores da família cristã. A partir de meados do século IV a igreja começou a chamar-se como “Casa de Deus”.

No início do século V, quando se deu a cisão definitiva do Império Romano afirmou-se um Estilo Bizantino no seio da Arte Paleocristã. Na arquitetura bizantina, do que se conhece, compreende o século VI, justamente o período em que o Imperador Justiniano continuou a subsidiar a construção de templos, conjugando muitas inovações: abandonou o tipo basilical de armadura de madeira; herdou do arco, da abóbada e da cúpula oriundas da Antiguidade; propagou-se o plano centrado (de forma quadrada ou em cruz grega). Porém, verificou-se um declínio da arquitetura, fruto do fim do mecenato dos Imperadores, passando a própria Igreja a edificar os seus próprios lugares de culto¹¹⁴. No entanto, a arquitetura cristã dos séculos VI-VII caracteriza-se pela perda do “ambiente intimista y familiar que había tenido la primera arquitectura cristiana. Las basílicas agrandaron sus dimensiones, ampliaron sus espacios, adquiriendo un esplendor y una suntuosidad antes nunca vistas”¹¹⁵. Porventura, com este tipo de construções a atenção estava centrada na celebração litúrgica, no ato sacramental, sobretudo, no altar eucarístico, no valor do Sacramento da Eucaristia.

Da ornamentação das igrejas da época Bizantina pouco ou nada se conservou, porém a técnica dos mosaicos era característica desta época.

Um novo período na arquitetura cristã distinguia-se dos anteriores motivados pelo aumento de edificações. Na arquitetura românica os edifícios religiosos são de maiores dimensões e de estrutura mais complexa, de planta de cruz latina, com três ou cinco naves, transepto, abóbadas de berço, abside semi-circular, prevalecendo os arcos de volta perfeita, as colunas com capitéis profusamente decorados, paredes robustas, vãos de reduzida dimensão, embora as fachadas, pórticos com arquivoltas de volta inteira, colunelos com capitéis ornamentados, no exterior destacavam-se peças escultóricas, como por exemplo, gárgulas com significado catequético, e o domínio da pedra em toda a estrutura.

¹¹⁴ PLAZAOLA, 2001:41.

¹¹⁵ *Idem*: 43.

No período seguinte, o Gótico (séculos XII/XIII-XV) ficou marcado pelo surgimento de Sés Catedrais ao invés das igrejas abaciais de outrora, fruto do novo sentido teológico da Baixa Idade Média: Deus era a luz e como tal as igrejas deviam trespassar essa luz para o interior, além da mentalidade dessa época estar subentendida a justificar a fé mediante a razão. No geral, caracterizavam-se pelo uso de técnicas e materiais usados nos séculos anteriores, pelo predomínio da planta basilical de configuração latina, com uma, três ou cinco naves, transeptos mais largos, absides mais complexas, prolongamento do deambulatório, aspeto menos robusto, arco ogival, a invenção de abóbadas de cruzaria de ogivas que permitiram acentuar a verticalidade do edifício, o uso do arcobotante no exterior do edifício possibilitou um aumento do número de vãos com uma novidade: os vitrais com temática religiosa que criavam um ambiente celestial pelo jogo de luz que deixavam atravessar.

Nessa época, a igreja cristã perde o sentido de *domus ecclesiae* para converter-se num monumento à glória de Deus¹¹⁶, ao mesmo tempo, organizando toda a vida de uma cidade que se encontra subordinada eclesiasticamente ao Bispo.

Desde o início do século XV um conjunto de fatores da época propiciou que a arquitetura Renascentista se caracterizasse pela perfeição da execução técnica, destacando-se uma harmonia colossal dos edifícios.

No século XVI, dadas as conjunturas que a Igreja Católica estava a vivenciar, nomeadamente o Concílio de Trento como resposta da Reforma Católica face à Reforma Protestante, acabou por se refletir nas produções artísticas Maneiristas, motivando o abandono da rigidez, assumindo um espaço privilegiado de pregação, adoção da planta basilical de uma só nave, com abóbadas de caixotões, capelas intercomunicantes, transepto de menores dimensões.

Ao longo do século XVII, a Igreja Católica, no âmbito da Reforma Protestante, procurou reforçar a sua imagem e poder, a partir do Vaticano. A arte tornou-se um meio ao serviço do reforço do papel da Igreja junto dos fiéis, traduzindo-se numa Igreja forte, gloriosa e triunfante. Neste sentido, o estilo Barroco (finais do século XVI-XVIII) ajudou na “afirmação da doutrina e cânones do cristianismo católico que procuravam,

¹¹⁶ PLAZAOLA, 2006: 68.

também através das artes, afastar os fiéis das propostas dos movimentos reformistas”¹¹⁷. Caracterizado pela sua exuberância e dramatismo, pautado pela simetria, de configuração em cruz latina ou planta centrada, revestidos por materiais nobres, talha dourada ou azulejos monocromáticos e pela presença de uma cúpula. Todas as estruturas retabulares do espaço litúrgico eram edificadas em função da adoração ao Santíssimo Sacramento, reafirmando a presença de Cristo na Eucaristia. Nesta época os retábulos dos altares estavam repletos de imagens

No Barroco final, surge o estilo rococó caracterizado por “fachadas mais depuradas, o que de uma maneira em geral contrasta com o elaborado programa decorativo dos interiores, pensado para proporcionar um ambiente de comodidade e de intimidade sublinhado pelo mais usual ornato desta gramática, a concha (...) a espacialidade dos edifícios desta época é muitas vezes marcada pela planta centralizada, fazendo uso, sobretudo, da planta elíptica, o que contrasta com a planta centralizada circular, mais difundida no período barroco”¹¹⁸.

Em contrapartida, o estilo Neoclássico ofereceu resistências na esfera religiosa, pois baseava-se muito na razão, verificando-se poucas construções de índole religiosa.

No entanto, os finais do século XVIII e o século XIX foram períodos críticos, relativamente à ligação entre arte e religião, motivado pelas revoluções político-sociais, resultando num afastamento entre Igreja e sociedade. Porém, a arquitetura cristã a partir do século XX conheceu uma renovação, provocada pela reforma litúrgica promovida pelo Concílio do Vaticano II. Toda a arquitetura desta época redimiou-se às novas técnicas e materiais de construção, assim como, o espaço deve estar mais adaptável às novas formas do culto cristão.

A partir do século XX, mais concretamente a partir da Constituição *Sacrosanctum Concilium*, pretendeu-se diferenciar o presbitério da zona dos fiéis, elevando essa zona ligeiramente e apresentando uma estrutura retabular de maiores dimensões profusamente decorada.

Em síntese, os Templos independentemente de serem uma Catedral ou uma Ermida, são espaços que se revelam morada de Deus, de reunião e união dos cristãos,

¹¹⁷ CARVALHO, C., 2015: 43.

¹¹⁸ *Idem*: 45-46.

sinal visível da presença de uma comunidade cristã, convertendo-se em instituições eclesiais.

2.2.2. Escultura e pintura

Não é possível precisar com exatidão o momento do surgimento de imagens na esfera do Cristianismo. Como herdeira da tradição judaica, crê-se que durante os três primeiros séculos, a arte paleocristã era uma arte simbólica e ornamental, traduzida em símbolos (palma, uvas, peixe, âncora, pássaros, coroa, etc.), no uso de letras e em representações de plantas e animais, passando gradualmente a arte figurativa e narrativa, sobretudo entre o século III e IV, sob influência do contato com a cultura helénica.

Neste âmbito, a arte cristã começou a ser expressa através da pintura, nomeadamente, a pintura a fresco presente nas catacumbas¹¹⁹, ora na representação de relevos nos túmulos dos cristãos que abordava a temática em torno da alma imortal, tal como prometera Jesus Cristo ao anunciar a vida eterna. Numa época em que os cristãos eram perseguidos, a arte primitiva cristã, tornou-se funcional na transmissão da mensagem Divina, através de símbolos¹²⁰ que só eles conseguiam entender. A arte presente nesses lugares era principalmente de carácter simbólico-figurativo, destacando-se episódios de narração bíblica, como por exemplo, o acontecimento da Arca de Noé, as Bodas de Caná, o Milagre dos pães e dos peixes, o Bom Pastor, entre outros.

Face ao distanciamento da cultura judaica, a arte figurativa assumiu-se pouco a pouco mais presente na arte cristã.

¹¹⁹ As catacumbas eram espaços subterrâneos que serviam de cemitério para os primitivos cristãos, sendo Roma uma das principais zonas onde se encontram as principais. Nelas foram sepultadas, sobretudo, mártires, propagando-se a sua devoção. Após o fim da perseguição aos cristãos, as catacumbas deixaram de ser usadas para esse fim, sendo o sepultamento feito no interior das igrejas durante largos séculos.

¹²⁰ De acordo com o *Nuevo Diccionario de Liturgia*, o símbolo refere-se “tanto a las formas concretas en que se explicita una determinada religión como al modo de conocer, de intuir, de representar propios de la experiencia religiosa” (SÁNCHEZ SÁNCHEZ, 1996: 1910).

Ao que parece, a história da arte cristã ganhou maior pujança ao longo do século V na generalização do uso e da veneração das imagens que pouco a pouco impuseram-se na Igreja, por força do dogma cristão da Encarnação.

No entanto, nos séculos V e VI os ícones tiveram grande difusão pelo Oriente, embora se reconheça que só a partir do século VII as imagens são veneráveis para fortalecimento da fé, permitindo que se passe a representar Jesus Cristo, não por meio do símbolo do Cordeiro, mas como figura humana, surgindo neste contexto imagens da Virgem Maria e dos Santos.

Assumindo cada vez maiores representações, no Oriente temia-se que as imagens se tornassem o motivo do culto, menosprezando a verdadeira essência que elas detinham. Tal facto leva a uma crise no Oriente.

Se é sabido que a representação de imagens sagradas e a sua devoção sofreram alguns períodos conturbados, nomeadamente no início da prática cristã, agravou-se entre o século VIII e IX com o movimento iconoclasta. Este movimento, impulsionado por Leão III, imperador bizantino, rejeitava o uso das imagens, talvez motivado por dois fatores, segundo teorias que tentam perceber o motivo para o surgimento desse movimento: razões religiosas; e razões políticas, aliado ao desejo do Imperador libertar-se da tirania teocrática, bem como, apoderar-se da riqueza do que constava nos mosteiros, e pela ambição de fortalecer a unidade e coesão do Império, abolindo incompatibilidades entre o Cristianismo, Judaísmo e Islamismo¹²¹. Gerou-se um conflito entre o Imperador e o Papa Gregório II, acentuando-se significativamente chegando-se a verificar episódios de destruição e queima de imagens. O conflito que perdurou pelos sucessores ditou cenas de excomunhão aos opositores da veneração das imagens por parte do Papa Gregório III, enquanto o Imperador Constantino V Coprônimo convocava Concílios Iconoclastas. O certo é que o movimento começou a ser amenizado a partir de 775 com o Imperador Leão IV, terminando após a sua morte, entre 780 e 787, por influência de Irene, sua esposa.

Dos Concílios que se realizaram, destaca-se o II Concílio de Nicéia, concretizado em 787, que repudiou a atitude iconoclasta, restabelecendo a organização na Igreja, reconhecendo legitimamente o uso das imagens sagradas para veneração dos fiéis.

¹²¹ PLAZAOLA, 2001: 80.

Contudo, decorreu no século IX um segundo momento da perseguição iconoclasta, que segundo Juan Plazaola, “duró com varios intervalos hasta que outra mujer, Teodora, viuda del emperador Teófilo, restableció en 843 el culto a las imágenes”¹²².

Segundo a descrição de Juan Plazaola, as imagens desse tempo caracterizavam-se por serem “estereotipadas, sin referencia a la historia y al autor, en contacto com el cielo más que com la humanidad, imágenes capaces de reflejar, como si se tratara de un contacto inmediato, a los modelos sagrados, y capaces de vehicular la fuerza divina de la que ellas son receptáculos”¹²³.

No período Românico (séculos XI e XII) destacam-se os temas hagiográficos e em torno de Cristo – sobretudo de Cristo Crucificado –, destacando-se, também, a figura da Virgem Maria com o Menino. O simbolismo nesta iconografia detém grande expressão, sobressaindo nesta época o relevo decorativo presente no pórtico, transformando-o num autêntico “livro sagrado” encimados por cenas bíblicas, facilitando o entendimento da Palavra de Deus à época. No respeitante a esculturas de vulto perfeito, foram poucas as produções efetuadas em detrimento da devoção às relíquias, mas no geral caracterizam-se pelo pouco rigor anatómico e pelo tratamento rígido.

Na época na qual o estilo Gótico (séculos XII/XIII a XV) emerge, sobressai um pensamento filosófico e religioso que pretende conciliar a Razão e a Fé, resultando numa maior humanização da religião que se aproximou da Natureza e do concreto, que vai influenciar a representação das imagens. As imagens desta época caracterizam-se pela procura de uma perfeição espiritual, de um maior verismo, retratando-as com maior rigor anatómico, abandonando a rigidez adotando um gosto curvilíneo. A escultura começa a deixar de estar associada à arquitetura, embora as catedrais começam a ser dedicadas a um patrono/orago, notando-se uma proliferação de imagens da Virgem Maria como padroeiras desse edifício.

Esta perfeição e verismo, prolongou-se pela época Renascentista para transmitir a “ideia da perfeição humana e da perfeição divina”¹²⁴, verificando-se um

¹²² PLAZAOLA, 2001: 85.

¹²³ *Idem*: 86.

¹²⁴ CARVALHO, C., 2015: 38.

distanciamento da ligação com o Divino, pois a atenção estava concentrada na beleza estética.

No tocante à pintura desta época, deu-se ênfase às iluminuras presentes nos livros, que consistia numa arte de embelezamento dos mesmos¹²⁵.

À semelhança do que acontecera no início, um novo período conturbado em torno das imagens surge no século XVI com a Reforma Protestante¹²⁶, trazendo consequências nefastas para a arte cristã. No seio do espírito Renascentista surgiram pensadores que pretendiam cultivar uma reflexão em torno do catolicismo romano, procurando uma renovação radical do Cristianismo, originando numa divisão da Igreja Ocidental entre católicos e protestantes. Neste âmbito reformista, Lutero defendia que as imagens não deviam ser adoradas, embora pudessem continuar a ser representadas, em oposição, Calvino tomava uma posição mais radical defendendo que se devia eliminar todas as imagens da igreja. A veneração e o uso das imagens, o culto às relíquias e aos Santos, e a eliminação de alguns Sacramentos motivaram esta crise religiosa.

Perante tal calamidade, na qual muitas igrejas católicas foram destruídas e as suas imagens e relíquias saqueadas ou queimadas, a Igreja Católica viu-se obrigada a tomar medidas urgentes para combater a Reforma Protestante. Neste âmbito, a partir do Concílio de Trento¹²⁷ elaborou-se uma resposta da Reforma Católica, também conhecida por Contra-Reforma. Referente às imagens, defendeu-se o valor didático das mesmas, sobretudo, para os iletrados, bem como, a importância da sua intercessão e invocação aos Santos. Desta forma, promulgou-se um decreto, em 1563, que referia que nos templos se iria conservar e venerar as imagens de Jesus Cristo e da sua mãe Maria Santíssima e dos Santos.

Como consequência, ao longo dos séculos XVI e XVII, nos países europeus de religião católica, criaram-se inúmeros santuários de invocação mariana com o objetivo de travar os avanços do protestantismo, registando-se uma acentuada reprodução de

¹²⁵ AZEVEDO, F., 2015: 23.

¹²⁶ Martinho Lutero, mentor da Reforma Protestante, desafiou a autoridade da Igreja ao fixar, em 1517, as 95 Teses, condenando os abusos, a confusão e as incertezas que a autoridade da Igreja fomentava e praticava. Neste espírito protestante desenvolveram-se várias correntes, como por exemplo, o luteranismo, o calvinismo e o anglicanismo.

¹²⁷ O Concílio de Trento, aberto no ano de 1545 pelo Papa Paulo III prolongou-se até ao ano de 1563, emitindo numerosos decretos especificando as doutrinas católicas em vários aspetos postos em discussão.

imagens da Virgem e dos Santos para preencher os retábulos das igrejas e ermidas. Tornou-se, sem dúvida, um grande passo para o desenvolvimento da arte religiosa, que viria a ter um grande protagonismo no culto popular das imagens.¹²⁸

Neste seguimento, acentuaram-se os temas em torno dos Santos, justificando-se pela necessidade de “persuadir que nada era posible sin la fe y la esperanza en los bienes sobrenaturales y eternos (...) en contato místico com la divinidad”¹²⁹. A escultura desta época Maneirista ficou marcada pela preocupação de transmitir a mensagem que se pretendia, deixando para segundo plano tudo o resto.

A escultura barroca caracteriza-se pela sumptuosidade dada aos panejamentos volumosos e agitados conferindo-lhe um certo movimento. No entanto no Barroco final, designado de rococó, na escultura produzida verifica-se uma delicadeza nas representações e alongamento dos corpos.

Já o estilo Neoclássico, na temática cristã, não registou grande difusão, fruto da racionalidade vigente nesse estilo, resultando na dificuldade de penetrar ambientes de culto.

Ora, nos finais do século XVIII observou-se uma separação entre arte e religião, fruto das mentalidades da época, prolongando-se ao longo do século XIX, confluindo em escassos exemplares de temática religiosa.

Só a partir do Concílio do Vaticano II a Igreja Católica Apostólica Romana reconhece a importância da arte como útil na sua forma doutrinal e pastoral, “traduzindo por esta via a sua divina mensagem na linguagem das formas e das figuras, a tornar perceptível o mundo invisível”¹³⁰, tal como refere a Mensagem do Papa Paulo VI aos Artistas na conclusão do Concílio do Vaticano II.

Em suma, a iconografia no geral e a imaginária em particular, patenteiam uma linguagem simbólica e comunicativa que expressa uma íntima relação com Deus, o Criador, e como sinal da presença de Deus na terra. As imagens apresentam-se como um auxílio na liturgia.

¹²⁸ HERNÁNDEZ HERNÁNDEZ, 2002: 29.

¹²⁹ PLAZAOLA, 2001: 103.

¹³⁰ https://w2.vatican.va/content/paul-vi/pt/speeches/1965/documents/hf_p-vi_spe_19651208_epilogo-concilio-artisti.html (consultado em 24-01-2018).

Aos olhos de um não crente, a imagem não tem qualquer significado além do estético.

2.3. O património religioso como símbolo da religião

No decorrer da história, a Igreja Católica tornou-se a grande detentora de um significativo espólio de peças, que pelas suas características e qualidades artísticas e históricas constituem um importantíssimo conjunto de bens patrimoniais¹³¹. Estes bens encontram-se em locais sagrados, quer expostos em capelas e altares, quer fora de uso, guardados em arrecadações ou gavetas (por exemplo, nos arcazes) – ou em sítios inimagináveis – ou musealizados, tornando-se portadores de grande carga simbólica para os crentes, pois para além de usufruírem de um valor estético e cultural são, em primeiro lugar, objetos de devoção¹³².

Tudo aquilo que esteja intimamente ligado à religião forma um conjunto sagrado, alicerçados então no património religioso – designado, também, de património eclesiástico ou património da Igreja –, contemplado em edificações arquitetónicas destinadas a esse fim (ermidas, as igrejas, os conventos, os mosteiros, triatos¹³³, entre outros), passando pelos objetos, (imagens, documentos de arquivo, alfaia litúrgica, pinturas, iluminuras, vitrais, entre outras) e pelos elementos imateriais (as tradições, os rituais, a música sacra, entre outros), que nada mais, nada menos, constituem um conjunto de bens culturais eclesiais, que fazem parte integrante da cultura do povo cristão.

Um mero objeto adquire o estatuto de bem cultural quando lhe é atribuído um valor que o distingue dos demais objetos, desta forma, um bem cultural é entendido “como qualquer manifestación o testimonio significativo de la cultura humana [...] es utilizado en muchas ocasiones como sinónimo de otras expresiones, como «patrimonio histórico o «patrimonio cultural»”¹³⁴, dotando esta diversidade de bens eclesiais como testemunhas da importância que cada comunidade enaltece em torno da religião, mantendo uma aproximação com o Divino.

Esses bens, de acordo com a CPBCI, “devem ser considerados não só como elementos de interesse antropológico e social, mas, sobretudo, como expressões

¹³¹ CARVALHO, G., 2006: 4.

¹³² *Ibidem*.

¹³³ “Triato” é uma designação muito específica utilizada nos Açores para designar uma espécie de Ermida de invocação exclusiva ao culto do Espírito Santo. São também chamados de Impérios ou Casas do Espírito Santo, tradição marcante na religiosidade açoriana, a que estão associadas as festas populares.

¹³⁴ GONZÁLEZ-VARAS, 2006: 44.

significativas de uma fé, que cresce na Igreja e encontra expressões sempre mais conformes para manifestar a sua vitalidade interior”¹³⁵. Falar de bens culturais da Igreja e de património cultural da Igreja é o mesmo, por serem expressões unívocas, embora seja mais correto utilizar o termo bem cultural da Igreja, expressão adotada pela própria Santa Sé, para referir o património da Igreja.

Transportando para o campo do património religioso da Igreja Católica, tema central deste estudo, verificamos que, grande parte do património cultural existente é alusivo a este teor fazendo da Igreja Católica detentora de um significativo tesouro eclesiástico e cultural, reconhecido, enriquecido e consolidado desde o século IV d.C, representando uma parte fundamental da mais valiosa herança cultural que a humanidade produziu. Nesta lógica, esse património é conjuntamente uma manifestação de Deus à Humanidade e uma elevação do homem para com Deus, constituindo testemunhos da identidade e da tradição dos povos.¹³⁶

São sobretudo os santuários¹³⁷, ou melhor, as relíquias dos santos e/ou mártires e as respetivas peregrinações, para venerá-las, que nos dão uma ideia mais consistente de como se foi formando, pouco a pouco, o património dentro da Igreja¹³⁸. As relíquias¹³⁹ tornaram-se um objeto de desejo e ambição de diversas comunidades, provocando a partir dos séculos VIII e IX, no centro da Europa, um grande movimento de procura e aquisição de relíquias, utilizando-se todos os meios possíveis, inclusive o engano e o roubo¹⁴⁰. Quem as possui considera que tem um precioso tesouro que tem de guardar e conservar com esmero.¹⁴¹

Desta devoção resulta o culto aos santos pelos primeiros cristãos. A estes objetos juntaram-se outros, formando os tesouros das igrejas, estando na origem de futuros museus eclesiásticos.

O extenso património eclesiástico formado ao longo das várias centúrias agrupa-se por tipologias: têxteis e paramentos, esculturas, pinturas, mobiliário, alfaia

¹³⁵ Comissão Pontificia para os Bens Culturais da Igreja, 2000: 55.

¹³⁶ Carta da Villa Vigoni, 1994 - Sobre a Conservação dos Bens Culturais Eclesiásticos.

¹³⁷ Os santuários, derivado do termo latino *santuarium*, nos primeiros tempos, faziam referência às relíquias do corpo do mártir e/ou santo, conhecendo o significado de lugar sagrado, onde se costuma ir em peregrinação, só a partir do primeiro milénio.

¹³⁸ HERNÁNDEZ HERNÁNDEZ, 2002: 20.

¹³⁹ *Vd.* LAMEIRA, F., EVARISTO, C., LOUREIRO, J., 2016.

¹⁴⁰ HERNÁNDEZ HERNÁNDEZ, 2002: 22.

¹⁴¹ *Idem*: 20.

litúrgicas, instrumentos musicais, documentos. No entanto, peças que fazem parte de ações rituais, como as peças de ourivesaria destinadas a servir a Eucaristia, adquiriram um estatuto de objetos sagrados. Neles se enquadram as alfaias litúrgicas, como as patenas, os cálices, os cibórios mais conhecidos por píxides, as galhetas, o gomil e a custódia.

Como “nenhum templo ou casa de religião podia ser fundado sem ser dotado de um património considerado suficiente para a manutenção dos ministros do culto e dos edifícios, cujo valor e composição foi variando ao longo dos tempos”¹⁴², não é de estranhar tamanho enriquecimento ao longo dos séculos das igrejas. Aliás, a história da construção do espólio de matriz religiosa inicia-se entre os séculos IV e VII, no qual se registou uma diferenciação entre objetos sagrados e objetos profanos pela riqueza material e pela introdução de elementos de iconografia religiosa na decoração, desenvolvendo-se o culto no sentido da luxúria, na medida em que se exigia uma riqueza material, do material das peças, não sendo de estranhar que a maioria das alfaias litúrgicas seja concebida em ouro¹⁴³. Apesar de o luxo ter sido contestado em certos períodos, prevaleceu sempre a ideia de que o melhor deveria ser oferecido a Deus.

Por si só, as igrejas podem ser consideradas uns autênticos “museus”, sem querermos tirar o verdadeiro sentido litúrgico para o qual foram construídas, na medida em que estão expostas para devoção parte do acervo, permitindo uma significativa contemplação estética por quem a visita. Na verdade, se atendermos que os turistas, quer nacionais quer internacionais, independentemente da sua confissão religiosa, visitam as igrejas, quase como um ponto de paragem obrigatório, pela magnificência do edifício como pela beleza do seu interior, podemos constatar que a arte religiosa é de interesse universal.

O património religioso encontra-se ao serviço da missão da Igreja, atuando “na vida concreta dos homens e recorre a meios e critérios que, embora iluminados pela perspectiva evangélica, guardam a sua própria consistência natural e cultural. Neste sentido, o direito da Igreja (e das instituições que histórica e organicamente a constituem, segundo normas internas) a dispor de um património cultural, criando-o,

¹⁴² AZEVEDO: 2000, Vol. 1: 267.

¹⁴³ ROQUE, M., 2011: 199-200.

administrando-o, fruindo-o, salvaguardando-o e valorizando-o, é essencial ao desempenho do seu múnus”¹⁴⁴.

E neste aspeto reforçamos que “en la mente de la Iglesia, sus «bienes culturales» son todo aquello que el «*homo cristianos*» ha hecho para vivir la religión «en espíritu y en verdade». Formam, pues, um mundo muy complejo que solamente es comprensible desde su intrínseca espiritualidade”¹⁴⁵. O património religioso foi ao longo dos séculos concebido para estar ao serviço da Igreja e do seu povo, desempenhando a sua principal função social.

O património da Igreja foi construído ao longo dos vários séculos com diversas finalidades, algo unânime nos documentos “*Para uma pastoral da cultura*”, “*Princípios e Orientações sobre os Bens Culturais da Igreja*”, “*Património histórico-cultural da Igreja*”, “*A função pastoral dos museus eclesiais*”, quer elaborados pelo CPC, quer pela CEP e pela CPBCI: culto, evangelização, catequese, memória, identidade e cultura.

A primeira utilidade e inquestionável, reside na função cultural a ele inerente, pelo seu significado litúrgico, dado que o património religioso nasce com esse propósito de devoção e de prece, a sua essência, constituindo o alicerce da religião, que tal como já foi explicado ao longo desta investigação, proporciona uma relevante aproximação entre o crente e o seu Deus através de um contato visual físico. Como explica Damián Igúacen, o património religioso “provém da fé do povo cristão, exprime essa fé e destina-se a ajudar a vivê-la em comunidade”¹⁴⁶.

De seguida, a função de catequese – evangelização –, de certa forma ligada à função do culto, contribui para espalhar a mensagem intrínseca presente em cada bem patrimonial, proporcionando não só uma formação na fé como espalhar o seu anúncio, tão importante numa sociedade que se torna cada vez mais descrente e laicista.

O património eclesial apresenta a grande responsabilidade de manter viva uma memória histórica universal, nacional, regional e local “que deve ser colocada ao serviço de todos os membros da Igreja, de quantos por ela se interessam e dos que são objecto da sua missão de salvação, isto é, todos os homens. Enquanto memória histórica

¹⁴⁴ Conferência Episcopal Portuguesa, 1990.

¹⁴⁵ PETSCHEN, 1996: XVII.

¹⁴⁶ IGUACEN, 1996: 37.

da Igreja, o património é, ao mesmo tempo, expressão significativa da sua tradição viva através dos séculos e, em certa medida, faz parte do depósito da fé”¹⁴⁷, permitindo “redescobrir o caminho da fé através das obras de diversas gerações”¹⁴⁸, ao passo que, “pelo seu conteúdo cultural, transmitem à sociedade atual a história individual e comunitária da sabedoria humana e cristã, no âmbito de um território concreto e de um determinado período histórico”¹⁴⁹.

Associada à memória histórica está a identidade de um povo, sendo o património religioso o seu reflexo, na medida que forma uma unidade conduzindo para uma coesão e partilha de testemunhos materiais. Portanto, aos bens culturais eclesiais está sempre inerente um valor cultural e um valor cultural, conduzindo a um forte pendor identitário, quer a nível local quer a nível universal. No entanto, o valor cultural não deve prevalecer sobre o valor cultural, verdadeira essência do património religioso.

O património da Igreja forma-se do particular para o geral, na medida em que se constitui no seio de uma comunidade local, ou seja, numa Freguesia, que por sua vez faz parte de um Concelho, que por sua vez se encontra inserido num Distrito, que integra uma Região, uma Diocese, um País e o Mundo, compondo um acervo não só identificável de determinado local mas que identifica, em simultâneo, o que se encontra na Igreja a nível universal. No entanto, tão depressa é tão unânime como se diferencia uns dos outros, sendo motivo de comparação permanente, mas mantendo sempre a mesma essência: a Fé.

O património religioso encontra-se circunscrito por símbolos e significados, mercê de uma correta interpretação e comunicação junto de crentes e não crentes. À luz destas considerações, “o entendimento dos objetos é parte integrante de uma abordagem alargada que abarca um conjunto de ações e de olhares sobre o espaço, os objetos, a devoção, o contexto, os símbolos, a arte e muitos outros aspetos do mundo religioso”¹⁵⁰.

As edificações monumentais de igrejas católicas são verdadeiros documentos, na medida em que abordam a história da religião num dado lugar, bem como, a análise estilística de cada período da História da Arte e as respetivas conjunturas de cada época.

¹⁴⁷ Conferência Episcopal Portuguesa, 1990.

¹⁴⁸ Comissão Pontifícia para os Bens Culturais da Igreja, 2005: 1.1.

¹⁴⁹ *Ibidem*.

¹⁵⁰ SALDANHA, S., 2015: 64.

Dado o seu vasto acervo, em termos de posse e administração, a Igreja Católica é a legítima proprietária dos bens patrimoniais que estão debaixo da sua alçada, repartidos entre as “as Dioceses, os Seminários, as Paróquias, os Institutos de Vida Consagrada, as Misericórdias, Confrarias e outras Associações reconhecidas para o efeito segundo as leis da Igreja”¹⁵¹, encarregues do seu correto zelo na pessoa responsável do pároco no caso das paróquias, ou outros elementos ligados à Igreja, nos outros casos.

Porém, este valioso património aglomerado ao longo dos vários séculos foi constantemente cobiçado pelo Estado, que viu no património eclesiástico uma fonte de enriquecimento, levando a cabo alguns feitos – diga-se de passagem, menos felizes –, apropriando-se de uma significativa parte do espólio eclesial. Tudo começou no século XVIII, no tempo do Marquês de Pombal, quando expulsou a Companhia de Jesus de Portugal, sendo os bens culturais roubados ou apropriados. O segundo momento deu-se com a extinção das Ordens Religiosas, instituído pelo decreto de 28 de maio de 1834 – numa primeira fase, as ordens masculinas no mesmo ano da promulgação do decreto, e numa segunda fase, as ordens femininas entre a década de 1830 e os inícios de 1900 –, na qual os bens patrimoniais foram incorporados na Fazenda Nacional, utilizando-se os edifícios para instalação de serviços públicos, sobretudo, escolas, repartições de finanças, instituições camarárias, etc. Por fim, a separação entre Igreja-Estado com a Lei de Separação de 20 de abril de 1911, que de entre as muitas medidas, estendeu a nacionalização dos bens a todas as instituições eclesiásticas, facilitando a transferência de objetos de cunho religioso do espaço sagrado para o espaço profano.

Porém, no pós-28 de maio de 1926 o panorama alterou-se ligeiramente face a 1911, havendo uma maior proximidade e tolerância entre a Igreja e o Estado ainda que com reservas, especialmente face ao património outrora expropriado, mantendo-se sobre posse do Estado, mas acessível à Igreja passando a “deter direito de uso, ainda que em situações excepcionais, em cerimónias de celebração histórica ou forte sentido simbólico e com as restrições devidas ao estatuto de património de Estado”¹⁵².

Outra parte do património religioso desapareceu fruto das catástrofes naturais e da ação humana, caso da destruição e roubo de arte sacra na época das invasões

¹⁵¹ Conferência Episcopal Portuguesa, 2005.

¹⁵² ROQUE, M. 2011: 110.

francesas. Um dos grandes eventos devastadores decorreu em 1755 com o terramoto de Lisboa, no qual deflagrou um grande incêndio que propiciou ao esquecimento de parte do espólio.

À luz destes acontecimentos, estas ações levaram a perdas consideráveis dos bens culturais eclesiais, muitos deles irrecuperáveis, tal como descreve Maria Isabel Roque “o processo de recolha, inventariação e distribuição dos bens revelou-se desadequado face ao volume do património envolvido, permitindo a danificação, por falta de condições de conservação e segurança nos depósitos, ou perda, por extravio ou destruição, de obras com eventual valor artístico”¹⁵³.

O enobrecimento e enriquecimento do dote patrimonial da Igreja Católica deveu-se, sobretudo, à época gloriosa Medieval pela proteção régia, ofertas dos fiéis, muitas das vezes fruto das promessas realizadas e das devoções., enriquecimento monetário da Igreja para aquisição de bens culturais, havendo, claro, períodos de declínio.

Seguramente que a iconografia é um tema predominante quando falamos em bens culturais da Igreja. A iconografia é uma verdadeira ferramenta que possibilita a leitura da mensagem que está subjacente às peças. Elas foram produzidas ao longo dos séculos para transmitir uma determinada mensagem, apesar de figurarem nas igrejas como simples ornamentos decorativos e devocionais, têm de facto uma leitura e interpretação que deve ser realizada, e a Igreja neste aspeto tem uma responsabilidade acrescida, justamente porque deve fazer em primeira mão e com a melhor qualidade possível a representação dos mesmos.

O património eclesial não é estático, é algo vivo e em contínuo crescimento, incentivando-se mesmo à aquisição de peças artísticas mais contemporâneas, dado que marcam uma época, portanto “se é importante conservar o que foi herdado, é igualmente importante ter capacidade criadora para transmitir às gerações futuras, testemunhos vivos da nossa cultura ao serviço da fé”¹⁵⁴. Neste âmbito, o património religioso não deve ficar “preso” ao passado, entendido muitas vezes como o fim, pelo contrário, ao passado devem-se juntar peças contemporâneas, formando-se o património de determinada época.

¹⁵³ ROQUE, 2011: 48.

¹⁵⁴ IGUACEN, 1996: 35.

De destacar que a riqueza patrimonial eclesial não se encontra na materialidade dos objetos, mas sim na sua simplicidade na difusão da evangelização, é “testemunha específica da «Tradição», ou seja, da ação com a qual a Igreja, guiada pelo Espírito Santo, leva o Evangelho aos povos. Ele é qualificado como «património» na medida em que se ordena à promoção humana e à evangelização. É através do património que a ação pastoral da Igreja se estende a todo o mundo, dando continuidade e horizonte à vida eclesial”¹⁵⁵.

O património religioso, nas suas variadas valências, é a forma mais comunicativa de fazer chegar a mensagem de evangelização aos crentes e não crentes. Para que se concretize na sua missão, é fundamental a transmissão do mesmo de geração em geração, atuando como um instrumento da pastoral ao serviço da evangelização.

Para as comunidades, a Paróquia e os seus bens culturais podem e devem ser alvo de particular atenção, cuidado e carinho, pois traduzem a memória de outros fiéis que quiseram mostrar, defender e perpetuar a sua fé.

A Igreja está, pois, empenhada em renovar e desenvolver uma atividade de defesa e valorização do seu património histórico-cultural. Para isso, é seu propósito prosseguir, segundo métodos técnicos e museológicos adequados, na inventariação das suas componentes, móveis ou imóveis, peças singulares ou conjuntos. Por outro lado, deseja garantir-lhes segurança, recorrendo, sempre que possível, a meios modernos que os protejam quer da deterioração de fatores naturais ou do desgaste resultante da ação humana, quer do vandalismo ou do furto, sobretudo de bens móveis.

Amplamente com uma dupla funcionalidade, os bens culturais da igreja testemunham a fé e exprimem os sentimentos da comunidade cristã. Não é só para servir a fé dos cristãos que o património eclesial existe, mas é essa mesma fé que o enriquece e contribui para o seu desenvolvimento¹⁵⁶.

Se o património cultural está associado à cultura, contém a memória história e por inerência a identidade, lógico que os bens culturais da Igreja são também sinónimo de memória histórica, permitindo “redescobrir o caminho da fé através das obras de

¹⁵⁵ Comissão Pontifícia para os Bens Culturais da Igreja, 2000: 125.

¹⁵⁶ CHAPPIN, 1996: 14.

diversas gerações. Pelo seu valor artístico, manifestam a capacidade criativa dos artistas, artesãos e mestres locais que souberam exprimir nas coisas simples o próprio sentido religioso e a devoção da comunidade cristã. Pelo seu conteúdo cultural, transmitem à sociedade atual a história individual e comunitária da sabedoria humana e cristã, no âmbito de um território concreto e de um determinado período histórico. Pelo seu significado litúrgico, estão dirigidos especialmente para o culto divino. Pelo seu destino universal, permitem que cada um possa usufruir dos mesmos, sem se tornar um seu proprietário exclusivo”¹⁵⁷.

A dimensão pastoral molda todas as políticas diocesanas no campo do património eclesiástico, bem como, toda a ação e dinamização desenvolvidas para e a partir do património eclesiástico. Neste contexto, os museus eclesiásticos “podem assumir-se como os principais intervenientes e dinamizadores da ação pastoral a partir do património cultural da Igreja, tomando a retaguarda e a linha da frente na conceção de estratégias e de intervenções concretas, coordenando toda a atividade, num dado território, em torno da conservação, investigação e comunicação do património e da memória coletiva e dando, a todas essas operações, um princípio e um fim eminentemente eclesial e evangelizador”¹⁵⁸. No entanto, e como temos verificado, o património eclesiástico foi feito com um propósito não se podendo colocá-lo no mesmo patamar das peças museológicas, respeitando a sua natureza e não desvirtuando-a¹⁵⁹, sendo os museus da Igreja instituições “auxiliares” da missão evangelizadora, para que as peças continuem a exercer a sua missão pedagógica e evangelizadora.

Em suma, o património cultural eclesial faz parte da vida e da missão da Igreja, baseia-se na fé e expressa a fé, exercendo um papel mediador de anúncio junto dos cristãos, dos crentes de outras confissões religiosas e dos não crentes, revitalizando a missão evangelizadora da Igreja. Este património está ligado não só à identidade da Igreja Católica como à identidade de um povo, estando incumbido não só à Igreja, aos sacerdotes, aos seus paroquianos e a todos que dele usufruem, uma correta conservação a fim de que possa perdurar no tempo a memória identitária eclesial.

¹⁵⁷ Comissão Pontifícia para os Bens Culturais da Igreja, 2005: 1.1.

¹⁵⁸ AFONSO, 2015: 25-26.

¹⁵⁹ Conferência Episcopal Portuguesa, 1990.

2.3.1. O material e imaterial presente no património religioso

Sendo o Património Cultural uma realidade complexa que abrange distintas categorias, vagarosamente o imaterial passou a ser uma constante preocupação quanto à sua salvaguarda nos últimos anos. Por património cultural imaterial entende-se “as práticas, representações, expressões, conhecimentos e aptidões — bem como os instrumentos, objetos, artefactos e espaços culturais que lhes estão associados — que as comunidades, os grupos e, sendo o caso, os indivíduos, reconheçam como fazendo parte integrante do seu património cultural”¹⁶⁰, manifestado nos domínios “[das] Tradições e expressões orais, incluindo a língua como vector do património cultural imaterial; [das] Artes do espectáculo; [das] Práticas sociais, rituais e eventos festivos; [dos] Conhecimentos e práticas, relacionados com a natureza e o universo; [das] Aptidões ligadas ao artesanato tradicional”¹⁶¹.

Partindo da definição, constata-se que o património cultural na sua vertente material, qualquer que seja a sua tipologia, é composto tanto pelo tangível como pelo intangível, complementando-se. O objeto é material, mas a sua essência é imaterial, ou seja, é com base na imaterialidade que surge a materialidade, podendo-se mesmo afirmar que o imaterial dá vida ao material. Todos os objetos surgem da imaterialidade que é tornada visível. Com base nisto, os objetos religiosos são a prova mais concreta em que a imaterialidade ganha vida, tornando-se palpável aos olhos.

Neste contexto, a imaterialidade do património cultural pode ser agrupada em três níveis, na perspetiva de Giovanni Pinna, com base na essência, ou seja, o primeiro encontra-se “associado aos objectos representativos e relacionados com uma manifestação cultural de uma comunidade (costumes, rituais, folclore, etc.); a segunda categoria refere-se ao PCI que não tem forma material (língua, tradição oral, memória,

¹⁶⁰ UNESCO, 2003: artigo 2º.

¹⁶¹ *Ibidem*.

música de improviso, dança, etc.). A última categoria tem a ver com o significado de cada objecto em função da sua história e das várias interpretações a que foi sujeito”¹⁶².

Transpondo para o património de cariz religioso, mais do que qualquer outro, é exemplo do quão presente o intangível está no cerne do tangível, dado que a vertente material religiosa está intrinsecamente ligada ao simbolismo, que por sua vez está associado aos símbolos que se traduzem em objetos, enquadrando-se na primeira e última categoria que Giovanni Pinna alude. Para além do vasto conjunto patrimonial material religioso, a vertente imaterial constitui, também, um riquíssimo património religioso, nomeadamente no que toca a tradições, a orações, a música sacra, a gestos e a práticas rituais.

Porém, exemplificando com as práticas rituais, estas não são passíveis de serem realizadas sem a vertente material, ou seja, para a realização da celebração Eucarística os sacerdotes recorrem à utilização de certos objetos, denominados de sagrados, como o cálice, a patena, a píxide, as galhetas, o gomil e bacia de abluções, imbuídos de simbologia e destinados para um fim específico. Descodificando o significado, o cálice é utilizado pelo celebrante para consagrar o vinho em sangue de Cristo; a patena é usada para consagrar a hóstia em corpo de Cristo; a píxide ou cibório guarda as hóstias consagradas para a distribuição na sagrada comunhão; as galhetas contêm a água (galheta da água) e o vinho (galheta do vinho) para a utilização na Eucaristia; o gomil de abluções é um vaso para verter a água das abluções sobre as mãos dos sacerdotes e dos ministros extraordinários da comunhão utilizado para verter as abluções e a bacia de abluções é um recipiente utilizado para recolher a água das abluções durante a celebração eucarística.

Em termos de tradições, podemos distinguir as procissões realizadas ao longo do ano, que nada mais, nada menos são práticas rituais, festivas, sociais, culturais e identitárias de uma comunidade paroquial. As procissões são manifestações públicas religiosas em forma de cortejos solenes realizadas ciclicamente em torno de uma festividade. As mesmas são compostas por pessoas, por andores com imagens (dependendo da procissão), pela cruz e lanternas processionais, por objetos sagrados (por exemplo, o turíbulo, a naveta, a custódia ou o Santo-Lenho – estes dois transportados nas mãos do sacerdote sob o pálio –, entre outros), o próprio vestuário

¹⁶² *Apud* CARVALHO, A., 2011: 124.

utilizado pelo sacerdote (destaca-se a capa de asperges), pelos homens que usam opas e pelas crianças trajadas de anjos, pela banda filarmónica, entre outros.

Outro exemplo vincado, da dicotomia estabelecida entre o visível e o invisível são os relicários, que contém a relíquia de uma pessoa Santo(a). Neste aspeto, “Le reliquaire devient en quelque sorte étranger à lui-même; il peut fasciner par sa beauté ou son étrangeté, mais il ne livre plus le sens de la piété qui l’a suscité”¹⁶³.

Portanto, o património religioso é uma herança cultural e espiritual onde coexistem uma dualidade entre o espiritual, na sua vertente intangível, e o material na representação pública, sempre devocional, destes objetos, onde a forma, a preciosidade da matéria e a excelência do trabalho, sublinhavam simbolicamente a sacralidade do seu conteúdo”¹⁶⁴. Assim, “através do PCI é possível identificar e destacar o valor cultural das colecções, revelando as diversas camadas de conhecimento que um objecto pode potenciar: modos de produção e utilização, contextos (históricos, sociais, culturais), valores simbólicos, valores identitários entre outros significados”¹⁶⁵.

2.3.2. O inventário como fonte de conhecimento das igrejas

A prática do inventário não é, de forma alguma, contemporânea. Estando a religião novamente presente como impulsionadora de algo, neste caso, da prática de inventário, enraizada desde os tempos dos sacerdotes gregos, principais zeladores dos *thesaurus* que tinham como função detalhar os dados do objeto, como “o nombre, materia, peso, nombre y nacionalidad del donante, nombre del dios al que se realizaba la ofrenda y la fecha de ingreso”¹⁶⁶, foi ao longo dos séculos intensificando-se, verificando-se uma prática notória nos gabinetes de curiosidades. Porém, esta prática no

¹⁶³ BOUTRY e JULIA, 1999: 114.

¹⁶⁴ ROQUE, M., 2011: 22.

¹⁶⁵ CARVALHO, A., 2011: 125.

¹⁶⁶ HERNÁNDEZ HERNÁNDEZ, 2008: 14.

seio eclesial foi mais notória aquando da apropriação dos bens por parte do Estado, no qual o Decreto de 30 de maio de 1834 estabelecia que se fizesse o arrolamento dos bens patrimoniais das Ordens Religiosas, verificando-se que “a realização de inventários era lenta, inadequada face ao ritmo a que se processava o arrolamento, e a informação que continham era sumária, limitando-se a enumerar os objectos e a apontar-lhes o peso respectivo, o que evidencia o critério de avaliação monetária das peças em detrimento da apreciação do seu valor artístico e patrimonial”¹⁶⁷.

O inventário é definido pela CPBCI como “uma actividade cognoscitiva de base. Pode ser definida como sendo «anagráfica», dado o sistema puramente enumerativo e extrínseco que o constitui”¹⁶⁸. Definição mais completa encontra-se na Lei nº107/2001, de 8 de setembro “*Lei de bases da política e do regime de protecção e valorização do Património Cultural*”, na qual esclarece que a inventariação consiste no “levantamento sistemático, actualizado e tendencialmente exaustivo dos bens culturais existentes a nível nacional, com vista à respectiva identificação”.

Portanto, o inventário é uma relação dos bens culturais que constituem um determinado acervo, que visa a identificação e individualização de cada bem cultural, determinando, assim, a identidade de cada objeto patrimonial, promovendo a respetiva valorização e fruição.

A prática da inventariação, normalmente, está associada a instituições museológicas, sendo uma das funções que consta na Lei nº47/2004, de 19 de agosto “*Lei-quadro dos Museus Portugueses*”, porém, esta prática estende-se a outras instituições, como por exemplo, as de cariz religioso, como forma de proteção legal dos bens culturais. Prática esta que estava já implementada no âmbito eclesial desde a Antiguidade, embora diferenciando-se da atualidade, pela forma de exigência de o tornar mais completo e não sobre a forma de listagem, como outrora aplicado.

Esta ação aplicada às instituições eclesiásticas permite conhecer, conservar e valorizar o património religioso existente em cada Paróquia, em cada Ouvidoria, e por fim, em cada Diocese, possibilitando uma correta identificação.

¹⁶⁷ ROQUE, M. 2011: 47.

¹⁶⁸ Comissão Pontifícia para os Bens Culturais da Igreja, 2000: 115.

Compete a cada sacerdote aquando a sua entrada ao serviço de uma comunidade paroquial proceder ao inventário do património existente na paróquia, diligência que se encontra expressa no Código de Direito Canónico de 1989, no cânone 1283, por forma a saber o que existe numa determinada época, para mais tarde outros párocos poderem comparar, pois antes que tudo são eles os responsáveis pelo património e como tal o seu principal defensor. No entanto, na impossibilidade de fazerem por si só este procedimento, devido à condução pastoral da comunidade, deverão contatar um profissional habilitado na área para proceder à realização do mesmo com rigor científico.

Os objetos a serem inventariados, no âmbito material, dividem-se em duas categorias: os bens patrimoniais móveis, onde estão incluídos todos os objetos que se encontram destacados, que se podem mover, nomeadamente, imagens, pinturas, alfaia litúrgicas, paramentos, mobiliário, instrumentos musicais, documentos, entre outros, e os bens patrimoniais imóveis, subentendidos como edificações, entre elas, igrejas, ermidas, conventos, mosteiros, entre outros. Posteriormente é necessário proceder-se ao inventário do património imaterial de cariz religioso.

Na Carta-circular “*Necessidade e urgência da inventariação e catalogação do Património Cultural da Igreja*”, redigida pelo CPBCI, sugere-se que a metodologia a aplicar no inventário compreenda três fases: “a) a individuação dos objectos que fazem parte do património cultural, a qual se concluirá com a redacção do inventário geral; b) a elaboração da ficha na qual se descreve os objectos, e que se conclui com a compilação da ficha nas suas diversas articulações; c) ordenação das fichas, que deverá ser concluída com a formação do catálogo”¹⁶⁹. De certa forma concordamos com estes pontos, embora achemos que primeiro que tudo se devia proceder ao levantamento de anteriores inventários, se existentes, para se comparar o que ainda perdura, à medida do que se vai inventariar.

As fichas de inventário devem estar estruturadas em torno das metodologias aceites a nível nacional e internacional, veja-se por exemplo, as Normas de Inventário elaboradas pela DGPC, útil ferramenta de orientação.

A partir do inventário tem-se a percepção do património existente em cada igreja, percebendo-se o valor histórico, artístico, cultural e sentimental que cada peça

¹⁶⁹ Comissão Pontifícia para os Bens Culturais da Igreja, 2000: 117.

apresenta, através, do levantamento exaustivo de informações, permitindo uma investigação aprofundada do bem patrimonial. Para tal se aconselha uma consulta exaustiva de livros do tombo¹⁷⁰, livros de receitas e despesas da paróquia e documentos das visitas pastorais, que normalmente permanecem no arquivo de cada paróquia, embora conscientes de que nem tudo era registado ou foi-se perdendo no decorrer dos séculos.

Note-se que se torna importante que o inventário não seja apenas uma listagem de objetos, mas sim uma listagem complexa, na qual cada objeto tem o seu número de inventário e a sua respetiva ficha com todas as informações, quer em suporte de papel, quer informatizadas em programas específicos ou por programas da ótica do utilizador.

No âmbito da conservação, o inventário é uma ferramenta fundamental também para se fazer a avaliação do estado de conservação de cada bem patrimonial existente, verificando-se na maioria dos casos inadequadas formas de manuseamento, limpeza e exposição. Assim, procede-se a sensibilizações de conservação preventiva junto dos zeladores.

O inventário, por todos os motivos que têm sido apresentados, permite trazer à luz raridades e soluções para peças que se encontram menosprezadas, encaminhando-as para a musealização dentro do espaço de origem, oferecendo-lhes uma nova dignidade, perpetuando a função catequética a ela inerente.

À luz da salvaguarda, em caso de roubo, a ficha de inventário torna-se o elemento fundamental para disponibilizar às forças policiais, pois nela consta as informações necessárias da peça roubada para se proceder a investigação e recuperação do objeto patrimonial.

No entanto, por motivos de segurança dos bens patrimoniais, recomenda-se que o acesso às informações seja restrito “uma vez que nem todos os dados precisam de ser postos à disposição de qualquer um”¹⁷¹, mantendo-se sob sigilo todas as informações, sendo imprescindível “distinguir o inventário completo (feito em papel ou informaticamente) de um inventário eventualmente cedido às redes informáticas”¹⁷².

¹⁷⁰ Livro no qual se encontra registado todos os acontecimentos mais significativos da vida de cada paróquia.

¹⁷¹ Comissão Pontifícia para os Bens Culturais da Igreja, 2000: 130.

¹⁷² *Ibidem*.

Para além das razões apresentadas sobre a importância do inventário, acrescentamos que através deste meio, evita-se a “dispersão do património, porquanto fornece um suporte material através do qual a sua memória vai ser conservada; a mesma operação permite ainda registar ulteriores desenvolvimentos, transformações, extravios e aquisições”¹⁷³.

Como a prática do inventário ainda não conheceu uma normalização de itens, termos, etc., em Portugal, promovido pelo SNBCI e em curso desde 2014, encontra-se o Projeto *Thesaurus* que consiste em “proporcionar às instituições da Igreja uma dinâmica global de actuação, na área do Inventário, capaz de fomentar a cooperação entre dioceses e a adequação dos procedimentos de inventário. Uma iniciativa integrada no âmbito da parceria estabelecida com a Fundação Calouste Gulbenkian e a Sistemas de Futuro Lda., contempla, entre as suas valências, uma componente formativa especializada. Promovendo o encontro periódico de responsáveis diocesanos, inventariantes e especialistas, constitui uma etapa fulcral na concretização do projecto”¹⁷⁴.

2.3.3. Conservar para perdurar

À semelhança do que é transversal nas diversas culturas do Ocidente, a memória de um passado só se mantém viva com a preservação dos elementos aos quais se atribui um valor, independentemente de qual seja. Como temos referido, a Igreja tem assumido um importante papel em defesa do seu património religioso, entendido como um importante meio de comunicação da mensagem de salvação para multidões de crentes e não crentes, formulados em vários atos pontifícios e conciliares.

¹⁷³ Comissão Pontifícia para os Bens Culturais da Igreja, 2000: 122.

¹⁷⁴ <https://www.bensculturais.com/areas-de-actuacao/inventario/777-projecto-thesaurus> (consultado em 14-02-2018).

Como é sabido o património eclesial encontra-se em perigo iminente no que respeita o campo da defesa e preservação do património, abrangendo um leque amplo, ao nível da titularidade dos bens, a segurança, a conservação e, por último, o restauro.

É certo que o estado dos bens patrimoniais variam de Diocese para Diocese, de Paróquia para Paróquia, reconhecendo-se que em algumas Dioceses encontra-se implementado já, um plano de conservação.

Porém, para que o património de cariz religioso – ou outra tipologia – passe de geração em geração, como herança recebida, é estritamente necessário uma correta conservação, por vezes, descurada no seio eclesial, sobretudo, pela falta de sensibilização e ações formativas junto dos zeladores e dos sacerdotes.

Relativamente a este último ponto, mas transportando para o âmbito do campo do restauro, presenciamos com alguma frequência intervenções executadas por pessoas de “boa-fé” que acham que possuem um certo jeito e, numa atitude voluntarista, tomam a iniciativa ou disponibilizam-se para executar, sobretudo, pinturas de santos e de retábulos ou retocar composições pictóricas, resultando em destruições irreparáveis, na maioria das vezes. Resultado desta “boa-fé” temos o exemplo da pintura do Ecce Homo de Saragoça, um fresco do século XIX da autoria de Elías García Martínez no Santuário da Misericórdia de Borja, Província de Saragoça, “pseudo-restaurado” por uma popular bem-intencionada. Este é apenas um exemplo de outros tantos exemplos conhecidos ou não. Este tipo de intervenções, que ao fim ao cabo acabam por ser destrutivas, não pode ser conduzido pelos gostos pessoais dos restauradores, dos sacerdotes e das comunidades.

Se no decorrer dos vários séculos de existência a Igreja tem a mais alta estima pelo seu património, considerando “tradicionalmente como parte integrante do seu ministério a promoção, a custódia e a valorização das mais altas expressões do espírito humano no campo artístico e histórico¹⁷⁵”, é indispensável que, primeiro que tudo, durante a passagem dos futuros sacerdotes pelo seminário, seja incutida uma profunda consciência do valor do património eclesiástico, bem como a sua adequada conservação, preparando-os para as futuras responsabilidades em torno deste valioso património, sendo uma missão que lhes está circunscrita.

¹⁷⁵ Comissão Pontificia para os Bens Culturais da Igreja, 2000:11.

A eventual falta de sensibilidade que se verifica em algumas igrejas, em que o património encontra-se mal intervencionado sem quaisquer critérios éticos e rigor técnico ou científico, leva a consequências irremediáveis, como o caso, dos restauros destrutivos, como já referimos. É um problema que, infelizmente, ainda decorre nos dias atuais, cuja importância não deve ser menosprezada, se se considerar a utilidade para a tarefa da nova evangelização. A sensibilização é o único meio para a consciencialização do valor e importância do património religioso e da sua inerente conservação, incutindo simultaneamente a responsabilidade para a sua proteção, sendo também uma forma de despertar o cuidado para com todo o património cultural em geral.

De forma a acautelar estes feitos, e fruto do empenho da consciencialização do valor do património artístico, histórico e cultural dos povos, a Santa Sé criou na Cúria Romana, uma Comissão Pontifícia que tem a seu cargo cuidar do património histórico e artístico de toda a Igreja – a CPBCI¹⁷⁶ –, auxiliando as dioceses e os bispos no trabalho de defesa e promoção desses bens, com as diversas orientações aprovadas, e contribuindo para que o povo de Deus, em geral, se torne cada vez mais consciente dos seus direitos e deveres neste campo. Fruto deste advento, de modo a ser mais eficaz, estendeu-se a cada Diocese a criação de uma Comissão responsável pelos assuntos do património religioso, constituído essencialmente por leigos especializados em várias matérias, encarregues de acompanhar de perto as intervenções a serem efetuadas nos bens culturais religiosos.

Queremos com isto dizer, que não se pode intervir no património de cariz religioso, móvel ou imóvel, sem pedir um relatório prévio da ação a realizar e enviar um pedido de parecer à CDBCI que dará o seu aval.

O património religioso é frágil, não no verdadeiro sentido da palavra, mas sim associado a uma maior exposição à deterioração, necessitando de cuidados redobrados na sua conservação. Em termos práticos, isto significa que por exemplo, as imagens que se encontram ao longo de todo o ano no interior da igreja, expostas à veneração dos fiéis num altar, familiarizadas com a temperatura e humidade existente nesse espaço, ao saírem numa procissão sofrem grandes variações de temperatura e humidade, já para

¹⁷⁶ A CPBCI foi criada em 1993 pelo Papa João Paulo II com a promulgação do *Motu Proprio “Inde a Pontificatus Nostri initio”* em substituição da Comissão Pontifícia para a Conservação do Património Artístico e Histórico da Igreja, fundada em 1988 pelo mesmo Papa através da Constituição Apostólica *Pastor Bonus*, cuja principal missão se prende com a conservação e valorização do património religioso.

não falarmos da exposição à luz solar ou então a condições atmosféricas adversas a que muitas vezes estão sujeitas, propiciando a sua degradação. Damos este exemplo, mas poderíamos dar muitos mais.

Habitualmente é comum ouvir-se falar, neste âmbito, de restauro, termo utilizado popularmente para designar qualquer tipo de intervenção num bem patrimonial. No entanto, existe uma diferenciação entre os conceitos de conservação e restauro, utilizados muitas vezes como sinónimos mas com significados opostos, pois um previne que se chegue ao outro. Está provado que as boas práticas de conservação preventiva conduzem a uma maior longevidade das coleções e a uma melhor gestão de recursos, reduzindo a necessidade de intervenções curativas onerosas e evitando perdas patrimoniais.

A conservação consiste numa ação para prevenir ou retardar a degradação, mantendo durante o máximo tempo possível os materiais que constituem o objeto, portanto consiste em tratamentos diretos sobre as obras com o objetivo de estabilizar o processo de degradação. Operações características de conservação prendem-se, em primeiro lugar, na análise dos fatores de deterioração para, num segundo momento, se proceder a medidas adequadas para a prevenção da degradação.

Neste âmbito, a conservação agrupa-se em duas grandes categorias, baseada ora numa conservação preventiva (ação que atua sobre as causas de degradação dos materiais), voltada para uma intervenção indireta sobre as condições ambientais de uma coleção ou de um objeto para reduzir ao mínimo os riscos da degradação, ora numa conservação curativa (atua sobre os efeitos de degradação dos materiais), que se resume a uma intervenção direta sobre uma coleção ou objeto quando a integridade está comprometida.

A conservação preventiva deve ser uma prioridade, acessível a todos, regida por três princípios fundamentais: identificação dos fatores, avaliação dos riscos, o conhecimento detalhado de cada situação, e a elaboração de um plano de conservação preventiva. Para a realização deste último, é necessário conhecer e ter em conta as necessidades de que cada bem necessita, tendo em conta os seus materiais constituintes, os processos de produção e o estado de conservação dos bens em questão.

A diferença que distingue os dois conceitos reside especificamente no tipo de intervenção sobre o objeto patrimonial a ser intervencionado: no primeiro, é uma intervenção indireta; no segundo, se bem que deva ser mínima, é direta e implica reações químicas dos materiais constituintes com os produtos utilizados, além da introdução de materiais novos e exposição a níveis de iluminação elevados (nas fases de diagnóstico, registo e tratamento).

Nesta perspetiva, a conservação preventiva consiste em proporcionar aos objetos um ambiente estável, assegurando a adequada limpeza de todos os espaços de exposição e armazenamento, disposição de materiais e equipamentos adequados para o acondicionamento, estudo, conceção, acompanhamento da embalagem e o transporte de peças para outros locais, realização de inspeções periódicas às coleções e às instalações e verificação das condições de segurança do edifício.

Como temos constatado, para uma correta preservação não se torna suficiente apenas proceder a uns cuidados específicos com os bens patrimoniais, sendo essencial conhecer os fatores de degradação que estão a eles inerentes. Neste aspeto os fatores de degradação dividem-se em dois grupos: os fatores de degradação intrínsecos e fatores de degradação extrínsecos.

Os fatores intrínsecos desenvolvem-se internamente, ligados diretamente aos elementos constituintes do próprio objeto e prendem-se com a própria alteração dos materiais constituintes, com as forças físicas e com o envelhecimento natural dos materiais. Neste aspeto não podemos fazer nada, dado que faz parte do ciclo de vida do objeto, tal como acontece no ciclo de vida humana, o envelhecimento é inevitável.

Já os fatores extrínsecos desenvolvem-se externamente ao objeto e os bens culturais são na maioria das vezes compostos por mais do que um tipo de material, sendo que cada um reagirá de maneira diversa aos fatores de degradação. Embora não haja uma classificação universalmente aceite para os fatores de degradação, considera-se que este tipo de degradação são os que mais contribuem para a deterioração das peças, nomeadamente, os agentes físicos (luz natural e/ou artificial, humidade relativa, temperatura), os agentes biológicos (fungos, roedores, bactérias, agentes xilófagos), os agentes químicos (poluentes, poeiras, contato com outros materiais instáveis quimicamente), os agentes antrópicos (manuseio, armazenamento e exposição incorreta,

vandalismo, roubo, intervenção inadequada), e os agentes provenientes de catástrofes (inundações, sismos, furacões, incêndios).

Apesar de na maioria dos casos os fatores de degradação não possam ser suprimidos totalmente, podem ser minimizados, bastando apenas pequenos – que se tornam grandes – gestos para fazerem toda a diferença. Neste seguimento, “podemos identificar e prever as situações de risco para os objetos e desenvolver ações programadas e planeadas, com o objetivo de controlar ou mitigar os danos, que possam vir a provocar degradações nos bens culturais”¹⁷⁷.

Não querendo ser demasiado exaustivos com a nomeação pormenorizada de todos os fatores de degradação extrínsecos, exporemos os que constituem a principal ameaça que conduz à degradação. Porém, cada tipologia do acervo requer cuidados específicos acrescidos, tendo em conta os seus materiais constituintes e o próprio estado de conservação.

A ação da luz é o fator de degradação que requer mais cuidados, devido ao efeito cumulativo, isto porque é dos únicos agentes que não se pode suprimir, dado que ao expor-se um objeto, é necessário iluminar, mas mesmo nas condições de iluminação mais corretas contribui-se para a sua degradação, pois a ação da luz, por muito ténue que seja, é absorvida pelo material, de forma contínua, provocando a descoloração. Nesta questão inclui-se a luz solar, projetores, *flash* das fotografias, velas e a própria iluminação artificial proveniente dos candeeiros. Importa controlar não só a sua intensidade, como também, o tempo de exposição, evitando situações de iluminação intensa e contínua, e na incidência direta de luz natural nos objetos. De facto, todos os objetos tornam-se suscetíveis à luz, no entanto, os têxteis, as aguarelas, as tapeçarias, as gravuras e desenhos, os manuscritos, as miniaturas, os papéis e as pinturas a guaches são particularmente sensíveis.

Como medida preventiva, recomenda-se controlar a exposição direta à luz solar e/ou artificial, evitando-se iluminações diretas e intensas, como os projetores. Caso a luz natural seja utilizada como iluminação, devem-se colocar nas janelas soluções para reduzir os níveis de iluminação de IV e UV, como por exemplo, filtros UV, persianas ou estores, cortinas em pano-cru ou linho, colocação de bandas, pintura nos vidros das

¹⁷⁷ CARVALHO, G., 2006:4.

janelas. Limitar as fotografias com *flash*, evitar a proximidade de objetos sensíveis a fontes de calor, ter especial cuidado na escolha do tipo de iluminação artificial (utilizar lâmpadas com reduzida emissão de radiação UV e IV), em especial LED, são outras indicações.

As variações bruscas de temperatura ou de humidade são outros grandes fatores de risco para a conservação dos bens culturais. No que concerne à temperatura, é importante o seu controlo devido às oscilações da humidade relativa¹⁷⁸, sendo indispensável evitar o aquecimento excessivo, manter os objetos afastados de fontes de calor (no mínimo a uma distância de 1,5 m), de zonas de infiltrações de água, evitar o contato direto dos bens patrimoniais com as paredes e/ou solo, evitar limpezas com elevadas quantidades de água, restringir ou evitar a colocação de flores junto a peças que possuam materiais higroscópicos.

Relativamente à presença de micro-organismos, estes surgem mediante a existência de condições favoráveis ao seu desenvolvimento, provocado sobretudo pelo excesso de humidade ou pela existência de microclimas em espaços confinados, contribuindo para a degradação dos objetos, em particular, aqueles que são constituídos por materiais orgânicos mais frágeis como o papel, o couro, os têxteis, pinturas, esculturas policromas e objetos em madeira¹⁷⁹. Os fungos e os bolores que atacam a madeira provocam o seu apodrecimento, instalando-se nos revestimentos e móveis em madeira afetada pela humidade proveniente do solo ou paredes, ou sobre as peças em madeira em contato com infiltrações de água. Isto não só dá origem a danos irreversíveis, como favorecem a colonização da madeira por alguns insetos xilófagos, como o caruncho.¹⁸⁰

O incorreto manuseamento, manutenção e acondicionamento dos bens patrimoniais aceleram o processo de degradação. Ora vejamos, as mãos contêm ácidos e gorduras que ao tocarem diretamente nos objetos patrimoniais aceleram o processo de deterioração, daí ser necessário o uso de luvas, de preferência, de algodão para o manuseamento de qualquer peça. Porém, o manuseamento deve ser evitado, mas na

¹⁷⁸ A humidade relativa é a relação entre dois valores de humidade absoluta: a quantidade de vapor de água que existe de facto num dado volume de ar a uma dada temperatura e a quantidade máxima de vapor de água que o mesmo volume de ar pode conter à mesma temperatura (HERNÁNDEZ HERNÁNDEZ, F., 2001:237).

¹⁷⁹ CARVALHO, G., 2007: 19.

¹⁸⁰ *Ibidem*.

impossibilidade, nunca manusear dois objetos em simultâneo, separar os diversos elementos que compõem uma obra (bases amovíveis, adereços), colocar as obras numa base segura e equilibrada, e manusear com luvas. Quanto à manutenção, recomendamos que a limpeza do pó, operação que à primeira vista pode parecer simples e inócua, deve ser realizada de forma cuidada com a menor abrasão possível, utilizar-se um pincel de cerdas macias ou um pano macio. Ao nível do acondicionamento, deve-se atender às especificidades de cada objeto patrimonial para uma correta arrumação, por exemplo, os frontais de altar não devem ser dobrados, mas sim colocados enrolados num tubo de PVC revestido de papel *acid-free*, nunca utilizar naftalina nos têxteis, revestir cabides com enchimentos, entre outros.

Todos os fatores ou medidas aqui referidos, quando não tratados corretamente levam a intervenções de restauro. O restauro consiste numa prática em repor elementos em falta, mas nunca sobrepondo o original, mantendo ao máximo a integridade estética e histórica.

As técnicas de conservação utilizadas por um conservador-restaurador consistem na fixação, desinfestação, consolidação, limpeza, colagens, remoção de remendos, remoção de repintes, remoção de vernizes alterados em talhas, remoção de repintes em talha e a remoção de repolicromias.

A tarefa incumbida ao conservador-restaurador consiste na devolução da dignidade perdida a nível material e imaterial, respeitando a mensagem histórica, cultural, material e técnica original da obra. Para tal, o técnico de conservação-restauro deve orientar-se pelos seguintes princípios éticos: exame e diagnóstico, dado que antes de qualquer intervenção deve haver um exame prévio; conservação preventiva, na tentativa de perceber em que contexto está inserida e para onde vai a peça intervencionada; intervenção mínima; compatibilidade de materiais; legibilidade das intervenções, pois tudo o que é feito de conservação e restauro deve ser perceptível; reversibilidade, na medida em que tudo o que é feito deve ser reversível; documentação.

No processo de restauro, compete aos sacerdotes exercerem um papel fundamental, no âmbito de se encontrarem devidamente informados quanto aos meios necessários para cumprir uma intervenção rigorosa e responsável, bem como contratar técnicos devidamente especializados e qualificados que adotem os métodos e critérios adequados a cada matéria das obras. Neste seguimento, os párocos devem exercer a sua

autoridade, impedindo que iniciativas de outros intervenientes locais possam colocar em risco a salvaguarda do património através de intervenções irreversíveis, assim como investir numa boa mão-de-obra profissional, pois eles são os primeiros zeladores do património eclesiástico e como tal têm que dar o exemplo. Se em peças museológicas se privilegia a conservação porque a degradação faz parte da obra, o invés acontece em peças religiosas em que se privilegia o restauro para promover a dignidade da peça enquanto símbolo de Fé.

Portanto, existem medidas de atuação que competem aos zeladores do património religioso (sacerdotes, comunidade paroquial, sacristães, acólitos, empregadas(os) da limpeza, grupos de ornamentação, comissões fabriqueiras, entre outros) como as medidas de conservação preventiva, e outras medidas que competem aos conservadores-restauradores quando vão intervir na peça. Mas para que tal seja bem sucedido, é necessário proceder a ações de sensibilização junto de cada comunidade, através de palestras e workshops.

Em suma, todas as obras devem usufruir dos mesmos cuidados, independentemente, dos autores, datação, valor, etc., centrados numa prática preventiva, pois mais vale reunir as adequadas condições de ambiente e impedir a deterioração dos materiais, do que ter de emendar os efeitos da deterioração. A ação conservativa torna-se imprescindível para o processo da nova evangelização através do património eclesial.

Por último, de salientar, que o edifício é a primeira barreira de proteção para as coleções que alberga. Por esse motivo, é fundamental considerar as suas características, compreender o seu comportamento e conhecer a sua localização e envolvente, uma vez que estes fatores podem influenciar a conservação de todo o acervo.

2.4. Museus eclesiásticos: espaço de evangelização

Como atrás vimos, a Igreja Católica durante estes vinte e um séculos de existência teve sempre um papel preponderante e até dominante na temática religiosa em torno do colecionismo e na elaboração de obras de arte. Pode-se, mesmo, afirmar que a prática museológica nasceu no seio da religião, se atendermos a que já a civilização clássica confiava os seus bens aos sacerdotes, intensificando as atividades paramuseológicas na época medieval com a constituição de emblemáticos tesouros eclesiásticos, protagonizados pela Igreja.

Os bens culturais da Igreja para além de serem detentores de um importante valor cultural e cultural, sendo este último na vertente histórico-artístico, são importantes instrumentos catequéticos e, como tal, devem ser aproveitados como potenciais ferramentas da evangelização cristã. Para que se execute na sua plena ação, em primeiro lugar, o património religioso tem que ser reconhecido como ferramenta da evangelização. Neste contexto dos museus eclesiásticos, a arte tem de deixar de ser vista como um “enfeite”, mas como a essência da interpretação, da compreensão e deleite dos fiéis, e não só.

Neste contexto, surgem os denominados museus eclesiásticos, também conhecidos por museus da Igreja ou museus religiosos, que atuam na vertente da dimensão pastoral a partir do próprio património religioso. Esta missão pastoral é que molda toda a dinâmica e orgânica em torno deste tipo de museus peculiares.

Um museu eclesiástico define-se como um museu que, a par do que o ICOM define para uma instituição museológica, é “tutelad[o] por uma entidade eclesiástica, independentemente de ser uma diocese, uma paróquia, um cabido, um instituto de vida consagrada, uma sociedade de vida apostólica, uma confraria ou outro tipo de associação de fiéis, entre outros organismos da Igreja Católica”¹⁸¹.

Estes museus diferenciam-se dos restantes, por estarem sob tutela exclusiva dos organismos ligados ao seio religioso, como já referido, ao invés dos museus de outras tipologias que estão sob domínio do Estado, para além dos primeiros estruturarem a sua missão primordial em torno da evangelização, para além de assumirem todas as outras

¹⁸¹ AFONSO, 2015: 27.

funções fundamentais comuns a qualquer museu, tais como, inventariar, estudar e interpretar (funções ligadas à investigação), educar e divulgar (funções associadas à comunicação), incorporar, preservar e expor. Assim, pode-se afirmar que os museus eclesiais apresentam cinco principais funções mais uma, sendo esta “extra” a principal da sua missão, organizando e delineando o funcionamento do museu, e não entendida como apenas “mais uma”, embora esta missão pastoral esteja subentendida na missão educativa.

Todavia, uma instituição museal nunca foi uma prioridade para a Igreja, dado haver toda uma responsabilidade e encargos financeiros acrescidos, não suportados por tal organização, restringindo-se durante algum tempo ao simples zelo, na medida dos possíveis, e à exposição da prática ritual do culto, ficando incumbida a missão de musealização dos objetos desafetos ao culto, aos museus estatais.

Apesar de ser um fenómeno relativamente recente, o certo é que sempre existiram museus da Igreja, no entanto, com outras variações terminológicas. Mas recuemos uns séculos no tempo. A Idade Média, período marcante, segundo Maria Isabel Roque no que concerne a atividades paramuseológicas, foi impulsionadora da constituição de tesouros que estavam anexos a instituições inseridas, sobretudo, em rotas de peregrinação, nomeadamente, mosteiros, catedrais, santuários, abadias e conventos. Englobavam esses tesouros – chamados de *thesaurus ecclesiae* –, relíquias envolvidas em relicários, paramentos e alfaia de culto, cuja veneração garantia a sua preservação. No entanto, o principal intuito da formação dos tesouros medievais circunscrevia-se no “depósito de objectos cultuais de particular valor para serem utilizados nas cerimónias mais solenes [...] e, em última análise, podiam ter uma função de reserva áurea para os casos de necessidade”¹⁸². Todavia, ao acrescentar-se um valor simbólico ao tesouro, conferia-lhe a dimensão de *thesaurus gratarium* ou *meritorium*¹⁸³. O certo é que destas “simples” coleções em contínuo engrandecimento no decorrer dos séculos fez com que surgissem na época contemporânea inusitadas instituições museológicas.

Dos vários *thesaurus ecclesiae* destacamos o da igreja de Saint-Denis, em França, considerado um dos mais importantes tesouros da cristandade, onde as práticas

¹⁸² Comissão Pontifícia dos Bens Culturais da Igreja, 2001: 1.3.

¹⁸³ ROQUE, M., 2011: 22.

museológicas estavam já patentes, nomeadamente, no que respeita à abertura ao público do tesouro, o equipamento expositivo e a elaboração de roteiros¹⁸⁴.

Apesar dos vários acontecimentos marcados a partir do século XV no Vaticano, salientamos que foi a partir da segunda metade do século XVIII, na Biblioteca Apostolica Vaticana, por iniciativa do Papa Bento IV, que a museologia de peças religiosas ganhou voz, passando-se a ter o Museo Sacro della Biblioteca Apostolica, que permanece ativo até à atualidade, onde se conservam objetos religiosos desde a Alta Idade Média, como por exemplo, paramentos, ourivesaria, joalheria, etc. com o intuito de demonstrar a arte cristã como testemunho da verdade da religião¹⁸⁵.

Paralelamente, a partir do século XIV, tal como referenciado pela CPBCI, surgiram práticas colecionistas privadas em torno da arte, promovidas por eclesiásticos, como os Papas e Cardeais, não de âmbito cultural mas sim cultural, cujo objetivo era dotar Roma da máxima beleza monumental e artística como expressão da verdade e do bem, cuja principal depositária era a Igreja Católica¹⁸⁶. Hoje em dia, fruto dessas ações, o Museu do Capitólio e os Museus do Vaticano tornaram-se grandes atrações mundiais.

O século XVIII é marcante no que concerne à conversão de objetos religiosos em objetos museológicos, dissociando-se o valor cultural, para o qual tinham sido concebidos, para integrarem ambientes secularizados, fazendo que “a transformação do objecto religioso do espaço sagrado para um contexto profano [...] é simultânea do processo de laicização que acompanhou a formação dos primeiros museus”¹⁸⁷.

Neste âmbito, realizou-se uma das primeiras grandes exposições de arte sacra no Vaticano, em 1888, organizada ao gosto da época, mais como uma exposição exibicionista do que contextual, a pretexto das comemorações do jubileu sacerdotal e dos dez anos do papado de Leão XIII¹⁸⁸.

Todavia, este panorama mantém-se ao longo dos séculos XIX e XX até ao momento em que a Museologia conhece uma grande reforma, salientando a importância de ligar a apresentação das peças às suas funções e sentidos originais, tal como refere

¹⁸⁴ ROQUE, M., 2011: 24.

¹⁸⁵ *Idem*: 27-28.

¹⁸⁶ PLAZAOLA, 2001: 103-104.

¹⁸⁷ ROQUE, M., 2011: 30.

¹⁸⁸ *Ibidem*.

Maria Isabel Roque¹⁸⁹. O critério expositivo até ao momento era idêntico ao de outras experiências similares no contexto dos grandes museus de arte da época: mistura de tipologias e acumulação das peças, numa perspetiva mais exibicionista e ostensiva, do que contextual, como é necessário. Este esquema manteve-se inalterado nas sucessivas exposições de arte sacra ao longo do século XX, até que novos conceitos museológicos salientam a importância de ligar a apresentação das peças às suas funções e sentidos originais¹⁹⁰.

Em Portugal, D. Diogo de Sousa foi uma das figuras cruciais que no final do século XV inseriu nas “Constituições Sinodais a primeira lei canónica portuguesa acerca do património da Igreja, na qual prevalece o conteúdo sagrado dos objetos litúrgicos como justificativa primordial para a sua preservação”¹⁹¹.

Independentemente dos relicários ou das alaias litúrgicas estarem em contexto expositivo em sacristias, em altares ou em capelas, mantêm-se no perímetro sacralizado, sustentando o conteúdo essencial para o qual foram concebidos¹⁹².

Os primeiros indícios da prática da museologia religiosa, em Portugal, datam o século XVII, na qual a sacristia do Mosteiro da Real Abadia de Santa Maria de Alcobaça estava profusamente enriquecida com relíquias de Santos acompanhadas por uma simples legenda, anunciando uma atitude museológica em torno desta temática religiosa, que até então era inexistente. Segue-se no século a seguir, o exemplar da Capela das Relíquias do Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, exemplo na forma do aparato expositivo, que para além de expor as relíquias, protegia-as com vidros.

A prática museológica na Igreja Setecentista foi marcada por duas personalidades ilustres: Frei João José de Jesus Maria Mayne e Frei Manuel do Cenáculo Vilas-Boas. O primeiro foi o criador do Gabinete de História Natural, Pintura e Artefactos no Convento de Nossa Senhora de Jesus, em Lisboa no ano de 1792, com o intuito de justificar como obra de Deus as coleções de história natural, assumindo desta forma uma função catequética, na medida em que pretendia provar a existência de Deus, como criador de todas as coisas, aliando desta forma a fé ao conhecimento científico¹⁹³.

¹⁸⁹ ROQUE, M., 2011: 30.

¹⁹⁰ *Ibidem*.

¹⁹¹ *Idem*: 32.

¹⁹² *Idem*: 33.

¹⁹³ *Idem*: 35.

Por sua vez, Frei Manuel do Cenáculo, também, desempenhou um papel relevante, não só por ter marcado a historiografia museológica ao defender o caráter público das coleções, como “apontava uma nova função museológica de esclarecimento e confirmação da fé, no sentido em que concebia todo o saber científico no âmbito da experiência religiosa”¹⁹⁴. Destaca-se, deste último, a ação de descontextualizar peças de temática religiosa do seu local de origem, como as pinturas do retábulo da Sé de Évora.

No entanto, não se pode considerar que o acervo destas iniciativas do Frei José Mayne e do Frei Manuel do Cenáculo seja de índole religiosa, apesar de estarem num espaço religioso e ter partido de uma iniciativa religiosa. Ambos são idênticos na forma de pensar das coleções, adjudicando que o teor de qualquer objeto quer de origem naturais como religiosos, são frutos da criação divina.

Grande parte dos tesouros religiosos portugueses, perderam-se no decorrer do século XVIII, fruto dos desastres naturais movido pelo terramoto de 1755, outros com a extinção das Ordens Religiosas e com a separação da Igreja-Estado foram nacionalizados, desencadeando a criação de Museus Nacionais com objetos religiosos, descontextualizando, assim, o espólio eclesiástico do seu “habitat” natural, à exceção de alguns “objetos litúrgicos [...] considerados indispensáveis ao culto eram entregues às autoridades religiosas”¹⁹⁵.

Neste âmbito, muitas exposições e museus têm nas suas coleções objetos de cunho religioso, fruto destes principais acontecimentos e consequente dispersão, sendo dificilmente já entendidos como objetos culturais, prevalecendo o sentido artístico, rotulando-os de objetos artísticos.

Todas estas conjunturas propiciaram nos finais do século XX principalmente, o surgimento de museus por iniciativa eclesiástica, verificando-se por parte da Igreja uma crescente preocupação em torno do seu património, ao nível da preservação e da valorização. Não queremos com isto dizer que a Igreja até então não tinha tomado uma atitude conservadora ou valorativa do seu património, pelo contrário, ao longo dos séculos foi sempre aliada dessa perspetiva, mas a partir da centúria contemporânea criou-se um organismo específico que se dedicasse a estas questões tão urgentes no seio eclesial. A necessidade advém para lá da conservação, mas principalmente da

¹⁹⁴ ROQUE, M., 2011: 39.

¹⁹⁵ *Idem*: 47.

valorização, surgindo então espaços condignos dentro do contexto religioso que se dedicassem a dar uma nova dignidade às peças, valorizando-as e decifrando-as a nível semântico, histórico, teológico, litúrgico e devocional, através da exposição.

O importante, neste aspeto, reside no facto de o património religioso, mais do que ser preservado, deve ser dado a conhecer, e isto vem expresso explicitamente pela CPBCI ao referir que “os bens culturais da Igreja não são tanto um património a «ser conservado», mas antes um tesouro a tornar-se conhecido e a ser utilizado para a nova evangelização”¹⁹⁶. Com base no que foi transcrito, a necessidade advém para lá da conservação, circunscrito à valorização, denotando-se a importância do surgimento de instituições específicas que dediquem a sua atenção para lá das igrejas, como por exemplo, os museus eclesiais que dão uma nova dignidade às peças, valorizando-as e decifrando-as.

Na perspetiva da CPBCI, os museus da Igreja são “definidos como local de salvaguarda e divulgação dos objectos que, no decurso das transformações litúrgicas ou das flutuações devocionais em torno de personagens santas e das respectivas manifestações externas, se tornaram obsoletos, ou dos que, estando ainda ao serviço do culto, justificam pelo seu valor artístico e patrimonial uma apresentação pública, assumindo a Igreja, nesta musealização, objectivos catequéticos e evangelizadores”¹⁹⁷.

Na sequência do Concílio do Vaticano II e no âmbito da criação da CPBCI, a Igreja Católica Apostólica Romana “assumiu a musealização como um destino adequado ao património religioso desafecto, transformando-se num instrumento ao serviço da evangelização”¹⁹⁸, sendo esta a missão pastoral dos museus eclesiais que estruturarão a sua atuação junto da sociedade, prevalecendo a metodologia da nova museologia em detrimento da museologia tradicional.

Já feito o panorama histórico, percebemos que os museus eclesiais, como definimos inicialmente, acabam por se tornar um fenómeno relativamente recente, se atendermos que foi a partir do ano 2001, graças à Carta Circular *A função pastoral dos museus eclesiais*, redigida pela CPBCI, imprescindível para a definição, o reconhecimento e aceitação da figura do museu eclesiástico a nível mundial. Nas

¹⁹⁶ *Apud* ROQUE, M., 2011: 120.

¹⁹⁷ *Idem*: 120-121.

¹⁹⁸ ROQUE, M., 2011: 137.

orientações a ela associadas explicam a importância deste tipo de instituições para a nova evangelização, destacando-se sempre o valor cultural presente em cada peça, os diferentes tipos de museus eclesiais, a forma de atuação dos mesmos, o valor conservador a ele inerente relativamente aos objetos patrimoniais.

Todo um conjunto de fatores propicia o aparecimento de museus desta tipologia, alguns já foram mencionados, mas acrescentam-se outros, nomeadamente, o afastamento verificado entre os fiéis e a igreja que leva à necessidade de a igreja chamá-los a participar novamente, sendo estritamente necessário a Igreja inovar na forma de anunciar a palavra de Deus, através de um primeiro contato que suscite interesse; a conservação inadequada do património de teor religioso leva a perdas substanciais da memória e identidade de uma sociedade; as peças que já não desempenham uma função eclesial encontram-se arrumadas algures num canto, desprezadas, como quem diz, esquecidas, mas no entanto, continuam a transmitir uma mensagem; a incessante necessidade de valorizá-las para melhor construir a história.

Por deter a conotação de “museu”, associada na maioria das vezes a uma coleção de objetos antigos, o museu eclesial não se dissocia da sua natureza, permanecendo “intimamente unido à vivência eclesial, visto que documenta de modo visível o percurso da Igreja ao longo dos séculos no que diz respeito ao culto, à catequese, à cultura e à caridade”¹⁹⁹, convertendo-se num espaço de identidade e memória ao serviço da sociedade e em prol do seu desenvolvimento. Nele encontra-se documentada a história de uma determinada comunidade cristã, desde a sua formação às vivências e crenças religiosas da atualidade.

O museu eclesial, neste âmbito, não deve ser conhecido como mais um museu na sociedade que apenas se diferencia por ter um espólio sacro sob sua tutela, que guarda “coisas” que já não se usam, mas pelo contrário “uma instituição pastoral de pleno direito, que guarda e valoriza os bens culturais que outrora estavam «postos ao serviço da igreja» e que agora são significativos sob o ponto de vista histórico-artístico”²⁰⁰. Desta forma, dando seguimento e reforçando o que se tem dito ao longo destas linhas, este tipo de instituições surgem como “um instrumento de evangelização

¹⁹⁹ Comissão Pontifícia dos Bens Culturais da Igreja, 2001: 2.1.1.

²⁰⁰ *Ibidem*.

cristã, de elevação espiritual, de diálogo com os afastados, de formação cultural, de fruição artística, de conhecimento histórico”²⁰¹.

Como espaço ao serviço da missão evangelizadora da Igreja “devem ser organizados de modo a poderem comunicar o sagrado, o belo, o antigo e o novo”²⁰². No seu acervo constam peças de diversas tipologias e que desempenharam – ou em alguns casos ainda continuam a desempenhar – funcionalidade religiosa, litúrgica e devocional, que embora díspares têm o mesmo objetivo: o culto. Se outrora os objetos mais emblemáticos que constituíam o tesouro eclesiástico estavam cingidos às relíquias com os seus respetivos relicários, hoje em dia o leque museológico estendeu-se a todos os objetos sagrados e não somente a objetos ornamentais e utilitários com simples valor histórico-artístico, como imagens, pinturas, paramentos, alfaia litúrgica de diversos materiais, das quais se destacam a píxide, o cálice, a patena, a custódia, as galhetas, etc., relicários, instrumentos musicais, livros, documentos, entre outros, enriquecem o espólio museológico de tutela eclesial, não só pelo valor artístico e histórico, mas pelo valor simbólico que deles transparecem.

Primeiramente, os objetos religiosos são destinados para o serviço litúrgico, ou seja, para o Templo, incumbindo o museu de conservar “o que não se encontra habitualmente ao serviço do culto ou aquilo que o templo não pode comportar por razões de ordem diversa, como o mau estado ou a mutilação da peça, o ter caído em desuso (uma imagem de roca, por exemplo), constituir uma preciosidade, haver falta de segurança, etc.)”²⁰³.

Os bens culturais eclesiais, sobretudo os que já não se encontram ao culto, não servem de modo algum para estarem arrumados, escondidos do olhar da comunidade, quase como entesourados, ou melhor, enclausurados. Neste âmbito, através da correta exposição desses bens e com o auxílio de técnicas museográficas, como as tabelas de identificação, as folhas de sala, os painéis explicativos, os suportes museográficos e a iluminação, propiciarão a comunicação, fazendo chegar a mensagem que transmitem.

Assim sendo, na conceção de qualquer museu eclesiástico a equipa técnica deve ter em consideração alguns aspetos, nomeadamente a mensagem que se pretende

²⁰¹ Comissão Pontifícia dos Bens Culturais da Igreja, 2001: 2.1.1.

²⁰² *Ibidem*.

²⁰³ ABRANTES e PINTO, 1996: 65.

transmitir, definir o(s) público(s)-alvo, a museografia a ser utilizada e os orçamentos disponíveis para o planeamento e montagem²⁰⁴. Para a constituição da equipa técnica aconselha-se que os elementos integrantes, para além de serem de várias áreas profissionais, a título de exemplo, da teologia, da museologia, da arquitetura, do design, possuam uma certa sensibilidade para com o tema da religião, para poderem aliar da melhor forma a museologia à religião, isto porque um objeto religioso não se pode expor só por expor, há todo um cuidado a ter na sua exposição para que a mensagem seja transmitida corretamente sem deturpação do seu verdadeiro significado, baseada no fundamento teológico e na dimensão espiritual, enaltecendo em simultâneo o sentido estético, histórico e identitário.

Não só no planeamento e montagem da exposição a ficar patente num museu eclesiástico deve ser acompanhada por uma equipa técnica multidisciplinar, aconselhando-se que o museu assegure um quadro de pessoal para que a ação estruturante do museu se desenrole na sua plenitude para que cumpra na totalidade a sua missão.

O aparato expositivo deve apresentar um discurso que concilie quatro vertentes – a doutrinal, a histórica, a artística e a patrimonial (este último, salientando para a necessidade de uma correta preservação do património, evitando-se que cheguem às gerações vindouras de forma lastimável) –, fazendo-se entendível a todos que o procuram, consoante as várias perspetivas apresentadas e expectativas de cada visitante, sem nunca esquecer que se um museu eclesiástico existe é porque foi concebido com o intuito para explicar o culto católico. Desta forma, o verdadeiro sentido desta tipologia de museus reside na interpretação e descodificação da mensagem intrínseca presente em cada objeto, que por vezes são tão conhecidos do olhar daqueles que participam na liturgia, mas tão ignorados o seu significado.

Um museu eclesiástico para ser reconhecido como museu ou algo equiparado, em primeiro lugar deve cumprir o que está estipulado pela Lei nº47/2004, de 19 de agosto, *Lei-Quadro de Museus Portugueses*, nomeadamente no que se refere às funções museológicas estabelecidas. Aquando da impossibilidade do cumprimento de todas as funções promulgadas por lei, a mesma norma estabelece um termo jurídico mais restrito para este tipo de unidades de índole museal, denominadas de “coleção visitável”.

²⁰⁴ ABRANTES e PINTO, 1996: 66.

Relativamente a este último aspeto, as instituições museológicas religiosas não devem de ter medo de denominarem um determinado tipo espaço museal de “coleção visitável”, pois é mais credível denominarem-se desta forma do que chamar de “museu” a um espaço que não assegura as funções exigidas por lei, como se verifica na maioria dos casos.

Das diferentes nomenclaturas associadas aos museus eclesiásticos, os mais conhecidos dividem-se, principalmente, em três tipologias: em museus diocesanos, em museus das catedrais e em museus paroquiais e monacais/conventuais. Os museus diocesanos caracterizam-se por reunirem espólio das várias paróquias circunscritas a uma Diocese, concentrando assim num só polo as peças mais valiosas do ponto de vista artístico e histórico, equiparando-se aos museus provinciais. Todavia, os museus das catedrais localizam-se na própria catedral e são igualados aos ditos museus municipais. Por sua vez, os museus paroquiais e monacais/conventuais reúnem os bens culturais presentes em cada paróquia e convento existente numa determinada freguesia, assemelhando-se aos museus locais²⁰⁵.

No entanto, “não existe uma catalogação tipológica que esgote a variedade dos museus eclesiásticos”²⁰⁶, sendo os anteriormente referidos os mais vulgares, subdividem-se tendo em conta alguns fatores, como menciona André Afonso com base na Carta-circular *A função pastoral dos museus eclesiásticos*, nomeadamente “a circunscrição eclesiástica a que se refere; o organismo eclesiástico que o tutela; ou um determinado edifício religioso ou conjunto de edifícios”. Em termos da circunscrição eclesiástica inserem-se os museus diocesanos e interdiocesanos, os museus paroquiais e interparoquiais, e os museus de vigarias ou de arciprestados. Quanto ao fator organismo eclesiástico que o tutela, enquadram-se os referidos anteriormente, juntando-se os museus monacais e conventuais, os museus de institutos religiosos, os museus de confrarias, entre outros. Por fim, os que se localizam em determinados edifícios religiosos ou conjunto de edifícios, neles se encontram os museus e tesouros musealizados de catedrais, igrejas, santuários e outros espaços culturais e os museus das obras da catedral, e o museu de monumento ou monumento musealizado.²⁰⁷

²⁰⁵ AFONSO, 2015: 39.

²⁰⁶ Comissão Pontifícia dos Bens Culturais da Igreja, 2001: 2.3.1.

²⁰⁷ AFONSO, 2015: 39-40.

Se um museu é uma instituição aberta ao público, como o ICOM define, pressuposto a todo o tipo de públicos, os museus eclesiais não são tão pouco museus pensados exclusivamente para os cristãos. São museus concebidos para todo o tipo de público, crianças, jovens, adultos, seniores, independentemente da confissão religiosa. Porém, não podemos negar que foram concebidos primeiramente para os cristãos, não só da comunidade paroquial, como ao nível da Ouvidoria, da Diocese, do País e do Mundo, pois os bens culturais estão ao serviço da missão da Igreja Católica.

Se o museu eclesial atua no âmbito da pastoral, deve trabalhar sobre o património e a partir da pastoral como refere o Monsenhor Damián Iguacen, na medida em que, sobre o património desenvolvem-se ações conservativas, uma maior fiscalização em torno do restauro, ao passo que a pastoral a partir do património consiste em aliar o cultural ao cultural²⁰⁸. Neste último ponto, os museus eclesiais tornam-se o elemento chave para descodificarem a mensagem implícita em cada objeto patrimonial de teor religioso, dado que potenciam o conhecimento a partir dos objetos religiosos.

E isto não é um ultraje ao património religioso, pelo contrário potencia o sentido da vida, desenvolve a sensibilidade e educa os sentimentos²⁰⁹, tornando-se potenciais lugares de conhecimento e catequese. Ora atendamos ao facto de quantas e quantas pessoas que frequentam a igreja, participam nos rituais litúrgicos, e não sabem identificar corretamente ou simplesmente não sabem mesmo identificar a denominação de cada objeto, o seu significado, a invocação a que a imagem alude e a respetiva história. Não será por aqui que deve começar a catequese? Por conhecer o que existe na respetiva paróquia? Pela interpretação e descodificação dos pequenos grandes detalhes que o património religioso esconde e que fazem toda a diferença no ser cristão ou no ser culto?!

A arte religiosa é uma autêntica catequese viva a qual nem sempre é aproveitada devidamente para catequizar e evangelizar. Queremos com isto dizer, que se no itinerário catequético for introduzido e desafiada a abordagem à temática dominante de cada ano catequético no espaço museológico eclesial, será certamente mais produtivo ao estarem a visualizar as peças do que apenas ouvirem falar, pois que em simultâneo

²⁰⁸ IGUACEN, 1996: 38.

²⁰⁹ *Idem*: 39.

conhecem melhor o que a paróquia possui. Por exemplo, no terceiro ano de catequese os catequistas ao abordarem o tema da Última Ceia, poderão perceber quais os objetos que os sacerdotes utilizam na Eucaristia, bem como, o seu respetivo nome, permitindo diferenciar e ensinar a terminologia correta de cada objeto sagrado. Este tipo de ensinamento torna-se um processo sábio na divulgação dos bens culturais eclesiais. Portanto a exposição assume “o objetivo didático de divulgação das peças religiosas como património artístico”²¹⁰.

No entanto, para que o conhecimento se dê de forma plena, e conforme a frase do Papa Bento XVI em epígrafe, “o acesso ao museu eclesiástico exige uma particular predisposição interior, já que neles não só encontraremos coisas belas, mas na beleza somos chamados e convidados a compreender o sagrado”²¹¹, uma forma autêntica de melhor perceção da religião.

Os museus da Igreja fornecem as ferramentas necessárias para a interpretação dos objetos religiosos quer do ponto de vista material como do ponto de vista imaterial, porém a correta perceção advém da sensibilidade de cada visitante para com o tema apresentado. O visitante ao ingressar num museu eclesiástico formula perguntas às quais o aparato expositivo deve estar apto para dar resposta.

O museu eclesiástico deve conciliar uma linguagem catequética e simples para um melhor entendimento. Todavia, para ser correta a linguagem e o discurso expositivo a utilizar, não poderá de todo ferir suscetibilidades, na medida em que se valorizar a religião cristã como superior a todas as outras, propicia conflitos religiosos, mas também no entanto, não se pode sugerir que seja totalmente imparcial, na medida em que desvalorize totalmente a religião. Se é um museu da religião católica tem que se enaltecer todos os pontos a ele subjacentes. Exige-se, no entanto, que haja um respeito mútuo entre ambas as partes, quer do museu quer do visitante, relativamente às crenças de cada cultura.

O museu da igreja é então um espaço com uma dupla dimensão, a dimensão pastoral e a dimensão cultural, trabalhando conjuntamente numa só direção: promover a fé através da cultura. Esta tipologia de museu é entendida como um espaço que serve de prolongamento da ação da Igreja no seio das comunidades, evangelizando de uma forma

²¹⁰ ROQUE, 2011: 115.

²¹¹ Comissão Pontifícia dos Bens Culturais da Igreja, 2001: 2.1.2.

peculiar, demonstrando o valor espiritual e religioso incutido nos objetos religiosos, explicando-se a finalidade para a qual foram criados, sensibilizando-se, em simultâneo, para o conhecimento da terminologia correta de cada objeto.

Para que tal seja bem-sucedido, vários fatores contribuem para uma melhor leitura do objeto no espaço museológico, nomeadamente o próprio espaço (infraestruturas), a museografia do espaço, o discurso e o percurso expositivo. É certo que a compreensão da mensagem codificada em objetos religiosos advém da sensibilidade de cada público, mas uma apelativa apresentação museológica cativará certamente a atenção do visitante, sendo esta a chave do sucesso de um museu.

Dentro da lógica dos museus eclesiásticos podemos distinguir dois tipos de museus: os que apenas surgiram para apresentar as peças e outros que surgiram não só para expor como também para explicar toda a simbologia do espólio que o compõe. Para que a descodificação da mensagem intrínseca em cada peça sagrada ocorra com total fidelidade é necessária uma profunda investigação em torno dos objetos e do edifício-mãe que alberga os objetos.

No entanto, na impossibilidade de cada paróquia fundar um museu eclesiástico sugere-se que catequize através do espólio exposto ao culto, ou seja, todas as igrejas, por mais ricas ou pobres que sejam em património religioso, são potenciais pontos de interesse para quem as visitam. Desta forma, seria imprescindível que em cada igreja haja um guia devidamente qualificado que explique a história da igreja. Mas para que tal aconteça, primeiro as igrejas deviam estar abertas durante o dia. Na esmagadora maioria, as igrejas encontram-se fechadas durante o dia, abrindo só para as horas das celebrações litúrgicas, sendo lamentável tal facto, desculpando-se com os roubos e falta de recursos humanos para vigilância. Numa entrevista concedida à revista *Invenire*, D. Pio Alves alerta “que as igrejas abertas, são para muitos uma primeira aproximação ao cristianismo, e para aqueles que têm uma fé adormecida, a oportunidade de se reencontrarem com as suas raízes”²¹².

²¹² SANTOS, L., 2015:57.

2.4.1. Panorama dos museus eclesiásticos na Diocese de Angra e Ilhas dos Açores

No panorama museológico eclesiástico em Portugal são significativos os museus referentes desta índole, destacando-se sobretudo o Tesouro-Museu da Sé de Braga, Museu Diocesano de Santarém, o Museu do Santuário de Fátima, o Núcleo Museológico do Seminário Maior de Viseu, entre tantos outros exemplos. Não existe praticamente nenhuma Diocese que não tenha pelo menos um exemplo.

A Diocese de Angra e Ilhas dos Açores não é exceção. De forma a traçarmos o mais fidedigno possível, o panorama dos museus eclesiásticos existentes na Diocese de Angra e Ilhas dos Açores, procedemos à elaboração de um questionário (ver Anexo A), para preenchimento pelos padres de cada paróquia, no qual nem todos colaboraram.

Das respostas obtidas (ver Anexo B), constata-se que existem onze museus eclesiásticos nos Açores, sendo que nove estão sob tutela da respetiva paróquia de onde fazem parte, um sob administração do Centro Social e Paroquial e um sob tutela do Santuário. Para além destes onze espaços museológicos eclesiais, há que somar mais dois – o existente na Igreja Matriz de São Sebastião em Ponta Delgada, que embora o pároco não tenha respondido ao inquérito, eu própria desloquei-me ao lugar para obter mais informações; e o existente na Igreja de São José em Ponta Delgada –, fazendo com que existam efetivamente 15 museus eclesiásticos.

As ilhas do Grupo Ocidental não são contempladas com museus eclesiásticos. Em contrapartida, as ilhas do Grupo Central apresentam alguns exemplares, com destaque para a ilha do Faial que inaugurou no passado ano a “Sala do Tesouro da Matriz da Horta” com um acervo que contempla mais de 100 peças inventariadas, de acesso diário ao visitante, montado com o auxílio de uma equipa técnica especializada e possuindo descritores nas peças, embora simplificada (informação técnica).

A ilha de São Jorge apresenta desde 1996 na Matriz das Velas a “Exposição Permanente Pe. Manuel Garcia da Silveira” que reúne um acervo com mais de 100 peças devidamente inventariadas, com as respetivas legendas de estilo simples. A

exposição foi montada com a ajuda de uma equipa técnica especializada e encontra-se de portas abertas diariamente.

Por sua vez, a ilha Terceira tem o museu eclesiástico mais antigo do Arquipélago, localizado na Sé de Angra, desde 1932 e denominado de “Tesouro da Sé”. O referido espaço apresenta ao visitante cerca de 100 peças que estão inventariadas e identificadas com uma legenda simples. O Tesouro é visitável diariamente e contou para a sua conceção e montagem com uma equipa técnica especializada.

Ainda na Ouvidoria de Angra do Heroísmo há referência à existência na Igreja de São Bartolomeu de uma “Exposição Permanente”, criada no ano de 2016. A exposição patente conta com um acervo de cerca de vinte e cinco peças que estão devidamente inventariadas e legendadas de forma simples. Apesar de estar aberta diariamente, o referido espaço não tem recursos humanos para as visitas-guiadas e manutenção, assim como não contou com uma equipa técnica para a sua montagem.

Nas restantes ilhas que fazem parte do Grupo Oriental, apenas São Miguel possui a maior quantidade de museus eclesiásticos existentes, dispersos pelas Ouvidorias da Lagoa, de Ponta Delgada, de Vila Franca do Campo e da Povoação.

Na Lagoa são duas as instituições, a “Coleção Visitável da Matriz de Lagoa”, inaugurada em 2017, situada na freguesia de Santa Cruz, apresenta ao público um acervo de mais de 100 peças, devidamente inventariadas, e identificadas com uma legenda complexa (informação técnica e informação simbólica), conta com recursos humanos para a sua manutenção, visita-guiada e vigilância, aberta diariamente ao público, contou com uma equipa técnica especializada durante o processo do planeamento e montagem; a outra instituição está situada na Ribeira Chã, é um “Núcleo Museológico de Arte Sacra e Etnografia”, uma das valências do Museu da Ribeira Chã, que está sob administração do Centro Social e Paroquial da Ribeira Chã, apresenta um espólio de mais de 100 peças, devidamente inventariadas mas sem descritores das peças, aberto ao público diariamente, não teve uma equipa técnica especializada para a elaboração do referido espaço.

Na Ouvidoria de Vila Franca do Campo, destaca-se uma espécie de coleção visitável na Igreja de São Lázaro em Água d’Alto, fundada em 2010, com um acervo entre de cerca de cinquenta peças que não estão inventariadas, nem tão pouco

apresentam descritores das peças, mas em contrapartida está aberta diariamente. Contudo, não contou com uma equipa técnica especializada para a sua montagem nem possui recursos humanos para a manutenção, visita-guiada e vigilância.

Na Ouvidoria da Povoação constam dois exemplos representativos, um “Museu” na Igreja Matriz de Nossa Senhora Mãe de Deus do ano de 1999, acessível por marcação, onde estão expostas cerca de vinte e cinco peças que não possuem inventário nem tabelas de identificação, desprovido de recursos humanos para a manutenção, visita-guiada e vigilância, e de uma equipa técnica especializada na sua montagem; outro espaço, está situado na Igreja de Nossa Senhora da Penha de França em Água Retorta, uma “Sala-Museu” inaugurada em 2004, acessível para visita apenas por marcação.

A Ouvidoria de Ponta Delgada é a mais representativa em termos de números de museus eclesiais, destacando-se a “Sacristia-Museu da Igreja de São Sebastião” implementada desde finais do século XIX/primeira metade do século XX na sacristia sul, sendo apenas acessível por marcação e pelo acompanhamento do respetivo pároco. As peças expostas não apresentam um discurso expositivo.

Em contrapartida, a Igreja de São José apresenta um núcleo museológico com uma museografia pedagógica apoiada no Método Ekarv.

No entanto, o Santuário do Convento da Esperança apresenta uma “Exposição Permanente” que está sob sua tutela, e conta com a exposição entre 50-75 peças, devidamente inventariadas e legendadas de forma simples. A exposição está aberta diariamente e conta com recursos humanos para vigilância, manutenção e visita-guiada, mas não contou com uma equipa técnica especializada na sua conceção.

Após a análise às respostas, chegamos à conclusão que há espaços que juridicamente são denominados de “museus” mas que não reúnem as condições necessárias para tal, como manda a Lei-Quadro de Museus Portugueses, especialmente porque não apresentam peças inventariadas. Noutros casos, constata-se que existe uma certa consciência em não denominar estes espaços como “museus” se não cumprem todos os requisitos exigidos por lei.

Todavia, é comum a todos os espaços museológicos apresentados, a preocupação em divulgar o património religioso, conservar e a sua consequente

valorização, bem como evangelizar e formar na fé cristã, algo primordial na função principal de um museu eclesiástico.

2.4.2. O sagrado como entrave à musealização de objetos

Tendencialmente um objeto ao ser musealizado perde o seu sentido original, algo transversal a toda a tipologia de museus, um fenómeno marcadamente novecentista, a menos que o espaço que o alberga seja o sítio de origem que entretanto foi convertido em museu. No que concerne aos objetos religiosos o assunto torna-se bastante delicado quando se fala em musealizá-los, pois, à partida, um objeto religioso ao entrar num espaço museológico, sobretudo fora do seu contexto original, é dessacralizado.

Um objeto concebido para o culto religioso, indubitavelmente transforma-se em objeto sagrado. No entanto, digamos que para ser oficialmente reconhecido como objeto sagrado, ao ingressar no espaço eclesial o mesmo é consagrado e benzido, dotando-o de sacralidade, metaforicamente colocado num patamar superior face a tudo o resto.

À partida, por si só, o objeto sagrado já apresenta um distanciamento, uma diferenciação, uma divisão com o mundo comum – o profano –, carregando sobre si mesmo um forte pendor religioso e espiritual, incompreensível ou pouco entendível no mundo profano, dificultando desde logo o processo de musealização de objetos de teor sagrado.

Na maioria dos casos, os objetos religiosos ao ingressarem num museu de arte e afins são descontextualizados do seu sentido original, perdendo a sua essência, vislumbrados pelos seus visitantes apenas pelo seu valor artístico, desvirtuando o sentido doutrinal, notando-se uma clara prevalência, na maioria das vezes, do valor artístico em detrimento do sentido simbólico-sagrado. Este aspeto advém em parte

culpabilizado pela narrativa expositiva que os museus escolhem dar a estas peças, privilegiando o artista ou a composição, depreciando a mensagem nela inerente.

Uma das funções sociais intrínsecas num museu é a conservação, permitindo a respetiva valorização. Reportando para os objetos religiosos ingressados nos museus ditos “normais”, são conservados e valorizados do ponto vista estético e, em alguns casos, da raridade, não sendo enaltecido o ponto de vista litúrgico e catequético, tal como se exige, para então só depois ser apreciado do ponto vista artístico. Neste aspeto Maria Isabel Roque destaca que esta passagem do objeto religioso a objeto museológico “implica que a nova condição se sobreponha à antiga, anulando-a, para que o discurso museológico se imponha sem constrições de anteriores significados [...] Não se trata apenas de descontextualização, mas de um complexo percurso que retira ao objecto estruturado em novos rituais, através dos quais são fornecidas ao visitante leituras alternativas, que não reproduzem o contexto inicial”²¹³.

A musealização de objetos de cunho religioso, em termos gerais, é vista como uma medida de salvaguarda do património quer pelas mutações ocorridas pela reforma litúrgica que levaram ao desuso de certas alfaias, como por exemplo, o amito, o manípulo, entre outros, tornando necessário expor estas raridades cada vez mais escassas nos tempos atuais, quer pela preservação da memória histórica de uma época e de uma sociedade.

Automaticamente, os objetos religiosos quando transferidos para contexto profano, neste caso de museus de arte de tutela laica, são destituídos da categoria de objetos sagrados, envolvidos num cenário cénico que não o original.

A museologia de objetos religiosos conheceu o seu primeiro enquadramento quando o grande culto prestado às relíquias passou para segundo plano a partir do século VIII, devido a uma polémica oriunda do Oriente, dando destaque à imagem bidimensional, e no século X à imagem tridimensional.. Apesar de surgirem de forma indiferenciada na globalidade do património exposto, os museus passam a integrar, nas suas coleções, objetos devocionais, alfaias, paramentos e objetos, ainda que recrutados na qualidade de espólio artístico. Porém, esta ocorrência marca a pioneira conversão do objeto sagrado ou religioso em objeto museológico, ou seja, à sua passagem do registo

²¹³ ROQUE, M., 2011: 211.

sobrenatural, ligado à liturgia e ao ritual de comunicação com o divino, para o ambiente secularizado e concreto da vivência humana²¹⁴.

A transferência do objeto para qualquer instituição museal regista justamente a perda de identidade que permite a transmutação do objeto religioso em objeto museológico, um processo de perda é certo, mas que ocorre com a melhor das intenções.

No âmbito da musealização da arte sacra distinguem-se três cenários: os que ao passarem para âmbito museológico perdem a função principal; os que mantêm o caráter sagrado e desempenham a respetiva função mas podem, em simultâneo, ser transformados em objetos museológicos, mantidos *in situ* quando não se encontram a ser usados; os objetos sob posse de entidades públicas quando cedidos para uma determinada cerimónia litúrgica, retomam a sua função ritual, embora que seja por umas horas²¹⁵.

Como sabemos, nem tudo pode ser musealizado, havendo critérios para a incorporação de objetos religiosos em museus que se prendem com “parâmetros de avaliação no âmbito artístico”²¹⁶ e depois históricos, no entanto transportando para o campo dos museus da Igreja, o que prevalece primeiro é a conservação, a evangelização e só depois a parte artística. Porventura, as temáticas dominantes aludem habitualmente a tipologias e/ou períodos artísticos, ao invés de uma interpretação sustentada em critérios teológicos ou religiosos.

Em suma, a musealização de objetos de matriz religiosa é possível, e Maria Isabel Roque partilha da mesma opinião justificando que “no contexto do cristianismo, há uma abertura que permite a passagem do sagrado ao profano. É através desta que o objecto litúrgico se pode deslocar a um espaço limítrofe, onde essa funcionalidade apenas poderá ser evocada”²¹⁷.

²¹⁴ ROQUE, M., 2011: 29-30.

²¹⁵ COSTA, A., 2011: 501-502.

²¹⁶ ROQUE, M., 2011: 218.

²¹⁷ *Idem*: 176.

2.4.3. Musealização de objetos sagrados dentro do seu meio litúrgico

A transição do objeto da esfera litúrgica para a esfera museológica traz como consequência a perda da essência da sagração e bênção que distinguia os objetos do contexto sagrado face ao profano, algo que consiste numa preocupação visível na frase “Les objets religieux sont entrés massivement dans les musées à des fins de conservation et de présentation et sont désormais pour la plupart sortir de leur contexte: or ce qu'ils ont gagné en visibilité ils tendent parfois à le perdre en intelligibilité”²¹⁸. Logo, qualquer objeto que seja desprovido da sua função inicial é automaticamente execrado, tornando-se num mero objeto de arte. Mas será sempre assim? Haverá exceções? Mesmo quando um objeto é musealizado dentro do seu contexto, ou seja, dentro do espaço litúrgico e nos espaços a ele adjacentes, os objetos são descontextualizados? Haverá diferença entre os objetos estarem guardados num armário na sacristia até serem utilizados na celebração seguinte e estarem expostos ao público com informação suplementar, num espaço condigno, mas continuando a exercer a função cultural?

A pseudo-descontextualização do objeto dentro do seu ambiente litúrgico acontece pela imposição de suportes museográficos, vitrinas, barreiras de segurança, textos que servem de apoio ou mesmo que a peça não esteja protegida por uma vitrina há todo um conjunto que impossibilita automaticamente, no psíquico do visitante, em não tocar no próprio objeto. Mas será o suficiente para o objeto ser logo à partida execrado? Na nossa opinião, e ao contrário de alguns autores, quando o objeto sagrado é musealizado dentro do seu contexto, abrangido pelo espaço Templo e pelos espaços anexos a ele adjacentes, não ocorre a dessacralização, verificando-se mais uma medida conservativa e catequética do próprio objeto. O objeto torna-se mais útil ao estar exposto do que estar resguardado dos vários olhares, pois promove a evangelização, aliás “esta ambiguidade entre espaço de instituição religiosa e espaço museológico [...] envolve uma densidade e uma riqueza de significados que só podem beneficiar a

²¹⁸ BOUTRY, P. e JULIA, D., 1999:113.

exposição, desde que os organizadores saibam proporcionar as condições adequadas ...”²¹⁹.

É certo que a reconstrução do habitat natural da peça nunca é o mesmo quando musealizá-las no espaço para o qual foram concebidas, pois acaba por ser um espaço artificial, mas no entanto quando os objetos religiosos são musealizados em espaços conducentes ao da origem, a nosso ver não perdem a sacralidade tão característica.

Ora vejamos, os objetos religiosos foram concebidos para expressar a fé ao serviço do culto, nunca perdendo a cem por cento o seu sentido e a sua essência, mesmo quando desvinculados da ação para o qual foram concebidos, pois continuarão a ser objetos que outrora estavam ligados à vida da Igreja, sendo sempre conhecidos como objetos religiosos, mesmo quando assumidos como objetos de arte, uma vez que “ao estar[em] intimamente ligado[s] à missão da Igreja, tudo o que ele[s] contém não perde a sua intrínseca finalidade e destino de uso”²²⁰.

Atendendo a esse facto, o objeto religioso nunca perde a sua principal função cultural, mesmo estando fora de uso, embora passe a ser mais apreciado do ponto de vista artístico, naturalmente. Aliás, não é preciso que ocorra uma musealização dos objetos para serem vislumbrados do ponto de vista do belo, ou seja, mesmo quando se encontram ao culto, muitas das vezes o que se verifica é que já são apreciados desse ponto de vista.

Sendo assim, atendendo que os objetos foram concebidos para estarem numa igreja, proceder-se à musealização dos objetos religiosos no próprio edifício ou em salas do edifício é mantê-los no próprio contexto.

Porventura, há que diferenciar dois tipos de objetos: os que entraram em desuso pelos mais variados motivos e os que permanecem a uso diário ou temporal. Os museus eclesiásticos contextualizados em edifícios clericais, que apresentam um património vivo e não estático, permitem aos objetos que permanecem *in loco* desempenhar a sua função, facilitando para que o objeto nunca perca a sacralidade subjacente, ao passo que se conservam *in situ*.

²¹⁹ VIEIRA, 2012: 90.

²²⁰ Comissão Pontifícia dos Bens Culturais da Igreja, 2001: 2.1.1.

Neste âmbito, é necessário estabelecer uma relação com ambos os objetos, como elucida a Carta Circular *A função pastoral dos museus eclesiásticos* “com vista a garantir uma visão retrospectiva, uma funcionalidade actual e ulteriores perspectivas em benefício do território [...] que tornem possível redescobrir o que, cultural e espiritualmente, pertence à colectividade, não no sentido apenas turístico, mas propriamente humano. Neste sentido, é possível redescobrir as finalidades do património histórico-artístico, para usufruir do mesmo como um bem cultural”²²¹.

Não obstante, os objetos perdem a sacralidade quando “sofrerem lesões ou mudanças tais que percam a forma primitiva e já não sejam idóneos para os seus usos próprios; se tiverem sido empregados [e convertidos de modo definitivo] em usos profanos ou tiverem sido expostos a uma venda pública”²²².

Na verdade, ao contrário do que acontece noutros museus em que o processo de musealização introduz o objeto num ritual, o que acontece ao objeto religioso ao ingressar nos museus eclesiásticos “não o introduz num ritual, dado que o objecto foi criado precisamente para uma funcionalidade litúrgica; o que ocorre neste caso é uma substituição de significados e de códigos, embora mantenha a estrutura da linguagem”²²³.

Face ao que temos referido, é preferível que se constituam núcleos museológicos, ainda que pequenos mas lógicos, no contexto da Igreja, a que se faça a transferência dos objetos para posse civil, descontextualizados das mais variadas formas: missão, território, comunidade. Articular os objetos religiosos que se encontram em desuso e os que continuam a desempenhar a sua função, resguardados *in loco* no espaço museológico situado no edifício sagrado, possibilita uma leitura integral e estruturada entre o espaço museológico e o espaço sagrado, concluindo-se que a leitura da arte religiosa só é de possível compreensão enquadrada no seu contexto.

Por fim, o elemento unificador tanto em objetos musealizados sob tutela eclesiástica e nos musealizados sob tutela laica é o da conservação, da preservação da memória e da interpretação do objeto religioso. Alia-se de certa forma a prática religiosa ao usufruto cultural. Se antes eram os objetos a entrarem no espaço museológico, hoje

²²¹ Comissão Pontifícia dos Bens Culturais da Igreja, 2001.

²²² *Apud* ROQUE, M., 2011: 206.

²²³ *Idem*: 210-211.

em dia verifica-se o inverso, na medida em que são as práticas museológicas a entrarem no universo sagrado.

II Parte | Estudo de caso: a Igreja Matriz de Santa Cruz de Lagoa

Capítulo III

Coleção Visitável da Matriz de Santa Cruz de Lagoa: do planeamento à montagem

1. Enquadramento histórico, geográfico, arquitetónico, patrimonial e cultural

1.1. História da Paróquia de Santa Cruz e sua Igreja

Em torno da história da fundação da Igreja Matriz de Lagoa, localizada na freguesia de Santa Cruz, constam duas datas, uma do século XV e outra do século XVI, suscitando incertezas para qual delas é a mais fidedigna. Porém, a primeira é a mais aceitável se a integrarmos no contexto dos Descobrimentos e Povoamento dos Açores. No entanto, 1507 tem sido a data mais vulgarizada e sinalizada para se abordar o ano da origem desta igreja, atendendo que no dia 25 de agosto desse ano, D. João Lobo, bispo de Tânger, numa viagem realizada aos Açores concedeu Ordens Sacras nesta comunidade, a mando do Prior da Ordem de Cristo, D. Diogo Pinheiro, vigário de Tomar²²⁴.

No âmbito dos Descobrimentos e Povoamento dos Açores – importante referência para uma melhor compreensão e enquadramento da igreja de Santa Cruz –, 1427 é a data-chave do descobrimento das primeiras sete ilhas do Arquipélago, onde estavam incluídas Santa Maria, São Miguel, Terceira, Graciosa, São Jorge, Pico e Faial [não necessariamente por esta ordem], consoante a leitura feita por Damião Peres da legenda do planisfério desenhado por Gabriel de Valsequa.

Até ao processo do povoamento era necessário saber se estas ilhas reuniam as condições necessárias para a ocupação humana. Desta forma, primeiro lançaram animais, sobretudo carneiros e ovelhas, por Carta Régia do Infante D. Henrique a 2 de julho de 1439²²⁵, onde o rei D. Afonso V, sob a regência de D. Pedro, autorizou o infante a proceder ao povoamento, nas proximidades do sítio que ficou hoje conhecido por Porto dos Carneiros, situado na Lagoa²²⁶. Lançados os animais, tempo depois

²²⁴ COSTA, S., 2007: 47.

²²⁵ Por vezes pode surgir a data de 1449, como aparece na Crónica de Frei Diogo das Chagas, mas a data correta é 1439.

²²⁶ TAVARES, 1979: 5.

voltaram a estas terras para verificarem se tinham sobrevivido e reproduzido, ficando desta forma a saber se as condições eram favoráveis para se principiar um povoamento humano. Uma vez que foi positivo o resultado, iniciou-se o povoamento com pessoas.

A ilha de São Miguel terá recebido os primeiros povoadores a partir de 1444 e principiou-se pelo lugar conhecido por Povoação. Este primeiro aglomerado populacional micaelense ficava a norte da ilha de Santa Maria – primeira ilha a ser povoada –, sendo fácil de perceber a razão pela qual, uma caravela partindo da costa mariense, seguisse e ancorasse na direção da silhueta que então se avistaria a norte²²⁷.

Na Povoação viveram cerca de dez meses, mas como o litoral dessa parte da ilha não era dos mais acolhedores, caminharam ao longo da costa para oriente, no sentido de Ponta Delgada, ocupando gradualmente os sítios de melhores encostas, começando por Vila Franca do Campo. É neste percurso que se instalaram na zona entre Vale de Cabaços (Caloura) e o Porto dos Carneiros, mais precisamente na zona da baía de Santa Cruz, local escolhido pela sua abrigada enseada. A partir desse ponto, principiou-se o povoamento dessa zona com características favoráveis à sua instalação, como por exemplo, boas terras junto à costa, água potável na antiga lagoa e nascentes, assim como, uma baía com boas conjunturas para fazer a ligação com outras zonas da ilha.

A própria toponímia do nome Lagoa, advém do facto de ter existido uma lagoa ou algo semelhante, junto ao local onde hoje se localiza a baía de Santa Cruz²²⁸, tal como afirma Gaspar Frutuoso nas *Saudades da Terra* “a villa d’Alagoa chamada assim por uma que tem defronte da porta da Igreja principal acima d’um recife e Porto que tem onde podiam entrar às vezes o mar nela, e bebia o gado e nadavam por passa tempo algumas pessoas (...) agora é como terra e polme ...²²⁹”.

Atendendo a este conjunto de acontecimentos, Gaspar Frutuoso nas *Saudades da Terra* refere que em 1450 a dinâmica cristã na freguesia de Santa Cruz já se tinha iniciado, e de certa forma fará sentido, não só atendendo que os primeiros povoadores eram católicos e tinham o hábito de praticar a fé – esta ideia reforça-se ainda mais, atendendo que ao instalarem-se num sítio desconhecido, isolado, rodeado por mar e de grande intensidade sísmica, naturalmente a necessidade de prestarem culto num templo

²²⁷ COSTA, C. 1987: 6.

²²⁸ Não se sabe ao certo se a lagoa se localizava onde hoje se encontra o calhau e o mar, ou se estendia pelos terrenos que pertencem ao Município.

²²⁹ FRUTUOSO, vol. IV, 2005: 5.

sagrado aumentava –, como também, atendendo ao facto de um indivíduo chamado Rodrigo Afonso, que acompanhou Gonçalo Velho Cabral na viagem que este fez a São Miguel em 1449, ter dado 62.5 alqueires de terra para a construção da primeira igreja na freguesia de Santa Cruz. A própria invocação da primeira igreja da Lagoa, dedicada à Santa Cruz onde padeceu Nosso Senhor Jesus Cristo, só se compreende pelo vigor que a Ordem Militar de Cristo²³⁰ teve nos inícios do povoamento da ilha, Ordem esta que tinha como bandeira simbólica a Cruz de Cristo²³¹.

De facto, para haver uma cerimónia de grande relevância em 1507 na referida igreja é porque a população local já era em número significativo, e a vivência cristã nesta localidade já se encontrava bem enraizada há algum tempo para que se justificasse uma cerimónia nobre.

Em 1518, segundo o Padre João José Tavares, a primitiva igreja era de pequenas dimensões com três altares, sendo um deles, dedicado a São Pedro, e uma Confraria de Nossa Senhora²³².

Ainda segundo o referido Padre, o primeiro frontispício era simples e de mau aspeto, “tinha uma porta encimada por uma verga e sobre esta janela, também encimada por uma verga, a parte superior do mesmo frontispício era de forma angular com a cruz no vértice. Ao lado norte a torre, era baixa e poderia ter 9 ou 10 metros de altura. A entrada para ela era por fora e servia para dela se lançarem os ossos dos cadáveres sepultados na igreja no depósito ou carneira que ficava encostada à parede do lado norte da igreja. Toda a lavoura era tosca e mal acabada. Para aguentar as paredes fizeram muros de suporte, dois nos lados da porta principal e um na parede do lado sul, o que produzia tudo mau aspeto e reclamava a sua demolição”²³³.

Após este relato, constata-se que no decurso da primeira metade do século XVI, a Igreja de Santa Cruz deveria ainda ser um espaço exíguo, sendo destruída ou então reedificada na segunda metade do mesmo século para dar azo a um espaço religioso imponente: uma igreja matriz, de modo a corresponder à dignidade da população que aí

²³⁰ A Ordem Militar de Cristo ou Ordem da Milícia de Nosso Senhor Jesus Cristo, canonicamente designada por *Ordo Militiae Jesu Christi*, foi fundada pela bula *Ad ea ex quibus* de João XXII em 1319, no seguimento da extinção em 1312 da Ordem Militar do Templo, em resultado de uma longa conversação sobre o destino dos bens do templo em Portugal.

²³¹ COSTA, S., 2007: 47.

²³² TAVARES, 1979: 44.

²³³ *Idem*: 49.

vivia²³⁴. É nesta reedificação que é construída a abóbada da capela-mor, que ao contrário do que tem sido publicado e divulgado até ao momento, não se enquadra no estilo manuelino, assim como a abóbada da capela do Santíssimo.

A igreja tem sido testemunha de várias transformações, quer no seu interior como no exterior. As múltiplas obras de conservação e reedificação começaram logo em 1583 e 1586, e procederam-se pelos anos seguintes. Durante as primeiras obras de reparação no período referido, o serviço religioso era efetuado na ermida do Rosário, que durante esse tempo servia de Matriz, por a dita Matriz de Santa Cruz estar em obras de reparação que impediam a prática do culto.

Outros reparos de grande relevância ocorreram em 1844, onde se procedeu ao levantamento da atual fachada e torre.

Para todas estas obras de reparações, no decorrer do tempo foram despendidas as receitas que a igreja possuía, proveniente de vários rendimentos: ofertas dos fiéis, aluguer das suas propriedades, das sepulturas, missas, pagamento das multas e dos toques de sinos dos finados e festas.

Se compararmos a configuração da Matriz de Lagoa do século XXI com os registos existentes da mesma há uns séculos atrás, nada tem a ver com o aspeto atual. Em primeiro lugar, existiam outros altares como por exemplo de São Pedro (desconhecendo-se a sua existência), Bom Jesus (retirado em 1844 e substituído pela imagem de São José), Nossa Senhora da Conceição (substituído nos finais do século XIX por Nossa Senhora de Lurdes), São Sebastião, São Miguel (fundado no século XVIII, e cuja imagem mais tarde foi mudada para o altar-mor). Na atual capela colateral onde se encontra o Senhor Santo Cristo dos Terceiros encontrava-se a imagem do Sagrado Coração de Jesus, que no século XX foi transferida para o altar do lado do Evangelho, por vontade do Padre José Pires.

Depois, a igreja não possuía bancos ou outros assentos. Fruía apenas de alcatifas no chão de madeira, onde os fiéis assistiam às missas de pé, mas com uma regra: os homens separados das mulheres. Aliás, a liberdade dos fiéis no interior do templo, tal como acontecia noutros, era escassa, pois estes apenas tinham acesso à zona comum que ia da porta às grades (junto da capela-mor). Esta norma podia ser quebrada, dado que no

²³⁴ COSTA, S., 2007: 47.

interior do templo havia espaços hierarquizados de acordo com o estatuto social, e por isso, a Coroa permitia que os capitães dos donatários ou os governadores das ilhas se sentassem na zona da Capela-Mor, do lado da Epístola, acompanhando as autoridades religiosas que se sentavam do lado do Evangelho²³⁵.

Sabe-se, ainda, que em 1958 a Matriz encontrava-se em muito mau estado de conservação, carecendo de obras urgentes, a fim de reparar o templo.

Construiu-se o salão paroquial no século XX, destruindo-se a sacristia que dava acesso direto para a Capela-mor. Fruto desta destruição, foi necessário construir um novo espaço para a sacristia, localizada atualmente no lado oposto da igreja. Mais, na década de noventa do mesmo século, um espaço anexo contíguo ao edifício principal para albergar salas de catequese foi edificado.

A mais recente intervenção começou em novembro de 2014, de forma a melhorar o acondicionamento do espólio do templo, pois em condições atmosféricas adversas ocorriam infiltrações em algumas zonas, o que colocava em perigo o condicionamento do espólio. A área da sacristia foi a que sofreu maior remodelação em 2015, sendo revestida a azulejos da Fábrica Cerâmica Vieira, possuindo um desenho exclusivo de uma cruz realizado por António Amaral.

A Igreja Matriz de Lagoa desde o início se tornara uma instituição de grande poder na malha concelhia. No século XVII tinha, esta igreja, um vigário, um cura, quatro beneficiados (responsáveis pelos cânticos eucarísticos), um tesoureiro (sacerdote que tinha sob sua responsabilidade os paramentos, alfaías e vasos sagrados, bem como a limpeza da igreja e altares), e um organista, segundo Frei Agostinho de Montalverne. Foi com este organograma que a Matriz se manteve até ao século XIX, apenas vendo este grupo acrescido com um mestre-de-capela e um pregador, vincando a importância deste templo.²³⁶ Com o decreto de 17 de maio de 1832, os serviços religiosos ficaram somente a depender de um vigário e de um cura.

Teve ainda várias Confrarias, entendidas como associações de fiéis com o objetivo de desenvolver o culto público. Por volta de 1543 as Confrarias aumentaram e passou-se a ter a Confraria de Santa Cruz (existiu pelo menos entre 1543-1676); a

²³⁵ COSTA, S.,2007: 45-46.

²³⁶ *Idem*: 47-48.

Confraria de São Sebastião; a Confraria de Nossa Senhora da Conceição, desconhecendo-se o ano da sua extinção; a Confraria dos Fiéis de Deus ou das Almas que manteve-se em funções até 1865; e a Confraria de Santa Maria do Rosário²³⁷. Mais tarde, surgiu a Confraria do Santo Cristo, desconhecendo-se quanto tempo durou; e a Confraria do Coração de Jesus, fundada canonicamente em 1885.

Por alvará régio de 27 de novembro de 1895, foi elevada à dignidade de Capela Real, distinção que permaneceu durante quinze anos, sendo extinta desta dignidade com o fim da Monarquia e a implantação da República em 1910.

Em suma, a Igreja Matriz de Lagoa é então o resultado de várias intervenções sofridas no decurso dos séculos, quer a nível de interior, quer no exterior, mas nunca perdendo a sua magnificência.

²³⁷ TAVARES, 1979: 44.

1.2. Espaço arquitetónico

O século XVI foi muito significativo em termos do desenvolvimento da arquitetura açoriana, subsidiada em parte pela Corte portuguesa, onde por carta de 1566 foi dada ordem para que fossem construídas ou reconstruídas todas as igrejas, ermidas e capelas de que o rei era padroeiro. Ao rei competia contribuir para a construção da Capela-Mor e sacristia, ficando as naves a cargo do povo. A arquitetura desta época era marcadamente de influência portuguesa, com as suas características próprias.

Contudo, as fachadas das igrejas açorianas sofreram alterações face às do território continental, havendo uma predominância das fachadas atuais datadas dos séculos XVII, XVIII e XIX.

O traçado arquitetónico do frontispício da Igreja Paroquial de Santa Cruz é muito vulgar na ilha de São Miguel, caracterizando-se por apresentar três portais encimados por três janelas e outra por cima destas últimas, uma torre sineira no lado esquerdo ou no lado direito. Constatam alguns exemplos:

- Igreja de Nossa Senhora do Rosário – Rosário (Lagoa)
- Igreja de São Roque – São Roque (Ponta Delgada)
- Igreja de São Sebastião – São Sebastião (Ponta Delgada)
- Igreja de Nossa Senhora dos Anjos – Ajuda da Bretanha (Ponta Delgada)
- Igreja de Nossa Senhora da Apresentação – Capelas (Ponta Delgada)
- Igreja Nossa Senhora da Luz – Fenais da Luz (Ponta Delgada)
- Igreja de Santo António – Santo António (Ponta Delgada)
- Igreja de Nossa Senhora da Piedade – Ponta Garça (Vila Franca do Campo)
- Igreja do Bom Jesus – Vila de Rabo de Peixe (Ribeira Grande)
- Igreja de São Pedro – Ribeira Seca (Ribeira Grande)
- Igreja de Nossa Senhora da Estrela – Ribeira Grande
- Igreja de Nossa Senhora do Rosário – Lomba da Maia (Ribeira Grande)
- Igreja de São Salvador do Mundo – Ribeirinha (Ribeira Grande)
- Igreja de Santo Espírito – Maia (Ribeira Grande)
- Igreja dos Santos Reis Magos – Fenais da Ajuda (Ribeira Grande)
- Igreja de Nossa Senhora do Rosário – Achadinha (Nordeste)

- Igreja de São Jorge – Achada (Nordeste)
- Igreja de Nossa Senhora da Luz – Pedreira (Nordeste)
- Igreja de Nossa Senhora Penha de França – Água Retorta (Povoação)
- Igreja de Nossa Senhora da Mãe de Deus – Vila da Povoação (Povoação)²³⁸

1.2.1. Exterior



Figura 1 – Igreja Matriz de Santa Cruz.

(Foto: autora, 2018.)

²³⁸MELLO, 2013: 61-62.

A Igreja situa-se numa plataforma nivelada e ligeiramente elevada em relação à estrada e forma um pequeno adro fronteiro murado com vista sobre a baía de Santa Cruz.

O edifício é composto pelo corpo das naves, pelo corpo da cabeceira (Capela-Mor e Colaterais), por uma torre sineira, pelo batistério situado simetricamente à torre sineira, e por dois corpos anexos.



Figura 2 – Fachada da Igreja Matriz de Santa Cruz.

(Foto: autora, 2018.)

A fachada principal é dividida em três níveis horizontalmente por duas cornijas, típica das igrejas da ilha de São Miguel, e em três secções verticalmente por meio de pilastras. No nível inferior, cada secção tem uma porta encimada por uma janela de formato retilíneo, sendo a porta central ligeiramente de maiores dimensões. As molduras das portas possuem um lintel e uma cornija, e são ladeadas por pilastras encimadas por uma espécie de pináculos. As molduras das janelas são ladeadas por pilastras assentes em mísulas e os lintéis estão integradas na cornija da fachada. No espaço entre as duas portas laterais e as janelas há elementos decorativos em relevo – vieiras, assim como uma cartela retangular em pedra com a data “1507” entre o portal axial e a janela. O nível superior também está dividido em três secções pelos prolongamentos das pilastras. As secções laterais são duas aletas delimitadas por volutas que amparam a secção central, retangular, com uma janela axial ao centro apresentando as mesmas características das janelas do nível inferior. Esta é encimada por uma cornija e rematada por um pequeno frontão definido por duas volutas que elevam uma cruz latina. No tímpano constam as armas portuguesas em relevo em pedra, que estavam no primeiro frontispício. As pilastras são rematadas por pináculos.

As portas da igreja são de duas folhas, em madeira maciça, pintada de bordô, com quatro almofadas em cada folha. As janelas de guilhotina²³⁹ de dois panos têm os caixilhos em madeira pintada de branco.

²³⁹ Entende-se por janela de guilhotina uma janela dividida horizontalmente em dois panos, os quais deslizam em calhas, para cima e para baixo. Este tipo de janelas foi inicialmente usado no século XVII.



Figura 3 – Torre da Igreja Matriz de Santa Cruz.

(Foto: autora, 2018)

Além disto, possuí uma torre sineira de planta quadrangular, tendo a forma de um prisma quadrangular, adossada à esquerda, que se destaca no conjunto pelas suas proporções. Divide-se em dois registos por uma cornija: uma secção inferior mais alta que tem três janelas retangulares; uma secção superior onde se situam os quatro sinos em vãos rematados em arco de volta inteira, cada um deles, situados, numa das faces da torre. É coroada por uma cornija onde assenta uma balaustrada em pedra com um pináculo em cada canto. Tem um relógio na torre que veio de Morez, França, que custou com a sua colocação, direitos alfandegários e outras despesas 487\$180 reis, e começou a trabalhar a 24 de outubro de 1909²⁴⁰. A necessidade de haver um relógio para a torre já tinha sido exposta em 1692 pelo Vigário Salvador de Sousa propondo que a sua

²⁴⁰ TAVARES, 1979: 48.

aquisição fosse a expensas da fábrica da igreja e do rendimento da Câmara. A proposta foi aceite mas nunca se concretizou até ao século XX.



Figura 4 – Salão Paroquial e Batistério da Igreja Matriz de Santa Cruz.

(Foto: autora, 2018.)

O batistério ocupa uma posição simétrica à da torre, no lado esquerdo, embora seja mais baixo, e tem uma janela semelhante às da fachada principal. Encostada à igreja encontra-se também a estrutura do salão paroquial, estrutura recente.



Figura 5 – Estrutura anexa à Igreja Matriz de Santa Cruz.

(Foto: autora, 2018.)

No lado direito encontra-se adossada uma estrutura simples, de menores dimensões em relação à fachada da igreja, que dá acesso à receção da CVML, bem como à sacristia.

A igreja é rebocada e pintada de branco, exceto nas partes conservadas, o soco, os cunhais, as pilastras, as cornijas, as molduras dos vãos, a balaustrada, os pináculos e os elementos decorativos que são em cantaria à vista.

De destacar, que a estrutura da torre e da fachada permanecem desde 1844 inalteradas, e apresentam a fachada tipicamente do século XVII.

1.2.2. Interior



Figura 6 – Interior da Igreja Matriz de Santa Cruz.

(Foto: autora, 2018.)

A Igreja apresenta uma planta longitudinal que se divide em três naves – nave do lado do Evangelho (esquerda), nave central e nave do lado da Epístola (direita) –, separadas por duas fiadas de cinco arcos de volta inteira, dividida em cinco tramos cujos arcos formeiros, de volta perfeita, assentam em doze colunas simples, formando seis pares. As fustes de todas as colunas que suportam a cobertura e dão forma ao espaço interior do templo, são cilíndricas simples, com capitel cilíndrico também simples, assentes numa base circular. O teto da igreja é em betão armado.

Na igreja paroquial de Santa Cruz encontram-se cinco capelas, a saber: a Capela-Mor, duas colaterais profundas e duas capelas laterais. A capela colateral do lado esquerdo de invocação ao Senhor Santo Cristo dos Terceiros e a capela colateral direita do Santíssimo Sacramento. A capela do lado do Evangelho de invocação a Santa Teresinha do Menino Jesus e a capela do lado da Epístola de invocação ao Senhor dos Passos.



Figura 7 – Capela colateral do Santíssimo Sacramento.

(Foto: Vintage Studio para a CVML, 2017.)

A capela colateral do Santíssimo Sacramento, no lado da Epístola, em termos de estrutura arquitetónica, apresenta uma abóbada de berço, em estuque, um portão de grades em madeira, em duas meias portas, metade coberta em folha dourada e outra metade pintada a dourado. Tem, do lado direito de quem entra, uma janela de iluminação e o fundo está totalmente preenchido por um retábulo. O retábulo possui quatro pilastras vermelhas, duas em cada lado, decoradas por elementos vegetalistas. Nos intercolúneos, isto é, nos elementos planos entre cada par de pilastras há ornatos de grande qualidade, dispostos em simetria nalguns elementos vegetalistas e singularmente sob a forma de conchas. O ático é formado por dois arcos que brotam do entablamento, decorados na continuidade das pilastras. A mesa do altar préconciliar forma um corpo próprio, separado fisicamente do retábulo. A mesa propriamente dita tem sobreposta uma espécie de banquetta decorada com formas vegetalistas onde se encaixa a meio o sacrário profusamente decorado, onde a porta vermelha mostra vários elementos

naturalistas e uma cruz latina enraizada. Tramo central interrompido por uma tribuna que está pintada em tons de pastel criando um jogo de luz e sombra, dando a ilusão de céu luminoso. O cordeiro que está lá inserido no conjunto foi uma aplicação posterior pelo atual pároco da paróquia. Nas paredes da capela predominam, em ambos os lados, conjuntos de flores em gesso e no centro em forma elíptica, raios setiformes sobre um cisne.

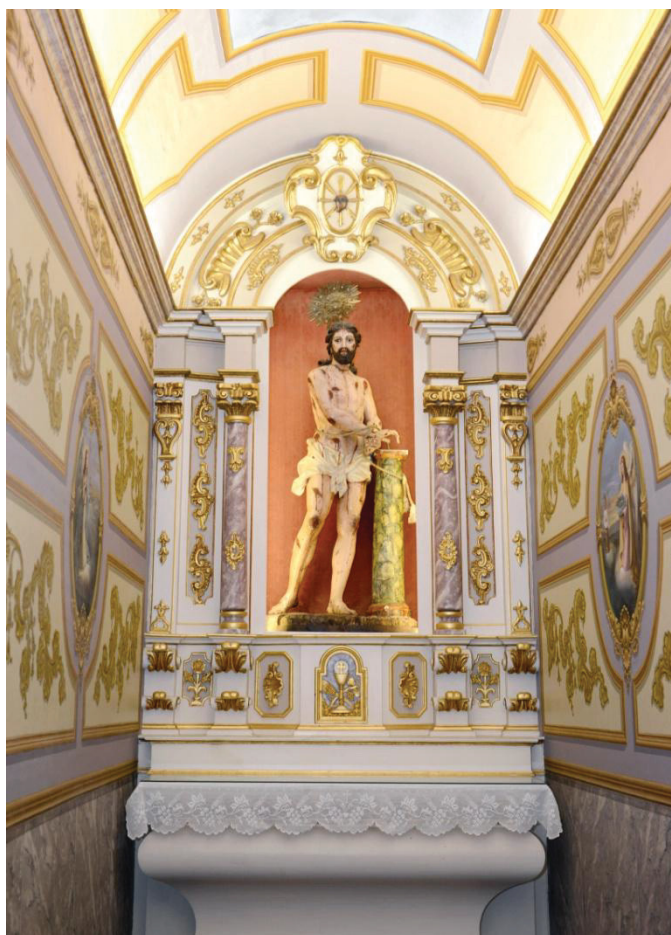


Figura 8 – Capela colateral do Senhor Santo Cristo dos Terceiros.

(Foto: Vintage Studio para a CVML, 2017.)

A capela colateral do Senhor Santo Cristo dos Terceiros, no lado do Evangelho, em termos de estrutura arquitetónica, apresenta uma abóbada de berço. O retábulo duas colunas em falso marmoreado, uma em cada lado, decoradas por elementos vegetalistas, de capitel composto e base cilíndrica. Nas ilhargas, pilastras decoradas por elementos a dourado. Nos intercolúneos, isto é, nos elementos planos entre cada par de pilastras e colunas há elementos vegetalistas. O ático é formado por dois arcos de volta perfeita que brotam do entablamento, decorados na continuidade das pilastras e colunas. Ostenta

uma cartela com o Sagrado Coração de Jesus. A mesa do altar préconciliar forma um corpo próprio, separado fisicamente do retábulo. A mesa propriamente dita tem, sobreposta, uma espécie de banqueta decorada com formas vegetalistas e quatro mísulas. Tramo central interrompido por uma tribuna forrada a vermelha onde se insere a imagem do Senhor Santo Cristo dos Terceiros. Nas paredes da capela predominam, em ambos os lados, pinturas de Domingos Silva de 1989, com elementos vegetalistas, bem como alusões ao celestial. O fundo deste retábulo está pintado de branco e as decorações são douradas.

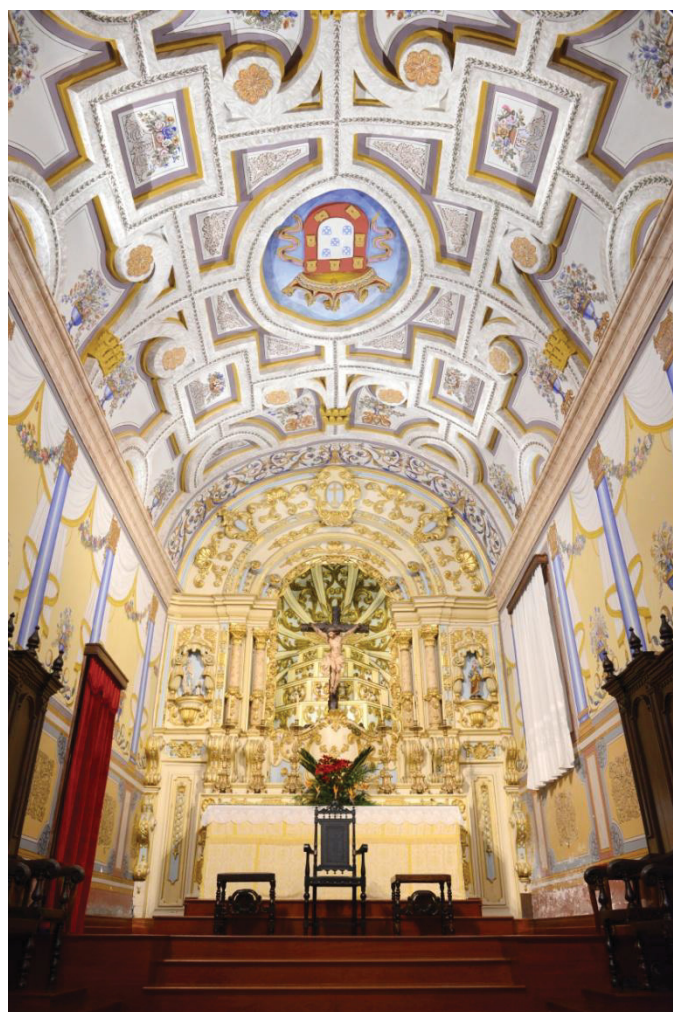


Figura 9 – Capela-Mor.

(Foto: Vintage Studio para a CVML, 2017.)

A Capela-Mor, em termos de estrutura arquitetónica, apresenta uma abóbada de berço, com o brasão das armas, em estuque. Tem, do lado direito de quem entra, uma

janela de iluminação e o fundo está totalmente preenchido por um retábulo. O retábulo é formado por um só corpo com três tramos, sendo o central maior. Cada tramo lateral tem mísulas, duas colunas de capitel compósito e um nicho, do lado direito possui a imagem de São José, e do lado esquerdo a imagem de Nossa Senhora de Lurdes e a Santa Bernardete. A tribuna é profunda e mais alta que os tramos laterais, apresentando uma perspectiva côncava, com trono no interior, possuindo a imagem de Cristo Crucificado. Ático, em arco de volta perfeita com cartela ao centro com a cruz latina. Quanto à decoração, assistimos a uma policromia que imita mármore. Os elementos decorativos utilizados são predominantemente: concheados, volutas e elementos vegetalistas estilizados, não existindo elementos figurativos. As pinturas das paredes não se inserem em nenhum contexto religioso. A Capela-Mor tem um arco triunfal em imitação de mármore e tem, de cada lado, um cadeiral revivalista em madeira.



Figura 10 – Capela lateral de Santa Teresinha do Menino Jesus.

(Foto: Vintage Studio para a CVML, 2017.)

A capela do lado do Evangelho, de invocação a Santa Teresinha do Menino Jesus, localizada no segundo tramo, apresenta uma abóbada de berço, um retábulo com policromia a imitar mármore. Insere-se no conjunto duas colunas de capitel composto de base cilíndrica, uma em cada lado. Nas ilhargas, duas pilastras decoradas por mísulas. Nos intercolúneos, isto é, nos elementos planos entre cada par de pilastras e colunas há elementos vegetalistas. O ático é formado por arcos de volta perfeita que brotam do entablamento, decorados por elementos vegetalistas, ostentando uma cartela ao centro. Ostenta uma cartela com o Sagrado Coração de Jesus. A mesa do altar préconciliar forma um corpo próprio, separado fisicamente do retábulo. A mesa propriamente dita tem, sobreposta, uma espécie de banqueta decorada com formas vegetalistas. Tramo central interrompido por uma tribuna forrada a vermelha onde se insere a imagem de Santa Teresinha do Menino Jesus. As paredes da capela são simples, apresentando no lado direito uma abertura onde se insere a imagem de Nossa Senhora da Conceição, com lintel e ombreiras em pedra. A capela apresenta uma grade em madeira de pau-brasil.



Figura 11 – Capela lateral do Ministério Pascal.

(Foto: Vintage Studio para a CVML, 2017.)

A capela lateral do Ministério Pascal, localizado no segundo tramo, apresenta uma abóbada de berço, um retábulo com policromia a imitar mármore. Conjunto decorado por motivos vegetalistas. O ático é formado por arco de volta perfeita que brota do entablamento interrompido no tramo central que está pintado a dourado e que possui a imagem de Cristo Ressuscitado. Na capela encontra-se a imagem do Senhor dos Passos com o respetivo andor. A capela apresenta uma grade em madeira de pau-brasil.



Figura 12 – Altar do lado da Epístola de invocação à Virgem do Rosário.

(Foto: autora, 2018.)



Figura 13 – Altar do lado do Evangelho de invocação ao Sagrado Coração de Jesus.

(Foto: autora, 2018.)

Além de capelas, a igreja possui dois altares laterais, o altar lateral esquerdo de invocação ao Sagrado Coração de Jesus e o altar lateral direito de invocação à Virgem do Rosário, no quarto tramo. Ambos os altares encontram-se de momento a serem intervencionados.

Há nesta igreja quatro pias para água benta, sem contar com a pia do batistério, de uso facilmente acessível, para a purificação de todos os crentes, antes da sua aproximação mais íntima a Deus, no templo. Na entrada, já no interior, adossadas nas colunas, encontram-se duas, uma de cada lado das naves, e outras duas a meio das naves laterais, fixadas à parede. São de pedra polida, e têm a forma de concha ovalada. O perfil é ondulado e o bordo liso. São de uma razoável dimensão.



Figura 14 – Púlpito e dossel.

(Foto: autora, 2018.)

Ao longo da nave do lado do Evangelho encontra-se na terceira coluna um magnífico púlpito, com acesso por uma escada em madeira, em espiral, que envolve a coluna, e respetivo dossel de madeira preta e cedro, com pintura e douramento. As guardas do púlpito e da respetiva escada são de balaústres em madeira escura, tendo a do púlpito elementos dourados. O dossel foi intervencionado no ano 2017, aquando do destacamento de alguns fragmentos.



Figura 15 – Batistério.

(Foto: autora, 2018.)

E ainda na nave do lado do Evangelho, no primeiro tramo, encontra-se o batistério revestido de azulejos do século XX, provenientes da fábrica Aleluia, fazendo a alusão às temáticas em torno do batismo.



Figura 16 – Coro-alto.

(Foto: Vintage Studio para a CVML, 2017.)

Tem amplo coro-alto, sobre a entrada, com um deslumbrante órgão de tubos do século XIX, que ainda funciona.



Figura 17 – Sacristia.

(Foto: autora, 2018.)

A sacristia, situada ao lado da capela colateral do Santíssimo Sacramento é acessível por um pequeno vestíbulo que dá acesso a um *hall* de entrada e ao arquivo e escritório, bem como à própria sacristia, totalmente remodelada em 2015.

A meio da parede da nave do lado do Evangelho, na zona do quarto tramo, há uma porta de comunicação com o Salão Paroquial.



Figura 18 – Porta de acesso à torre e coro-alto.

(Foto: autora, 2018.)

Por fim, no princípio da nave do lado do Evangelho, abre-se uma porta que dá acesso à torre e ao coro-alto.

2. Inventariação dos bens culturais na Igreja Matriz de Santa Cruz de Lagoa

2.1. Caracterização do património religioso inventariado

A Igreja Matriz de Santa Cruz de Lagoa possui um extenso património cultural móvel e imóvel de cariz religioso no contexto micaelense e insular, de considerável valor artístico, histórico, devocional e sentimental sob sua posse. A realização do inventário era uma necessidade para se conhecer o património existente na referida igreja.

Dada a importância crescente em torno da temática do inventário do património religioso, a Comissão Diocesana dos Bens Culturais da Igreja da Diocese de Angra, no âmbito de um protocolo assinado em 2014 com a Direção Regional da Cultura Açores iniciou em algumas Paróquias da Diocese de Angra o inventário do património móvel religioso.

A Igreja Matriz de Santa Cruz de Lagoa foi uma das paróquias contempladas com esse feito (ver Anexo E). A inventariação foi encetada por mim própria, ao abrigo do programa Estagiar L, entre o último trimestre de 2014 e o ano de 2015, de todos os bens culturais móveis existentes na igreja, a saber: esculturas, pinturas, peças de ourivesaria e metais, têxteis, mobiliário e cerâmica. De sublinhar que apesar de ter sido feito o registo fotográfico e o agrupamento por conjunto de todos os paramentos existentes na referida igreja, tornou-se impossível fazer a marcação do número de inventário, bem como a respetiva ficha de inventário, ficando esta parte a ser realizada para breve.

Para o desenvolvimento de um inventário metódico segui quatro etapas que considero crucial para a realização de um inventário com rigor. A primeira prende-se com o levantamento dos diversos bens patrimoniais existentes, seguindo-se a recolha de documentação fotográfica de cada peça, prosseguindo com a realização da ficha individual da peça e consequente investigação, terminando com a marcação da peça.

O levantamento exaustivo dos bens culturais existentes é o primeiro passo a dar, para que se conheça todos os possíveis espaços onde se encontram as peças.

Feita esta etapa, segue-se a recolha fotográfica de cada objeto, que permite identificar e diferenciar as diversas peças existentes, algumas das quais com a mesma designação. Para o registo fotográfico, os objetos foram, sempre que possível, enquadrados num cenário produzido com tecido branco, fotografados de vários ângulos (frente, verso e dois lados) com luz natural, evitando-se o recurso ao *flash* não só para preservação das peças, como o *flash* coloca uma sombra na peça. Na impossibilidade de deslocar as peças, a fotografia fez-se no próprio local onde a peça se encontra, sob o ângulo mais adequado. Todos os pormenores, como por exemplo, marcas, lacunas, assinaturas, inscrições, atributos foram igualmente fotografados e registados nas fichas.

Durante o processo de desenvolvimento conceptual da ficha de inventário, deparei-me com várias questões, nomeadamente: que informação se deve registar sobre os objetos? Qual o procedimento de registo? Que campos são necessários para contemplar toda a informação disponível? Qual a linguagem mais apropriada para utilizar neste processo? Que ferramentas utilizar? Que regras e boas práticas posso utilizar como referência na documentação das coleções?

Tendo como referência as Normas de Inventário para as Artes Plásticas e Artes Decorativas elaboradas pela DGPC, ainda que com algumas adaptações, a elaboração e preenchimento da ficha de inventário individual da peça, integra os campos seguintes: instituição proprietária (organismo que tem a tutela da peça); localização (local da instituição proprietária); categoria e subcategoria (designa os agrupamentos de objetos, tendo por base as tipologias das peças); denominação (designação da identidade correta da peça); título (apresentação do título que alguns objetos possam ter); outras denominações (outros nomes pelos quais o objeto também é conhecido); número de inventário (atribuição de um número de inventário único e intransmissível); marcação (zona da peça onde se encontra o número de inventário); número de inventário anterior (números de inventário anteriores à nova atribuição do número); fotografia (colocação da fotografia da peça); descrição (descrição pormenorizada da peça); dimensões (medição expressa em centímetros com as medidas máximas da peça, normalmente, tiradas em altura, largura e profundidade, variando consoante a configuração dos objetos); datação; autoria; produção; marcas e inscrições; datação; informações

técnicas; conservação; localização; observações; bibliografia; data da conclusão da ficha de inventário e o nome do(a) responsável pelo inventário.

Relativamente a alguns itens da ficha de inventário destacaremos alguns aspetos, nomeadamente o referente ao preenchimento dos campos da denominação, descrição e número de inventário.

No campo da denominação foi adotada a terminologia estabelecida no *Thesaurus – Vocabulário de Objectos do Culto Católico*, pautando assim a uma normalização.

No item da descrição anotou-se exatamente aquilo que se vê, identificando-se desde logo o assunto tratado, descrevendo a peça do geral para o particular, do primeiro plano para o segundo plano e de cima para baixo.

Quanto ao número de inventário, atribuiu-se um número de registo de inventário, uma nomenclatura, constituída por um código alfanumérico para individualizar o objeto, identificando logo a propriedade do objeto, através dos caracteres do alfabeto identificando a Paróquia de Santa Cruz (ex. PSC – Paróquia de Santa Cruz), seguindo-se a numeração sequencial; a elaboração da ficha de inventário individualizada do objeto, elaborada tendo como referência o programa Matriz 2.0, embora com algumas adaptações; e o levantamento fotográfico de cada peça. A marcação do número, na maioria das peças à exceção dos têxteis, é feita do seguinte modo: aplica-se sobre o verso da peça uma camada de verniz transparente, tinta-da-china e finaliza-se novamente com uma camada de verniz. Nos têxteis a marcação diferencia-se por ser feita numa fita de nastro cozida a linha de algodão no reverso de cada têxtil sobre a costura. Na impossibilidade de se aplicar os dois métodos descritos anteriormente, utilizou-se uma etiqueta de *acid-free* presa à peça, como no caso dos pequenos relicários.

Os dados trabalhados foram introduzidos numa ficha de inventário em formato *word*, aguardando a aquisição de um programa de informática específico no âmbito da inventariação de objetos de culto por parte do Serviço Diocesano dos Bens Culturais da Igreja da Diocese de Angra, pois a informação neste formato não é de fácil pesquisa.

Porém, relativamente ao património móvel inventariado na paróquia de Santa Cruz caracterizam-se por uma variedade de objetos de Artes Plásticas e de Artes

Decorativas com uma extensão temporal em que se inscrevem – de finais do século XVI ao século XXI.

Nestes parâmetros, o inventário possibilitou o conhecimento do espólio presente na Igreja Matriz de Santa Cruz de Lagoa, identificando-se e registando-se todos os objetos existentes, salvaguardando e valorizando o património existente *in situ*, ao passo que possibilitou conhecer o estado de conservação de cada objeto, sensibilizando junto dos zeladores mais próximos advertir para o cuidado a ter com as peças aquando a limpeza e manuseamento.

Em simultâneo, o inventário das cerca de 300 peças funcionou como uma ferramenta base para a realização de posteriores estudos e, consequentemente, complementação da informação existente, através daquele que virá a ser a Coleção Visitável da Matriz de Lagoa.

3. Planear e montar a Coleção Visitável da Matriz de Lagoa

3.1. O projeto

O projeto para o planeamento da implementação de um espaço museológico de tipologia eclesiástico na Igreja Matriz de Santa Cruz encara a sua génese no inventário levado a cabo na referida igreja.

No decorrer da inventariação verificou-se, desde o início, alguns problemas ao nível da conservação a que este património estava sujeito, sobretudo, nos objetos que estavam fora do olhar dos fiéis, alguns desafetos à prática ritual e devocional, armazenados em arrecadações não da forma mais recomendada, ou mesmo, o facto de algumas zonas do próprio espaço não oferecerem as condições necessárias para a sua correta conservação preventiva.

Perante tal cenário, aliado ao facto do património religioso ser um importante meio de evangelização, a criação de um espaço museológico nos espaços desaproveitados da igreja, sem interferir com o espaço litúrgico, seria a oportunidade ideal para divulgar os bens culturais, bem como descodificar a mensagem intrínseca em cada um deles, criando um percurso expositivo coerente, aliando esta vertente pastoral com a conservação, valorização e divulgação do espólio.

Assim, o projeto de implementação de um espaço museal surge de uma conjuntura de necessidades, desde logo expressa na necessidade de preservar corretamente e por inerência divulgar o património religioso afeto à Igreja Matriz de Santa Cruz de Lagoa. Depois, da necessidade de evangelizar através da cultura, atendendo que a Igreja Católica necessita de novas metodologias para acompanhar a evolução dos tempos e aproximar-se dos que se encontram mais afastados, dos que pretendem aprofundar a sua fé, e dos que não conhecem a fé, verificando-se que hoje-em-dia há uma tendência de afastamento entre os fiéis perante a Igreja, sendo o património eclesiástico visto como uma fonte permanente de formação e um recurso inesgotável de apreciação cultural, propondo um novo olhar sobre a arte religiosa através da descodificação da mensagem intrínseca em cada bem cultural.

Através de uma exposição permanente coesa a ficar implantada no espaço museológico assume-se a responsabilidade de reatar o diálogo entre o espaço religioso e os bens culturais que fazem parte do acervo da paróquia, na medida em que conserva para valorizar bens culturais de caráter religioso. Ainda que muitas peças já não desenvolvam uma função eclesial específica, continuam, no entanto, transmitindo uma mensagem que as comunidades cristãs, de épocas anteriores, quiseram entregar às gerações futuras.

A exposição a ficar patente assenta em dois tipos de abordagem: abordagem simbólica expressa no valor ostentatório dos objetos; abordagem documental, apoiada no valor informativo e científico dos objetos.

Neste sentido, o projeto radica por um lado na promoção de um diálogo entre a comunidade de Santa Cruz e o seu património religioso e, por outro, a partir daqui, potenciar o desenvolvimento cultural e cristão dessa mesma comunidade.

Idealizar um espaço museológico para uma igreja que mantém em atividade as suas funções litúrgicas torna a tarefa do planeamento do futuro espaço museológico a implementar mais complexa, atendendo que não se pretende musealizar o espaço principal – igreja –, embora se pretenda incluir no percurso expositivo do museu, sem alterar seja o que for no espaço litúrgico.

Deste modo, aproveitando alguns espaços já edificados anexos ao edifício principal, que funcionavam como salas que outrora estavam ocupadas por alguns objetos, bem como outras que estavam desaproveitadas, e ainda, outras que serviam como salas de catequese, pretende-se fazer um reaproveitamento desses espaços espalhados pelo edifício-mãe e implantar a CVML, permitindo que o visitante através dos vários núcleos dispersos pelo percurso, percorra todo o espaço envolvente, possibilitando, em simultâneo, que se conheça os espaços mais íntimos de uma igreja.

Juridicamente, propõe-se que o espaço museológico designe-se de “Coleção Visitável” ao invés de “Museu”, visto que de acordo com o artigo 4º da Lei nº47/2004 – Lei-Quadro dos Museus Portugueses, uma Coleção Visitável “é o conjunto de bens culturais conservados por uma pessoa singular ou por uma pessoa coletiva, seja de natureza pública ou privada, exposto publicamente em instalações especialmente afetas a esse fim, mas que não reúna os meios que permitam o pleno desempenho das restantes

funções museológicas que a lei estabelece para o museu”. Neste contexto, o museu eclesiástico denominar-se-á de Coleção Visitável da Matriz de Lagoa, uma vez que identifica a instituição que alberga a coleção.

A temática em torno da coleção fixa-se na Vida, ilustrando a vida da Igreja que se materializou no rito latino, além de ser uma vida que ultrapassou vários séculos e diversas gerações subsistindo até aos dias atuais. Esta Vida perpetua-se no património de cariz religioso como forma de devoção, enquadrando-se na ideia universal da Igreja e de Cristo, valorizando e fomentando uma das mais fascinantes valências deste património, ao serviço da missão que lhe está confiada. Nesta ordem de ideias, esta Vida tem na promoção da dignidade do ser humano, através dos bens culturais sob sua dependência, a sua razão de ser, ao serviço da evangelização, da pastoral, da cultura e do desenvolvimento da sociedade.

Para que o processo do planeamento à montagem do espaço museológico decorra da melhor forma, são várias as fases a percorrer. Desde logo, a constituição de uma equipa técnica multidisciplinar com elementos da área da Teologia, Museologia, Arquitetura, Design, Multimédia, Tradução, Carpintaria, Iluminação e Pintura, por exemplo.

A CVML começou a ser projetada no ano de 2016, tornando-se a apresentação pública do projeto a 18 de outubro de 2016, e posteriormente inaugurada no dia 18 de maio de 2017 e está sob tutela da Paróquia de Santa Cruz. O projeto inicial da criação de um museu na Igreja de Santa Cruz foi uma iniciativa conduzida pelo Padre Nuno Maiato, com um programa museológico e coordenação científica concebido por mim própria. Para que tal fosse concebível procedeu-se, posteriormente, à constituição de uma equipa técnica multidisciplinar.

Uma vez que toda a parte científica ficou a meu cargo, apresentarei nas próximas linhas todas as etapas necessárias para desabrochar este espaço museológico tão peculiar. Tendo em conta que o orçamento foi um grande entrave para a montagem ideal deste espaço museológico, nas próximas linhas apresento o plano da utopia concebível.

No que diz respeito ao modelo de funcionamento do espaço da CVML, estará acessível diariamente para visita, de ingresso gratuito, com o acompanhamento de um

guia especializado, de forma a tornar a visita mais formativa, ao passo, que garante uma salvaguarda da segurança das peças. Durante o serviço religioso não será permitida a realização de visitas, visto que os núcleos estarão dispostos ao longo do espaço litúrgico.

Atendendo às características do espaço não serem as mais favoráveis para uma eficaz resposta à visita de pessoas com mobilidade reduzida e para pessoas surdas, a criação de um audioguia e vídeoguia com uma visita virtual aos espaços será uma solução para colmatar esta lacuna.

Para um eficaz funcionamento do espaço, propõe-se que a CVML tenha um quadro de pessoal a trabalhar, nomeadamente, um vigilante no espaço litúrgico, um guia qualificado e um Técnico Superior na área para a gestão museológica do referido espaço, para além do Diretor que por inerência será o pároco.

Em termos de dinamização cultural, a CVML a curto, médio e longo prazo proporcionará a realização de oficinas temáticas dedicadas às famílias, eventos pontuais de âmbito cultural, nomeadamente, uma caminhada em torno do património religioso na freguesia de Santa Cruz, e numa segunda fase, pelo Concelho da Lagoa, momentos musicais na própria igreja, destacar todos os meses uma determinada peça associada ao mês, ações de formação, conversas em torno do património no que toca às intervenções de restauro efetuadas na Igreja Matriz de Santa Cruz, entre outras atividades em torno da evangelização pela arte.

3.2. Objeto e coleções

A coleção é a parte fundamental da existência de um espaço museológico, pois sem coleção torna-se inconcebível montar um museu, independentemente da sua tipologia. Os objetos são minuciosamente selecionados para construir a narrativa expositiva, beneficiando, em simultâneo, de uma proteção e salvaguarda acrescida. Objetos esses que assumem uma importante função de comunicação com o visitante.

O acervo da CVML conta com um espólio de cerca de 135 objetos, que se enquadram num arco temporal entre os séculos XVI e XXI, distribuídos pelas seis salas que constituem o espaço museológico. No geral, constituem o acervo da CVML espólio da igreja, quer desafeto ao culto quer os que continuam a desempenhar a sua atividade original mas permanecem *in loco* no espaço museal.

Fazem parte do acervo museológico esculturas, alfaias litúrgicas, relíquias, peças de cerâmica, paramentos, peças de ourivesaria e arte bonecreira. Atendendo ao vasto património que a Igreja Matriz de Santa Cruz de Lagoa possui, a seleção para a exposição obedeceram a critérios valorativos artísticos e históricos. Os restantes objetos que não se encontram expostos ou ao culto encontram-se em reservas.

Face ao agrupamento do espólio de acordo com a tipologia, foram selecionadas as seguintes peças para os núcleos expositivos:

- **Núcleo da Imaginária:** Santa Ana, Imaculada Conceição, Virgem e o Menino, Senhor da Cana Verde, São Sebastião, Santo Franciscano, Santo António de Lisboa, Sagrado Coração de Jesus, Busto-relicário desconhecido, Santa Filomena, Fotografia da visita do Santo João Paulo II aos Açores.
- **Núcleo da Ourivesaria:** a concha batismal, as âmbulas dos Santos Óleos, cibório (píxide), dois cálices, uma patena, galhetas, gomil de abluções, baia de abluções, caixa de hóstias, vaso purificador, três coroas de imagem, naveta, turíbulo, caldeirinha de água benta, hissope, um par de jarras de altar, cruz processional e vara, cálice-custódia, cruz-relicário do Santo Lenho e relicários.

- **Núcleo da Cerâmica e Azulejaria:** dois talhões de água benta, uma máquina de hóstias, dois cibórios (píxide), cálice, patena, galhetas, gomil de abluções e bacia de abluções, tudo em cerâmica, uma vassoura tradicional, acendedor-apagador e jarras.
- **Núcleo Processional:** molde de tapete de procissão, lanternas processionais, cruz processional, naveta, turíbulo, opa vermelha, roupa de anjo, saxofone, matraca, Virgem da Soledade, Senhor Morto, esquife, pálio processional, tocheiro pascal, Virgem do Rosário de Fátima, coroa do Espírito Santo e estandarte processional.
- **Núcleo da Paramentaria:** duas alvas, dois cíngulos, duas estolas, uma casula e uma capa de asperges.
- **Núcleo da Arte Bonecreira:** coleção criada de raiz para este feito.

Todo o espólio está sob tutela da Fábrica da Igreja Matriz de Santa Cruz, apesar de uma parte do acervo ser proveniente da Igreja e Convento de Santo António (Lagoa), aquando da expulsão das Ordens religiosas em 1832, ficando a Igreja Matriz de Santa Cruz como responsável de grande parte do acervo.

Do espólio existente, destaca-se que a coleção de arte bonecreira foi uma coleção concebida exclusivamente para o espaço museológico no ano de 2017.

3.3. Organização do espaço expositivo

Os espaços expositivos têm uma influência direta com a própria exposição, sendo um dos componentes determinantes numa exposição.

A organização da exposição é uma fase que implica várias tarefas, desde logo, conhecer as dimensões do espaço, definir os temas da exposição e os objetos selecionados. A estrutura temática expositiva define como os temas se relacionam entre si e determinará todas as fases seguintes da programação expositiva.

A organização do espaço museológico terá como base a edificação existente. A sua implementação em áreas anexas ao edifício principal vai ao encontro da lógica expositiva, permitindo criar um roteiro articulado entre o espaço museológico e o espaço litúrgico. A organização espacial assenta em seis núcleos distintos, de forma, a que os objetos selecionados se agrupem, em geral, de acordo com a sua tipologia material, integrando-os nos agrupamentos de escultura, ourivesaria, paramentos, cerâmica e azulejos, e arte bonecreira, com exceção de um único núcleo que não se agrupa por tipologia dos materiais, mas sim por temática: processional.

A organização do espaço estrutura-se com base no enquadramento dos objetos selecionados de acordo com a sua tipologia material ou temática, integrando-os nos agrupamentos de imaginária, ourivesaria, cerâmica e azulejaria, processional, paramentaria e arte bonecreira. As designações atribuídas às várias salas do percurso partem da funcionalidade original do respetivo espaço ou da temática do núcleo expositivo.

Na organização espacial não se pretendeu aglomerar vários objetos dificultando a leitura, como acontecera em tempos remotos da museologia, dando-se maior ênfase à individualização de cada peça, enquadrando-a num conjunto coerente, facilitando a leitura.

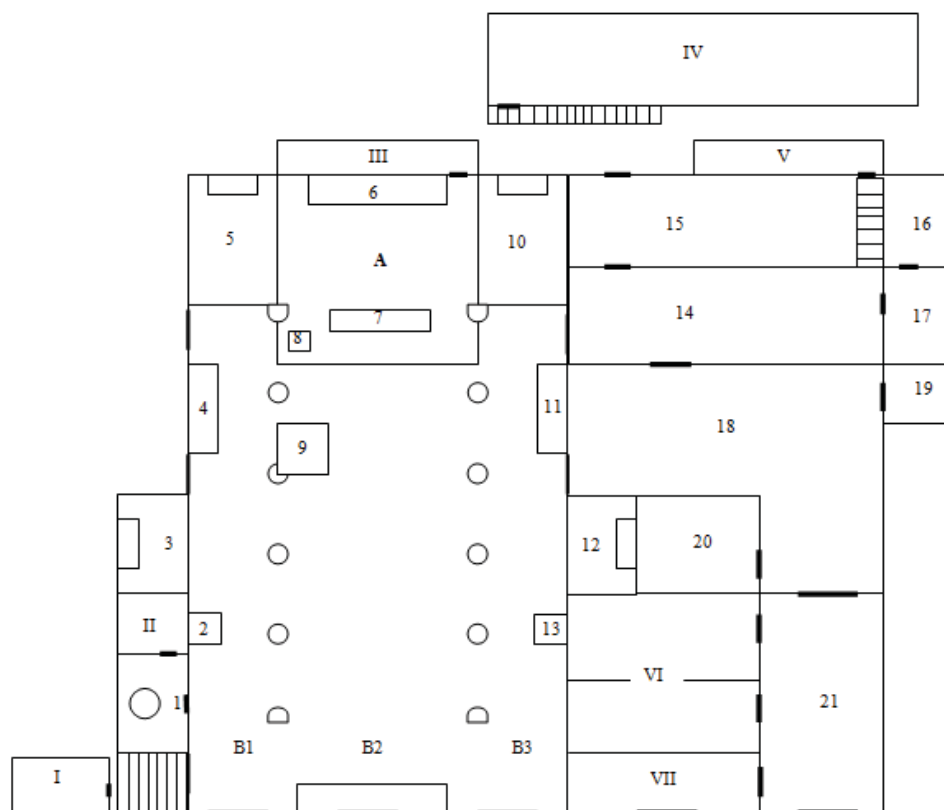


Figura 19 – Planta da Igreja Matriz de Santa Cruz com os núcleos expositivos.

(Planta elaborada pela autora)

- | | |
|---|--------------------------------------|
| A- Presbitério | 13- Sto. António |
| B1- Nave do lado do Evangelho | 14- Hall da Sacristia |
| B2- Nave Central | 15- Sala da ornamentação |
| B3- Nave do lado da Epístola | 16- Escritório |
| 1- Capela Batismal | 17- Arquivo paroquial |
| 2- Arcanjo São Miguel | 18- Sacristia |
| 3- Capela lateral de Sta. Teresinha de Lisieux | 19- WC |
| 4- Altar lateral do Sagrado Coração de Jesus | 20- Closet |
| 5- Capela colateral do Sr. Santo Cristo dos Terceiros | 21- Corredor |
| 6- Capela Mor | I- Núcleo da Imaginária |
| 7- Altar da Celebração | II- Núcleo da Ourivesaria |
| 8- Ambão | III- Núcleo da Cerâmica e Azulejaria |
| 9- Púlpito | IV- Núcleo Processional |
| 10- Capela colateral do Santíssimo Sacramento | V- Núcleo da Paramentaria |
| 11- Altar lateral da Virgem do Rosário | VI- Núcleo da Arte Bonecreira |
| 12- Capela lateral do Ministério Pascal | VII - Recepção |

3.3.1. Núcleo da Imaginária

Na primeira sala, designada de “Núcleo da Imaginária”, localizada na torre sineira da igreja de Santa Cruz, apresentam-se um conjunto de imagens que não se encontravam ao culto, datadas entre os finais do século XVI e o século XX, enquadrando-as no tema dos acontecimentos mais relevantes da História da Igreja Católica que ocorreram ao longo dos vários séculos, antes e depois de Jesus, centro da História do Cristianismo, para qual convergem todos os acontecimentos.

Ao longo da história, a arte tem-se inspirado em torno da temática da religião para produzir e reproduzir inúmeras obras de arte, independentemente de serem ou não de grande qualidade artística, sobressaindo-se consideráveis obras escultóricas.

A escultura, entendida como uma arte que representa imagens plásticas em relevo total ou parcial, foi a forma mais vulgarizada que o ser humano arranhou para estabelecer uma relação com o Divino, como um ato de fé. No âmbito religioso, a imaginária define-se como uma reprodução de imagens com uma função cultual, ou seja, a junção da escultura com a fé resulta em imagens e não em esculturas.

Porém, fruto do passar do tempo, nem sempre dispomos de elementos concretos que permitam identificar de forma clara e exata a invocação da imagem, devido à ausência de atributos claramente particulares como consequência da carência de conservação preventiva e despreocupação em relação ao património que, até há pouco tempo, era [quase] inexistente.

No núcleo, a sequência das dez imagens e da fotografia encontram-se por ordem cronológica da História e não pela parte material dos objetos, auxiliadas por uma régua cronológica que as enquadra nos diferentes tempos. As imagens físicas fazem alusão à concepção da Virgem Maria, ao Nascimento do Menino Jesus, à Paixão, Morte e Ressureição de Cristo, a perseguição aos primeiros cristãos, a fundação das Ordens Religiosas, a devoção às relíquias e o Concílio do Vaticano II. Intercalada a cada imagem encontram-se os períodos históricos mais marcantes, como o Édito de Milão, o Movimento Iconoclasta, o Movimento das Cruzadas, o Cisma do Ocidente, a Reforma Protestante, o Concílio de Trento e o Concílio do Vaticano I.



Figura 20 – Núcleo da Imaginária.

(Foto: CVML, 2018.)



Figura 21 – Núcleo da Imaginária.

(Foto: CVML, 2018.)

3.3.2. Núcleo da Ourivesaria

Na segunda sala, intitulada “Núcleo da Ourivesaria”, localizada num espaço anexo à capela batismal, face à introdução histórica da Igreja Católica no primeiro núcleo, introduz-se a temática da vida de um cristão que se inicia precisamente no Batistério, lugar de excelência do início de uma vida cristã, com a administração do primeiro Sacramento – o Batismo.

Os Sacramentos são sinais visíveis de uma realidade invisível, mediante os quais os cristãos podem vivenciar, pela ação do Espírito Santo, a presença de Deus que cura, perdoa, alimenta, fortalece e capacita para amar, ou seja, numa palavra, vivenciar a Graça de Deus. Por serem instituídos por Jesus Cristo, cada um dos sete Sacramentos faz-se acompanhar por uma palavra e por um gesto concreto, inspirado na revelação divina.

É na lógica dos Sacramentos que se encontram associadas peças, denominadas de alfaías, de destacável valor material que auxiliam na administração dos mesmos.

No campo das artes decorativas, a ourivesaria ocupa uma posição de notoriedade - quase central -, quer como símbolo de fé e poder, quer coadjuvando na afirmação do prestígio social, chegando a haver em muitos casos uma certa competição, pois o Homem, desde sempre, atribuiu uma enorme importância ao ouro, à prata e às pedras preciosas.²⁴¹

O termo “ourivesaria”, apesar de estar vulgarmente associado, em termos mais abrangentes, a todo o tipo de metais, incluindo o ouro, a prata, o metal branco, o cobre e o latão, designa todos os objetos executados em ouro²⁴².

Na ourivesaria religiosa, parcela mais significativa dos tesouros das instituições religiosas, contemplam-se vários exemplares que servem as celebrações do culto religioso. Neste âmbito, na lógica dos Sacramentos, encontram-se reunidas no núcleo expositivo, sensivelmente quarenta prodigiosas alfaías litúrgicas, maioritariamente em prata, de produção nacional, usadas nas celebrações, constituindo um conjunto de

²⁴¹ ALVES, 2011:15.

²⁴² *Ibidem*.

grande importância e de admirável qualidade, abrangendo um largo leque temporal, balizado entre o século XVII e o século XX.



Figura 22 – Núcleo da Ourivesaria.

(Foto: CVML, 2018.)



Figura 23 – Núcleo da Ourivesaria.

(Foto: CVML, 2018.)



Figura 24 – Núcleo da Ourivesaria.

(Foto: CVML, 2018.)

3.3.3. Núcleo da Cerâmica e Azulejaria

A terceira sala, apelidada de “Núcleo da Cerâmica e Azulejaria”, localizada atrás do retábulo da capela-mor tem como intuito enaltecer a Lagoa como terra de cerâmica e enquadrar o espaço litúrgico no seio envolvente, aliado ao facto que por detrás do retábulo-mor se encontram alguns azulejos colocados aleatoriamente a cobrir o rodapé, suspeitando-se que sejam os azulejos que sobraram da Ermida de Nossa Senhora do Cabo.

Para além da cerâmica de revestimento, e aliada ao facto de constar cerâmica de equipamento, visto que o espaço onde o núcleo está instalado é visto, na maior parte das igrejas, como um prolongamento da sacristia e um apoio às celebrações litúrgicas, onde se admiram cerca de vinte e cinco peças, incluindo alguns vestígios materiais de outros

objetos sem serem propriamente desse material, mas que normalmente encontram-se nesse lugar.

A cerâmica constitui um dos materiais mais antigos utilizados pelo Homem, tornando-se durante séculos um material de predileção para uso doméstico, transformando-se mais tarde num material de eleição em revestimento arquitetónico, vulgarizando-se no uso do azulejo, quer no chão quer no teto, depois das paredes²⁴³.

Na Península Ibérica, a arte da azulejaria vulgarizou-se na Andaluzia a partir do século XIII, graças aos árabes, fortes adeptos desta técnica de ornamentação. Em Portugal, o azulejo passou a ser usado entre os finais do século XV e a primeira metade do século XVI, embora preservado e adaptado, nascendo desta adaptação o estilo hispano-mourisco.

Nos Açores, entre os séculos XV e XVIII, o azulejo era importado de diferentes zonas nacionais e internacionais, porém só a partir do século XIX, se começou a produzir azulejos na ilha de São Miguel, graças à fundação de várias fábricas de cerâmica, nomeadamente no concelho da Lagoa, tornando-se uma referência na produção de cerâmica.

Destaca-se a Fábrica Cerâmica Vieira, ex-líbris da cidade de Lagoa, fundada em 1862, na qual, seus fundadores foram: Bernardino da Silva, natural de Coimbrões, freguesia de Santa Marinha, concelho de Vila Nova de Gaia; Manuel Leite Pereira, natural de Peso da Régua; Tomás d'Avila Boim, natural da ilha do Pico; e Manuel Joaquim d'Amaral, natural da Povoação. Esta fábrica é dos poucos patrimónios industriais e artísticos que têm resistido ao longo de cinco gerações familiares, sendo atualmente a única fábrica de cerâmica vidrada existente no Arquipélago dos Açores, que fabrica na totalidade toda a sua loiça nas suas instalações. A sua produção continua a ser artesanal, desde a moldagem na velha roda do oleiro até à pintura manual, com uma decoração muito característica onde predomina a cor azul e branca, sendo vulgarmente conhecidas por “Louça da Lagoa”.

No património religioso da freguesia de Santa Cruz, encontram-se dois magníficos edifícios de cariz religioso – ermidas – com exemplares de azulejos.

²⁴³ MÂNTUA; HENRIQUES; CAMPOS, 2007: 11.

- ERMIDA DE NOSSA SENHORA DO CABO

Ermida situada na freguesia de Santa Cruz, edificada pelo Padre João Alves da Cruz em 1675, por licença obtida do Bispo D. Fr. Lourenço de Castro a 6 de outubro de 1674. A invocação desta ermida a Nossa Senhora do Cabo deve-se ao facto do seu fundador ter uma grande devoção a Nossa Senhora do Cabo de Espichel, na Extremadura. Também invocada nesta cidade sob o título de Nossa Senhora da Estrela, devido ao dia escolhido pelo seu fundador para a sua festa ser o dia 2 de fevereiro dedicado a Nossa Senhora da Estrela. A banda filarmónica desta freguesia “Estrela d’Alva”, fundada em 1887, elegeu esta como protetora.

Esta ermida, um dos ex-libris do concelho da Lagoa, encontra-se revestida na fachada por azulejos policromos datados de 1678, com várias configurações. No cimo da porta apresenta uma cartela central que ostenta a seguinte inscrição:

NOSA S^A
DO CABO FACTA
APA ... E IOANE AL
... RVCE
ANNO
1675

Interior de uma só nave revestida, também, por azulejos policromos. Apresenta um altar riquíssimo em talha.

A Ermida encontra-se classificada como Imóvel de Interesse Público.

- ERMIDA DE NOSSA SENHORA DOS REMÉDIOS

Ermida situada no lugar dos Remédios, parte integrante da freguesia de Santa Cruz, construída no sítio onde antes havia um curral e ovelhas, entre os finais do século XV e inícios do século XVI, fundada por Pêro Velho, sobrinho do descobridor dos Açores Gonçalo Velho, e sua esposa Catarina Afonso, sob devoção a Nossa Senhora dos Remédios. Ermida única na ilha de São Miguel, por apresentar uma fachada que foge ao tradicional e um alpendre coberto nos lados. Apresenta no interior um frontal de altar revestido a azulejos oriundos da Ermida da Mãe de Deus, situada na freguesia de São Pedro (Ponta Delgada), em substituição do primitivo frontal de altar de azulejos

hispano-mourisco, o mais antigo dos Açores, que foi retirado na primeira metade do século XX por Luís Bernardo Leite de Ataíde, por estar danificado, tendo sido levado para o Museu Carlos Machado, onde se encontra em exposição.

A Ermida de Nossa Senhora dos Remédios foi desde a sua origem até 1958 uma propriedade privada, e nos finais do século XX doada à Paróquia de Santa Cruz pelo Dr. Leonardo de Moraes Motta, passando a estar sobre domínio público.

À semelhança da Ermida de Nossa Senhora do Cabo, esta Ermida encontra-se classificada como Imóvel de Interesse Público desde 1980.

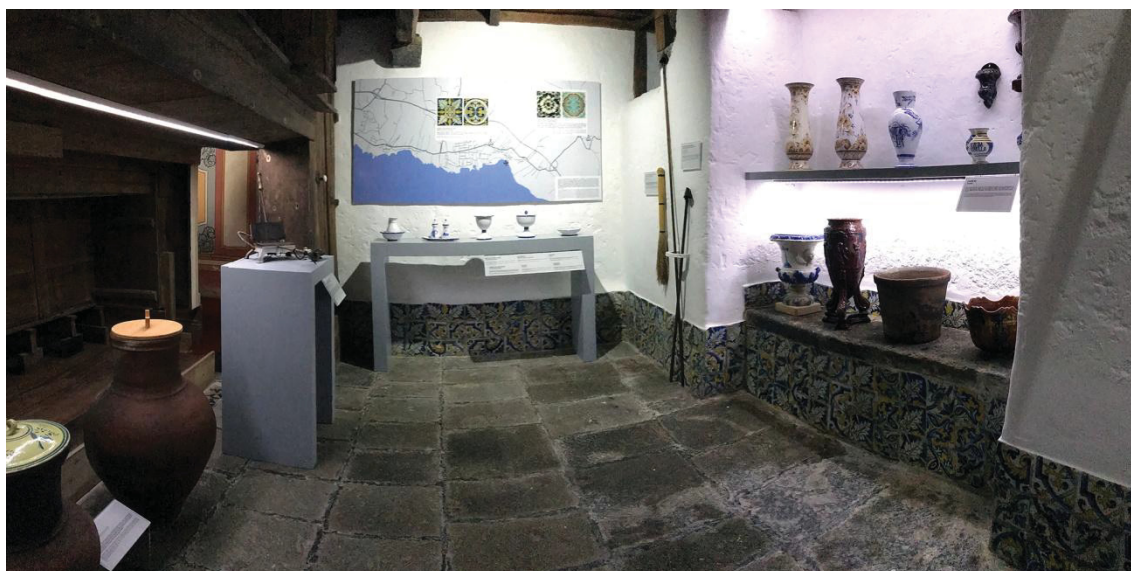


Figura 25 – Núcleo da Cerâmica e Azulejaria.

(Foto: CVML, 2018.)

3.3.4. Núcleo Processional

Na quarta sala, encontra-se instalado o “Núcleo Processional” que tem como base de exposição o património imaterial aliado ao material, com especial destaque para as procissões, dando a conhecer todas as alfaías ligadas ao rito das procissões inerentes

à Paróquia de Santa Cruz, desde a sua preparação, que passa pela oficina onde se encontram as lâmpadas para decoração da fachada da igreja, bem como, os andores desmontados, até à saída da procissão, passando pela montagem dos andores, preparação dos tapetes de rua, provas de vestidos de anjos, etc.

Associadas às tradicionais coleções museológicas de natureza material, surgem, também coleções de cariz imaterial, incorporando o conjunto de práticas, representações e expressões que diretamente se relacionam com a vivência social, cultural, e religiosa da comunidade cristã. Um grande exemplo destas práticas são as festividades religiosas, sinal da dimensão e presença do sagrado na vivência quotidiana e parte integrante da memória coletiva e da identidade cultural e religiosa das comunidades²⁴⁴.

Enquanto rito religioso inserido na prática religiosa, as procissões fazem parte da religiosidade popular carregando grande simbolismo. Do latim *procedere*, significa “ir adiante”, consistindo num cortejo solene, acompanhado de cânticos e orações, expresso como uma vivência de fé numa cultura.

Dada a forte carga simbólica presente, na sala expositiva enquadrou-se de um lado da sala tudo o que é comum a todas as procissões de qualquer paróquia, como por exemplo, as lanternas e cruz processional, as opas, as alfais levadas pelos acólitos, as roupas de anjo e a banda filarmónica. Do outro lado da sala encontram-se as principais procissões da paróquia onde o espaço museológico se encontra inserido, onde cinco painéis com fotografias estão associados a objetos utilizados em cada procissão e o painel representa, ou seja: o painel com a fotografia do Senhor dos Passos tem associado uma matraca; o painel com a fotografia de uma píxide, alusiva à Procissão do Senhor dos Enfermos, tem associado um círio pascal; o painel alusivo à procissão de Nossa Senhora de Fátima apresenta uma fotografia de velas, associada à imagem da Virgem do Rosário de Fátima; o painel com a bandeira do Espírito Santo alude para o Cortejo do Divino Espírito Santo, associado à coroa; o painel com a imagem dos padroeiros faz alusão às grandes festas da paróquia, associada a uma bandeira processional. No entanto, ao centro da sala recria-se a procissão do Senhor Morto, com a realização de tapetes de flores, um pálio e as imagens características desta procissão.

²⁴⁴ AFONSO: 2015, 37-38.



Figura 26 – Núcleo Processional.

(Foto: CVML, 2018.)



Figura 27 – Núcleo Processional.

(Foto: CVML, 2018.)

3.3.5. Núcleo da Paramentaria

A quinta sala, localizada no 1º piso no compartimento da sacristia, intitula-se “Núcleo da Paramentaria” e desenvolve-se, sobretudo, em torno da temática do Ano Litúrgico relacionado com os Paramentos Litúrgicos. Evidencia-se na sala o conjunto de paramentos datados entre o século XIX e o século XX, sendo a capa de asperges a veste que provoca um enorme impacto visual, atendendo que contém maior importância em todo o cerimonial litúrgico.

Ao conjunto de têxteis que estão ao serviço da Igreja emprega-se a expressão paramentos, designando assim, as vestes litúrgicas e todas as peças de vestuário utilizadas pelo celebrante no culto, consoante a sua posição na hierarquia sacerdotal. Ora vejamos: um diácono e subdiácono vestem uma alva, seguida de uma estola colocada na diagonal, um cingulo preso à cintura, e por cima uma dalmática; o sacerdote para a celebração da Eucaristia paramenta-se com uma alva, seguida de uma estola caída sobre o corpo, um cingulo preso à cintura, e por cima uma casula; para uma cerimónia mais solene, o presbítero utiliza uma capa de asperges sobre a indumentária da Eucaristia.

Portanto, cada paramento tem uma função, diferenciando-se de acordo com a hierarquia dos membros do clero e com as celebrações litúrgicas a que vão presidir.

Os paramentos, na sua origem, eram peças modestas que ao longo dos séculos foram adaptadas ao gosto de cada época. A alusão ao uso de roupas específicas é referida em dois momentos: a utilização de roupas litúrgicas no Antigo Testamento (tradição judaica) e a evocação da indumentária dos Apóstolos (tradição apostólica)²⁴⁵. No entanto, o uso de roupas específicas para as celebrações litúrgicas não foi uma constante comum nos primeiros séculos da Igreja, de forma que cada lugar e tradição tinham os seus próprios costumes no que toca a roupa litúrgica²⁴⁶.

Durante a época medieval, a escolha do tipo de tecido que deveriam estar destinadas às vestes sagradas não estavam ainda fixadas, embora, pouco a pouco, se tenha notado por algumas variedades de tecidos, segundo o tipo de indumentária. Só após o Concílio de Trento se regulamentaram definitivamente as qualidades de panos

²⁴⁵ LÓPEZ-PAZOS, 2015:1.

²⁴⁶ *Idem*:2.

com que teriam de ser confeccionadas as vestes litúrgicas, por exemplo, as casulas tinham obrigatoriamente ser de seda, embora, Francisco Cristóvão afirme que Mumadona, em 959, refira a existência de casulas de linho. A lã, o linho, o algodão, a seda e fios de metal precioso são os elementos usuais nos tecidos da paramentaria sagrada durante aquela época.²⁴⁷

Em regra, as vestes litúrgicas formam conjuntos, destacando-se as casulas, dalmáticas, estolas, manípulos e capa de asperges fabricados com o mesmo tecido e com o mesmo esquema de composição. Por vezes, os frontais de altar são a condizer com as vestes do presbítero, assim como, as bolsas de corporais, o véu do cálice e o véu de ombros.

As vestes litúrgicas estão associadas a cores, instituídas pela Igreja Católica, de acordo com o ano litúrgico. A par da sociedade civil, o povo cristão segue um calendário litúrgico para celebrar ao longo do ano litúrgico, delimitados por três Ciclos (Ciclo do Natal, Ciclo da Páscoa e Ciclo do Tempo Comum) e Tempos (Advento, Natal, Tempo Comum, Quaresma, Tríduo Pascal, Páscoa, Tempo Comum), que marcam os vários momentos do percurso da vida de Cristo. O calendário litúrgico apresenta cores litúrgicas, surgidas nos séculos XII em substituição de uma só cor usada outrora – o branco –, distintas: roxo, branco, verde, vermelho, rosa, azul e preto. As cores litúrgicas apresentam um simbolismo.

O roxo, utilizado no Tempo do Advento e no Tempo Quaresmal, é o símbolo da penitência, da seriedade e do luto. Paralelamente, pode ser utilizado na missa dos defuntos e na celebração dos sacramentos da Penitência e da Santa Unção.

O branco, usado exclusivamente nas missas do Tempo da Páscoa e de Natal, nas festas do Senhor (com exclusão da Paixão), da Virgem Maria, dos Santos Anjos e nas dos Santos não mártires, na celebração dos sacramentos, exceto na Penitência e na Santa Unção, simboliza a ressurreição, a vitória, a alegria, e a pureza.

O verde, associado à esperança de uma nova vida em Cristo, usado no Tempo Comum, indicando que a Igreja aguarda a vinda do seu Salvador.

²⁴⁷ CRISTÓVÃO, 1992: 165.

O vermelho, usado no Domingo de Ramos, na Sexta-feira Santa, no Domingo de Pentecostes, na celebração do Sacramento do Crisma, na missa dos Santos Mártires, nas festas do Apóstolos e dos Evangelistas, simboliza o amor, o martírio, a vida e o Espírito Santo.

O cor-de-rosa, utilizado no III Domingo do Advento, onde se expressa um sentimento de alegria pela proximidade da chegada do Senhor, e no IV Domingo da Quaresma, convidando a uma alegria moderada perante o tempo especial que se aproxima: a Páscoa do Senhor.

As cores azul e preto, apesar de não estarem expressas no calendário litúrgico, são cores opcionais. O azul é de uso exclusivo para as celebrações marianas, mas opcional ao branco. Por sua vez, o preto apesar de ter entrado em desuso, permanecendo ativo pelos sacerdotes mais conservadores, pode ser utilizado nas missas de defuntos, embora seja comum a substituição do roxo.

Neste núcleo, o percurso museológico alia a formação catequética, desvendando e explicando os significados subjacentes aos paramentos litúrgicos.

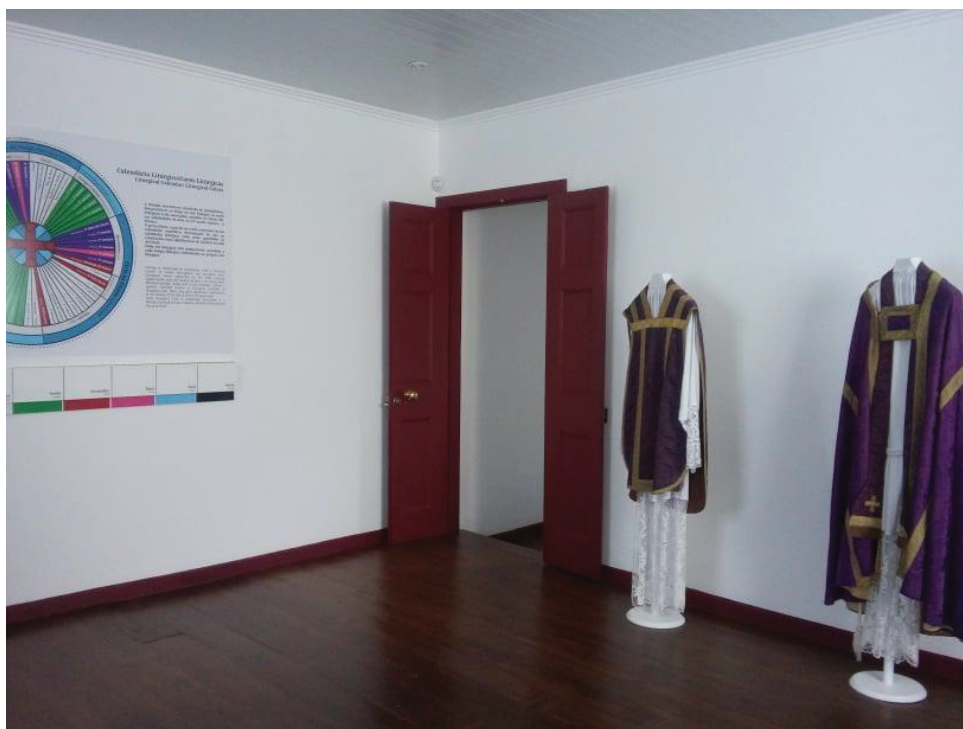


Figura 28 – Núcleo da Paramentaria.

(Foto: CVML, 2018.)

3.3.6. Núcleo da Arte Bonecreira

Na última sala, está instalado o “Núcleo da Arte Bonecreira”, um ex-libris da CVML, que surge da necessidade de enaltecer uma arte tão característica do concelho da Lagoa, aliada à necessidade de relatar a narrativa evangélica do ciclo da vida de Cristo, através da apresentação das trinta e três cenas da vida de Cristo, único do género, desde o Anúncio do Arcanjo a Maria até à Ascensão de Jesus ao céu na confeção de pequenas figuras de barro.

A arte bonecreira consiste no fabrico de pequenas figuras em barro, nomeadamente, figuras de representações que constam nos presépios tipicamente micaelenses, como romarias quaresmais, matança de porco, procissão do Senhor Santo Cristo, banda filarmónica, entre outras figurações, a partir de moldes de gesso.

A tradição do fabrico da arte bonecreira, nos Açores, nasce na segunda metade do século XIX como arte popular, por influência dos primeiros ceramistas oriundos do continente português que se instalaram nos Açores, aquando da abertura de várias fábricas de cerâmica.

Todavia, é no concelho da Lagoa que se tornou numa produção tipicamente identitária desta zona. Esta arte de “bonecos” é um complemento para sustento das famílias, produzida em oficinas adaptadas no espaço doméstico, em horário pós-laboral, solidificando assim a tradição até hoje.

O processo técnico desta arte obedece a determinadas regras e técnicas, pois, sendo um processo artesanal, o fabrico de peças torna-se único.

Esta arte mantém-se viva no concelho da Lagoa graças aos artesãos bonecreiros que perpetuam esta tradição, tornando esta cidade como referência “cidade presépio”.



Figura 29 – Núcleo da Arte Bonecreira.

(Foto: CVML, 2018.)

3.4. Percurso expositivo

O percurso expositivo é outro dos pontos cruciais para que a comunicação da mensagem seja transmitida na sua plenitude através do percurso expositivo. O circuito expositivo advém da organização expositiva, na medida em que a disposição do espaço expositivo conduzirá a um percurso que no caso da CVML será articulado entre o espaço museológico e o espaço cultural.

Mediante a organização espacial, o percurso expositivo proposto (ver Anexo D) inicia-se junto à fachada da Igreja Matriz de Santa Cruz de Lagoa, com uma introdução histórica da construção do referido espaço eclesial, seguindo-se para o interior do espaço sagrado da igreja acedendo pela porta do lado esquerdo em direção à torre sineira. O acesso à torre é feita pela escadaria que dará acesso ao Núcleo da Imaginária, voltando a descer as mesmas escadas para o interior da igreja. No percurso pela nave do lado do Evangelho, acede-se à capela batismal para se entrar no Núcleo da Ourivesaria. Percorrendo a mesma nave em direção ao retábulo da capela-mor acede-se ao Núcleo da Cerâmica e da Azulejaria, pela entrada do lado direito. Sai-se pela mesma porta, percorre-se a capela-mor em direção à porta que se encontra na nave do lado da Epístola, junto à capela colateral do Santíssimo Sacramento, entrando-se para a zona da sacristia, virando para o lado esquerdo em direção ao exterior do edifício envolvido por um jardim, onde está situado o Núcleo Processional, por meio de uma escadaria. Voltando a descer as mesmas escadas e acedendo para a sacristia, observam-se novamente escadas que fazem a ligação entre o piso 0 e o piso 1, onde está o Núcleo da Paramentaria. Descendo as escadas e percorrendo a zona da sacristia, encontrar-se-á um corredor com acesso ao Núcleo da Arte Bonecreira e à receção do espaço museológico, onde finda a visita.

A circulação no espaço é limitada a um número de seis pessoas, atendendo que na esmagadora maioria, as salas são de dimensões reduzidas, fruto da adaptação ao espaço já existente.

3.5. Discurso expositivo

A exposição é o meio de comunicação por excelência do museu, sendo a museografia a linguagem expositiva em que o discurso museológico se concretiza²⁴⁸, ou seja, para que a comunicação seja eficaz entre o objeto e o visitante, a museologia recorre a várias técnicas da museografia para a clareza do discurso e correta interpretação, nomeadamente a seleção dos objetos, o espaço, a disposição dos objetos, os suportes museográficos, as vitrinas, as barreiras de segurança, os painéis interpretativos, as tabelas de identificação, a iluminação, as cores e o recurso a novas tecnologias.

No enquadramento da missão de um museu eclesialístico, não se pretende apresentar apenas uma linha museológica dos objetos sendo fundamental advertir o público para a sua finalidade e simbologia, sendo importante que o discurso expositivo valorize a interpretação dos objetos, realçando o conteúdo religioso e o contexto litúrgico da peça, numa vertente catequética.

O discurso expositivo tem que ser concebido em função do público e do objeto, sendo aliciente e não aborrecido, perspectivado numa linha de interação, cativando o visitante para a descoberta, não se ficando na linha de mera observação, indo mais além para a interpretação, só assim os objetivos circunscritos aos museus serão atingidos.

Neste enquadramento, o discurso expositivo da CVML assenta numa coerência lógica, não perspectivada de uma apresentação cronológica das coleções mas assente a partir do agrupamento das tipologias das coleções, desenvolvendo uma temática expositiva a partir deste pressuposto, assente numa visão teológica e litúrgica, artística, catequética, histórica, cultural, identitária e memorial. Prevalece ao longo do percurso expositivo o significado sobre o valor do objeto, desenvolvendo nestes modos a sua missão pastoral, contribuindo para a evangelização.

No entanto, a conceção do *design* expositivo é crucial para a apresentação dos objetos. A museografia, neste aspeto, apresenta um papel primordial na conceção do espaço museológico, na medida em que o conjunto de técnicas e práticas aplicadas ao

²⁴⁸ ROQUE, M., 2011: 273.

museu permitem a apresentação dos objetos da melhor forma, contextualizando-os e interpretando-os.

3.6. Instalação e montagem

A colocação dos objetos no aparato expositivo está condicionada tanto pelas dimensões das salas, pela distância do objeto, pelo tamanho do mesmo, pela densificação do público e por fim pela segurança. Além disso, atende-se que a colocação dos objetos deverá evitar a proximidade de correntes de ar, fontes de calor, entradas e janelas, assim como deverão agrupar-se por níveis de sensibilidade dos materiais.

Atendendo que a visão humana tem maior tendência para baixar do que para levantar, as obras devem instalar-se a uma baixa altura, pois peças colocadas a uma altura superior produzem incómodos, uma situação de desconforto, no visitante.

De forma a minimizar ao máximo estes aspetos, ao dispor uma obra deve considera-se diversas possibilidades que oferecem ao campo de visão um conforto visual em que interferem as dimensões das obras (altura, largura, profundidade), bem como a situação da obra na sua correta instalação no que se refere ao nível do solo e na distância do visitante face à obra.

Atendendo que o ângulo normal da visão humana é de 54° e que a altura média ou o centro de interesse está na linha do horizonte (27° por cima da linha do horizonte e 27° por debaixo da linha do horizonte) a boa visão das obras depende da junção de vários elementos, como são a altura da obra, a parcela da obra que se situa por cima da visão, e a distância que se encontra em relação ao espetador. Tomando isto como consideração, estabelece-se escalas de dimensões mínimas necessárias para uma adequada perceção das obras instaladas numa parede ou em posição vertical: ²⁴⁹

| Alturas e distâncias | | |
|----------------------|-------------------|----------------------|
| Altura da obra | Por cima da visão | Distância aproximada |
| 0,50 m | 0,25 m | 0,50 m |
| 1,00 m | 0,50 m | 1,00 m |
| 1,50 m | 0,80 m | 1,50 m |
| 2,00 m | 1,30 m | 2,50 m |
| 2,50 m | 1,80 m | 3,50 m |

²⁴⁹ De acordo com FERNÁNDEZ ALONSO, Luis e FERNÁNDEZ GARCÍA, Isabel, *Diseño de exposiciones. Concepto, instalación y montaje*, Madrid, Alianza Editorial, 2007, p.120.

| | | |
|--------|--------|---------|
| 3,00 m | 2,30 m | 4,50 m |
| 3,50 m | 2,80 m | 5,50 m |
| 4,00 m | 3,30 m | 6,50 m |
| 4,50 m | 3,80 m | 7,50 m |
| 5,00 m | 4,30 m | 8,50 m |
| 6,00 m | 5,30 m | 10,50 m |

Outro aspeto a ter em consideração é que o meio das peças deve estar calculado a uma altura de cerca de 160 cm (medida média do ser humano) da visão do visitante.

3.6.1. Arquitetura do espaço museológico

Um dos fatores principais para o sucesso da exposição museológica é sem dúvida o espaço arquitetónico que lhe dá corpo, pois a arquitetura do espaço interfere não só com a abordagem e disposição da coleção, como também é o primeiro impacto que o visitante tem com o espaço, implicando ao longo de todo o percurso expositivo o usufruto pleno da exposição.

Tal como acontece com a maioria dos museus eclesiásticos, a CVML surgirá com base no reaproveitamento de estruturas arquitetónicas pré-existentes, especificamente em espaços anexos ao edifício-mãe (igreja) que outrora ou se encontravam desaproveitados ou serviam como espaços de arrumação e afins, não contando com nenhum projeto arquitetónico para a conceção da CVML, sendo cada área expositiva organizada de acordo com o discurso expositivo, fazendo-se algumas adaptações ao nível da iluminação, pavimentos, melhoramentos de interiores e pinturas.

Este aspeto permite a continuidade do sentido na apresentação museológica das coleções de arte religiosa, articulando com o próprio espaço litúrgico, no entanto, sem nunca o musealizar, mantendo inalterada a sua primordial função.

Uma vantagem da adaptação de espaços contíguos à igreja reside no facto da permanência dos objetos religiosos musealizados dentro do meio para o qual foram concebidos, não perdendo a sacralidade subjacente.

Porém, a adaptação a espaços monumentais apresenta algumas barreiras de acessibilidade para visitantes com mobilidade reduzida, pois algumas salas são acessíveis por intermédio de escadas, sendo impossível tornar o acesso facilitado à maioria dos núcleos. Para colmatar esta lacuna, a CVML deverá disponibilizar ao visitante um audioguia, permitindo uma visita virtual aos espaços de acesso dificultado, embora perceba-se que nunca será a mesma coisa como se fosse ao vivo.

Mas as dificuldades não se ficam por aqui, a dimensão espacial de cada sala, por serem na sua maioria reduzidas, impossibilita a visita ao espaço de um grande número de pessoas em simultâneo.

3.6.2. Suportes museográficos

Muitas são as peças que necessitam de suportes numa exposição, ora por razões estruturais (o objeto é frágil ou se encontra num estado de deterioração considerável, ou é uma peça de grande valor ou de dimensões reduzidas), ora por considerações de exposição (o suporte pode oferecer um melhor ângulo para a contemplação do objeto).

Na construção de um suporte tem que se ter em consideração aspetos que estão interrelacionados, o seu desenho e os materiais utilizados, uma vez que os plintos não devem tirar o destaque da peça, passando o mais despercebido possível. Os materiais a utilizar terão que ser compatíveis com os objetos e em simultâneo ser inertes, não devem ter arestas cortantes ou afiadas, e não devem ser utilizados na pintura dos suportes materiais com pigmentos instáveis.

Os suportes básicos podem ser variados: suporte escondido, suporte que protege o objeto dentro de uma vitrina, suporte desenhado para absorver as vibrações, suporte

que ajuda a preservar a estrutura de um determinado objeto, suporte que é semifixo ao objeto e funciona como uma pega²⁵⁰.

No caso concreto da CVML são utilizados plintos em madeira desenhados especificamente para cada peça, sendo uma grande vantagem.

- **Núcleo da Imaginária**

Para o Núcleo da Imaginária foram concebidos nove suportes museográficos, sendo seis plintos e três suportes suspensos sobre a parede, todos pintados a branco. Cada plinto e suporte apresentam dimensões variadas de acordo com o tamanho de cada peça.

- **Núcleo da Ourivesaria**

Para o Núcleo da Ourivesaria foram concebidos dois suportes museográficos com luz incorporada, protegidos por uma vitrina, sobre fundo bordô para um melhor destaque das peças em prata. Num dos suportes fez-se uma espécie de caixa com orifícios para colocação das relíquias. Os plintos são pintados a branco.

No referido núcleo, foi feito um aproveitamento de dois nichos, incorporando-se a luz e a colocação de prateleiras protegidas por uma vitrina. O fundo destes expositores está pintado de bordô, pelas mesmas questões referidas anteriormente.

Por último, apresenta um suporte pintado a branco para colocação da cruz processional, bem como de três pequenos suportes para colocação das coroas de imagem.

- **Núcleo da Cerâmica e Azulejaria**

Para o Núcleo da Cerâmica e Azulejaria foram concebidos dois suportes museográficos pintados a cinzento claro, sendo um deles a imitar um altar litúrgico para colocação das alfaías litúrgicas que se usam na Eucaristia, e um plinto para colocação

²⁵⁰ ALONSO FERNÁNDEZ e GARCÍA FERNÁNDEZ, 2007: 115.

da máquina de hóstias. No entanto, para se aproveitar uma espécie de nicho que o espaço apresentava, elaborou-se uma prateleira para exposição dos objetos que normalmente encontram-se no referido espaço.

- **Núcleo Processional**

Para o Núcleo Processional foram concebidos alguns suportes museográficos, a saber: um para a colocação das lanternas e cruz processional, um suporte para suspensão do turíbulo, um suporte suspenso para colocação da naveta, um suporte suspenso para a colocação de um saxofone, um suporte suspenso para a colocação da matraca num painel, um pequeno plinto com um orifício ao centro para o círio pascal, um suporte suspenso para a imagem da Virgem do Rosário, um suporte suspenso para a colocação da coroa do Espírito Santo e um pequeno plinto para a colocação de um estandarte processional. Todas as peças que se encontram nos suportes suspensos são protegidas por uma vitrina.

No entanto, atendendo à recriação de um tapete processional, procedeu-se à elaboração de um suporte para a colocação do tapete, bem como, de uns suportes para o andor.

Por fim, aproveitou-se dois nichos para a colocação de dois manequins vestidos com roupas que se usam durante uma procissão (opa e roupa de anjo), ao passo que serve, em simultâneo, como espaço de arrumação para as vestes ligadas às procissões.

- **Núcleo da Paramentaria**

Para o Núcleo da Paramentaria foram concebidos dois manequins para serem paramentados com vestes litúrgicas consoante a ocasião da celebração, uma mais do uso quotidiano litúrgico e outra mais solene, vestidos de acordo com a cor litúrgica de cada momento.

Neste núcleo fez-se uso de móveis já existentes para armazenar as restantes vestes litúrgicas.

- **Núcleo da Arte Bonecreira**

Para o Núcleo da Arte Bonecreira foram concebidos nove suportes museográficos, pintados a branco, com uma altura mais baixa do que os restantes apresentados nas outras salas. Esta dimensão dos plintos foi pensada nos visitantes com mobilidade reduzida e nas crianças para visualizarem com maior facilidade as cenas da vida de Cristo expostas.

3.6.3. Vitruinas

A vitruina é uma das barreiras físicas mais usadas nos museus para proteger e valorizar as peças de maior valor, como por exemplo as peças de ourivesaria e joalharia. A segurança das peças tem que estar em primeiro lugar, daí este elemento seja usado preferencialmente.

As vitruinas são outros elementos constituintes da exposição que oferecem uma gama de características, tais como uma eficácia na segurança (proteção contra o roubo, vandalismo ou qualquer outro dano), facilidade de acesso e estabilidade.

Uma das desvantagens da utilização de vitruinas é o distanciamento que provoca entre o objeto e o espetador, prejudicando a comunicação.

Uma boa vitruina deve reunir as seguintes características: um bom desenho, devem assentar-se firmemente sobre o solo para evitar vibrações, o acesso aos objetos tem que ser realizado com facilidade, tem que oferecer um equilíbrio entre o elemento funcional e estético, é conveniente que se distingue as diferentes partes (suporte, zona de exposição e área de iluminação), as divisórias devem ser estáveis e flexíveis²⁵¹.

No caso da CVML reúne vitruinas de vidro, por razões económicas, sendo o ideal utilizar-se o acrílico, pois apresentam uma melhor leitura nos objetos. Cada vitruina é desenhada e construída em conformidade com o tamanho de cada peça.

²⁵¹ HERNÁNDEZ HERNÁNDEZ, 2008: 212-213.

- **Núcleo da Imaginária**

Devido às dimensões das peças não se considera necessário o uso de vitrinas, atendendo, em simultâneo, à dimensão reduzida do espaço para não criar um ambiente austero.

- **Núcleo da Ourivesaria**

Dadas as características materiais das peças, todas as peças encontram-se protegidas por vitrinas. Nestas vitrinas estão incorporadas fontes de luz apropriadas no interior das mesmas, na parte superior com luminárias orientáveis e de luz regulável. O sistema de iluminação é baseado na utilização de lâmpadas LED's.

- **Núcleo da Cerâmica e Azulejaria**

Devido ao tamanho das peças não se considera necessário o uso de vitrinas, pelas mesmas razões apresentadas no Núcleo da Imaginária.

- **Núcleo Processional**

As peças a ficarem sob os suportes suspensos estão protegidas por vitrinas, bem como, em duas grandes vitrinas embutidas na parede. Primeiro, porque as peças são de tamanho reduzido e por questões de segurança devem estar protegidas; segundo, as duas vitrinas embutidas permitem a exposição em manequins das indumentárias que são utilizadas pela população numa procissão, como servem para separar o espaço de exposição do espaço de arrumação das referidas roupas.

- **Núcleo da Paramentaria**

Considera-se necessária uma vitrina a proteger os manequins, visto que os têxteis são peças frágeis e tornam-se um objeto aliciante para os visitantes quererem mexer.

- **Núcleo da Arte Bonecreira**

Atendendo à pequenez das peças, obrigatoriamente exigem que sejam protegidas por vitrinas que englobem o suporte museográfico na horizontal.

3.6.4. Painéis interpretativos e tabelas de identificação

As peças “falam”, mas para que se façam “ouvir” é fundamental uma correta interpretação, que nem sempre é entendida por todos, daí a necessidade de um elo de mediação entre o público e o objeto: o texto.

O texto é o componente informativo por excelência utilizado nos museus como auxílio à compreensão da mensagem das peças e da exposição, sendo um intermediário entre o objeto e o visitante.

Todavia, escrever um texto para uma exposição não é de toda tarefa fácil, implica uma sensibilidade de se transmitir tudo de forma abreviada, bem como o tamanho, o tipo de letra, a formatação, a cor e o contraste influenciam a leitura integral do texto.

Sabemos que os visitantes dão mais atenção às peças do que aos textos, e os poucos que se interessam por saber algo mais procuram que o texto seja curto e de fácil leitura, sendo certo que um texto extenso não é lido na sua totalidade ou apenas não é mesmo lido.

Os suportes de comunicação na CVML assentam em painéis informativos e as tabelas que identificam os objetos, passando uma mensagem perceptível por todos e para todos, por forma a aproximar o público e o espaço museológico, estabelecendo entre eles um diálogo. Se o objetivo é, como vimos, que a informação seja comunicada a um maior número de visitantes, logo os mesmos encontram-se em bilingue (português-inglês).

Se os painéis informativos contextualizam a sala de exposição, as tabelas de identificação das peças são ferramentas essenciais na comunicação e interpretação das peças que têm como principal funções identificar e explicar o objeto. Todavia, nem sempre a segunda função é cumprida, vislumbrando-se na maioria dos museus apenas as

informações da peça, uma lacuna lamentável. Tendência imberbe mas cada vez mais comum nos museus recentes, e eficaz na execução das suas funções, é a utilização de uma legendagem mais concetual, seguindo o método de Ekarv, onde a explicação é escrita em frases simples, concisas e diretas, utilizando-se os verbos na voz ativa e evitando-se gírias.

O texto das tabelas de identificação, de acordo com o método de Ekarv, tem que ir ao encontro dos objetivos do espaço museológico. Aplicado à CVML, os textos das tabelas de identificação foram escritas com o intuito de descodificar a mensagem intrínseca em cada objeto, permitindo que o visitante entenda o significado da peça e a sua história, respondendo aleatoriamente às questões que possam surgir, como por exemplo, “ O que é isto?”, “Quem é?” e “ Para que serve?”. Assim, o processo de escrita obedeceu a diversos critérios com a seguinte sequência: fornecer a informação da identidade do objeto, como a designação da peça, autor(es), datação, dimensões, tipo(s) de materiais, proveniência e número de inventário, como descrever um pouco sobre a peça exposta, não com o sentido de descrever o objeto como se fosse uma ficha de inventário, mas sim a história, o significado, etc.

Partindo da problemática que a Teologia é um tema complexo, que nem sempre utiliza uma linguagem acessível, entendível apenas por um reduzido número de pessoas com ou sem formação na área, seria necessário na elaboração das tabelas de identificação, transformar essa linguagem complexa numa linguagem clara, mas rica em conteúdo, acessível a todos.

As tabelas de identificação disponibilizam informações úteis que auxiliem o visitante na interpretação do objeto e da exposição, e que utilize a informação posteriormente. É um forte elemento mediador de comunicação entre o visitante e o objeto.

As tabelas de identificação deverão ser colocadas junto à peça, de preferência do lado direito, para uma melhor identificação legenda-peça.

As tabelas de identificação concebidas para a CVML foram feitas em acrílico, a cor de fundo utilizada em cada uma delas é o branco, com o texto impresso a preto.

Para além desta informação primordial, a CVML disponibiliza ao visitante uma informação complementar, acessível por meio de um *flyer* e do acesso ao *site*, e uma

informação mais pormenorizada, adquirida através da aquisição de um catálogo da exposição.

- **Núcleo da Imaginária**

Antes de se aceder para o Núcleo da Imaginária, o visitante tem a oportunidade de ler junto à porta que dá acesso à torre, um painel com as informações principais, em forma de tópicos, sobre a História da Igreja Matriz de Santa Cruz de Lagoa.

Junto à porta do núcleo existe sinalética para o referido espaço.

Dentro do núcleo não existe propriamente um painel, mas sim uma régua cronológica com as informações necessárias para a interpretação do tema expositivo, pautada pelos acontecimentos mais relevantes da História da Igreja Católica.

Em termos de tabelas de identificação, todas as peças apresentam a sua respetiva legenda.

Por fim, ainda referente a textos, a sala apresenta uma frase em vinil autocolante, de cor bordô, alusiva a uma expressão vulgarmente utilizada pelo Santo João Paulo II.

- **Núcleo da Ourivesaria**

Para além das tabelas de identificação das peças, o núcleo apresenta uma frase em vinil autocolante, de cor bordô, alusiva aos Sacramentos.

Junto à porta do núcleo existe sinalética para o referido espaço.

- **Núcleo da Cerâmica e Azulejaria**

O referido núcleo apresenta um painel com a planta do Concelho da Lagoa a localizar as outras duas Ermidas da Paróquia de Santa Cruz que estão sob dependência da Igreja Matriz de Lagoa que apresentam exemplares de azulejos significativos para a compreensão da importância da azulejaria.

No que toca às tabelas de identificação encontram-se junto às peças.

Junto à porta do núcleo existe sinalética para o referido espaço.

- **Núcleo Processional**

Este núcleo apresenta vários painéis, não só compostos por textos a explicar o que é uma procissão e uma listagem das principais da paróquia, destacando-se a *bold* as que estão representadas nessa sala expositiva. Painéis com fotografias constituem, também, o cenário do espaço.

Todas as peças são compostas por legendas e junto à porta do núcleo existe sinalética para o referido espaço.

- **Núcleo da Paramentaria**

Para o Núcleo da Paramentaria foram concebidos dois painéis, um para os paramentos litúrgicos, diferenciando-os e explicando a função de cada um; no outro painel, consta o ano litúrgico com o ciclo litúrgico, bem como, as cores e o respetivo significado, através do qual se criou uma certa interatividade para que o visitante levante cada tampa para perceber o significado de cada cor litúrgica.

Junto à porta do núcleo existe sinalética para o referido espaço.

- **Núcleo da Arte Bonecreira**

Para o Núcleo da Arte Bonecreira foram concebidos dois painéis, um com a explicação da história da arte bonecreira e o outro com a biografia do artista da coleção concebida para a CVML.

Para além do mais, atendendo às cenas bíblicas expostas, as legendas constam com a passagem bíblica referente a cada cena.

Junto à porta do núcleo existe sinalética para o referido espaço.

3.6.5. Cor

O conhecimento da cor e o seu comportamento são determinantes para criar ilusões necessárias no público em toda a montagem expositiva. Tanto a cor como a luz interrelacionam-se, dado que a cor resulta da relação entre a luz que os objetos absorvem e a que emitem face ao espectro visível contínuo emitido pelo sol, e é a percepção da cor que acontece pela ação de um feixe de luz sobre a retina e transmitida pelo nervo ótico ao sistema nervoso.

A cor do solo e das paredes aparentam ser meros aspetos insignificantes, mas apresentam uma grande importância e influência no psicológico do visitante. A cor não deve nunca alterar a aparência da peça exposta, apresentando-a com o seu aspeto real.

Assim, na CVML aplicou-se cores claras, nomeadamente o branco, nas paredes do espaço expositivo, criando uma harmonia expositiva e uma uniformização com todos os espaços.

3.6.6. Iluminação

A iluminação é um elemento técnico que faz toda a diferença numa exposição, atendendo que é ela que cria um cenário cénico na exposição. Tal como a luz é uma importante fonte de vida para os seres vivos, pois sem ela não existia vida na Terra, na museografia é também vida, na medida em que o discurso da luz é um elemento indispensável para materializar qualquer adaptação do objeto no espaço.

A luz é o meio através do qual o olho capta as imagens que nos rodeia e transmite-as ao cérebro para as interpretar e produzir imagens, para propiciar o desenvolvimento de tarefas visuais de maior ou menor precisão, criar sensações,

influenciar ambiências, embelezar os espaços e arquiteturas, estimular segurança e proteção ou criar simplesmente conforto²⁵².

Os objetos reúnem um conjunto de atributos únicos de carácter estético, artístico, simbólico, histórico e antropológico, constituindo uma fonte de informação teórica e visual, merecedora de ser estudada, interpretada, preservada e divulgada ao público através da iluminação presente. A luz é fundamental para a visão correta, permitindo a percepção de formas, detalhes, texturas e cores.

Existem dois tipos de fontes de luz que fornecem iluminações distintas: a luz natural e a luz artificial. A luz natural, fenómeno temporal, é uma fonte proveniente do sol e fornecida a todos de forma gratuita, sendo a sua luminância variável conforme a hora do dia e o estado meteorológico, não sendo uma luz com características constantes mas a que melhor apresenta a realidade tal e qual como ela é. A luz natural pode entrar no espaço de exposição através de claraboias e janelas, ou seja, poderá existir luz natural zenital ou lateral, respetivamente. Já a luz artificial é gerada a partir da eletricidade combinando a utilização de lâmpadas com o auxílio das respetivas luminárias.

A luz é, então, um elemento fundamental na compreensão da exposição, criando ambientes próprios e estabelecendo o carácter particular da exposição conduzindo o visitante para as diferentes temáticas de cada sala, obtendo uma melhor percepção do espaço e dos objetos em que incide de diversas maneiras, dependendo do tratamento dado.

A luz em espaços museológicos desempenha papéis distintos do ponto de vista funcional, do ponto de vista estético e do ponto de vista dramático. No ponto de vista funcional, a luz irá permitir aos visitantes visualizarem o espaço da exposição e o seu conteúdo em condições favoráveis. No ponto de vista estético, a luz fornecerá cor e animação ao espaço e objetos, com mais ou menos contraste. Por fim, no ponto de vista dramático, a luz transforma completamente o ambiente, dando vida ao que se poderá encontrar dentro dos espaços expositivos.²⁵³

²⁵² VAJÃO, 2015: 65.

²⁵³ VEIGA, 2013: 22.

Na iluminação expositiva há que ter em consideração dois aspetos: por um lado que o objeto deve estar bem visível quando se encontra exposto, tendo em atenção as necessidades do público, por outro, que a radiação não visível e a visível têm que ser controladas de modo a que não interfira na deterioração dos objetos. Como tal, de forma a minimizar os danos de degradação, adotando uma conservação preventiva, o sistema de iluminação presente na exposição da CVML será só acionado quando há visitantes.

Antes de se iniciar os trabalhos de afinação da incidência da luz é necessário realizar um estudo luminotécnico, na medida em que serve para definir as características das lâmpadas e dos pontos de luz, das quantidades a utilizar e dos posicionamentos das infraestruturas, bem como de uma análise prévia e integral da obra de arte, a fim de identificar o respetivo centro psicovisual, nos quais incidirá a iluminação. Na parte da montagem luminotécnica deve iniciar-se pelo esquema de luz de realce, iluminando-se peça a peça com as respetivas legendas, no sentido do circuito expositivo premeditado. Segue-se a iluminação dos textos (painéis informativos) e a correção da perceção visual dos espaços, projetando luz em paredes e (ou) pavimentos que ampliem o campo visual, sem interferência com a iluminação das obras de arte. Por fim, afinar-se-á a luz ambiente de circulação.²⁵⁴

Para uma melhor acuidade visual, e de modo a distinguir e apreciar em condições os pormenores dos objetos, é preciso adaptar a luminância a incidir nos objetos, já que esta direcionada de forma correta, muda a forma como a peça é observada revelando os pormenores desejados, tais como a sua cor, forma e a noção de profundidade²⁵⁵.

Existem diversas formas de manipular a luz, independentemente de ser natural ou artificial, que nos podem fornecer a luz ambiente, que ilumina de forma geral o espaço, ou a luz pontual, que ilumina o pormenor²⁵⁶.

No geral, a iluminação implantada na CVML caracteriza-se por conciliar uma luz natural, proveniente das janelas – excetua-se o caso do Núcleo da Cerâmica e Azulejaria que não apresenta este tipo de iluminação –, reproduzem com fidelidade a policromia dos objetos, com uma luz artificial, destacando-se a utilização de luminárias

²⁵⁴ VAJÃO, 2015: 55.

²⁵⁵ VEIGA, 2013: 24.

²⁵⁶ *Idem*: 25.

de luz direta, de iluminação geral e de luz indireta, e luminárias focos de luz. A luz artificial possibilita uma seleção exata dos níveis de iluminância e de temperatura de cor, em função do conceito de ambiente expositivo, e por outro, garante uma constante uniformidade dos respectivos níveis. No entanto, a exposição contínua à luz natural coloca sérios riscos à conservação das peças, encontrando soluções de controle ou de bloqueio para as radiações utilizando cortinas de pano-cru.

As luminárias de luz direta são geralmente colocadas suspensas ou embutidas no teto, que dependendo do efeito pretendido podem possuir um feixe de luz estreito ou largo, direcionado para o chão, fornecendo uma iluminação geral da sala, bem como podem diminuir o risco de encadeamento e atenuar a intensidade e cor do feixe de luz, encontradas em todos os núcleos expositivos, salvo o Núcleo da Arte Bonecreira.

As luminárias destinadas à iluminação geral destinam-se a iluminar os espaços, bem como de locais em que a luz, proveniente de luminárias direcionais não é suficiente, funcionando a partir de luminárias embutidas ou suspensas no teto, que muitas vezes estão interligados entre si, de forma a criar sistemas de iluminação criativos e dinâmicos.

Já as luminárias de luz indireta podem estar colocadas no chão, paredes ou mesmo suspensas no teto com o intuito de projetar o seu feixe de luz para o teto, fornecendo um banho de luz geral a partir da reflexão.

Em relação às luminárias focos de luz são destinadas a iluminar uma área em específico que devido à sua facilidade de inclinação e dobragem são destinados a uma iluminação dramática e precisa do pormenor, a partir de uma única fonte de luz. Poderão ser colocados tanto na parede como no teto, e auxiliados a partir de alguns acessórios, que lhes permita direcionar e focar a luz, bem como, proteger o olho humano de possíveis encadeamentos. Normalmente, estes sistemas são colocados em calhas no teto, contínuas ou distintas, que lhes permite serem distribuídos em qualquer ponto da sua extensão, podendo ser movidos e combinados com outras iluminações. Por fim, os holofotes são projetados num espaço amplo, não focando apenas um pormenor, abrangendo um campo de luz homogêneo que, por vezes, pode ser confundido com a iluminação geral, sendo por isso necessário o auxílio de equipamento que regule e

controle esse feixe de luz, definindo contrastes e atenuando um possível encadeamento.²⁵⁷

Neste seguimento, optou-se por utilizar uma iluminância homogênea para todas as salas, caracterizada por uma luz difusa (luz de fundo) e uma luz dirigida, criando um ambiente natural de bem-estar sem causar perturbações oculares.

A utilização de sistemas de calhas eletrificadas é a forma flexível e comum para suporte da iluminação direcional. A posição da luminária é determinada pela superfície a ser iluminada, o objeto a ser iluminado e a intensidade de distribuição da lâmpada. A implementação de calhas eletrificadas num espaço expositivo assume elevada importância. Neste aspeto, há que calcular os afastamentos mais adequados quer em relação às paredes quer entre as próprias calhas, para que qualquer ponto do espaço seja adequadamente iluminado. Nesta exposição serão utilizadas as luminárias *spotlight* que se caracterizam por uma luz de destaque de feixe estreito.

Além disso, há uma regra que define o ângulo de 30° (entre o plano vertical a iluminar e o centro do foco de luz), como o ideal de incidência de luz nas peças (em especial nas expostas em superfícies verticais), a fim de se evitar o brilho, o encadeamento ou as sombras indesejadas²⁵⁸.

Quanto ao tipo de lâmpada, nesta exposição utiliza-se as lâmpadas LED por não emitirem radiação UV e IV, atendendo assim às questões de conservação.

²⁵⁷ VEIGA, 2013: 26-27.

²⁵⁸ CARVALHO, M., 2012: 201.

Conclusões

Desde a Alta Idade Média que as igrejas cristãs vêm marcando a paisagem e a vida dos Homens. Elas são um repositório privilegiado da arte de cada época, mas são, também, um espelho das mentalidades, da política, da economia, da sociedade de cada tempo. Neste âmbito, a arte adquiriu um especial destaque na religião.

No entanto, não é só o conceito de belo que caracteriza o património da Igreja. Aliada à beleza, a arte religiosa apresenta uma forte carga simbólica e catequética, sendo um elemento mediador de comunicação entre os fiéis e o Divino.

Em virtude do que foi mencionado ao longo da investigação, entende-se que património religioso e museus são uma boa aliança no que toca à evangelização. Numa época em que se assiste a uma crise na Igreja Católica no que toca ao afastamento dos fiéis, evangelizar torna-se uma tarefa primordial, sendo o património eclesial uma hercúlea ferramenta.

O Património Cultural da Igreja agrega tudo o que esteja intimamente ligado com a religião, nomeadamente os bens culturais ao serviço da missão da Igreja, tornando-se uma fonte de evangelização.

Atendendo à dimensão que envolve o património religioso no campo cultural, histórico, artístico, social, este é merecedor de um destaque acrescido para além da vertente cultural, uma vez que acarreta sobre si toda uma simbologia que vale a pena ser decodificada. Para tal, a constituição de museus eclesiásticos torna-se crucial à nova evangelização, dado que os objetos necessitam de um auxílio para serem explicados, tendo como principal intuito ensinar a compreender o significado do património religioso. É a missão pastoral evangelizadora que vai moldar toda a atividade dos museus eclesiásticos perante a sociedade.

A História da Igreja é uma história de evangelização através de métodos e meios diferenciados, com especial destaque para a arte, parte integrante do património religioso, que outrora, no tempo em que havia uma grande taxa de analfabetismo e as missas eram rezadas em latim, seria uma valente ajuda à compreensão da fé católica por parte dos seus seguidores.

O património religioso representa, valoriza e transmite os conteúdos da própria fé, da revelação divina e da tradição da Igreja. É uma riqueza pastoral tantas vezes ignorada ou desaproveitada.

Na verdade muitos dos cristãos, em especial aqueles que são os educadores da fé, os chamados catequistas, certamente nunca tinham colocado a hipótese de um quadro, um cálice ou uma custódia poderem ser uma preciosa ajuda para “mostrar” conteúdos na catequese, tornando-a mais apelativa.

Evangelizar pela arte é um dos grandes desafios que se coloca à Igreja Católica Apostólica Romana do século XXI, algo já sendo alertado pelos últimos Sumos Pontífices, vista como formação religiosa acessível a todos, materializada na constituição de museus eclesiais, sendo particularmente interessante que todos saibam ler o património histórico-artístico eclesial como lugar de transmissão da fé e, ainda, valorizar esse mesmo património como marca identitária da comunidade que em seu torno se congrega.

Sendo o ser humano portador de um imenso património cultural, herdado das gerações anteriores, símbolo da memória e da identidade, e por inerência da História, cabe-lhe a sua correta conservação e usufruto. Verdadeiros documentos da História, o património cultural é um atributo da cultura. Só através da continuidade de transmissão do património de geração em geração e a sua correta preservação da memória é que sabemos realmente quem somos, mantendo a realidade viva ao longo das gerações.

Muito cobiçados pela sua riqueza artística e material, parte do património cultural da Igreja enveredou para a constituição dos museus de arte em Portugal aquando a laicização dos bens culturais da Igreja, promovendo-os como objeto artístico ao invés de objeto religioso, retirando-lhes o seu verdadeiro sentido.

Consideram-se três fases que estão na origem dos indícios de musealizar objetos sagrados em Portugal, nomeadamente, a primeira fase reporta para a constituição de numerosos tesouros eclesiais na Idade Média, seguindo-se a fase compreendida entre 1834 e 1910 no seguimento da extinção das Ordens religiosas e da expropriação dos bens religiosos aquando da Lei da Separação do Estado das Igrejas marcando um período de intensa recolha de objetos religiosos para a fundação de insígnies museus

nacionais, e por último a partir de 1910 a utilização de edifícios espoliados à Igreja para a constituição de museus regionais.

Denote-se que “a apresentação do objecto litúrgico ou devocional como documento do culto é tardia no contexto da história da museologia de iniciativa civil, mas foi determinante ao longo da evolução dos tesouros eclesiásticos. Sem descurarem a antiga funcionalidade devocional, os tesouros começaram, desde finais do século XIX, a aplicar normas de conservação, segurança e exposição museográficas, que podem ser paralelamente definidos como museus da religião”²⁵⁹.

Neste âmbito, em Portugal, só a partir de finais do século XX surgem então os museus eclesiásticos, que através das práticas museológicas apresentam o conteúdo teológico que cada objeto carrega, deixando para segundo plano a apresentação estética.

Como vimos, os museus eclesiásticos apresentam características que os podem tornar poderosos instrumentos colocados ao serviço da missão da Igreja, segundo uma perspectiva catequética e doutrinal. Simultaneamente, o objetivo fulcral é manter vivo o Património Religioso através da memória que elabora, ou seja, a obra de arte é portadora de informação sobre a fé religiosa, bem como do modo de vida da sociedade marcada por essa fé.

Embora, a arte religiosa não tenha sido concebida com o propósito de ser musealizada, mas sim prestada à devoção religiosa, conduzindo a fé do homem a Deus, permanecendo num museu deste cariz não perdendo o significado de objeto sagrado torna a musealização deste tipo de objetos mais fidedigna.

Portanto, musealizar objetos sagrados, questão levantada no início do estudo, é exequível, mas desde que permaneçam no seu contexto, ou seja, dentro do edifício e espaços contíguos, portanto dentro do perímetro litúrgico, sendo até um património vivo que permanece *in loco* e que, por vezes, continuam a desempenhar a sua principal função, quando utilizados em celebrações litúrgicas, não perdendo o seu sentido original.

Relativamente se existem regras para se musealizar os objetos sagrados, diríamos que não lhe retirar a sua autenticidade e não desvirtuando a verdadeira simbologia de cada bem cultural, bem como permitir que os objetos continuem a

²⁵⁹ ROQUE, 2011: 13.

exercer a sua atividade – quando isto ocorre –, é a chave para uma correta musealização destes bens. Na verdade, não se pode considerar que haja bem uma musealização, mas sim uma pseudo-musealização devido ao aparato museográfico. Isto é visto mais como uma medida conservativa e interpretativa do património religioso, aproveitado como ferramenta pastoral, para além de haver uma proximidade material e simbólica do contexto original.

Os museus eclesiásticos diferenciam-se por estarem sob tutela exclusiva de uma entidade eclesiástica, ao passo que os museus de arte sacra estão sobre outra administração que não eclesiástica.

É neste contexto, que a proposta de um museu eclesiástico para a Igreja Matriz de Santa Cruz de Lagoa surge, promovendo a fé através da cultura. Com este projeto, algo único do género, pelo menos na realidade açoriana, permite o visitante através da narrativa proposta explorar a História da Igreja Católica e por inerência da história da vida de um cristão, proporcionando um roteiro expositivo articulado entre o espaço museológico e o espaço litúrgico, e consequente os bastidores do referido espaço, tornando a experiência enriquecedora.

Embora a CVML funcione há pouco tempo, com base na experiência verificada na primeira pessoa, denota-se que um espaço museológico eclesiástico é extremamente importante na formação dos cristãos. A partir da divulgação e descodificação da simbologia, denota-se que os visitantes articulam os conhecimentos que já detinham de experiências anteriores, aprofundando conhecimento, sendo gratificante a satisfação dos visitantes ao longo da visita, numa constante troca dos conhecimentos que detinham com os que recebem ao longo da visita. Mais ainda, os visitantes aplaudem o facto de se expor e descodificar o património religioso, garantindo que se tornou uma visita produtiva.

Por ser ainda cedo, será difícil, pelo menos para já, sabermos se a implementação da CVML trouxe mais fiéis à Igreja. O certo é que não esperamos que seja algo repentino. Será todo um processo gradual, que poderá não só trazer mais fiéis à igreja, como poderá tornar os fiéis mais conscientes do seu património religioso aprofundando a sua fé, tornando-os melhores cristãos. Mas o certo, é que todos os que visitam a CVML carregam sobre si uma dose do saber que até então desconheciam ou conheciam pouco. Podemos dar como exemplo concreto as visitas efetuadas pelas

crianças e jovens da catequese acompanhadas pelas suas catequistas, em que estas últimas confessam a aquisição de novas aprendizagens no decurso da visita guiada. Por este motivo há já um projeto inovador pensado a partir deste espaço, em que será elaborado um suplemento ao catecismo tradicional, com a exploração do tema principal de cada ano catequético, a ser explorado a partir do património exposto neste espaço museológico. É um espaço que suscita a curiosidade e uma reflexão interior no visitante, até mesmo um confronto com aquilo que acredita. Assim, no futuro, há que incentivar uma pedagogia catequética que tenha como fim último a educação patrimonial infantil. Esta pedagogia é crucial na formação dos futuros adultos, não apenas em relação ao património religioso, mas em relação a todo o património. Assim, há que levantar a hipótese se uma criança sensibilizada para o património da sua igreja não será um futuro adulto também mais sensibilizado para as questões do património no seu todo.

A partir do trabalho que se tem feito na Igreja Matriz de Santa Cruz em torno do seu património e valorização, denota-se uma constante preocupação por parte dos fiéis em valorizar mais e melhor o património religioso, além da preocupação para a sua correta conservação e os cuidados a ter, e o interesse para conhecer melhor toda a simbologia, História da Igreja Católica e denominações de cada peça.

Portanto, este espaço permite que o visitante olhe melhor para o património que qualquer Igreja detém com outros olhos, ou seja, de forma mais profunda. Exemplificando, uma imagem que está ao culto, no meio de toda a ornamentação de um retábulo – que por si só já apresenta inúmeras informações e desvios do olhar – perde um pouco a sua individualidade. Ao ser retirada do seu “habitat” ganha uma maior leitura.

Em suma, os bens culturais da Igreja não foram elaborados de modo aleatório para satisfazer quem os realizou ou encomendou. Há sempre um significado a descobrir proporcionada pelos museus eclesiais, associando a trilogia arte, fé e cultura. É um espaço que auxilia a missão da Igreja, visto como espaço de e para a Igreja.

Fontes & Bibliografia

1. Fontes

Arquivo Paroquial da Igreja Matriz de Santa Cruz, *Livro de receitas e despesas da Confraria de Nossa Senhora do Rosário (1873-1891)*.

Arquivo Paroquial da Igreja Matriz de Santa Cruz, *Livro de receitas e despesas da Confraria de Nossa Senhora do Rosário (1896-1903)*.

Arquivo Paroquial da Igreja Matriz de Santa Cruz, *Livro de receitas e despesas da Confraria de Nossa Senhora do Rosário (1894-1899)*.

Arquivo Paroquial da Igreja Matriz de Santa Cruz, *Livro da fábrica maior (1789-1877)*.

Arquivo Paroquial da Igreja Matriz de Santa Cruz, *Livro da fábrica maior (1790-1877)*.

Arquivo Paroquial da Igreja Matriz de Santa Cruz, *Livro de receitas e despesas da fábrica do altar de Nossa Senhora da Conceição (1769-1877)*.

Arquivo Paroquial da Igreja Matriz de Santa Cruz, *Livro de receitas e despesas da fábrica menor (1815-1837)*.

Arquivo Paroquial da Igreja Matriz de Santa Cruz, *Livro de receitas e despesas da fábrica menor (1834-1877)*.

Arquivo Paroquial da Igreja Matriz de Santa Cruz, *Livro de receitas e despesas da fábrica menor (1862-1885)*.

Arquivo Paroquial da Igreja Matriz de Santa Cruz, *Livro de receitas e despesas da fábrica menor (1876-1877)*.

Arquivo Paroquial da Igreja Matriz de Santa Cruz, *Livro de receitas e despesas da fábrica menor (1877-1878)*.

Arquivo Paroquial da Igreja Matriz de Santa Cruz, *Livro da Junta da Paróquia (1836-1853)*.

Arquivo Paroquial da Igreja Matriz de Santa Cruz, *Livro da Junta da Paróquia* (1847-1868).

Arquivo Paroquial da Igreja Matriz de Santa Cruz, *Livro da Junta da Paróquia* (1852-1863).

Arquivo Paroquial da Igreja Matriz de Santa Cruz, *Livro da Junta da Paróquia* (1874-1875).

Arquivo Paroquial da Igreja Matriz de Santa Cruz, *Livro da Junta da Paróquia* (1878-1879).

Arquivo Paroquial da Igreja Matriz de Santa Cruz, *Livro da Junta da Paróquia* (1879-1883).

Arquivo Paroquial da Igreja Matriz de Santa Cruz, *Livro da Junta da Paróquia* (1881-1882).

Arquivo Paroquial da Igreja Matriz de Santa Cruz, *Livro da Junta da Paróquia* (1883-1884).

Arquivo Paroquial da Igreja Matriz de Santa Cruz, *Livro da Junta da Paróquia* (1884-1885).

Arquivo Paroquial da Igreja Matriz de Santa Cruz, *Livro de obras na Matriz e Ermidas* (1957-1982).

Arquivo Paroquial da Igreja Matriz de Santa Cruz, *Livro de receitas e despesas na Igreja Matriz de Santa Cruz* (1933-1966).

Arquivo Paroquial da Igreja Matriz de Santa Cruz, *Livro de receitas e despesas relacionados com festas religiosas* (c.1971-1982).

Arquivo Paroquial da Igreja Matriz de Santa Cruz, *Livro de registo e obrigações do Convento de Nossa Senhora da Conceição (Frades)* (1725-1831).

Arquivo Paroquial da Igreja Matriz de Santa Cruz, *Livro do registo do surgimento da Confraria de Nosso Senhor dos Passos* (1898).

Arquivo Paroquial da Igreja Matriz de Santa Cruz, *Livro da conta corrente da Junta Paroquial (1863-1876)*.

Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Ponta Delgada, *Livro de Tombo de Sta Cruz Lagoa (1605-1896)*.

FRUTUOSO, Gaspar, *Livro Quarto das Saudades da Terra*, Ponta Delgada, Instituto Cultural de Ponta Delgada, II, 1981.

TAVARES, Padre João José, *A Vila da Lagoa e o seu Concelho. Subsídios para a sua história*, Ponta Delgada, 1979.

2. Legislação e normas

Constituição Conciliar, 1963 – *Sacrosanctum Concilium sobre a Sagrada Liturgia*, disponível in http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19631204_sacrosanctum-concilium_po.html (consultado a 19-02-2018).

Carta-circular da Conferência Episcopal Portuguesa, 1990 – *Património histórico-cultural da Igreja*, disponível in <https://www.bensculturais.com/documentos/1990-PatrimonioHistoricoCulturalDaIgrejaCEP.pdf> (consultado em 18-02-2018).

Carta de Vila Vigoni, 1994 – Sobre a Conservação dos Bens Culturais Eclesiásticos

Carta-circular do Conselho Pontifício da Cultura, 1999 – *Para uma pastoral da cultura*, disponível in http://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/cultr/documents/rc_pc_pc-cultr_doc_03061999_pastoral_po.html (consultado em 19-02-2018).

Carta-circular da Comissão Pontifícia para os Bens Culturais da Igreja, 2001 – *A função pastoral dos museus eclesiais*, disponível in

http://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_commissions/pcchc/documents/rc_com_pcchc_20010815_funzione-musei_po.html (consultado em 18-02-2018).

Lei nº 107/2001, de 8 de setembro – Lei de bases da política e do regime de proteção e valorização do Património Cultural

Lei nº 47/2004, de 19 de agosto – Lei-Quadro dos Museus Portugueses

Carta-circular da Conferência Episcopal Portuguesa, 2005 – *Princípios e Orientações sobre os Bens Culturais da Igreja* disponível in <https://www.bensculturais.com/documentos/2005-PrincipiosEOrientacoesSobreBensCulturaisDaIgrejaCEP.pdf> (consultado em 19-02-2018).

UNESCO, 2003, Convenção para a Salvaguarda do Património Imaterial.

3. Periódicos

GALVÃO, Henrique de Noronha (dir.), *Communio. Revista Internacional Católica. Património Cultural da Igreja*, Lisboa, Associação de Teologia e Cultura Cristã e Centro de Publicações da Universidade Católica Portuguesa, nº1, 1996.

SALDANHA, Sandra Costa (dir.), *Invenire. Revista dos Bens Culturais da Igreja*, Moscavide, Secretariado Nacional para os Bens Culturais da Igreja, nº 1, 2010.

SALDANHA, Sandra Costa (dir.), *Invenire. Revista dos Bens Culturais da Igreja*, Moscavide, Secretariado Nacional para os Bens Culturais da Igreja, nº 2, 2011.

SALDANHA, Sandra Costa (dir.), *Invenire. Revista dos Bens Culturais da Igreja*, Moscavide, Secretariado Nacional para os Bens Culturais da Igreja, nº 3, 2011.

SALDANHA, Sandra Costa (dir.), *Invenire. Revista dos Bens Culturais da Igreja*, Moscavide, Secretariado Nacional para os Bens Culturais da Igreja, nº 5, 2012.

SALDANHA, Sandra Costa (dir.), *Invenire. Revista dos Bens Culturais da Igreja*, Moscovide, Secretariado Nacional para os Bens Culturais da Igreja, nº 9, 2014.

SALDANHA, Sandra Costa (dir.), *Invenire. Revista dos Bens Culturais da Igreja*, Moscovide, Secretariado Nacional para os Bens Culturais da Igreja, nº 10, 2015.

SALDANHA, Sandra Costa (dir.), *Invenire. Revista dos Bens Culturais da Igreja*, Moscovide, Secretariado Nacional para os Bens Culturais da Igreja, nº 11, 2015.

4. Bibliografia

AAVV, *Christos. Enciclopédia do Cristianismo*, Lisboa-São Paulo, Verbo, 2004.

AAVV, *Roteiro dos Museus dos Açores*, [S.I.], Presidência do Governo Regional dos Açores e Direção Regional da Cultura, 2005.

ABRANTES, Joaquim Roque e PINTO, Manuel S., “Os museus da Igreja como memória da fé” in *Communio. Revista Internacional Católica*, Lisboa, Associação de Teologia e Cultura Cristã, 1996, 64-81.

AFONSO, André das Neves, *Museus da igreja. Missão pastoral e cultural*, Lisboa, Paulus Editora, 2015.

ALONSO FERNÁNDEZ, Luis, *Introducción a la nueva museología*, Madrid, Alianza Editorial, 1999.

ALONSO FERNÁNDEZ, Luis, *Museología y museografía*, Barcelona, Ediciones del Serbal, 2001.

ALONSO FERNÁNDEZ, Luis e GARCÍA FERNÁNDEZ, Isabel, *Diseño de exposiciones. Concepto, instalación y montaje*, Madrid, Alianza Editorial, 2007.

ALMEIDA, Maria Mota, “Mudanças sociais/Mudanças museais. Nova Museologia/Nova História – Que relação?” in *Cadernos de Museologia*, Lisboa,

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, 1996, nº5: 99-118 in <http://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/issue/view/22> (consultado em 09-01-2018).

ALVES, Fernanda e FERRÃO, Pedro, *Normas de Inventário. Ourivesaria*, Lisboa, Instituto dos Museus e da Conservação, 2011.

AZEVEDO, Carlos Moreira (dir.), *História Religiosa de Portugal*, Vol. 1, Rio de Mouro, Círculo de Leitores e Centro de Estudos de História Religiosa da Universidade Católica Portuguesa, 2000.

AZEVEDO, Carlos Moreira (dir.), *Dicionário de História Religiosa de Portugal. A-C*, Rio de Mouro, Círculo de Leitores e Centro de Estudos de História Religiosa da Universidade Católica Portuguesa, 2000.

AZEVEDO, Carlos Moreira (dir.), *História Religiosa de Portugal*, Vol. 2, Rio de Mouro, Círculo de Leitores e Centro de Estudos de História Religiosa da Universidade Católica Portuguesa, 2000.

AZEVEDO, Carlos Moreira (dir.), *Dicionário de História Religiosa de Portugal. J-P*, Rio de Mouro, Círculo de Leitores e Centro de Estudos de História Religiosa da Universidade Católica Portuguesa, 2001.

AZEVEDO, Filipe Gonçalo da Silva, *A Arte Litúrgica. A voz da Igreja e a voz dos artistas*, 2015 in <https://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/19877/1/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20final%20Filipe%20Azevedo%202015docx.pdf> (consultado em 14-09-2016).

BENTO, Carina Fabiana Henriques, *Azulejaria da Coleção Berardo. Estudo, Criação de um Sistema de Inventário e Gestão da Coleção, e Proposta de Museu Virtual*, 2009 in http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/642/2/22318_ULFBA_TES320_VOL1.pdf (consultado a 03-02-2017).

BOUTRY, Philippe e JULIA, Dominique, “L’intelligibilité du religieux dans la culture” in *Forme et sens: colloque sur la formation à la dimension religieuse du patrimoine culturel.[actes du colloque]*, Paris, École du Louvre, 1999, 112-120.

BRITO, Joaquim Pais de, “Património e identidade. A difícil construção do presente”, in *Património e Identidades: Ficções Contemporâneas*, Oeiras, Celta Editora, 2006: 43-51.

CAFÉ, Daniel Calado, *Património, identidade e memória: proposta para a criação do museu de território de Alcanena*, 2007 in <http://hdl.handle.net/10437/105> (consultado a 13-02-2017).

CAMPOS, Fernando, *Educação e Religião: Património, Pertença e Identidade*, s.d. in <http://www.abhr.org.br/plura/ojs/index.php/anais/article/viewFile/502/330> (consultado em 17-04-2016).

CARLOS RICO, Juan (ed.), *Los conocimientos técnicos: museos, arquitectura, arte*, Madrid, Sílex, 1999.

CARVALHO, Ana, *Os Museus e o Património Cultural Imaterial. Estratégias para o desenvolvimento de boas práticas*, Lisboa, Edições Colibri/ CIDEHUS – Universidade de Évora, 2011.

CARVALHO, Cristina Sá (coord.), *A Arte Cristã. Manual do Aluno – EMRC – Ensino Secundário*, Lisboa, Fundação Secretariado Nacional da Educação Cristã, 2015.

CARVALHO, Gabriela (coord.), *Vade Mecum: preservação do património histórico e artístico das igrejas*, Lisboa, Instituto Português de Conservação e Restauro, 2006 disponível em https://www.bensculturais.com/images/stories/BibliografiaOnline/carvalho_gabriela_vade_mecum_2007.pdf (consultado em 15-02-2018).

CARVALHO, Maria Carmina Brito de Arriaga Correia Guedes Montezuma de, *A luz na interpretação visual da obra de arte*, 2012 in <http://hdl.handle.net/10451/7180> (consultado em 18-05-2016).

CARVALHO, Maria João Vilhena de, *Normas de Inventário. Escultura*, Lisboa, Instituto dos Museus e da Conservação, 2004.

CHAPPIN, Marcel, “Valor eclesial dos bens culturais da Igreja” in *Communio. Revista Internacional Católica*, Lisboa, Associação de Teologia e Cultura Cristã, 1996: 10-22.

CHAVES, Duarte Nuno da Silva Vieira, *Os Terceiros e os seis “santos de vesti”. Os últimos guardiões do património franciscano na cidade da Ribeira Grande, S. Miguel, Açores*”, 2012 in <http://hdl.handle.net/10400.3/2142> (consultado em 20-04-2018).

CHAVES, Duarte Nuno da Silva Vieira, *As imagens de vestir da Procissão dos Terceiros: história, conceitos, e tradições. Um legado patrimonial franciscano na ilha de S. Miguel, Açores, nos séculos XVII a XIX*, 2016 in <http://hdl.handle.net/10174/19160> (consultado em 20-04-2018).

CHOAY, Françoise, *A alegoria do Património*, Lisboa, Edições 70, 2006.

Comissão Pontifícia para os Bens Culturais da Igreja, *Os bens culturais da Igreja*, Lisboa, Paulinas, 2000.

COSTA, António Manuel Ribeiro Pereira da, *Museologia da Arte Sacra em Portugal (1820-1910). Espaços, Momentos, Museografia*, 2011 in <https://estudogeral.sib.uc.pt/bitstream/10316/18833/3/Museologia%20da%20Arte%20Sakra%20em%20Portugal%20%281820-2010%29.pdf> (consultado em 01-09-2017).

COSTA, Carreiro da, *Memorial da Vila da Lagoa e do Seu Concelho*, Impiraçor, Câmara Municipal da Lagoa, 1987.

COSTA, Susana Goulart, *V Centenário de Vivência Cristã. 1507-2007. Santa Cruz. Evangelização, celebração da fé e fraternidade cristã. Subsídios para a história da paróquia de Santa Cruz, Matriz da Vila de Lagoa*, Lagoa, Paróquia de Santa Cruz, 2007.

CRISTÓVÃO, Francisco da Silva, “Tecidos Medievais Portugueses de Vestes Litúrgicas” in *Didaskalia*, Lisboa, Universidade Católica Editora, 1992, vol. XXII: 165-175, in <http://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/16765/1/V02201-165-175.pdf> (consultado a 29-04-2017).

DELOCHE, Bernard, *Museologica. Contradictions et logique du musée*, Mâcon, Éditions W, 1989.

ELIADE, Mircea, *Origens. História e Sentido na Religião*, Lisboa, Edições 70, 1989.

ELIADE, Mircea, *O sagrado e o profano. A essência das religiões*, Lisboa, Edição Livros do Brasil, [s.d.].

FERNANDES, Isabel Maria (coord.), *Museu de Alberto Sampaio. Roteiro*, Guimarães, Institutos dos Museus e da Conservação, 2010.

FERREIRA, Ana Maria Mendes dos Santos Veríssimo, *Religiosidade em professores e alunos portugueses*, 2005 in <http://repositorioaberto.uab.pt/bitstream/10400.2/2427/4/Tese-AnaVerissimoFerreira-PDF.pdf> (consultado em 29-05-2016).

FERREIRA, José Ribeiro e FERREIRA, Luísa de Nazaré (orgs.), *As Sete Maravilhas do Mundo Antigo. Fontes, Fantasias e Reconstituições*, Lisboa, Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra e Edições 70 Lda., 2009.

FRANÇA, Igor Tavares de Melo de, *Programação museológica e espaço arquitetónico. O Museu Carlos Machado de Ponta Delgada – Açores*, Ponta Delgada, Universidade dos Açores, 2008.

GARCIA, Nuno Guíña, *O museu entre a cultura e o mercado: um equilíbrio instável*, Coimbra, Edições IPC- Inovar Para Crescer, 2003.

GASPAR, Sónia Filipa da Silva, *Museu Nacional do Traje: reflexões e contributos para a elaboração da programação museológica*, 2010 in <https://run.unl.pt/bitstream/10362/5774/1/MNTr%20-%20Reflexoes%20e%20Contributos%20para%20a%20Elaboracao%20de%20um%20Programa%20Museologico.pdf> (consultado a 20-04-2018).

GÓMEZ MARTÍNEZ, Javier, *Dos museologias. Las tradiciones anglosajona y mediterránea: diferencias y contactos*, Gijón, Ediciones Trea, 2006.

GONZÁLEZ-VARAS, Ignacio, *Conservación de bienes culturales. Teoría, historia, principios y normas*, Madrid, Ediciones Cátedra, 2006.

GONZÁLEZ-VARAS, Ignacio, *Patrimonio Cultural: conceptos, debates y problemas*, Madrid, Ediciones Cátedra, 2015.

GUARDINI, Romano, *O Espírito da Liturgia*, Fátima, Secretariado Nacional de Liturgia, 2017.

GUEDES, Natália Correia (coord.), *Thesaurus: vocabulário de objectos do culto católico*, Lisboa, Universidade Católica Portuguesa e Fundação Casa de Bragança, 2004 disponível em

<https://drive.google.com/file/d/0B7xgTMCrAWKfWVp3bV9GV3o5TkE/view>

(consultado em 18-02-2018).

HERNÁNDEZ HERNÁNDEZ, Francisca, *El patrimonio cultural: la memoria recuperada*, Gijón, Ediciones Trea, 2002.

HERNÁNDEZ HERNÁNDEZ, Francisca, *Manual de Museología*, Madrid, Editorial Síntesis, 2008.

HERTLING, Ludwig, *Historia de la Iglesia*, Barcelona, Editorial Herder, 1989 in <http://www.libroesoterico.com/biblioteca/Cristianismo%20Exoterico/04.%20Historia%20Eclesiastica/Ludwig%20Hertling%20-%20Historia%20De%20La%20Iglesia.pdf>

(consultado a 04-05-2017).

HOLM, Jean e BOWKER, John (coord.), *Imagens de Deus*, Mem Martins, Publicações Europa-América, 1999.

Igreja do Colégio dos Jesuítas de Ponta Delgada: Núcleo de Arte Sacra do Museu Carlos Machado, Angra do Heroísmo, Direcção Regional da Cultura, 2006.

IGUACEN, Damián, “Património cultural da Igreja. Questões e exigências” in *Communio. Revista Internacional Católica*, Lisboa, associação de Teologia e Cultura Cristã, 1996, 33-39.

LÉGER, Danièle Hervieu, “Transmission culturelle et construction des identités socio-religieuses” in *Forme et sens: colloque sur la formation à la dimension religieuse du patrimoine culturel.[actes du colloque]*, Paris, École du Louvre, 1999, 165-169.

LOPES, Flávio e CORREIA, Miguel Brito, *Património Cultural – Critérios e Normas Internacionais de Protecção*, Casal de Cambra, Caleidoscópio, 2014.

LOPES, Paula Isabel Fernandes, *Património, Comunidade e Identidade: análise de dinâmicas ocorridas no Espinhal a nível do Património Cultural*, 2016 in https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/11609/1/PAULA_LOPES.pdf (consultado em 12-11-2016).

LÓPEZ-PAZOS, Ángel, “Culto y vestimenta en la Baja Edad Media. Ornamentos clericales del rito romano” in *Revista Digital de Iconografía Medieval*, 2015, vol. VII:1 26, in [https://www.ucm.es/data/cont/media/www/pag77613/n%C2%BA%2014%20\(2015\).pdf](https://www.ucm.es/data/cont/media/www/pag77613/n%C2%BA%2014%20(2015).pdf) (consultado a 29-04-2017).

MÂNTUA, Ana Anjos; HENRIQUES, Paulo; CAMPOS, Teresa [coord.], *Normas de Inventário: Cerâmica: Artes Plásticas e Artes Decorativas*, Lisboa, Instituto dos Museus e da Conservação, 2007 in http://www.matriznet.dgpc.pt/MatrizNet/Download/Normas/AP_AD_Ceramica.pdf (consultado a 20-01-2018).

MARTÍNEZ GARCÍA, José António, *Guía del Museo Diocesano de Arte Sacro de Orihuela. El lenguaje de la Fe*, Alicante, Parroquia de Santiago el Mayor de Orihuela e Editorial Aguaclara, 2016.

MARTINS, Francisco Ernesto de Oliveira, *Subsídios para o inventário artístico dos Açores*, Angra do Heroísmo, Direção Regional dos Assuntos Culturais e Secretaria Regional da Educação e Cultura, 1980.

MARTINS, Guilherme d'Oliveira, *Património, Herança e Memória. A cultura como criação*, Lisboa, Gradiva, 2009.

MARTINS, Rui de Sousa, “As configurações patrimoniais e museológicas do arquipélago dos Açores” in *Reflexiones Rayanas*, Vol. II, [s.i.], Asociación de Antropología de Castilla y León "Michael Kenny", 2017, 125-137.

MATOS, Artur Teodoro de, MENESES, Avelino de Freitas de, LEITE, José Guilherme Reis, *História dos Açores: do descobrimento ao século XX*, Angra do Heroísmo, Instituto Açoriano de Cultura, 2008.

MELO, Duarte Manuel Espírito Santo (coord.), *Igreja Paroquial de São José: Nossa Senhora da Conceição*, Ponta Delgada, Edição Paróquia de São José, 2013.

MELLO, José de Almeida, *Santa Cruz Lagoa. Memórias da terra e do homem*, Câmara Municipal de Lagoa, Lagoa, 2013.

MENDES, J. Amado, *Estudo do Património. Museu e Educação*, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2013.

MINEIRO, Clara (coord.), *Coleção Temas de Museologia. Museus e Acessibilidades*, Lisboa, Instituto Português de Museus, 2004.

MOREIRA, Carlos Diogo, “O enigma de Teseu, ou as identidades questionadas”, in *Património e Identidades: Ficções Contemporâneas*, Oeiras, Celta Editora, 2006: 15-20.

MOURA, Mário, *O Arcano Místico de Madre Margarida Isabel do Apocalipse, da musealização ao museu*, Lisboa, [s.n.], 1996.

MOURA, Mário, *A Freira do Arcano: Margarida Isabel do Apocalipse*, Ponta Delgada, Publiçor, 2010.

OLIVEIRA, Eduardo Pires de e SILVA, Libório Manuel, *Guia da Sé de Braga. Guide to Braga Cathedral*, Vila Nova de Famalicão, Edições Centro Atlântico, 2016.

PERALTA, Elsa e ANICO, Marta (org.), *Património e Identidades: Ficções Contemporâneas*, Oeiras, Celta Editora, 2006.

PEREIRA, Joana Pinheiro Lourenço, *Do Projecto de Inventário do Património Religioso ao objectivo de criação de um museu na Diocese da Guarda - diagnóstico e proposta base para a sua programação museológica, ao nível do acervo*, 2013 in <http://run.unl.pt/bitstream/10362/10645/1/Volume%201.pdf> (consultado a 21-09-2016).

PÉREZ VALENCIA, Paco, *La insurrección expositiva. Cuando el montaje de exposiciones es creativo y divertido. Cuando la exposición se convierte en una herramienta subversiva*, Gijón, Ediciones Trea, 2007.

PETSCHEN, Santiago, *Europa, Iglesia y Patrimonio Cultural*, Madrid, Biblioteca de Autores Cristianos, 1996.

PINTO, Celina Bárbaro, *Património cultural imaterial no museu da terra de Miranda*, 2009 in http://www.museologia-portugal.net/files/upload/mestrados/celina_pinto.pdf (consultado em 21-09-2016).

PINTO, Helena Gonçalves (coord.), *Roteiro Iconográfico e Devocional da Igreja de São Roque*, Lisboa, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, 2010.

PINTO, Paulo Mendes (coord. científica), *Religiões – História, Textos, Tradições*, Coimbra, Paulinas Editora, 2006.

PLAZAOLA, Juan, *La Iglesia y el arte*, Madrid, Biblioteca de Autores Cristianos, 2001.

PLAZAOLA, Juan, *Arte sacro actual*, Madrid, Biblioteca de Autores Cristianos, 2006.

PLAZAOLA, Juan, *Historia y sentido del arte cristiana*, Madrid, Biblioteca de Autores Cristianos, 2010.

PONTIFICIO CONSEJO DE LA CULTURA, *Via Pulchritudinis. Camino de evangelización y de diálogo*, Madrid, Biblioteca de Autores Cristianos, 2008.

RATZINGER, Joseph, *Introdução ao espírito da Liturgia*, Prior Velho, Paulinas Editora, 2012.

RÉAU, Louis, *Iconografía del arte cristiano. Introducción general*, Barcelona, Ediciones del Serbal, 2008.

RODRIGUES, Donizete, *Sociologia da Religião. Uma Introdução*, Santa Maria da feira, Edições Afrontamento, 2007.

ROQUE, Joaquim e PINTO, Manuel Serafim, “Os museus da Igreja como memória da fé” in *Communio. Revista Internacional Católica*, Lisboa, Associação de Teologia e Cultura Cristã, 1996: 64-81.

ROQUE, Maria Isabel, *O sagrado no museu. Musealização de objetos do culto católico em contexto português*, Lisboa, Universidade Católica Editora, 2011.

ROQUE, Maria Isabel, “A exposição do sagrado no museu” in *Comunicação e Cultura. Sagrado e Modernidade*, Centro de Estudos de Comunicação e Cultura e BonD- Books on Demand, nº 11, 2011, 129-146.

SALDANHA, Sandra Costa (coord.), *Guia de Boas Práticas de Interpretação do Património Religioso*, [S.I.], Secretariado Nacional para os Bens Culturais da Igreja/Turismo de Portugal, 2014.

SÁNCHEZ SÁNCHEZ, Isidoro (coord.), *Nuevo Diccionario de Liturgia*, Madrid, San Pablo, 1996.

SANTOS, José Manuel Figueiredo, *Património e Turismo - O Poder da Narrativa*, Lisboa, Edições Colibri, 2017.

SANTOS, Luís Filipe, “*Perfil. D. Pio Alves. Igrejas abertas são uma primeira aproximação ao cristianismo*” in *Invenire*. Revista de Bens Culturais da Igreja, Moscovide, Secretariado Nacional para os Bens Culturais da Igreja, nº11, 2015, p.53-59.

SARTORE, D., TRIACCA, Achille M. e CANALS, MARIA Juan (dir.), *Nuevo Diccionario de Liturgia*, Madrid, San Pablo, 1987.

SIMÕES, J. M. dos Santos, *Azulejaria nos Açores e na Madeira*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1963.

SOUSA, Gonçalo Vasconcelos e (coord.), *Fontes para as Artes Decorativas nos Açores IV*, Porto, Universidade Católica Editora e CITAR – Centro de Investigação em Ciência e Tecnologia das Artes, 2014.

SOUSA, Nestor de, *A Arquitectura Religiosa de Ponta Delgada nos séculos XVI a XVIII*, Ponta Delgada, Universidade dos Açores, 1986.

SOUSA, Sílvia Maria Barbosa Fonseca e, *A Museologia na Ilha de S. Miguel: 1974-2008*, 2010 in <https://repositorio.uac.pt/bitstream/10400.3/620/1/DissertMestradoSilviaFonsecaSousa2010.pdf> (consultado em 15-02-2018).

TORRICO, Juan Agudo, “Património e discursos identitários”, in *Património e Identidades: Ficções Contemporâneas*, Oeiras, Celta Editora, 2006: 21-34.

VAJÃO, Vítor, *Manual de práticas de iluminação. Arte a iluminar arte*, Lisboa, Lidel-Edições técnicas, 2015.

VALDÉS SAGÜÉS, María del Carmen, *La difusión cultural en el museo: servicios destinados al gran público*, Gijón, Ediciones Trea, 1999.

VEIGA, Vanessa Ferreira da, *Aquário Vasco da Gama- A prestação do Design para a identidade e usabilidade do museu*, 2013 in http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/8846/2/ULFBA_TES606.pdf (consultado em 09-03-2016).

VIEIRA, Eduarda (coord.), *Manual de Boas Práticas: Conservação de Peças de Ourivesaria em Instituições Religiosas*, Porto, Universidade Católica Editora e Centro Interpretativo da Ourivesaria do Norte de Portugal e Escola das Artes/Universidade Católica Portuguesa, 2012.

ZUBIAUR CARREÑO, Francisco Javier, *Curso de museologia*, Asturias, Ediciones Trea, 2004.

5. Sítios da internet

<https://www.bensculturais.com/areas-de-actuacao/inventario/777-projecto-thesaurus>
(consultado em 14-02-2018).

http://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_commissions/pcchc/documents/rc_com_pcchc_pro_20051996_sp.html (consultado em 17-02-2018).

Anexos

Anexo A – Formulário do questionário “Museus Eclesiásticos na Diocese de Angra e Ilhas dos Açores”

Museus Eclesiásticos na Diocese de Angra e Ilhas dos Açores

Este estudo enquadra-se no âmbito de uma tese de Mestrado em Património, Museologia e Desenvolvimento da Universidade dos Açores.

O presente questionário tem como objetivo fazer um levantamento das instituições museológicas de cariz eclesiástico existentes na Diocese de Angra e Ilhas dos Açores, promovendo assim o conhecimento da realidade da Diocese de Angra ao nível desta matéria, bem como, conhecer o panorama referente a cada uma.

Desta forma, o questionário destina-se a todos os párocos, a quem solicito a contribuição para o estudo do tema.

A sua participação consiste em responder a um questionário que poderá demorar cerca de 5-10 minutos.

Agradecendo, desde já, o seu contributo.

1. IDENTIFICAÇÃO

1.1 – Paróquia: _____

1.2 – Ouvidoria: _____

1.3 – Ilha: _____

2 - Existe um museu eclesiástico na Paróquia?

Sim

Não. Caso respondeu negativamente, o questionário termina aqui. Favor de carregar no ítem “enviar”. Obrigado pela sua colaboração.

2.1 - Qual o ano da sua inauguração?

2.2 - De entre as opções seguintes, selecione a que se enquadra melhor à realidade:

Museu

Coleção Visitável
Sala do Tesouro
Exposição Permanente
Exposição Temporária
Outro:

2.3 – O espaço museológico tem algum nome ou designação específica?

Sim
Qual?
Não

2.4 - Selecione a seguinte opção relativamente à tutela do espaço:

Diocese
Ouvidoria
Paróquia
Outros

2.4 - Em que espaço se encontra o espaço museológico?

Igreja
Ermida
Sacristia
Espaços anexos à igreja
Outros:

2.5 - Quantas peças constam no acervo expositivo?

01 - 25
25 - 50
50 - 75
75 - 100
+ 100

2.6 - As peças em exposição estão inventariadas?

Sim
Não

2.7 - As peças em exposição apresentam descritores de identificação?

Sim
Não

2.7.1 - Caso respondeu afirmativamente à pergunta anterior, responda à pergunta seguinte:

Simple (título, autor, datação, materiais, dimensões, número de inventário).

Completo (título, autor, datação, materiais, dimensões, número de inventário, descrição sobre a peça).

Não

2.8 - A exposição está acessível para visita ao público?

Sim, diariamente

Sim, por marcação

Não

2.9 – A visita à exposição é gratuita?

Sim

Não

Qual o valor da entrada?

2.10 - A exposição conta com recursos humanos para a manutenção, visita-guiada e vigilância?

Sim

Não

Quais?

2.11 - Teve alguma equipa especializada na área da museologia para a conceção do espaço expositivo?

Sim

Não

2.12 - Qual a missão do espaço expositivo?

Obrigado pela sua colaboração!

Anexo B - Análise das respostas ao inquérito "Museus Eclesiásticos na Diocese de Angra e Ilhas dos Açores"

| Ilha | Ouvidoria | Paróquia | Resposta | Informação complementar* |
|--------|-----------|--|---------------|--------------------------|
| Corvo | Corvo | Vila do Corvo – Nossa Senhora dos Milagres | Não possui | |
| Faial | Horta | Angústias – Nossa Senhora das Angústias | Não possui | |
| | | Conceição – Nossa Senhora da Conceição | Não respondeu | |
| | | Feteira – Divino Espírito Santo | Não possui | |
| | | Flamengos – Nossa Senhora da Luz | Não respondeu | |
| | | Matriz – Santíssimo Salvador | Possui | |
| | | Praia do Almoxarife – Nossa Senhora da Graça | Não respondeu | |
| | | Capelo – Santíssima Trindade | Não respondeu | |
| | | Castelo Branco – Santa Catarina de Alexandria | Não respondeu | |
| | | Cedros – Santa Bárbara | Não respondeu | |
| | | Pedro Miguel – Nossa Senhora da Ajuda | Não respondeu | |
| | | Praia do Norte – Nossa Senhora das Dores | Não respondeu | |
| | | Ribeirinha – São Mateus | Não respondeu | |
| | | Salão – Nossa Senhora do Socorro | Não respondeu | |
| | | Caveira – Nossa Senhora do Livramento | Não respondeu | Não possui |
| Flores | Flores | Cedros - Nossa Senhora do Pilar | Não respondeu | Não possui |
| | | Fajã Grande – São José | Não respondeu | Não possui |
| | | Curato da Ponta da Fajã - Nossa Senhora do Carmo | Não respondeu | Não possui |
| | | Fajãzinha - Nossa Senhora dos Remédios | Não respondeu | Não possui |
| | | Lajedo - Nossa Senhora dos Milagres | Não respondeu | Não possui |

| | | | | |
|----------|----------|---|---------------|------------|
| | | Lomba – São Caetano | Não respondeu | Não possui |
| | | Matriz das Lajes - Nossa Senhora do Rosário | Não respondeu | Não possui |
| | | Matriz de Santa Cruz - Nossa Senhora da Conceição | Não possui | |
| | | Curato da Fazenda de Santa Cruz – Nossa Senhora de Lurdes | Não respondeu | Não possui |
| | | Mosteiro – Santíssima Trindade | Não respondeu | Não possui |
| | | Ponta Delgada – São Pedro | Não respondeu | Não possui |
| | | Fazenda – Santo Cristo | Não respondeu | Não possui |
| | | Guadalupe - Nossa Senhora do Guadalupe [Guadalupe] | Não respondeu | Não possui |
| | | Curato da Ribeirinha - Nossa Senhora da Esperança | Não respondeu | Não possui |
| | | Curato da Vitória - Nossa Senhora da Vitória | Não respondeu | Não possui |
| | | Luz - Nossa Senhora da Luz [Luz SCG] | Não respondeu | Não possui |
| | | Matriz – Santa Cruz [Santa Cruz da Graciosa] | Não possui | |
| | | Praia – São Mateus [São Mateus] | Não respondeu | Não possui |
| | | Curato da Fonte do Mato – Santa Quitéria | Não respondeu | Não possui |
| | | Bandeiras - Nossa Senhora da Boa Nova [Bandeiras] | Não possui | |
| | | Calheta do Nesquim – São Sebastião [Lajes do Pico] | Não respondeu | |
| | | Candelária - Nossa Senhora das Candeias [Candelária Mad] | Não respondeu | |
| | | Curato do Monte – Santo António | Não respondeu | |
| | | Criação Velha - Nossa Senhora das Dores [Madalena do Pico] | Não respondeu | |
| | | Matriz da Madalena - Nossa Senhora da Madalena [Madalena do Pico] | Não respondeu | |
| | | Matriz das Lajes – Santíssima Trindade [Lajes do Pico] | Não respondeu | |
| | | Matriz de São Roque – São Roque [São Roque do Pico] | Não respondeu | |
| | | Curato do Cais do Pico – São Pedro de Alcântara | Não respondeu | |
| | | Piedade - Nossa Senhora da Piedade [Lajes do Pico] | Não respondeu | |
| | | Prainha – Nossa Senhora da Ajuda [Prainha] | Não respondeu | |
| Graciosa | Graciosa | | | |
| Pico | Pico | | | |

| | | | |
|------------|--|---------------|------------|
| | Ribeira Seca – São Tiago Maior | Não respondeu | Não possui |
| | Curato da Caldeira – Senhor Santo Cristo | Não respondeu | Não possui |
| | Curato da Fajã dos Vimes – São Sebastião | Não respondeu | Não possui |
| | Curato dos Lourais – Nossa Senhora do Livramento | Não respondeu | Não possui |
| | Rosais - Nossa Senhora do Rosário | Não respondeu | Não possui |
| | Santo Amaro – Santo Amaro | Não respondeu | Não possui |
| | Curato da Queimada - Nossa Senhora da Boa Hora | Não respondeu | Não possui |
| | Santo António – Santo António | Não respondeu | Não possui |
| | Urzelina – São Mateus | Não respondeu | Não possui |
| | Matriz das Velas – São Jorge [Velas] | Possui | |
| | Matriz do Topo - Nossa Senhora do Rosário [Topo] | Não respondeu | Não possui |
| | Santo Antão – Santo Antão [Santo Antão] | Não respondeu | Não possui |
| | Curato da Fajã de São João – São João Baptista | Não respondeu | Não possui |
| | Ajuda da Bretanha - Nossa Senhora do Pilar [Ajuda da Bretanha] | Não respondeu | Não possui |
| São Miguel | Fenais da Luz - Nossa Senhora da Luz [Fenais da Luz] | Não possui | Brevemente |
| | Capelas - Nossa Senhora da Apresentação [Capelas] | Não possui | Não possui |
| | Curato da Conceição das Capelas - Nossa Senhora da Conceição | Não respondeu | Não possui |
| | Pilar da Bretanha - Nossa Senhora do Pilar [Pilar da Bretanha] | Não respondeu | Não possui |
| | Remédios - Nossa Senhora dos Remédios [Remédios] | Não respondeu | Não possui |
| | Santa Bárbara – Santa Bárbara [Santa Bárbara] | Não respondeu | Não possui |
| | Santo António – Santo António [Santo António PDL] | Não respondeu | Não possui |
| | São Vicente Ferreira – São Vicente Ferreira [São Vicente Ferreira] | Não possui | |
| | Fenais da Ajuda – Santos reis Magos [Fenais da Ajuda] | Não respondeu | |
| | Curato da Ribeira Funda - Nossa Senhora da Aflição | Não respondeu | |
| | Curato da Lomba – São Pedro | Não respondeu | |

| | | | | |
|--|---------------|--|---------------|------------|
| | | Lomba da Maia – Nossa Senhora do Rosário [Lomba da Maia] | Não respondeu | |
| | | Maia – Divino Espírito Santo [Maia] | Não respondeu | |
| | | Curato da Lombinha da Maia – Nossa Senhora das Dores | Não respondeu | |
| | | Porto Formoso – Nossa Senhora da Graça [Porto Formoso] | Não respondeu | |
| | | São Brás – São Brás [São Brás RGR] | Não respondeu | |
| | | Água de Pau – Nossa Senhora dos Anjos | Não respondeu | Não possui |
| | Lagoa | Atalhada – Nossa Senhora das Necessidades [Lagoa] | Não respondeu | Não possui |
| | | Cabouco – Nossa Senhora da Misericórdia [Cabouco] | Não respondeu | Não possui |
| | | Livramento – Nossa Senhora do Livramento [Livramento PDL] | Não respondeu | Não possui |
| | | Ribeira Chã – São José [Ribeira Chã] | Possui | Possui |
| | | Rosário – Nossa Senhora do Rosário [Lagoa] | Não respondeu | Não possui |
| | | Santa Cruz – Santa Cruz [Lagoa] | Possui | |
| | Nordeste | Achada – Nossa Senhora da Anunciação [Achada] | Não respondeu | Não possui |
| | | Achadinha – Nossa Senhora do Rosário [Nordeste] | Não respondeu | Não possui |
| | | Salga – São José [Salga] | Não respondeu | Não possui |
| | | Santana – Santa Ana [Santana NRD] | Não respondeu | Não possui |
| | | Algarvia – Nossa Senhora do Amparo [Nordeste] | Não respondeu | Não possui |
| | | Lomba da Fazenda – Nossa Senhora da Conceição [Lomba da Fazenda] | Não respondeu | Não possui |
| | | Matriz – São Jorge [Nordeste] | Não respondeu | Não possui |
| | | Pedreira – Nossa Senhora da Luz [Nordeste] | Não respondeu | Não possui |
| | | Santo António Nordestinho – Santo António [Nordestinho] | Não respondeu | Não possui |
| | | São Pedro Nordestinho – São Pedro [Nordestinho] | Não respondeu | Não possui |
| | Ponta Delgada | Arrifes : Milagres – Nossa Senhora dos Milagres [Ponta Delgada] | Não respondeu | |
| | | Arrifes : Saúde – Nossa Senhora da Saúde [Ponta Delgada] | Não respondeu | |
| | | Capelania da Piedade – Nossa Senhora da Piedade | Não respondeu | |

| | | | | |
|--|----------------|--|---------------|--------|
| | | Candelária – Nossa Senhora das Candeias [Candelária] | Não respondeu | |
| | | Feteiras do Sul – Santa Luzia [Ponta Delgada] | Não respondeu | |
| | | Ginetes - São Sebastião [Ginetes] | Não respondeu | |
| | | Curato da Várzea – Jesus Maria José | Não respondeu | |
| | | Mosteiros – Nossa Senhora da Conceição [Mosteiros] | Não respondeu | |
| | | Sete Cidade – São Nicolau [Sete Cidades] | Não respondeu | |
| | | Lajedo – Nossa Senhora de Fátima [Ponta Delgada] | Não respondeu | |
| | | Santa Clara – Santa Clara [Ponta Delgada] | Não respondeu | |
| | | Covoadá – Nossa Senhora da Ajuda [Ponta Delgada] | Não respondeu | |
| | | Fajã de Baixo – Nossa Senhora dos Anjos [Ponta Delgada] | Não respondeu | |
| | | Fajã de Cima – Nossa Senhora da Oliveira [Ponta Delgada] | Não respondeu | |
| | | Matriz – São Sebastião [Ponta Delgada] | Não respondeu | Possui |
| | | Relva – Nossa Senhora das Neves [Relva] | Não respondeu | |
| | | São José - Santuário da Esperança [Ponta Delgada] | Possui | |
| | | São José – São José [Ponta Delgada] | Respondeu** | Possui |
| | | São Pedro – São Pedro [Ponta Delgada] | Não possui | |
| | | São Roque – São Roque [São Roque PDL] | Não respondeu | |
| | | Água Retorta – Nossa Senhora da Penha de França [Água Retorta] | Possui | |
| | | Faial da Terra – Nossa Senhora da Graça [Povoação] | Não respondeu | |
| | | Furnas – Santa Ana [Furnas] | Não possui | |
| | | Matriz – Nossa Senhora Mãe de Deus [Povoação] | Possui | |
| | | Curato da Lomba do Botão – Nossa Senhora de Fátima | Não respondeu | |
| | | Remédios : Lomba do Loução – Nossa Senhora dos Remédios [Povoação] | Não respondeu | |
| | | Ribeira Quente – São Paulo [Ribeira Quente] | Não possui | |
| | Ribeira Grande | Conceição – Nossa Senhora da Conceição [Ribeira Grande] | Não respondeu | |

| | | | | |
|----------|----------------------|---|---------------|--------|
| | | Matriz – Nossa Senhora da Estrela [Ribeira Grande] | Possui | |
| | | Ribeirinha – Santíssimo Salvador [Ribeirinha RGR] | Não respondeu | |
| | | Santa Bárbara – Santa Bárbara [Santa Bárbara RGR] | Não respondeu | |
| | | Calhetas – Nossa Senhora da Boa Viagem [Calhetas] | Não respondeu | |
| | | Pico da Pedra – Nossa Senhora dos Prazeres [Pico da Pedra] | Não respondeu | |
| | | Rabo de Peixe – Senhor Bom Jesus [Rabo de Peixe] | Não respondeu | |
| | | Água de Alto – São Lázaro [Água de Alto] | Possui | |
| | | Matriz – São Miguel Arcanjo [Vila Franca do Campo] | Não respondeu | |
| | | Ponta Garça – Nossa Senhora da Piedade [Ponta Garça] | Não respondeu | Possui |
| | | Ribeira das Taíñas – Bom Jesus Menino [Ribeira das Taíñas] | Não respondeu | |
| Terceira | Vila Franca do Campo | São Pedro – São Pedro [Vila Franca do Campo] | Não respondeu | |
| | | Aguilva – Nossa Senhora do Guadalupe [Aguilva] | Não respondeu | |
| | | Altares – São Roque [Altares] | Não respondeu | |
| | | Biscoitos – São Pedro [Biscoitos] | Não respondeu | |
| | | Cabo da Praia – Santa Catarina de Alexandria [Praia da Vitória] | Não respondeu | |
| | | Casa da Ribeira – São João Baptista [Praia da Vitória] | Não respondeu | |
| | | Cinco Ribeiras – Nossa Senhora do Pilar [Cinco Ribeiras] | Não respondeu | |
| | | Conceição – Nossa Senhora da Conceição [Angra do Heroísmo] | Não respondeu | |
| | | Doze Ribeiras – São Jorge [Doze Ribeiras] | Não respondeu | |
| | | Feteira – Nossa Senhora das Mercês [Feteira AGH] | Não respondeu | |
| | Terceira | Fonte do Bastardo – Santa Bárbara [Fonte do Bastardo] | Não respondeu | |
| | | Fontinhas – Nossa Senhora da Pena [Fontinhas] | Não respondeu | |
| | | Lajes – São Miguel Arcanjo [Vila das Lajes VPV] | Não respondeu | |
| | | Matriz – Santa Cruz [Praia da Vitória] | Não respondeu | |
| | | Porto Judeu – Santo António [Angra do Heroísmo] | Não respondeu | |
| | | | | |

| | | | |
|--|--|---------------|--|
| | Porto Martins – Santa Margarida [Praia da Vitória] | Não respondeu | |
| | Porto Santo – Nossa Senhora da Penha de França [Angra do Heroísmo] | Não respondeu | |
| | Quatro Ribeiras – Santa Beatriz [Quatro Ribeiras] | Não respondeu | |
| | Raminho – São Francisco Xavier [Angra do Heroísmo] | Não respondeu | |
| | Ribeirinha – São Pedro [Ribeirinha AGH] | Não possui | |
| | Curato da Ladeira Grande – Beato João Baptista Machado | Não respondeu | |
| | Santa Bárbara – Santa Bárbara [Santa Bárbara AGH] | Não respondeu | |
| | Santa Luzia – Santa Luzia [Angra do Heroísmo] | Não respondeu | |
| | Santa Luzia – São José [Praia da Vitória] | Não respondeu | |
| | Santa Rita – Santa Rita [Praia da Vitória] | Não respondeu | |
| | São Bartolomeu – São Bartolomeu [Bartolomeu dos Regatos] | Possui | |
| | São Bento – São Bento [Angra do Heroísmo] | Não respondeu | |
| | São Brás – São Brás [São Brás VPV] | Não respondeu | |
| | São Mateus – São Mateus [São Mateus da Calheta] | Não respondeu | |
| | São Pedro – São Pedro [Angra do Heroísmo] | Não respondeu | |
| | Curato de São Carlos – São Carlos Borromeu | Não respondeu | |
| | São Sebastião – São Sebastião [São Sebastião AGH] | Não respondeu | |
| | Curato da Ribeira Seca – Nossa Senhora da Consolação | Não respondeu | |
| | Sé – São Salvador [Angra do Heroísmo] | Possui | |
| | Serreta – Nossa Senhora dos Milagres [Serreta AGH] | Não respondeu | |
| | Terra-Chã – Nossa Senhora de Belém [Terra Chã] | Não respondeu | |
| | Vila Nova – Divino Espírito Santo [Vila Nova VPV] | Não possui | |

* Informação obtida através de terceiros intervenientes e/ou deslocação da própria ao próprio lugar

** Embora o inquirido tenha respondido que não existia um espaço museológico ou algo equiparado, sabe-se que possui.

Anexo C - Levantamento dos Museus eclesiásticos existentes na Diocese de Angra e Ilhas dos Açores com base nas respostas ao inquérito

| Ilha | Ouidoria | Paróquia | Ano de inauguração | Denominação | Tutela | Número de peças | Inventário | Descritores das peças | Acesso | Ingresso | Recursos humanos | Equipa de montagem especializada |
|------------|----------------------|--|--------------------|--|--|-----------------|------------|-----------------------|--------------|----------|------------------|----------------------------------|
| Faial | Horta | Matriz – Santíssimo Salvador | 2017 | Sala do Tesouro | Paróquia | + 100 | Sim | Simples | Diariamente | Pago | Possui | Sim |
| São Jorge | São Jorge | Matriz das Velas – São Jorge [Velas] | 1996 | Exposição Permanente Pe. Manuel Garcia da Silveira | Paróquia | + 100 | Sim | Simples | Diariamente | Pago | Possui | Sim |
| São Miguel | Lagoa | Ribeira Chã - São José [Lagoa] | 1980 | Núcleos Museológicos | Centro Social/ Paróquia da Ribeira Chã | + 100 | Sim | Não possui | Diariamente | Pago | Possui | Não |
| | | Santa Cruz – Santa Cruz [Lagoa] | 2017 | Coleção Visível da Matriz de Lagoa | Paróquia | + 100 | Sim | Completo | Diariamente | Gratuito | Possui | Sim |
| | Ponta Delgada | São José - Santuário do Convento da Esperança | Sem info. | Exposição Permanente | Santuário | 50-75 | Sim | Simples | Diariamente | Pago | Possui | Não |
| | Povoação | Água Retorta – Nossa Senhora da Penha de França [Água Retorta] | 2004 | Sala Museu | Paróquia | Sem info. | Não | Não possui | Por marcação | Gratuito | Não possui | Não |
| | | Matriz – Nossa Senhora Mãe de Deus [Povoação] | 1999 | Museu | Paróquia | 01 - 25 | Não | Não possui | Por marcação | Gratuito | Não possui | Não |
| | Ribeira Grande | Matriz – Nossa Senhora da Estrela [Ribeira Grande] | 2013 | Exposição Permanente | Paróquia | 25-50 | Sim | Possui | Diariamente | Gratuito | Não possui | Sim |
| Terceira | Vila Franca do Campo | Água de Alto – São Lázaro [Água de Alto] | 2010 | Coleção Visível | Paróquia | 25 - 50 | Não | Não possui | Diariamente | Pago | Não possui | Não |
| | Angra do Heroísmo | São Bartolomeu – São Bartolomeu [Bartolomeu dos Regatos] | 2016 | Exposição Permanente | Paróquia | 01 - 25 | Sim | Simples | Diariamente | Gratuito | Não possui | Não |
| | | Sé – São Salvador [Angra do Heroísmo] | 1932 | Tesouro da Sé | Paróquia | + 100 | Sim | Simples | Diariamente | Pago | Possui | Sim |

Anexo D – Proposta de percurso expositivo para a CVML



Proposta de percurso expositivo para a Coleção Visitável da Matriz de Lagoa.

Legenda:

- | | |
|---|--------------------------------------|
| A- Presbitério | 13- Sto. Antônio |
| B1- Nave do lado do Evangelho | 14- Hall da Sacristia |
| B2- Nave Central | 15- Sala da ornamentação |
| B3- Nave do lado da Epístola | 16- Escritório |
| 1- Capela Batismal | 17- Arquivo paroquial |
| 2- Arcanjo São Miguel | 18- Sacristia |
| 3- Capela lateral de Sta. Teresinha de Lisieux | 19- WC |
| 4- Altar lateral do Sagrado Coração de Jesus | 20- Closet |
| 5- Capela colateral do Sr. Santo Cristo dos Terceiros | 21- Corredor |
| 6- Capela Mor | I- Núcleo da Imaginária |
| 7- Altar da Celebração | II- Núcleo da Ourivesaria |
| 8- Ambão | III- Núcleo da Cerâmica e Azulejaria |
| 9- Púlpito | IV- Núcleo Processional |
| 10- Capela colateral do Santíssimo Sacramento | V- Núcleo da Paramentaria |
| 11- Altar lateral da Virgem do Rosário | VI- Núcleo da Arte Bonecreira |
| 12- Capela lateral do Ministério Pascal | |

Anexo E – Fichas de inventário da Igreja Matriz de Santa Cruz

(As fichas de inventário encontram-se em CD)

Ficha de Inventário

Identificação da Peça

Instituição/ Proprietário: Fábrica da Igreja Paroquial de Santa Cruz – Diocese de Angra

Localização: Concelho de Lagoa, Santa Cruz

Categoria: Pintura

Denominação: Quadro

Título: Cristo cai pela segunda vez a caminho do Calvário
(título iconográfico)

Elemento de conjunto: não

Nº de Inventário: PSC/001

Marcação: no verso

Nº de Inventário anteriores: (não se aplica)



Descrição

Pintura a óleo sobre tela, de formato retangular disposta na vertical, representando a sétima estação da Via-sacra: Cristo cai pela segunda vez a caminho do Calvário. Cristo deitado no chão, inclinado sobre o ombro direito, ao peso da cruz, encontra-se em primeiro plano representado de perfil com a cruz às costas. Enverga uma túnica vermelha e um manto azul drapeado. Cristo com a coroa de espinhos na cabeça é preso por uma corda, cingida à cintura, puxado através dela pelo carrasco que está à sua direita. Do seu lado esquerdo, em pé, encontra-se um soldado romano, armado com elmo e lança, que aperta o seu braço esquerdo de modo a levantá-lo do chão. Num plano mais recuado encontram-se seis figuras masculinas, algumas com barba grisalha, destacando-se a figura de outro soldado romano armado e de um homem que ergue o braço direito dando a ilusão de movimento. Pintura com rigor de grafismo, de cores vivas e luminosidade vibrante. A pintura encontra-se inserida numa moldura de madeira rematada por uma cruz trilobada.

Inventário do Património Cultural Móvel da Igreja Matriz de Santa Cruz

Dimensões

Altura: 82 cm
Largura: 59 cm
Outras dimensões: 122 cm x 78 cm
(com moldura)

Datação

Ano(s): 1935
Século(s): XX
Justificação da data: O ano do quadro é uma proposta, dado que no verso se encontra inscrito a lápis a referida data.

Informação Técnica

Matéria: Madeira (acácia) [moldura]
Tela [suporte]
Técnica: Douramento [moldura]
Marcenaria [moldura]
Óleo [pintura]
Polimento[moldura]

Conservação

Estado: Bom
Especificações: Peça sem problemas de conservação.
Data: 18-11-2014

Autoria

Nome: Desconhecido
Tipo: Desconhecido
Ofício: Desconhecido

Produção

Oficina/ Fabricante: Desconhecido
Local de Execução: Desconhecido
Escola/Estilo/Movimento: Desconhecido

Incorporação

Data de Incorporação: 00-00-1935
Ano(s): 1935
Modo de Incorporação: Doação
Descrição: não perceptível

Localização

Localização: Exposição || Nave do Lado do Evangelho

Marcas/inscrições

Observações

O quadro já foi alvo de intervenção de restauro (madeira, douramento e reconstrução da tela) pelo Sr. João Cabecinha, não se conseguindo apurar a data da intervenção.

Local e data de conclusão da ficha

Lagoa, 18 de novembro de 2014

Inventariante

Joana Simas

Ficha de Inventário

Identificação da Peça

Instituição/ Proprietário: Fábrica da Igreja Paroquial de Santa Cruz – Diocese de Angra

Localização: Concelho de Lagoa, Santa Cruz

Categoria: Pintura

Denominação: Quadro

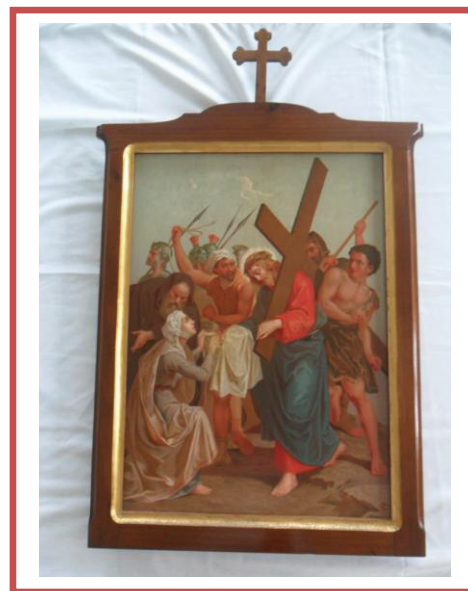
Título: Cristo a caminho do Calvário encontra Verónica
(título iconográfico)

Elemento de conjunto: não

Nº de Inventário: PSC/002

Marcação: no verso

Nº de Inventário anteriores: (não se aplica)



Descrição

Pintura a óleo sobre tela, de formato retangular disposta na vertical, representando a sexta estação da Via-sacra: Cristo a caminho do Calvário encontra Verónica que, com um pano, pretende limpar-lhe o rosto. Cristo com a coroa de espinhos na cabeça enverga uma túnica vermelha e um manto azul drapeado, carregando a cruz às costas apoiada no ombro esquerdo. Encontra-se voltado para uma mulher que se encontra no canto inferior esquerdo da pintura, à sua frente, de perna direita fletida e joelho esquerdo sobre o solo, que segura nas duas mãos um pano aberto branco para Cristo limpar o rosto. Do lado esquerdo de Verónica encontra-se um homem barbudo, vestido com um manto castanho que cobre a cabeça, que inclina o rosto na sua direção como se lhe dissesse algo. Cristo encontra-se ladeado por dois homens, o homem do lado direito puxa por uma corda atada à cintura de Cristo. Ao fundo, soldados armados com elmo e lança, e uma outra figura masculina que se encontra atrás de Cristo que segura nas duas mãos um pau, no qual dá a sensação que está flagelar Cristo. Pintura com rigor de grafismo, de cores vivas e luminosidade vibrante. A pintura encontra-se inserida numa moldura de madeira rematada por uma cruz trilobada.

Inventário do Património Cultural Móvel da Igreja Matriz de Santa Cruz

Dimensões

Altura: 82 cm
Largura: 59 cm
Outras dimensões: 122 cm x 78 cm
(com moldura)

Datação

Ano(s): 1935
Século(s): XX
Justificação da data: O ano do quadro é uma proposta, dado que no verso se encontra inscrito a lápis a referida data.

Informação Técnica

Matéria: Madeira (acácia) [moldura]
Tela [suporte]
Técnica: Douramento[moldura]
Marcenaria [moldura]
Óleo [pintura]
Polimento [moldura]

Conservação

Estado: Bom
Especificações: Peça em bom estado de conservação.
Data: 18-11-2014

Autoria

Nome: Desconhecido
Tipo: Desconhecido
Ofício: Desconhecido

Produção

Oficina/ Fabricante: Desconhecido
Local de Execução: Desconhecido
Escola/Estilo/Movimento: Desconhecido

Incorporação

Data de Incorporação: 00-00-1935
Ano(s): 1935
Modo de Incorporação: Doação
Descrição: não perceptível

Localização

Localização: Exposição || Nave do Lado do Evangelho

Marcas/inscrições

Observações

O quadro já foi alvo de intervenção de restauro (madeira, douramento e reconstrução da tela) pelo Sr. João Cabecinha, não se conseguindo apurar a data da intervenção.

Local e data de conclusão da ficha

Lagoa, 18 de novembro de 2014

Inventariante

Joana Simas

Ficha de Inventário

Identificação da Peça

Instituição/ Proprietário: Fábrica da Igreja Paroquial de Santa Cruz – Diocese de Angra

Localização: Concelho de Lagoa, Santa Cruz

Categoria: Pintura

Denominação: Quadro

Título: Cristo é ajudado por Simão de Cirene para levar a cruz (título iconográfico)

Elemento de conjunto: não

Nº de Inventário: PSC/003

Marcação: no verso

Nº de Inventário anteriores: (não se aplica)



Descrição

Pintura a óleo sobre tela, de formato retangular disposta na vertical, representando a quinta estação da Via-sacra: Cristo é ajudado por Simão de Cirene para levar a cruz. Cristo com a coroa de espinhos na cabeça enverga uma túnica vermelha, e um manto azul drapeado, com a cruz às costas encontra-se exausto redundante do transporte da cruz, e isto é notório pela forma de expressão do rosto e pela postura corporal, onde o seu corpo quase que se deixa cair no chão. Cristo encontra-se ladeado por várias figuras masculinas: ao seu lado direito, um homem em tronco nu, apenas com um pano branco preso na cintura, segura-o pelo manto com vista a obrigá-lo a erguer-se para retomar a carregar a cruz. À direita da pintura, um soldado romano estende o braço esquerdo a ordenar a Simão de Cirene, à esquerda de Cristo, que ajude a segurar a cruz. Simão de Cirene, figura com barba, encontra-se encurvado perante a cruz de modo a segurá-la. No plano de fundo, vislumbram-se outros dois homens que foram condenados no mesmo dia que Cristo, acompanhado por uma escolta de soldados encabeçados com os elmos e com as lanças em punho. Pintura com rigor de grafismo, de cores vivas e luminosidade vibrante. A pintura encontra-se inserida numa moldura de madeira rematada por uma cruz trilobada.

Inventário do Património Cultural Móvel da Igreja Matriz de Santa Cruz

Dimensões

Altura: 82 cm
Largura: 59 cm
Outras dimensões: 122 cm x 78 cm
(com moldura)

Datação

Ano(s): 1935
Século(s): XX
Justificação da data: O ano do quadro é uma proposta, dado que no verso se encontra inscrito a lápis a referida data.

Informação Técnica

Matéria: Madeira (acácia) [moldura]
Tela [suporte]
Técnica: Douramento [moldura]
Marcenaria [moldura]
Óleo [pintura]
Polimento [moldura]

Conservação

Estado: Bom
Especificações: Peça em bom estado de conservação.
Data: 18-11-2014

Autoria

Nome: Desconhecido
Tipo: Desconhecido
Ofício: Desconhecido

Produção

Oficina/ Fabricante: Desconhecido
Local de Execução: Desconhecido
Escola/Estilo/Movimento: Desconhecido

Incorporação

Data de Incorporação: 00-00-1935
Ano(s): 1935
Modo de Incorporação: Doação
Descrição: não perceptível

Localização

Localização: Exposição || Nave do Lado do Evangelho

Marcas/inscrições

Observações

O quadro já foi alvo de intervenção de restauro (madeira, douramento e reconstrução da tela) pelo Sr. João Cabecinha, não se conseguindo apurar a data da intervenção.

Local e data de conclusão da ficha

Lagoa, 18 de novembro de 2014

Inventariante

Joana Simas

Ficha de Inventário

Identificação da Peça

Instituição/ Proprietário: Fábrica da Igreja Paroquial de Santa Cruz – Diocese de Angra

Localização: Concelho de Lagoa, Santa Cruz

Categoria: Pintura

Denominação: Quadro

Título: Cristo encontra sua mãe a caminho do Calvário (título iconográfico)

Elemento de conjunto: não

Nº de Inventário: PSC/004

Marcação: no verso

Nº de Inventário anteriores: (não se aplica)



Descrição

Pintura a óleo sobre tela, de formato retangular disposta na vertical, representando a quarta estação da Via-sacra: Cristo encontra sua mãe a caminho do Calvário. Cristo com a coroa de espinhos na cabeça enverga uma túnica vermelha e um manto azul drapeado, com a cruz às costas, olha de forma intensa para uma figura feminina que se encontra à sua esquerda: a mãe. No lado direito de Cristo encontra-se um homem que o puxa por uma corda presa à cintura. De pé, do seu lado esquerdo, está a sua mãe vestida com um manto azul que lhe estende os braços com um olhar de grande sofrimento e tristeza. De joelhos, de costas voltadas para o público, encontra-se uma figura feminina com longos cabelos ondulados de cor loiro, vestida com uma túnica de cor bege e um manto castanho claro, ergue o seu braço direito sobre o manto da mãe de Cristo. À retaguarda da mãe de Cristo aparece uma figura feminina envolta num manto de cor verde, que esconde a sua face dando a ilusão que enxuga as suas lágrimas. Ao lado direito da mãe de Cristo encontra-se uma figura masculina de cabelos compridos, vestido com um manto vermelho e uma túnica verde, segura o braço direito da mãe de Cristo. Em segundo plano encontram-se duas figuras masculinas, uma delas com ar malicioso, que ergue nas mãos os pregos e o martelo. Além destas figuras, pode-se ver o elmo e as lanças levadas pelos soldados romanos. Pintura com rigor de grafismo, de cores vivas e luminosidade vibrante. A pintura encontra-se inserida numa moldura de madeira rematada por uma cruz trilobada.

Inventário do Património Cultural Móvel da Igreja Matriz de Santa Cruz

Dimensões

Altura: 82 cm
Largura: 59 cm
Outras dimensões: 122 cm x 78 cm
(com moldura)

Datação

Ano(s): 1935
Século(s): XX
Justificação da data: O ano do quadro é uma proposta, dado que no verso se encontra inscrito a lápis a referida data.

Informação Técnica

Matéria: Madeira (acácia) [moldura]
Tela [suporte]
Técnica: Douramento [moldura]
Marcenaria [moldura]
Óleo [pintura]
Polimento [moldura]

Conservação

Estado: Bom
Especificações: Peça em bom estado de conservação.
Data: 18-11-2014

Autoria

Nome: Desconhecido
Tipo: Desconhecido
Ofício: Desconhecido

Produção

Oficina/ Fabricante: Desconhecido
Local de Execução: Desconhecido
Escola/Estilo/Movimento: Desconhecido

Incorporação

Data de Incorporação: 00-00-1935
Ano(s): 1935
Modo de Incorporação: Doação
Descrição: não perceptível

Localização

Localização: Exposição || Nave do Lado do Evangelho

Marcas/inscrições

Observações

O quadro já foi alvo de intervenção de restauro (madeira, douramento e reconstrução da tela) pelo Sr. João Cabecinha, não se conseguindo apurar a data da intervenção.

Local e data de conclusão da ficha

Lagoa, 18 de novembro de 2014

Inventariante

Joana Simas

Ficha de Inventário

Identificação da Peça

Instituição/ Proprietário: Fábrica da Igreja Paroquial de Santa Cruz – Diocese de Angra

Localização: Concelho de Lagoa, Santa Cruz

Categoria: Pintura

Denominação: Quadro

Título: Cristo cai a caminho do Calvário (título iconográfico)

Elemento de conjunto: não

Nº de Inventário: PSC/005

Marcação: no verso

Nº de Inventário anteriores: (não se aplica)



Descrição

Pintura a óleo sobre tela, de formato retangular disposta na vertical, representando a terceira estação da Via-sacra: Cristo cai a caminho do Calvário. Cristo com a coroa de espinhos na cabeça enverga uma túnica vermelha e um manto azul drapeado, encontra-se caído no chão, carregado com a cruz às costas. Atrás, um soldado, devido à sua armadura, bate-lhe com a lança para ele se levantar. Do lado direito de Cristo, um homem com uma túnica de cor verde segura a corda que está presa à cintura de Cristo, ao mesmo tempo que puxa Cristo pelo manto para que este se levante, enquanto o braço esquerdo segura a cruz. Do lado esquerdo de Cristo, encontra-se uma figura masculina de barba com um véu branco na cabeça, vestido com uma túnica em tons de salmão e um manto de cor escura, que o finta com desdém erguendo a mão direita com o dedo indicador levantado, dando a ilusão que lhe está a dar uma ordem. Num plano mais recuado, outras figuras têm a mesma atitude. Pintura com rigor de grafismo, de cores vivas, composição densa, luminosidade vibrante e movimento. A pintura encontra-se inserida numa moldura de madeira rematada por uma cruz trilobada.

Inventário do Património Cultural Móvel da Igreja Matriz de Santa Cruz

Dimensões

Altura: 82 cm
Largura: 59 cm
Outras dimensões: 122 cm x 78 cm
(com moldura)

Datação

Ano(s): 1935
Século(s): XX
Justificação da data: O ano do quadro é uma proposta, dado que no verso se encontra inscrito a lápis a referida data.

Informação Técnica

Matéria: Madeira (acácia) [moldura]
Tela [suporte]
Técnica: Douramento[moldura]
Marcenaria [moldura]
Óleo [pintura]
Polimento[moldura]

Conservação

Estado: Bom
Especificações: Peça em bom estado de conservação.
Data: 18-11-2014

Autoria

Nome: Desconhecido
Tipo: Desconhecido
Ofício: Desconhecido

Produção

Oficina/ Fabricante: Desconhecido
Local de Execução: Desconhecido
Escola/Estilo/Movimento: Desconhecido

Incorporação

Data de Incorporação: 00-00-1935
Ano(s): 1935
Modo de Incorporação: Doação
Descrição: não perceptível

Localização

Localização: Exposição || Nave do Lado do Evangelho

Marcas/inscrições

Observações

O quadro já foi alvo de intervenção de restauro (madeira, douramento e reconstrução da tela) por João Cabecinha, não se sabendo a data dessa intervenção.

Local e data de conclusão da ficha

Lagoa, 18 de novembro de 2014

Inventariante

Joana Simas

Ficha de Inventário

Identificação da Peça

Instituição/ Proprietário: Igreja Matriz de Santa Cruz – Diocese de Angra

Localização: Ilha de São Miguel, Concelho de Lagoa

Categoria: Pintura

Denominação: Quadro

Título: Cristo carrega a cruz às costas (título iconográfico)

Elemento de conjunto: não

Nº de Inventário: PSC/006

Marcação: no verso

Nº de Inventário anteriores: (não se aplica)



Descrição

Pintura a óleo sobre tela, de formato retangular disposta na vertical, representando a segunda estação da Via-sacra: Cristo carrega a cruz às costas. Cristo aparece em primeiro plano, de pé representado de perfil e voltado à direita, com a coroa de espinhos na cabeça, e enverga uma túnica vermelha e um manto azul drapeado. O seu olhar está fixo na cruz que dois homens semi-nus seguram, um representado de costas e outro de frente para o público. As mãos de Cristo estão postas sobre a cruz. No canto inferior esquerdo, encontra-se um homem com uma veste azul que segura uma corda que está presa à cintura de Cristo. A cruz separa os restantes planos da composição, vendo-se na margem direita uma multidão que assiste à cena e por detrás deles soldados, identificados pelas lanças que apontam para o ar; na outra margem encontra-se um soldado armado com elmo e lança montado a cavalo, que observa a cena. Na parte superior o fundo é ocupado por um edifício que se recorta contra o azul do céu. Pintura com rigor de grafismo, luminosidade vibrante e movimento. A pintura encontra-se inserida numa moldura de madeira rematada por uma cruz trilobada.

Inventário do Património Cultural Móvel da Igreja Matriz de Santa Cruz

Dimensões

Altura: 82 cm
Largura: 59 cm
Outras dimensões: 122 cm x 78 cm
(com moldura)

Datação

Ano(s): 1935
Século(s): XX
Justificação da data: O ano do quadro é uma proposta, dado que no verso se encontra inscrito a lápis a referida data.

Informação Técnica

Matéria: Madeira (acácia) [moldura]
Tela [suporte]
Técnica: Douramento[moldura]
Marcenaria [moldura]
Óleo [pintura]
Polimento [moldura]

Conservação

Estado: Bom
Especificações: Peça em bom estado de conservação.
Data: 18-11-2014

Autoria

Nome: Desconhecido
Tipo: Desconhecido
Ofício: Desconhecido

Produção

Oficina/ Fabricante: Desconhecido
Local de Execução: Desconhecido
Escola/Estilo/Movimento: Desconhecido

Incorporação

Data de Incorporação: 00-00-1935
Ano(s): 1935
Modo de Incorporação: Doação
Descrição: não perceptível

Localização

Localização: Exposição || Nave do Lado do Evangelho

Marcas/inscrições

Observações

O quadro já foi alvo de intervenção de restauro (madeira, douramento e reconstrução da tela) pelo Sr. João Cabecinha, não se conseguindo apurar a data da intervenção.

Local e data de conclusão da ficha

Lagoa, 18 de novembro de 2014

Inventariante

Joana Simas

Ficha de Inventário

Identificação da Peça

Instituição/ Proprietário: Fábrica da Igreja Paroquial de Santa Cruz – Diocese de Angra

Localização: Concelho de Lagoa, Santa Cruz

Categoria: Pintura

Denominação: Quadro

Título: Cristo é condenado à morte (título iconográfico)

Elemento de conjunto: não

Nº de Inventário: PSC/007

Marcação: no verso

Nº de Inventário anteriores: (não se aplica)



Descrição

Pintura a óleo sobre tela, de formato retangular disposta na vertical, representando a primeira estação da Via-sacra: Cristo é condenado à morte. Num primeiro plano, Cristo encontra-se de pé com a coroa de espinhos na cabeça, enverga uma túnica vermelha e um manto azul drapeado preso sobre o ombro esquerdo, é levado por dois homens, um à frente que o puxa através de uma corda presa ao seu pulso, e outro ao seu lado, pelo uso do elmo e lança identifica-se como um soldado, que o olha e leva-o. Em segundo plano, encontra-se sentado Pôncio Pilatos com uma túnica de cor cru e um manto vermelho drapeado, que finta Cristo com o olhar. Pôncio Pilatos encontra-se a ser servido por um submisso, que se encontra de costas para o público, que lhe deita água através da lavanda para lavar as mãos. Num plano ainda mais recuado encontram-se dois homens encostados ao pilar do edifício com armas. Pintura com rigor de grafismo, luminosidade vibrante. A pintura encontra-se inserida numa moldura de madeira rematada por uma cruz trilobada.

Inventário do Património Cultural Móvel da Igreja Matriz de Santa Cruz

Dimensões

Altura: 82 cm
Largura: 59 cm
Outras dimensões: 122 cm x 78 cm
(com moldura)

Datação

Ano(s): 1935
Século(s): XX
Justificação da data: O ano do quadro é uma proposta, dado que no verso se encontra inscrito a lápis a referida data.

Informação Técnica

Matéria: Madeira (acácia) [moldura]
Tela [suporte]
Técnica: Douramento[moldura]
Marcenaria [moldura]
Óleo [pintura]
Polimento [moldura]

Conservação

Estado: Bom
Especificações: Peça em bom estado de conservação.
Data: 18-11-2014

Autoria

Nome: Desconhecido
Tipo: Desconhecido
Ofício: Desconhecido

Produção

Oficina/ Fabricante: Desconhecido
Local de Execução: Desconhecido
Escola/Estilo/Movimento: Desconhecido

Incorporação

Data de Incorporação: 00-00-1935
Ano(s): 1935
Modo de Incorporação: Doação
Descrição: Doação feita por João Melo, conforme se encontra inscrito no verso do quadro.

Localização

Localização: Exposição || Nave do Lado do Evangelho

Marcas/inscrições

- Inscrição a lápis no verso, referente ao doador:
"N1
of por
Joao d O Melo
28-7-1935"

Observações

O quadro já foi alvo de intervenção de restauro (madeira, douramento e reconstrução da tela) pelo Sr. João Cabecinha, não se conseguindo apurar a data da intervenção.

Inventário do Património Cultural Móvel da Igreja Matriz de Santa Cruz

Local e data de conclusão da ficha

Lagoa, 18 de novembro de 2014

Inventariante

Joana Simas

Ficha de Inventário

Identificação da Peça

Instituição/ Proprietário: Fábrica da Igreja Paroquial de Santa Cruz – Diocese de Angra

Localização: Concelho de Lagoa, Santa Cruz

Categoria: Pintura

Denominação: Quadro

Título: Deposição de Cristo no túmulo (título iconográfico)

Elemento de conjunto: não

Nº de Inventário: PSC/008

Marcação: no verso

Nº de Inventário anteriores: (não se aplica)



Descrição

Pintura a óleo sobre tela, de formato retangular disposta na vertical, representando a décima quarta estação da Via-sacra: deposição de Cristo no túmulo. O corpo pálido de Cristo com o sangue escorrendo das chagas que lhe cobrem o corpo é depositado num lençol branco sobre o túmulo, transportado por dois homens barbudos. Num segundo plano, assistem a esta cena Maria com um manto azul a cobrir-lhe a cabeça, que olha o filho morto com uma enorme tristeza, uma figura masculina de cabelos compridos vestido com uma túnica de cor verde e um manto vermelho que lhe cobre o ombro esquerdo. Na margem esquerda encontram-se três figuras, a primeira de joelhos fletidos envergando um manto de cor escura e um lenço de cor branca a cobrir a cabeça, que segura na mão a coroa de espinhos que pertencia a Cristo. A segunda figura encontra-se de pé cabisbaixa, envergando um manto escuro que lhe cobre a cabeça. A terceira figura, de cabelos compridos, olha para o céu com as mãos postas como se estivesse a implorar algo. Na margem superior, a paisagem do Calvário sobressai com duas cruzes. Pintura com rigor de grafismo, luminosidade vibrante. A pintura encontra-se inserida numa moldura de madeira rematada por uma cruz trilobada.

Inventário do Património Cultural Móvel da Igreja Matriz de Santa Cruz

Dimensões

Altura: 82 cm
Largura: 59 cm
Outras dimensões: 122 cm x 78 cm
(com moldura)

Datação

Ano(s): 1935
Século(s): XX
Justificação da data: O ano do quadro é uma proposta, dado que no verso se encontra inscrito a lápis a referida data.

Informação Técnica

Matéria: Madeira (acácia) [moldura]
Tela [suporte]
Técnica: Douramento [moldura]
Marcenaria [moldura]
Óleo [pintura]
Polimento [moldura]

Conservação

Estado: Bom
Especificações: Peça em bom estado de conservação.
Data: 18-11-2014

Autoria

Nome: Desconhecido
Tipo: Desconhecido
Ofício: Desconhecido

Produção

Oficina/ Fabricante: Desconhecido
Local de Execução: Desconhecido
Escola/Estilo/Movimento: Desconhecido

Incorporação

Data de Incorporação: 00-00-1935
Ano(s): 1935
Modo de Incorporação: Doação
Descrição: não perceptível

Localização

Localização: Exposição || Nave do Lado do Evangelho

Marcas/inscrições

Observações

O quadro já foi alvo de intervenção de restauro (madeira, douramento e reconstrução da tela) pelo Sr. João Cabecinha, não se conseguindo apurar a data da intervenção.

Local e data de conclusão da ficha

Lagoa, 18 de novembro de 2014

Inventariante

Joana Simas

Ficha de Inventário

Identificação da Peça

Instituição/ Proprietário: Fábrica da Igreja Paroquial de Santa Cruz – Diocese de Angra

Localização: Concelho de Lagoa, Santa Cruz

Categoria: Pintura

Denominação: Quadro

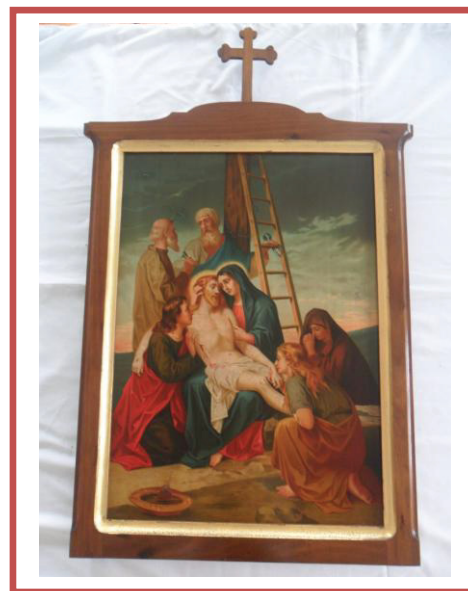
Título: Cristo é deposto da cruz (título iconográfico)

Elemento de conjunto: não

Nº de Inventário: PSC/009

Marcação: no verso (moldura)

Nº de Inventário anteriores: (não se aplica)



Descrição

Pintura a óleo sobre tela, de formato retangular disposta na vertical, representando a décima terceira estação da Via-sacra: Cristo é deposto da cruz. Na pintura aparece Cristo morto, com corpo pálido e o sangue escorrendo das chagas que lhe cobrem o corpo, deposto da cruz deitado sobre o colo de sua mãe que apresenta um rosto de amargura. O braço direito de Cristo está apoiado no ombro esquerdo de uma figura masculina que aparece no lado esquerdo da pintura, ajoelhado, vestido com uma túnica verde e um manto vermelho, representado de perfil. No lado oposto, no canto inferior direito, encontra-se Maria Madalena que segura os pés e a mão esquerda de Cristo. Esta, de joelho esquerdo fletido e o outro joelho no chão, enverga uma túnica de cor cinzenta e um manto castanho. Junto de Maria Madalena está uma figura que veste um manto castanho que lhe cobre a cabeça, e as suas mãos estão unidas como se estivesse em oração. Num segundo plano, aparece a extremidade inferior da cruz e uma escada de madeira encostada a esta, usada para fazer descer Cristo da cruz. Com a mão direita sobre o quarto degrau da escada, segurando um alicate encontra-se uma figura masculina de barba esbranquiçada, que usa um lenço sobre a cabeça, conversa com outra figura masculina, também de barba esbranquiçada, representada de perfil, traja uma túnica de cor verde e segura na mão direita os pregos. Por detrás desta cena vê-se um céu com tonalidades escuras dando a sensação de movimento. Pintura com rigor de grafismo, que se encontra inserida numa moldura de madeira rematada por uma cruz trilobada.

Inventário do Património Cultural Móvel da Igreja Matriz de Santa Cruz

Dimensões

Altura: 82 cm
Largura: 59 cm
Outras dimensões: 122 cm x 78 cm
(com moldura)

Datação

Ano(s): 1935
Século(s): XX
Justificação da data: O ano do quadro é uma proposta, dado que no verso se encontra inscrito a lápis a referida data.

Informação Técnica

Matéria: Madeira (acácia) [moldura]
Tela [suporte]
Técnica: Douramento [moldura]
Marcenaria [moldura]
Óleo [pintura]
Polimento [moldura]

Conservação

Estado: Bom
Especificações: Peça em bom estado de conservação.
Data: 18-11-2014

Autoria

Nome: Desconhecido
Tipo: Desconhecido
Ofício: Desconhecido

Produção

Oficina/ Fabricante: Desconhecido
Local de Execução: Desconhecido
Escola/Estilo/Movimento: Desconhecido

Incorporação

Data de Incorporação: 28-07-1935
Ano(s): 1935
Modo de Incorporação: Doação
Descrição: Doação feita por Maria da Glória Guerreiro, conforme se encontra inscrito no verso do quadro.

Localização

Localização: Exposição || Nave do Lado da Epístola

Marcas/inscrições

- Inscrição a lápis no verso:
"Nº 13"

- Inscrição a lápis no verso, referente ao doador:
" Of por
D. Maria da Glória
Guerreiro 28-7-935"

Observações

O quadro já foi alvo de intervenção de restauro (madeira, douramento e reconstrução da tela) pelo Sr. João Cabecinha, não se conseguindo apurar a data da intervenção.

Inventário do Património Cultural Móvel da Igreja Matriz de Santa Cruz

Local e data de conclusão da ficha

Lagoa, 18 de novembro de 2014

Inventariante

Joana Simas

Ficha de Inventário

Identificação da Peça

Instituição/ Proprietário: Fábrica da Igreja Paroquial de Santa Cruz – Diocese de Angra

Localização: Concelho de Lagoa, Santa Cruz

Categoria: Pintura

Denominação: Quadro

Título: Cristo morre na cruz (título iconográfico)

Elemento de conjunto: não

Nº de Inventário: PSC/010

Marcação: no verso (moldura)

Nº de Inventário anteriores: (não se aplica)



Descrição

Pintura a óleo sobre tela, de formato retangular disposta na vertical, representando a décima segunda estação da Via-sacra: Cristo morre na cruz. A representação segue o modelo tradicional com Cristo pregado na cruz no centro da composição, com o corpo desnudo apenas coberto por um longo cendal, ladeado pela Virgem e São João. Cristo pregado na cruz, de cabeça pendida para o lado direito, onde está Maria, em pé, a olhar o Filho com as mãos unidas. Do outro lado, S. João Evangelista, de pé com as mãos unidas à altura do peito, olha para Cristo. Ainda no plano central observa-se Maria Madalena que se encontra ajoelhada, escondendo a cara entre os braços sobrepostos uns no outro. Num segundo plano, estão representadas várias figuras que assistem a todo este cenário, entre elas soldados que se identifica pela armadura. O plano de composição recorta-se contra o fundo pintado num tom de azul acinzentado. Pintura com rigor de grafismo, que se encontra inserida numa moldura de madeira rematada por uma cruz trilobada.

Inventário do Património Cultural Móvel da Igreja Matriz de Santa Cruz

Dimensões

Altura: 82 cm
Largura: 59 cm
Outras dimensões: 122 cm x 78 cm
(com moldura)

Datação

Ano(s): 1935
Século(s): XX
Justificação da data: O ano do quadro é uma proposta, dado que no verso se encontra inscrito a lápis a referida data.

Informação Técnica

Matéria: Madeira (acácia) [moldura]
Tela [suporte]
Técnica: Douramento [moldura]
Marcenaria [moldura]
Óleo [pintura]
Polimento [moldura]

Conservação

Estado: Bom
Especificações: Peça em bom estado de conservação.
Data: 18-11-2014

Autoria

Nome: Desconhecido
Tipo: Desconhecido
Ofício: Desconhecido

Produção

Oficina/ Fabricante: Desconhecido
Local de Execução: Desconhecido
Escola/Estilo/Movimento: Desconhecido

Incorporação

Data de Incorporação: 29-07-1935
Ano(s): 1935
Modo de Incorporação: Doação
Descrição: não perceptível

Localização

Localização: Exposição || Nave do Lado da Epístola

Marcas/inscrições

Observações

O quadro já foi alvo de intervenção de restauro (madeira, douramento e reconstrução da tela) pelo Sr. João Cabecinha, não se conseguindo apurar a data da intervenção.

Local e data de conclusão da ficha

Lagoa, 18 de novembro de 2014

Inventariante

Joana Simas

Ficha de Inventário

Identificação da Peça

Instituição/ Proprietário: Fábrica da Igreja Paroquial de Santa Cruz – Diocese de Angra

Localização: Concelho de Lagoa, Santa Cruz

Categoria: Pintura

Denominação: Quadro

Título: Cristo é pregado na cruz (título iconográfico)

Elemento de conjunto: não

Nº de Inventário: PSC/011

Marcação: no verso

Nº de Inventário anteriores: (não se aplica)



Descrição

Pintura a óleo sobre tela, de formato retangular disposta na vertical, representando a décima primeira estação da Via-sacra: Cristo é pregado na cruz. A representação demonstra no centro Cristo deitado sobre a cruz com o corpo desnudo apenas coberto por um longo cendal, e sobre a cabeça a coroa de espinhos. A perna esquerda de Cristo está fletida, enquanto a perna direita está esticada sobre a cruz presa pelas mãos de um dos homens que o vai crucificar. O braço direito, mais concretamente a mão direita está a ser pregada com um prego à cruz por um homem que usa uma túnica castanha, que segura o prego com a mão esquerda e com a outra mão erguida segura o martelo. Assistem à cena, em segundo plano, a Virgem Maria, vestida com uma túnica de cor vermelha e um manto azul que lhe cobre a cabeça, ergue as mãos e o olhar ao céu como suplicando algo; São João, ao lado da Virgem, Maria Madalena que está de costas para o público ajoelhada, e uma outra figura ao lado da Virgem também representada de costas. Na margem direita outros homens assistem à crucificação, um traja um manto vermelho e tem o dedo indicador da mão esquerda erguida, e o outro traja um manto cor-de-laranja segurando nas mãos a placa com a inscrição “INRI” que será colocada no cimo da cruz, olhando em direcção da mãe de Cristo. Além destes figurinos assistem soldados, identificados pelas lanças e pelo elmo que usam na cabeça. Pintura com rigor de grafismo, que se encontra inserida numa moldura de madeira rematada por uma cruz trilobada.

Inventário do Património Cultural Móvel da Igreja Matriz de Santa Cruz

Dimensões

Altura: 82 cm
Largura: 59 cm
Outras dimensões: 122 cm x 78 cm
(com moldura)

Datação

Ano(s): 1935
Século(s): XX
Justificação da data: O ano do quadro é uma proposta, dado que no verso se encontra inscrito a lápis a referida data.

Informação Técnica

Matéria: Madeira (acácia) [moldura]
Tela [suporte]
Técnica: Douramento [moldura]
Marcenaria [moldura]
Óleo [pintura]
Polimento [moldura]

Conservação

Estado: Bom
Especificações: Peça em bom estado de conservação.
Data: 18-11-2014

Autoria

Nome: Desconhecido
Tipo: Desconhecido
Ofício: Desconhecido

Produção

Oficina/ Fabricante: Desconhecido
Local de Execução: Desconhecido
Escola/Estilo/Movimento: Desconhecido

Incorporação

Data de Incorporação: 00-00-1935
Ano(s): 1935
Modo de Incorporação: Doação
Descrição: não perceptível

Localização

Localização: Exposição || Nave do Lado da Epístola

Marcas/inscrições

Observações

O quadro já foi alvo de intervenção de restauro (madeira, douramento e reconstrução da tela) pelo Sr. João Cabecinha, não se conseguindo apurar a data da intervenção.

Local e data de conclusão da ficha

Lagoa, 18 de novembro de 2014

Inventariante

Joana Simas

Ficha de Inventário

Identificação da Peça

Instituição/ Proprietário: Fábrica da Igreja Paroquial de Santa Cruz – Diocese de Angra

Localização: Concelho de Lagoa, Santa Cruz

Categoria: Pintura

Denominação: Quadro

Título: Cristo é despojado de suas vestes (título iconográfico)

Elemento de conjunto: não

Nº de Inventário: PSC/012

Marcação: no verso

Nº de Inventário anteriores: (não se aplica)



Descrição

Pintura a óleo sobre tela, de formato retangular disposta na vertical, representando a décima estação da Via-sacra: Cristo é despojado das suas vestes. No centro da representação Cristo encontra-se de pé a ser despido por dois homens que o ladeiam. A cruz está deitada no chão, e ao lado encontra-se sentado sobre uma pedra uma figura masculina vestida com uma túnica verde e uma mala a tiracolo, representado de perfil, segurando na mão esquerda um cálice e um cântaro com água na mão direita, vertendo-o para o cálice. Na margem esquerda da representação defronta-se com três soldados com as suas armaduras vestidas, com elmo e lança que seguram o manto azul de Cristo. Na outra margem estão duas figuras masculinas, uma com barba e outra sem barba. Quanto à margem superior do quadro há um contraste profundo de cores claro-escuro: claro representando o azul do céu por oposição ao cinzento das nuvens. Pintura com rigor de grafismo, que se encontra inserida numa moldura de madeira rematada por uma cruz trilobada.

Inventário do Património Cultural Móvel da Igreja Matriz de Santa Cruz

Dimensões

Altura: 82 cm
Largura: 59 cm
Outras dimensões: 122 cm x 78 cm
(com moldura)

Datação

Ano(s): 1935
Século(s): XX
Justificação da data: O ano do quadro é uma proposta, dado que no verso se encontra inscrito a lápis a referida data.

Informação Técnica

Matéria: Madeira (acácia) [moldura]
Tela [suporte]
Técnica: Douramento[moldura]
Marcenaria [moldura]
Óleo [pintura]
Polimento[moldura]

Conservação

Estado: Bom
Especificações: Peça em bom estado de conservação.
Data: 18-11-2014

Autoria

Nome: Desconhecido
Tipo: Desconhecido
Ofício: Desconhecido

Produção

Oficina/ Fabricante: Desconhecido
Local de Execução: Desconhecido
Escola/Estilo/Movimento: Desconhecido

Incorporação

Data de Incorporação: 00-00-1935
Ano(s): 1935
Modo de Incorporação: Doação
Descrição: não perceptível

Localização

Localização: Exposição || Nave do Lado da Epístola

Marcas/inscrições

Observações

O quadro já foi alvo de intervenção de restauro (madeira, douramento e reconstrução da tela) pelo Sr. João Cabecinha, não se conseguindo apurar a data da intervenção.

Local e data de conclusão da ficha

Lagoa, 18 de novembro de 2014

Inventariante

Joana Simas

Ficha de Inventário

Identificação da Peça

Instituição/ Proprietário: Fábrica da Igreja Paroquial de Santa Cruz – Diocese de Angra

Localização: Concelho de Lagoa, Santa Cruz

Categoria: Pintura

Denominação: Quadro

Título: Cristo cai pela terceira vez (título iconográfico)

Elemento de conjunto: não

Nº de Inventário: PSC/013

Marcação: no verso

Nº de Inventário anteriores: (não se aplica)



Descrição

Pintura a óleo sobre tela, de formato retangular disposta na vertical, representando a nona estação da Via-sacra: Cristo cai pela terceira vez. Cristo deitado no chão, com a coroa de espinhos na cabeça, enverga uma túnica vermelha e um manto azul drapeado. Encontra-se caído no chão com a cruz em cima. No lado direito da pintura um homem de pé com uma perna mais avançada do que a outra puxa-o pelo braço, enquanto do outro lado de Cristo um outro homem segura a cruz, e puxa Cristo pela túnica. Por detrás, encontra-se um homem barbudo, com um manto de cor bege que ergue o braço direito para o monte Calvário, e um soldado vestido com a sua armadura, elmo e lança. Num segundo plano, vê-se uma espécie de procissão até ao monte Calvário onde seguem soldados juntamente com outros dois mártires e outras figuras. Pintura com rigor de grafismo, que se encontra inserida numa moldura de madeira rematada por uma cruz trilobada.

Inventário do Património Cultural Móvel da Igreja Matriz de Santa Cruz

Dimensões

Altura: 82 cm
Largura: 59 cm
Outras dimensões: 122 cm x 78 cm
(com moldura)

Datação

Ano(s): 1935
Século(s): XX
Justificação da data: O ano do quadro é uma proposta, dado que no verso se encontra inscrito a lápis a referida data.

Informação Técnica

Matéria: Madeira (acácia) [moldura]
Tela [suporte]
Técnica: Douramento [moldura]
Marcenaria [moldura]
Óleo [pintura]
Polimento [moldura]

Conservação

Estado: Bom
Especificações: Peça em bom estado de conservação.
Data: 18-11-2014

Autoria

Nome: Desconhecido
Tipo: Desconhecido
Ofício: Desconhecido

Produção

Oficina/ Fabricante: Desconhecido
Local de Execução: Desconhecido
Escola/Estilo/Movimento: Desconhecido

Incorporação

Data de Incorporação: 00-00-1935
Ano(s): 1935
Modo de Incorporação: Doação
Descrição: não perceptível

Localização

Localização: Exposição || Nave do Lado da Epístola

Marcas/inscrições

Observações

O quadro já foi alvo de intervenção de restauro (madeira, douramento e reconstrução da tela) pelo Sr. João Cabecinha, não se conseguindo apurar a data da intervenção.

Local e data de conclusão da ficha

Lagoa, 18 de novembro de 2014

Inventariante

Joana Simas

Ficha de Inventário

Identificação da Peça

Instituição/ Proprietário: Fábrica da Igreja Paroquial de Santa Cruz – Diocese de Angra

Localização: Concelho de Lagoa, Santa Cruz

Categoria: Pintura

Denominação: Quadro

Título: Cristo encontra as mulheres de Jerusalém
(título iconográfico)

Elemento de conjunto: não

Nº de Inventário: PSC/014

Marcação: no verso

Nº de Inventário anteriores: (não se aplica)



Descrição

Pintura a óleo sobre tela, de formato retangular disposta na vertical, representando a oitava estação da Via-sacra: Cristo encontra as mulheres de Jerusalém que choram por ele. Cristo de pé, usa uma coroa de espinhos na cabeça, e enverga uma túnica vermelha e um manto azul drapeado, com a cruz às costas, voltado de frente aponta para um grupo de mulheres e crianças à esquerda que, ajoelhadas choram por ele. Jesus é puxado pela corda que tem à volta da cintura por um homem que vai à frente, que se encontra de costas para o público. Na margem direita do quadro assistem à cena figuras masculinas, e na margem esquerda um grupo de soldados com elmo e lanças. O fundo da paisagem representa o monte para onde Cristo se desloca. Pintura com rigor de grafismo, que se encontra inserida numa moldura de madeira rematada por uma cruz trilobada.

Inventário do Património Cultural Móvel da Igreja Matriz de Santa Cruz

Dimensões

Altura: 82 cm
Largura: 59 cm
Outras dimensões: 122 cm x 78 cm
(com moldura)

Datação

Ano(s): 1935
Século(s): XX
Justificação da data: O ano do quadro é uma proposta, dado que no verso se encontra inscrito a lápis a referida data.

Informação Técnica

Matéria: Madeira (acácia) [moldura]
Tela [suporte]
Técnica: Douramento [moldura]
Marcenaria [moldura]
Óleo [pintura]
Polimento[moldura]

Conservação

Estado: Bom
Especificações: Peça em bom estado de conservação.
Data: 18-11-2014

Autoria

Nome: Desconhecido
Tipo: Desconhecido
Ofício: Desconhecido

Produção

Oficina/ Fabricante: Desconhecido
Local de Execução: Desconhecido
Escola/Estilo/Movimento: Desconhecido

Incorporação

Data de Incorporação: 00/00/1935
Ano(s): 1935
Modo de Incorporação: Doação
Descrição: Doação feita por M. Borges, conforme se encontra inscrito no verso do quadro.

Localização

Localização: Exposição || Nave do Lado da Epístola

Marcas/inscrições

- Inscrição a lápis no verso:
"Nº 8"

- Inscrição a lápis no verso, referente ao doador:
" Of por
M.R. Borges
28-7-935"

Inventário do Património Cultural Móvel da Igreja Matriz de Santa Cruz

Observações

O quadro já foi alvo de intervenção de restauro (madeira, douramento e reconstrução da tela) pelo Sr. João Cabecinha, não se conseguindo apurar a data da intervenção.

Local e data de conclusão da ficha

Lagoa, 18 de novembro de 2014

Inventariante

Joana Simas

Ficha de Inventário

Identificação da Peça

Instituição/ Proprietário: Fábrica da Igreja Paroquial de Santa Cruz – Diocese de Angra

Localização: Concelho de Lagoa, Santa Cruz

Categoria: Escultura

Subcategoria: Escultura de vulto

Denominação: Arcanjo São Miguel

Título: São Miguel Arcanjo (iconográfico)

Elemento de conjunto: não

Nº de Inventário: PSC/015

Marcação: verso da base

Nº de Inventário anteriores: (não se aplica)



Descrição

Escultura. Escultura de vulto: imaginária. Imagem do Arcanjo São Miguel de pé e frontal sobre nuvem irregular de cor branca com ondulado relevado, exibindo torção do eixo corporal para a direita, a perna esquerda recuada e fletida, apenas assente na ponta do pé. Cabeça levemente inclinada para a direita, olhando para o lado oposto, e a anca inclinada para a direita reforçando a curva da cintura. Tem o braço direito erguido, empunhando uma cruz em direção ao qual volta a cabeça. O braço esquerdo cai paralelo ao corpo, mas afastado deste, ligeiramente dirigido para a frente, com a palma da mão voltada para baixo exibindo os dedos dobrados que seguram a balança de pesar as almas com pratos redondos. O rosto arredondado e jovem é marcado pelas faces cheias e rosadas, queixo redondo marcado pela simetria, olhos semicerrados castanhos, nariz alongado, e lábios cerrados ensaiando um sorriso. A cabeça encontra-se coberta por um capacete prateado encimado por uma pluma vistosa branca, deixando a descoberto madeixas ondulantes de cabelo castanho-escuro a emoldurar o rosto. Enverga vestes de legionário romano composta por cota prateada, ajustada ao corpo, definindo a barriga proeminente e a zona do peito, rematada por uma fita alongada verde que cai transversalmente a partir do ombro direito sobre o saio curto. O saio prateado, acima do joelho, tem a parte inferior esvoaçante exibindo pregueado fluido. É envolvido por um manto vermelho, lançado no braço direito, cobrindo as costas em pregas paralelas fundas. Das costas surgem duas asas abertas fixas às mesmas. Calça sandálias de cano alto pintadas uniformemente de castanho. A imagem assenta sobre base retangular em madeira não amovível.

Inventário do Património Cultural Móvel da Igreja Matriz de Santa Cruz

Dimensões

Altura: 114 cm
Largura: 50 cm
Profundidade: 46 cm

Datação

Ano(s): Não determinado
Século(s): XVIII
Justificação da data: Análise estilística e escultórica.

Informação Técnica

Matéria: Madeira (castanho?)
Prata [balança] (?)
Técnica: Escultura de vulto pleno esculpida
Engessada
Policromado
Puncionado

Conservação

Estado: Regular
Especificações: Perda de policromia, fissuras na zona da cabeça, no rosto, no pé direito, no corpo e na nuvem; falta quatro dedos na mão direita e três dedos na mão esquerda; aplicação de adesivo na asa esquerda. Peça que necessita de intervenções de conservação e/ou restauro.
Data: 20-07-2015

Autoria

Nome: Desconhecido
Tipo: Desconhecido
Ofício: Desconhecido

Produção

Oficina/ Fabricante: Desconhecido
Local de Execução: Desconhecido
Escola/Estilo/Movimento: Desconhecido

Incorporação

Data de Incorporação: 00/00/0000
Ano(s): Desconhecido
Modo de Incorporação: Desconhecido
Descrição: Desconhecido

Localização

Localização: Exposição || Sobre uma peanha na Nave do Lado do Evangelho

Local e data de conclusão da ficha

Lagoa, 20 de julho de 2015

Inventariante

Joana Simas

Ficha de Inventário

Identificação da Peça

Instituição/ Proprietário: Fábrica da Igreja Paroquial de Santa Cruz – Diocese de Angra

Localização: Concelho de Lagoa, Santa Cruz

Categoria: Escultura

Subcategoria: Escultura de vulto

Denominação: Santo Antão

Título: Santo Antão

Ficha de conjunto: sim

Nº de Inventário: PSC/016 [imagem]

PSC/180 [resplendor]

Nº de Inventário anteriores: (não se aplica)

Localização: Sacristia



Descrição

Imagem composta por escultura e resplendor.

Inventariante

Joana Simas

Ficha de Inventário

Identificação da Peça

Instituição/ Proprietário: Fábrica da Igreja Paroquial de Santa Cruz – Diocese de Angra

Localização: Concelho de Lagoa, Santa Cruz

Categoria: Escultura

Subcategoria: Escultura de vulto

Denominação: Santo Antão

Título: Santo Antão (iconográfico)

Elemento de conjunto: não

Nº de Inventário: PSC/016

Marcação: verso da base

Nº de Inventário anteriores: (não se aplica)



Descrição

Escultura. Escultura de vulto: imaginária. Imagem de Santo Antão de pé e frontal, sobre base retangular pintada em marmoreado castanho, ladeado por dois animais junto aos pés: um porco à direita, e um boi à esquerda. Enverga hábito monástico preto de beneditino com orla inferior contornada por galão dourado, cingido na cintura por um cordão dourado, e um manto que aperta junto ao pescoço, caindo pelas costas com padrão floral em dourado que contém cinco pedras de vidro (duas prateadas e três azuis claras sem brilho), com capuz elevado sobre os ombros com contornos dourados. As vestes estruturam-se em finas pregas vincadas na parte frontal tendendo para a verticalidade, mas cuja volumetria indicia algum movimento e habilidade. Tem tonsura monástica e longas barbas bífidas encaracoladas que ampliam o alongamento e magreza do rosto. Cabeça levemente voltada para a esquerda e para baixo, o olhar segue essa direção para o livro aberto de lombada vermelha e páginas brancas com simulação de escrita em castanho que segura na mão esquerda, enquanto a mão direita segura uma vara de madeira. Possui pequenos olhos vítreos castanhos, lábios cerrados e nariz alongado. Pé direito recuado, vendo-se os pés descalços. Na cabeça apresenta resplendor de prata, recortado com raios lanceolados a partir do centro de base circular com motivos fitomórficos em relevo.

Inventário do Património Cultural Móvel da Igreja Matriz de Santa Cruz

Dimensões

Altura: 73 cm
Largura: 40 cm
Profundidade: 23 cm

Datação

Ano(s): Não determinado
Século(s): XIX (?)
Justificação da data: Análise estilística e escultórica.

Informação Técnica

Matéria: Madeira (castanho?)
Vidro [olhos]
Técnica: Escultura de vulto pleno esculpida
Engessada
Estofado
Marmoreado
Policromado

Conservação

Estado: Bom
Especificações: Peça sem problemas de conservação, mas que apresenta uma falha: falta um dedo na mão esquerda.
Data: 14-07-2015

Autoria

Nome: Desconhecido
Tipo: Desconhecido
Ofício: Desconhecido

Produção

Oficina/ Fabricante: Desconhecido
Local de Execução: Desconhecido
Escola/Estilo/Movimento: Desconhecido

Incorporação

Data de Incorporação: 00/00/0000
Ano(s): Desconhecido
Modo de Incorporação: Desconhecido
Descrição: Desconhecido

Localização

Localização: Exposição || Peanha na Capela Lateral de Santa Teresinha || Nova localização: Sacristia (2016)

Observações

A imagem possui resplendor que consta no inventário número PSC/180

Local e data de conclusão da ficha

Lagoa, 14 de julho de 2015

Inventariante

Joana Simas

Ficha de Inventário

Identificação da Peça

Instituição/ Proprietário: Fábrica da Igreja Paroquial de Santa Cruz – Diocese de Angra

Localização: Concelho de Lagoa, Santa Cruz

Categoria: Escultura

Subcategoria: Escultura de vulto

Denominação: Santa Luzia

Título: Santa Luzia (iconográfico)

Elemento de conjunto: não

Nº de Inventário: PSC/017

Marcação: verso da base

Nº de Inventário anteriores: (não se aplica)



Descrição

Escultura. Escultura de vulto: imaginária. Imagem de Santa Luzia de pé e frontal sobre seis troncos castanhos sobre chamas, acusando o recuo da perna esquerda. Tem a cabeça e os olhos elevados ao Céu. Braços alinhados ao corpo, com os cotovelos levemente dobrados, e as mãos projetadas, segurando uma espécie de bandeja circular com um par de olhos, principal atributo iconográfico, que encaixa nos dedos ligeiramente dobrados. Possui o rosto alongado e simétrico, olhos pequenos, nariz afilado, faces rosadas, lábios finos entreabertos deixando antever os dentes ensaiando um sorriso, queixo proeminente, pescoço alto. O cabelo comprido castanho-claro cai para trás emoldurando a face em madeixas ondulantes. Enverga uma túnica cintada de cor bege, caindo em pregas vincadas tendendo para a verticalidade, deixando a descoberto a ponta dos sapatos dourados com quatro pedras de vidro brilhantes prateadas no sapato esquerdo, cingida na cintura por fita de cor cobre com laçada ao centro. Pregueado rígido insinua o peito. Imagem envolvida por um manto vermelho, que prende à volta do pescoço, drapeado e decorado por motivos vegetalistas a dourado, e dezoito pedras de vidro brilhantes prateadas (sete no lado direito e onze no lado esquerdo). Gola com duas pedras brilhantes prateadas. A imagem assenta sobre base quadrangular castanho-escuro que contém por baixo duas tiras de ferro para um melhor suporte.

Inventário do Património Cultural Móvel da Igreja Matriz de Santa Cruz

Dimensões

Altura: 74 cm
Largura: 24 cm
Profundidade: 23 cm

Datação

Ano(s): Último quartel do século XX
Século(s): XX
Justificação da data: Análise estilística e escultórica.

Informação Técnica

Matéria: Madeira (castanho?)
Vidro
Técnica: Escultura de vulto pleno esculpida
Engessada
Estofado
Policromado
Puncionado

Conservação

Estado: Bom
Especificações: Peça sem problemas de conservação, mas que apresenta lacunas: falta pedraria brilhante na decoração do manto e sapatos.
Data: 14-07-2015

Autoria

Nome: Desconhecido
Tipo: Desconhecido
Ofício: Desconhecido

Produção

Oficina/ Fabricante: Oficinas Casa Fânzeres
Local de Execução: Braga
Escola/Estilo/Movimento: Escultura Portuguesa

Incorporação

Data de Incorporação: 00/00/0000
Ano(s): Desconhecido
Modo de Incorporação: Desconhecido
Descrição: Desconhecido

Localização

Localização: Exposição || Peanha na Capela Lateral de Santa Teresinha || Nova localização: Sacristia (2016)

Marcas/inscrições

Inscrição relativa ao local de execução, pintada à mão de cor branca, no lado esquerdo da base:
"OFICINAS
CASA FÂNZERES
BRAGA"

Local e data de conclusão da ficha

Lagoa, 14 de julho de 2015

Inventariante

Joana Simas

Ficha de Inventário

Identificação da Peça

Instituição/ Proprietário: Fábrica da Igreja Paroquial de Santa Cruz – Diocese de Angra

Localização: Concelho de Lagoa, Santa Cruz

Categoria: Escultura

Subcategoria: Escultura de vulto

Denominação: Santa Teresa de Lisieux

Título: Sta. Teresinha (inscrito)

Outras denominações: Santa Teresinha do Menino Jesus

Elemento de conjunto: não

Nº de Inventário: PSC/018

Marcação: verso da base

Nº de Inventário anteriores: (não se aplica)



Descrição

Escultura. Escultura de vulto: imaginária. Imagem de Santa Teresinha de Lisieux de pé e frontal sobre base octogonal em madeira. Representada sobre uma nuvem que está sobre uma semi-esfera azul, representando o céu, com pequenas nuvens pintadas de sombreado rosa com flores na parte dianteira. Tem o pé direito recuado e ligeiramente para o lado. Possui rosto alongado, olhos de vidro castanhos, sobrancelhas finas e arqueadas, queixo proeminente, nariz afilado, lábios finos e cerrados ensaiando um sorriso. Enverga hábito monástico castanho de carmelita com pétalas de flor. Tem um véu negro sobre a cabeça. Sob este, envolve-lhe a cabeça e o pescoço uma coifa branca. Envolva-a um manto bege preso no pescoço caindo sobre os ombros em drapeado. Calça sandálias. A figura está representada com flores na mão direita e na esquerda uma cruz com uma figura masculina crucificada, apertando-a contra o peito. Inclina ligeiramente a cabeça para a direita e o olhar segue essa direção. Possui resplendor circular de simples aro liso preso atrás no véu.

Inventário do Património Cultural Móvel da Igreja Matriz de Santa Cruz

Dimensões

Altura: 124 cm
Largura: 48 cm
Profundidade: 48 cm
Outras dimensões: a. 30 cm (aro)
l. 29 cm (aro)
d. 88 cm (aro)

Datação

Ano(s): Segundo quartel do século XX
Século(s): XX
Justificação da data: Inscrição na imagem.

Informação Técnica

Matéria: Madeira (castanho?)
Metal [aro]
Tecido [pétalas de flor]
Vidro [olhos]
Técnica: Escultura de vulto pleno esculpida
Engessada
Marmoreado
Policromado

Conservação

Estado: Bom
Especificações: Peça que apresenta algumas lacunas: fissura e perda de policromia na base, vestígios de marca de adesivo.
Data: 28-04-2015

Autoria

Nome: Amélio Maia (?)
Tipo: Autor
Ofício: Escultor

Produção

Oficina/ Fabricante: Maia & Irmão
Local de Execução: Cidadêlha (Castelo da Maia)
Escola/Estilo/Movimento: Escultura Portuguesa

Incorporação

Data de Incorporação: 00/00/0000
Ano(s): 1934-1957
Modo de Incorporação: Doação
Descrição: Doação feita por José de Medeiros Guerreiro em memória da sua irmã Ambrosina Isabel Guerreiro.

Localização

Localização: Exposição || Capela lateral do lado do Evangelho

Marcas/inscrições

- Inscrição identificativa de personagem e relativa ao doador colocada na frente da base:
"IMAGEM DE STA. TERESINHA OFERECIDA POR JOSÉ DE MEDEIROS GUERREIRO EM MEMÓRIA DE SUA IRMÃ AMBROSINA ISABEL GUERREIRO FALECIDA 2/4/1934"
- Inscrição relativa ao autor, pintada em manuscrito, no lado direito da base:
"ESCULTORES (MAIA. IRMÃOS) (CIDADÊLHA) Castelo da Maia".

Inventário do Património Cultural Móvel da Igreja Matriz de Santa Cruz

Local e data de conclusão da ficha

Lagoa, 28 de abril de 2015

Inventariante

Joana Simas

Ficha de Inventário

Identificação da Peça

Instituição/ Proprietário: Fábrica da Igreja Paroquial de Santa Cruz – Diocese de Angra

Localização: Concelho de Lagoa, Santa Cruz

Categoria: Escultura

Subcategoria: Escultura de vulto

Denominação: Crucifixo

Título: Crucifixão de Cristo (iconográfico)

Outras denominações: Cristo Crucificado

Elemento de conjunto: não

Nº de Inventário: PSC/019

Marcação: verso da base

Nº de Inventário anteriores: (não se aplica)



Descrição

Crucifixo com a imagem de Cristo morto, crucificado com os braços pregados assimetricamente na horizontal. Cabeça pendendo sobre o lado direito do peito e pernas fletidas com o pé direito cravado sobre o esquerdo. Imagem de volumes anatómicos realistas e com grande tensão a nível muscular e no tronco da caixa torácica. Possui o rosto simétrico, olhos fechados, nariz afilado, lábios finos e cerrados emoldurados por bigode e barba preta. O cabelo preto cai sobre as costas, deixando visualizar a orelha esquerda, cingido por uma coroa de espinhos. Imagem exibindo diversos fluxos sanguíneos escorrendo dos principais ferimentos resultantes da cravação, coroação de espinhos, lançada no lado direito, ombros e joelhos, salientando-se que nos braços o sangue escorre horizontalmente. Baixo-ventre coberto por cendal branco, descaído no lado esquerdo, rematado por laçada. Cruz latina lisa castanha, colocada verticalmente sobre a base quadrangular, com inscrição no topo “I.N.R.I.” a castanho claro. Cravação com ferro.

Inventário do Património Cultural Móvel da Igreja Matriz de Santa Cruz

Dimensões

Altura: 68 cm
Largura: 39 cm
Profundidade: aprox. 12 cm

Datação

Ano(s): Não determinado
Século(s): XVIII/XIX
Justificação da data: Análise estilística e escultórica.

Informação Técnica

Matéria: Madeira (castanho?)
Ferro [cravações]
Técnica: Escultura adossada a uma cruz
Carnação
Engessada
Policromado
Repintado

Conservação

Estado: Regular
Especificações: Perdas de policromia e materiais; falhas nos dedos das mãos e fissura no ombro esquerdo.
Data: 29-04-2015

Autoria

Nome: Desconhecido
Tipo: Desconhecido
Ofício: Desconhecido

Produção

Oficina/ Fabricante: Desconhecido
Local de Execução: Desconhecido
Escola/Estilo/Movimento: Desconhecido

Incorporação

Data de Incorporação: 00/00/0000
Ano(s): Desconhecido
Modo de Incorporação: Desconhecido
Descrição: Desconhecido

Localização

Localização: Exposição || Capela lateral do Lado do Evangelho

Marcas/inscrições

Monograma pintado: "I.N.R.I"

Local e data de conclusão da ficha

Lagoa, 29 de abril de 2015

Inventariante

Joana Simas

Ficha de Inventário

Identificação da Peça

Instituição/ Proprietário: Fábrica da Igreja Paroquial de Santa Cruz – Diocese de Angra

Localização: Concelho de Lagoa, Santa Cruz

Categoria: Escultura

Subcategoria: Escultura de vulto

Denominação: Imaculada Conceição

Título: Nossa Senhora da Conceição

Ficha de conjunto: sim

Nº de Inventário: PSC/020 [imagem]

PSC/095 [coroa]

Nº de Inventário anteriores: (não se aplica)

Localização: Capela lateral do Lado do Evangelho

(Nova atualização: Núcleo da Imaginária. 18-05-2017)



Descrição

Imagem composta por escultura e coroa.

A imagem tem como peças associadas uma base que não é original da imagem.

Inventariante

Joana Simas

Ficha de Inventário

Identificação da Peça

Instituição/ Proprietário: Fábrica da Igreja Paroquial de Santa Cruz – Diocese de Angra

Localização: Concelho de Lagoa, Santa Cruz

Categoria: Escultura

Subcategoria: Escultura de vulto

Denominação: Imaculada Conceição

Título: Nossa Senhora da Conceição (iconográfico)

Elemento de conjunto: não

Nº de Inventário: PSC/020

Marcação: verso da base

Nº de Inventário anteriores: (não se aplica)



Descrição

Escultura. Escultura de vulto: imaginária. Imagem da Imaculada Conceição de pé e frontal sobre nuvem estilizada encimada pelas pontas de um crescente, voltadas para cima, e figurada à frente por três cabeças de anjos com olhos rasgados e cabelo curto. Estes últimos têm as asas policromas com as pontas voltadas para cima e ocupam diferentes posições na base: dois nos extremos e um no meio. A Virgem Imaculada tem as mãos postas, unidas em atitude de reza, frente ao peito. O rosto alongado possui expressão contemplativa com os olhos azuis rasgados dirigidos ao alto, levemente relevados, sobrancelhas grossas e arqueadas, queixo proeminente, nariz alongado e fino, faces rosadas, lábios finos cerrados, sendo o superior carnudo. O cabelo comprido castanho ondulado está cingido ao pescoço alto deixando madeixas cair sobre os ombros, e atrás cai em pregueado paralelo. Enverga um vestido branco com gola dourada marcado por pregas largas ocultando os pés, debruada por faixa larga na parte inferior, vermelha e folhagens a dourado. Envolva-a um manto azul lançado nos ombros decorado nas faixas por motivos florais e vegetalistas a dourado, atrás com pregueado vertical. Orifício na cabeça para a colocação da coroa. A imagem assenta sobre espigão metálico numa base quadrada com relevo.

Inventário do Património Cultural Móvel da Igreja Matriz de Santa Cruz

Dimensões

Altura: 73 cm
Largura: 43 cm
Profundidade: 20 cm

Datação

Ano(s): final de século
Século(s): XVI
Justificação da data: Análise estilística e escultórica, assemelhando-se às características da escultura indo-portuguesa.

Informação Técnica

Matéria: Madeira (cedro?)
Técnica: Escultura de vulto pleno esculpida
Engessada
Estofado
Policromado

Conservação

Estado: Regular
Especificações: Peça que apresenta várias rachas.
Data: 28-04-2015

Autoria

Nome: Desconhecido
Tipo: Desconhecido
Ofício: Desconhecido

Produção

Oficina/ Fabricante: Desconhecido
Local de Execução: Desconhecido
Escola/Estilo/Movimento: Desconhecido

Incorporação

Data de Incorporação: 00/00/0000
Ano(s): Desconhecido
Modo de Incorporação: Desconhecido
Descrição: Desconhecido

Localização

Localização: Exposição || Capela lateral do Lado do Evangelho
(Nova atualização: Núcleo da Imaginária. 18-05-2017)

Observações

A imagem possui uma coroa com o número de inventário PSC/181
A imagem está assente sobre uma base que não é a original.

Local e data de conclusão da ficha

Lagoa, 28 de abril de 2015

Inventariante

Joana Simas

Ficha de Inventário

Identificação da Peça

Instituição/ Proprietário: Fábrica da Igreja Paroquial de Santa Cruz – Diocese de Angra

Localização: Concelho de Lagoa, Santa Cruz

Categoria: Escultura

Subcategoria: Escultura de vulto

Denominação: Sagrado Coração de Jesus

Ficha de conjunto: sim

Nº de Inventário: PSC/021 [imagem]

PSC/176 [resplendor]

Nº de Inventário anteriores: (não se aplica)

Localização: Altar lateral do Lado do Evangelho



Descrição

Imagem composta por escultura e resplendor.

Inventariante

Joana Simas

Ficha de Inventário

Identificação da Peça

Instituição/ Proprietário: Fábrica da Igreja Paroquial de Santa Cruz – Diocese de Angra

Localização: Concelho de Lagoa, Santa Cruz

Categoria: Escultura

Subcategoria: Escultura de vulto

Denominação: Sagrado Coração de Jesus

Elemento de conjunto: não

Nº de Inventário: PSC/021

Marcação: verso da base

Nº de Inventário anteriores: (não se aplica)



Descrição

Escultura. Escultura de vulto: imaginária. Imagem do Sagrado Coração de Jesus em representação escultórica de grande dinamismo, de pé e frontal descalço sobre nuvem irregular branca com ondulado relevado. Cristo ostenta ao peito um coração vermelho relevado, coroado de espinhos e emoldurado por resplendor dourado. Enverga uma túnica comprida esbranquiçada, de decote redondo com motivos vegetalistas, cingida à cintura por cordão dourado. Envolve-lhe um manto vermelho, debruado por uma barra de motivos decorativos dourados, que cruza a cintura e é fixado sobre o braço direito. As vestes agitam-se em profuso pregueado solto e movimentado, animadas pela colocação quase armada do manto, lançado e apanhado no lado direito descrevendo amplo movimento de volteio. Possui barba e cabelo comprido castanho, de olhar direcionado em frente. Surge com o braço esquerdo junto ao peito onde aponta com o dedo indicador para o coração flamejante e resplendoroso saído do mesmo, e mão direita ligeiramente levantada em sinal de bênção. Destacam-se feridas em ambas as mãos. Tem resplendor de formato circular com uma pedra de vidro vermelha ao centro. A imagem assenta sobre uma base octogonal de madeira não amovível.

Inventário do Património Cultural Móvel da Igreja Matriz de Santa Cruz

Dimensões

Altura: 133 cm
Largura: 57 cm
Profundidade: 49 cm

Datação

Ano(s): 1892
Século(s): XIX
Justificação da data: Documentada in *Livro de Receita e Despesa da Paróquia de Santa Cruz (1892-1896)*.

Informação Técnica

Matéria: Madeira (castanho?)
Vidro [olhos]
Técnica: Escultura de vulto pleno esculpida
Engessada
Estofado
Policromado
Puncionado

Conservação

Estado: Bom
Especificações: Peça sem problemas de conservação, mas que apresenta perdas pontuais de policromia.
Data: 14-05-2015
Intervenções de conservação e restauro: 1989

Autoria

Nome: Celestino José de Queiroz
Tipo: Autor
Ofício: Escultor

Produção

Oficina/ Fabricante: Desconhecido
Local de Execução: Porto
Escola/Estilo/Movimento: Escultura Portuguesa

Intervenções de conservação e restauro:

Nome: Domingo R. da Silva
Tipo: Pintor
Ofício: Pintor de imagens

Incorporação

Data de Incorporação: 09-09-1892
Ano(s): 1892
Modo de Incorporação: Aquisição
Descrição: O Padre João José Tavares fez a aquisição desta escultura com o intuito de afirmar os seus paroquianos no culto para com o Santíssimo Coração.

Localização

Localização: Exposição || Altar lateral do Lado do Evangelho

Marcas/inscrições

- Inscrição relativa ao pintor em manuscrito escrito a vermelho, no lado direito da base:

“Pintor

DOMINGO R. DA SILVA

BRAGA - 18-7-89”

- Inscrição relativa ao restauro em manuscrito escrito a vermelho, no lado esquerdo da base:

“MANDADO

RESTAURAR

POR JOÃO OLIVEIRA

– E – ESPOSA –

– 18-7-89 – ”

Observações

A imagem possui resplendor com o número de inventário PSC/176

Local e data de conclusão da ficha

Lagoa, 14 de maio de 2015

Inventariante

Joana Simas

Ficha de Inventário

Identificação da Peça

Instituição/ Proprietário: Fábrica da Igreja Paroquial de Santa Cruz – Diocese de Angra

Localização: Concelho de Lagoa, Santa Cruz

Categoria: Ourivesaria

Denominação: Crucifixo de altar

Título: Crucifixão de Cristo (iconográfico)

Outras denominações: Cristo Crucificado

Elemento de conjunto: não

Nº de Inventário: PSC/022

Marcação: interior da base

Nº de Inventário anteriores: (não se aplica)



Descrição

Cruz de altar em prata, com base triangular tipo piramidal de faces decoradas por folheado ao centro e perfis ondulados por volutas assente em três pés quadrangulares de orla lisa. Haste cilíndrica com caneluras terminando em nó de bolacha. Cruz latina com haste e braços de secção retangular, decorados por motivos fitomórficos, com remates trilobados recortados, embelezados por motivos fitomórficos. Imagem de Cristo Crucificado, de vulto pleno, em relevo a dourado, representado morto com os braços levemente verticalizados, com os dedos dobrados. Do tipo agonizante, com cabeça virada à direita, e cendal preso no lado direito caindo em pregas. Rosto alongado, barba bífida e cabelo ondulante emolduram o rosto. Leve contraposto com a inclinação oposta das pernas fletidas, cravadas conjuntamente com o pé esquerdo sobre o direito. Os membros esguios contrastam com a grande tensão muscular na caixa torácica. Possui resplendor dourado de raios setiformes, circular, na intersecção dos braços. Sobre a cabeça uma tabela a dourado com inscrição "I.N.R.I".

Inventário do Património Cultural Móvel da Igreja Matriz de Santa Cruz

Dimensões

Altura: 110 cm
Largura: 31 cm
Profundidade: 18 cm

Datação

Ano(s): Não determinado
Século(s): XX (?)
Justificação da data: Análise estilística.

Informação Técnica

Matéria: Prata
Técnica: Cinzelado
Dourado
Fundido
Recortado
Repuxado

Conservação

Estado: Regular
Especificações: A peça apresenta cloretos de prata. Embora estáveis, desfiguram toda a superfície do objeto.
Data: 03-08-2015

Autoria

Nome: Desconhecido
Tipo: Desconhecido
Ofício: Desconhecido

Produção

Oficina/ Fabricante: Desconhecido
Local de Execução: Desconhecido
Escola/Estilo/Movimento: Desconhecido

Incorporação

Data de Incorporação: 00/00/0000
Ano(s): Desconhecido
Modo de Incorporação: Desconhecido
Descrição: Desconhecido

Localização

Localização: Exposição || Nave do lado do Evangelho (altar do Sagrado Coração de Jesus)

Marcas/inscrições

Marca de contraste não perceptível.

Local e data de conclusão da ficha

Lagoa, 03 de agosto de 2015

Inventariante

Joana Simas

Ficha de Inventário

Identificação da Peça

Instituição/ Proprietário: Fábrica da Igreja Paroquial de Santa Cruz – Diocese de Angra

Localização: Concelho de Lagoa, Santa Cruz

Categoria: Escultura

Subcategoria: Escultura de vulto

Denominação: Presépio

Título: Presépio em lapinha

Elemento de conjunto: não

Nº de Inventário: PSC/023

Marcação: atrás na base

Nº de Inventário anteriores: (não se aplica)



Descrição

Figuras e grupos em barro cozido policromado, assentes sobre estrutura de madeira e barro. Conjunto inserido em caixa retangular emoldurada em madeira com vidro. Cena bastante composta por várias figuras em vulto pleno, num total de quarenta e três peças de barro, tendo trinta e sete bonecos (incluindo animais), cinco casas e uma igreja. Neste conjunto destacam-se as figuras típicas do presépio, a Virgem, o Menino, São José, e os três reis magos. Do lado direito do menino, figura feminina jovem ajoelhada, com mãos sobrepostas junto ao peito, enverga uma túnica rosa e um manto azul debruado a dourado, na cabeça tem um véu branco debruado a dourado. Ao centro, Menino deitado numa manjedoura de madeira, com as mãos sobrepostas junto do peito, coberto por um cendal. Do lado esquerdo, figura masculina de barbas castanhas ajoelhado com as mãos sobrepostas sobre o joelho direito fletido, traça uma túnica castanho claro e um manto castanho debruado a dourado. A compor a representação inúmeras figuras e animais diversas espalhadas pelo espaço, nomeadamente mulher de capote e capelo, homem de carapuça, bispo, padre, escuteiro, camponês, pescador, romeiro, leiteiro, padeira, entre outras. Destaque também para o anjo representado no cimo da gruta.

Inventário do Património Cultural Móvel da Igreja Matriz de Santa Cruz

Dimensões

Altura: 86 cm
Largura: 88 cm
Profundidade: 88 cm

Datação

Ano(s): 2012
Século(s): XXI
Justificação da data: Em sequência de uma campanha do advento de 2012 realizada na Paróquia de Santa Cruz.

Informação Técnica

Matéria: Barro
Búzios
Concha de lapa
Flores secas
Madeira
Musgo
Vidro
Técnica: Técnica mista com conchas e musgos, montado em caixa de vidro.

Conservação

Estado: Muito Bom
Especificações: Peça em perfeito estado de conservação.
Data: 10-08-2015

Autoria

Nome: António Amaral
Tipo: autor dos bonecos em barro
Ofício: Artesão

Nome: João Cabecinha
Tipo: autor da estrutura em madeira
Ofício: Marceneiro

Nome: Nuno Maiato
Tipo: autor da estrutura em lapinha
Ofício: Padre

Produção

Oficina/ Fabricante: Não determinado
Local de Execução: Santa Cruz (Lagoa - Açores)
Escola/Estilo/Movimento: Arte bonecreira açoriana

Incorporação

Data de Incorporação: 00/12/2012
Ano(s): 2012
Modo de Incorporação: Produção própria
Descrição: Em sequência de uma campanha do advento de 2012 realizada na Paróquia de Santa Cruz que envolveu a comunidade.

Localização

Localização: Exposição || Capela Colateral da Nave do Lado do Evangelho
(Nova atualização 2017: reservas)

Inventário do Património Cultural Móvel da Igreja Matriz de Santa Cruz

Local e data de conclusão da ficha

Lagoa, 10 de agosto de 2015

Inventariante

Joana Simas

Ficha de Inventário

Identificação da Peça

Instituição/ Proprietário: Fábrica da Igreja Paroquial de Santa Cruz – Diocese de Angra

Localização: Concelho de Lagoa, Santa Cruz

Categoria: Escultura

Subcategoria: Escultura de vulto

Denominação: Senhor Santo Cristo dos Terceiros

Título: Cristo preso à coluna (atribuído)

Elemento de conjunto: não

Nº de Inventário: PSC/024

Marcação: no cimo da coluna

Nº de Inventário anteriores: (não se aplica)



Descrição

Escultura. Escultura de vulto: imaginária. Imagem do Senhor Santo Cristo dos Terceiros representado de pé e frontal assente sobre uma base retangular marmoreada. A figura encontra-se despida, apenas o baixo-ventre está coberto por um cendal branco, com o tronco levemente torcido em relação ao seu eixo vertical, preso a uma coluna colocada à sua frente no lado esquerdo da base. Destacamento da anca e recuo da perna direita, fletida e assente na ponta do pé, sem anular o hieratismo e alguma frontalidade. Os braços estão cruzados junto dos pulsos, envolvidos por uma corda natural com nó simples frente ao ventre e presa à coluna independente, que se ergue à altura da cintura. Possui rosto alongado, olhos castanhos envidraçados, lábios entreabertos, emoldurado pela barba bífida de estriado fino e ondulado, de perfeita simetria mas algo estilizada, sobressaindo o modelado do cabelo castanho, designadamente pelas madeixas tubulares e assimétricas sobre as costas. No rosto lê-se uma expressão de sofrimento, reforçada pela posição da cabeça e pela direção seguida pelo olhar. Corpo pontuado por ferimentos, macerações e sangue escorrente. Volumes anatómicos bem definidos, destacando-se os volumes musculares e a estrutura óssea. Possui grande resplendor de formato circular, recortado com raios lanceolados em relevo com pedras de vidro brancas ao longo dos raios e uma no centro.

Inventário do Património Cultural Móvel da Igreja Matriz de Santa Cruz

Dimensões

Altura aproximada calculada por observação: 170 cm
Largura: 78 cm
Profundidade: 50 cm

Datação

Ano(s): Não determinado
Século(s): XVIII/ XIX
Justificação da data: Análise escultórica e estilística.

Informação Técnica

Matéria: Madeira
Vidro (olhos)
Técnica: Escultura de vulto pleno esculpida
Carnação
Engessada
Marmoreado
Policromado

Conservação

Estado: Bom
Especificações: Peça estabilizada, mas que apresenta algumas rachas na zona do ombro direito, cendal e pé esquerdo.
Data: 30-04-2015

Autoria

Nome: Desconhecido
Tipo: Desconhecido
Ofício: Desconhecido

Produção

Oficina/ Fabricante: Desconhecido
Local de Execução: Desconhecido
Escola/Estilo/Movimento: Desconhecido

Incorporação

Data de Incorporação: 00/00/0000
Ano(s): Desconhecido
Modo de Incorporação: Transferência
Descrição: Desconhecido

Localização

Localização: Exposição || Capela colateral do lado do Evangelho

Observações

Imagem proveniente do antigo Convento dos Franciscanos, no Concelho de Lagoa, extinguido em 1832, embora a imagem constasse no inventário de 1916, redigido no âmbito da Lei de Separação do Estado das Igrejas, ainda no Convento, não se sabendo a data exata da sua transferência para a Igreja Matriz de Santa Cruz.

Local e data de conclusão da ficha

Lagoa, 30 de abril de 2015

Inventariante

Joana Simas

Ficha de Inventário

Identificação da Peça

Instituição/ Proprietário: Fábrica da Igreja Paroquial de Santa Cruz – Diocese de Angra

Localização: Concelho de Lagoa, Santa Cruz

Categoria: Escultura

Subcategoria: Escultura de vulto

Denominação: Crucifixo de altar

Título: Crucificação de Cristo (iconográfico)

Outras denominações: Cristo Crucificado

Elemento de conjunto: não

Nº de Inventário: PSC/025

Marcação: verso da base

Nº de Inventário anteriores: (não se aplica)



Descrição

Cruz de altar em talha dourada com base tronco-piramidal assente em três pés quadrangulares. Faces decoradas por reservas recortadas e encimada por moldura de folhagem estilizada, alteada ao centro, terminado em anel saliente. Nó em forma de corola invertida, com anel de perfil côncavo e corola de folhas dupla e fechada, da qual emerge a haste da cruz latina. Cruz latina com haste e braços de secção retangular lisos, e terminações dos braços em forma de frontão triangular, recortado. Imagem de Cristo Crucificado adossada à cruz, em relevo, representado morto com os braços compridos verticalizados, do tipo agonizante, com cabeça virada à direita, e cendal branco preso à direita caindo em pregas, em leve contrapôs-to com a inclinação oposta das pernas fletidas, cravadas conjuntamente com o pé direito sobre o esquerdo. Os membros esguios contrastam com a grande tensão muscular. Possui o rosto muito alongado, determinado pela barba bifida e cabelo castanho emoldurando o rosto com duas madeixas caindo em cada lado. Os membros são esguios apresentando pouco rigor anatómico.

Inventário do Património Cultural Móvel da Igreja Matriz de Santa Cruz

Dimensões

Altura: 111 cm
Largura: 30 cm
Profundidade: 16 cm

Datação

Ano(s): Não determinado
Século(s): XIX (?)
Justificação da data: Apreciação estilística e escultórica.

Informação Técnica

Matéria: Madeira
Ferro [cravações]
Técnica: Escultura adossada à cruz
Engessada
Policromado
Talha

Conservação

Estado: Regular
Especificações: Peça que apresenta manchas na policromia e fissuras nas matérias.
Data: 05-05-2015

Autoria

Nome: Desconhecido
Tipo: Desconhecido
Ofício: Desconhecido

Produção

Oficina/ Fabricante: Desconhecido
Local de Execução: Desconhecido
Escola/Estilo/Movimento: Desconhecido

Incorporação

Data de Incorporação: 00/00/0000
Ano(s): Desconhecido
Modo de Incorporação: Desconhecido
Descrição: Desconhecido

Localização

Localização: Exposição || Capela colateral do lado do Evangelho

Local e data de conclusão da ficha

Lagoa, 05 de maio de 2015

Inventariante

Joana Simas

Ficha de Inventário

Identificação da Peça

Instituição/ Proprietário: Fábrica da Igreja Paroquial de Santa Cruz – Diocese de Angra

Localização: Concelho de Lagoa, Santa Cruz

Categoria: Escultura

Subcategoria: Escultura de vulto

Denominação: Virgem de Lourdes e Bernardete

Título: Nossa Senhora de Lourdes e Bernardete

Elemento de conjunto: sim

Nº de Inventário: PSC/026

Nº de Inventário anteriores: (não se aplica)

Localização: Nicho esquerdo do retábulo da Capela-Mor



Inventariante

Joana Simas

Ficha de Inventário

Identificação da Peça

Instituição/ Proprietário: Fábrica da Igreja Paroquial de Santa Cruz – Diocese de Angra

Localização: Concelho de Lagoa, Santa Cruz

Categoria: Escultura

Subcategoria: Escultura de vulto

Denominação: Virgem de Lourdes e Bernardete

Título: Nossa Senhora de Lourdes e Bernardete

Ficha de conjunto: sim

Nº de Inventário: PSC/026.1 [imagem]

PSC/182 [coroa]

PSC/183 [terço]

Nº de Inventário anteriores: (não se aplica)

Localização: Nicho esquerdo do retábulo da Capela-Mor



Descrição

Imagem composta por escultura, coroa e terço.

Inventariante

Joana Simas

Ficha de Inventário

Identificação da Peça

Instituição/ Proprietário: Fábrica da Igreja Paroquial de Santa Cruz – Diocese de Angra

Localização: Concelho de Lagoa, Santa Cruz

Categoria: Escultura

Subcategoria: Escultura de vulto

Denominação: Virgem de Lurdes/ Virgem de Lourdes e Bernardete

Título: Nossa Senhora de Lurdes/ Nossa Senhora de Lurdes e Bernardete

Elemento de conjunto: sim

Nº de Inventário: PSC/026.1

Marcação: verso da base

Nº de Inventário anteriores: (não se aplica)



Descrição

Escultura. Escultura de vulto: imaginária. Imagem da Virgem de Lurdes representada de pé e frontal, com perna esquerda ligeiramente recuada, sobre pequeno monte de cariz rochoso verde com flores. Possui o rosto pálido alongado e simétrico, olhos pequenos direcionados para o céu, nariz afilado, lábios finos cerrados ensaiando um sorriso, queixo proeminente, pescoço alto. Enverga vestes brancas, cingidas à cintura por lenço azul entrelaçado e caído na parte frontal abaixo dos joelhos, com manto igualmente branco, ambos debruados a dourado, sendo que este último cobre parcialmente o corpo da cabeça aos pés com formas pouco vincadas. Tem as mãos unidas junto ao peito com um pequeno rosário suspenso nas mãos. Surge coroada.

Inventário do Património Cultural Móvel da Igreja Matriz de Santa Cruz

Dimensões

Altura: 52 cm
Largura: 16 cm
Profundidade: 14 cm

Datação

Ano(s): Não determinado
Século(s): XIX/XX
Justificação da data: Contexto, dado que o Padre João José Tavares ofereceu a imagem e ele viveu entre 1862 e 1933.

Informação Técnica

Matéria: Madeira (cedro)
Vidro [olhos]
Técnica: Escultura de vulto pleno esculpida
Engessada
Policromado

Conservação

Estado: Bom
Especificações: Peça em bom estado de conservação, mas algumas lacunas e/ou falhas: falta de um dedo na mão esquerda; ligeira perda de policromia; fissuras na cabeça e mãos.
Data: 07-05-2015

Autoria

Nome: Desconhecido
Tipo: Desconhecido
Ofício: Desconhecido

Produção

Oficina/ Fabricante: Desconhecido
Local de Execução: Desconhecido
Escola/Estilo/Movimento: Desconhecido

Incorporação

Data de Incorporação: 00/00/0000
Ano(s): Desconhecido
Modo de Incorporação: Doação
Descrição: Imagem oferecida pelo Vigário João José Tavares.

Localização

Localização: Exposição || Nicho esquerdo do retábulo da Capela-Mor

Observações

A imagem possui coroa com o número de inventário PSC/182
A imagem possui terço com o número de inventário PSC/183

Local e data de conclusão da ficha

Lagoa, 07 de maio de 2015

Inventariante

Joana Simas

Ficha de Inventário

Identificação da Peça

Instituição/ Proprietário: Fábrica da Igreja Paroquial de Santa Cruz – Diocese de Angra

Localização: Concelho de Lagoa, Santa Cruz

Categoria: Escultura

Subcategoria: Escultura de vulto

Denominação: Bernardete/ Virgem de Lourdes e Bernardete

Título: Bernardete/ Nossa Senhora de Lourdes e Bernardete

Elemento de conjunto: sim

Nº de Inventário: PSC/026.2

Marcação: verso da base

Nº de Inventário anteriores: (não se aplica)



Descrição

Escultura. Escultura de vulto: imaginária. Imagem da pastorinha Bernardete representada ajoelhada em posição frontal sobre base hexagonal. Rosto jovem, chorosa com cabelos castanhos cobertos por véu branco debruado a dourado na orla inferior, de olhar direcionado para cima. Usa túnica castanha decorada com floreado, avental branco preso na cintura com dois bolsos debruados a dourado. Envolve-a um xaile verde com decoração vegetalista. Está representada com a mão direita junto ao peito em sinal de oração, e o braço esquerdo dobrado com a palma da mão voltada para o Céu.

Inventário do Património Cultural Móvel da Igreja Matriz de Santa Cruz

Dimensões

Altura: 26 cm
Largura: 11 cm
Profundidade: 15 cm

Datação

Ano(s): Não determinado
Século(s): XIX-XX
Justificação da data: Contexto, dado que o Padre João José Tavares ofereceu a imagem e ele viveu entre 1862 e 1933.

Informação Técnica

Matéria: Madeira (cedro)
Vidro [olhos]
Técnica: Escultura de vulto pleno esculpida
Engessada
Policromado

Conservação

Estado: Bom
Especificações: Peça estabilizada.
Data: 07-05-2015

Autoria

Nome: Desconhecido
Tipo: Desconhecido
Ofício: Desconhecido

Produção

Oficina/ Fabricante: Desconhecido
Local de Execução: Desconhecido
Escola/Estilo/Movimento: Desconhecido

Incorporação

Data de Incorporação: 00/00/0000
Ano(s): Desconhecido
Modo de Incorporação: Doação
Descrição: Imagem oferecida pelo Vigário João José Tavares.

Localização

Localização: Exposição || Nicho esquerdo do retábulo da Capela-Mor

Local e data de conclusão da ficha

Lagoa, 07 de maio de 2015

Inventariante

Joana Simas

Ficha de Inventário

Identificação da Peça

Instituição/ Proprietário: Fábrica da Igreja Paroquial de Santa Cruz – Diocese de Angra

Localização: Concelho de Lagoa, Santa Cruz

Categoria: Escultura

Subcategoria: Escultura de vulto

Denominação: São José

Título: São José

Ficha de conjunto: sim

Nº de Inventário: PSC/027 [imagem]

PSC/179 [resplendor]

Nº de Inventário anteriores: (não se aplica)

Localização: Nicho direito do retábulo da Capela-Mor



Descrição

Imagem composta por escultura e resplendor.

Inventariante

Joana Simas

Ficha de Inventário

Identificação da Peça

Instituição/ Proprietário: Fábrica da Igreja Paroquial de Santa Cruz – Diocese de Angra

Localização: Concelho de Lagoa, Santa Cruz

Categoria: Escultura

Subcategoria: Escultura de vulto

Denominação: São José

Elemento de conjunto: não

Nº de Inventário: PSC/027

Marcação: verso da base

Nº de Inventário anteriores: (não se aplica)



Descrição

Escultura. Escultura de vulto: imaginária. Imagem de São José representado de pé em posição frontal. É caracterizado com a cabeça ligeiramente inclinada para o lado esquerdo, cabelo curto e barba curta ondulantes acinzentadas. Na mão direita segura um ramo de açucena branca, enquanto a esquerda está junto ao peito. Representado com túnica azul, apertada na cintura com cordão dourado e manto castanho, debruada com uma barra amarela, que cruza a cintura e é fixado sobre o ombro esquerdo caindo pelas costas. Ambos decorados com temas vegetalistas a dourado. As vestes exibem um drapeado contido mas suficientemente realista para a escala do conjunto. É representada com resplendor em forma de meia-lua com uma pedra de vidro vermelha ao centro. A figura assenta sobre uma base de planta retangular.

Inventário do Património Cultural Móvel da Igreja Matriz de Santa Cruz

Dimensões

Altura: 51 cm
Largura: 17 cm
Profundidade: 17 cm

Datação

Ano(s): Não determinado
Século(s): XIX-XX
Justificação da data: Análise escultórica e estilística.

Informação Técnica

Matéria: Madeira (cedro)
Vidro [olhos]
Técnica: Escultura de vulto pleno esculpida
Engessada
Policromado

Conservação

Estado: Bom
Especificações: Peça em bom estado de conservação, mas que apresenta perda de policromia na zona do nariz.
Data: 12-05-2015

Autoria

Nome: José Soares d'Oliveira
Tipo: Autor
Ofício: Escultor

Produção

Oficina/ Fabricante: Desconhecido
Local de Execução: Porto
Escola/Estilo/Movimento: Escultura Portuguesa

Incorporação

Data de Incorporação: 00/00/0000
Ano(s): Desconhecido
Modo de Incorporação: Doação
Descrição: Imagem oferecida pelos padres João José Tavares e António Pacheco Custódio

Localização

Localização: Exposição || Nicho esquerdo do retábulo da Capela-Mor

Observações

A imagem possui resplendor com o número de inventário PSC/179

Local e data de conclusão da ficha

Lagoa, 12 de maio de 2015

Inventariante

Joana Simas

Ficha de Inventário

Identificação da Peça

Instituição/ Proprietário: Fábrica da Igreja Paroquial de Santa Cruz – Diocese de Angra

Localização: Concelho de Lagoa, Santa Cruz

Categoria: Escultura

Subcategoria: Escultura de vulto

Denominação: Cristo Crucificado

Título: Crucificação de Cristo (iconográfico)

Outras denominações: Santa Cruz

Ficha de conjunto: sim

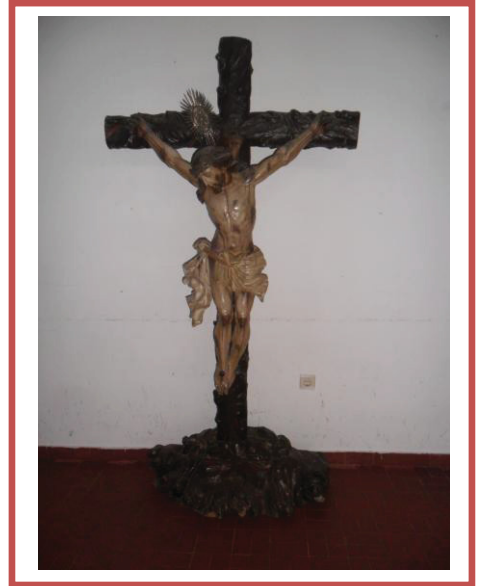
Nº de Inventário: PSC/028 [imagem]

PSC/186 [coroa de espinhos]

PSC/187 [resplendor]

Nº de Inventário anteriores: (não se aplica)

Localização: Altar da Capela-Mor



Descrição

Imagem composta por escultura, resplendor e coroa de espinhos.

Inventariante

Joana Simas

Ficha de Inventário

Identificação da Peça

Instituição/ Proprietário: Fábrica da Igreja Paroquial de Santa Cruz – Diocese de Angra

Localização: Concelho de Lagoa, Santa Cruz

Categoria: Escultura

Subcategoria: Escultura de vulto

Denominação: Cristo Crucificado

Título: Crucificação de Cristo (iconográfico)

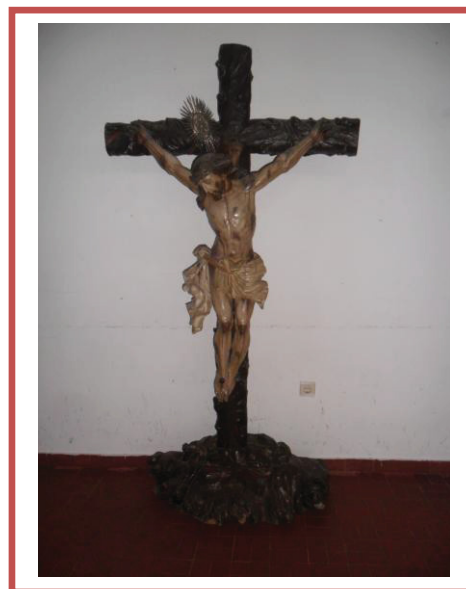
Outras denominações: Santa Cruz

Elemento de conjunto: não

Nº de Inventário: PSC/028

Marcação: ao fundo da cruz no interior; pé esquerdo

Nº de Inventário anteriores: (não se aplica)



Descrição

Cruz latina com a imagem de Cristo crucificado morto, com a cabeça pendendo sobre o lado direito, braços verticalizados pregados à cruz com os dedos das mãos dobrados, e pernas fletidas inclinadas para a esquerda, com cravação conjunta dos pés, o direito sobre o esquerdo. Possui o rosto largo, olhos fechados, lábios cerrados, nariz afilado, barba bífida apenas talhada na zona do queixo. Cabelo comprido com uma madeixa individualizada caindo no lado direito e no lado esquerdo o cabelo deixa visualizar a orelha esquerda. É coroadado por uma coroa de espinhos sobre o cabelo. Imagem teatralizada, com a caixa torácica saliente e barriga contraída, porém acusando algumas desproporções, nomeadamente na grossura e musculatura das pernas ou no tronco compacto e pequeno. Zona do baixo-ventre coberta por cendal com as pontas atadas no lado direito envolto à cintura por corda formando pregas ondulantes. Imagem que exhibe diversos ferimentos de onde correm fluxos sanguíneos das várias chagas visíveis (cabeça, mãos, rosto, pés, ombros, peito, cintura e joelhos). Zona inferior dos braços e mãos muito escuras. Tem um resplendor circular de prata com raios setiformes centrados por flor. A cruz assenta sobre uma base alongada rochosa, tal como a cruz, também ela rochosa.

Inventário do Património Cultural Móvel da Igreja Matriz de Santa Cruz

Dimensões

Altura: 187 cm
Largura: 107 cm
Profundidade: 40 cm
Outras dimensões: 108 cm x 43 cm (base)

Datação

Ano(s): Não determinado
Século(s): XVIII/XIX
Justificação da data: Análise estilística e escultórica.

Informação Técnica

Matéria: Madeira [cruz e imagem]
Ferro [cravações]
Técnica: Escultura de vulto pleno esculpida
Engessada
Policromado

Conservação

Estado: Bom
Especificações: Peça estabilizada em termos de conservação, apresentando falta de três dedos na mão direita e quatro dedos na mão esquerda; fissura no cendal.
Data: 23-07-2015

Autoria

Nome: Desconhecido
Tipo: Desconhecido
Ofício: Desconhecido

Produção

Oficina/ Fabricante: Desconhecido
Local de Execução: Desconhecido
Escola/Estilo/Movimento: Desconhecido

Incorporação

Data de Incorporação: 00/00/0000
Ano(s): Desconhecido
Modo de Incorporação: Transferência
Descrição: Desconhecido

Localização

Localização: Exposição || Altar Capela-mor

Observações

Imagem proveniente do antigo Convento dos Franciscanos, no concelho de Lagoa, extinguido em 1832, embora a imagem constasse no inventário de 1916 desta Par, redigido no âmbito da Lei de Separação do Estado das Igrejas, ainda no Convento, não se sabendo a data exata da sua transferência para a Igreja Matriz de Santa Cruz.

Segundo a tradição oral, diz-se que existia uma segunda imagem idêntica a esta, que existia no Convento dos Franciscanos na mesma altura, colocada na zona do cadeiral frente-a-frente com esta imagem.

Local e data de conclusão da ficha

Lagoa, 23 de julho de 2015

Inventariante

Joana Simas

Ficha de Inventário

Identificação da Peça

Instituição/ Proprietário: Fábrica da Igreja Paroquial de Santa Cruz – Diocese de Angra

Localização: Concelho de Lagoa, Santa Cruz

Categoria: Metais

Denominação: Cruz Processional

Elemento de conjunto: não

Nº de Inventário: PSC/029

Marcação: ao fundo

Nº de Inventário anteriores: (não se aplica)



Descrição

Cruz processional com encaixe para vara de secção circular rematado por anéis. Nó em forma de urna, decorado com dois querubins de vulto perfeito em oração adossados à estrutura de cada um dos lados, e nas faces por pequenas flores e motivos vegetalistas. O registo superior do nó, de formato tronco-cónico, é decorado por pequenos festões de flores cinzeladas; remate superior em torçal. Cruz latina lisa, com haste e braços de secção retangular, emoldurados em resalto, sendo os remates laterais e superior em forma de cartelas triangulares decorados por folhagem estilizada e pináculos de cariz vegetalista. Imagem de Cristo Crucificado em relevo, do tipo agonizante, com cabeça erguida para o céu, com cendal preso à direita na cintura. Na intersecção dos braços, sobressai um resplendor de formato circular com raios setiformes. No cimo da haste predomina uma tabela ondulante com inscrição INRI.

Inventário do Património Cultural Móvel da Igreja Matriz de Santa Cruz

Dimensões

Altura: 82 cm
Largura: 36 cm
Profundidade: 10 cm
Outras dimensões: a. 229 cm (com vara incluída)

Datação

Ano(s): Não determinado
Século(s): XVIII-XX (?)
Justificação da data: Apreciação estilística.

Informação Técnica

Matéria: Latão
Madeira [vara]
Técnica: Cinzelado
Dourado
Fundido
Puncionado
Recortado
Repuxado

Conservação

Estado: Bom
Especificações: Peça estabilizada.
Data: 12-08-2015

Autoria

Nome: Desconhecido
Tipo: Desconhecido
Ofício: Desconhecido

Produção

Oficina/ Fabricante: Desconhecido
Local de Execução: Desconhecido
Escola/Estilo/Movimento: Desconhecido

Incorporação

Data de Incorporação: 00/00/0000
Ano(s): Desconhecido
Modo de Incorporação: Desconhecido
Descrição: Desconhecido

Localização

Localização: Exposição || Capela-Mor

Local e data de conclusão da ficha

Lagoa, 12 de agosto de 2015

Inventariante

Joana Simas

Ficha de Inventário

Identificação da Peça

Instituição/ Proprietário: Fábrica da Igreja Paroquial de Santa Cruz – Diocese de Angra

Localização: Concelho de Lagoa, Santa Cruz

Categoria: Escultura

Subcategoria: Escultura de vulto

Denominação: Virgem do Rosário

Título: Nossa Senhora do Rosário

Ficha de conjunto: sim

Nº de Inventário: PSC/030 [imagem]

PSC/114 [rosário da Virgem]

PSC/177 [coroa do Menino da Virgem]

PSC/178 [coroa da Virgem]

Nº de Inventário anteriores: (não se aplica)



Localização: Altar lateral do lado da Epístola

Descrição

Imagem composta por escultura, um rosário e duas coroas.

Inventariante

Joana Simas

Ficha de Inventário

Identificação da Peça

Instituição/ Proprietário: Fábrica da Igreja Paroquial de Santa Cruz – Diocese de Angra

Localização: Concelho de Lagoa, Santa Cruz

Categoria: Escultura

Subcategoria: Escultura de vulto

Denominação: Virgem do Rosário

Título: Nossa Senhora do Rosário (iconográfico)

Elemento de conjunto: não

Nº de Inventário: PSC/030

Marcação: verso da base

Nº de Inventário anteriores: (não se aplica)



Descrição

Escultura. Escultura de vulto: imaginária. Imagem da Virgem do Rosário em representação escultórica de grande dinamismo, de pé e numa posição frontal, descalça sobre nuvens irregulares de tonalidades brancas e rosa com ondulado relevado, composta por cinco rostos de anjos. A Virgem segura no braço esquerdo o Menino que está encostado junto ao peito, e ambos seguram com a mão direita um rosário. Imagens representadas com coroas, sendo a da Virgem de grandes dimensões. As feições da Virgem são delicadas e serenas. Possui rosto alongado e simétrico, olhos vítreos pequenos azuis, nariz afilado, faces rosadas, lábios pequenos carnudos, queixo proeminente assim como o pescoço alto. O Menino apresenta um rosto risonho, de forma circular, olhos vítreos pequenos, lábios pequenos e nariz afilado. Quanto aos panejamentos, a túnica rosa cai ao longo do corpo da Virgem com pregas em leque no fundo, cingida à cintura por cordão dourado com uma pedra ao centro. Envolve-a um manto azul lançado nos ombros, decorado nas faixas por motivos vegetalistas a dourado e pedraria, atrás com pregueado vertical. A cabeça encontra-se envolvida por um lenço branco que esconde os cabelos castanhos. O Menino enverga uma túnica branca com motivos vegetalistas a dourado. A imagem assenta sobre uma base retangular com os cantos recortados.

Inventário do Património Cultural Móvel da Igreja Matriz de Santa Cruz

Dimensões

Altura: 135 cm
Largura: 70 cm
Profundidade: 54 cm

Datação

Ano(s): 1873
Século(s): XIX
Justificação da data: Documentada no Livro do Padre João José Tavares in *Vila da Lagoa e o seu Concelho*, p. 83 e 84.

Informação Técnica

Matéria: Madeira (cedro)
Vidro [olhos e pedras]
Técnica: Escultura de vulto pleno esculpida
Engessada
Estofado
Policromado

Conservação

Estado: Regular
Especificações: Peça que apresenta lacuna(s) e/ou falha(s), nomeadamente num canto da base, necessitando de intervenções de conservação e/ou restauro. Perdas pontuais de policromia.
Data: 14-05-2015

Intervenções de conservação e restauro:
1989

Autoria

Nome: Desconhecido
Tipo: Desconhecido
Ofício: Desconhecido

Produção

Oficina/ Fabricante: Desconhecido
Local de Execução: Paris (?)
Escola/Estilo/Movimento: Escultura Francesa (?)

Intervenções de conservação e restauro:

Nome: Domingos R. da Silva
Tipo: Pintor
Ofício: Pintor de imagens

Incorporação

Data de Incorporação: 00/05/1873
Ano(s): 1873
Modo de Incorporação: Aquisição
Descrição: A imagem custou 280\$478 reis.

Localização

Localização: Exposição || Altar lateral do lado da Epístola

Marcas/inscrições

- Inscrição relativa ao restauro em manuscrito pintado no lado esquerdo da base:

“Mandáda Restaurar

Por

Os Paroquianos

De Santa Cruz

22-7-89 ”

- Inscrição relativa ao restauro em manuscrito pintado no lado direito da base:

“Restaurada

Por Domigos

Rodrigues da Silva

Braga

22-7-89 -”

Observações

A imagem da Virgem possui coroa com o número de inventário PSC/178

A imagem do Menino possui coroa com o número de inventário PSC/177

A imagem da Virgem possui um rosário com o número de inventário PSC/114

Local e data de conclusão da ficha

Lagoa, 14 de maio de 2015

Inventariante

Joana Simas

Ficha de Inventário

Identificação da Peça

Instituição/ Proprietário: Fábrica da Igreja Paroquial de Santa Cruz – Diocese de Angra

Localização: Concelho de Lagoa, Santa Cruz

Categoria: Metais

Denominação: Crucifixo de altar

Título: Crucifixão de Cristo (iconográfico)

Outras denominações: Cristo Crucificado

Elemento de conjunto: não

Nº de Inventário: PSC/031

Marcação: verso da base

Nº de Inventário anteriores: (não se aplica)



Descrição

Cruz de altar de base circular assente em três pés flordelizados. No primeiro registo a base tem forma de campânula invertida com floreado relevado na orla. Precede o arranque da haste abalaustrada, com caneluras, decorada ao centro por motivos vegetalistas com quatro inscrições dentro de um losango com as iniciais “JHS”, rematados por quatro pináculos. Arandela com o mesmo registo da base e bocal estreito ornado com motivos vegetalista. Cruz latina com haste e braços de secção retangular emoldurados em ressaltado, sendo os remates laterais e superior trilobados, rematados por pináculos de cariz vegetalista com o interior recortado. Imagem de Cristo Crucificado, em relevo, representado morto com os braços compridos levemente verticalizados, do tipo agonizante, com cabeça voltada para cima, e cendal preso à direita caindo em pregas, em leve contraposto com a inclinação oposta das pernas fletidas, cravadas paralelamente com os pés sobre uma peanha. Possui o rosto largo emoldurado pelo cabelo que enrola para trás, revelando a orelha esquerda e com uma madeixa que cai sobre o ombro direito; a barba hirta e bífida amplia o alongamento do rosto e destaca as faces. Possui os olhos pequenos e rasgados, entreabertos, nariz largo e pequenos lábios ladeados pelo bigode verticalizado, desunido ao centro. Volumes anatómicos de modelado sumário destacando-se o abaulamento da caixa torácica e cintura bem definida por linha horizontal. Resplendor de raios setiformes, em forma de quadrado, na intersecção dos braços da cruz. Inscrição dentro de uma tabela ondeante com as iniciais “I.N.R.I.”.

Inventário do Património Cultural Móvel da Igreja Matriz de Santa Cruz

Dimensões

Altura: 101 cm
Largura: 34 cm
Profundidade: 15 cm
Outras dimensões: d. 45 cm (base)

Datação

Ano(s): Não determinado
Século(s): XIX/XX (?)
Justificação da data: Apreciação estilística

Informação Técnica

Matéria: Latão (?)
Técnica: Cinzelado
Dourado
Fundido
Relevado
Repuxado
Soldado

Conservação

Estado: Deficiente
Especificações: Visível produto de coloração verde (compostos de cobre). Constituem um perigo real para a conservação, participando em processos de corrosão que pode ser muito rápida e profunda, em condições de ambiente favoráveis, ou seja, com teores elevados de humidade relativa e de luz. Peça que exige uma rápida intervenção de conservação.
Data: 12-08-2015

Autoria

Nome: Desconhecido
Tipo: Desconhecido
Ofício: Desconhecido

Produção

Oficina/ Fabricante: Desconhecido
Local de Execução: Desconhecido
Escola/Estilo/Movimento: Desconhecido

Incorporação

Data de Incorporação: 00/00/0000
Ano(s): Desconhecido
Modo de Incorporação: Desconhecido
Descrição: Desconhecido

Localização

Localização: Exposição || Nave do Lado da Epístola

Local e data de conclusão da ficha

Lagoa, 12 de agosto de 2015

Inventariante

Joana Simas

Ficha de Inventário

Identificação da Peça

Instituição/ Proprietário: Fábrica da Igreja Paroquial de Santa Cruz – Diocese de Angra

Localização: Concelho de Lagoa, Santa Cruz

Categoria: Escultura

Subcategoria: Escultura de vulto

Denominação: Cristo Ressuscitado

Título: Ressurreição de Cristo (iconográfico)

Elemento de conjunto: não

Nº de Inventário: PSC/032

Marcação: verso da base

Nº de Inventário anteriores: (não se aplica)



Descrição

Escultura. Escultura de vulto: imaginária. Imagem de Cristo Ressuscitado de pé e frontal sobre base octogonal em madeira. Leve sinuosidade corporal pela inclinação da cabeça, flexão e avanço da perna esquerda. Possui o rosto alongado emoldurado por cabelo e barba castanho ondulante, olhos amendoados castanhos, sobrancelhas finas, nariz afilado, lábios carnudos e queixo proeminente. Mantém os braços abertos, o direito mais erguido. Corpo desnudo apenas com cendal a cobrir a zona do baixo-ventre com laçada no lado direito caindo em pregueado, e manto vermelho lançado nos ombros em forma ondulante. Nas palmas das mãos, nos pés e peito são visíveis chagas.

Inventário do Património Cultural Móvel da Igreja Matriz de Santa Cruz

Dimensões

Altura: 74 cm
Largura: 64 cm
Profundidade: 17 cm

Datação

Ano(s): Não determinado.
Século(s): XVII
Justificação da data: Análise estilística e escultórica.

Informação Técnica

Matéria: Madeira (cedro)
Técnica: Escultura de vulto pleno esculpida
Engessada
Policromado

Conservação

Estado: Regular
Especificações: Mau estado da madeira policromada: fissuras e perdas de policromia. Necessita de intervenções de conservação e/ou restauro.
Data: 12-08-2015

Autoria

Nome: Desconhecido
Tipo: Desconhecido
Ofício: Desconhecido

Produção

Oficina/ Fabricante: Desconhecido
Local de Execução: Desconhecido
Escola/Estilo/Movimento: Desconhecido

Incorporação

Data de Incorporação: 00/00/0000
Ano(s): Desconhecido
Modo de Incorporação: Desconhecido
Descrição: Desconhecido

Localização

Localização: Exposição || Capela lateral do lado da Epístola

Observações

Imagem com vestígios de restauro não datado.

Segundo relatos orais esta imagem é proveniente do Convento, facto que não se pode confirmar dada a inexistência de documentação referente a esta imagem.

Local e data de conclusão da ficha

Lagoa, 12 de agosto de 2015

Inventariante

Joana Simas

Ficha de Inventário

Identificação da Peça

Instituição/ Proprietário: Fábrica da Igreja Paroquial de Santa Cruz – Diocese de Angra

Localização: Concelho de Lagoa, Santa Cruz

Categoria: Escultura

Subcategoria: Escultura de vulto jacente

Denominação: Cristo Morto

Elemento de conjunto: não

Nº de Inventário: PSC/033

Marcação: debaixo do pé esquerdo

Nº de Inventário anteriores: (não se aplica)



Descrição

Escultura. Escultura de vulto jacente: imaginária. Imagem jacente de Cristo Morto de cabelos e barba longas e castanhas, representado com a cabeça erguida, de modo a repousar sobre almofada, e as pernas paralelas com os pés levemente apontados para a frente onde apresenta várias chagas espalhadas pelo corpo bastante ensanguentado com fluxos de sangue escorrente e equimose. O braço direito jaz ao longo do corpo com a palma da mão voltada para cima e a mão esquerda repousa sobre a perna com a palma da mão também voltada para cima. A simetria da composição é interrompida na inclinação da cabeça para a direita e leve curvatura corporal oposta, ampliada pela flexão do braço. Possui rosto sereno, de formato oval, mantendo os olhos e os lábios cerrados. Cabelo ondulado, pouco destacado, tocando os ombros e caindo sobre as costas. Ligeiro tratamento anatómico com indicação de veias. Dedos em posição naturalista, sendo alguns com detalhe de restauro. Corpo desnudado surgindo apenas com cendal à cintura onde as pontas de pregas escalonadas caem sobre a perna direita.

Inventário do Património Cultural Móvel da Igreja Matriz de Santa Cruz

Dimensões

Altura: 69 cm
Largura: 58 cm
Profundidade: 11 cm

Datação

Ano(s): Não determinado
Século(s): XVIII
Justificação da data: Análise estilística e escultórica.

Informação Técnica

Matéria: Madeira
Técnica: Escultura de vulto jacente esculpida.
Engessada
Policromado

Conservação

Estado: Bom
Especificações: Peça estabilizada.
Data: 12-08-2015

Autoria

Nome: Desconhecido
Tipo: Desconhecido
Ofício: Desconhecido

Produção

Oficina/ Fabricante: Desconhecido
Local de Execução: Desconhecido
Escola/Estilo/Movimento: Desconhecido

Incorporação

Data de Incorporação: 00/00/0000
Ano(s): Desconhecido
Modo de Incorporação: Desconhecido
Descrição: Desconhecido

Localização

Localização: Exposição || Capela lateral do lado da Epístola.

Observações

Imagem jacente sobre uma tábuia de madeira.
A imagem apresenta zonas com restauro não datado.

Local e data de conclusão da ficha

Lagoa, 12 de agosto de 2015

Inventariante

Joana Simas

Ficha de Inventário

Identificação da Peça

Instituição/ Proprietário: Fábrica da Igreja Paroquial de Santa Cruz – Diocese de Angra

Localização: Concelho de Lagoa, Santa Cruz

Categoria: Escultura

Subcategoria: Imagem de vestir

Denominação: Senhor dos Passos

Título: Senhor Jesus dos Passos

Elemento de conjunto: não

Nº de Inventário: PSC/034

Marcação: atrás na base e no pé esquerdo

Nº de Inventário anteriores: (não se aplica)



Descrição

Escultura. Escultura de vulto: imaginária. Imagem articulada e de vestir, em madeira esculpida, entalhada, ensamblada e pintada, com cabelo natural em cachos e coroa de espinhos de latão sobre a peruca. Senhor dos Passos genufletido com o joelho esquerdo no chão e o direito dobrado, cabisbaixo cedendo ao peso da cruz de configuração latina que assenta sobre o ombro esquerdo e que ampara com a mão esquerda. Possui rosto alongado acentuado pela barba esculpida no anguloso da face, pontuda e bífida na zona do queixo à qual une bigode desunido. Rosto bem desenhado expondo grande tristeza e sofrimento contidos na mirada baixa dos olhos e lábios entreabertos, mas sobretudo nos fluxos escorrentes de sangue e policromia esverdeada que emoldura os olhos vítreos com os globos evidenciados. Usa veste roxa de veludo cingida na cinta, com corda, sobre túnica branca com rendas nas mangas. Encontra-se descalço. Possui resplendor circular de latão recortado e raiado prateado. A imagem está assente sobre base retangular de madeira, e esta sobre um andor dourado com remates em tons de roxo.

Inventário do Património Cultural Móvel da Igreja Matriz de Santa Cruz

Dimensões

Altura: 250 cm
Largura: 200 cm
Outras dimensões: 57 cm x 182 cm (andor)

Datação

Ano(s): Não determinado
Século(s): XVII
Justificação da data: Análise estilística e escultórica.

Informação Técnica

Matéria: Madeira
Vidro [olhos]
Técnica: Escultura de vulto pleno esculpida
Engessada
Policromado

Conservação

Estado: Bom
Especificações: Peça estabilizada.
Data: 30-04-2015

Autoria

Nome: Desconhecido
Tipo: Desconhecido
Ofício: Desconhecido

Produção

Oficina/ Fabricante: Desconhecido
Local de Execução: Desconhecido
Escola/Estilo/Movimento: Desconhecido

Incorporação

Data de Incorporação: 00/00/0000
Ano(s): Desconhecido
Modo de Incorporação: Desconhecido
Descrição: Desconhecido

Localização

Localização: Exposição || Nave do lado da Epístola (Capela do Ministério Pascal)

Observações

Local e data de conclusão da ficha

Lagoa, 30 de abril de 2015

Inventariante

Joana Simas

Ficha de Inventário

Identificação da Peça

Instituição/ Proprietário: Fábrica da Igreja Paroquial de Santa Cruz – Diocese de Angra

Localização: Concelho de Lagoa, Santa Cruz

Categoria: Metais

Denominação: Crucifixo de altar

Título: Crucifixo de Cristo (iconográfico)

Outras denominações: Cristo Crucificado

Elemento de conjunto: não

Nº de Inventário: PSC/035

Marcação: verso da base

Nº de Inventário anteriores: (não se aplica)



Descrição

Cruz de altar com a base triangular tipo piramidal de faces decoradas por folheado ao centro e perfis ondulados por volutas assente em três pés quadrangulares emoldurados de orla lisa. Haste abalaustrada, com caneluras, assente em anel trilobado que forma a arandela circular gomada. Bocal cilíndrico assente em pequeno pedestal e emoldurado por filetes. Cruz latina com haste e braços de secção retangular, emoldurados em ressalto, e remates trilobados recortados, decorados com motivos fitomórficos. Imagem de Cristo Crucificado, em relevo e a dourado, representado morto com os braços compridos levemente verticalizados, do tipo agonizante, com cabeça virada à direita, e cendal preso à direita caindo em pregas, em leve contraposto com a inclinação oposta das pernas fletidas, cravadas conjuntamente com o pé direito sobre o esquerdo. Os membros esguios contrastam com a grande tensão muscular. Possui resplendor dourado de raios setiformes, circular, na intersecção dos braços. Sobre a cabeça uma filacteria de prata emoldurada por decoração fitomórfica apresentando no interior as iniciais INRI.

Inventário do Património Cultural Móvel da Igreja Matriz de Santa Cruz

Dimensões

Altura: 64 cm
Largura: 18 cm

Datação

Ano(s): Não determinado
Século(s): XX
Justificação da data: Análise estilística.

Informação Técnica

Matéria: Latão (?)

Técnica: Cinzelado
Dourado
Fundido
Relevado
Repuxado
Soldado

Conservação

Estado: Bom
Especificações: Peça relativamente estável.
Data: 18-11-2014

Autoria

Nome: Desconhecido
Tipo: Desconhecido
Ofício: Desconhecido

Produção

Oficina/ Fabricante: Desconhecido
Local de Execução: Desconhecido
Escola/Estilo/Movimento: Desconhecido

Incorporação

Data de Incorporação: 00/00/0000
Ano(s): Desconhecido
Modo de Incorporação: Desconhecido
Descrição: Desconhecido

Localização

Localização: Exposição || Nave do lado da Epístola (Capela do Ministério Pascal)

Marcas/inscrições

Local e data de conclusão da ficha

Lagoa, 30 de abril de 2015

Inventariante

Joana Simas

Ficha de Inventário

Identificação da Peça

Instituição/ Proprietário: Fábrica da Igreja Paroquial de Santa Cruz – Diocese de Angra

Localização: Concelho de Lagoa, Santa Cruz

Categoria: Escultura

Subcategoria: Escultura de vulto

Denominação: Santo António de Lisboa

Título: Santo António com o Menino Jesus

Outras denominações: Santo António de Pádua

Ficha de conjunto: sim

Nº de Inventário: PSC/036 [imagem]

PSC/181 [coroa]

PSC/184 [resplendor]

Nº de Inventário anteriores: (não se aplica)

Localização: Nave do Lado da Epístola



Descrição

Imagem composta por escultura, resplendor e coroa de prata, e cruz em madeira.

Inventariante

Joana Simas

Ficha de Inventário

Identificação da Peça

Instituição/ Proprietário: Fábrica da Igreja Paroquial de Santa Cruz – Diocese de Angra

Localização: Concelho de Lagoa, Santa Cruz

Categoria: Escultura

Subcategoria: Escultura de vulto

Denominação: Santo António de Lisboa

Título: Santo António com o Menino Jesus (iconográfico)

Outras denominações: Santo António de Pádua

Elemento de conjunto: não

Nº de Inventário: PSC/036

Marcação: verso da base

Nº de Inventário anteriores: (não se aplica)



Descrição

Escultura. Escultura de vulto: imaginária. Composição escultórica de vulto pleno formada por duas figuras masculinas: figura maior representada de pé, numa posição frontal que sustenta o Menino, sentado sobre a mão esquerda. O braço direito afasta-se do corpo e na mão segura uma cruz de madeira. Está representado com feições ainda imberbes e inexpressivas, com um olhar fixo que não contempla o Menino. Possui rosto redondo, nariz alongado, lábios carnudos e queixo proeminente. Quanto ao Menino, o rosto apresenta-se redondo, um olhar voltado para cima, nariz grosso, lábios carnudos entreabertos, queixo proeminente. A figura principal é representada com cabelo de corte em tonsura. Santo António de Lisboa veste o hábito castanho dos franciscanos, densamente pregueada e ondulante, é pontuado com ornatos vegetalistas em dourado, cingido na cintura por um cordão com cinco nós que cai ao longo da perna direita, e capa com capuz, tapando o pescoço, apertada no peito. Os pregueados e dobras aumentam junto do local onde o Menino está colocado, sugerindo a pressão do corpo. O Menino encontra-se despidido envolto por um cendal, de braços abertos e pernas fletidas. A imagem é representada com resplendor crescente, de grandes dimensões, e o Menino com uma coroa de pequenas dimensões.

Inventário do Património Cultural Móvel da Igreja Matriz de Santa Cruz

Dimensões

Altura: 106 cm
Largura: 44 cm
Profundidade: 28 cm

Datação

Ano(s): 1812
Século(s): XIX
Justificação da data: Documentada a data no Livro do Padre João José Tavares in *Vila da Lagoa e o seu Concelho*, p. 32 e 33; Livro de *Receita e Despesa da Paróquia (1798-1877)*.

Informação Técnica

Matéria: Madeira (cedro)
Corda
Técnica: Escultura de vulto pleno esculpida
Engessada
Policromado

Conservação

Estado: Deficiente
Especificações: Peça em que é urgente intervir, uma vez que apresenta grandes falhas, mutilações nos dedos e perdas de policromia.
Data: 28-07-2015

Autoria

Nome: Desconhecido
Tipo: Desconhecido
Ofício: Desconhecido

Produção

Oficina/ Fabricante: Desconhecido
Local de Execução: Desconhecido
Escola/Estilo/Movimento: Desconhecido

Incorporação

Data de Incorporação: 00/00/1812
Ano(s): 1812
Modo de Incorporação: Aquisição
Descrição: A imagem custou 132\$270 reis.

Localização

Localização: Exposição || Nave do Lado da Epístola

Observações

A imagem do Santo possui resplendor com o número de inventário PSC/184
A imagem do Menino possui coroa com o número de inventário PSC/185

Local e data de conclusão da ficha

Lagoa, 28 de julho de 2015

Inventariante

Joana Simas

Ficha de Inventário

Identificação da Peça

Instituição/ Proprietário: Fábrica da Igreja Paroquial de Santa Cruz – Diocese de Angra

Localização: Concelho de Lagoa, Santa Cruz

Categoria: Metais

Denominação: Castiçal (par)

Elemento de conjunto: não

Nº de Inventário: PSC/037

Marcação: interior da base

Nº de Inventário anteriores: (não se aplica)



Descrição

Castiçal modelado em estanho, de base circular alteada ao centro em dois registos. Haste abalaustrada com arranque troncocónico e decorado por nós, anéis e meia-cana lisa. Arandela circular côncava com bordo liso, e bocal cilíndrico rematado por anéis.

Inventário do Património Cultural Móvel da Igreja Matriz de Santa Cruz

Dimensões

Altura: 32 cm
Largura: 15 cm
Profundidade: 15 cm
Outras dimensões: D. 46 cm (base)

Datação

Ano(s): Não determinado
Século(s): XVII/XVIII (?)
Justificação da data: Execução semelhante no inventário on-line da Diocese de Évora

Informação Técnica

Matéria: Estanho
Técnica: Fundido
Repuxado

Conservação

Estado: Regular
Especificações: Peça que apresenta vestígios de pátina.
Data: 20-07-2015

Autoria

Nome: Desconhecido
Tipo: Desconhecido
Ofício: Desconhecido

Produção

Oficina/ Fabricante: Desconhecido
Local de Execução: Desconhecido
Escola/Estilo/Movimento: Desconhecido

Incorporação

Data de Incorporação: Desconhecido
Ano(s): Desconhecido
Modo de Incorporação: Desconhecido
Descrição: Desconhecido

Localização

Localização: Exposição || Capela lateral da Nave do lado do Evangelho

Local e data de conclusão da ficha

Lagoa, 20 de julho de 2015

Inventariante

Joana Simas

Ficha de Inventário

Identificação da Peça

Instituição/ Proprietário: Fábrica da Igreja Paroquial de Santa Cruz – Diocese de Angra

Localização: Concelho de Lagoa, Santa Cruz

Categoria: Metais

Denominação: Castiçal (par)

Elemento de conjunto: não

Nº de Inventário: PSC/038

Marcação: interior da base

Nº de Inventário anteriores: (não se aplica)



Descrição

Castiçal modelado em estanho, de base circular alteada ao centro em dois registos. Haste abalaustrada com arranque troncocónico e decorado por nós, anéis e meia-cana lisa. Arandela circular côncava com bordo liso, e bocal cilíndrico rematado por anéis.

Inventário do Património Cultural Móvel da Igreja Matriz de Santa Cruz

Dimensões

Altura: 32 cm
Largura: 15 cm
Profundidade: 15 cm
Outras dimensões: D. 46 cm (base)

Datação

Ano(s): Não determinado
Século(s): XVII/XVIII (?)
Justificação da data: Execução semelhante no inventário on-line da Diocese de Évora

Informação Técnica

Matéria: Estanho
Técnica: Fundido
Repuxado

Conservação

Estado: Regular
Especificações: Peça que apresenta vestígios de pátina.
Data: 20-07-2015

Autoria

Nome: Desconhecido
Tipo: Desconhecido
Ofício: Desconhecido

Produção

Oficina/ Fabricante: Desconhecido
Local de Execução: Desconhecido
Escola/Estilo/Movimento: Desconhecido

Incorporação

Data de Incorporação: Desconhecido
Ano(s): Desconhecido
Modo de Incorporação: Desconhecido
Descrição: Desconhecido

Localização

Localização: Exposição || Capela lateral da Nave do lado do Evangelho

Local e data de conclusão da ficha

Lagoa, 20 de julho de 2015

Inventariante

Joana Simas

Ficha de Inventário

Identificação da Peça

Instituição/ Proprietário: Fábrica da Igreja Paroquial de Santa Cruz – Diocese de Angra

Localização: Concelho de Lagoa, Santa Cruz

Categoria: Metais

Denominação: Castiçal (par)

Elemento de conjunto: não

Nº de Inventário: PSC/039

Marcação: interior da base

Nº de Inventário anteriores: (não se aplica)



Descrição

Castiçal modelado em estanho, de base circular alteada ao centro em dois registos. Haste abalaustrada com arranque troncocónico e decorado por nós, anéis e meia-cana lisa. Arandela circular côncava com bordo liso, e bocal cilíndrico rematado por anéis.

Inventário do Património Cultural Móvel da Igreja Matriz de Santa Cruz

Dimensões

Altura: 32 cm
Largura: 15 cm
Profundidade: 15 cm
Outras dimensões: D. 46 cm (base)

Datação

Ano(s): Não determinado
Século(s): XVII/XVIII
Justificação da data: Execução semelhante no inventário on-line da Diocese de Évora

Informação Técnica

Matéria: Estanho
Técnica: Fundido
Repuxado

Conservação

Estado: Regular
Especificações: Peça que apresenta vestígios de pátina.
Data: 20-07-2015

Autoria

Nome: Desconhecido
Tipo: Desconhecido
Ofício: Desconhecido

Produção

Oficina/ Fabricante: Desconhecido
Local de Execução: Desconhecido
Escola/Estilo/Movimento: Desconhecido

Incorporação

Data de Incorporação: Desconhecido
Ano(s): Desconhecido
Modo de Incorporação: Desconhecido
Descrição: Desconhecido

Localização

Localização: Exposição || Capela lateral da Nave do lado do Evangelho

Local e data de conclusão da ficha

Lagoa, 20 de julho de 2015

Inventariante

Joana Simas

Ficha de Inventário

Identificação da Peça

Instituição/ Proprietário: Fábrica da Igreja Paroquial de Santa Cruz – Diocese de Angra

Localização: Concelho de Lagoa, Santa Cruz

Categoria: Metais

Denominação: Castiçal (par)

Elemento de conjunto: não

Nº de Inventário: PSC/040

Marcação: interior da base

Nº de Inventário anteriores: (não se aplica)



Descrição

Castiçal modelado em estanho, de base circular alteada ao centro em dois registos. Haste abalaustrada com arranque troncocónico e decorado por nós, anéis e meia-cana lisa. Arandela circular côncava com bordo liso, e bocal cilíndrico rematado por anéis.

Inventário do Património Cultural Móvel da Igreja Matriz de Santa Cruz

Dimensões

Altura: 32 cm
Largura: 15 cm
Profundidade: 15 cm
Outras dimensões: D. 46 cm (base)

Datação

Ano(s): Não determinado
Século(s): XVII/XVIII
Justificação da data: Execução semelhante no inventário on-line da Diocese de Évora

Informação Técnica

Matéria: Estanho
Técnica: Fundido
Repuxado

Conservação

Estado: Regular
Especificações: Peça que apresenta vestígios de cloreto de pátina.
Data: 20-07-2015

Autoria

Nome: Desconhecido
Tipo: Desconhecido
Ofício: Desconhecido

Produção

Oficina/ Fabricante: Desconhecido
Local de Execução: Desconhecido
Escola/Estilo/Movimento: Desconhecido

Incorporação

Data de Incorporação: Desconhecido
Ano(s): Desconhecido
Modo de Incorporação: Desconhecido
Descrição: Desconhecido

Localização

Localização: Exposição || Capela lateral da Nave do lado do Evangelho

Local e data de conclusão da ficha

Lagoa, 20 de julho de 2015

Inventariante

Joana Simas

Ficha de Inventário

Identificação da Peça

Instituição/ Proprietário: Fábrica da Igreja Paroquial de Santa Cruz – Diocese de Angra

Localização: Concelho de Lagoa, Santa Cruz

Categoria: Metais

Denominação: Castiçal (par)

Elemento de conjunto: não

Nº de Inventário: PSC/041

Marcação: interior da base

Nº de Inventário anteriores: (não se aplica)



Descrição

Castiçal modelado em estanho, de base circular alteada em dois registos. Haste abalaustrada, com arranque em forma de tambor, decorada por anéis. Nó alongado e parte superior estreitando ligeiramente em direção ao topo. Arandela circular côncava e o bocal cilíndrico rematado por anéis.

Inventário do Património Cultural Móvel da Igreja Matriz de Santa Cruz

Dimensões

Altura: 38 cm
Largura: 15 cm
Profundidade: 15 cm
Outras dimensões: D. 46 cm (base)

Datação

Ano(s): Não determinado
Século(s): XVII (?)
Justificação da data: Execução semelhante no inventário on-line da Diocese de Évora

Informação Técnica

Matéria: Estanho
Técnica: Fundido
Repuxado

Conservação

Estado: Regular
Especificações: Peça que apresenta vestígios de pátina.
Data: 20-07-2015

Autoria

Nome: Desconhecido
Tipo: Desconhecido
Ofício: Desconhecido

Produção

Oficina/ Fabricante: Desconhecido
Local de Execução: Desconhecido
Escola/Estilo/Movimento: Desconhecido

Incorporação

Data de Incorporação: Desconhecido
Ano(s): Desconhecido
Modo de Incorporação: Desconhecido
Descrição: Desconhecido

Localização

Localização: Exposição || Capela lateral da Nave do lado do Evangelho

Local e data de conclusão da ficha

Lagoa, 20 de julho de 2015

Inventariante

Joana Simas

Ficha de Inventário

Identificação da Peça

Instituição/ Proprietário: Fábrica da Igreja Paroquial de Santa Cruz – Diocese de Angra

Localização: Concelho de Lagoa, Santa Cruz

Categoria: Metais

Denominação: Castiçal (par)

Elemento de conjunto: não

Nº de Inventário: PSC/042

Marcação: interior da base

Nº de Inventário anteriores: (não se aplica)



Descrição

Castiçal modelado em estanho, de base circular alteada em dois registos. Haste abalaustrada, com arranque em forma de tambor, decorada por anéis. Nó alongado e parte superior estreitando ligeiramente em direção ao topo. Arandela circular côncava e o bocal cilíndrico rematado por anéis.

Inventário do Património Cultural Móvel da Igreja Matriz de Santa Cruz

Dimensões

Altura: 38 cm
Largura: 15 cm
Profundidade: 15 cm
Outras dimensões: D. 46 cm (base)

Datação

Ano(s): Não determinado
Século(s): XVII (?)
Justificação da data: Execução semelhante no inventário on-line da Diocese de Évora

Informação Técnica

Matéria: Estanho
Técnica: Fundido
Repuxado

Conservação

Estado: Regular
Especificações: Peça que apresenta vestígios de pátina.
Data: 20-07-2015

Autoria

Nome: Desconhecido
Tipo: Desconhecido
Ofício: Desconhecido

Produção

Oficina/ Fabricante: Desconhecido
Local de Execução: Desconhecido
Escola/Estilo/Movimento: Desconhecido

Incorporação

Data de Incorporação: Desconhecido
Ano(s): Desconhecido
Modo de Incorporação: Desconhecido
Descrição: Desconhecido

Localização

Localização: Exposição || Capela lateral da Nave do lado do Evangelho

Local e data de conclusão da ficha

Lagoa, 20 de julho de 2015

Inventariante

Joana Simas

Ficha de Inventário

Identificação da Peça

Instituição/ Proprietário: Fábrica da Igreja Paroquial de Santa Cruz – Diocese de Angra

Localização: Concelho de Lagoa, Santa Cruz

Categoria: Ourivesaria

Denominação: Castiçal

Elemento de conjunto: não

Nº de Inventário: PSC/043

Marcação: interior da base

Nº de Inventário anteriores: (não se aplica)



Descrição

Castiçal em prata com a base triangular tipo piramidal de faces decoradas por folheado ao centro e perfis ondulados por volutas assente em três pés quadrangulares de orla lisa. Haste cilíndrica com caneluras, rematada por arandela circular gomada. Bocal cilíndrico.

Inventário do Património Cultural Móvel da Igreja Matriz de Santa Cruz

Dimensões

Altura: 61 cm
Largura: 17 cm
Profundidade: 16 cm

Datação

Ano(s): Não determinado
Século(s): XIX (?)
Justificação da data: Apreciação estilística.

Informação Técnica

Matéria: Prata
Técnica: Cinzelado
Fundido
Recortado
Relevado
Repuxado

Conservação

Estado: Bom
Especificações: Peça que apresenta vestígios de cloreto de prata que provoca corrosão.
Data: 13-08-2015

Autoria

Nome: Desconhecido
Tipo: Desconhecido
Ofício: Desconhecido

Produção

Oficina/ Fabricante: Desconhecido
Local de Execução: Desconhecido
Escola/Estilo/Movimento: Desconhecido

Incorporação

Data de Incorporação: 00/00/0000
Ano(s): Desconhecido
Modo de Incorporação: Desconhecido
Descrição: Desconhecido

Localização

Localização: Exposição | | Altar lateral do Lado do Evangelho

Marcas/inscrições

Possui marca não perceptível.

Local e data de conclusão da ficha

Lagoa, 13 de agosto de 2015

Inventariante

Joana Simas

Ficha de Inventário

Identificação da Peça

Instituição/ Proprietário: Fábrica da Igreja Paroquial de Santa Cruz – Diocese de Angra

Localização: Concelho de Lagoa, Santa Cruz

Categoria: Ourivesaria

Denominação: Castiçal

Elemento de conjunto: não

Nº de Inventário: PSC/044

Marcação: interior da base

Nº de Inventário anteriores: (não se aplica)



Descrição

Castiçal em prata com a base triangular tipo piramidal de faces decoradas por folheado ao centro e perfis ondulados por volutas assente em três pés quadrangulares de orla lisa. Haste cilíndrica com caneluras, rematada por arandela circular gomada. Bocal cilíndrico.

Inventário do Património Cultural Móvel da Igreja Matriz de Santa Cruz

Dimensões

Altura: 61 cm
Largura: 17 cm
Profundidade: 16 cm

Datação

Ano(s): Não determinado
Século(s): XIX (?)
Justificação da data: Análise estilística.

Informação Técnica

Matéria: Prata
Técnica: Cinzelado
Fundido
Recortado
Relevado
Repuxado

Conservação

Estado: Bom
Especificações: Peça que apresenta vestígios de cloreto de prata que provoca corrosão.
Data: 13-08-2015

Autoria

Nome: Desconhecido
Tipo: Desconhecido
Ofício: Desconhecido

Produção

Oficina/ Fabricante: Desconhecido
Local de Execução: Desconhecido
Escola/Estilo/Movimento: Desconhecido

Incorporação

Data de Incorporação: 00/00/0000
Ano(s): Desconhecido
Modo de Incorporação: Desconhecido
Descrição: Desconhecido

Localização

Localização: Exposição | | Altar lateral do Lado do Evangelho

Marcas/inscrições

Possui marca não perceptível.

Local e data de conclusão da ficha

Lagoa, 13 de agosto de 2015

Inventariante

Joana Simas

Ficha de Inventário

Identificação da Peça

Instituição/ Proprietário: Fábrica da Igreja Paroquial de Santa Cruz – Diocese de Angra

Localização: Concelho de Lagoa, Santa Cruz

Categoria: Ourivesaria

Denominação: Castiçal

Elemento de conjunto: não

Nº de Inventário: PSC/045

Marcação: interior da base

Nº de Inventário anteriores: (não se aplica)



Descrição

Castiçal em prata com a base triangular tipo piramidal de faces decoradas por folheado ao centro e perfis ondulados por volutas assente em três pés quadrangulares de orla lisa. Haste cilíndrica com caneluras, rematada por arandela circular gomada. Bocal cilíndrico.

Inventário do Património Cultural Móvel da Igreja Matriz de Santa Cruz

Dimensões

Altura: 61 cm
Largura: 17 cm
Profundidade: 16 cm

Datação

Ano(s): Não determinado
Século(s): XIX (?)
Justificação da data: Análise estilística.

Informação Técnica

Matéria: Prata
Técnica: Cinzelado
Fundido
Recortado
Relevado
Repuxado

Conservação

Estado: Bom
Especificações: Peça que apresenta vestígios de cloreto de prata que provoca corrosão.
Data: 13-08-2015

Autoria

Nome: Desconhecido
Tipo: Desconhecido
Ofício: Desconhecido

Produção

Oficina/ Fabricante: Desconhecido
Local de Execução: Desconhecido
Escola/Estilo/Movimento: Desconhecido

Incorporação

Data de Incorporação: 00/00/0000
Ano(s): Desconhecido
Modo de Incorporação: Desconhecido
Descrição: Desconhecido

Localização

Localização: Exposição | | Altar lateral do Lado do Evangelho

Marcas/inscrições

Possui marca não perceptível.

Local e data de conclusão da ficha

Lagoa, 13 de agosto de 2015

Inventariante

Joana Simas

Ficha de Inventário

Identificação da Peça

Instituição/ Proprietário: Fábrica da Igreja Paroquial de Santa Cruz – Diocese de Angra

Localização: Concelho de Lagoa, Santa Cruz

Categoria: Ourivesaria

Denominação: Castiçal

Elemento de conjunto: não

Nº de Inventário: PSC/046

Marcação: interior da base

Nº de Inventário anteriores: (não se aplica)



Descrição

Castiçal em prata com a base triangular tipo piramidal de faces decoradas por folheado ao centro e perfis ondulados por volutas assente em três pés quadrangulares de orla lisa. Haste cilíndrica com caneluras, rematada por arandela circular gomada. Bocal cilíndrico.

Inventário do Património Cultural Móvel da Igreja Matriz de Santa Cruz

Dimensões

Altura: 61 cm
Largura: 17 cm
Profundidade: 16 cm

Datação

Ano(s): Não determinado
Século(s): XIX (?)
Justificação da data: Análise estilística.

Informação Técnica

Matéria: Prata
Técnica: Cinzelado
Fundido
Recortado
Relevado
Repuxado

Conservação

Estado: Bom
Especificações: Peça que apresenta vestígios de cloreto de prata que provoca corrosão.
Data: 13-08-2015

Autoria

Nome: Desconhecido
Tipo: Desconhecido
Ofício: Desconhecido

Produção

Oficina/ Fabricante: Desconhecido
Local de Execução: Desconhecido
Escola/Estilo/Movimento: Desconhecido

Incorporação

Data de Incorporação: 00/00/0000
Ano(s): Desconhecido
Modo de Incorporação: Desconhecido
Descrição: Desconhecido

Localização

Localização: Exposição | | Altar lateral do Lado do Evangelho

Marcas/inscrições

Possui marca não perceptível.

Local e data de conclusão da ficha

Lagoa, 13 de agosto de 2015

Inventariante

Joana Simas

Ficha de Inventário

Identificação da Peça

Instituição/ Proprietário: Fábrica da Igreja Paroquial de Santa Cruz – Diocese de Angra

Localização: Concelho de Lagoa, Santa Cruz

Categoria: Mobiliário

Subcategoria: Mobiliário Civil

Denominação: Castiçal (par)

Elemento de conjunto: não

Nº de Inventário: PSC/047

Marcação: interior da base

Nº de Inventário anteriores: (não se aplica)



Descrição

Castiçal em talha dourada com base tronco-piramidal assente em três pés quadrangulares encimados por moldura de perlados e intervalados por elemento pendente. Faces decoradas com caneluras. Haste assente em disco circular liso, alteado ao centro e nó balaústriforme decorado por tarjas de folhas estilizadas, cuja parte superior em caneluras é bastante prolongada. Na parte superior, anel saliente decorada pelas mesmas folhas. Arandela circular com rebordo de perfil convexo e bocal cilíndrico com metal de bordos ondulados.

Inventário do Património Cultural Móvel da Igreja Matriz de Santa Cruz

Dimensões

Altura: 60 cm
Largura: 15 cm
Profundidade: 13 cm

Datação

Ano(s): Não determinado
Século(s): XVIII/XIX (?)
Justificação da data: Apreciação estilística.

Informação Técnica

Matéria: Folha de ouro
Latão
Madeira
Técnica: Talha dourada

Conservação

Estado: Bom
Especificações: Peça estabilizada que apresenta como desgaste natural, algumas lacunas.
Data: 14-08-2015

Autoria

Nome: Desconhecido
Tipo: Desconhecido
Ofício: Desconhecido

Produção

Oficina/ Fabricante: Desconhecido
Local de Execução: Desconhecido
Escola/Estilo/Movimento: Desconhecido

Incorporação

Data de Incorporação: 00/00/0000
Ano(s): Desconhecido
Modo de Incorporação: Desconhecido
Descrição: Desconhecido

Localização

Localização: Exposição || Capela colateral do lado do Evangelho

Local e data de conclusão da ficha

Lagoa, 14 de agosto de 2015

Inventariante

Joana Simas

Ficha de Inventário

Identificação da Peça

Instituição/ Proprietário: Fábrica da Igreja Paroquial de Santa Cruz – Diocese de Angra

Localização: Concelho de Lagoa, Santa Cruz

Categoria: Mobiliário

Subcategoria: Mobiliário Civil

Denominação: Castiçal (par)

Elemento de conjunto: não

Nº de Inventário: PSC/048

Marcação: interior da base

Nº de Inventário anteriores: (não se aplica)



Descrição

Castiçal em talha dourada com base tronco-piramidal assente em três pés quadrangulares encimados por moldura de perlados e intervalados por elemento pendente. Faces decoradas com caneluras. Haste assente em disco circular liso, alteado ao centro e nó balaústriforme decorado por tarjas de folhas estilizadas, cuja parte superior em caneluras é bastante prolongada. Na parte superior, anel saliente decorada pelas mesmas folhas. Arandela circular com rebordo de perfil convexo e bocal cilíndrico com metal de bordos ondulados.

Inventário do Património Cultural Móvel da Igreja Matriz de Santa Cruz

Dimensões

Altura: 60 cm
Largura: 15 cm
Profundidade: 13 cm

Datação

Ano(s): Não determinado
Século(s): XVIII/XIX (?)
Justificação da data: Apreciação estilística.

Informação Técnica

Matéria: Folha de ouro
Madeira
Metal
Técnica: Talha dourada

Conservação

Estado: Bom
Especificações: Peça estabilizada que apresenta como desgaste natural, algumas lacunas.
Data: 14-08-2015

Autoria

Nome: Desconhecido
Tipo: Desconhecido
Ofício: Desconhecido

Produção

Oficina/ Fabricante: Desconhecido
Local de Execução: Desconhecido
Escola/Estilo/Movimento: Desconhecido

Incorporação

Data de Incorporação: 00/00/0000
Ano(s): Desconhecido
Modo de Incorporação: Desconhecido
Descrição: Desconhecido

Localização

Localização: Exposição || Capela colateral da Nave do lado do Evangelho

Local e data de conclusão da ficha

Lagoa, 14 de agosto de 2015

Inventariante

Joana Simas

Ficha de Inventário

Identificação da Peça

Instituição/ Proprietário: Fábrica da Igreja Paroquial de Santa Cruz – Diocese de Angra

Localização: Concelho de Lagoa, Santa Cruz

Categoria: Mobiliário

Subcategoria: Mobiliário Civil

Denominação: Castiçal (par)

Elemento de conjunto: não

Nº de Inventário: PSC/049

Marcação: interior da base

Nº de Inventário anteriores: (não se aplica)



Descrição

Castiçal de banquetta em talha dourada com base de secção piramidal de orla recortada assente em três pés em forma de enrolamento assente sobre socos retangulares. A peanha é balaustriforme, com enrolamentos bastante pronunciados na parte superior e decorado em cada uma das faces por uma pequena flor. Haste profusamente entalhada repetindo a ornamentação citada, a par de motivos florais, com nó em formato de gota decorado por elementos estilizados. Arandela circular lisa de rebordo alteado onde assenta bocal cilíndrico emoldurado por meia-cana lisa na extremidade superior.

Inventário do Património Cultural Móvel da Igreja Matriz de Santa Cruz

Dimensões

Altura: 95 cm
Largura: 26 cm
Profundidade: 24 cm

Datação

Ano(s): Não determinado
Século(s): XVIII (?)
Justificação da data: Peça com características estilísticas do rococó.

Informação Técnica

Matéria: Madeira (cedro branco)
Técnica: Talha dourada

Conservação

Estado: Bom
Especificações: Peça estabilizada apresentando como desgaste natural, algumas lacunas ou falhas.
Data: 22-07-2015

Autoria

Nome: Desconhecido
Tipo: Desconhecido
Ofício: Desconhecido

Produção

Oficina/ Fabricante: Desconhecido
Local de Execução: Desconhecido
Escola/Estilo/Movimento: Desconhecido

Incorporação

Data de Incorporação: 00/00/0000
Ano(s): Desconhecido
Modo de Incorporação: Desconhecido
Descrição: Desconhecido

Localização

Localização: Exposição || Altar da Capela-mor

Local e data de conclusão da ficha

Lagoa, 22 de julho de 2015

Inventariante

Joana Simas

Ficha de Inventário

Identificação da Peça

Instituição/ Proprietário: Fábrica da Igreja Paroquial de Santa Cruz – Diocese de Angra

Localização: Concelho de Lagoa, Santa Cruz

Categoria: Mobiliário

Subcategoria: Mobiliário Civil

Denominação: Castiçal (par)

Elemento de conjunto: não

Nº de Inventário: PSC/050

Marcação: interior da base

Nº de Inventário anteriores: (não se aplica)



Descrição

Castiçal de banquetta em talha dourada com base de secção piramidal de orla recortada assente em três pés em forma de enrolamento assente sobre socos retangulares. A peanha é balaustriforme, com enrolamentos bastante pronunciados na parte superior e decorado em cada uma das faces por uma pequena flor. Haste profusamente entalhada repetindo a ornamentação citada, a par de motivos florais, com nó em formato de gota decorado por elementos estilizados. Arandela circular lisa de rebordo alteado onde assenta bocal cilíndrico emoldurado por meia-cana lisa na extremidade superior.

Inventário do Património Cultural Móvel da Igreja Matriz de Santa Cruz

Dimensões

Altura: 95 cm
Largura: 26 cm
Profundidade: 24 cm

Datação

Ano(s): Não determinado
Século(s): XVIII d. C. (?)
Justificação da data: Peça com características estilísticas do rococó.

Informação Técnica

Matéria: Madeira (cedro branco)
Técnica: Talha dourada

Conservação

Estado: Bom
Especificações: Peça estabilizada apresentando como desgaste natural, algumas lacunas ou falhas.
Data: 22-07-2015

Autoria

Nome: Desconhecido
Tipo: Desconhecido
Ofício: Desconhecido

Produção

Oficina/ Fabricante: Desconhecido
Local de Execução: Desconhecido
Escola/Estilo/Movimento: Desconhecido

Incorporação

Data de Incorporação: 00/00/0000
Ano(s): Desconhecido
Modo de Incorporação: Desconhecido
Descrição: Desconhecido

Localização

Localização: Exposição || Altar da Capela-mor

Local e data de conclusão da ficha

Lagoa, 22 de julho de 2015

Inventariante

Joana Simas

Ficha de Inventário

Identificação da Peça

Instituição/ Proprietário: Fábrica da Igreja Paroquial de Santa Cruz – Diocese de Angra

Localização: Concelho de Lagoa, Santa Cruz

Categoria: Mobiliário

Subcategoria: Mobiliário Civil

Denominação: Castiçal (par)

Elemento de conjunto: não

Nº de Inventário: PSC/051

Marcação: interior da base

Nº de Inventário anteriores: (não se aplica)



Descrição

Castiçal de banquetta em talha dourada com base de secção piramidal de orla recortada assente em três pés em forma de enrolamento assente sobre socos retangulares. A peanha é balaustriforme, com enrolamentos bastante pronunciados na parte superior e decorado em cada uma das faces por uma pequena flor. Haste profusamente entalhada repetindo a ornamentação citada, a par de motivos florais, com nó em formato de gota decorado por elementos estilizados. Arandela circular lisa de rebordo alteado onde assenta bocal cilíndrico emoldurado por meia-cana lisa na extremidade superior.

Inventário do Património Cultural Móvel da Igreja Matriz de Santa Cruz

Dimensões

Altura: 95 cm
Largura: 26 cm
Profundidade: 24 cm

Datação

Ano(s): Não determinado
Século(s): XVIII (?)
Justificação da data: Peça com características estilísticas do rococó.

Informação Técnica

Matéria: Madeira (cedro branco)
Técnica: Talha dourada

Conservação

Estado: Bom
Especificações: Peça estabilizada apresentando como desgaste natural, algumas lacunas ou falhas.
Data: 22-07-2015

Autoria

Nome: Desconhecido
Tipo: Desconhecido
Ofício: Desconhecido

Produção

Oficina/ Fabricante: Desconhecido
Local de Execução: Desconhecido
Escola/Estilo/Movimento: Desconhecido

Incorporação

Data de Incorporação: 00/00/0000
Ano(s): Desconhecido
Modo de Incorporação: Desconhecido
Descrição: Desconhecido

Localização

Localização: Exposição || Altar da Capela-mor

Local e data de conclusão da ficha

Lagoa, 22 de julho de 2015

Inventariante

Joana Simas

Ficha de Inventário

Identificação da Peça

Instituição/ Proprietário: Fábrica da Igreja Paroquial de Santa Cruz – Diocese de Angra

Localização: Concelho de Lagoa, Santa Cruz

Categoria: Mobiliário

Subcategoria: Mobiliário Civil

Denominação: Castiçal (par)

Elemento de conjunto: não

Nº de Inventário: PSC/052

Marcação: interior da base

Nº de Inventário anteriores: (não se aplica)



Descrição

Castiçal de banqueta em talha dourada com base de secção piramidal de orla recortada assente em três pés em forma de enrolamento assente sobre socos retangulares. A peanha é balaustriforme, com enrolamentos bastante pronunciados na parte superior e decorado em cada uma das faces por uma pequena flor. Haste profusamente entalhada repetindo a ornamentação citada, a par de motivos florais, com nó em formato de gota decorado por elementos estilizados. Arandela circular lisa de rebordo alteado onde assenta bocal cilíndrico emoldurado por meia-cana lisa na extremidade superior.

Inventário do Património Cultural Móvel da Igreja Matriz de Santa Cruz

Dimensões

Altura: 95 cm
Largura: 26 cm
Profundidade: 24 cm

Datação

Ano(s): Não determinado
Século(s): XVIII (?)
Justificação da data: Peça com características estilísticas do rococó.

Informação Técnica

Matéria: Madeira (cedro branco)
Técnica: Talha dourada

Conservação

Estado: Bom
Especificações: Peça estabilizada apresentando como desgaste natural, algumas lacunas ou falhas.
Data: 22-07-2015

Autoria

Nome: Desconhecido
Tipo: Desconhecido
Ofício: Desconhecido

Produção

Oficina/ Fabricante: Desconhecido
Local de Execução: Desconhecido
Escola/Estilo/Movimento: Desconhecido

Incorporação

Data de Incorporação: 00/00/0000
Ano(s): Desconhecido
Modo de Incorporação: Desconhecido
Descrição: Desconhecido

Localização

Localização: Exposição || Altar da Capela-mor

Local e data de conclusão da ficha

Lagoa, 22 de julho de 2015

Inventariante

Joana Simas

Ficha de Inventário

Identificação da Peça

Instituição/ Proprietário: Fábrica da Igreja Paroquial de Santa Cruz – Diocese de Angra

Localização: Concelho de Lagoa, Santa Cruz

Categoria: Mobiliário

Subcategoria: Mobiliário Civil

Denominação: Castiçal (par)

Elemento de conjunto: não

Nº de Inventário: PSC/053

Marcação: interior da base

Nº de Inventário anteriores: (não se aplica)



Descrição

Castiçal de banquetta em talha dourada com base de secção piramidal de orla recortada assente em três pés em forma de enrolamento assente sobre socos retangulares. A peanha é balaustriforme, com enrolamentos bastante pronunciados na parte superior e decorado em cada uma das faces por uma pequena flor. Haste profusamente entalhada repetindo a ornamentação citada, a par de motivos florais, com nó em formato de gota decorado por elementos estilizados. Arandela circular lisa de rebordo alteado onde assenta bocal cilíndrico emoldurado por meia-cana lisa na extremidade superior.

Inventário do Património Cultural Móvel da Igreja Matriz de Santa Cruz

Dimensões

Altura: 95 cm
Largura: 26 cm
Profundidade: 24 cm

Datação

Ano(s): Não determinado
Século(s): XVIII (?)
Justificação da data: Peça com características estilísticas do rococó.

Informação Técnica

Matéria: Madeira (cedro branco)
Técnica: Talha dourada

Conservação

Estado: Bom
Especificações: Peça estabilizada apresentando como desgaste natural, algumas lacunas ou falhas.
Data: 22-07-2015

Autoria

Nome: Desconhecido
Tipo: Desconhecido
Ofício: Desconhecido

Produção

Oficina/ Fabricante: Desconhecido
Local de Execução: Desconhecido
Escola/Estilo/Movimento: Desconhecido

Incorporação

Data de Incorporação: 00/00/0000
Ano(s): Desconhecido
Modo de Incorporação: Desconhecido
Descrição: Desconhecido

Localização

Localização: Exposição || Altar da Capela-mor

Local e data de conclusão da ficha

Lagoa, 22 de julho de 2015

Inventariante

Joana Simas

Ficha de Inventário

Identificação da Peça

Instituição/ Proprietário: Fábrica da Igreja Paroquial de Santa Cruz – Diocese de Angra

Localização: Concelho de Lagoa, Santa Cruz

Categoria: Mobiliário

Subcategoria: Mobiliário Civil

Denominação: Castiçal (par)

Elemento de conjunto: não

Nº de Inventário: PSC/054

Marcação: interior da base

Nº de Inventário anteriores: (não se aplica)



Descrição

Castiçal de banquetta em talha dourada com base de secção piramidal de orla recortada assente em três pés em forma de enrolamento assente sobre socos retangulares. A peanha é balaustriforme, com enrolamentos bastante pronunciados na parte superior e decorado em cada uma das faces por uma pequena flor. Haste profusamente entalhada repetindo a ornamentação citada, a par de motivos florais, com nó em formato de gota decorado por elementos estilizados. Arandela circular lisa de rebordo alteado onde assenta bocal cilíndrico emoldurado por meia-cana lisa na extremidade superior.

Inventário do Património Cultural Móvel da Igreja Matriz de Santa Cruz

Dimensões

Altura: 95 cm
Largura: 26 cm
Profundidade: 24 cm

Datação

Ano(s): Não determinado
Século(s): XVIII (?)
Justificação da data: Peça com características estilísticas do rococó.

Informação Técnica

Matéria: Madeira (cedro branco)
Técnica: Talha dourada

Conservação

Estado: Bom
Especificações: Peça estabilizada apresentando como desgaste natural, algumas lacunas ou falhas.
Data: 22-07-2015

Autoria

Nome: Desconhecido
Tipo: Desconhecido
Ofício: Desconhecido

Produção

Oficina/ Fabricante: Desconhecido
Local de Execução: Desconhecido
Escola/Estilo/Movimento: Desconhecido

Incorporação

Data de Incorporação: 00/00/0000
Ano(s): Desconhecido
Modo de Incorporação: Desconhecido
Descrição: Desconhecido

Localização

Localização: Exposição || Altar da Capela-mor

Local e data de conclusão da ficha

Lagoa, 22 de julho de 2015

Inventariante

Joana Simas

Ficha de Inventário

Identificação da Peça

Instituição/ Proprietário: Fábrica da Igreja Paroquial de Santa Cruz – Diocese de Angra

Localização: Concelho de Lagoa, Santa Cruz

Categoria: Mobiliário

Subcategoria: Mobiliário Religioso

Denominação: Tocheiro (par)

Elemento de conjunto: sim

Nº de Inventário: PSC/055

Marcação: interior da base

Nº de Inventário anteriores: (não se aplica)



Descrição

Tocheiro de base circular assente em três pés em forma cilíndrica decorados. Haste bastante alongada, mais larga na parte inferior. Fuste abalastrado com nó decorado. Arandela circular, emoldurada, e bocal cilíndrico decorado por anéis.

Inventário do Património Cultural Móvel da Igreja Matriz de Santa Cruz

Dimensões

Altura: 134 cm
Largura: 14 cm
Outras dimensões: D. da base 98 cm

Datação

Ano(s): Não determinado
Século(s): XX(?)
Justificação da data: Apreciação estilística.

Informação Técnica

Matéria: Folha de ouro
Madeira
Técnica: Talha dourada

Conservação

Estado: Muito Bom
Especificações: Peça em perfeito estado de conservação.
Data: 18-11-2014

Autoria

Nome: Desconhecido
Tipo: Desconhecido
Ofício: Desconhecido

Produção

Oficina/ Fabricante: Desconhecido
Local de Execução: Desconhecido
Escola/Estilo/Movimento: Desconhecido

Incorporação

Data de Incorporação: 00/00/0000
Ano(s): Desconhecido
Modo de Incorporação: Desconhecido
Descrição: Desconhecido

Localização

Localização: Exposição || Capela-Mor

Local e data de conclusão da ficha

Lagoa, 18 de novembro de 2014

Inventariante

Joana Simas

Ficha de Inventário

Identificação da Peça

Instituição/ Proprietário: Fábrica da Igreja Paroquial de Santa Cruz – Diocese de Angra

Localização: Concelho de Lagoa, Santa Cruz

Categoria: Mobiliário

Subcategoria: Mobiliário Religioso

Denominação: Tocheiro (par)

Elemento de conjunto: sim

Nº de Inventário: PSC/056

Marcação: interior da base

Nº de Inventário anteriores: (não se aplica)



Descrição

Tocheiro de base circular assente em três pés em forma cilíndrica decorados. Haste bastante alongada, mais larga na parte inferior. Fuste abalastrado com nó decorado. Arandela circular, emoldurada, e bocal cilíndrico decorado por anéis.

Inventário do Património Cultural Móvel da Igreja Matriz de Santa Cruz

Dimensões

Altura: 134 cm
Largura: 14 cm
Outras dimensões: D. da base 98 cm

Datação

Ano(s): Não determinado
Século(s): XX (?)
Justificação da data: Apreciação estilística.

Informação Técnica

Matéria: Folha de ouro
Madeira
Técnica: Talha dourada

Conservação

Estado: Muito Bom
Especificações: Peça em perfeito estado de conservação.
Data: 18-11-2014

Autoria

Nome: Desconhecido
Tipo: Desconhecido
Ofício: Desconhecido

Produção

Oficina/ Fabricante: Desconhecido
Local de Execução: Desconhecido
Escola/Estilo/Movimento: Desconhecido

Incorporação

Data de Incorporação: 00/00/0000
Ano(s): Desconhecido
Modo de Incorporação: Desconhecido
Descrição: Desconhecido

Localização

Localização: Exposição || Capela-Mor

Local e data de conclusão da ficha

Lagoa, 18 de novembro de 2014

Inventariante

Joana Simas

Ficha de Inventário

Identificação da Peça

Instituição/ Proprietário: Fábrica da Igreja Paroquial de Santa Cruz – Diocese de Angra

Localização: Concelho de Lagoa, Santa Cruz

Categoria: Mobiliário

Subcategoria: Mobiliário Civil

Denominação: Castiçal (par)

Elemento de conjunto: não

Nº de Inventário: PSC/057

Marcação: interior da base

Nº de Inventário anteriores: (não se aplica)



Descrição

Castiçal em talha dourada, de base circular assente em três pés em forma de garra decorada. A base é lisa, alteada ao centro com estrias, terminando em anel saliente. Nó em forma de corola invertida, com anel de perfil côncavo e corola de folhas, dupla e fechada sobre a qual assenta disco de moldura dentelada. Haste estriada a estreitar em direção à extremidade, anel circular, liso e corola de folhas invertida, bastante pronunciada sobre a qual assenta anel estrangulado e corola de folhas, fechada, com terminação em bocal circular.

Inventário do Património Cultural Móvel da Igreja Matriz de Santa Cruz

Dimensões

Altura: 66 cm
Largura: 17 cm
Profundidade: 17 cm
Outras dimensões: d. 50 cm (base)

Datação

Ano(s): Não determinado
Século(s): XIX
Justificação da data: Apreciação estilística.

Informação Técnica

Matéria: Madeira (cedro vermelho)
Técnica: Entalhador
Purpurina
Talha dourada
Torneamento

Conservação

Estado: Bom
Especificações: Peça estabilizada apresentando falta de uma folha na corola e vestígios de cera.
Data: 22-07-2015

Autoria

Nome: Desconhecido
Tipo: Desconhecido
Ofício: Desconhecido

Produção

Oficina/ Fabricante: Desconhecido
Local de Execução: Desconhecido
Escola/Estilo/Movimento: Desconhecido

Incorporação

Data de Incorporação: 00/00/0000
Ano(s): Desconhecido
Modo de Incorporação: Desconhecido
Descrição: Desconhecido

Localização

Localização: Exposição || Capela colateral da Nave do lado da Epístola

Local e data de conclusão da ficha

Lagoa, 22 de julho de 2015

Inventariante

Joana Simas

Ficha de Inventário

Identificação da Peça

Instituição/ Proprietário: Fábrica da Igreja Paroquial de Santa Cruz – Diocese de Angra

Localização: Concelho de Lagoa, Santa Cruz

Categoria: Mobiliário

Subcategoria: Mobiliário Civil

Denominação: Castiçal (par)

Elemento de conjunto: não

Nº de Inventário: PSC/058

Marcação: interior da base

Nº de Inventário anteriores: (não se aplica)



Descrição

Castiçal em talha dourada, de base circular assente em três pés em forma de garra decorada. A base é lisa, alteada ao centro com estrias, terminando em anel saliente. Nó em forma de corola invertida, com anel de perfil côncavo e corola de folhas, dupla e fechada sobre a qual assenta disco de moldura dentelada. Haste estriada a estreitar em direção à extremidade, anel circular, liso e corola de folhas invertida, bastante pronunciada sobre a qual assenta anel estrangulado e corola de folhas, fechada, com terminação em bocal circular.

Inventário do Património Cultural Móvel da Igreja Matriz de Santa Cruz

Dimensões

Altura: 66 cm
Largura: 17 cm
Profundidade: 17 cm
Outras dimensões: d. 50 cm (base)

Datação

Ano(s): Não determinado
Século(s): XIX
Justificação da data: Apreciação estilística.

Informação Técnica

Matéria: Madeira (cedro vermelho)
Técnica: Entalhador
Purpurina
Talha dourada
Torneamento

Conservação

Estado: Bom
Especificações: Peça estabilizada
apresentando vestígios de cera.
Data: 22-07-2015

Autoria

Nome: Desconhecido
Tipo: Desconhecido
Ofício: Desconhecido

Produção

Oficina/ Fabricante: Desconhecido
Local de Execução: Desconhecido
Escola/Estilo/Movimento: Desconhecido

Incorporação

Data de Incorporação: 00/00/0000
Ano(s): Desconhecido
Modo de Incorporação: Desconhecido
Descrição: Desconhecido

Localização

Localização: Exposição || Capela colateral da
Nave do lado da Epístola

Local e data de conclusão da ficha

Lagoa, 22 de julho de 2015

Inventariante

Joana Simas

Ficha de Inventário

Identificação da Peça

Instituição/ Proprietário: Fábrica da Igreja Paroquial de Santa Cruz – Diocese de Angra

Localização: Concelho de Lagoa, Santa Cruz

Categoria: Mobiliário

Subcategoria: Mobiliário Civil

Denominação: Castiçal (par)

Elemento de conjunto: não

Nº de Inventário: PSC/059

Marcação: interior da base

Nº de Inventário anteriores: (não se aplica)



Descrição

Castiçal em talha dourada, de base circular assente em três pés em forma de garra decorada. A base é lisa, alteada ao centro com estrias, terminando em anel saliente. Nó em forma de corola invertida, com anel de perfil côncavo e corola de folhas, dupla e fechada sobre a qual assenta disco de moldura dentelada. Haste estriada a estreitar em direção à extremidade, anel circular, liso e corola de folhas invertida, bastante pronunciada sobre a qual assenta anel estrangulado e corola de folhas, fechada, com terminação em bocal circular.

Inventário do Património Cultural Móvel da Igreja Matriz de Santa Cruz

Dimensões

Altura: 66 cm
Largura: 17 cm
Profundidade: 17 cm
Outras dimensões: d. 50 cm (base)

Datação

Ano(s): Não determinado
Século(s): XIX
Justificação da data: Apreciação estilística.

Informação Técnica

Matéria: Madeira (cedro vermelho)
Técnica: Entalhador
Purpurina
Talha dourada
Torneamento

Conservação

Estado: Bom
Especificações: Peça estabilizada
apresentando vestígios de cera.
Data: 22-07-2015

Autoria

Nome: Desconhecido
Tipo: Desconhecido
Ofício: Desconhecido

Produção

Oficina/ Fabricante: Desconhecido
Local de Execução: Desconhecido
Escola/Estilo/Movimento: Desconhecido

Incorporação

Data de Incorporação: 00/00/0000
Ano(s): Desconhecido
Modo de Incorporação: Desconhecido
Descrição: Desconhecido

Localização

Localização: Exposição || Capela colateral da
Nave do lado da Epístola

Local e data de conclusão da ficha

Lagoa, 22 de julho de 2015

Inventariante

Joana Simas

Ficha de Inventário

Identificação da Peça

Instituição/ Proprietário: Fábrica da Igreja Paroquial de Santa Cruz – Diocese de Angra

Localização: Concelho de Lagoa, Santa Cruz

Categoria: Mobiliário

Subcategoria: Mobiliário Civil

Denominação: Castiçal (par)

Elemento de conjunto: não

Nº de Inventário: PSC/060

Marcação: interior da base

Nº de Inventário anteriores: (não se aplica)



Descrição

Castiçal em talha dourada, de base circular assente em três pés em forma de garra decorada. A base é lisa, alteada ao centro com estrias, terminando em anel saliente. Nó em forma de corola invertida, com anel de perfil côncavo e corola de folhas, dupla e fechada sobre a qual assenta disco de moldura dentelada. Haste estriada a estreitar em direção à extremidade, anel circular, liso e corola de folhas invertida, bastante pronunciada sobre a qual assenta anel estrangulado e corola de folhas, fechada, com terminação em bocal circular.

Inventário do Património Cultural Móvel da Igreja Matriz de Santa Cruz

Dimensões

Altura: 66 cm
Largura: 17 cm
Profundidade: 17 cm
Outras dimensões: d. 50 cm (base)

Datação

Ano(s): Não determinado
Século(s): XIX
Justificação da data: Apreciação estilística.

Informação Técnica

Matéria: Madeira (cedro vermelho)
Técnica: Entalhador
Purpurina
Talha dourada
Torneamento

Conservação

Estado: Bom
Especificações: Peça estabilizada apresentando falta de uma folha na corola e vestígios de cera.
Data: 22-07-2015

Autoria

Nome: Desconhecido
Tipo: Desconhecido
Ofício: Desconhecido

Produção

Oficina/ Fabricante: Desconhecido
Local de Execução: Desconhecido
Escola/Estilo/Movimento: Desconhecido

Incorporação

Data de Incorporação: 00/00/0000
Ano(s): Desconhecido
Modo de Incorporação: Desconhecido
Descrição: Desconhecido

Localização

Localização: Exposição || Capela colateral da Nave do lado da Epístola

Local e data de conclusão da ficha

Lagoa, 22 de julho de 2015

Inventariante

Joana Simas

Ficha de Inventário

Identificação da Peça

Instituição/ Proprietário: Fábrica da Igreja Paroquial de Santa Cruz – Diocese de Angra

Localização: Concelho de Lagoa, Santa Cruz

Categoria: Mobiliário

Subcategoria: Mobiliário Civil

Denominação: Castiçal (par)

Elemento de conjunto: não

Nº de Inventário: PSC/061

Marcação: interior da base

Nº de Inventário anteriores: (não se aplica)



Descrição

Castiçal em talha dourada, de base circular assente em três pés em forma de garra decorada. A base é lisa, alteada ao centro com estrias, terminando em anel saliente. Nó em forma de corola invertida, com anel de perfil côncavo e corola de folhas, dupla e fechada sobre a qual assenta disco de moldura dentelada. Haste estriada a estreitar em direção à extremidade, anel circular, liso e corola de folhas invertida, bastante pronunciada sobre a qual assenta anel estrangulado e corola de folhas, fechada, com terminação em bocal circular.

Inventário do Património Cultural Móvel da Igreja Matriz de Santa Cruz

Dimensões

Altura: 66 cm
Largura: 17 cm
Profundidade: 17 cm
Outras dimensões: d. 50 cm (base)

Datação

Ano(s): Não determinado
Século(s): XIX
Justificação da data: Apreciação estilística.

Informação Técnica

Matéria: Madeira (cedro vermelho)
Técnica: Entalhador
Purpurina
Talha dourada
Torneamento

Conservação

Estado: Bom
Especificações: Peça estabilizada
apresentando vestígios de cera.
Data: 22-07-2015

Autoria

Nome: Desconhecido
Tipo: Desconhecido
Ofício: Desconhecido

Produção

Oficina/ Fabricante: Desconhecido
Local de Execução: Desconhecido
Escola/Estilo/Movimento: Desconhecido

Incorporação

Data de Incorporação: 00/00/0000
Ano(s): Desconhecido
Modo de Incorporação: Desconhecido
Descrição: Desconhecido

Localização

Localização: Exposição || Capela colateral da
Nave do lado da Epístola

Local e data de conclusão da ficha

Lagoa, 22 de julho de 2015

Inventariante

Joana Simas

Ficha de Inventário

Identificação da Peça

Instituição/ Proprietário: Fábrica da Igreja Paroquial de Santa Cruz – Diocese de Angra

Localização: Concelho de Lagoa, Santa Cruz

Categoria: Mobiliário

Subcategoria: Mobiliário Civil

Denominação: Castiçal (par)

Elemento de conjunto: não

Nº de Inventário: PSC/062

Marcação: interior da base

Nº de Inventário anteriores: (não se aplica)



Descrição

Castiçal em talha dourada, de base circular assente em três pés em forma de garra decorada. A base é lisa, alteada ao centro com estrias, terminando em anel saliente. Nó em forma de corola invertida, com anel de perfil côncavo e corola de folhas, dupla e fechada sobre a qual assenta disco de moldura dentelada. Haste estriada a estreitar em direção à extremidade, anel circular, liso e corola de folhas invertida, bastante pronunciada sobre a qual assenta anel estrangulado e corola de folhas, fechada, com terminação em bocal circular.

Inventário do Património Cultural Móvel da Igreja Matriz de Santa Cruz

Dimensões

Altura: 66 cm
Largura: 17 cm
Profundidade: 17 cm
Outras dimensões: d. 50 cm (base)

Datação

Ano(s): Não determinado
Século(s): XIX
Justificação da data: Apreciação estilística.

Informação Técnica

Matéria: Madeira (cedro vermelho)
Técnica: Entalhador
Purpurina
Talha dourada
Torneamento

Conservação

Estado: Bom
Especificações: Peça estabilizada apresentando falta de uma folha na corola e vestígios de cera.
Data: 22-07-2015

Autoria

Nome: Desconhecido
Tipo: Desconhecido
Ofício: Desconhecido

Produção

Oficina/ Fabricante: Desconhecido
Local de Execução: Desconhecido
Escola/Estilo/Movimento: Desconhecido

Incorporação

Data de Incorporação: 00/00/0000
Ano(s): Desconhecido
Modo de Incorporação: Desconhecido
Descrição: Desconhecido

Localização

Localização: Exposição || Capela colateral da Nave do lado da Epístola

Local e data de conclusão da ficha

Lagoa, 22 de julho de 2015

Inventariante

Joana Simas

Ficha de Inventário

Identificação da Peça

Instituição/ Proprietário: Fábrica da Igreja Paroquial de Santa Cruz – Diocese de Angra

Localização: Concelho de Lagoa, Santa Cruz

Categoria: Ourivesaria

Denominação: Lampadário

Elemento de conjunto: não

Nº de Inventário: PSC/063

Marcação: interior

Nº de Inventário anteriores: (não se aplica)



Descrição

Lampadário de prata constituído por recetáculo de formato campaniforme invertido, com terminação em pináculo, com faces de perfil côncavo. Ao centro suspenso por três cadeias, encontra-se no interior espaço para sustentação da lamparina, ligando-se as aletas ao recetáculo e à cúpula.

Inventário do Património Cultural Móvel da Igreja Matriz de Santa Cruz

Dimensões

Altura: 87 cm
Largura: 46 cm

Datação

Ano(s): Não determinado
Século(s): XIX
Justificação da data: Apreciação estilística.

Informação Técnica

Matéria: Prata
Técnica: Fundido
Repuxado
Cinzelado

Conservação

Estado: Bom
Especificações: Peça estabilizada apresentando falta de uma folha na corola e vestígios de cera.
Data: 22-07-2015

Autoria

Nome: Desconhecido
Tipo: Desconhecido
Ofício: Desconhecido

Produção

Oficina/ Fabricante: Desconhecido
Local de Execução: Desconhecido
Escola/Estilo/Movimento: Desconhecido

Incorporação

Data de Incorporação: 00/00/0000
Ano(s): Desconhecido
Modo de Incorporação: Desconhecido
Descrição: Desconhecido

Localização

Localização: Exposição || Capela colateral do Santíssimo Sacramento

Local e data de conclusão da ficha

Lagoa, 22 de julho de 2015

Inventariante

Joana Simas

Ficha de Inventário

Identificação da Peça

Instituição/ Proprietário: Fábrica da Igreja Paroquial de Santa Cruz – Diocese de Angra

Localização: Concelho de Lagoa, Santa Cruz

Categoria: Metais

Denominação: Castiçal (par)

Elemento de conjunto: não

Nº de Inventário: PSC/064

Marcação: interior da base

Nº de Inventário anteriores: (não se aplica)



Descrição

Cruz de altar de base circular assente em três pés flordelizados. No primeiro registo a base tem forma de campânula invertida com floreado relevado na orla. Precede o arranque da haste abalaustrada, com caneluras, decorada ao centro com motivos vegetalistas com quatro inscrições dentro de um losango com as iniciais “JHS”, rematados por quatro pináculos. Arandela com o mesmo registo da base e bocal estreito ornado com motivos vegetalista.

Inventário do Património Cultural Móvel da Igreja Matriz de Santa Cruz

Dimensões

Altura: 61 cm
Largura: 15 cm
Profundidade: 15 cm

Datação

Ano(s): Não determinado
Século(s): XIX/XX (?)
Justificação da data: Apreciação estilística.

Informação Técnica

Matéria: Metal dourado
Técnica: Cinzelado
Fundido
Gravado
Repuxado
Soldado

Conservação

Estado: Deficiente
Especificações: Visível produto de coloração verde (compostos de cobre). Constituem um perigo real para a conservação, participando em processos de corrosão que pode ser muito rápida e profunda, em condições de ambiente favoráveis, ou seja, com teores elevados de humidade relativa e de luz. Peça que exige uma rápida intervenção de conservação.
Data: 12-08-2015

Autoria

Nome: Desconhecido
Tipo: Desconhecido
Ofício: Desconhecido

Produção

Oficina/ Fabricante: Desconhecido
Local de Execução: Desconhecido
Escola/Estilo/Movimento: Desconhecido

Incorporação

Data de Incorporação: 00/00/0000
Ano(s): Desconhecido
Modo de Incorporação: Desconhecido
Descrição: Desconhecido

Localização

Localização: Exposição || Altar lateral do lado da Epístola

Local e data de conclusão da ficha

Lagoa, 12 de agosto de 2015

Inventariante

Joana Simas

Ficha de Inventário

Identificação da Peça

Instituição/ Proprietário: Fábrica da Igreja Paroquial de Santa Cruz – Diocese de Angra

Localização: Concelho de Lagoa, Santa Cruz

Categoria: Metais

Denominação: Castiçal (par)

Elemento de conjunto: não

Nº de Inventário: PSC/065

Marcação: interior da base

Nº de Inventário anteriores: (não se aplica)



Descrição

Cruz de altar de base circular assente em três pés flordelizados. No primeiro registo a base tem forma de campânula invertida com floreado relevado na orla. Precede o arranque da haste abalaustrada, com caneluras, decorada ao centro com motivos vegetalistas com quatro inscrições dentro de um losango com as iniciais “JHS”, rematados por quatro pináculos. Arandela com o mesmo registo da base e bocal estreito ornado com motivos vegetalista.

Inventário do Património Cultural Móvel da Igreja Matriz de Santa Cruz

Dimensões

Altura: 61 cm
Largura: 15 cm
Profundidade: 15 cm

Datação

Ano(s): Não determinado
Século(s): XIX/XX (?)
Justificação da data: Apreciação estilística.

Informação Técnica

Matéria: Metal dourado
Técnica: Cinzelado
Fundido
Gravado
Repuxado
Soldado

Conservação

Estado: Deficiente
Especificações: Visível produto de coloração verde (compostos de cobre). Constituem um perigo real para a conservação, participando em processos de corrosão que pode ser muito rápida e profunda, em condições de ambiente favoráveis, ou seja, com teores elevados de humidade relativa e de luz. Peça que exige uma rápida intervenção de conservação.
Data: 12-08-2015

Autoria

Nome: Desconhecido
Tipo: Desconhecido
Ofício: Desconhecido

Produção

Oficina/ Fabricante: Desconhecido
Local de Execução: Desconhecido
Escola/Estilo/Movimento: Desconhecido

Incorporação

Data de Incorporação: 00/00/0000
Ano(s): Desconhecido
Modo de Incorporação: Desconhecido
Descrição: Desconhecido

Localização

Localização: Exposição || Altar lateral do lado da Epístola

Local e data de conclusão da ficha

Lagoa, 12 de agosto de 2015

Inventariante

Joana Simas

Ficha de Inventário

Identificação da Peça

Instituição/ Proprietário: Fábrica da Igreja Paroquial de Santa Cruz – Diocese de Angra

Localização: Concelho de Lagoa, Santa Cruz

Categoria: Metais

Denominação: Castiçal (par)

Elemento de conjunto: não

Nº de Inventário: PSC/066

Marcação: interior da base

Nº de Inventário anteriores: (não se aplica)



Descrição

Cruz de altar de base circular assente em três pés flordelizados. No primeiro registo a base tem forma de campânula invertida com floreado relevado na orla. Precede o arranque da haste abalaustrada, com caneluras, decorada ao centro com motivos vegetalistas com quatro inscrições dentro de um losango com as iniciais “JHS”, rematados por quatro pináculos. Arandela com o mesmo registo da base e bocal estreito ornado com motivos vegetalista.

Inventário do Património Cultural Móvel da Igreja Matriz de Santa Cruz

Dimensões

Altura: 61 cm
Largura: 15 cm
Profundidade: 15 cm

Datação

Ano(s): Não determinado
Século(s): XIX/XX (?)
Justificação da data: Apreciação estilística.

Informação Técnica

Matéria: Metal dourado
Técnica: Cinzelado
Fundido
Gravado
Repuxado
Soldado

Conservação

Estado: Deficiente
Especificações: Visível produto de coloração verde (compostos de cobre). Constituem um perigo real para a conservação, participando em processos de corrosão que pode ser muito rápida e profunda, em condições de ambiente favoráveis, ou seja, com teores elevados de humidade relativa e de luz. Peça que exige uma rápida intervenção de conservação.
Data: 12-08-2015

Autoria

Nome: Desconhecido
Tipo: Desconhecido
Ofício: Desconhecido

Produção

Oficina/ Fabricante: Desconhecido
Local de Execução: Desconhecido
Escola/Estilo/Movimento: Desconhecido

Incorporação

Data de Incorporação: 00/00/0000
Ano(s): Desconhecido
Modo de Incorporação: Desconhecido
Descrição: Desconhecido

Localização

Localização: Exposição || Altar lateral do lado da Epístola

Local e data de conclusão da ficha

Lagoa, 12 de agosto de 2015

Inventariante

Joana Simas

Ficha de Inventário

Identificação da Peça

Instituição/ Proprietário: Fábrica da Igreja Paroquial de Santa Cruz – Diocese de Angra

Localização: Concelho de Lagoa, Santa Cruz

Categoria: Metais

Denominação: Castiçal (par)

Elemento de conjunto: não

Nº de Inventário: PSC/067

Marcação: interior da base

Nº de Inventário anteriores: (não se aplica)



Descrição

Cruz de altar de base circular assente em três pés flordelizados. No primeiro registo a base tem forma de campânula invertida com floreado relevado na orla. Precede o arranque da haste abalaustrada, com caneluras, decorada ao centro com motivos vegetalistas com quatro inscrições dentro de um losango com as iniciais “JHS”, rematados por quatro pináculos. Arandela com o mesmo registo da base e bocal estreito ornado com motivos vegetalista.

Inventário do Património Cultural Móvel da Igreja Matriz de Santa Cruz

Dimensões

Altura: 61 cm
Largura: 15 cm
Profundidade: 15 cm

Datação

Ano(s): Não determinado
Século(s): XIX/XX (?)
Justificação da data: Apreciação estilística.

Informação Técnica

Matéria: Metal dourado
Técnica: Cinzelado
Fundido
Gravado
Repuxado
Soldado

Conservação

Estado: Deficiente
Especificações: Visível produto de coloração verde (compostos de cobre). Constituem um perigo real para a conservação, participando em processos de corrosão que pode ser muito rápida e profunda, em condições de ambiente favoráveis, ou seja, com teores elevados de humidade relativa e de luz. Peça que exige uma rápida intervenção de conservação.
Data: 12-08-2015

Autoria

Nome: Desconhecido
Tipo: Desconhecido
Ofício: Desconhecido

Produção

Oficina/ Fabricante: Desconhecido
Local de Execução: Desconhecido
Escola/Estilo/Movimento: Desconhecido

Incorporação

Data de Incorporação: 00/00/0000
Ano(s): Desconhecido
Modo de Incorporação: Desconhecido
Descrição: Desconhecido

Localização

Localização: Exposição || Altar lateral do lado da Epístola

Local e data de conclusão da ficha

Lagoa, 12 de agosto de 2015

Inventariante

Joana Simas

Ficha de Inventário

Identificação da Peça

Instituição/ Proprietário: Fábrica da Igreja Paroquial de Santa Cruz – Diocese de Angra

Localização: Concelho de Lagoa, Santa Cruz

Categoria: Metais

Denominação: Castiçal

Elemento de conjunto: não

Nº de Inventário: PSC/068

Marcação: interior da base

Nº de Inventário anteriores: (não se aplica)



Descrição

Castiçal com a base triangular tipo piramidal de faces decoradas por folheado ao centro e perfis ondulados por volutas e assente em três pés quadrangulares emoldurados de orla lisa. Haste abalaustrada, com caneluras, assente em anel trilobado que forma a arandela circular gomada. Bocal cilíndrico assente em pequeno pedestal e emoldurado por filetes.

Inventário do Património Cultural Móvel da Igreja Matriz de Santa Cruz

Dimensões

Altura: 32 cm
Largura: 34 cm

Datação

Ano(s): Não determinado
Século(s): XX
Justificação da data: Apreciação estilística.

Informação Técnica

Matéria: Ferro
Técnica: Repuxado

Conservação

Estado: Bom
Especificações: Peça relativamente estável.
Data: 18-11-2014

Autoria

Nome: Desconhecido
Tipo: Desconhecido
Ofício: Desconhecido

Produção

Oficina/ Fabricante: Desconhecido
Local de Execução: Desconhecido
Escola/Estilo/Movimento: Desconhecido

Incorporação

Data de Incorporação: 00/00/0000
Ano(s): Desconhecido
Modo de Incorporação: Desconhecido
Descrição: Desconhecido

Localização

Localização: Exposição || Capela lateral do Lado da Epístola

Marcas/inscrições

Local e data de conclusão da ficha

Lagoa, 12 de agosto de 2015

Inventariante

Joana Simas

Ficha de Inventário

Identificação da Peça

Instituição/ Proprietário: Fábrica da Igreja Paroquial de Santa Cruz – Diocese de Angra

Localização: Concelho de Lagoa, Santa Cruz

Categoria: Metais

Denominação: Castiçal

Elemento de conjunto: não

Nº de Inventário: PSC/069

Marcação: interior da base

Nº de Inventário anteriores: (não se aplica)



Descrição

Castiçal com a base triangular tipo piramidal de faces decoradas por folheado ao centro e perfis ondulados por volutas e assente em três pés quadrangulares emoldurados de orla lisa. Haste abalaustrada, com caneluras, assente em anel trilobado que forma a arandela circular gomada. Bocal cilíndrico assente em pequeno pedestal e emoldurado por filetes.

Inventário do Património Cultural Móvel da Igreja Matriz de Santa Cruz

Dimensões

Altura: 32 cm
Largura: 34 cm

Datação

Ano(s): Não determinado
Século(s): XX
Justificação da data: Apreciação estilística.

Informação Técnica

Matéria: Ferro
Técnica: Repuxado

Conservação

Estado: Bom
Especificações: Peça relativamente estável.
Data: 18-11-2014

Autoria

Nome: Desconhecido
Tipo: Desconhecido
Ofício: Desconhecido

Produção

Oficina/ Fabricante: Desconhecido
Local de Execução: Desconhecido
Escola/Estilo/Movimento: Desconhecido

Incorporação

Data de Incorporação: 00/00/0000
Ano(s): Desconhecido
Modo de Incorporação: Desconhecido
Descrição: Desconhecido

Localização

Localização: Exposição || Capela lateral do Lado da Epístola

Marcas/inscrições

Local e data de conclusão da ficha

Lagoa, 12 de agosto de 2015

Inventariante

Joana Simas

Ficha de Inventário

Identificação da Peça

Instituição/ Proprietário: Fábrica da Igreja Paroquial de Santa Cruz – Diocese de Angra

Localização: Concelho de Lagoa, Santa Cruz

Categoria: Metais

Denominação: Castiçal

Elemento de conjunto: não

Nº de Inventário: PSC/070

Marcação: interior da base

Nº de Inventário anteriores: (não se aplica)



Descrição

Castiçal com a base triangular tipo piramidal de faces decoradas por folheado ao centro e perfis ondulados por volutas e assente em três pés quadrangulares emoldurados de orla lisa. Haste abalaustrada, com caneluras, assente em anel trilobado que forma a arandela circular gomada. Bocal cilíndrico assente em pequeno pedestal e emoldurado por filetes.

Inventário do Património Cultural Móvel da Igreja Matriz de Santa Cruz

Dimensões

Altura: 32 cm
Largura: 34 cm

Datação

Ano(s): Não determinado
Século(s): XX
Justificação da data: Apreciação estilística.

Informação Técnica

Matéria: Ferro
Técnica: Repuxado

Conservação

Estado: Bom
Especificações: Peça relativamente estável.
Data: 18-11-2014

Autoria

Nome: Desconhecido
Tipo: Desconhecido
Ofício: Desconhecido

Produção

Oficina/ Fabricante: Desconhecido
Local de Execução: Desconhecido
Escola/Estilo/Movimento: Desconhecido

Incorporação

Data de Incorporação: 00/00/0000
Ano(s): Desconhecido
Modo de Incorporação: Desconhecido
Descrição: Desconhecido

Localização

Localização: Exposição || Capela lateral do Lado da Epístola

Marcas/inscrições

Local e data de conclusão da ficha

Lagoa, 12 de agosto de 2015

Inventariante

Joana Simas

Ficha de Inventário

Identificação da Peça

Instituição/ Proprietário: Fábrica da Igreja Paroquial de Santa Cruz – Diocese de Angra

Localização: Concelho de Lagoa, Santa Cruz

Categoria: Metais

Denominação: Castiçal

Elemento de conjunto: não

Nº de Inventário: PSC/071

Marcação: interior da base

Nº de Inventário anteriores: (não se aplica)



Descrição

Castiçal com a base triangular tipo piramidal de faces decoradas por folheado ao centro e perfis ondulados por volutas e assente em três pés quadrangulares emoldurados de orla lisa. Haste abalaustrada, com caneluras, assente em anel trilobado que forma a arandela circular gomada. Bocal cilíndrico assente em pequeno pedestal e emoldurado por filetes.

Inventário do Património Cultural Móvel da Igreja Matriz de Santa Cruz

Dimensões

Altura: 32 cm
Largura: 34 cm

Datação

Ano(s): Não determinado
Século(s): XX
Justificação da data: Apreciação estilística.

Informação Técnica

Matéria: Ferro
Técnica: Repuxado

Conservação

Estado: Bom
Especificações: Peça relativamente estável.
Data: 18-11-2014

Autoria

Nome: Desconhecido
Tipo: Desconhecido
Ofício: Desconhecido

Produção

Oficina/ Fabricante: Desconhecido
Local de Execução: Desconhecido
Escola/Estilo/Movimento: Desconhecido

Incorporação

Data de Incorporação: 00/00/0000
Ano(s): Desconhecido
Modo de Incorporação: Desconhecido
Descrição: Desconhecido

Localização

Localização: Exposição || Capela lateral do Lado da Epístola

Marcas/inscrições

Local e data de conclusão da ficha

Lagoa, 12 de agosto de 2015

Inventariante

Joana Simas

Ficha de Inventário

Identificação da Peça

Instituição/ Proprietário: Fábrica da Igreja Paroquial de Santa Cruz – Diocese de Angra

Localização: Concelho de Lagoa, Santa Cruz

Categoria: Cerâmica

Subcategoria: Cerâmica de equipamento

Denominação: Jarra (par)

Elemento de conjunto: não

Nº de Inventário: PSC/072

Marcação: verso da base

Nº de Inventário anteriores: (não se aplica)



Descrição

Objeto com vocações utilitárias, decorativas e artísticas pertencentes à produção tecnológica de objetos manufaturados. Peça rodada, tipo balaústre, com bojo pronunciado, colo demarcado e gola troncocónica elevada. A peça é decorada em dois tipos de registo pintados à mão com tinta azul: o primeiro, uma cruz, a espiga, o cálice, a hóstia com inscrição “JHS” e as uvas; no segundo registo brota um ramo florido, que se estende às ilhargas da peça.

Inventário do Património Cultural Móvel da Igreja Matriz de Santa Cruz

Dimensões

Altura: 39 cm
Diâmetro da base: 45 cm

Datação

Ano(s): Não determinado
Século(s): XX
Justificação da data: No verso da base encontra-se a inscrição da data de fabrico da peça.

Informação Técnica

Matéria: Barro
Técnica: Banho
Cozedura
Esmaltagem
Modelagem
Roda
Torneamento
Vidrado

Conservação

Estado: Bom
Especificações: Peça sem problemas de conservação.
Data: 03-11-2014

Autoria

Nome: Desconhecido
Tipo: Desconhecido
Ofício: Desconhecido

Produção

Oficina/ Fabricante: José Augusto M. Vieira e Fls. LDA – Cerâmica Vieira
Local de Execução: Lagoa (S. Miguel – Açores)
Escola/Estilo/Movimento: Cerâmica Lagoense

Incorporação

Data de Incorporação: 00/00/0000
Ano(s): Desconhecido
Modo de Incorporação: Aquisição
Descrição: Desconhecido

Localização

Localização: Sacristia

Marcas/inscrições

Inscrição no verso da base pintada a azul:
"212-R
C. VIEIRA
S. MIGUEL
AÇORES"

Inventário do Património Cultural Móvel da Igreja Matriz de Santa Cruz

Local e data de conclusão da ficha

Lagoa, 03 de novembro de 2014

Inventariante

Joana Simas

Ficha de Inventário

Identificação da Peça

Instituição/ Proprietário: Fábrica da Igreja Paroquial de Santa Cruz – Diocese de Angra

Localização: Concelho de Lagoa, Santa Cruz

Categoria: Cerâmica

Subcategoria: Cerâmica de equipamento

Denominação: Jarra (par)

Elemento de conjunto: não

Nº de Inventário: PSC/073

Marcação: verso da base

Nº de Inventário anteriores: (não se aplica)



Descrição

Objeto com vocações utilitárias, decorativas e artísticas pertencentes à produção tecnológica de objetos manufaturados. Peça rodada, tipo balaústre, com bojo pronunciado, colo demarcado e gola troncocónica elevada. A peça é decorada em dois tipos de registo pintados à mão com tinta azul: o primeiro, uma cruz, a espiga, o cálice, a hóstia com inscrição “JHS” e as uvas; no segundo registo brota um ramo florido, que se estende às ilhargas da peça.

Inventário do Património Cultural Móvel da Igreja Matriz de Santa Cruz

Dimensões

Altura: 39 cm
Diâmetro da base: 45 cm

Datação

Ano(s): Não determinado
Século(s): XX
Justificação da data: No verso da base encontra-se a inscrição da data de fabrico da peça.

Informação Técnica

Matéria: Barro
Técnica: Banho
Cozedura
Esmaltagem
Modelagem
Roda
Torneamento
Vidrado

Conservação

Estado: Bom
Especificações: Peça sem problemas de conservação.
Data: 03-11-2014

Autoria

Nome: Desconhecido
Tipo: Desconhecido
Ofício: Desconhecido

Produção

Oficina/ Fabricante: José Augusto M. Vieira e Fls. LDA – Cerâmica Vieira
Local de Execução: Lagoa (S. Miguel – Açores)
Escola/Estilo/Movimento: Cerâmica Lagoense

Incorporação

Data de Incorporação: 00/00/0000
Ano(s): Desconhecido
Modo de Incorporação: Aquisição
Descrição: Desconhecido

Localização

Localização: Sacristia

Marcas/inscrições

Inscrição no verso da base pintada a azul:
"212-R
C. VIEIRA
S. MIGUEL
AÇORES"

Inventário do Património Cultural Móvel da Igreja Matriz de Santa Cruz

Local e data de conclusão da ficha

Lagoa, 03 de novembro de 2014

Inventariante

Joana Simas

Ficha de Inventário

Identificação da Peça

Instituição/ Proprietário: Fábrica da Igreja Paroquial de Santa Cruz – Diocese de Angra

Localização: Concelho de Lagoa, Santa Cruz

Categoria: Mobiliário

Subcategoria: Mobiliário Civil

Denominação: Castiçal

Elemento de conjunto: não

Nº de Inventário: PSC/074

Marcação: verso da base

Nº de Inventário anteriores: (não se aplica)



Descrição

Castiçal de base circular alteada ao centro, com fuste, bocal e arandela. A base de perfil convexo sustenta a haste balaustriforme formada por bolachas, anéis de liga metálica e por secções de madeira torneada, suportados por espigão metálico, de rosca, com porca no interior na base. Arandela circular, com orla boleada, e bocal cilíndrico decorado por anéis nas extremidades.

Inventário do Património Cultural Móvel da Igreja Matriz de Santa Cruz

Dimensões

Altura: 54 cm
Diâmetro da base: 65 cm

Datação

Ano(s): Não determinado
Século(s): XVII/XVIII
Justificação da data: Apreciação estilística.

Informação Técnica

Matéria: Madeira (pau-santo)
Ferro [alma]
Latão
Técnica: Talha
Fundido
Recortado
Torneado

Conservação

Estado: Bom
Especificações: Peça estabilizada.
Data: 22-07-2015

Autoria

Nome: Desconhecido
Tipo: Desconhecido
Ofício: Desconhecido

Produção

Oficina/ Fabricante: Desconhecido
Local de Execução: Desconhecido
Escola/Estilo/Movimento: Desconhecido

Incorporação

Data de Incorporação: 00/00/0000
Ano(s): Desconhecido
Modo de Incorporação: Desconhecido
Descrição: Desconhecido

Localização

Localização: Arcaz

Local e data de conclusão da ficha

Lagoa, 22 de julho de 2015

Inventariante

Joana Simas

Ficha de Inventário

Identificação da Peça

Instituição/ Proprietário: Fábrica da Igreja Paroquial de Santa Cruz – Diocese de Angra

Localização: Concelho de Lagoa, Santa Cruz

Categoria: Mobiliário

Subcategoria: Mobiliário Civil

Denominação: Castiçal

Elemento de conjunto: não

Nº de Inventário: PSC/075

Marcação: verso da base

Nº de Inventário anteriores: (não se aplica)



Descrição

Castiçal de base circular alteada ao centro, com fuste, bocal e arandela. A base de perfil convexo sustenta a haste balaustriforme formada por bolachas, anéis de liga metálica e por secções de madeira torneada, suportados por espigão metálico, de rosca, com porca no interior na base. Arandela circular, com orla boleada, e bocal cilíndrico decorado por anéis nas extremidades.

Inventário do Património Cultural Móvel da Igreja Matriz de Santa Cruz

Dimensões

Altura: 54 cm
Diâmetro da base: 65 cm

Datação

Ano(s): Não determinado
Século(s): XVII/XVIII
Justificação da data: Apreciação estilística.

Informação Técnica

Matéria: Madeira (pau-santo)
Ferro [alma]
Latão
Técnica: Talha
Fundido
Recortado
Torneado

Conservação

Estado: Bom
Especificações: Peça estabilizada.
Data: 22-07-2015

Autoria

Nome: Desconhecido
Tipo: Desconhecido
Ofício: Desconhecido

Produção

Oficina/ Fabricante: Desconhecido
Local de Execução: Desconhecido
Escola/Estilo/Movimento: Desconhecido

Incorporação

Data de Incorporação: 00/00/0000
Ano(s): Desconhecido
Modo de Incorporação: Desconhecido
Descrição: Desconhecido

Localização

Localização: Arcaz

Local e data de conclusão da ficha

Lagoa, 22 de julho de 2015

Inventariante

Joana Simas

Ficha de Inventário

Identificação da Peça

Instituição/ Proprietário: Fábrica da Igreja Paroquial de Santa Cruz – Diocese de Angra

Localização: Concelho de Lagoa, Santa Cruz

Categoria: Mobiliário

Subcategoria: Mobiliário Civil

Denominação: Castiçal

Elemento de conjunto: não

Nº de Inventário: PSC/076

Marcação: verso da base

Nº de Inventário anteriores: (não se aplica)



Descrição

Castiçal de base circular alteada ao centro, com fuste, bocal e arandela. A base de perfil convexo sustenta a haste balaustriforme formada por bolachas, anéis de liga metálica e por secções de madeira torneada, suportados por espigão metálico, de rosca, com porca no interior na base. Arandela circular, com orla boleada, e bocal cilíndrico decorado por anéis nas extremidades.

Inventário do Património Cultural Móvel da Igreja Matriz de Santa Cruz

Dimensões

Altura: 54 cm
Diâmetro da base: 65 cm

Datação

Ano(s): Não determinado
Século(s): XVII/XVIII
Justificação da data: Apreciação estilística.

Informação Técnica

Matéria: Madeira (pau-santo)
Ferro [alma]
Latão
Técnica: Talha
Fundido
Recortado
Torneado

Conservação

Estado: Bom
Especificações: Peça estabilizada.
Data: 22-07-2015

Autoria

Nome: Desconhecido
Tipo: Desconhecido
Ofício: Desconhecido

Produção

Oficina/ Fabricante: Desconhecido
Local de Execução: Desconhecido
Escola/Estilo/Movimento: Desconhecido

Incorporação

Data de Incorporação: 00/00/0000
Ano(s): Desconhecido
Modo de Incorporação: Desconhecido
Descrição: Desconhecido

Localização

Localização: Arcaz

Local e data de conclusão da ficha

Lagoa, 22 de julho de 2015

Inventariante

Joana Simas

Ficha de Inventário

Identificação da Peça

Instituição/ Proprietário: Fábrica da Igreja Paroquial de Santa Cruz – Diocese de Angra

Localização: Concelho de Lagoa, Santa Cruz

Categoria: Mobiliário

Subcategoria: Mobiliário Civil

Denominação: Castiçal

Elemento de conjunto: não

Nº de Inventário: PSC/077

Marcação: verso da base

Nº de Inventário anteriores: (não se aplica)



Descrição

Castiçal de base circular alteada ao centro, com fuste, bocal e arandela. A base de perfil convexo sustenta a haste balaustriforme formada por bolachas, anéis de liga metálica e por secções de madeira torneada, suportados por espigão metálico, de rosca, com porca no interior na base. Arandela circular, com orla boleada, e bocal cilíndrico decorado por anéis nas extremidades.

Inventário do Património Cultural Móvel da Igreja Matriz de Santa Cruz

Dimensões

Altura: 54 cm
Diâmetro da base: 65 cm

Datação

Ano(s): Não determinado
Século(s): XVII/XVIII
Justificação da data: Apreciação estilística.

Informação Técnica

Matéria: Madeira (pau-santo)
Ferro [alma]
Latão
Técnica: Talha
Fundido
Recortado
Torneado

Conservação

Estado: Bom
Especificações: Peça estabilizada.
Data: 22-07-2015

Autoria

Nome: Desconhecido
Tipo: Desconhecido
Ofício: Desconhecido

Produção

Oficina/ Fabricante: Desconhecido
Local de Execução: Desconhecido
Escola/Estilo/Movimento: Desconhecido

Incorporação

Data de Incorporação: 00/00/0000
Ano(s): Desconhecido
Modo de Incorporação: Desconhecido
Descrição: Desconhecido

Localização

Localização: Arcaz

Local e data de conclusão da ficha

Lagoa, 22 de julho de 2015

Inventariante

Joana Simas

Ficha de Inventário

Identificação da Peça

Instituição/ Proprietário: Fábrica da Igreja Paroquial de Santa Cruz – Diocese de Angra

Localização: Concelho de Lagoa, Santa Cruz

Categoria: Escultura

Subcategoria: Escultura de vulto

Denominação: Virgem da Graça

Título: N. Sra. Graças (inscrito)

Outras denominações: Nossa Senhora da Graça

Elemento de conjunto: não

Nº de Inventário: PSC/078

Marcação: verso da base

Nº de Inventário anteriores: (não se aplica)



Descrição

Escultura. Escultura de vulto: imaginária. Imagem da Virgem da Graça representada de pé numa posição frontal, em cima de uma esfera cor-de-rosa e azul, que simboliza a orbe terrestre, onde calca uma serpente. O rosto de desenho arredondado revela grande serenidade na mirada baixa dos olhos rasgados, com os globos evidenciados, nariz proeminente e lábios finos ensaiando um sorriso. Imagem representada com uma túnica drapeada em tons de rosa de decote redondo, cintada, caindo em pregas vincadas tendendo para a verticalidade, deixando a descoberto a ponta dos sapatos dourados, cujo pregueado insinua o peito, cingido na cintura por fita de cor dourada. Tem manto azul de broado a dourado caindo de forma ondulante sobre os ombros e os braços abertos com as palmas das mãos voltadas para cima. Tem a cabeça coberta por um véu cor-de-rosa claro que segue a linha do pescoço, quase solto, não cobrindo completamente a cabeça, deixando visualizar uma estreita faixa de cabelos ondulados de cor castanho, junto às orelhas cai uma pequena madeixa de cabelos acompanhando-as a todo o comprimento. O conjunto é suportado por uma peanha octogonal.

Inventário do Património Cultural Móvel da Igreja Matriz de Santa Cruz

Dimensões

Altura: 30 cm
Largura: 16 cm

Datação

Ano(s): Não determinado
Século(s): XX/XXI
Justificação da data: Apreciação estilística e escultórica.

Informação Técnica

Matéria: Terracota
Técnica: Escultura de vulto pleno

Conservação

Estado: Muito Bom
Especificações: Peça em perfeito estado de conservação.
Data: 14-05-2015

Autoria

Nome: Desconhecido
Tipo: Desconhecido
Ofício: Desconhecido

Produção

Oficina/ Fabricante: Desconhecido
Local de Execução: Desconhecido
Escola/Estilo/Movimento: Desconhecido

Incorporação

Data de Incorporação: 00/00/0000
Ano(s): Desconhecido
Modo de Incorporação: Desconhecido
Descrição: Desconhecido

Localização

Localização: Sala de catequese

Marcas/inscrições

- Inscrição identificativa de personagem na frente da base:
“ N. Sra. Graças”

Local e data de conclusão da ficha

Lagoa, 14 de maio de 2015

Inventariante

Joana Simas

Ficha de Inventário

Identificação da Peça

Instituição/ Proprietário: Fábrica da Igreja Paroquial de Santa Cruz – Diocese de Angra

Localização: Concelho de Lagoa, Santa Cruz

Categoria: Ourivesaria

Denominação: Coroa

Elemento de conjunto: não

Nº de Inventário: PSC/079

Marcação: etiqueta

Nº de Inventário anteriores: (não se aplica)



Descrição

Coroa fechada de aro compósito decorado com fios de prata retorcidos. O corpo da peça é executado em filigrana, pontuado por pequenos círculos recortados e soldados à estrutura. Fechada por quatro imperiais, com pestana circular, rematados por esfera lisa. Dispõe de espigão central de encaixe. Inicialmente devia ser fechada por cinco imperiais, visto que se encontra lá a marca, e rematada por esfera lisa com uma cruz.

Inventário do Património Cultural Móvel da Igreja Matriz de Santa Cruz

Dimensões

Altura: 8 cm
Diâmetro: 17 cm

Datação

Ano(s): Não determinado
Século(s): XIX/XX
Justificação da data: Apreciação estilística.

Informação Técnica

Matéria: Prata
Técnica: Fundido
Soldado
Filigrana

Conservação

Estado: Regular
Especificações: Peça que apresenta deformações, falta de uma imperial, perda da cruz e deslocação de uma imperial. Carece de eventual intervenção para conservação curativa e/ou restauro.
Data: 04-08-2015

Autoria

Nome: Desconhecido
Tipo: Desconhecido
Ofício: Desconhecido

Produção

Oficina/ Fabricante: Desconhecido
Local de Execução: Desconhecido
Escola/Estilo/Movimento: Desconhecido

Incorporação

Data de Incorporação: Desconhecido
Ano(s): Desconhecido
Modo de Incorporação: Desconhecido
Descrição: Desconhecido

Localização

Localização: Sacristia (Nova atualização: Núcleo da Ourivesaria. 18-05-2017)

Local e data de conclusão da ficha

Lagoa, 04 de agosto de 2015

Inventariante

Joana Simas

Ficha de Inventário

Identificação da Peça

Instituição/ Proprietário: Fábrica da Igreja Paroquial de Santa Cruz – Diocese de Angra

Localização: Concelho de Lagoa, Santa Cruz

Categoria: Ourivesaria

Denominação: Coroa

Elemento de conjunto: não

Nº de Inventário: PSC/080

Marcação: travessão e etiqueta

Nº de Inventário anteriores: (não se aplica)



Descrição

Coroa fechada com aro de moldura de perfil côncavo decorada por motivos geométricos - ovalados e losangos - a sugerir pedraria, e outra meia-cana de torçal de acantos estilizados. com ovalados e losangos a simular pedraria em curva e contra-curva com faixa gravada por enrolamentos estilizados e com motivos florais. Corpo com o rebordo recortado, formado por quatro cabeças de anjos relevadas entre as asas, composto por entrelaçado de volutas. Fechada por quatro imperiais que convergem em feixe para o topo e fecham em pestana quadrangular, ornamentados por motivos fitomórficos e vegetalistas puncionados simulando pedraria. O conjunto é rematado por cruz grega balaustriforme. Dispõe de espigão de encaixe.

Inventário do Património Cultural Móvel da Igreja Matriz de Santa Cruz

Dimensões

Altura: 16 cm
Diâmetro: 34 cm

Datação

Ano(s): Não determinado
Século(s): XVII/XVIII (?)
Justificação da data: Apreciação estilística.

Informação Técnica

Matéria: Prata
Técnica: Cinzelado
Fundido
Recortado
Repuxado
Soldado

Conservação

Estado: Bom
Especificações: Peça estabilizada, apresentando uma pequena deformação causada pelo uso ou por acidente no encaixe do espigão.
Data: 04-08-2015

Autoria

Nome: Desconhecido
Tipo: Desconhecido
Ofício: Desconhecido

Produção

Oficina/ Fabricante: Desconhecido
Local de Execução: Desconhecido
Escola/Estilo/Movimento: Desconhecido

Incorporação

Data de Incorporação: Desconhecido
Ano(s): Desconhecido
Modo de Incorporação: Desconhecido
Descrição: Desconhecido

Localização

Localização: Sacristia (Nova atualização: Núcleo da Ourivesaria. 18-05-2017)

Local e data de conclusão da ficha

Lagoa, 04 de agosto de 2015

Inventariante

Joana Simas

Ficha de Inventário

Identificação da Peça

Instituição/ Proprietário: Fábrica da Igreja Paroquial de Santa Cruz – Diocese de Angra

Localização: Concelho de Lagoa, Santa Cruz

Categoria: Metal

Denominação: Coroa

Elemento de conjunto: não

Nº de Inventário: PSC/081

Marcação: etiqueta

Nº de Inventário anteriores: (não se aplica)



Descrição

Coroa fechada com aro em faixa lisa e corpo recortado. Fechada por seis imperiais que convergem em feixe para o topo. O conjunto é rematado por cruz grega. Dispõe de um elástico.

Inventário do Património Cultural Móvel da Igreja Matriz de Santa Cruz

Dimensões

Altura: 20 cm
Diâmetro: 48 cm

Datação

Ano(s): Não determinado
Século(s): Não determinado
Justificação da data:

Informação Técnica

Matéria: Zinco
Técnica: Fundido
Recortado
Soldado

Conservação

Estado: Deficiente
Especificações: Apresenta sinais de corrosão ativa.
Data: 04-08-2015

Autoria

Nome: Desconhecido
Tipo: Desconhecido
Ofício: Desconhecido

Produção

Oficina/ Fabricante: Desconhecido
Local de Execução: Desconhecido
Escola/Estilo/Movimento: Desconhecido

Incorporação

Data de Incorporação: Desconhecido
Ano(s): Desconhecido
Modo de Incorporação: Desconhecido
Descrição: Desconhecido

Localização

Localização: Sacristia

Local e data de conclusão da ficha

Lagoa, 04 de agosto de 2015

Inventariante

Joana Simas

Ficha de Inventário

Identificação da Peça

Instituição/ Proprietário: Fábrica da Igreja Paroquial de Santa Cruz – Diocese de Angra

Localização: Concelho de Lagoa, Santa Cruz

Categoria: Ourivesaria

Denominação: Coroa

Elemento de conjunto: não

Nº de Inventário: PSC/082

Marcação: interior do aro e etiqueta

Nº de Inventário anteriores: (não se aplica)



Descrição

Coroa com aro compósito formado por faixa lisa, de rebordo saliente, decorada por enrolamentos estilizados e meia-cana de torçal de loureiro. Corpo formado por motivos florais, aletas e SS, formando entrelaçados de motivos fitomórficos e enrolamentos. Fechada por cinco imperiais fixos ao cesto por meio de roscas, também são recortados, convergindo em feixe no topo em pestana quadrangular, ornamentadas por motivos florais e fitomórficos muito estilizados. Remate em globo de prata que sustenta a pomba do Espírito Santo.

Inventário do Património Cultural Móvel da Igreja Matriz de Santa Cruz

Dimensões

Altura: 29 cm
Diâmetro: 65 cm

Datação

Ano(s): Não determinado
Século(s): XIX/XX
Justificação da data: Apreciação estilística.

Informação Técnica

Matéria: Prata
Técnica: Cinzelado
Fundido
Recortado
Repuxado

Conservação

Estado: Bom
Especificações: Peça estabilizada, embora uma imperial encontra-se deslocada do seu sítio, necessitando de restauro.
Data: 17-08-2015

Autoria

Nome: Desconhecido
Tipo: Desconhecido
Ofício: Desconhecido

Produção

Oficina/ Fabricante: Desconhecido
Local de Execução: Desconhecido
Escola/Estilo/Movimento: Desconhecido

Incorporação

Data de Incorporação: Desconhecido
Ano(s): Desconhecido
Modo de Incorporação: Desconhecido
Descrição: Desconhecido

Localização

Localização: Sacristia

Local e data de conclusão da ficha

Lagoa, 17 de agosto de 2015

Inventariante

Joana Simas

Ficha de Inventário

Identificação da Peça

Instituição/ Proprietário: Fábrica da Igreja Paroquial de Santa Cruz – Diocese de Angra

Localização: Concelho de Lagoa, Santa Cruz

Categoria: Ourivesaria

Denominação: Coroa

Elemento de conjunto: não

Nº de Inventário: PSC/083

Marcação: interior do aro e etiqueta

Nº de Inventário anteriores: (não se aplica)



Descrição

Coroa com aro compósito em dois registos: o primeiro formado por faixa lisa, o outro de rebordo saliente, decorada por enrolamentos estilizados e meia-cana de torçal de loureiro. Corpo formando entrelaçados de motivos fitomórficos e enrolamentos. Fechada por quatro imperiais convergindo em feixe no topo fechando em pestana quadrangular, ornamentadas por motivos vegetalistas e fitomórficos muito estilizados, profusamente recortados. Remate em globo de prata dourada que sustenta a pomba do Espírito Santo.

Inventário do Património Cultural Móvel da Igreja Matriz de Santa Cruz

Dimensões

Altura: 35 cm
Diâmetro: 70 cm

Datação

Ano(s): Não determinado
Século(s): XVIII
Justificação da data: Coroas do E.S. mais antigas apresentavam quatro hastes.

Informação Técnica

Matéria: Prata
Técnica: Cinzelado
Fundido
Recortado
Repuxado

Conservação

Estado: Bom
Especificações: Peça estabilizada.
Data: 17-08-2015

Autoria

Nome: Desconhecido
Tipo: Desconhecido
Ofício: Desconhecido

Produção

Oficina/ Fabricante: Desconhecido
Local de Execução: Desconhecido
Escola/Estilo/Movimento: Desconhecido

Incorporação

Data de Incorporação: 00/00/0000
Ano(s): Desconhecido
Modo de Incorporação: Desconhecido
Descrição: Desconhecido

Localização

Localização: Sacristia (Nova atualização:
Núcleo Processional. 18-05-2017)

Local e data de conclusão da ficha

Lagoa, 17 de agosto de 2015

Inventariante

Joana Simas

Ficha de Inventário

Identificação da Peça

Instituição/ Proprietário: Fábrica da Igreja Paroquial de Santa Cruz – Diocese de Angra

Localização: Concelho de Lagoa, Santa Cruz

Categoria: Ourivesaria

Denominação: Custódia-cálice

Outras denominações: Ostensório

Elemento de conjunto: não

Nº de Inventário: PSC/084

Marcação: verso da base

Nº de Inventário anteriores: (não se aplica)



Descrição

Custódia-cálice de base circular, de orla lisa, alteada em três registos de perfil convexo. A haste balaustrada arranca sobre um tambor cilíndrico. O nó assume a forma de urna de perfil côncavo, intercalado por anéis de superfície lisa e côncava. Copa cupuliforme lisa emoldurada por friso liso que serve de apoio à custódia com terminações de pequenos pés em forma de volutas enroladas. Tem hostiário de encaixe no cálice. A custódia é enquadrada por uma estrutura arquitetónica em templete, assente em entablamento, sob o qual pendem quatro pequenos pináculos invertidos. Templete composto por quatro colunas que ladeiam o hostiário. Recebe duas aletas em volutas incisadas, relevadas e recortadas. Ao centro apresenta hostiário de formato circular, de moldura lisa, luneta de vidro no qual se deposita lúnula em prata dourada que assume a forma de querubim. O remate do baldaquino é feito por entablamento de feição idêntica ao inferior, sobre o qual assentam quatro pináculos e, ao centro, uma cúpula lisa rematada por tambor cilíndrico liso. Sobre este ergue-se uma cruz latina, amovível, de pontas segmentadas.

Inventário do Património Cultural Móvel da Igreja Matriz de Santa Cruz

Dimensões

Altura: 73 cm
Largura: 24 cm
Diâmetro: 67 cm (base)

Datação

Ano(s): Não determinado
Século(s): XVII
Justificação da data: Apreciação estilística.

Informação Técnica

Matéria: Prata
Vidro
Técnica: Cinzelado
Dourado
Fundido
Recortado
Repuxado

Conservação

Estado: Bom
Especificações: Peça estabilizada.
Data: 17-08-2015

Autoria

Nome: Desconhecido
Tipo: Desconhecido
Ofício: Desconhecido

Produção

Oficina/ Fabricante: Desconhecido
Local de Execução: Desconhecido
Escola/Estilo/Movimento: Desconhecido

Incorporação

Data de Incorporação: 00/00/0000
Ano(s): Desconhecido
Modo de Incorporação: Desconhecido
Descrição: Desconhecido

Localização

Localização: Sacristia (Nova atualização:
Núcleo da ourivesaria. 18-05-2017)

Marcas/inscrições

Possui marca não perceptível.

Local e data de conclusão da ficha

Lagoa, 17 de agosto de 2015

Inventariante

Joana Simas

Ficha de Inventário

Identificação da Peça

Instituição/ Proprietário: Fábrica da Igreja Paroquial de Santa Cruz – Diocese de Angra

Localização: Concelho de Lagoa, Santa Cruz

Categoria: Ourivesaria

Denominação: Píxide

Outras denominações: Cibório

Elemento de conjunto: não

Nº de Inventário: PSC/085

Marcação: verso da base

Nº de Inventário anteriores: (não se aplica)



Descrição

Píxide em prata com base de forma circular de orla lisa, decorada por faixa com flores que se entrelaçam com folhagem, alteada ao centro com arranque do pé troncocónico. Haste com nó periforme emoldurado por anéis incisos. Copa cilíndrica dourada de orla lisa, encimada por tampa cupuliforme, de encaixe, com decoração incisa similar à da base. Tanto a copa como a tampa possuem lateralmente duas argolas de suspensão. Rematada por cruz grega com extremidades dos braços flordelizada, com resplendor quadrangular a decorar.

Inventário do Património Cultural Móvel da Igreja Matriz de Santa Cruz

Dimensões

Altura: 13 cm
Diâmetro: 13 cm

Datação

Ano(s): Não determinado
Século(s): XIX/XX (?)
Justificação da data: Apreciação estilística.

Informação Técnica

Matéria: Prata
Técnica: Dourado
Fundido
Inciso
Relevado

Conservação

Estado: Bom
Especificações: Peça estabilizada.
Data: 27-08-2015

Autoria

Nome: Desconhecido
Tipo: Desconhecido
Ofício: Desconhecido

Produção

Oficina/ Fabricante: Desconhecido
Local de Execução: Desconhecido
Escola/Estilo/Movimento: Desconhecido

Incorporação

Data de Incorporação: 00/00/0000
Ano(s): Desconhecido
Modo de Incorporação: Desconhecido
Descrição: Desconhecido

Localização

Localização: Sacristia

Local e data de conclusão da ficha

Lagoa, 27 de agosto de 2015

Inventariante

Joana Simas

Ficha de Inventário

Identificação da Peça

Instituição/ Proprietário: Fábrica da Igreja Paroquial de Santa Cruz – Diocese de Angra

Localização: Concelho de Lagoa, Santa Cruz

Categoria: Ourivesaria

Denominação: Âmbula

Elemento de conjunto: não

Nº de Inventário: PSC/086

Marcação: verso da base

Nº de Inventário anteriores: (não se aplica)



Descrição

Âmbula de formato tronco-cónico. Bojo cilíndrico com a letra “O” gravada. Tampa de encaixe em forma de calote semiesférica plana com a letra “V” gravada.

Inventário do Património Cultural Móvel da Igreja Matriz de Santa Cruz

Dimensões

Altura: 11 cm
Diâmetro: 10 cm

Datação

Ano(s): Não determinado
Século(s): XX (?)
Justificação da data: Apreciação estilística.

Informação Técnica

Matéria: Prata
Técnica: Cinzelado
Fundido
Gravado

Conservação

Estado: Bom
Especificações: Peça estabilizada.
Data: 18-08-2015

Autoria

Nome: Desconhecido
Tipo: Desconhecido
Ofício: Desconhecido

Produção

Oficina/ Fabricante: Desconhecido
Local de Execução: Desconhecido
Escola/Estilo/Movimento: Desconhecido

Incorporação

Data de Incorporação: Desconhecido
Ano(s): Desconhecido
Modo de Incorporação: Desconhecido
Descrição: Desconhecido

Localização

Localização: Sacristia (Nova atualização:
Núcleo da Ourivesaria. 18-07-2018)

Local e data de conclusão da ficha

Lagoa, 18 de agosto de 2015

Inventariante

Joana Simas

Ficha de Inventário

Identificação da Peça

Instituição/ Proprietário: Fábrica da Igreja Paroquial de Santa Cruz – Diocese de Angra

Localização: Concelho de Lagoa, Santa Cruz

Categoria: Ourivesaria

Denominação: Âmbula

Elemento de conjunto: não

Nº de Inventário: PSC/087

Marcação: verso da base

Nº de Inventário anteriores: (não se aplica)



Descrição

Âmbula de formato tronco-cónico. Bojo cilíndrico com a letra “V” gravada. Tampa de encaixe em forma de calote semiesférica plana com a letra “C” gravada.

Inventário do Património Cultural Móvel da Igreja Matriz de Santa Cruz

Dimensões

Altura: 11 cm
Diâmetro: 10 cm

Datação

Ano(s): Não determinado
Século(s): XX (?)
Justificação da data: Apreciação estilística.

Informação Técnica

Matéria: Prata
Técnica: Cinzelado
Fundido
Gravado

Conservação

Estado: Bom
Especificações: Peça estabilizada.
Data: 18-08-2015

Autoria

Nome: Desconhecido
Tipo: Desconhecido
Ofício: Desconhecido

Produção

Oficina/ Fabricante: Desconhecido
Local de Execução: Desconhecido
Escola/Estilo/Movimento: Desconhecido

Incorporação

Data de Incorporação: Desconhecido
Ano(s): Desconhecido
Modo de Incorporação: Desconhecido
Descrição: Desconhecido

Localização

Localização: Sacristia (Nova atualização:
Núcleo da Ourivesaria)

Local e data de conclusão da ficha

Lagoa, 18 de agosto de 2015

Inventariante

Joana Simas

Ficha de Inventário

Identificação da Peça

Instituição/ Proprietário: Fábrica da Igreja Paroquial de Santa Cruz – Diocese de Angra

Localização: Concelho de Lagoa, Santa Cruz

Categoria: Ourivesaria

Denominação: Âmbula

Elemento de conjunto: não

Nº de Inventário: PSC/088

Marcação: verso da base

Nº de Inventário anteriores: (não se aplica)



Descrição

Âmbula de formato tronco-cónico. Bojo cilíndrico com a letra “O” gravada. Tampa de encaixe em forma de calote semiesférica plana com a letra “C” gravada.

Inventário do Património Cultural Móvel da Igreja Matriz de Santa Cruz

Dimensões

Altura: 11 cm
Diâmetro: 10 cm

Datação

Ano(s): Não determinado
Século(s): XX (?)
Justificação da data: Análise estilística.

Informação Técnica

Matéria: Prata
Técnica: Cinzelado
Fundido
Gravado

Conservação

Estado: Bom
Especificações: Peça estabilizada.
Data: 18-08-2015

Autoria

Nome: Desconhecido
Tipo: Desconhecido
Ofício: Desconhecido

Produção

Oficina/ Fabricante: Desconhecido
Local de Execução: Desconhecido
Escola/Estilo/Movimento: Desconhecido

Incorporação

Data de Incorporação: Desconhecido
Ano(s): Desconhecido
Modo de Incorporação: Desconhecido
Descrição: Desconhecido

Localização

Localização: Sacristia (Nova atualização:
Núcleo da Ourivesaria. 18-05-2017)

Local e data de conclusão da ficha

Lagoa, 18 de agosto de 2015

Inventariante

Joana Simas

Ficha de Inventário

Identificação da Peça

Instituição/ Proprietário: Fábrica da Igreja Paroquial de Santa Cruz – Diocese de Angra

Localização: Concelho de Lagoa, Santa Cruz

Categoria: Ourivesaria

Denominação: Hissope

Elemento de conjunto: não

Nº de Inventário: PSC/089

Marcação: etiqueta

Nº de Inventário anteriores: (não se aplica)



Descrição

Hissope em prata com cabo cilíndrico decorado com linhas incisas e esfera de aspersão de formato cilíndrico com pequenos orifícios circulares.

Inventário do Património Cultural Móvel da Igreja Matriz de Santa Cruz

Dimensões

Altura: 9 cm
Diâmetro: 5 cm

Datação

Ano(s): Não determinado
Século(s): XX
Justificação da data: Apreciação estilística.

Informação Técnica

Matéria: Prata (?)
Técnica: Fundido
Recortado

Conservação

Estado: Bom
Especificações: Peça estabilizada.
Data: 28-08-2015

Autoria

Nome: Desconhecido
Tipo: Desconhecido
Ofício: Desconhecido

Produção

Oficina/ Fabricante: Desconhecido
Local de Execução: Desconhecido
Escola/Estilo/Movimento: Desconhecido

Incorporação

Data de Incorporação: 00/00/0000
Ano(s): Desconhecido
Modo de Incorporação: Desconhecido
Descrição: Desconhecido

Localização

Localização: Sacristia

Local e data de conclusão da ficha

Lagoa, 28 de agosto de 2015

Inventariante

Joana Simas

Ficha de Inventário

Identificação da Peça

Instituição/ Proprietário: Fábrica da Igreja Paroquial de Santa Cruz – Diocese de Angra

Localização: Concelho de Lagoa, Santa Cruz

Categoria: Ourivesaria

Denominação: Custódia

Outras denominações: Ostensório

Elemento de conjunto: não

Nº de Inventário: PSC/090

Marcação: interior da base

Nº de Inventário anteriores: (não se aplica)



Descrição

Custódia em prata dourada com base circular, alteada ao centro com arranque da base campanular. Haste balaústriforme com nó em esfera achatada. Hostiário fixo de formato circular com viril liso envidraçado. Contornado por resplendor de raios setiformes com as mesmas dimensões contendo nos raios inferiores uma pomba do Espírito Santo. Ostensório rematado por cruz latina de extremidades setiformes. Contém inscrição no cimo da base.

Inventário do Património Cultural Móvel da Igreja Matriz de Santa Cruz

Dimensões

Altura: 45 cm
Largura: 20 cm
Profundidade: 15 cm

Datação

Ano(s): Segunda metade do século XX
Século(s): XX
Justificação da data: Inscrição na base relativamente ao ano de falecimento da pessoa a que a custódia faz memória.

Informação Técnica

Matéria: Latão
Vidro
Técnica: Cinzelado
Dourado
Fundido
Gravado

Conservação

Estado: Bom
Especificações: Peça estabilizada.
Data: 18-08-2015

Autoria

Nome: Desconhecido
Tipo: Desconhecido
Ofício: Desconhecido

Produção

Oficina/ Fabricante: Desconhecido
Local de Execução: Desconhecido
Escola/Estilo/Movimento: Desconhecido

Incorporação

Data de Incorporação: 00/00/0000
Ano(s): Desconhecido
Modo de Incorporação: Doação
Descrição: Doação em memória de Conceição Melo.

Localização

Localização: Sacristia

Marcas/inscrições

Inscrição gravada no cimo da base:
"A IGREJA DE SANTA CRUZ
EM MEMÓRIA DE CONCEIÇÃO MELO
FALECEU 2-1-69"

Local e data de conclusão da ficha

Lagoa, 18 de agosto de 2015

Inventariante

Joana Simas

Ficha de Inventário

Identificação da Peça

Instituição/ Proprietário: Fábrica da Igreja Paroquial de Santa Cruz – Diocese de Angra

Localização: Concelho de Lagoa, Santa Cruz

Categoria: Ourivesaria

Denominação: Cruz-relicário do Santo Lenho

Título: Santo-Lenho

Elemento de conjunto: não

Nº de Inventário: PSC/091

Marcação: interior da base

Nº de Inventário anteriores: (não se aplica)



Descrição

Cruz relicário do Santo Lenho com base circular com rebordo liso. Parte superior em forma de cruz com pontas segmentas e ornamentada com formas flamejantes e com resplendor de raios pontiagudos lisos incorporado. Braços da cruz ornamentados com pontilhado miúdo e motivos fitomórficos envolventes ao vidro que protege a relíquia.

Inventário do Património Cultural Móvel da Igreja Matriz de Santa Cruz

Dimensões

Altura: 34 cm
Largura: 13 cm
Diâmetro: 32 cm

Datação

Ano(s): 1714
Século(s): XVIII
Justificação da data: Encontrada a data no *Livro de Tombo de St^a Cruz Lagoa 1605-1896*, p. 64

Informação Técnica

Matéria: Prata
Técnica: Cinzelado
Fundido

Conservação

Estado: Bom
Especificações: Peça estável em termos de conservação.
Data: 18-08-2014

Autoria

Nome: Desconhecido
Tipo: Desconhecido
Ofício: Desconhecido

Produção

Oficina/ Fabricante: Desconhecido
Local de Execução: Desconhecido
Escola/Estilo/Movimento: Desconhecido

Incorporação

Data de Incorporação: 00/00/0000
Ano(s): Desconhecido
Modo de Incorporação: Doação
Descrição: Desconhecido

Localização

Localização: Sacristia (Nova atualização: Núcleo da Ourivesaria. 18-05-2017)

Marcas/inscrições

Local e data de conclusão da ficha

Lagoa, 18 de agosto de 2015

Inventariante

Joana Simas

Ficha de Inventário

Identificação da Peça

Instituição/ Proprietário: Fábrica da Igreja Paroquial de Santa Cruz – Diocese de Angra

Localização: Concelho de Lagoa, Santa Cruz

Categoria: Pintura

Denominação: Imaculado Coração de Maria

Elemento de conjunto: não

Nº de Inventário: PSC/092

Marcação: verso

Nº de Inventário anteriores: (não se aplica)



Descrição

Litografia com a temática do Sagrado Coração de Maria. Imagem do Coração Imaculado de Maria de pé e em posição frontal, de olhar direcionado para baixo. Surge com o braço direito a segurar um rosário com os dedos voltados para cima, e o outro braço segura um coração flamejante e resplendoroso rodeado de raios luminosos. Enverga uma túnica de decote redondo. Sobre a cabeça, cobre-lhe um véu e um aro.

Inventário do Património Cultural Móvel da Igreja Matriz de Santa Cruz

Dimensões

Altura: 62 cm
Largura: 44 cm

Datação

Ano(s): Não determinado
Século(s): XX
Justificação da data: Encontra-se inscrito no papel.

Informação Técnica

Matéria: Papel
Técnica: Impressão

Conservação

Estado: Bom
Especificações: Peça sem problemas de conservação.
Data: 22-05-2015

Autoria

Nome: Desconhecido
Tipo: Desconhecido
Ofício: Desconhecido

Produção

Oficina/ Fabricante: Desconhecido
Local de Execução: Lisboa
Escola/Estilo/Movimento: Desconhecido

Incorporação

Data de Incorporação: 00/00/0000
Ano(s): Desconhecido
Modo de Incorporação: Desconhecido
Descrição: Desconhecido

Localização

Localização: Reservas

Marcas/inscrições

Inscrição “O meu Coração Imaculado será o teu refúgio.
N. Sra. de Fátima, Junho de 1917”

Local e data de conclusão da ficha

Lagoa, 22 de maio de 2015

Inventariante

Joana Simas

Ficha de Inventário

Identificação da Peça

Instituição/ Proprietário: Fábrica da Igreja Paroquial de Santa Cruz – Diocese de Angra

Localização: Concelho de Lagoa, Santa Cruz

Categoria: Ourivesaria

Denominação: Custódia

Outras denominações: Ostensório

Elemento de conjunto: não

Nº de Inventário: PSC/093

Marcação: interior da base

Nº de Inventário anteriores: (não se aplica)



Descrição

Custódia com base circular assente em três pés de voluta ornamentada por motivos vegetalistas. A base é decorada por motivos vegetalistas e alteada ao centro. Haste balaústriforme com nó esférico achatado decorado por elementos vegetalistas. O corpo superior da haste é adornado por uma peça vegetalista recortada com enrolamentos. Hostiário fixo com viril circular moldurado com friso de perlados e friso liso de dezanove pequenas pedras e envidraçado. A decoração da moldura do viril é formada por composição de elementos vegetalistas e fitomórficos. Contornado por resplendor circular com raios setiformes, agrupados em conjuntos de diferentes dimensões e formas, raios lisos e serpentiformes alternantes, rematado por cruz latina de extremidades trilobadas e decorada por flor central com resplendor de quatro raios.

Inventário do Património Cultural Móvel da Igreja Matriz de Santa Cruz

Dimensões

Altura: 49 cm
Largura: 27 cm
Profundidade: 18 cm

Datação

Ano(s): Não determinado
Século(s): XIX (?)
Justificação da data: Análise estilística.

Informação Técnica

Matéria: Latão
Vidro
Técnica: Cinzelado
Dourado
Fundido
Recortado
Repuxado

Conservação

Estado: Bom
Especificações: Peça estabilizada.
Data: 18-08-2015

Autoria

Nome: Desconhecido
Tipo: Desconhecido
Ofício: Desconhecido

Produção

Oficina/ Fabricante: Desconhecido
Local de Execução: Desconhecido
Escola/Estilo/Movimento: Desconhecido

Incorporação

Data de Incorporação: 00/00/0000
Ano(s): Desconhecido
Modo de Incorporação: Desconhecido
Descrição: Desconhecido

Localização

Localização: Sacristia

Local e data de conclusão da ficha

Lagoa, 18 de agosto de 2015

Inventariante

Joana Simas

Ficha de Inventário

Identificação da Peça

Instituição/ Proprietário: Fábrica da Igreja Paroquial de Santa Cruz – Diocese de Angra

Localização: Concelho de Lagoa, Santa Cruz

Categoria: Pintura

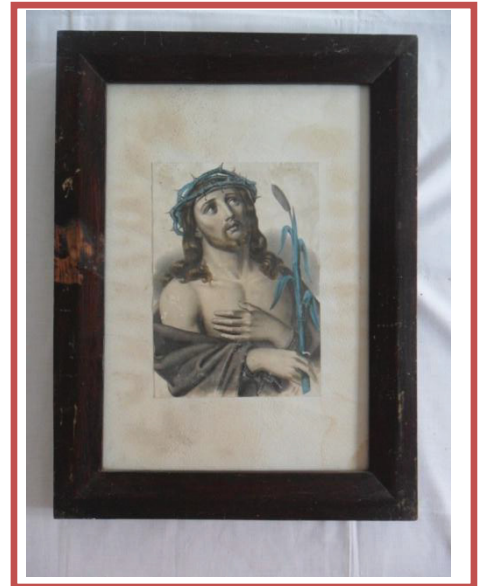
Denominação: Ecce Homo

Elemento de conjunto: não

Nº de Inventário: PSC/094

Marcação: verso

Nº de Inventário anteriores: (não se aplica)



Descrição

Litografia com a temática da Paixão de Cristo, vislumbrando-se o Senhor da Cana Verde (Ecce Homo). Litografia de formato retangular, disposta na vertical e onde está representado Cristo na forma popularmente conhecida como Senhor da Cana Verde. No centro da composição encontra-se Cristo coroado com espinhos, com um manto a envolver-lhe os braços desnudos, segurando na mão direita uma cana, associado ao ceptro, e a outra mão junto do peito. Os olhos demonstram sofrimento.

Inventário do Património Cultural Móvel da Igreja Matriz de Santa Cruz

Dimensões

Altura: 50 cm
Largura: 35 cm

Datação

Ano(s): Não determinado
Século(s): XX
Justificação da data: Análise estilística.

Informação Técnica

Matéria: Papel
Técnica: Impressão

Conservação

Estado: Bom
Especificações: Peça sem problemas de conservação.
Data: 22-05-2015

Autoria

Nome: Desconhecido
Tipo: Desconhecido
Ofício: Desconhecido

Produção

Oficina/ Fabricante: Desconhecido
Local de Execução: Desconhecido
Escola/Estilo/Movimento: Desconhecido

Incorporação

Data de Incorporação: 00/00/0000
Ano(s): Desconhecido
Modo de Incorporação: Desconhecido
Descrição: Desconhecido

Localização

Localização: Reservas

Marcas/inscrições

Local e data de conclusão da ficha

Lagoa, 22 de maio de 2015

Inventariante

Joana Simas

Ficha de Inventário

Identificação da Peça

Instituição/ Proprietário: Fábrica da Igreja Paroquial de Santa Cruz – Diocese de Angra

Localização: Concelho de Lagoa, Santa Cruz

Categoria: Ourivesaria

Denominação: Coroa

Título: Coroa da Imaculada Conceição

Elemento de conjunto: não

Nº de Inventário: PSC/095

Marcação: etiqueta

Nº de Inventário anteriores: (não se aplica)



Descrição

Coroa aberta, com aro emoldurado e corpo de rebordo recortado. Aro compósito formado por faixa em meia-cana e faixa com sequência de pequenos círculos e rectângulos dispostos alternadamente sobre fundo liso. Cesto rematado por cartelas centradas por flor de três pétalas, intervaladas por espigão. Dispõe de espigão central de encaixe.

Inventário do Património Cultural Móvel da Igreja Matriz de Santa Cruz

Dimensões

Altura: 3 cm
Diâmetro: 23 cm

Datação

Ano(s): Não determinado
Século(s): Não determinado
Justificação da data:

Informação Técnica

Matéria: Prata (?)
Técnica: Fundido
Recortado

Conservação

Estado: Bom
Especificações: Peça estabilizada
apresentando duas faltas no acabamento.
Data: 07-08-2015

Autoria

Nome: Desconhecido
Tipo: Desconhecido
Ofício: Desconhecido

Produção

Oficina/ Fabricante: Desconhecido
Local de Execução: Desconhecido
Escola/Estilo/Movimento: Desconhecido

Incorporação

Data de Incorporação: 00/00/0000
Ano(s): Desconhecido
Modo de Incorporação: Desconhecido
Descrição: Desconhecido

Localização

Localização: Imagem da Imaculada
Conceição

Observações

A coroa pertence à imagem da Imaculada Conceição que tem o número de inventário PSC/020
Esta não é a coroa original da Imagem.

Local e data de conclusão da ficha

Lagoa, 07 de agosto de 2015

Inventariante

Joana Simas

Ficha de Inventário

Identificação da Peça

Instituição/ Proprietário: Fábrica da Igreja Paroquial de Santa Cruz – Diocese de Angra

Localização: Concelho de Lagoa, Santa Cruz

Categoria: Ourivesaria

Denominação: Cruz processional e vara

Ficha de conjunto: sim

Nº de Inventário: PSC/096 [cruz]

PSC/097 [vara]

Nº de Inventário anteriores: (não se aplica)

Localização: Núcleo da Ourivesaria



Descrição

Objeto composto por cruz processional e vara.

Inventariante

Joana Simas

Ficha de Inventário

Identificação da Peça

Instituição/ Proprietário: Fábrica da Igreja Paroquial de Santa Cruz – Diocese de Angra

Localização: Concelho de Lagoa, Santa Cruz

Categoria: Ourivesaria

Denominação: Cruz processional

Elemento de conjunto: não

Nº de Inventário: PSC/096

Marcação: verso da zona de encaixe

Nº de Inventário anteriores: (não se aplica)



Descrição

Cruz processional em prata com encaixe para vara de secção circular. Nó periforme invertido profusamente cinzelado com cartelas, ornatos florais, aletas encimada por laço do qual pendem grinaldas e outros motivos florais, e três cabeças de querubim aladas, em relevo. Cruz latina com haste e braços de secção retangular emoldurados em ressalto, sendo os remates laterais e superiores de recorte triangular decorados por folhagem estilizada, volutas e pináculos de cariz vegetalista. Imagem de Cristo Crucificado em vulto perfeito, com cabeça virada à direita, e cendal preso à esquerda caindo em pregas, aparafusada à cruz. Na intersecção dos braços observa-se resplendor de raios setiformes de formato irregular. Vara de encaixe, com alma de madeira, é formada por cinco secções cilíndricas lisas, molduradas por anéis e rematada por pináculo dourado.

Inventário do Património Cultural Móvel da Igreja Matriz de Santa Cruz

Dimensões

Altura: 112 cm
Largura: 49 cm
Profundidade: 19 cm

Datação

Ano(s): 1877-1886
Século(s): XIX
Justificação da data: A marca de ourives indica que o autor trabalhou nessa época.

Informação Técnica

Matéria: Prata
Madeira [interior]
Técnica: Cinzelado
Fundido
Recortado
Repuxado

Conservação

Estado: Deficiente
Especificações: Peça com deformações e falhas que põem em risco a sua estabilidade física exigindo intervenção urgente.
Data: 18-08-2015

Autoria

Nome: José Rodrigues Teixeira
Tipo: autor
Ofício: ourives

Produção

Oficina/ Fabricante: Desconhecido
Local de Execução: Porto
Escola/Estilo/Movimento: Ourivesaria Portuguesa

Incorporação

Data de Incorporação: 00/00/0000
Ano(s): Desconhecido
Modo de Incorporação: Desconhecido
Descrição: Desconhecido

Localização

Localização: Sacristia (Nova atualização: Núcleo da Ourivesaria. 18-05-2017)

Marcas/inscrições

Marca de ourives JRT (segunda metade do século XIX trabalhava no Porto um ourives de nome José Rodrigues Teixeira).

Marca de contraste do Porto.

Observações

A Cruz processional tem uma vara de encaixe em prata com o número de inventário PSC/097

Inventário do Património Cultural Móvel da Igreja Matriz de Santa Cruz

Local e data de conclusão da ficha

Lagoa, 18 de agosto de 2015

Inventariante

Joana Simas

Ficha de Inventário

Identificação da Peça

Instituição/ Proprietário: Fábrica da Igreja Paroquial de Santa Cruz – Diocese de Angra

Localização: Concelho de Lagoa, Santa Cruz

Categoria: Ourivesaria

Denominação: Vara

Elemento de conjunto: não

Nº de Inventário: PSC/097

Marcação: verso da zona de encaixe

Nº de Inventário anteriores: (não se aplica)



Descrição

Vara de encaixe, com alma de madeira, é formada por cinco secções cilíndricas lisas, molduradas por anéis e rematada por pináculo dourado.

Inventário do Património Cultural Móvel da Igreja Matriz de Santa Cruz

Dimensões

Altura: 185 cm
Diâmetro: 11 cm

Datação

Ano(s): 1877-1886
Século(s): XIX
Justificação da data: A marca de ourives indica que ele trabalhou nessa época.

Informação Técnica

Matéria: Prata
Madeira [interior]
Técnica: Dourado
Fundido
Repuxado

Conservação

Estado: Bom
Especificações: Peça estabilizada.
Data: 18-08-2015

Autoria

Nome: José Rodrigues Teixeira
Tipo: autor
Ofício: ourives

Produção

Oficina/ Fabricante: Desconhecido
Local de Execução: Porto
Escola/Estilo/Movimento: Ourivesaria Portuguesa

Incorporação

Data de Incorporação: 00/00/0000
Ano(s): Desconhecido
Modo de Incorporação: Desconhecido
Descrição: Desconhecido

Localização

Localização: Sacristia (Nova atualização: Núcleo da Ourivesaria. 18-05-2017)

Marcas/inscrições

Marca de ourives JRT (segunda metade do século XIX trabalhava no Porto um ourives de nome José Rodrigues Teixeira).

Marca de contraste do Porto.

Observações

A vara encaixa na cruz processional de prata com o número de inventário PSC/096

Inventário do Património Cultural Móvel da Igreja Matriz de Santa Cruz

Local e data de conclusão da ficha

Lagoa, 18 de agosto de 2015

Inventariante

Joana Simas

Ficha de Inventário

Identificação da Peça

Instituição/ Proprietário: Fábrica da Igreja Paroquial de Santa Cruz – Diocese de Angra

Localização: Concelho de Lagoa, Santa Cruz

Categoria: Ourivesaria

Denominação: Vaso purificador

Outras denominações: Vaso de abluções

Elemento de conjunto: não

Nº de Inventário: PSC/098

Marcação: verso da base

Nº de Inventário anteriores: (não se aplica)



Descrição

Píxide em prata de base circular alteada ao centro. Haste em forme de balaústre com nó periforme invertido. Copa semiesférica lisa. Tampa com um primeiro registo liso, alteada ao centro em dois registos de perfil convexo, encimada por um pináculo. Enrosca na haste e a haste.

Inventário do Património Cultural Móvel da Igreja Matriz de Santa Cruz

Dimensões

Altura: 20 cm
Diâmetro: 10 cm

Datação

Ano(s): Não determinado
Século(s): XIX (?)
Justificação da data: Apreciação estilística.

Informação Técnica

Matéria: Prata
Técnica: Cinzelado
Fundido
Relevado

Conservação

Estado: Bom
Especificações: Peça estabilizada.
Data: 18-08-2015

Autoria

Nome: Desconhecido
Tipo: Desconhecido
Ofício: Desconhecido

Produção

Oficina/ Fabricante: Desconhecido
Local de Execução: Desconhecido
Escola/Estilo/Movimento: Desconhecido

Incorporação

Data de Incorporação: 00/00/0000
Ano(s): Desconhecido
Modo de Incorporação: Desconhecido
Descrição: Desconhecido

Localização

Localização: Sacristia (Nova atualização:
Núcleo da Ourivesaria. 18-05-2017)

Marcas/inscrições

Local e data de conclusão da ficha

Lagoa, 18 de agosto de 2015

Inventariante

Joana Simas

Ficha de Inventário

Identificação da Peça

Instituição/ Proprietário: Fábrica da Igreja Paroquial de Santa Cruz – Diocese de Angra

Localização: Concelho de Lagoa, Santa Cruz

Categoria: Ourivesaria

Denominação: Cálice

Elemento de conjunto: não

Nº de Inventário: PSC/099

Marcação: verso da base

Nº de Inventário anteriores: (não se aplica)



Descrição

Cálice composto por uma copa, haste, nó e base. Cálice de base circular de orla lisa, com inscrições e uma cruz latina na base. Haste abalaustrada com nó esférico achatado. Copa campaniforme com o bordo liso.

Inventário do Património Cultural Móvel da Igreja Matriz de Santa Cruz

Dimensões

Altura: 18 cm
Diâmetro da base: 40 cm
Diâmetro da copa: 32 cm

Datação

Ano(s): Segunda metade do século XX
Século(s): XX
Justificação da data: Inscrição na base relativamente ao ano de falecimento da pessoa a que a custódia faz memória.

Informação Técnica

Matéria: Metal
Técnica: Dourado
Fundido
Gravado

Conservação

Estado: Bom
Especificações: Peça estabilizada.
Data: 18-08-2015

Autoria

Nome: Desconhecido
Tipo: Desconhecido
Ofício: Desconhecido

Produção

Oficina/ Fabricante: Desconhecido
Local de Execução: Espanha (?)
Escola/Estilo/Movimento: Desconhecido

Incorporação

Data de Incorporação: 00/00/0000
Ano(s): Desconhecido
Modo de Incorporação: Doação
Descrição: Doação em memória de Conceição Melo.

Localização

Localização: Sacristia

Marcas/inscrições

- Marca de ourives: (Spain, A), no verso da base.
- Inscrição gravada no cimo da base:
"A IGREJA DE SANTA CRUZ
EM MEMÓRIA DE CONCEIÇÃO MELO
FALECEU 2-1-69"

Local e data de conclusão da ficha

Lagoa, 18 de agosto de 2015

Inventariante

Joana Simas

Ficha de Inventário

Identificação da Peça

Instituição/ Proprietário: Fábrica da Igreja Paroquial de Santa Cruz – Diocese de Angra

Localização: Concelho de Lagoa, Santa Cruz

Categoria: Ourivesaria

Denominação: Cálice

Elemento de conjunto: não

Nº de Inventário: PSC/100

Marcação: verso da base

Nº de Inventário anteriores: (não se aplica)



Descrição

Cálice composto por uma copa, haste, nó e base. Cálice com base circular de orla lisa, alteada ao centro, sendo o registo central formado por círculos a enquadrar figuração dos símbolos eucarísticos - bíblia, guião e lavanda -, intercalados por motivos vegetalistas. Arranque do pé rematado por anéis. Haste abalaustrada com nó periforme invertido decorada por motivos vegetalistas e nova sequência de anéis no remate superior. Copa cupuliforme lisa com interior dourado.

Inventário do Património Cultural Móvel da Igreja Matriz de Santa Cruz

Dimensões

Altura: 26 cm
Diâmetro da base: 39 cm
Diâmetro da copa: 24 cm

Datação

Ano(s): Não determinado
Século(s): XVIII/ XIX (?)
Justificação da data: Apreciação estilística.

Informação Técnica

Matéria: Latão banhado a prata
Técnica: Cinzelado
Dourado
Fundido
Torneado
Repuxado

Conservação

Estado: Bom
Especificações: Peça estabilizada.
Data: 05-08-2015

Autoria

Nome: Desconhecido
Tipo: Desconhecido
Ofício: Desconhecido

Produção

Oficina/ Fabricante: Desconhecido
Local de Execução: Desconhecido
Escola/Estilo/Movimento: Desconhecido

Incorporação

Data de Incorporação: 00/00/0000
Ano(s): Desconhecido
Modo de Incorporação: Desconhecido
Descrição: Desconhecido

Localização

Localização: Sacristia

Local e data de conclusão da ficha

Lagoa, 18 de agosto de 2015

Inventariante

Joana Simas

Ficha de Inventário

Identificação da Peça

Instituição/ Proprietário: Fábrica da Igreja Paroquial de Santa Cruz – Diocese de Angra

Localização: Concelho de Lagoa, Santa Cruz

Categoria: Ourivesaria

Denominação: Cálice

Elemento de conjunto: não

Nº de Inventário: PSC/101

Marcação: verso da base

Nº de Inventário anteriores: (não se aplica)



Descrição

Cálice composto por uma copa, haste nó e base. Cálice com base circular de orla lisa, alteada ao centro em dois registos, ambos ornamentados em trabalho inciso e puncionado. Haste abalaustrada com nó periforme invertido ornamentado por dois anéis denticulados. Falsa copa com faixa decorada por motivos vegetalistas. Copa campaniforme lisa.

Inventário do Património Cultural Móvel da Igreja Matriz de Santa Cruz

Dimensões

Altura: 23 cm
Diâmetro da base: 36 cm
Diâmetro da copa: 27 cm

Datação

Ano(s): Não determinado
Século(s): XIX
Justificação da data: Marca de ourives registada em 1865.

Informação Técnica

Matéria: Prata
Técnica: Cinzelado
Fundido
Gravado

Conservação

Estado: Bom
Especificações: Peça estabilizada.
Data: 11-08-2015

Autoria

Nome: José Ferreira Braga (?)
Tipo: autor
Ofício: ourives

Produção

Oficina/ Fabricante: Desconhecido
Local de Execução: Porto (?)
Escola/Estilo/Movimento: Ourivesaria Portuguesa

Incorporação

Data de Incorporação: 00/00/0000
Ano(s): Desconhecido
Modo de Incorporação: Desconhecido
Descrição: Desconhecido

Localização

Localização: Exposição || Núcleo da Ourivesaria

Marcas/inscrições

Marca de ourives [FB] do Porto – José Ferreira Braga, registada em 1865 por Vicente Manuel de Moura (?)

Local e data de conclusão da ficha

Lagoa, 11 de agosto de 2015

Inventariante

Joana Simas

Ficha de Inventário

Identificação da Peça

Instituição/ Proprietário: Fábrica da Igreja Paroquial de Santa Cruz – Diocese de Angra

Localização: Concelho de Lagoa, Santa Cruz

Categoria: Ourivesaria

Denominação: Cálice

Elemento de conjunto: não

Nº de Inventário: PSC/102

Marcação: verso da base

Nº de Inventário anteriores: (não se aplica)



Descrição

Cálice composto por uma copa, haste nó e base. Cálice de base circular com planta polilobada e moldurada na orla, alteada com pé de perfil tronco-cónico. Haste abalaustrada com nó periforme invertido, emoldurada por anéis que alternam com superfícies côncavas e lisas. Copa cupuliforme dourada lisa.

Inventário do Património Cultural Móvel da Igreja Matriz de Santa Cruz

Dimensões

Altura: 27 cm
Diâmetro da base: 41 cm
Diâmetro da copa: 24 cm

Datação

Ano(s): 1750-1770
Século(s): XVIII
Justificação da data: Marca de ourives com contraste de cerca de 1750-1770.

Informação Técnica

Matéria: Prata
Técnica: Dourado
Fundido
Torneado
Repuxado

Conservação

Estado: Bom
Especificações: Peça estabilizada.
Data: 22-07-2015

Autoria

Nome: João Pedro da Costa
Tipo: autor
Ofício: ourives

Produção

Oficina/ Fabricante: Desconhecido
Local de Execução: Lisboa
Escola/Estilo/Movimento: Ourivesaria Portuguesa

Incorporação

Data de Incorporação: 00/00/0000
Ano(s): Desconhecido
Modo de Incorporação: Desconhecido
Descrição: Desconhecido

Localização

Localização: Sacristia

Marcas/inscrições

Marca de ourives [J.P.C.] de Lisboa, atribuível a João Pedro da Costa (ou de Coito).

Marca da prata de contraste de Lisboa [L], do segundo quartel do século XVIII.

Local e data de conclusão da ficha

Lagoa, 22 de julho de 2015

Inventariante

Joana Simas

Ficha de Inventário

Identificação da Peça

Instituição/ Proprietário: Fábrica da Igreja Paroquial de Santa Cruz – Diocese de Angra

Localização: Concelho de Lagoa, Santa Cruz

Categoria: Ourivesaria

Denominação: Cálice

Elemento de conjunto: não

Nº de Inventário: PSC/103

Marcação: interior da base

Nº de Inventário anteriores: (não se aplica)



Descrição

Cálice composto por uma copa, haste nó e base. Cálice com base circular lisa, alteada ao centro. Arranque da haste de formato tronco cónico com nó esférico liso. Copa semiesférica lisa.

Inventário do Património Cultural Móvel da Igreja Matriz de Santa Cruz

Dimensões

Altura: 18 cm
Diâmetro base: 33 cm
Diâmetro copa: 29 cm

Datação

Ano(s): 1938-1984
Século(s): XX
Justificação da data: A marca de contrastaria encontra-se documentada nas marcas de contrastaria legais em vigor de 1 de Janeiro de 1938 a 1984.

Informação Técnica

Matéria: Prata
Técnica: Fundido
Recortado

Conservação

Estado: Bom
Especificações: Peça estabilizada que apresenta riscos tanto na base como na copa.
Data: 11-08-2015

Autoria

Nome: Desconhecido
Tipo: Desconhecido
Ofício: Desconhecido

Produção

Oficina/ Fabricante: Desconhecido
Local de Execução: Porto
Escola/Estilo/Movimento: Ourivesaria Portuguesa

Incorporação

Data de Incorporação: 00/00/0000
Ano(s): Desconhecido
Modo de Incorporação: Desconhecido
Descrição: Desconhecido

Localização

Localização: Sacristia (Nova atualização: Núcleo da Ourivesaria. 18-05-2017).

Marcas/inscrições

Marca de contraste do Porto (pássaro 833)

Local e data de conclusão da ficha

Lagoa, 11 de agosto de 2015

Inventariante

Joana Simas

Ficha de Inventário

Identificação da Peça

Instituição/ Proprietário: Fábrica da Igreja Paroquial de Santa Cruz – Diocese de Angra

Localização: Concelho de Lagoa, Santa Cruz

Categoria: Ourivesaria

Denominação: Cálice

Elemento de conjunto: não

Nº de Inventário: PSC/104

Marcação: verso da base

Nº de Inventário anteriores: (não se aplica)



Descrição

Cálice composto por uma copa, haste nó e base. Cálice dourado de base circular plana de orla lisa, com linhas circulares ao centro e uma cruz latina trilobada gravada. Haste alongada com nó circular achatado. Copa cupuliforme lisa com inscrições gravadas.

Inventário do Património Cultural Móvel da Igreja Matriz de Santa Cruz

Dimensões

Altura: 20 cm
Diâmetro base: 44 cm
Diâmetro copa: 34 cm

Datação

Ano(s): 1972
Século(s): XX
Justificação da data: Inscrição na copa.

Informação Técnica

Matéria: Latão
Técnica: Dourado
Fundido
Gravado

Conservação

Estado: Bom
Especificações: Peça que apresenta poluentes gasosos no escurecimento da prata, bem como alguns riscos.
Data: 20-08-2015

Autoria

Nome: Desconhecido
Tipo: Desconhecido
Ofício: Desconhecido

Produção

Oficina/ Fabricante: Desconhecido
Local de Execução: Desconhecido
Escola/Estilo/Movimento: Desconhecido

Incorporação

Data de Incorporação: 06/01/1972
Ano(s): 1972
Modo de Incorporação: Doação
Descrição: Doação feita por Maria Catojo e Mariano Catojo em memória de Maria Júlia Cabral e José Cabral.

Localização

Localização: Sacristia

Marcas/inscrições

Inscrição gravada na copa relativamente ao doador:
*"Liven in Loving Memory of
Maria Julia Cabral and Jose Cabral
By Maria Catojo and Mariano Catojo
6-1-72"*

Local e data de conclusão da ficha

Lagoa, 20 de agosto de 2015

Inventariante

Joana Simas

Ficha de Inventário

Identificação da Peça

Instituição/ Proprietário: Fábrica da Igreja Paroquial de Santa Cruz – Diocese de Angra

Localização: Concelho de Lagoa, Santa Cruz

Categoria: Ourivesaria

Denominação: Cálice

Elemento de conjunto: não

Nº de Inventário: PSC/105

Marcação: verso da base

Nº de Inventário anteriores: (não se aplica)



Descrição

Cálice composto por uma copa, haste nó e base. Cálice dourado de base circular, de orla lisa, alteada em ressaltos de perfil convexo, com uma cruz grega saliente. Haste em forma de balaústre decorada com seis espigas salientes e três cruces latinas, emoldurada por um nó circular saliente. Copa cupuliforme lisa com o rebordo a dourado brilhante, apresentando inscrições gravadas. A copa possui rosca até à base.

Inventário do Património Cultural Móvel da Igreja Matriz de Santa Cruz

Dimensões

Altura: 21 cm
Diâmetro base: 37 cm
Diâmetro copa: 29 cm

Datação

Ano(s): Segunda metade do século XX
Século(s): XX
Justificação da data: Apreciação estilística.

Informação Técnica

Matéria: Metal
Técnica: Cinzelado
Dourado
Fundido
Gravado
Repuxado

Conservação

Estado: Bom
Especificações: Peça estabilizada.
Data: 20-08-2015

Autoria

Nome: Desconhecido
Tipo: Desconhecido
Ofício: Desconhecido

Produção

Oficina/ Fabricante: Desconhecido
Local de Execução: Desconhecido
Escola/Estilo/Movimento: Desconhecido

Incorporação

Data de Incorporação: 00/00/0000
Ano(s): Desconhecido
Modo de Incorporação: Doação
Descrição: Doação feita em memória de Artur Correia de Melo

Localização

Localização: Sacristia

Marcas/inscrições

Inscrição gravada na copa
"ARTUR CORREIA DE MELO
7-1910 1-1961"

Marca de ourives [SF] (?)

Local e data de conclusão da ficha

Lagoa, 20 de agosto de 2015

Inventariante

Joana Simas

Ficha de Inventário

Identificação da Peça

Instituição/ Proprietário: Fábrica da Igreja Paroquial de Santa Cruz – Diocese de Angra

Localização: Concelho de Lagoa, Santa Cruz

Categoria: Ourivesaria

Denominação: Cálice

Elemento de conjunto: não

Nº de Inventário: PSC/106

Marcação: verso da base

Nº de Inventário anteriores: (não se aplica)



Descrição

Cálice composto por uma copa, haste nó e base. Cálice dourado de base circular de orla lisa, com uma cruz grega saliente, alteada ao centro. Arranque da haste de formato tronco-cónico e nó esférico, liso, achatado. Copa cupuliforme lisa com inscrições gravadas.

Inventário do Património Cultural Móvel da Igreja Matriz de Santa Cruz

Dimensões

Altura: 19 cm
Diâmetro base: 37 cm
Diâmetro copa: 30 cm

Datação

Ano(s): 1980
Século(s): XX
Justificação da data: A data encontra-se inscrita na copa do cálice.

Informação Técnica

Matéria: Latão
Técnica: Dourado
Fundido
Gravado
Repuxado

Conservação

Estado: Mau
Especificações: Peça muito danificada, que apresenta graves problemas de conservação.
Data: 20-08-2015

Autoria

Nome: Desconhecido
Tipo: Desconhecido
Ofício: Desconhecido

Produção

Oficina/ Fabricante: Desconhecido
Local de Execução: Desconhecido
Escola/Estilo/Movimento: Desconhecido

Incorporação

Data de Incorporação: 22/06/1980
Ano(s): 1980
Modo de Incorporação: Doação
Descrição: Doação feita pelo Grupo de Escuteiros nº 78.

Localização

Localização: Sacristia

Marcas/inscrições

Inscrição gravada na copa relativamente ao doador:
"RECORDAÇÃO
DOS
ESCUTEIROS
GRUPO 78
22-6-80"

Marca de ourives [FZL] (?)

Local e data de conclusão da ficha

Lagoa, 20 de agosto de 2015

Inventariante

Joana Simas

Ficha de Inventário

Identificação da Peça

Instituição/ Proprietário: Fábrica da Igreja Paroquial de Santa Cruz – Diocese de Angra

Localização: Concelho de Lagoa, Santa Cruz

Categoria: Ourivesaria

Denominação: Cálice

Elemento de conjunto: não

Nº de Inventário: PSC/107

Marcação: verso da base

Nº de Inventário anteriores: (não se aplica)



Descrição

Cálice composto por uma copa, haste nó e base. Cálice dourado de base circular de orla lisa, com uma cruz latina saliente e inscrições gravadas, alteada ao centro. Arranque da haste de formato tronco-cónico e nó em esfera achatada. Copa cupuliforme lisa.

Inventário do Património Cultural Móvel da Igreja Matriz de Santa Cruz

Dimensões

Altura: 21 cm
Diâmetro base: 42 cm
Diâmetro copa: 29 cm

Datação

Ano(s): Não determinado
Século(s): XX
Justificação da data: Apreciação estilística.

Informação Técnica

Matéria: Metal
Técnica: Dourado
Fundido
Gravado
Repuxado

Conservação

Estado: Bom
Especificações: Peça estabilizada.
Data: 20-08-2015

Autoria

Nome: Desconhecido
Tipo: Desconhecido
Ofício: Desconhecido

Produção

Oficina/ Fabricante: Desconhecido
Local de Execução: Desconhecido
Escola/Estilo/Movimento: Desconhecido

Incorporação

Data de Incorporação: 00/00/0000
Ano(s): Desconhecido
Modo de Incorporação: Doação
Descrição: Doação feita em memória de Manuel Travers.

Localização

Localização: Sacristia

Marcas/inscrições

Inscrição gravada na base:
“IN MEMORY OF
MANUEL TRAVERS”

Local e data de conclusão da ficha

Lagoa, 20 de agosto de 2015

Inventariante

Joana Simas

Ficha de Inventário

Identificação da Peça

Instituição/ Proprietário: Fábrica da Igreja Paroquial de Santa Cruz – Diocese de Angra

Localização: Concelho de Lagoa, Santa Cruz

Categoria: Ourivesaria

Denominação: Caldeirinha

Elemento de conjunto: não

Nº de Inventário: PSC/108

Marcação: verso da base

Nº de Inventário anteriores: (não se aplica)



Descrição

Objeto de base circular, com orla lisa, alteada em faixa de perfil convexo, decorada por motivos fitomórficos relevados. Corpo do objeto apresenta-se dividido por dois andares separados por friso liso e ornamentados no interior com formas florais relevadas. Topo da peça emoldurada por friso simples, com pega em forma de meia-lua não trabalhada. Asa larga, aberta para o exterior onde se fixam dobradiças que prendem a asa. Esta é formada por elementos em "C", moldurada ao centro por anéis.

Inventário do Património Cultural Móvel da Igreja Matriz de Santa Cruz

Dimensões

Altura: 22 cm
Largura: 17 cm
Profundidade: 19 cm

Datação

Ano(s): Não determinado
Século(s): XX (?)
Justificação da data: Apreciação estilística.

Informação Técnica

Matéria: Prata
Técnica: Fundido
Inciso
Relevado

Conservação

Estado: Bom
Especificações: Peça estabilizada.
Data: 26-08-2015

Autoria

Nome: Desconhecido
Tipo: Desconhecido
Ofício: Desconhecido

Produção

Oficina/ Fabricante: Desconhecido
Local de Execução: Desconhecido
Escola/Estilo/Movimento: Desconhecido

Incorporação

Data de Incorporação: 00/00/0000
Ano(s): Desconhecido
Modo de Incorporação: Desconhecido
Descrição: Desconhecido

Localização

Localização: Sacristia (Nova atualização:
Núcleo da Ourivesaria. 18-05-2017)

Local e data de conclusão da ficha

Lagoa, 26 de agosto de 2015

Inventariante

Joana Simas

Ficha de Inventário

Identificação da Peça

Instituição/ Proprietário: Fábrica da Igreja Paroquial de Santa Cruz – Diocese de Angra

Localização: Concelho de Lagoa, Santa Cruz

Categoria: Ourivesaria

Denominação: Coroa de Nossa Senhora da Estrela

Elemento de conjunto: não

Nº de Inventário: PSC/109

Marcação: etiqueta

Nº de Inventário anteriores: (não se aplica)



Descrição

Coroa com aro compósito formado por orla puncionada de rebordo saliente, decorada por círculos. Corpo formado por motivos fitomórficos e enrolamentos. Fechada por cinco imperiais fixos de rebordo recortado, com composições de cartelas semelhantes à parte inferior que convergem para o topo, com as extremidades em forma de folhas recurvadas para o exterior, encimadas por esfera lisa dourada que sustenta uma pomba. Dispõe de um parafuso de encaixe.

Inventário do Património Cultural Móvel da Igreja Matriz de Santa Cruz

Dimensões

Altura: (temporariamente sem dados)
Largura: (temporariamente sem dados)

Datação

Ano(s): Não determinado
Século(s): XIX (?)
Justificação da data: Análise estilística.

Informação Técnica

Matéria: Prata
Técnica: Cinzelado
Fundido
Recortado
Relevado

Conservação

Estado: Bom
Especificações: Peça estabilizada.
Data: 31-07-2015

Autoria

Nome: Desconhecido
Tipo: Desconhecido
Ofício: Desconhecido

Produção

Oficina/ Fabricante: Desconhecido
Local de Execução: Desconhecido
Escola/Estilo/Movimento: Desconhecido

Incorporação

Data de Incorporação: 00/00/0000
Ano(s): Desconhecido
Modo de Incorporação: Desconhecido
Descrição: Desconhecido

Localização

Localização: Ermida de Nossa Senhora do Cabo

Marcas/inscrições

Local e data de conclusão da ficha

Lagoa, 31 de julho de 2015

Inventariante

Joana Simas

Ficha de Inventário

Identificação da Peça

Instituição/ Proprietário: Fábrica da Igreja Paroquial de Santa Cruz – Diocese de Angra

Localização: Concelho de Lagoa, Santa Cruz

Categoria: Ourivesaria

Denominação: Terço

Elemento de conjunto: não

Nº de Inventário: PSC/110

Marcação: etiqueta

Nº de Inventário anteriores: (não se aplica)



Descrição

Terço composto por contas esféricas brancas, lisas, num total de cinquenta e três, correspondentes às Ave-Marias, unidas por cadeia de elos metálicos simples. Alternam com seis contas também esféricas de cor branca, correspondentes aos Pais-Nossos. A transição para a secção pendente faz-se através de elemento em forma de hexágono com representação da aparição da Virgem de Fátima aos três pastorinhos numa face, e na outra a representação da Virgem de perfil orante. Remate em cruz latina, com braços de secção circular, com a imagem de Cristo Crucificado, do tipo agonizante, com inscrição vertical no cimo da cruz INRI, e apresenta no verso a inscrição “FATIMA” na horizontal dos braços.

Inventário do Património Cultural Móvel da Igreja Matriz de Santa Cruz

Dimensões

Altura: 39 cm

Largura: 1 cm

Datação

Ano(s): Não determinado

Século(s): XX/XXI

Justificação da data: No crucifixo, a representação da aparição da Virgem do Rosário de Fátima, e dado que as aparições sucederam-se em 1917 (século XX), o culto à Virgem de Fátima tornou-se popular a partir do século XX até aos nossos dias.

Informação Técnica

Matéria: Latão com pérolas

Técnica: Cinzelado

Fundido

Recortado

Relevado

Conservação

Estado: Bom

Especificações: Peça estabilizada.

Data: 21-08-2015

Autoria

Nome: Desconhecido

Tipo: Desconhecido

Ofício: Desconhecido

Produção

Oficina/ Fabricante: Desconhecido

Local de Execução: Desconhecido

Escola/Estilo/Movimento: Desconhecido

Incorporação

Data de Incorporação: 00/00/0000

Ano(s): Desconhecido

Modo de Incorporação: Doação (?)

Descrição: Desconhecido

Localização

Localização: Sacristia

Marcas/inscrições

Inscrição atrás do crucifixo:

“ FATIMA ”

Inscrição no cimo do crucifixo:

“ I

N

R

I”

Local e data de conclusão da ficha

Lagoa, 21 de agosto de 2015

Inventário do Património Cultural Móvel da Igreja Matriz de Santa Cruz

Inventariante

Joana Simas

Ficha de Inventário

Identificação da Peça

Instituição/ Proprietário: Fábrica da Igreja Paroquial de Santa Cruz – Diocese de Angra

Localização: Concelho de Lagoa, Santa Cruz

Categoria: Ourivesaria

Denominação: Terço

Elemento de conjunto: não

Nº de Inventário: PSC/111

Marcação: etiqueta

Nº de Inventário anteriores: (não se aplica)



Descrição

Terço composto por contas de formato losangular num total de cinquenta e três, correspondentes às Ave-Marias, unidas por cadeia de elos metálicos simples. Alternam com seis contas esféricas, correspondentes aos Pais-Nossos. A transição para a secção pendente faz-se através de elemento circular com representação da aparição da Virgem de Fátima aos três pastorinhos numa face, e na outra a representação das letras A e M estilizadas. Remate em cruz latina, com a imagem de Cristo Crucificado, do tipo agonizante, com inscrição no cimo da cruz INRI.

Inventário do Património Cultural Móvel da Igreja Matriz de Santa Cruz

Dimensões

Altura: 42 cm

Largura: 1 cm

Datação

Ano(s): Não determinado

Século(s): XX/XXI

Justificação da data: No crucifixo, a representação da aparição da Virgem do Rosário de Fátima, e dado que as aparições sucederam-se em 1917 (século XX), o culto à Virgem de Fátima tornou-se popular a partir do século XX até aos nossos dias.

Informação Técnica

Matéria: Prata

Técnica: Cinzelado

Fundido

Recortado

Relevado

Conservação

Estado: Muito Bom

Especificações: Peça incólume, quer do ponto de vista físico, quer do ponto de vista da estabilidade físico-química.

Data: 21-08-2015

Autoria

Nome: Desconhecido

Tipo: Desconhecido

Ofício: Desconhecido

Produção

Oficina/ Fabricante: Desconhecido

Local de Execução: Desconhecido

Escola/Estilo/Movimento: Desconhecido

Incorporação

Data de Incorporação: 00/00/0000

Ano(s): Desconhecido

Modo de Incorporação: Doação (?)

Descrição: Desconhecido

Localização

Localização: Sacristia

Marcas/inscrições

Inscrição no cimo do crucifixo:

“ INRI ”

Local e data de conclusão da ficha

Lagoa, 21 de agosto de 2015

Inventariante

Joana Simas

Ficha de Inventário

Identificação da Peça

Instituição/ Proprietário: Fábrica da Igreja Paroquial de Santa Cruz – Diocese de Angra

Localização: Concelho de Lagoa, Santa Cruz

Categoria: Ourivesaria

Denominação: Rosário

Elemento de conjunto: não

Nº de Inventário: PSC/112

Marcação: etiqueta

Nº de Inventário anteriores: (não se aplica)



Descrição

Rosário composto por setenta e cinco pequenas contas lisas brancas, que correspondem às Avés-Marias, intercaladas por sete contas lisas de cor dourado, de maiores dimensões, correspondendo aos Pais-Nossos. A peça encontra-se unida por elos de prata em forma de S. A rematar uma cruz latina com imagem de Cristo morto incorporada.

Inventário do Património Cultural Móvel da Igreja Matriz de Santa Cruz

Dimensões

Altura: 173 cm
Largura: 3 cm

Datação

Ano(s): Não determinado
Século(s): XX
Justificação da data: Análise estilística.

Informação Técnica

Matéria: Madrepérola e metal
Técnica:

Conservação

Estado: Bom
Especificações: Peça estabilizada.
Data: 01-06-2015

Autoria

Nome: Desconhecido
Tipo: Desconhecido
Ofício: Desconhecido

Produção

Oficina/ Fabricante: Desconhecido
Local de Execução: Desconhecido
Escola/Estilo/Movimento: Desconhecido

Incorporação

Data de Incorporação: 00/00/0000
Ano(s): Desconhecido
Modo de Incorporação: Desconhecido
Descrição: Desconhecido

Localização

Localização: Sacristia

Marcas/inscrições

Local e data de conclusão da ficha

Lagoa, 01 de junho de 2015

Inventariante

Joana Simas

Ficha de Inventário

Identificação da Peça

Instituição/ Proprietário: Fábrica da Igreja Paroquial de Santa Cruz – Diocese de Angra

Localização: Concelho de Lagoa, Santa Cruz

Categoria: Escultura

Subcategoria: Escultura de vulto

Denominação: Virgem das Candeias

Título: Nossa Senhora da Estrela

Ficha de conjunto: sim

Nº de Inventário: PSC/113 [imagem]

PSC/109 [coroa]

Nº de Inventário anteriores: (não se aplica)

Localização: Ermida Nossa Senhora do Cabo



Descrição

Imagem composta por escultura e coroa.

Inventariante

Joana Simas

Ficha de Inventário

Identificação da Peça

Instituição/ Proprietário: Fábrica da Igreja Paroquial de Santa Cruz – Diocese de Angra

Localização: Concelho de Lagoa, Santa Cruz

Categoria: Escultura

Subcategoria: Escultura de vulto

Denominação: Virgem das Candeias

Título: Nossa Senhora da Estrela (popular)

Elemento de conjunto: não

Nº de Inventário: PSC/113

Marcação: verso da base

Nº de Inventário anteriores: (não se aplica)



Descrição

Escultura. Escultura de vulto: imaginária. Imagem da Virgem das Candeias de pé e frontal, sobre base circular pintada de marmoreado castanho. A Virgem segura no braço esquerdo o Menino desnudo que está sentado sobre a sua mão, encostado junto ao peito. A Virgem possui o rosto alongado, olhos pequenos castanhos, nariz afilado, lábios pequenos e cerrados, queixo proeminente e sobrancelhas finas. Grandes mechas de cabelo ondulado castanho emolduram o rosto, deixando uma mecha cair sobre o ombro direito, enquanto as restantes caem sobre as costas. Enverga uma túnica branca, cingido na cintura, ornado com temas florais pintados em dourado. É marcado por pregas fundas que cai sobre a base. É envolvida por um manto azul, lançado no ombro direito que cai pelas costas que cruza a cintura e é fixado sob o braço esquerdo, exibindo pregueado solto, debruado a dourado com motivos vegetalistas. Na mão direita segura uma espécie de estrela em tecido decorada com estrelas douradas. A imagem usa coroa. O Menino tem o rosto redondo, cabelo curto ondulado, olhos pequenos azuis, nariz largo, e lábios pouco definidos.

Inventário do Património Cultural Móvel da Igreja Matriz de Santa Cruz

Dimensões

Altura: 66 cm
Largura: 34 cm
Profundidade: 24 cm

Datação

Ano(s): Não determinado
Século(s): XIX (?)
Justificação da data: Análise escultórica

Informação Técnica

Matéria: Madeira (cedro)
Vidro [olhos]
Técnica: Escultura de vulto pleno esculpida
Estofado
Marmoreado
Policromado

Conservação

Estado: Bom
Especificações: Na mão direita encontra-se fita-cola enrolada sobre a mão, e a falta de dedos na mesma, e o braço direito do Menino encontra-se rachada no ombro.
Data: 31-07-2015

Autoria

Nome: Desconhecido
Tipo: Desconhecido
Ofício: Desconhecido

Produção

Oficina/ Fabricante: Desconhecido
Local de Execução: Desconhecido
Escola/Estilo/Movimento: Desconhecido

Incorporação

Data de Incorporação: 00/00/0000
Ano(s): Desconhecido
Modo de Incorporação: Desconhecido
Descrição: Desconhecido

Localização

Localização: Ermida de Nossa Senhora do Cabo

Observações

A imagem possui coroa que consta no inventário número PSC/109

Local e data de conclusão da ficha

Lagoa, 20 de julho de 2015

Inventariante

Joana Simas

Ficha de Inventário

Identificação da Peça

Instituição/ Proprietário: Fábrica da Igreja Paroquial de Santa Cruz – Diocese de Angra

Localização: Concelho de Lagoa, Santa Cruz

Categoria: Ourivesaria

Denominação: Rosário

Elemento de conjunto: não

Nº de Inventário: PSC/114

Marcação: verso da cruz

Nº de Inventário anteriores: (não se aplica)



Descrição

Rosário composto por setenta e cinco pequenas contas esféricas, que correspondem às Ave-Marias, intercaladas por sete contas esféricas isoladas, de maiores dimensões, correspondendo aos Pais-Nossos, unidas por cadeia de elos de prata simples. A transição para a secção pendente faz-se através de uma medalha, em forma circular, que apresenta no verso Nossa Senhora do Carmo, e no reverso uma representação do Sagrado Coração de Jesus. A rematar uma cruz latina com a imagem de Cristo Crucificado incorporada, do tipo agonizante, com inscrição no cimo da cruz INRI.

Inventário do Património Cultural Móvel da Igreja Matriz de Santa Cruz

Dimensões

Altura: 140 cm
Largura: 4 cm

Datação

Ano(s): Não determinado
Século(s): XX/XXI (?)
Justificação da data: Na medalha, a representação da aparição da Virgem do Rosário de Fátima, e dado que as aparições sucederam-se em 1917 (século XX), o culto à Virgem de Fátima tornou-se popular a partir do século XX até aos nossos dias.

Informação Técnica

Matéria: Prata
Técnica: Cinzelado
Fundido
Gravado
Recortado

Conservação

Estado: Bom
Especificações: Peça estabilizada.
Data: 24-08-2015

Autoria

Nome: Desconhecido
Tipo: Desconhecido
Ofício: Desconhecido

Produção

Oficina/ Fabricante: Desconhecido
Local de Execução: Desconhecido
Escola/Estilo/Movimento: Desconhecido

Incorporação

Data de Incorporação: 00/00/0000
Ano(s): Desconhecido
Modo de Incorporação: Desconhecido
Descrição: Desconhecido

Localização

Localização: Imagem da Virgem do Rosário.

Marcas/inscrições

Inscrição gravada na medalha:
“ N. SENHORA DO CARMO”

Marca de ourives e contraste não perceptível, tanto na cruz como na medalha.

Local e data de conclusão da ficha

Lagoa, 24 de agosto de 2015

Inventariante

Joana Simas

Ficha de Inventário

Identificação da Peça

Instituição/ Proprietário: Fábrica da Igreja Paroquial de Santa Cruz – Diocese de Angra

Localização: Concelho de Lagoa, Santa Cruz

Categoria: Ourivesaria

Denominação: Terço

Elemento de conjunto: não

Nº de Inventário: PSC/115

Marcação: etiqueta

Nº de Inventário anteriores: (não se aplica)



Descrição

Terço composto por contas esféricas lisas, num total de cinquenta e três, correspondentes às Ave-Marias, unidas por cadeia de elos metálicos simples. Alternam com seis contas, ligeiramente de maior dimensão, esféricas com estrias, correspondentes aos Pais-Nossos. A transição para a secção pendente faz-se através de elemento em forma de coração com representação da Virgem rodeada de anjos, e no reverso uma inscrição gravada de uma data “7-11-942”. Cruz latina ausente.

Inventário do Património Cultural Móvel da Igreja Matriz de Santa Cruz

Dimensões

Altura: 32 cm

Largura: 2 cm

Datação

Ano(s): 1942

Século(s): XX

Justificação da data: Inscrição gravada da data no reverso da medalha.

Informação Técnica

Matéria: Prata

Técnica: Cinzelado

Fundido

Gravado

Recortado

Conservação

Estado: Bom

Especificações: Peça estabilizada que apresenta falta da cruz.

Data: 24-08-2015

Autoria

Nome: Desconhecido

Tipo: Desconhecido

Ofício: Desconhecido

Produção

Oficina/ Fabricante: Desconhecido

Local de Execução: Desconhecido

Escola/Estilo/Movimento: Desconhecido

Incorporação

Data de Incorporação: 07/01/1942 (?)

Ano(s): 1942 (?)

Modo de Incorporação: Doação (?)

Descrição: Desconhecido

Localização

Localização: Sacristia

Marcas/inscrições

Inscrição gravada na medalha:

“ 7-1-942”

Marca de ourives e contraste não perceptível.

Local e data de conclusão da ficha

Lagoa, 24 de agosto de 2015

Inventariante

Joana Simas

Ficha de Inventário

Identificação da Peça

Instituição/ Proprietário: Fábrica da Igreja Paroquial de Santa Cruz – Diocese de Angra

Localização: Concelho de Lagoa, Santa Cruz

Categoria: Ourivesaria

Denominação: Rosário

Elemento de conjunto: não

Nº de Inventário: PSC/116

Marcação: etiqueta

Nº de Inventário anteriores: (não se aplica)



Descrição

Rosário composto por setenta e cinco pequenas contas esféricas, que correspondem às Ave-Marias, intercaladas por sete contas esféricas decoradas isoladas, correspondendo aos Pais-Nossos, unidas por cadeia de elos de prata simples. A transição para a secção pendente faz-se através de uma medalha, em forma circular, que apresenta no verso a aparição da Virgem do Rosário de Fátima aos três pastorinhos. A rematar uma cruz latina com remates trilobados, com a imagem de Cristo Crucificado incorporada, do tipo agonizante.

Inventário do Património Cultural Móvel da Igreja Matriz de Santa Cruz

Dimensões

Altura: 100 cm
Largura: 2 cm

Datação

Ano(s): Não determinado
Século(s): XX
Justificação da data: Análise estilística.

Informação Técnica

Matéria: Prata
Técnica: Cinzelado
Fundido
Gravado
Recortado

Conservação

Estado: Bom
Especificações: Peça estabilizada.
Data: 24-08-2015

Autoria

Nome: Desconhecido
Tipo: Desconhecido
Ofício: Desconhecido

Produção

Oficina/ Fabricante: Desconhecido
Local de Execução: Desconhecido
Escola/Estilo/Movimento: Desconhecido

Incorporação

Data de Incorporação: 00/00/0000
Ano(s): Desconhecido
Modo de Incorporação: Desconhecido
Descrição: Desconhecido

Localização

Localização: Sacristia

Marcas/inscrições

Inscrição gravada na medalha:
“ N. S. R. FATIMA”

Local e data de conclusão da ficha

Lagoa, 24 de agosto de 2015

Inventariante

Joana Simas

Ficha de Inventário

Identificação da Peça

Instituição/ Proprietário: Fábrica da Igreja Paroquial de Santa Cruz – Diocese de Angra

Localização: Concelho de Lagoa, Santa Cruz

Categoria: Ourivesaria

Denominação: Terço

Ficha de conjunto: sim

Nº de Inventário: PSC/117

Nº de Inventário anteriores: (não se aplica)

Localização: Sacristia



Descrição

Objeto composto por terço e caixa.

Inventariante

Joana Simas

Ficha de Inventário

Identificação da Peça

Instituição/ Proprietário: Fábrica da Igreja Paroquial de Santa Cruz – Diocese de Angra

Localização: Concelho de Lagoa, Santa Cruz

Categoria: Ourivesaria

Denominação: Terço

Elemento de conjunto: não

Nº de Inventário: PSC/117

Marcação: etiqueta

Nº de Inventário anteriores: (não se aplica)



Descrição

Terço composto por contas esféricas lisas, num total de cinquenta e três, correspondentes às Ave-Marias, unidas por cadeia de elos metálicos simples. Alternam com seis contas, ligeiramente de maior dimensão, esféricas com estrias, correspondentes aos Pais-Nossos. A transição para a secção pendente faz-se através de uma concha com a representação do Busto do Apóstolo Santiago. Cruz latina.

Inventário do Património Cultural Móvel da Igreja Matriz de Santa Cruz

Dimensões

Altura: 46 cm
Largura: 15 cm

Datação

Ano(s): Não determinado
Século(s): XX /XXI
Justificação da data: Análise estilística.

Informação Técnica

Matéria: Madeira
Técnica: Cinzelado
Fundido
Recortado

Conservação

Estado: Bom
Especificações: Peça estabilizada.
Data: 24-08-2015

Autoria

Nome: Desconhecido
Tipo: Desconhecido
Ofício: Desconhecido

Produção

Oficina/ Fabricante: Desconhecido
Local de Execução: Desconhecido
Escola/Estilo/Movimento: Desconhecido

Incorporação

Data de Incorporação: 00/00/0000
Ano(s): Desconhecido
Modo de Incorporação: Doação (?)
Descrição: Desconhecido

Localização

Localização: Sacristia

Marcas/inscrições

Local e data de conclusão da ficha

Lagoa, 24 de agosto de 2015

Inventariante

Joana Simas

Ficha de Inventário

Identificação da Peça

Instituição/ Proprietário: Fábrica da Igreja Paroquial de Santa Cruz – Diocese de Angra

Localização: Concelho de Lagoa, Santa Cruz

Categoria: Pintura

Denominação: Quadro

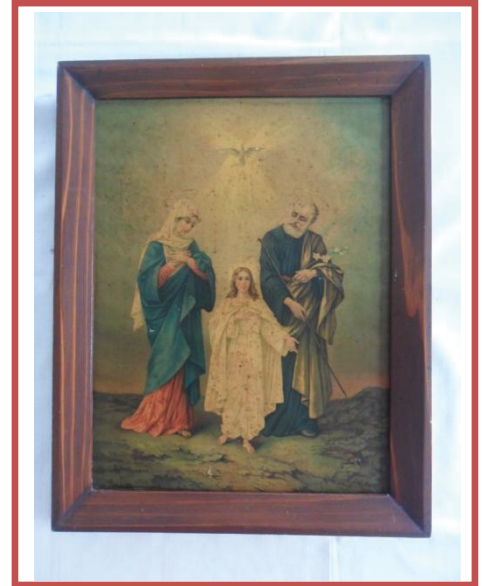
Título: Sagrada Família

Elemento de conjunto: não

Nº de Inventário: PSC/118

Marcação: no verso

Nº de Inventário anteriores: (não se aplica)



Descrição

Pintura a óleo sobre tela, de formato retangular disposta na vertical, representando a Sagrada Família. Na composição encontram-se três figuras, São José e Nossa Senhora lado a lado de Jesus em criança. O Menino enverga uma túnica e um manto branco. São José, de rosto envelhecido, segura um ramo de açucenas e usa túnica escura e um manto castanho. A Virgem Maria tem as mãos na frente do peito e traça uma túnica rosa e manto azul sobreposto por véu branco. As três figuras encontram-se em primeiro plano e destacam-se contra um fundo luminoso, vendo-se em segundo plano, no céu encontra-se uma pomba, símbolo do Espírito Santo.

Inventário do Património Cultural Móvel da Igreja Matriz de Santa Cruz

Dimensões

Altura: 50 cm
Largura: 35 cm
Outras dimensões: 59 cm x 46 cm
(com moldura)

Datação

Ano(s): Não determinado
Século(s): XX
Justificação da data: Análise estilística.

Informação Técnica

Matéria: Madeira [moldura]
Tela [suporte]
Técnica: Marcenaria [moldura]
Óleo [pintura]

Conservação

Estado: Bom
Especificações: Peça sem problemas de conservação.
Data: 29-05-2015

Autoria

Nome: Desconhecido
Tipo: Desconhecido
Ofício: Desconhecido

Produção

Oficina/ Fabricante: Desconhecido
Local de Execução: Desconhecido
Escola/Estilo/Movimento: Desconhecido

Incorporação

Data de Incorporação: 00-00-0000
Ano(s): Desconhecido
Modo de Incorporação: Desconhecido
Descrição: Desconhecido

Localização

Localização: Reservas

Marcas/inscrições

Local e data de conclusão da ficha

Lagoa, 29 de maio de 2015

Inventariante

Joana Simas

Ficha de Inventário

Identificação da Peça

Instituição/ Proprietário: Fábrica da Igreja Paroquial de Santa Cruz – Diocese de Angra

Localização: Concelho de Lagoa, Santa Cruz

Categoria: Pintura

Denominação: Quadro

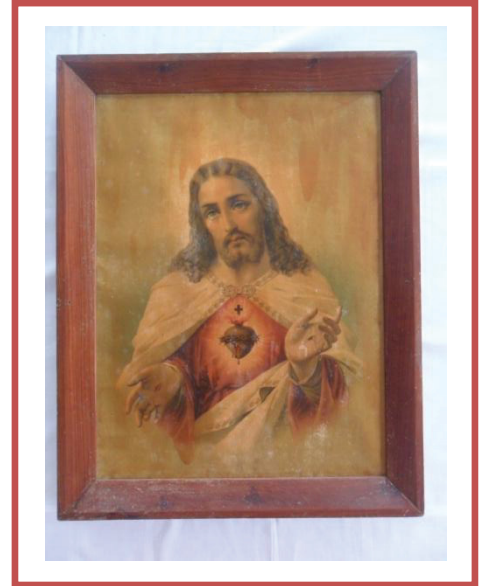
Título: Sagrado Coração de Jesus

Elemento de conjunto: não

Nº de Inventário: PSC/119

Marcação: no verso

Nº de Inventário anteriores: (não se aplica)



Descrição

Pintura a óleo sobre tela, de formato retangular disposta na vertical, representando o Sagrado Coração de Jesus. Representação de Jesus Cristo a meio corpo. Apresenta o rosto ligeiramente inclinado com o cabelo comprido ondulado a cair sobre os ombros, e rosto barbado. Mão esquerda em gesto de bênção, apontando para o céu, e a mão direita aberta para a frente. Sobressai do peito um coração flamejante.

Inventário do Património Cultural Móvel da Igreja Matriz de Santa Cruz

Dimensões

Altura: 79 cm
Largura: 57 cm
Outras dimensões: 81 cm x 63 cm
(com moldura)

Datação

Ano(s): Não determinado
Século(s): XIX (?)
Justificação da data: Análise estilística.

Informação Técnica

Matéria: Madeira [moldura]
Tela [suporte]
Técnica: Marcenaria [moldura]
Óleo [pintura]

Conservação

Estado: Bom
Especificações: Peça sem problemas de conservação.
Data: 01-06-2015

Autoria

Nome: Desconhecido
Tipo: Desconhecido
Ofício: Desconhecido

Produção

Oficina/ Fabricante: Desconhecido
Local de Execução: Desconhecido
Escola/Estilo/Movimento: Desconhecido

Incorporação

Data de Incorporação: 00-00-0000
Ano(s): Desconhecido
Modo de Incorporação: Desconhecido
Descrição: Desconhecido

Localização

Localização: Reservas

Marcas/inscrições

Local e data de conclusão da ficha

Lagoa, 01de junho de 2015

Inventariante

Joana Simas

Ficha de Inventário

Identificação da Peça

Instituição/ Proprietário: Fábrica da Igreja Paroquial de Santa Cruz – Diocese de Angra

Localização: Concelho de Lagoa, Santa Cruz

Categoria: Ourivesaria

Denominação: Cálice

Elemento de conjunto: não

Nº de Inventário: PSC/120

Marcação: interior da base

Nº de Inventário anteriores: (não se aplica)



Descrição

Cálice composto por uma copa, haste nó e base. Cálice de base circular oitavada, alteada em três níveis: orla lisa com rebordo gomado; moldura côncava lisa; meia-cana relevada. Centro alteado com arranque tronco-cônico do pé. Haste abalaustrada com nó periforme invertido, emoldurada por anéis que alternam com superfícies côncavas e lisas. Copa cupuliforme lisa com interior dourado.

Inventário do Património Cultural Móvel da Igreja Matriz de Santa Cruz

Dimensões

Altura: 27 cm
Diâmetro da base: 41 cm
Diâmetro da copa: 24 cm

Datação

Ano(s): 1750-1770
Século(s): XVIII
Justificação da data: Marca de ourives com contraste de cerca de 1750-1770.

Informação Técnica

Matéria: Prata
Técnica: Dourado
Fundido
Torneado
Repuxado

Conservação

Estado: Bom
Especificações: Peça estabilizada.
Data: 22-07-2015

Autoria

Nome: João Pedro da Costa
Tipo: autor
Ofício: ourives

Produção

Oficina/ Fabricante: Desconhecido
Local de Execução: Lisboa
Escola/Estilo/Movimento: Ourivesaria Portuguesa

Incorporação

Data de Incorporação: 00/00/0000
Ano(s): Desconhecido
Modo de Incorporação: Desconhecido
Descrição: Desconhecido

Localização

Localização: Sacristia (Nova atualização: Núcleo da Ourivesaria. 18-05-2017)

Marcas/inscrições

Marca de ourives [J.P.C.] de Lisboa, atribuível a João Pedro da Costa (ou de Coito).

Marca da prata de contraste de Lisboa [L- Contrastaria de Lisboa], do segundo quartel do século XVIII.

Local e data de conclusão da ficha

Lagoa, 22 de julho de 2015

Inventariante

Joana Simas

Ficha de Inventário

Identificação da Peça

Instituição/ Proprietário: Fábrica da Igreja Paroquial de Santa Cruz – Diocese de Angra

Localização: Concelho de Lagoa, Santa Cruz

Categoria: Ourivesaria

Denominação: Cálice

Elemento de conjunto: não

Nº de Inventário: PSC/121

Marcação: verso da base

Nº de Inventário anteriores: (não se aplica)



Descrição

Cálice composto por uma copa, haste nó e base. Cálice de base circular de orla lisa, alteada ao centro de perfil côncavo. Arranque do pé em tambor. Haste abalaustrada com nó periforme invertido e anel no remate superior. Copa cupuliforme lisa com interior dourado.

Inventário do Património Cultural Móvel da Igreja Matriz de Santa Cruz

Dimensões

Altura: 22 cm
Diâmetro da base: 43 cm
Diâmetro da copa: 27 cm

Datação

Ano(s): Não determinado
Século(s): XIX (?)
Justificação da data: Análise estilística.

Informação Técnica

Matéria: Prata
Técnica: Dourado
Fundido
Repuxado

Conservação

Estado: Bom
Especificações: Peça estabilizada.
Data: 25-08-2015

Autoria

Nome: Desconhecido
Tipo: Desconhecido
Ofício: Desconhecido

Produção

Oficina/ Fabricante: Desconhecido
Local de Execução: Desconhecido
Escola/Estilo/Movimento: Desconhecido

Incorporação

Data de Incorporação: 00/00/0000
Ano(s): Desconhecido
Modo de Incorporação: Desconhecido
Descrição: Desconhecido

Localização

Localização: Sacristia

Local e data de conclusão da ficha

Lagoa, 25 de agosto de 2015

Inventariante

Joana Simas

Ficha de Inventário

Identificação da Peça

Instituição/ Proprietário: Fábrica da Igreja Paroquial de Santa Cruz – Diocese de Angra

Localização: Concelho de Lagoa, Santa Cruz

Categoria: Ourivesaria

Denominação: Terço

Elemento de conjunto: não

Nº de Inventário: PSC/122

Marcação: etiqueta

Nº de Inventário anteriores: (não se aplica)



Descrição

Terço composto por lisas, num total de cinquenta e três, correspondentes às Ave-Marias, unidas por cadeia de elos metálicos simples. Alternam com seis contas, ligeiramente de maior dimensão, esféricas decoradas, e isoladas, correspondentes aos Pais-Nossos. A transição para a secção pendente faz-se através de uma medalha, em forma circular, que apresenta no verso a aparição da Virgem do Rosário de Fátima aos três pastorinhos. A rematar uma cruz latina com remates trilobados, com a imagem de Cristo Crucificado incorporada, do tipo agonizante.

Inventário do Património Cultural Móvel da Igreja Matriz de Santa Cruz

Dimensões

Altura: 44 cm

Largura: 2 cm

Datação

Ano(s): Não determinado

Século(s): XX

Justificação da data: Na medalha, a representação da aparição da Virgem do Rosário de Fátima, e dado que as aparições sucederam-se em 1917 (século XX), o culto à Virgem de Fátima tornou-se popular a partir do século XX até aos nossos dias.

Informação Técnica

Matéria: Prata

Técnica: Cinzelado

Fundido

Gravado

Recortado

Conservação

Estado: Bom

Especificações: Peça estabilizada.

Data: 24-08-2015

Autoria

Nome: Desconhecido

Tipo: Desconhecido

Ofício: Desconhecido

Produção

Oficina/ Fabricante: Desconhecido

Local de Execução: Desconhecido

Escola/Estilo/Movimento: Desconhecido

Incorporação

Data de Incorporação: 00/00/0000

Ano(s): Desconhecido

Modo de Incorporação: Desconhecido

Descrição: Desconhecido

Localização

Localização: Sacristia

Marcas/inscrições

Inscrição gravada na medalha:

“ N. S. DA FATIMA ”

Observações

Terço utilizado na Imagem da Virgem do Rosário de Fátima com o número de inventário PSC/151.

Inventário do Património Cultural Móvel da Igreja Matriz de Santa Cruz

Local e data de conclusão da ficha

Lagoa, 25 de agosto de 2015

Inventariante

Joana Simas

Ficha de Inventário

Identificação da Peça

Instituição/ Proprietário: Fábrica da Igreja Paroquial de Santa Cruz – Diocese de Angra

Localização: Concelho de Lagoa, Santa Cruz

Categoria: Ourivesaria

Denominação: Coroa

Elemento de conjunto: não

Nº de Inventário: PSC/123

Marcação: travessão e etiqueta

Nº de Inventário anteriores: (não se aplica)



Descrição

Coroa com aro compósito formado por orla puncionada de rebordo saliente, decorada por círculos. Corpo formado por motivos fitomórficos e enrolamentos. Fechada por seis imperiais fixos de rebordo recortado, com composições de cartelas semelhantes à parte inferior que convergem para o topo, com as extremidades em forma de folhas recurvadas para o exterior, encimadas por esfera lisa dourada que sustenta uma cruz latina trilobada. Dispõe de um parafuso de encaixe.

Inventário do Património Cultural Móvel da Igreja Matriz de Santa Cruz

Dimensões

Altura: 21 cm
Diâmetro: 49 cm

Datação

Ano(s): Não determinado
Século(s): XIX/XX
Justificação da data: Apreciação estilística.

Informação Técnica

Matéria: Prata
Técnica: Cinzelado
Dourado
Fundido
Recortado
Repuxado

Conservação

Estado: Bom
Especificações: Peça estabilizada.
Data: 17-08-2015

Autoria

Nome: Desconhecido
Tipo: Desconhecido
Ofício: Desconhecido

Produção

Oficina/ Fabricante: Desconhecido
Local de Execução: Desconhecido
Escola/Estilo/Movimento: Desconhecido

Incorporação

Data de Incorporação: 00/00/0000
Ano(s): Desconhecido
Modo de Incorporação: Desconhecido
Descrição: Desconhecido

Localização

Localização: Sacristia (Nova atualização:
Núcleo da Ourivesaria. 18-05-2017)

Marcas/inscrições

Marca de ourives [A] não identificável.

Observações

A coroa pertence à Imagem da Virgem do Rosário de Fátima com o número de inventário PSC/151

Local e data de conclusão da ficha

Lagoa, 17 de agosto de 2015

Inventariante

Joana Simas

Ficha de Inventário

Identificação da Peça

Instituição/ Proprietário: Fábrica da Igreja Paroquial de Santa Cruz – Diocese de Angra

Localização: Concelho de Lagoa, Santa Cruz

Categoria: Ourivesaria

Denominação: Cálice

Elemento de conjunto: não

Nº de Inventário: PSC/124

Marcação: verso da base

Nº de Inventário anteriores: (não se aplica)



Descrição

Cálice composto por uma copa, haste nó e base. Cálice de base circular de orla lisa, alteada ao centro. Haste em forma de balaústre com nó periforme invertido. Copa cupuliforme lisa com interior dourado.

Inventário do Património Cultural Móvel da Igreja Matriz de Santa Cruz

Dimensões

Altura: 19 cm
Diâmetro da base: 40 cm
Diâmetro da copa: 32 cm

Datação

Ano(s): 1994
Século(s): XX
Justificação da data: Inscrição no interior da base.

Informação Técnica

Matéria: Prata
Técnica: Dourado
Fundido
Gravado
Repuxado

Conservação

Estado: Bom
Especificações: Peça estabilizada.
Data: 10-08-2015

Autoria

Nome: Desconhecido
Tipo: Desconhecido
Ofício: Desconhecido

Produção

Oficina/ Fabricante: Desconhecido
Local de Execução: Porto
Escola/Estilo/Movimento: Ourivesaria Portuguesa

Incorporação

Data de Incorporação: 18/09/1994
Ano(s): 1994
Modo de Incorporação: Doação
Descrição: Lembrança da Junta de Freguesia de Santa Cruz.

Localização

Localização: Sacristia

Marcas/inscrições

Inscrição gravada no interior da base relativamente ao doador:
“LEMBRANÇA DA JUNTA FREGUESIA
SANTA CRUZ
18-9-94”

Marca de contraste [835 águia - contraste da prata de ensaiador do Porto] na orla e copa.

Local e data de conclusão da ficha

Lagoa, 10 de agosto de 2015

Inventariante

Joana Simas

Ficha de Inventário

Identificação da Peça

Instituição/ Proprietário: Fábrica da Igreja Paroquial de Santa Cruz – Diocese de Angra

Localização: Concelho de Lagoa, Santa Cruz

Categoria: Cerâmica

Denominação: Galhetas (par)

Elemento de conjunto: não

Nº de Inventário: PSC/125

PSC/125.1 [galheta do vinho]

PSC/125.2 [galheta da água]

PSC/125.3 [prato]

Marcação: verso da base

Nº de Inventário anteriores: (não se aplica)



Descrição

Conjunto composto por par de galhetas e prato executados em louça típica do Concelho da Lagoa. O prato tem base côncava e forma oval. O par de galhetas, em forma de bule, com asas, apresenta base circular. A galheta do vinho apresenta uma pintura de um cacho de uvas, enquanto a galheta da água apresenta uma pintura de uma fonte. O bojo e a tampa são desprovidos de ornamentação.

Inventário do Património Cultural Móvel da Igreja Matriz de Santa Cruz

Dimensões

Altura: 17 cm
Comprimento: 29 cm
Largura: 18 cm
Outras dimensões: a. 16 cm x 9 cm (galhetas)

Datação

Ano(s): 2009
Século(s): XXI
Justificação da data: Inscrição no verso da base.

Informação Técnica

Matéria: Barro
Técnica: Banho
Cozedura
Esmaltagem
Modelagem
Roda
Torneamento
Vidrado

Conservação

Estado: Muito Bom
Especificações: Peça em perfeito estado de conservação
Data: 17-06-2015

Autoria

Nome: Desconhecido
Tipo: Desconhecido
Ofício: Desconhecido

Produção

Oficina/ Fabricante: Fábrica Cerâmica Vieira
Local de Execução: Lagoa (Açores)
Escola/Estilo/Movimento: Louça da Lagoa

Incorporação

Data de Incorporação: 00/00/2009
Ano(s): 2009
Modo de Incorporação: Aquisição
Descrição: Desconhecido

Localização

Localização: Sacristia (Nova atualização: Núcleo da Cerâmica e Azulejaria. 18-05-2017)

Marcas/inscrições

- Inscrição no verso da base do prato:
"78-A
C. VIEIRA
LAGOA
AÇORES
PINT. À MÃO
2009"

- Inscrição no verso da base das galhetas:
"C. VIEIRA
LAGOA
AÇORES

Inventário do Património Cultural Móvel da Igreja Matriz de Santa Cruz

PINT. À MÃO
2009”

Local e data de conclusão da ficha

Lagoa, 17 de junho de 2015

Inventariante

Joana Simas

Ficha de Inventário

Identificação da Peça

Instituição/ Proprietário: Fábrica da Igreja Paroquial de Santa Cruz – Diocese de Angra

Localização: Concelho de Lagoa, Santa Cruz

Categoria: Cerâmica

Denominação: Âmbula dos Santos Óleos

Elemento de conjunto: não

Nº de Inventário: PSC/126

Marcação: verso da base

Nº de Inventário anteriores: (não se aplica)



Descrição

Âmbula do Santo Óleo do Crisma, em forma de bule com base circular. A âmbula apresenta a inscrição "Crisma". O bojo é desprovido de ornamentação e a tampa rematada por uma cruz.

Inventário do Património Cultural Móvel da Igreja Matriz de Santa Cruz

Dimensões

Altura: 16 cm
Diâmetro: 22 cm

Datação

Ano(s): 2009
Século(s): XXI
Justificação da data: Inscrição no verso da base.

Informação Técnica

Matéria: Barro
Técnica: Banho
Cozedura
Esmaltagem
Modelagem
Roda
Torneamento
Vidrado

Conservação

Estado: Muito Bom
Especificações: Peça em perfeito estado de conservação
Data: 17-06-2015

Autoria

Nome: Desconhecido
Tipo: Desconhecido
Ofício: Desconhecido

Produção

Oficina/ Fabricante: Fábrica Cerâmica Vieira
Local de Execução: Lagoa (Açores)
Escola/Estilo/Movimento: Louça da Lagoa

Incorporação

Data de Incorporação: 00/00/2009
Ano(s): 2009
Modo de Incorporação: Aquisição
Descrição: Desconhecido

Localização

Localização: Sacristia

Marcas/inscrições

- Inscrição no verso da base:
"C. VIEIRA
LAGOA
AÇORES
PINT. À MÃO
2009"

Local e data de conclusão da ficha

Lagoa, 17 de junho de 2015

Inventariante

Joana Simas

Ficha de Inventário

Identificação da Peça

Instituição/ Proprietário: Fábrica da Igreja Paroquial de Santa Cruz – Diocese de Angra

Localização: Concelho de Lagoa, Santa Cruz

Categoria: Cerâmica

Denominação: Âmbula dos Santos Óleos

Elemento de conjunto: não

Nº de Inventário: PSC/127

Marcação: verso da base

Nº de Inventário anteriores: (não se aplica)



Descrição

Âmbula do Santo Óleo dos Enfermos, em forma de bule com base circular. A âmbula apresenta a inscrição "Crisma". O bojo é desprovido de ornamentação e a tampa rematada por uma cruz.

Inventário do Património Cultural Móvel da Igreja Matriz de Santa Cruz

Dimensões

Altura: 16 cm
Diâmetro: 22 cm

Datação

Ano(s): 2009
Século(s): XXI
Justificação da data: Inscrição no verso da base.

Informação Técnica

Matéria: Barro
Técnica: Banho
Cozedura
Esmaltagem
Modelagem
Roda
Torneamento
Vidrado

Conservação

Estado: Muito Bom
Especificações: Peça em perfeito estado de conservação
Data: 17-06-2015

Autoria

Nome: Desconhecido
Tipo: Desconhecido
Ofício: Desconhecido

Produção

Oficina/ Fabricante: Fábrica Cerâmica Vieira
Local de Execução: Lagoa (Açores)
Escola/Estilo/Movimento: Louça da Lagoa

Incorporação

Data de Incorporação: 00/00/2009
Ano(s): 2009
Modo de Incorporação: Aquisição
Descrição: Desconhecido

Localização

Localização: Sacristia

Marcas/inscrições

- Inscrição no verso da base:
"C. VIEIRA
LAGOA
AÇORES
PINT. À MÃO
2009"

Local e data de conclusão da ficha

Lagoa, 17 de junho de 2015

Inventariante

Joana Simas

Ficha de Inventário

Identificação da Peça

Instituição/ Proprietário: Fábrica da Igreja Paroquial de Santa Cruz – Diocese de Angra

Localização: Concelho de Lagoa, Santa Cruz

Categoria: Alfaias

Denominação: Ferro de hóstias

Elemento de conjunto: não

Nº de Inventário: PSC/128

Marcação: base

Nº de Inventário anteriores: (não se aplica)



Descrição

Ferro de hóstias composto por duas peças articuladas em tesoura. Placas retangulares com moldes para hóstias, de diferentes dimensões.

Inventário do Património Cultural Móvel da Igreja Matriz de Santa Cruz

Dimensões

Comprimento: 74 cm
Largura: 16 cm

Datação

Ano(s): Não determinado
Século(s): XVIII/XIX
Justificação da data: Análise estilística.

Informação Técnica

Matéria: Ferro
Técnica: Batido
Forjado
Recortado

Conservação

Estado: Regular
Especificações: Peça que apresenta alguma ferrugem.
Data: 14-07-2015

Autoria

Nome: Desconhecido
Tipo: Desconhecido
Ofício: Desconhecido

Produção

Oficina/ Fabricante: Desconhecido
Local de Execução: Desconhecido
Escola/Estilo/Movimento: Desconhecido

Incorporação

Data de Incorporação: 00/00/0000
Ano(s): Desconhecido
Modo de Incorporação: Desconhecido
Descrição: Desconhecido

Localização

Localização: Reservas

Marcas/inscrições

Local e data de conclusão da ficha

Lagoa, 14 de julho de 2015

Inventariante

Joana Simas

Ficha de Inventário

Identificação da Peça

Instituição/ Proprietário: Fábrica da Igreja Paroquial de Santa Cruz – Diocese de Angra

Localização: Concelho de Lagoa, Santa Cruz

Categoria: Cerâmica

Denominação: Cibório

Outra denominação: Píxide

Elemento de conjunto: não

Nº de Inventário: PSC/129

Marcação: verso da base

Nº de Inventário anteriores: (não se aplica)



Descrição

Píxide de base circular alteada com estrangulamento tronco-cónico. Copa semi-esférica bojuda e tampa rematada por cruz grega.

Inventário do Património Cultural Móvel da Igreja Matriz de Santa Cruz

Dimensões

Altura: 20 cm
Diâmetro: 16 cm

Datação

Ano(s): 2009
Século(s): XXI
Justificação da data: Inscrição no verso da base.

Informação Técnica

Matéria: Barro
Técnica: Banho
Cozedura
Esmaltagem
Modelagem
Roda
Torneamento
Vidrado

Conservação

Estado: Muito Bom
Especificações: Peça em perfeito estado de conservação
Data: 17-06-2015

Autoria

Nome: Desconhecido
Tipo: Desconhecido
Ofício: Desconhecido

Produção

Oficina/ Fabricante: Fábrica Cerâmica Vieira
Local de Execução: Lagoa (Açores)
Escola/Estilo/Movimento: Louça da Lagoa

Incorporação

Data de Incorporação: 00/00/2009
Ano(s): 2009
Modo de Incorporação: Aquisição
Descrição: Desconhecido

Localização

Localização: Sacristia (Nova atualização: Núcleo da Cerâmica e Azulejaria. 18-05-2017)

Marcas/inscrições

- Inscrição no verso da base:
"C. VIEIRA
LAGOA
AÇORES
PINT. À MÃO
2009"

Local e data de conclusão da ficha

Lagoa, 17 de junho de 2015

Inventariante

Joana Simas

Ficha de Inventário

Identificação da Peça

Instituição/ Proprietário: Fábrica da Igreja Paroquial de Santa Cruz – Diocese de Angra

Localização: Concelho de Lagoa, Santa Cruz

Categoria: Ourivesaria

Denominação: Relicário

Ficha de conjunto: sim

Nº de Inventário: PSC/130

Nº de Inventário anteriores: (não se aplica)

Localização: Núcleo da Ourivesaria



Descrição

Conjunto de quinze objetos compostos por relíquias de santos e santas.

Inventariante

Joana Simas

Ficha de Inventário

Identificação da Peça

Instituição/ Proprietário: Fábrica da Igreja Paroquial de Santa Cruz – Diocese de Angra

Localização: Concelho de Lagoa, Santa Cruz

Categoria: Metais

Denominação: Relicário

Título: Relíquia de Santa Catarina de Sena, Virgem

Elemento de conjunto: sim

Nº de Inventário: PSC/130

Marcação: etiqueta

Nº de Inventário anteriores: (não se aplica)



Descrição

Relicário formado por aro circular, emoldurado, encimado por fita de cetim branco. Encerra uma relíquia [tecido?] da Virgem Santa Catarina de Sena, acompanhada de filacteria de papel com inscrição latina. Emoldurada por fita metálica prateada sobre tecido vermelho. No reverso apresenta selo, em lacre, com armas episcopais não identificadas.

Inventário do Património Cultural Móvel da Igreja Matriz de Santa Cruz

Dimensões

Altura: 2.5 cm
Largura: 2 cm
Profundidade: 0.5 cm

Datação

Ano(s): Não determinado
Século(s): XVIII-XX (?)
Justificação da data:

Informação Técnica

Matéria: Latão
Lacre
Papel
Tecido
Vidro
Técnica: Colagem
Fundido

Conservação

Estado: Bom
Especificações: Peça estabilizada.
Data: 25-08-2015

Autoria

Nome: Desconhecido
Tipo: Desconhecido
Ofício: Desconhecido

Produção

Oficina/ Fabricante: Desconhecido
Local de Execução: Desconhecido
Escola/Estilo/Movimento: Desconhecido

Incorporação

Data de Incorporação: 00/00/0000
Ano(s): Desconhecido
Modo de Incorporação: Desconhecido
Descrição: Desconhecido

Localização

Localização: Sacristia (Nova atualização:
Núcleo da Ourivesaria. 18-05-2017)

Marcas/inscrições

Inscrição impressa, identificativa da relíquia da Santa:
"s Cath. Sem. V"

Local e data de conclusão da ficha

Lagoa, 25 de agosto de 2015

Inventariante

Joana Simas

Ficha de Inventário

Identificação da Peça

Instituição/ Proprietário: Fábrica da Igreja Paroquial de Santa Cruz – Diocese de Angra

Localização: Concelho de Lagoa, Santa Cruz

Categoria: Metais

Denominação: Relicário

Título: Relíquia de São Paulo da Cruz

Elemento de conjunto: sim

Nº de Inventário: PSC/130

Marcação: etiqueta

Nº de Inventário anteriores: (não se aplica)



Descrição

Relicário formado por aro circular, emoldurado, encimado por fita de cetim branco. Encerra uma relíquia [osso?] de São Paulo da Cruz, acompanhada de filacteria de papel com inscrição latina. Emoldurada por fita metálica prateada sobre tecido vermelho. No reverso apresenta selo, em lacre, com armas episcopais não identificadas.

Inventário do Património Cultural Móvel da Igreja Matriz de Santa Cruz

Dimensões

Altura: 2.5 cm
Largura: 2 cm
Profundidade: 0.5 cm

Datação

Ano(s): Não determinado
Século(s): XVIII-XX (?)
Justificação da data:

Informação Técnica

Matéria: Latão
Lacre
Papel
Tecido
Vidro
Técnica: Colagem
Fundido

Conservação

Estado: Bom
Especificações: Peça estabilizada.
Data: 25-08-2015

Autoria

Nome: Desconhecido
Tipo: Desconhecido
Ofício: Desconhecido

Produção

Oficina/ Fabricante: Desconhecido
Local de Execução: Desconhecido
Escola/Estilo/Movimento: Desconhecido

Incorporação

Data de Incorporação: 00/00/0000
Ano(s): Desconhecido
Modo de Incorporação: Desconhecido
Descrição: Desconhecido

Localização

Localização: Sacristia (Nova atualização:
Núcleo da Ourivesaria. 18-05-2017)

Marcas/inscrições

Inscrição impressa, identificativa da relíquia do Santo:
"s Pauli a Cru"

Local e data de conclusão da ficha

Lagoa, 25 de agosto de 2015

Inventariante

Joana Simas

Ficha de Inventário

Identificação da Peça

Instituição/ Proprietário: Fábrica da Igreja Paroquial de Santa Cruz – Diocese de Angra

Localização: Concelho de Lagoa, Santa Cruz

Categoria: Metais

Denominação: Relicário

Título: Relíquia de Santa Luzia Virgem Mártir

Elemento de conjunto: sim

Nº de Inventário: PSC/130

Marcação: etiqueta

Nº de Inventário anteriores: (não se aplica)



Descrição

Relicário formado por aro circular, emoldurado, encimado por fita de cetim branco. Encerra uma relíquia [tecido?] de Santa Luzia Virgem Mártir, acompanhada de filacteria de papel com inscrição latina. Emoldurada por fita metálica prateada sobre tecido vermelho. No reverso apresenta selo, em lacre, com armas episcopais não identificadas.

Inventário do Património Cultural Móvel da Igreja Matriz de Santa Cruz

Dimensões

Altura: 2.5 cm
Largura: 2 cm
Profundidade: 0.5 cm

Datação

Ano(s): Não determinado
Século(s): XVIII-XX (?)
Justificação da data:

Informação Técnica

Matéria: Latão
Lacre
Papel
Tecido
Vidro
Técnica: Colagem
Fundido

Conservação

Estado: Bom
Especificações: Peça estabilizada.
Data: 25-08-2015

Autoria

Nome: Desconhecido
Tipo: Desconhecido
Ofício: Desconhecido

Produção

Oficina/ Fabricante: Desconhecido
Local de Execução: Desconhecido
Escola/Estilo/Movimento: Desconhecido

Incorporação

Data de Incorporação: 00/00/0000
Ano(s): Desconhecido
Modo de Incorporação: Desconhecido
Descrição: Desconhecido

Localização

Localização: Sacristia (Nova atualização:
Núcleo da Ourivesaria. 18-05-2017)

Marcas/inscrições

Inscrição impressa, identificativa da relíquia do Santo:
"s Laciae V. M."

Local e data de conclusão da ficha

Lagoa, 25 de agosto de 2015

Inventariante

Joana Simas

Ficha de Inventário

Identificação da Peça

Instituição/ Proprietário: Fábrica da Igreja Paroquial de Santa Cruz – Diocese de Angra

Localização: Concelho de Lagoa, Santa Cruz

Categoria: Metais

Denominação: Relicário

Título: Relíquia do Apóstolo São Paulo

Elemento de conjunto: sim

Nº de Inventário: PSC/130

Marcação: etiqueta

Nº de Inventário anteriores: (não se aplica)



Descrição

Relicário formado por aro circular, emoldurado. Encerra uma relíquia [osso?] do Apóstolo São Paulo, acompanhada de filacteria de papel com inscrição latina. Emoldurada por fita metálica prateada sobre tecido vermelho. No reverso apresenta selo, em lacre, com armas episcopais não identificadas.

Inventário do Património Cultural Móvel da Igreja Matriz de Santa Cruz

Dimensões

Altura: 2.5 cm
Largura: 2 cm
Profundidade: 0.5 cm

Datação

Ano(s): Não determinado
Século(s): XVIII-XX (?)
Justificação da data:

Informação Técnica

Matéria: Latão
Lacre
Osso
Papel
Tecido
Vidro
Técnica: Colagem
Fundido

Conservação

Estado: Bom
Especificações: Peça estabilizada.
Data: 25-08-2015

Autoria

Nome: Desconhecido
Tipo: Desconhecido
Ofício: Desconhecido

Produção

Oficina/ Fabricante: Desconhecido
Local de Execução: Desconhecido
Escola/Estilo/Movimento: Desconhecido

Incorporação

Data de Incorporação: 00/00/0000
Ano(s): Desconhecido
Modo de Incorporação: Desconhecido
Descrição: Desconhecido

Localização

Localização: Sacristia (Nova atualização:
Núcleo da Ourivesaria. 18-05-2017)

Marcas/inscrições

Inscrição impressa, identificativa da relíquia do Santo:
“s. Pauli Apos.”

Local e data de conclusão da ficha

Lagoa, 25 de agosto de 2015

Inventariante

Joana Simas

Ficha de Inventário

Identificação da Peça

Instituição/ Proprietário: Fábrica da Igreja Paroquial de Santa Cruz – Diocese de Angra

Localização: Concelho de Lagoa, Santa Cruz

Categoria: Metais

Denominação: Relicário

Título: Relíquia de São Domingos

Elemento de conjunto: não

Nº de Inventário: PSC/130

Marcação: etiqueta

Nº de Inventário anteriores: (não se aplica)



Descrição

Relicário formado por aro circular, emoldurado. Encerra uma relíquia [tecido?] de São Domingos, acompanhada de filacteria de papel com inscrição latina. Emoldurada por fita metálica prateada sobre tecido vermelho. No reverso apresenta selo, em lacre, com armas episcopais não identificadas.

Inventário do Património Cultural Móvel da Igreja Matriz de Santa Cruz

Dimensões

Altura: 2.5 cm
Largura: 2 cm
Profundidade: 0.5 cm

Datação

Ano(s): Não determinado
Século(s): XVIII-XX (?)
Justificação da data:

Informação Técnica

Matéria: Latão
Lacre
Papel
Tecido
Vidro
Técnica: Colagem
Fundido

Conservação

Estado: Bom
Especificações: Peça estabilizada.
Data: 25-08-2015

Autoria

Nome: Desconhecido
Tipo: Desconhecido
Ofício: Desconhecido

Produção

Oficina/ Fabricante: Desconhecido
Local de Execução: Desconhecido
Escola/Estilo/Movimento: Desconhecido

Incorporação

Data de Incorporação: 00/00/0000
Ano(s): Desconhecido
Modo de Incorporação: Desconhecido
Descrição: Desconhecido

Localização

Localização: Sacristia (Nova atualização:
Núcleo da Ourivesaria. 18-05-2017)

Marcas/inscrições

Inscrição impressa, identificativa da relíquia do Santo:
"s. Dominici C"

Local e data de conclusão da ficha

Lagoa, 25 de agosto de 2015

Inventariante

Joana Simas

Ficha de Inventário

Identificação da Peça

Instituição/ Proprietário: Fábrica da Igreja Paroquial de Santa Cruz – Diocese de Angra

Localização: Concelho de Lagoa, Santa Cruz

Categoria: Metais

Denominação: Relicário

Título: Relíquia de São João Baptista

Elemento de conjunto: não

Nº de Inventário: PSC/130

Marcação: etiqueta

Nº de Inventário anteriores: (não se aplica)



Descrição

Relicário formado por aro circular, emoldurado. Encerra uma relíquia [tecido?] de São João Baptista, acompanhada de filacteria de papel com inscrição latina. Emoldurada por fita metálica prateada sobre tecido vermelho. No reverso apresenta selo, em lacre, com armas episcopais não identificadas.

Inventário do Património Cultural Móvel da Igreja Matriz de Santa Cruz

Dimensões

Altura: 2.5 cm
Largura: 2 cm
Profundidade: 0.5 cm

Datação

Ano(s): Não determinado
Século(s): XVIII-XX (?)
Justificação da data:

Informação Técnica

Matéria: Latão
Lacre
Papel
Tecido
Vidro
Técnica: Colagem
Fundido

Conservação

Estado: Bom
Especificações: Peça estabilizada.
Data: 25-08-2015

Autoria

Nome: Desconhecido
Tipo: Desconhecido
Ofício: Desconhecido

Produção

Oficina/ Fabricante: Desconhecido
Local de Execução: Desconhecido
Escola/Estilo/Movimento: Desconhecido

Incorporação

Data de Incorporação: 00/00/0000
Ano(s): Desconhecido
Modo de Incorporação: Desconhecido
Descrição: Desconhecido

Localização

Localização: Sacristia (Nova atualização:
Núcleo da Ourivesaria. 18-05-2017)

Marcas/inscrições

Inscrição impressa, identificativa da relíquia do Santo:
“s. Joann. Bapt.”

Local e data de conclusão da ficha

Lagoa, 25 de agosto de 2015

Inventariante

Joana Simas

Ficha de Inventário

Identificação da Peça

Instituição/ Proprietário: Fábrica da Igreja Paroquial de Santa Cruz – Diocese de Angra

Localização: Concelho de Lagoa, Santa Cruz

Categoria: Metais

Denominação: Relicário

Título: Relíquia da Casa de Loreto

Elemento de conjunto: sim

Nº de Inventário: PSC/130

Marcação: etiqueta

Nº de Inventário anteriores: (não se aplica)



Descrição

Relicário formado por aro circular, emoldurado. Encerra uma relíquia [osso?], acompanhada de filacteria de papel com inscrição latina. Emoldurada por fita metálica prateada sobre tecido vermelho. No reverso apresenta selo, em lacre, com armas episcopais não identificadas.

Inventário do Património Cultural Móvel da Igreja Matriz de Santa Cruz

Dimensões

Altura: 2.5 cm
Largura: 2 cm
Profundidade: 0.5 cm

Datação

Ano(s): Não determinado
Século(s): XVIII-XX (?)
Justificação da data:

Informação Técnica

Matéria: Latão
Lacre
Osso
Papel
Tecido
Vidro
Técnica: Colagem
Fundido

Conservação

Estado: Bom
Especificações: Peça estabilizada.
Data: 25-08-2015

Autoria

Nome: Desconhecido
Tipo: Desconhecido
Ofício: Desconhecido

Produção

Oficina/ Fabricante: Desconhecido
Local de Execução: Desconhecido
Escola/Estilo/Movimento: Desconhecido

Incorporação

Data de Incorporação: 00/00/0000
Ano(s): Desconhecido
Modo de Incorporação: Desconhecido
Descrição: Desconhecido

Localização

Localização: Sacristia (Nova atualização:
Núcleo da Ourivesaria. 18-05-2017)

Marcas/inscrições

Inscrição impressa, identificativa da relíquia do Santo:
“Dommus. Laur”

Local e data de conclusão da ficha

Lagoa, 25 de agosto de 2015

Inventariante

Joana Simas

Ficha de Inventário

Identificação da Peça

Instituição/ Proprietário: Fábrica da Igreja Paroquial de Santa Cruz – Diocese de Angra

Localização: Concelho de Lagoa, Santa Cruz

Categoria: Metais

Denominação: Relicário

Título: Relíquia da Beata Margaria Maria de Alacoque

Elemento de conjunto: sim

Nº de Inventário: PSC/130

Marcação: etiqueta

Nº de Inventário anteriores: (não se aplica)



Descrição

Relicário formado por aro circular, emoldurado. Encerra uma relíquia [osso?] da Beata Margarida de Alacoque, acompanhada de filactera de papel com inscrição latina. Emoldurada por fita metálica prateada sobre tecido vermelho. No reverso apresenta selo, em lacre, com armas episcopais não identificadas.

Inventário do Património Cultural Móvel da Igreja Matriz de Santa Cruz

Dimensões

Altura: 2.5 cm
Largura: 2 cm
Profundidade: 0.5 cm

Datação

Ano(s): Não determinado
Século(s): XVIII-XX (?)
Justificação da data:

Informação Técnica

Matéria: Latão
Lacre
Osso
Papel
Tecido
Vidro
Técnica: Colagem
Fundido

Conservação

Estado: Bom
Especificações: Peça estabilizada.
Data: 25-08-2015

Autoria

Nome: Desconhecido
Tipo: Desconhecido
Ofício: Desconhecido

Produção

Oficina/ Fabricante: Desconhecido
Local de Execução: Desconhecido
Escola/Estilo/Movimento: Desconhecido

Incorporação

Data de Incorporação: 00/00/0000
Ano(s): Desconhecido
Modo de Incorporação: Desconhecido
Descrição: Desconhecido

Localização

Localização: Sacristia (Nova atualização:
Núcleo da Ourivesaria. 18-05-2017)

Marcas/inscrições

Inscrição impressa, identificativa da relíquia da Beata:
"b. Marg. Alac."

Local e data de conclusão da ficha

Lagoa, 25 de agosto de 2015

Inventariante

Joana Simas

Ficha de Inventário

Identificação da Peça

Instituição/ Proprietário: Fábrica da Igreja Paroquial de Santa Cruz – Diocese de Angra

Localização: Concelho de Lagoa, Santa Cruz

Categoria: Metais

Denominação: Relicário

Título: Relíquia de Santa Helena Imperatriz

Elemento de conjunto: sim

Nº de Inventário: PSC/130

Marcação: etiqueta

Nº de Inventário anteriores: (não se aplica)



Descrição

Relicário formado por aro circular, emoldurado. Encerra uma relíquia [tecido?] de Santa Helena Imperatriz, acompanhada de filacteria de papel com inscrição latina. Emoldurada por fita metálica prateada sobre tecido vermelho. No reverso apresenta selo, em lacre, com armas episcopais não identificadas.

Inventário do Património Cultural Móvel da Igreja Matriz de Santa Cruz

Dimensões

Altura: 2.5 cm
Largura: 2 cm
Profundidade: 0.5 cm

Datação

Ano(s): Não determinado
Século(s): XVIII-XX (?)
Justificação da data:

Informação Técnica

Matéria: Latão
Lacre
Papel
Tecido
Vidro
Técnica: Colagem
Fundido

Conservação

Estado: Bom
Especificações: Peça estabilizada.
Data: 25-08-2015

Autoria

Nome: Desconhecido
Tipo: Desconhecido
Ofício: Desconhecido

Produção

Oficina/ Fabricante: Desconhecido
Local de Execução: Desconhecido
Escola/Estilo/Movimento: Desconhecido

Incorporação

Data de Incorporação: 00/00/0000
Ano(s): Desconhecido
Modo de Incorporação: Desconhecido
Descrição: Desconhecido

Localização

Localização: Sacristia (Nova atualização:
Núcleo da Ourivesaria. 18-05-2017)

Marcas/inscrições

Inscrição impressa, identificativa da relíquia da Beata:
"s. Helenae Im"

Local e data de conclusão da ficha

Lagoa, 25 de agosto de 2015

Inventariante

Joana Simas

Ficha de Inventário

Identificação da Peça

Instituição/ Proprietário: Fábrica da Igreja Paroquial de Santa Cruz – Diocese de Angra

Localização: Concelho de Lagoa, Santa Cruz

Categoria: Metais

Denominação: Relicário

Título: Relíquia de São José, esposo da Virgem Maria

Elemento de conjunto: sim

Nº de Inventário: PSC/130

Marcação: etiqueta

Nº de Inventário anteriores: (não se aplica)



Descrição

Relicário formado por aro circular, emoldurado. Encerra uma relíquia [osso?] de São José, esposo da Virgem Maria, acompanhada de filacteria de papel com inscrição latina. Emoldurada por fita metálica prateada sobre tecido vermelho. No reverso apresenta selo, em lacre, com armas episcopais não identificadas.

Inventário do Património Cultural Móvel da Igreja Matriz de Santa Cruz

Dimensões

Altura: 2.5 cm
Largura: 2 cm
Profundidade: 0.5 cm

Datação

Ano(s): Não determinado
Século(s): XVIII-XX (?)
Justificação da data:

Informação Técnica

Matéria: Latão
Lacre
Osso
Papel
Tecido
Vidro
Técnica: Colagem
Fundido

Conservação

Estado: Bom
Especificações: Peça estabilizada.
Data: 25-08-2015

Autoria

Nome: Desconhecido
Tipo: Desconhecido
Ofício: Desconhecido

Produção

Oficina/ Fabricante: Desconhecido
Local de Execução: Desconhecido
Escola/Estilo/Movimento: Desconhecido

Incorporação

Data de Incorporação: 00/00/0000
Ano(s): Desconhecido
Modo de Incorporação: Desconhecido
Descrição: Desconhecido

Localização

Localização: Sacristia (Nova atualização:
Núcleo da Ourivesaria. 18-05-2017)

Marcas/inscrições

Inscrição impressa, identificativa da relíquia do Santo:
"s. Joseph.Sp."

Local e data de conclusão da ficha

Lagoa, 25 de agosto de 2015

Inventariante

Joana Simas

Ficha de Inventário

Identificação da Peça

Instituição/ Proprietário: Fábrica da Igreja Paroquial de Santa Cruz – Diocese de Angra

Localização: Concelho de Lagoa, Santa Cruz

Categoria: Metais

Denominação: Relicário

Título: Relíquia de São Sebastião Mártir

Elemento de conjunto: sim

Nº de Inventário: PSC/130

Marcação: etiqueta

Nº de Inventário anteriores: (não se aplica)



Descrição

Relicário formado por aro circular, emoldurado, encimado por cordão alaranjado. Encerra uma relíquia [tecido?] de São Sebastião, acompanhada de filacteria de papel com inscrição latina. Emoldurada por fita metálica prateada sobre tecido vermelho. No reverso apresenta selo, em lacre, com armas episcopais não identificadas.

Inventário do Património Cultural Móvel da Igreja Matriz de Santa Cruz

Dimensões

Altura: 2.5 cm
Largura: 2 cm
Profundidade: 0.5 cm

Datação

Ano(s): Não determinado
Século(s): XVIII-XX (?)
Justificação da data:

Informação Técnica

Matéria: Latão
Lacre
Papel
Tecido
Vidro
Técnica: Colagem
Fundido

Conservação

Estado: Bom
Especificações: Peça estabilizada.
Data: 25-08-2015

Autoria

Nome: Desconhecido
Tipo: Desconhecido
Ofício: Desconhecido

Produção

Oficina/ Fabricante: Desconhecido
Local de Execução: Desconhecido
Escola/Estilo/Movimento: Desconhecido

Incorporação

Data de Incorporação: 00/00/0000
Ano(s): Desconhecido
Modo de Incorporação: Desconhecido
Descrição: Desconhecido

Localização

Localização: Sacristia (Nova atualização:
Núcleo da Ourivesaria. 18-05-2017)

Marcas/inscrições

Inscrição impressa, identificativa da relíquia do Santo:
“s. Sebast. Mar.”

Local e data de conclusão da ficha

Lagoa, 25 de agosto de 2015

Inventariante

Joana Simas

Ficha de Inventário

Identificação da Peça

Instituição/ Proprietário: Fábrica da Igreja Paroquial de Santa Cruz – Diocese de Angra

Localização: Concelho de Lagoa, Santa Cruz

Categoria: Metais

Denominação: Relicário

Título: Relíquia de São Francisco de Assis

Elemento de conjunto: sim

Nº de Inventário: PSC/130

Marcação: etiqueta

Nº de Inventário anteriores: (não se aplica)



Descrição

Relicário formado por aro circular, emoldurado. Encerra uma relíquia [cabelo?] de São Francisco de Assis, acompanhada de filacteria de papel com inscrição latina. Emoldurada por fita metálica prateada sobre tecido vermelho. No reverso apresenta selo, em lacre, com armas episcopais não identificadas.

Inventário do Património Cultural Móvel da Igreja Matriz de Santa Cruz

Dimensões

Altura: 2.5 cm
Largura: 2 cm
Profundidade: 0.5 cm

Datação

Ano(s): Não determinado
Século(s): XVIII-XX (?)
Justificação da data:

Informação Técnica

Matéria: Cabelo (?)
Latão
Lacre
Papel
Tecido
Vidro
Técnica: Colagem
Fundido

Conservação

Estado: Bom
Especificações: Peça estabilizada.
Data: 25-08-2015

Autoria

Nome: Desconhecido
Tipo: Desconhecido
Ofício: Desconhecido

Produção

Oficina/ Fabricante: Desconhecido
Local de Execução: Desconhecido
Escola/Estilo/Movimento: Desconhecido

Incorporação

Data de Incorporação: 00/00/0000
Ano(s): Desconhecido
Modo de Incorporação: Desconhecido
Descrição: Desconhecido

Localização

Localização: Sacristia (Nova atualização:
Núcleo da Ourivesaria. 18-05-2017)

Marcas/inscrições

Inscrição impressa, identificativa da relíquia do Santo:
"s. Franc. Ass."

Local e data de conclusão da ficha

Lagoa, 25 de agosto de 2015

Inventariante

Joana Simas

Ficha de Inventário

Identificação da Peça

Instituição/ Proprietário: Fábrica da Igreja Paroquial de Santa Cruz – Diocese de Angra

Localização: Concelho de Lagoa, Santa Cruz

Categoria: Metais

Denominação: Relicário

Título: Relíquia de Santo Amaro Abade

Elemento de conjunto: sim

Nº de Inventário: PSC/130

Marcação: etiqueta

Nº de Inventário anteriores: (não se aplica)



Descrição

Relicário formado por aro circular, emoldurado, encimado por fita de cetim branco. Encerra uma relíquia [tecido?] de Santo Amaro Abade, acompanhada de filacteria de papel com inscrição latina. Emoldurada por fita metálica prateada sobre tecido vermelho. No reverso apresenta selo, em lacre, com armas episcopais não identificadas.

Inventário do Património Cultural Móvel da Igreja Matriz de Santa Cruz

Dimensões

Altura: 2.5 cm
Largura: 2 cm
Profundidade: 0.5 cm

Datação

Ano(s): Não determinado
Século(s): XVIII-XX (?)
Justificação da data:

Informação Técnica

Matéria: Latão
Lacre
Papel
Tecido
Vidro
Técnica: Colagem
Fundido

Conservação

Estado: Bom
Especificações: Peça estabilizada.
Data: 25-08-2015

Autoria

Nome: Desconhecido
Tipo: Desconhecido
Ofício: Desconhecido

Produção

Oficina/ Fabricante: Desconhecido
Local de Execução: Desconhecido
Escola/Estilo/Movimento: Desconhecido

Incorporação

Data de Incorporação: 00/00/0000
Ano(s): Desconhecido
Modo de Incorporação: Desconhecido
Descrição: Desconhecido

Localização

Localização: Sacristia (Nova atualização:
Núcleo da Ourivesaria. 18-05-2017)

Marcas/inscrições

Inscrição impressa, identificativa da relíquia do Santo:
“s. Mauri Abate”

Local e data de conclusão da ficha

Lagoa, 25 de agosto de 2015

Inventariante

Joana Simas

Ficha de Inventário

Identificação da Peça

Instituição/ Proprietário: Fábrica da Igreja Paroquial de Santa Cruz – Diocese de Angra

Localização: Concelho de Lagoa, Santa Cruz

Categoria: Metais

Denominação: Relicário

Título: Relíquia de Santo Antão

Elemento de conjunto: sim

Nº de Inventário: PSC/130

Marcação: etiqueta

Nº de Inventário anteriores: (não se aplica)



Descrição

Relicário formado por aro circular, emoldurado, encimado por fita de cetim branco. Encerra uma relíquia [tecido?], acompanhada de filacteria de papel com inscrição latina. Emoldurada por fita metálica prateada sobre tecido vermelho. No reverso apresenta selo, em lacre, com armas episcopais não identificadas.

Inventário do Património Cultural Móvel da Igreja Matriz de Santa Cruz

Dimensões

Altura: 2.5 cm
Largura: 2 cm
Profundidade: 0.5 cm

Datação

Ano(s): Não determinado
Século(s): XVIII-XX (?)
Justificação da data:

Informação Técnica

Matéria: Latão
Lacre
Papel
Tecido
Vidro
Técnica: Colagem
Fundido

Conservação

Estado: Bom
Especificações: Peça estabilizada.
Data: 25-08-2015

Autoria

Nome: Desconhecido
Tipo: Desconhecido
Ofício: Desconhecido

Produção

Oficina/ Fabricante: Desconhecido
Local de Execução: Desconhecido
Escola/Estilo/Movimento: Desconhecido

Incorporação

Data de Incorporação: 00/00/0000
Ano(s): Desconhecido
Modo de Incorporação: Desconhecido
Descrição: Desconhecido

Localização

Localização: Sacristia (Nova atualização:
Núcleo da Ourivesaria. 18-05-2017)

Marcas/inscrições

Inscrição impressa, identificativa da relíquia do Santo:
"s. Antonii Ab."

Local e data de conclusão da ficha

Lagoa, 25 de agosto de 2015

Inventariante

Joana Simas

Ficha de Inventário

Identificação da Peça

Instituição/ Proprietário: Fábrica da Igreja Paroquial de Santa Cruz – Diocese de Angra

Localização: Concelho de Lagoa, Santa Cruz

Categoria: Metais

Denominação: Relicário

Título: Relíquia de Santo Antão Abade

Elemento de conjunto: sim

Nº de Inventário: PSC/130

Marcação: etiqueta

Nº de Inventário anteriores: (não se aplica)



Descrição

Relicário formado por aro circular, emoldurado, encimado por fita de cetim branco. Encerra uma relíquia [tecido?] de Santo Antão Abade, acompanhada de filacteria de papel com inscrição latina. Emoldurada por fita metálica prateada sobre tecido vermelho. No reverso apresenta selo, em lacre, com armas episcopais não identificadas.

Inventário do Património Cultural Móvel da Igreja Matriz de Santa Cruz

Dimensões

Altura: 2.5 cm
Largura: 2 cm
Profundidade: 0.5 cm

Datação

Ano(s): Não determinado
Século(s): XVIII-XX (?)
Justificação da data:

Informação Técnica

Matéria: Latão
Lacre
Papel
Tecido
Vidro
Técnica: Colagem
Fundido

Conservação

Estado: Bom
Especificações: Peça estabilizada.
Data: 25-08-2015

Autoria

Nome: Desconhecido
Tipo: Desconhecido
Ofício: Desconhecido

Produção

Oficina/ Fabricante: Desconhecido
Local de Execução: Desconhecido
Escola/Estilo/Movimento: Desconhecido

Incorporação

Data de Incorporação: 00/00/0000
Ano(s): Desconhecido
Modo de Incorporação: Desconhecido
Descrição: Desconhecido

Localização

Localização: Sacristia (Nova atualização:
Núcleo da Ourivesaria. 18-05-2017)

Marcas/inscrições

Inscrição impressa, identificativa da relíquia do Santo:
"s. Antonii Ab."

Local e data de conclusão da ficha

Lagoa, 25 de agosto de 2015

Inventariante

Joana Simas

Ficha de Inventário

Identificação da Peça

Instituição/ Proprietário: Fábrica da Igreja Paroquial de Santa Cruz – Diocese de Angra

Localização: Concelho de Lagoa, Santa Cruz

Categoria: Metais

Denominação: Relicário

Título: Relíquia de Santo António de Pádua

Elemento de conjunto: sim

Nº de Inventário: PSC/130

Marcação: etiqueta

Nº de Inventário anteriores: (não se aplica)



Descrição

Relicário formado por aro circular, emoldurado, encimado por fita de cetim vermelho. Encerra uma relíquia [tecido?] de Santo António de Pádua, acompanhada de filacteria de papel com inscrição latina. Emoldurada por fita metálica prateada sobre tecido vermelho. No reverso apresenta selo, em lacre, com armas episcopais não identificadas.

Inventário do Património Cultural Móvel da Igreja Matriz de Santa Cruz

Dimensões

Altura: 2.5 cm
Largura: 2 cm
Profundidade: 0.5 cm

Datação

Ano(s): Não determinado
Século(s): XVIII-XX (?)
Justificação da data:

Informação Técnica

Matéria: Latão
Lacre
Papel
Tecido
Vidro
Técnica: Colagem
Fundido

Conservação

Estado: Bom
Especificações: Peça estabilizada.
Data: 25-08-2015

Autoria

Nome: Desconhecido
Tipo: Desconhecido
Ofício: Desconhecido

Produção

Oficina/ Fabricante: Desconhecido
Local de Execução: Desconhecido
Escola/Estilo/Movimento: Desconhecido

Incorporação

Data de Incorporação: 00/00/0000
Ano(s): Desconhecido
Modo de Incorporação: Desconhecido
Descrição: Desconhecido

Localização

Localização: Sacristia (Nova atualização:
Núcleo da Ourivesaria. 18-05-2017)

Marcas/inscrições

Inscrição impressa, identificativa da relíquia do Santo:
"s Antonii Pat."

Local e data de conclusão da ficha

Lagoa, 25 de agosto de 2015

Inventariante

Joana Simas

Ficha de Inventário

Identificação da Peça

Instituição/ Proprietário: Fábrica da Igreja Paroquial de Santa Cruz – Diocese de Angra

Localização: Concelho de Lagoa, Santa Cruz

Categoria: Cerâmica

Denominação: Cálice

Elemento de conjunto: sim

Nº de Inventário: PSC/131.1 (cálice)
PSC/131.2 (patena)

Marcação: verso da base

Nº de Inventário anteriores: (não se aplica)



Descrição

Conjunto formado por cálice e patena. Cálice de base circular estrangulada no registo central e de perfil côncavo. Haste abalastrada com nó. Copa lisa semi-circular. Patena de formato circular com fundo rebaixado e aba larga, ligeiramente levantada.

Inventário do Património Cultural Móvel da Igreja Matriz de Santa Cruz

Dimensões

Altura: 17 cm (cálice) ; 1.5 cm (patena)
Diâmetro: 12.5 cm (cálice) ; 15 cm (patena)

Datação

Ano(s): 2009
Século(s): XXI
Justificação da data: Inscrição no verso da base.

Informação Técnica

Matéria: Barro
Técnica: Banho
Cozedura
Esmaltagem
Modelagem
Roda
Torneamento
Vidrado

Conservação

Estado: Muito Bom
Especificações: Peça em perfeito estado de conservação
Data: 17-06-2015

Autoria

Nome: Desconhecido
Tipo: Desconhecido
Ofício: Desconhecido

Produção

Oficina/ Fabricante: Fábrica Cerâmica Vieira
Local de Execução: Lagoa (Açores)
Escola/Estilo/Movimento: Louça da Lagoa

Incorporação

Data de Incorporação: 00/00/2009
Ano(s): 2009
Modo de Incorporação: Aquisição
Descrição: Desconhecido

Localização

Localização: Sacristia (Nova atualização: Núcleo da Cerâmica e Azulejaria. 18-05-2017)

Marcas/inscrições

- Inscrição no verso da base:
"C. VIEIRA
LAGOA
AÇORES
PINT. À MÃO
2009"

Inventário do Património Cultural Móvel da Igreja Matriz de Santa Cruz

Local e data de conclusão da ficha

Lagoa, 17 de junho de 2015

Inventariante

Joana Simas

Ficha de Inventário

Identificação da Peça

Instituição/ Proprietário: Fábrica da Igreja Paroquial de Santa Cruz – Diocese de Angra

Localização: Concelho de Lagoa, Santa Cruz

Categoria: Cerâmica

Denominação: Cibório

Outra denominação: Píxide

Elemento de conjunto: não

Nº de Inventário: PSC/132

Marcação: verso da base

Nº de Inventário anteriores: (não se aplica)



Descrição

Píxide com configuração diferente do normal. Apresenta uma base circular baixa e uma copa circular ligeiramente levantada.

Inventário do Património Cultural Móvel da Igreja Matriz de Santa Cruz

Dimensões

Altura: 5 cm
Diâmetro: 19 cm

Datação

Ano(s): 2009
Século(s): XXI
Justificação da data: Inscrição no verso da base.

Informação Técnica

Matéria: Barro
Técnica: Banho
Cozedura
Esmaltagem
Modelagem
Roda
Torneamento
Vidrado

Conservação

Estado: Muito Bom
Especificações: Peça em perfeito estado de conservação
Data: 17-06-2015

Autoria

Nome: Desconhecido
Tipo: Desconhecido
Ofício: Desconhecido

Produção

Oficina/ Fabricante: Fábrica Cerâmica Vieira
Local de Execução: Lagoa (Açores)
Escola/Estilo/Movimento: Louça da Lagoa

Incorporação

Data de Incorporação: 00/00/2009
Ano(s): 2009
Modo de Incorporação: Aquisição
Descrição: Desconhecido

Localização

Localização: Sacristia (Nova atualização: Núcleo da Cerâmica e Azulejaria. 18-05-2017)

Marcas/inscrições

- Inscrição no verso da base:
"C. VIEIRA
LAGOA
AÇORES
PINT. À MÃO
2009"

Local e data de conclusão da ficha

Lagoa, 17 de junho de 2015

Inventariante

Joana Simas

Ficha de Inventário

Identificação da Peça

Instituição/ Proprietário: Fábrica da Igreja Paroquial de Santa Cruz – Diocese de Angra

Localização: Concelho de Lagoa, Santa Cruz

Categoria: Cerâmica

Denominação: Gomit e bacia de abluções

Elemento de conjunto: sim

Nº de Inventário: PSC/133.1 (gomil)

PSC/133.2 (bacial)

Marcação: verso da base

Nº de Inventário anteriores: (não se aplica)



Descrição

Conjunto formado por duas peças: um gomil e uma bacia de abluções. Gomil em forma de balaústre. Corpo marcando a transição para o colo por meio de um traço. Asa em S invertido. Bacia de formato circular côncava.

Inventário do Património Cultural Móvel da Igreja Matriz de Santa Cruz

Dimensões

Altura: 17 cm (gomil); 7 cm (bacia)

Largura: 15 cm (gomil)

Diâmetro: 20 cm (bacia)

Datação

Ano(s): 2009

Século(s): XXI

Justificação da data: Inscrição no verso da base.

Informação Técnica

Matéria: Barro

Técnica: Banho

Cozedura

Esmaltagem

Modelagem

Roda

Torneamento

Vidrado

Conservação

Estado: Muito Bom

Especificações: Peça em perfeito estado de conservação

Data: 17-06-2015

Autoria

Nome: Desconhecido

Tipo: Desconhecido

Ofício: Desconhecido

Produção

Oficina/ Fabricante: Fábrica Cerâmica Vieira

Local de Execução: Lagoa (Açores)

Escola/Estilo/Movimento: Louça da Lagoa

Incorporação

Data de Incorporação: 00/00/2009

Ano(s): 2009

Modo de Incorporação: Aquisição

Descrição: Desconhecido

Localização

Localização: Sacristia (Nova atualização: Núcleo da Cerâmica e Azulejaria. 18-05-2017)

Marcas/inscrições

- Inscrição no verso da base:

“C. VIEIRA

LAGOA

AÇORES

PINT. À MÃO

2009”

Local e data de conclusão da ficha

Lagoa, 17 de junho de 2015

Inventariante

Joana Simas

Ficha de Inventário

Identificação da Peça

Instituição/ Proprietário: Fábrica da Igreja Paroquial de Santa Cruz – Diocese de Angra

Localização: Concelho de Lagoa, Santa Cruz

Categoria: Escultura

Subcategoria: Imagem de vestir, tipologia de Roca

Denominação: Virgem das Dores

Título: Nossa Senhora das Dores (atribuído)

Outras denominações: Nossa Senhora da Soledade

Elemento de conjunto: não

Nº de Inventário: PSC/134

Marcação: interior da base

Nº de Inventário anteriores: (não se aplica)



Descrição

Escultura. Escultura de vulto: imaginária. Imagem de roca da Virgem das Dores representada de pé e frontal, formada por busto de vulto fixo em trabalho sumário sobre base composta por ripas de madeira forradas a cartão. Possui a cabeça amovível que encaixa através de espigão no busto. Rosto de desenho alongado tocado por uma tristeza dilacerante perfeitamente sintetizada no formato dos olhos baixos, de onde escorrem lágrimas, emolduradas por finas sobrancelhas determinando a marcação de duas suaves rugas na testa, lábios cerrados carnudos com os cantos levemente para baixo. Tem queixo proeminente assim como as orelhas. Os braços são articulados em dois pontos, ombros e cotovelos, e possui os dedos das mãos longos e levemente dobrados, colocadas frente ao peito, de modelado naturalista com indicação das linhas das unhas, faltando apenas um dedo (anelar) na mão direita. Enverga vestes recentes: uma túnica branca, um vestido de cetim roxo, manto azul decorado no bordo com motivos vegetalistas a dourado, um lenço branco que cobre a cabeça, um cinto em cetim roxo com franjas douradas, e um lenço branco que segura nas mãos. Possui resplendor em forma de crescente em aro aberto liso que contém três estrelas de pequenas dimensões. Dispõe de espigão para fixação.

Inventário do Património Cultural Móvel da Igreja Matriz de Santa Cruz

Dimensões

Altura: 177 cm
Largura: 54 cm
Profundidade: 56 cm
Outras dimensões: D. cintura 78 cm

Datação

Ano(s): Não determinado
Século(s): Primeira metade do século XVIII
Justificação da data: Apreciação estilística e escultórica.

Informação Técnica

Matéria: Madeira
Vidro [olhos]
Técnica: Escultura de vulto pleno
Policromado

Conservação

Estado: Bom
Especificações: Peça sem problemas de conservação.
Data: 23-07-2015

Autoria

Nome: Desconhecido
Tipo: Desconhecido
Ofício: Desconhecido

Produção

Oficina/ Fabricante: Desconhecido
Local de Execução: Desconhecido
Escola/Estilo/Movimento: Desconhecido

Incorporação

Data de Incorporação: 00/00/0000
Ano(s): Desconhecido
Modo de Incorporação: Desconhecido
Descrição: Desconhecido

Localização

Localização: Sacristia (Nova atualização:
Núcleo Processional. 18-05-2017)

Marcas/inscrições

Local e data de conclusão da ficha

Lagoa, 23 de julho de 2015

Inventariante

Joana Simas

Ficha de Inventário

Identificação da Peça

Instituição/ Proprietário: Fábrica da Igreja Paroquial de Santa Cruz – Diocese de Angra

Localização: Concelho de Lagoa, Santa Cruz

Categoria: Escultura

Subcategoria: Imagem de vestir, tipologia de Roca

Denominação: Santo Ivo

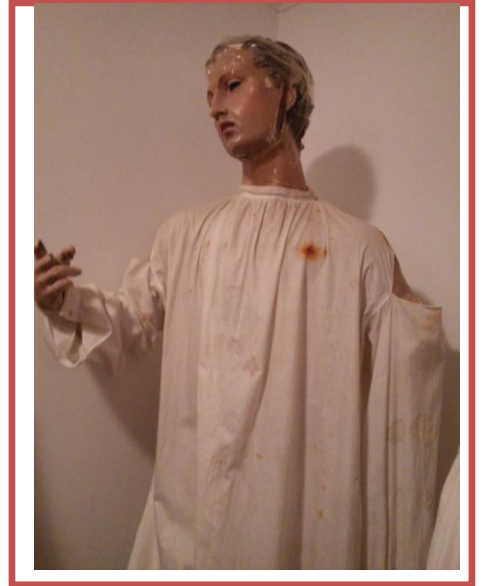
Título: Santo Ivo

Elemento de conjunto: não

Nº de Inventário: PSC/135

Marcação: interior da base

Nº de Inventário anteriores: (não se aplica)



Descrição

Escultura. Escultura de vulto: imagem de vestir, tipologia de roca em madeira policromada representando Santo Ivo. A imagem assenta numa base e encontra-se caracterizada de pé e frontal. Cabeça levemente inclinada para a direita, numa expressão serena; rosto ovalado, com olhos rasgados dirigidos para baixo. Os braços são articulados em dois pontos, ombros e cotovelos, e possui os dedos das mãos longos e levemente dobrados. O corpo da escultura é composto por ripas de madeira.

Inventário do Património Cultural Móvel da Igreja Matriz de Santa Cruz

Dimensões

Altura: 155 cm

Largura: 62 cm

Datação

Ano(s): Primeira metade do século XVIII

Século(s): XVIII

Justificação da data: Apreciação estilística e escultórica.

Informação Técnica

Matéria: Madeira

Vidro [olhos]

Técnica: Escultura de vulto pleno

Policromado

Conservação

Estado: Deficiente

Especificações: Peça em que é urgente intervir.

Data: 23-07-2015

Autoria

Nome: Desconhecido

Tipo: Desconhecido

Ofício: Desconhecido

Produção

Oficina/ Fabricante: Desconhecido

Local de Execução: Desconhecido

Escola/Estilo/Movimento: Desconhecido

Incorporação

Data de Incorporação: 00/00/0000

Ano(s): Desconhecido

Modo de Incorporação: Desconhecido

Descrição: Incorporação na Ordem Terceira da Lagoa na data de aquisição. Incorporação na Igreja Matriz de Santa Cruz no período posterior a 1945.

Localização

Localização: Reservas

Local e data de conclusão da ficha

Lagoa, 23 de julho de 2015

Inventariante

Joana Simas

Ficha de Inventário

Identificação da Peça

Instituição/ Proprietário: Fábrica da Igreja Paroquial de Santa Cruz – Diocese de Angra

Localização: Concelho de Lagoa, Santa Cruz

Categoria: Escultura

Subcategoria: Imagem de vestir, tipologia de Roca

Denominação: Santa Margarida de Cartona

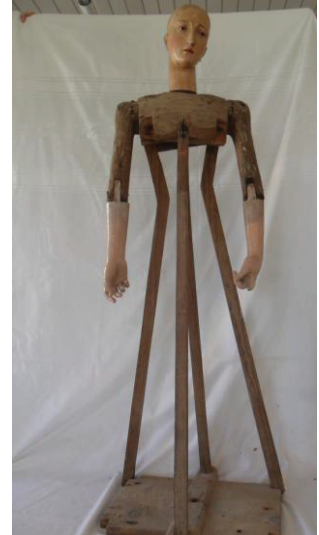
Título: Santa Margarida de Cartona

Elemento de conjunto: não

Nº de Inventário: PSC/136

Marcação: interior da base

Nº de Inventário anteriores: (não se aplica)



Descrição

Escultura. Escultura de vulto: imagem de vestir, tipologia de roca em madeira policromada representando Santa Margarida de Cartona. A imagem assenta numa base quadrada e encontra-se caracterizada de pé e frontal. Cabeça levemente inclinada para a esquerda, numa expressão serena; rosto ovalado, com olhos rasgados dirigidos para baixo. Os braços são articulados em dois pontos, ombros e cotovelos, e possui os dedos das mãos longos e levemente dobrados. O corpo da escultura é composto por quatro ripas de madeira.

Inventário do Património Cultural Móvel da Igreja Matriz de Santa Cruz

Dimensões

Altura: 141 cm
Largura: 45 cm
Profundidade: 43 cm

Datação

Ano(s): Primeira metade do século XVIII
Século(s): XVIII
Justificação da data: Apreciação estilística e escultórica.

Informação Técnica

Matéria: Madeira
Vidro [olhos]
Técnica: Escultura de vulto pleno
Policromado

Conservação

Estado: Regular
Especificações: Peça que apresenta lacunas, como por exemplo a falta de um dedo na mão esquerda.
Data: 23-07-2015

Autoria

Nome: Desconhecido
Tipo: Desconhecido
Ofício: Desconhecido

Produção

Oficina/ Fabricante: Desconhecido
Local de Execução: Desconhecido
Escola/Estilo/Movimento: Desconhecido

Incorporação

Data de Incorporação: 00/00/0000
Ano(s): Desconhecido
Modo de Incorporação: Desconhecido
Descrição: Incorporação na Ordem Terceira da Lagoa na data de aquisição. Incorporação na Igreja Matriz de Santa Cruz no período posterior a 1945.

Localização

Localização: Reservas

Local e data de conclusão da ficha

Lagoa, 23 de julho de 2015

Inventariante

Joana Simas

Ficha de Inventário

Identificação da Peça

Instituição/ Proprietário: Fábrica da Igreja Paroquial de Santa Cruz – Diocese de Angra

Localização: Concelho de Lagoa, Santa Cruz

Categoria: Escultura

Subcategoria: Imagem de vestir, tipologia de Roca

Denominação: Santa Isabel

Título: Santa Isabel, rainha de Portugal

Elemento de conjunto: não

Nº de Inventário: PSC/137

Marcação: interior da base

Nº de Inventário anteriores: (não se aplica)



Descrição

Escultura. Escultura de vulto: imagem de vestir, tipologia de roca em madeira policromada representando Santa Isabel, Rainha de Portugal. A imagem assenta numa base quadrada e encontra-se caracterizada de pé e frontal. Cabeça direcionada para a frente, numa expressão triste; rosto ovalado e pálido, com olhos pequenos dirigidos para baixo. Os braços são articulados em dois pontos, ombros e cotovelos, e possui os dedos das mãos longos e levemente dobrados. O corpo da escultura é composto por quatro ripas de madeira.

Inventário do Património Cultural Móvel da Igreja Matriz de Santa Cruz

Dimensões

Altura: 141 cm
Largura: 35 cm
Profundidade: 76 cm

Datação

Ano(s): Primeira metade do século XVIII
Século(s): XVIII
Justificação da data: Apreciação estilística e escultórica.

Informação Técnica

Matéria: Madeira
Vidro [olhos]
Técnica: Escultura de vulto pleno
Policromado

Conservação

Estado: Regular
Especificações: Peça que apresenta algumas lacunas na base.
Data: 23-07-2015

Autoria

Nome: Desconhecido
Tipo: Desconhecido
Ofício: Desconhecido

Produção

Oficina/ Fabricante: Desconhecido
Local de Execução: Desconhecido
Escola/Estilo/Movimento: Desconhecido

Incorporação

Data de Incorporação: 00/00/0000
Ano(s): Desconhecido
Modo de Incorporação: Desconhecido
Descrição: Incorporação na Ordem Terceira da Lagoa na data de aquisição. Incorporação na Igreja Matriz de Santa Cruz no período posterior a 1945.

Localização

Localização: Reservas

Local e data de conclusão da ficha

Lagoa, 23 de julho de 2015

Inventariante

Joana Simas

Ficha de Inventário

Identificação da Peça

Instituição/ Proprietário: Fábrica da Igreja Paroquial de Santa Cruz – Diocese de Angra

Localização: Concelho de Lagoa, Santa Cruz

Categoria: Escultura

Subcategoria: Imagem de vestir, tipologia de Roca

Denominação: São Francisco de Assis de Monte Alverne

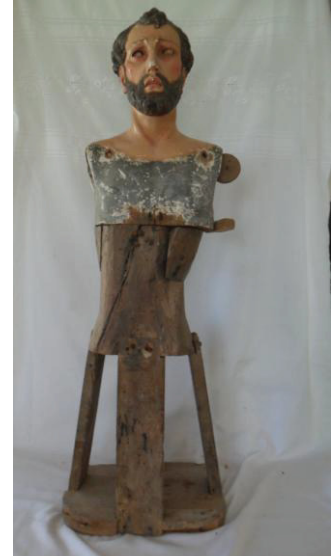
Título: São Francisco de Assis de Monte Alverne

Elemento de conjunto: não

Nº de Inventário: PSC/138

Marcação: interior da base

Nº de Inventário anteriores: (não se aplica)



Descrição

Escultura. Escultura de vulto: imagem de vestir, tipologia de roca em madeira policromada representando São Francisco de Assis de Montalverne. A imagem assenta numa base quadrada e encontra-se caracterizada de pé e frontal. Cabeça direcionada para a frente, numa expressão serena; rosto ovalado, com olhos rasgados dirigidos para baixo, apresenta barba e cabelo curto. Os braços são articulados em dois pontos, ombros e cotovelos. O corpo da escultura é composto por quatro ripas de madeira.

Inventário do Património Cultural Móvel da Igreja Matriz de Santa Cruz

Dimensões

Altura: 118 cm
Largura: 39 cm
Profundidade: 30 cm

Datação

Ano(s): Primeira metade do século XVIII
Século(s): XVIII
Justificação da data: Apreciação estilística e escultórica.

Informação Técnica

Matéria: Madeira
Vidro [olhos]
Técnica: Escultura de vulto pleno
Policromado

Conservação

Estado: Mau
Especificações: Peça muito mutilada em que é urgente intervir.
Data: 23-07-2015

Autoria

Nome: Desconhecido
Tipo: Desconhecido
Ofício: Desconhecido

Produção

Oficina/ Fabricante: Desconhecido
Local de Execução: Desconhecido
Escola/Estilo/Movimento: Desconhecido

Incorporação

Data de Incorporação: 00/00/0000
Ano(s): Desconhecido
Modo de Incorporação: Desconhecido
Descrição: Incorporação na Ordem Terceira da Lagoa na data de aquisição. Incorporação na Igreja Matriz de Santa Cruz no período posterior a 1945.

Localização

Localização: Reservas

Observações

Esta imagem faz parte de um grupo escultórico não agregado, que contabilizava com uma segunda representação, um Cristo crucificado. Por alguma razão, não descortinada, essa imagem não faz parte da coleção.

Local e data de conclusão da ficha

Lagoa, 23 de julho de 2015

Inventariante

Joana Simas

Ficha de Inventário

Identificação da Peça

Instituição/ Proprietário: Fábrica da Igreja Paroquial de Santa Cruz – Diocese de Angra

Localização: Concelho de Lagoa, Santa Cruz

Categoria: Escultura

Subcategoria: Escultura de vulto

Denominação: Coração Imaculado de Maria

Título: Sagrado Coração de Maria (atribuído)

Outras denominações: Imaculado Coração de Maria

Elemento de conjunto: não

Nº de Inventário: PSC/139

Marcação: verso da base

Nº de Inventário anteriores: (não se aplica)



Descrição

Escultura. Escultura de vulto: imaginária. Imagem do Coração Imaculado de Maria de pé e em posição frontal, de olhar direcionado para baixo. Surge com os braços junto ao peito onde sobressai um coração flamejante e resplendoroso rodeado de raios dourados. Enverga uma túnica de cor branca de decote redondo debruado a dourado, cingida na cintura, e um manto de cor azul com remate dourado lançado sobre os ombros, caindo pelas costas de onde se formam pregas naturais. Sobre a cabeça, recebe um véu branco. O rosto, direcionado para baixo, é delicado e estático. Através dos panejamentos percebe-se o recuo da perna e joelho esquerdo. A imagem ergue-se sobre uma base quadrangular imitando relvado.

Inventário do Património Cultural Móvel da Igreja Matriz de Santa Cruz

Dimensões

Altura: 43 cm
Largura: 11 cm
Profundidade: 11 cm

Datação

Ano(s): Não determinado
Século(s): XX
Justificação da data: Análise estilística e escultórica

Informação Técnica

Matéria: Gesso
Técnica: Escultura de vulto pleno esculpida
Policromado

Conservação

Estado: Bom
Especificações: Peça estabilizada.
Data: 24-07-2015

Autoria

Nome: Desconhecido
Tipo: Desconhecido
Ofício: Desconhecido

Produção

Oficina/ Fabricante: Desconhecido
Local de Execução: Desconhecido
Escola/Estilo/Movimento: Desconhecido

Incorporação

Data de Incorporação: 00/00/0000
Ano(s): Desconhecido
Modo de Incorporação: Desconhecido
Descrição: Desconhecido

Localização

Localização: Reservas

Local e data de conclusão da ficha

Lagoa, 24 de julho de 2015

Inventariante

Joana Simas

Ficha de Inventário

Identificação da Peça

Instituição/ Proprietário: Fábrica da Igreja Paroquial de Santa Cruz – Diocese de Angra

Localização: Concelho de Lagoa, Santa Cruz

Categoria: Escultura

Subcategoria: Escultura de vulto

Denominação: Menino Jesus de Praga

Título: Bom Jesus de Praga (atribuído)

Elemento de conjunto: não

Nº de Inventário: PSC/140

Marcação: verso da base

Nº de Inventário anteriores: (não se aplica)



Descrição

Escultura. Escultura de vulto: imaginária. Imagem do Menino Bom Jesus de Praga, de pequenas dimensões, de pé e em posição frontal assente sobre uma base hexagonal marmoreada. Tem o rosto imberbe de desenho redondo, cabelo castanho ondulado, lábios carnudos cerrados, faces cheias, olhos de vidro pequenos e nariz achatado. Veste túnica branca decorada com motivos vegetalistas a dourado ao fundo da túnica. Sobre esta tem uma capa vermelha debruada a dourado com motivos florais a toda a volta com pedraria. Surge com sobrepeliz e gola sobre os ombros em renda estilizada rosada, e punhos rendados também rosados. Envolve-o um manto vermelho com decoração dourada e aplicação de pedras de vidro vermelhos e azuis, aberta à frente, deixando ver um colar e uma cruz dourada que cai sobre a veste. Os braços estão levantados à altura da cintura, a mão esquerda aberta de palma virada para cima, suporta uma bola azul, simbolizando o globo celeste, de rebordo liso emoldurada a dourado com cruz de pontas segmentadas no topo. Tem um anel nos dedos indicador e do meio da mão direita, com um vidro vermelho incrustado, enunciando o sinal de bênção. Sobre a cabeça tem uma coroa dourada com uma cruz.

Inventário do Património Cultural Móvel da Igreja Matriz de Santa Cruz

Dimensões

Altura: 27 cm
Largura: 11 cm
Profundidade: 6 cm

Datação

Ano(s): Não determinado
Século(s): XX
Justificação da data: Apreciação estilística.

Informação Técnica

Matéria: Barro
Técnica: Escultura
Policromado

Conservação

Estado: Muito Bom
Especificações: Peça em perfeito estado de conservação.
Data: 24-07-2015

Autoria

Nome: Desconhecido
Tipo: Desconhecido
Ofício: Desconhecido

Produção

Oficina/ Fabricante: Desconhecido
Local de Execução: Desconhecido
Escola/Estilo/Movimento: Desconhecido

Incorporação

Data de Incorporação: 00/00/0000
Ano(s): Desconhecido
Modo de Incorporação: Desconhecido
Descrição: Desconhecido

Localização

Localização: Reservas

Marcas/inscrições

Local e data de conclusão da ficha

Lagoa, 24 de julho de 2015

Inventariante

Joana Simas

Ficha de Inventário

Identificação da Peça

Instituição/ Proprietário: Fábrica da Igreja Paroquial de Santa Cruz – Diocese de Angra

Localização: Concelho de Lagoa, Santa Cruz

Categoria: Escultura

Subcategoria: Escultura de vulto

Denominação: Santo Franciscano

Elemento de conjunto: não

Nº de Inventário: PSC/141

Marcação: verso da base

Nº de Inventário anteriores: (não se aplica)



Descrição

Escultura. Escultura de vulto: imaginária. Imagem de Santo António de Lisboa de pé e frontal inclinado assente sobre base retangular em madeira com os cantos frontais cortados em tons de verde, bege e rosa. Por sua vez, esta base assenta sobre uma outra base retangular preta. Possui a cabeça ligeiramente inclinada para a direita e para a frente, exibindo tonsura interrompida, formando tufo de cabelos sobre a testa, marcada por incisões paralelas fundas e estilizadas. Tem os braços lançados para a frente, exibindo os dedos dobrados formando um orifício na mão direita para a colocação de uma possível cruz, e não o livro que se encontra nessa mão; alguns dedos da mão esquerda encontram-se mutilados. Possui tonsura volumosa com madeixas de cabelo onduladas. O rosto imberbe é marcado pelos grandes olhos vítreos, nariz afilado e pequenos lábios ensaiando um sorriso. Enverga hábito castanho cingido na cintura por um cordão cuja ponta descai até à orla inferior apresentando os habituais três nós, com capuz alto que cai sobre as costas. As vestes são marcadas por pregas suaves, algo esquemáticas mas interpretando bem o movimento da perna e do hábito, na parte posterior tendendo para a verticalidade. Calça sandálias castanhas.

Inventário do Património Cultural Móvel da Igreja Matriz de Santa Cruz

Dimensões

Altura: 98 cm
Largura: 41 cm
Profundidade: 25 cm

Datação

Ano(s): Não determinado
Século(s): XVIII
Justificação da data: Análise estilística e escultórica.

Informação Técnica

Matéria: Madeira
Técnica: Escultura de vulto pleno esculpida
Engessada
Policromado

Conservação

Estado: Regular
Especificações: Peça que apresenta lacunas e falhas: alguns dedos da mão esquerda mutilados; fissuras na zona da cabeça.
Data: 26-08-2015

Autoria

Nome: Desconhecido
Tipo: Desconhecido
Ofício: Desconhecido

Produção

Oficina/ Fabricante: Desconhecido
Local de Execução: Desconhecido
Escola/Estilo/Movimento: Desconhecido

Incorporação

Data de Incorporação: 00/00/0000
Ano(s): Desconhecido
Modo de Incorporação: Transferência
Descrição: Desconhecido

Localização

Localização: Reservas (Nova atualização: Núcleo da Imaginária. 18-05-2017)

Observações

Imagem proveniente do antigo Convento dos Franciscanos, no concelho de Lagoa, extinguido em 1832, embora a imagem constasse no inventário de 1916, redigido no âmbito da Lei de Separação do Estado das Igrejas, ainda no Convento, não se sabendo a data exata da sua transferência para a Igreja Matriz de Santa Cruz.

Possivelmente a imagem não segurava o livro que está preso na mão, mas possivelmente uma cruz.

Local e data de conclusão da ficha

Lagoa, 26 de agosto de 2015

Inventariante

Joana Simas

Ficha de Inventário

Identificação da Peça

Instituição/ Proprietário: Fábrica da Igreja Paroquial de Santa Cruz – Diocese de Angra

Localização: Concelho de Lagoa, Santa Cruz

Categoria: Escultura

Subcategoria: Escultura de vulto

Denominação: São Francisco de Assis

Título: São Francisco de Assis (iconográfico)

Elemento de conjunto: não

Nº de Inventário: PSC/142

Marcação: verso da base

Nº de Inventário anteriores: (não se aplica)



Descrição

Escultura. Escultura de vulto: imaginária. Imagem de São Francisco de Assis de pé em posição de grande hieratismo e frontalidade, apesar do contraposto da perna direita ligeiramente recuada em relação à perna esquerda. A imagem assenta sobre uma base estreita mutilada seguindo o contorno da imagem, pintada de vermelho, que por sua vez assenta sobre uma base retangular de cor preto. Tem a cabeça inclinada sobre o lado esquerdo, olhando em sentido contrário. Possui o rosto de perfil insinuado e formato alongado determinado pela barba emergente abaixo das orelhas, olhos assimétricos e tonsura tubular interrompida, formando tufo central sobre a testa. Tem os pés descalços e enverga hábito franciscano de cor castanho de capuz elevado e romeira triangular caindo sobre as costas. Cinge-lhe a cintura uma corda pontuada por três nós que acompanham lateralmente a perna direita. Vestes de pregueado repetitivo, acentuando a verticalidade. Os braços estão projetados e abertos, e como é frequente na sua iconografia exhibe chagas nas mãos e no lado direito do peito, visível devido a um rasgão do panejamento em formato de coração, as dos pés estão ocultas.

Inventário do Património Cultural Móvel da Igreja Matriz de Santa Cruz

Dimensões

Altura: 113 cm
Largura: 39 cm
Profundidade: 29 cm

Datação

Ano(s): Não determinado
Século(s): XVII/XVIII
Justificação da data: Apreciação escultórica e estilística.

Informação Técnica

Matéria: Madeira
Técnica: Escultura de vulto pleno esculpida
Engessada
Policromado

Conservação

Estado: Regular
Especificações: Peça que apresenta lacunas e falhas: falhas nos dedos das mãos; base mutilada.
Data: 21-07-2015

Autoria

Nome: Desconhecido
Tipo: Desconhecido
Ofício: Desconhecido

Produção

Oficina/ Fabricante: Desconhecido
Local de Execução: Desconhecido
Escola/Estilo/Movimento: Desconhecido

Incorporação

Data de Incorporação: 00/00/0000
Ano(s): Desconhecido
Modo de Incorporação: Transferência
Descrição: Desconhecido

Localização

Localização: Reservas (Nova atualização: transferida para o Convento de Santo António no dia 16-01-2017)

Observações

Imagem proveniente do antigo Convento dos Franciscanos, no concelho de Lagoa, extinguido em 1832, embora a imagem constasse no inventário de 1916, redigido no âmbito da Lei de Separação do Estado das Igrejas, ainda no Convento, não se sabendo a data exata da sua transferência para a Igreja Matriz de Santa Cruz.

Local e data de conclusão da ficha

Lagoa, 21 de julho de 2015

Inventariante

Joana Simas

Ficha de Inventário

Identificação da Peça

Instituição/ Proprietário: Fábrica da Igreja Paroquial de Santa Cruz – Diocese de Angra

Localização: Concelho de Lagoa, Santa Cruz

Categoria: Escultura

Subcategoria: Escultura de vulto

Denominação: Santo António de Lisboa

Título: Santo António de Lisboa (iconográfico)

Outras denominações: Santo António de Pádua

Elemento de conjunto: não

Nº de Inventário: PSC/143

Marcação: verso da base

Nº de Inventário anteriores: (não se aplica)



Descrição

Escultura. Escultura de vulto: imaginária. Imagem de Santo António de pé e frontal em posição de contraposto evidenciado pelo avanço e flexão da perna direita, assente sobre base retangular de madeira com os cantos cortados. Tem os braços lançados para a frente, sendo que a mão direita não se encontra encaixada, exibindo os dedos da mão esquerda dobrados. Possui tonsura volumosa com madeixas de cabelo onduladas, o rosto imberbe é marcado pelos grandes olhos vítreos, nariz afilado e pequenos lábios ensaiando um sorriso. Enverga hábito castanho cingido na cintura por um cordão duplo dourado, com capuz e pequena romeira que cai em bico sobre as costas. Panejamentos exibindo estofo exuberante de florões e enrolamentos fitómorcos realçados por punção dourados, somente na frente. Tratamento plástico estruturado em pregas movimentadas tendendo para a verticalidade. Imagem assente sobre base retangular em madeira, com os cantos frontais cortados.

Inventário do Património Cultural Móvel da Igreja Matriz de Santa Cruz

Dimensões

Altura: 99 cm
Largura: 42 cm
Profundidade: 22 cm

Datação

Ano(s): Não determinado
Século(s): XVIII
Justificação da data: Apreciação escultórica

Informação Técnica

Matéria: Madeira
Vidro [olhos]
Técnica: Escultura de vulto pleno esculpida
Engessada
Policromado
Estofado
Dourado
Puncionado

Conservação

Estado: Regular
Especificações: Peça que apresenta lacunas e faltas.
Data: 21-07-2015

Autoria

Nome: Desconhecido
Tipo: Desconhecido
Ofício: Desconhecido

Produção

Oficina/ Fabricante: Desconhecido
Local de Execução: Desconhecido
Escola/Estilo/Movimento: Desconhecido

Incorporação

Data de Incorporação: 00/00/0000
Ano(s): Desconhecido
Modo de Incorporação: Transferência
Descrição: Desconhecido

Localização

Localização: Reservas (Nova atualização: Núcleo da Imaginária. 18-05-2017)

Observações

Imagem proveniente do antigo Convento dos Franciscanos, no concelho de Lagoa, extinguido em 1832, embora a imagem constasse no inventário de 1916, redigido no âmbito da Lei de Separação do Estado das Igrejas, ainda no Convento, não se sabendo a data exacta da sua transferência para a Igreja Matriz de Santa Cruz.

Local e data de conclusão da ficha

Lagoa, 21 de julho de 2015

Inventariante

Joana Simas

Ficha de Inventário

Identificação da Peça

Instituição/ Proprietário: Fábrica da Igreja Paroquial de Santa Cruz – Diocese de Angra

Localização: Concelho de Lagoa, Santa Cruz

Categoria: Escultura

Subcategoria: Escultura de vulto

Denominação: Santo não identificado

Elemento de conjunto: não

Nº de Inventário: PSC/144

Marcação: verso da base

Nº de Inventário anteriores: (não se aplica)



Descrição

Escultura. Escultura de vulto: imaginária. Imagem de Santo não identificado de pé e frontal assente sobre duas bases retangulares com os cantos recortados. Possui o rosto arredondado de faces cheias ensaiando um sorriso, e exibe tonsura muito estilizada, com faixa de cabelo semicircular com incisões interrompida sobre a testa. Braço direito lançado para a frente e aberto com os dedos a abençoar e braço esquerdo fletido segurando na mão um livro à altura do peito. Enverga hábito castanho com escapulário, decoração estofada formando padrão de folhas douradas, motivo losangular emoldurado por motivo geométrico. Imagem cuja verticalidade e hieratismo são reforçados pelo pregueado paralelo das vestes. Calça sandálias com uma tira à frente e reforço do calcanhar.

Inventário do Património Cultural Móvel da Igreja Matriz de Santa Cruz

Dimensões

Altura: 98 cm
Largura: 41 cm
Profundidade: 25 cm

Datação

Ano(s): Não determinado
Século(s): XVIII
Justificação da data: Apreciação escultórica.

Informação Técnica

Matéria: Madeira
Técnica: Escultura de vulto pleno esculpida
Dourado
Estofado
Puncionado
Policromado
Esgrafitado

Conservação

Estado: Regular
Especificações: Peça que apresenta algumas lacunas.
Data: 21-07-2015

Autoria

Nome: Desconhecido
Tipo: Desconhecido
Ofício: Desconhecido

Produção

Oficina/ Fabricante: Desconhecido
Local de Execução: Desconhecido
Escola/Estilo/Movimento: Desconhecido

Incorporação

Data de Incorporação: 00/00/0000
Ano(s): Desconhecido
Modo de Incorporação: Transferência
Descrição: Desconhecido

Localização

Localização: Reservas (Nova atualização: transferida para o Convento de Santo António no dia 16-01-2017)

Observações

Imagem proveniente do antigo Convento dos Franciscanos, no concelho de Lagoa, extinguido em 1832, embora a imagem constasse no inventário de 1916, redigido no âmbito da Lei de Separação do Estado das Igrejas, ainda no Convento, não se sabendo a data exata da sua transferência para a Igreja Matriz de Santa Cruz.

Local e data de conclusão da ficha

Lagoa, 21 de julho de 2015

Inventariante

Joana Simas

Ficha de Inventário

Identificação da Peça

Instituição/ Proprietário: Fábrica da Igreja Paroquial de Santa Cruz – Diocese de Angra

Localização: Concelho de Lagoa, Santa Cruz

Categoria: Escultura

Subcategoria: Escultura de vulto

Denominação: Senhor da Cana Verde

Título: Senhor da Cana Verde

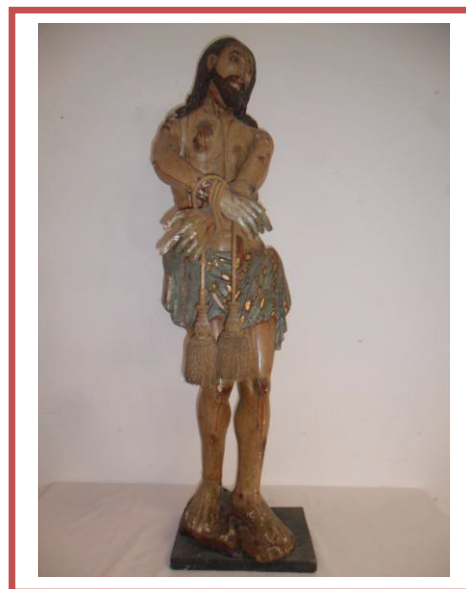
Outras denominações: Senhor Bom Jesus

Elemento de conjunto: não

Nº de Inventário: PSC/145

Marcação: verso da base

Nº de Inventário anteriores: (não se aplica)



Descrição

Escultura. Escultura de vulto: imaginária. Imagem de pé e frontal, representando um dos passos da Paixão de Cristo, popularizado como Senhor da Cana Verde. O eixo da composição é determinado por uma linha sinuosa iniciada na inclinação da cabeça, destacamento da anca esquerda e recuo da perna direita. Cristo apresenta-se desnudo apenas com o baixo-ventre coberto por cendal azul com pinturas vegetalistas em amarelo e vermelho, sulcado por pregas curvas e entrecortadas. Mantém a cabeça inclinada para a esquerda e olhar baixo, em suave contraposto com a flexão da perna esquerda, ligeiramente avançada. As mãos encontram-se na zona frontal, descaídas e cruzadas frente à cintura, manietadas por corda natural. Rosto de feições bem delineadas de desenho oval culminando na barba bífida, olhos amendoados, nariz fino e lábios cerrados emoldurados pelo bigode desunido e barba emergente abaixo das orelhas. Cabelo pouco destacado marcado por estriado paralelo, enrola para trás deixando duas madeixas independentes cair sobre os ombros. Volumes corporais maciços e robustos. Corpo pontuado por pequenos ferimentos e sangue escorrente. Nesta escultura evidencia-se o carácter humano de Cristo enfatizando-se a tristeza e sofrimento do momento, não só na comovedora expressão do rosto como na plasticização do corpo pleno de tensão nos volumes musculares, tendões e indicação saliente de veias e na caracterização algo contida da estrutura óssea. Assenta sobre base retangular.

Inventário do Património Cultural Móvel da Igreja Matriz de Santa Cruz

Dimensões

Altura: 133 cm
Largura: 35 cm
Profundidade: 44 cm

Datação

Ano(s): Não determinado
Século(s): XVIII
Justificação da data: Apreciação escultórica e estilística.

Informação Técnica

Matéria: Madeira
Técnica: Escultura de vulto pleno
Policromado

Conservação

Estado: Regular
Especificações: Peça que apresenta algumas lacunas no geral, e que necessita de intervenções.
Data: 07-05-2015

Autoria

Nome: Desconhecido
Tipo: Desconhecido
Ofício: Desconhecido

Produção

Oficina/ Fabricante: Desconhecido
Local de Execução: Desconhecido
Escola/Estilo/Movimento: Desconhecido

Incorporação

Data de Incorporação: 00/00/0000
Ano(s): Desconhecido
Modo de Incorporação: Transferência
Descrição: Desconhecido

Localização

Localização: Reservas (Nova atualização: Núcleo da Imaginária: 18-05-2017)

Observações

Imagem proveniente do antigo Convento dos Franciscanos, no concelho de Lagoa, extinguido em 1832, embora a imagem constasse no inventário de 1916, redigido no âmbito da Lei de Separação do Estado das Igrejas, ainda no Convento, não se sabendo a data exata da sua transferência para a Igreja Matriz de Santa Cruz.

Local e data de conclusão da ficha

Lagoa, 07 de maio de 2015.

Inventariante

Joana Simas

Ficha de Inventário

Identificação da Peça

Instituição/ Proprietário: Fábrica da Igreja Paroquial de Santa Cruz – Diocese de Angra

Localização: Concelho de Lagoa, Santa Cruz

Categoria: Escultura

Subcategoria: Escultura de vulto

Denominação: Santo Amaro (?)

Elemento de conjunto: não

Nº de Inventário: PSC/146

Marcação: interior da base

Nº de Inventário anteriores: (não se aplica)



Descrição

Escultura. Escultura de vulto: imaginária. Imagem de Santo Amaro de pé e frontal. Apresenta rosto de feições adultas, redondo, olhar direcionado para baixo, longas barbas e bigode cinzento, emolduram o rosto, caindo pelo peito num ondulado muito estilizado que apenas deixa visualizar uma pequena parte dos lábios. O cabelo segue o modelo imposto pelos franciscanos, a tonsura. Usa hábito preto, que cai em finas e ritmadas pregas até aos pés, com mangas largas com remate dourado e ligeiro floreado a dourado ao longo da veste, com capuz. Os braços erguem-se fletidos, e a mão esquerda segura um livro de capa fechada vermelho, enquanto, a mão direita encontra-se mutilada mas provavelmente seguraria um báculo. Imagem rematada por pequeno resplendor em meia-lua de raios setiformes.

Inventário do Património Cultural Móvel da Igreja Matriz de Santa Cruz

Dimensões

Altura: 20 cm
Largura: 10 cm
Profundidade: 9 cm

Datação

Ano(s): Não determinado
Século(s): XIX/XX (?)
Justificação da data: Apreciação estilística e escultórica.

Informação Técnica

Matéria: Barro
Técnica: Escultura de vulto pleno
Cozida
Modelada
Policromada

Conservação

Estado: Bom
Especificações: Peça sem problemas de conservação.
Data: 12-05-2015

Autoria

Nome: Desconhecido
Tipo: Desconhecido
Ofício: Desconhecido

Produção

Oficina/ Fabricante: Desconhecido
Local de Execução: Desconhecido
Escola/Estilo/Movimento: Desconhecido

Incorporação

Data de Incorporação: 00/00/0000
Ano(s): Desconhecido
Modo de Incorporação: Desconhecido
Descrição: Desconhecido

Localização

Localização: Reservas

Marcas/inscrições

Local e data de conclusão da ficha

Lagoa, 12 de maio de 2015

Inventariante

Joana Simas

Ficha de Inventário

Identificação da Peça

Instituição/ Proprietário: Fábrica da Igreja Paroquial de Santa Cruz – Diocese de Angra

Localização: Concelho de Lagoa, Santa Cruz

Categoria: Escultura

Subcategoria: Escultura de vulto

Denominação: Santa Filomena

Elemento de conjunto: não

Nº de Inventário: PSC/147

Marcação: verso da base

Nº de Inventário anteriores: (não se aplica)



Descrição

Escultura. Escultura de vulto: imaginária. Imagem de Santa Filomena de pé e frontal sobre base marmoreada com três degraus. O seu rosto apresenta feições jovens, de desenho oval, de faces levemente rosadas, nariz afilado, semblante triste, cabelos castanhos longos ondulados com grande madeixa caída pelo ombro direito. Recebe uma coroa de flores a emoldurar o cabelo, e o olhar direcionado em frente com ligeiro inclinar da cabeça sobre o ombro direito. Enverga uma túnica esverdeada adornada de pedraria (vinte e quatro pedras brilhantes de cor azul, branco, verde, vermelho), marcada por pregas largas cingida à cintura por dupla volta de lenço franjado, e em baixo vestido comprido branco. Envolve-a um manto esbranquiçado, lançado nos ombros, com ornamentação assente em floreado e pedraria, fechado ao peito por firmal ovalado. Imagem representada com braço esquerdo erguido ao nível do peito onde segura uma seta, e no lado oposto, em baixo, assenta a sua mão sobre uma âncora prateada. Tem uma auréola em metal.

Inventário do Património Cultural Móvel da Igreja Matriz de Santa Cruz

Dimensões

Altura: 69 cm
Largura: 27 cm
Profundidade: 21 cm

Datação

Ano(s): Não determinado
Século(s): XX
Justificação da data: Análise estilística e escultórica.

Informação Técnica

Matéria: Gesso (?)
Vidro
Metal (latão)
Técnica: Escultura de vulto pleno
Policromado

Conservação

Estado: Bom
Especificações: Peça sem problemas de conservação
Data: 14-05-2015

Autoria

Nome: Desconhecido
Tipo: Desconhecido
Ofício: Desconhecido

Produção

Oficina/ Fabricante: Desconhecido
Local de Execução: Desconhecido
Escola/Estilo/Movimento: Desconhecido

Incorporação

Data de Incorporação: 00/00/0000
Ano(s): Desconhecido
Modo de Incorporação: Desconhecido
Descrição: Desconhecido

Localização

Localização: Reservas (Nova atualização: Núcleo da Imaginária. 18-05-2017)

Marcas/inscrições

Local e data de conclusão da ficha

Lagoa, 14 de maio de 2015

Inventariante

Joana Simas

Ficha de Inventário

Identificação da Peça

Instituição/ Proprietário: Fábrica da Igreja Paroquial de Santa Cruz – Diocese de Angra

Localização: Concelho de Lagoa, Lagoa

Categoria: Escultura

Subcategoria: Escultura de vulto

Denominação: Santo Antão

Título: Santo Antão (iconográfico)

Elemento de conjunto: não

Nº de Inventário: PSC/148

Marcação: verso da base

Nº de Inventário anteriores: (não se aplica)



Descrição

Escultura. Escultura de vulto: imaginária. Imagem de Santo Antão de pé e frontal em posição de contraposto da cabeça com a flexão, e ligeiro recuo da perna direita, assenta sobre base de formato retangular e esta sobre uma peanha. Tem a mão esquerda projetada (mutilada) onde seguraria um livro, e a mão direita segura uma vara. Enverga hábito preto composto por capa fechada sobre o peito, com capuz elevado, escapulário e hábito comprido, cingido na cintura por um cordão a dourado. As vestes estruturam-se em pregas tendendo para a verticalidade mas cuja volumetria indicia algum movimento e habilidade. Junto aos pés encontra-se um porco.

Inventário do Património Cultural Móvel da Igreja Matriz de Santa Cruz

Dimensões

Altura: 33 cm
Largura: 12 cm
Profundidade: 10 cm

Datação

Ano(s): Não determinado
Século(s): XIX (?)
Justificação da data: Análise estilística e escultórica.

Informação Técnica

Matéria: Madeira
Técnica: Escultura de vulto pleno
Policromado

Conservação

Estado: Bom
Especificações: Peça sem problemas de conservação.
Data: 15-05-2015

Autoria

Nome: Desconhecido
Tipo: Desconhecido
Ofício: Desconhecido

Produção

Oficina/ Fabricante: Desconhecido
Local de Execução: Desconhecido
Escola/Estilo/Movimento: Desconhecido

Incorporação

Data de Incorporação: 00/00/0000
Ano(s): Desconhecido
Modo de Incorporação: Desconhecido
Descrição: Desconhecido

Localização

Localização: Reservas

Marcas/inscrições

Local e data de conclusão da ficha

Lagoa, 15 de maio de 2015

Inventariante

Joana Simas

Ficha de Inventário

Identificação da Peça

Instituição/ Proprietário: Fábrica da Igreja Paroquial de Santa Cruz – Diocese de Angra

Localização: Concelho de Lagoa, Santa Cruz

Categoria: Escultura

Subcategoria: Escultura de vulto

Denominação: Madona

Título: Nossa Senhora com o Menino (atribuído)

Outras denominações: Virgem com o Menino

Elemento de conjunto: não

Nº de Inventário: PSC/149

Marcação: verso da base

Nº de Inventário anteriores: (não se aplica)



Descrição

Escultura. Escultura de vulto: imaginária. Imagem da Virgem com o Menino Jesus de pé e frontal assente em base redonda esverdeada que acompanha o formato da imagem. A Virgem possui o rosto sereno de desenho arredondado e faces cheias, emoldurado pelo cabelo comprido castanho-escuro, pouco destacado, caindo sobre as costas e ombros, desenhando oito madeixas onduladas largas e estilizadas. Possui nariz afilado, olhos meigos rasgados e lábios finos ensaiando um sorriso. Enverga um vestido de pregas verticais uniformes e decote redondo, cingido na cintura. As vestes são decoradas por motivos floreados estofados sobre fundo verde. Envolve-a um manto azul que cai sobre os ombros e transversalmente pelas costas. O interior do manto, visível na dobra que forma do lado direito e na ponta que acompanha a imagem é vermelho. A posição hierática rígida é evidenciada pelo pregueado das vestes e atitude geral. Tem o braço direito dirigido para a frente com os dedos levemente dobrados segurando o manto. Sobre a mão esquerda encontra-se sentado o Menino Jesus desnudo, apenas coberto por cendal na zona do baixo-ventre. Possui o rosto de desenho arredondado e cheio, emoldurado pelo cabelo curto, destacado pela quase inexistência de pescoço. Tem as pernas fletidas, a direita mais destacada. A mão direita repousa junto ao peito e a mão esquerda encontra-se mutilada.

Inventário do Património Cultural Móvel da Igreja Matriz de Santa Cruz

Dimensões

Altura: 33 cm
Largura: 11 cm
Profundidade: 11 cm

Datação

Ano(s): Não determinado
Século(s): XIX (?)
Justificação da data: Análise estilística.

Informação Técnica

Matéria: Madeira (cedro)
Técnica: Escultura de vulto pleno esculpida
Policromado
Estofado

Conservação

Estado: Bom
Especificações: Peça sem problemas de conservação (materiais estabilizados).
Data: 19-06-2015

Autoria

Nome: Desconhecido
Tipo: Desconhecido
Ofício: Desconhecido

Produção

Oficina/ Fabricante: Desconhecido
Local de Execução: Desconhecido
Escola/Estilo/Movimento: Desconhecido

Incorporação

Data de Incorporação: 00/00/0000
Ano(s): Desconhecido
Modo de Incorporação: Desconhecido
Descrição: Desconhecido

Localização

Localização: Reservas (Nova atualização:
Núcleo da imaginária. 18-05-2017)

Local e data de conclusão da ficha

Lagoa, 23 de julho de 2015

Inventariante

Joana Simas

Ficha de Inventário

Identificação da Peça

Instituição/ Proprietário: Fábrica da Igreja Paroquial de Santa Cruz – Diocese de Angra

Localização: Concelho de Lagoa, Santa Cruz

Categoria: Escultura

Subcategoria: Escultura de vulto

Denominação: São Sebastião

Título: São Sebastião (iconográfico)

Elemento de conjunto: não

Nº de Inventário: PSC/150

Marcação: verso da base

Nº de Inventário anteriores: (não se aplica)



Descrição

Escultura. Escultura de vulto: imaginária. Imagem de São Sebastião de pé em posição frontal, com a perna e o braço direito projetados para a frente, enquanto a perna e o braço esquerdo recuam. Imagem assente sobre uma base retangular de cor preta. A leitura da composição torna-se levemente serpenteada pela representação corporal. Apresenta-se despido, apenas com um cendal vermelho, cingido à cintura, de pregueado fino, cujas pontas estão atadas no lado direito. A inclinação da cabeça para a esquerda e para trás, e o olhar voltado para a direita, acompanham o movimento do braço direito, erguendo-se ao alto. Possui o rosto juvenil, suavemente cheio e alongado, marcado pelos grandes olhos castanhos pintados, lábios cerrados, nariz afilado, cabelos compridos castanhos, ligeiramente ondulados nas extremidades, caindo sobre as costas, deixando duas madeixas repousando nos ombros. Imagem representada com o corpo perfurado por três setas, e um orifício a sangrar, onde estaria outra seta, nomeadamente no braço direito, alusivas ao martírio a que foi sujeito, de onde escorrem pingos de sangue. As setas são em madeira pintado a vermelho. Corpo robusto. Revela um cuidado com os pormenores anatómicos, como é o caso das mãos e pés delicadamente esculpidos ao pormenor, com unhas realistas.

Inventário do Património Cultural Móvel da Igreja Matriz de Santa Cruz

Dimensões

Altura: 80 cm
Largura: 26 cm
Profundidade: 19 cm

Datação

Ano(s): Não determinado
Século(s): XVIII
Justificação da data: Análise estilística.

Informação Técnica

Matéria: Madeira
Técnica: Escultura
Policromado

Conservação

Estado: Bom
Especificações: Peça sem problemas de conservação (materiais estabilizados).
Data: 19-06-2015

Autoria

Nome: Desconhecido
Tipo: Desconhecido
Ofício: Desconhecido

Produção

Oficina/ Fabricante: Desconhecido
Local de Execução: Desconhecido
Escola/Estilo/Movimento: Desconhecido

Incorporação

Data de Incorporação: 00/00/0000
Ano(s): Desconhecido
Modo de Incorporação: Desconhecido
Descrição: Desconhecido

Localização

Localização: Reservas (Nova atualização: Núcleo da imaginária. 18-05-2017)

Local e data de conclusão da ficha

Lagoa, 19 de junho de 2015

Inventariante

Joana Simas

Ficha de Inventário

Identificação da Peça

Instituição/ Proprietário: Fábrica da Igreja Paroquial de Santa Cruz – Diocese de Angra

Localização: Concelho de Lagoa, Santa Cruz

Categoria: Escultura

Subcategoria: Escultura de vulto

Denominação: Virgem do Rosário de Fátima

Título: Nossa Senhora do Rosário de Fátima (iconográfico)

Outras denominações: Nossa Senhora de Fátima

Elemento de conjunto: não

Nº de Inventário: PSC/151

Marcação: verso da base

Nº de Inventário anteriores: (não se aplica)



Descrição

Escultura. Escultura de vulto: imaginária. Imagem da Virgem de Fátima de pé e frontal representada descalça, com perna direita ligeiramente avançada, sobre nuvem irregular de cor branca e rosa com ondulado relevado. É representada com o rosto jovem, ovalado, de faces rosadas, nariz afilado, olhos de vidro amendoados. Surge de olhar direcionado ligeiramente para baixo. Veste vestido branco que lhe cai até aos pés debruado a dourado, e envolve-a um manto branco debruado a dourado e adornado por decoração fitomórfica a dourado com incrustações de oito vidros de cor (branco, vermelho, azul, amarelo e verde), que lhe cobre parcialmente o corpo da cabeça aos pés com formas bem vincadas, ambos com galão dourado, floreado e pedraria a adornar, deixando entrever o cordão com orla na ponta e rosário presente na figura. Tem as mãos unidas junto ao peito, assumindo posição orante. É visível um cordão com borla dourada na ponta. Possui orifício na cabeça para a colocação de uma coroa.

Inventário do Património Cultural Móvel da Igreja Matriz de Santa Cruz

Dimensões

Altura: 90 cm
Largura: 36 cm
Profundidade: 24 cm

Datação

Ano(s): Não determinado
Século(s): XX/XXI
Justificação da data: Apreciação estética e contextual.

Informação Técnica

Matéria: Plástico (?)
Técnica: Policromado

Conservação

Estado: Muito bom
Especificações: Peça em perfeito estado de conservação.
Data: 27-05-2015

Autoria

Nome: Desconhecido
Tipo: Desconhecido
Ofício: Desconhecido

Produção

Oficina/ Fabricante: Desconhecido
Local de Execução: Desconhecido
Escola/Estilo/Movimento: Desconhecido

Incorporação

Data de Incorporação: 00/00/0000
Ano(s): Desconhecido
Modo de Incorporação: Desconhecido
Descrição: Desconhecido

Localização

Localização: Reservas

Observações

A imagem possui uma coroa de prata que pertence ao número de inventário PSC/123

Local e data de conclusão da ficha

Lagoa, 27 de maio de 2015

Inventariante

Joana Simas

Ficha de Inventário

Identificação da Peça

Instituição/ Proprietário: Fábrica da Igreja Paroquial de Santa Cruz – Diocese de Angra

Localização: Concelho de Lagoa, Santa Cruz

Categoria: Escultura

Subcategoria: Escultura de vulto

Denominação: Virgem de Fátima

Título: Nossa Senhora do Rosário de Fátima (iconográfico)

Outras denominações: Nossa Senhora de Fátima

Elemento de conjunto: não

Nº de Inventário: PSC/152

Marcação: verso da base

Nº de Inventário anteriores: (não se aplica)



Descrição

Escultura. Escultura de vulto: imaginária. Imagem da Virgem de Fátima de pé e frontal representada descalça sobre nuvem irregular de cor branca e rosa com ondulado relevado assente sobre uma base quadrangular marmoreada em preto de cantos chanfrados e superfície verdejante. Apresenta-se com perna direita ligeiramente avançada. Surge de olhar direcionado ligeiramente para baixo, com rosto jovem, ovalado, de faces cheias e rosadas. É representada coroada, com vestes brancas com floreado e debruado a dourado, cingidas à cintura, e manto branco, este último cobre parcialmente o corpo da cabeça aos pés com formas bem vincadas, ambos com galão dourado, floreado e pedraria rosa, azul e vermelha a adornar. Tem as mãos unidas junto ao peito com rosário pendente. É visível um cordão com borla dourada na ponta.

Inventário do Património Cultural Móvel da Igreja Matriz de Santa Cruz

Dimensões

Altura: 69 cm
Largura: 16 cm
Profundidade: 13 cm

Datação

Ano(s): Não determinado
Século(s): XX
Justificação da data: Análise estilística e contextual.

Informação Técnica

Matéria: Cerâmica
Vidro
Técnica: Escultura de vulto pleno
Pintura/ Carnação
Pintura/ Policromado
Pintura/ Marmoreado

Conservação

Estado: Bom
Especificações: Peça sem problemas de conservação.
Data: 26-05-2015

Autoria

Nome: Desconhecido
Tipo: Desconhecido
Ofício: Desconhecido

Produção

Oficina/ Fabricante: Desconhecido
Local de Execução: Desconhecido
Escola/Estilo/Movimento: Desconhecido

Incorporação

Data de Incorporação: 00/00/0000
Ano(s): Desconhecido
Modo de Incorporação: Doação
Descrição: Doação feita por Francelina Costa, segundo o Sr. Carlos Alberto Oliveira.

Localização

Localização: Reservas

Local e data de conclusão da ficha

Lagoa, 26 de maio de 2015

Inventariante

Joana Simas

Ficha de Inventário

Identificação da Peça

Instituição/ Proprietário: Fábrica da Igreja Paroquial de Santa Cruz – Diocese de Angra

Localização: Concelho de Lagoa, Santa Cruz

Categoria: Escultura

Subcategoria: Escultura de vulto

Denominação: Santo não identificado (busto-relicário)

Elemento de conjunto: não

Nº de Inventário: PSC/153

Marcação: verso da base

Nº de Inventário anteriores: (não se aplica)



Descrição

Escultura. Escultura de vulto: imaginária. Imagem de busto-relicário de Santo não identificado, em representação frontal com a cabeça levemente inclinada para a direita, envolvido por manto cruzado à frente. Ao centro medalhão oval que encerraria a relíquia. Rosto de expressão serena e contemplativa, de olhar elevado, nariz afilado e lábios cerrados emoldurados pelo bigode desunido e barba encaracolada. Cabelo puxado para trás encaracolado. Grande dinamismo na marcação de pequenas pregas condicentes com o movimento de colocação do manto vermelho. Lateralmente os braços encontram-se mutilados.

Inventário do Património Cultural Móvel da Igreja Matriz de Santa Cruz

Dimensões

Altura: 85 cm
Largura: 27 cm
Profundidade: 21 cm

Datação

Ano(s): Não determinado
Século(s): XVIII
Justificação da data: Análise estilística.

Informação Técnica

Matéria: Madeira
Técnica: Escultura
Pintura/ Dourado
Pintura/ Policromado
Pintura/ Estofado

Conservação

Estado: Regular
Especificações: Peça que apresenta desgaste de policromia e mutilações.
Data: 26-05-2015

Autoria

Nome: Desconhecido
Tipo: Desconhecido
Ofício: Desconhecido

Produção

Oficina/ Fabricante: Desconhecido
Local de Execução: Desconhecido
Escola/Estilo/Movimento: Desconhecido

Incorporação

Data de Incorporação: 00/00/0000
Ano(s): Desconhecido
Modo de Incorporação: Desconhecido
Descrição: Desconhecido

Localização

Localização: Reservas (Nova atualização:
Núcleo da Imaginária. 18-05-2017)

Local e data de conclusão da ficha

Lagoa, 26 de maio de 2015

Inventariante

Joana Simas

Ficha de Inventário

Identificação da Peça

Instituição/ Proprietário: Fábrica da Igreja Paroquial de Santa Cruz – Diocese de Angra

Localização: Concelho de Lagoa, Santa Cruz

Categoria: Escultura

Subcategoria: Escultura de vulto

Denominação: Sagrado Coração de Jesus

Elemento de conjunto: não

Nº de Inventário: PSC/154

Marcação: verso da base e atrás da peça

Nº de Inventário anteriores: (não se aplica)



Descrição

Peça de madeira entalhada dourada assente em base quadrangular com cantos recortados. Haste com um nó figurado e ladeada por folhagem. Sobre isto, assenta um resplendor de raios dourados a envolver o coração flamejante vermelho debruado por coroa de espinhos. Resplendor rematado por um querubim.

Inventário do Património Cultural Móvel da Igreja Matriz de Santa Cruz

Dimensões

Altura: 85 cm
Largura: 27 cm
Profundidade: 17 cm

Datação

Ano(s): Não determinado
Século(s): XVIII
Justificação da data: Análise estilística e escultórica.

Informação Técnica

Matéria: Madeira
Vidro
Técnica: Escultura
Policromado

Conservação

Estado: Regular
Especificações: Peça que apresenta lacunas e que é necessário intervir.
Data: 21-05-2015

Autoria

Nome: Desconhecido
Tipo: Desconhecido
Ofício: Desconhecido

Produção

Oficina/ Fabricante: Desconhecido
Local de Execução: Desconhecido
Escola/Estilo/Movimento: Desconhecido

Incorporação

Data de Incorporação: 00/00/0000
Ano(s): Desconhecido
Modo de Incorporação: Desconhecido
Descrição: Desconhecido

Localização

Localização: Reservas (Nova atualização: Núcleo da Imaginária. 18-05-2017)

Marcas/inscrições

Local e data de conclusão da ficha

Lagoa, 21 de maio de 2015

Inventariante

Joana Simas

Ficha de Inventário

Identificação da Peça

Instituição/ Proprietário: Fábrica da Igreja Paroquial de Santa Cruz – Diocese de Angra

Localização: Concelho de Lagoa, Santa Cruz

Categoria: Escultura

Subcategoria: Escultura de vulto

Denominação: Cruz de altar

Elemento de conjunto: não

Nº de Inventário: PSC/155

Marcação: verso da base

Nº de Inventário anteriores: (não se aplica)



Descrição

Cruz latina de altar com a imagem de Cristo morto, crucificado, com a cabeça a pender sobre o lado direito, braços verticalizados, torção corporal para a esquerda, e pernas flectidas com os pés pregados sobrepostos, o direito sobre o esquerdo. Tem o rosto alongado, olhos fechados, nariz afilado, barba bífida e cabelo castanho comprido deixando uma madeixa ondulante sobre o ombro direito, e o restante dirigido para trás. Corpo esguio com volumes musculares bem definidos denotando alguma tensão. Tem os dedos das mãos dobrados. Encontra-se nu com a zona do baixo-ventre coberta por cendal cinzento com laçada no lado direito, e várias chagas espalhadas pelo corpo. Cruz latina lisa com aplicação na haste de tabela em madeira com inscrição INRI. Imagem repintada. Assenta sobre base triangular fortemente trabalhada por formas ondulantes e motivos florais.

Inventário do Património Cultural Móvel da Igreja Matriz de Santa Cruz

Dimensões

Altura: 68 cm
Largura: 42 cm
Profundidade: 13 cm

Datação

Ano(s): Não determinado
Século(s): XVIII/XIX (?)
Justificação da data: Análise estilística.

Informação Técnica

Matéria: Madeira
Técnica: Escultura
Policromado

Conservação

Estado: Bom
Especificações: Peça sem problemas de conservação.
Data: 21-05-2015

Autoria

Nome: Desconhecido
Tipo: Desconhecido
Ofício: Desconhecido

Produção

Oficina/ Fabricante: Desconhecido
Local de Execução: Desconhecido
Escola/Estilo/Movimento: Desconhecido

Incorporação

Data de Incorporação: 00/00/0000
Ano(s): Desconhecido
Modo de Incorporação: Desconhecido
Descrição: Desconhecido

Localização

Localização: Reservas

Marcas/inscrições

Local e data de conclusão da ficha

Lagoa, 21 de maio de 2015

Inventariante

Joana Simas

Ficha de Inventário

Identificação da Peça

Instituição/ Proprietário: Fábrica da Igreja Paroquial de Santa Cruz – Diocese de Angra

Localização: Concelho de Lagoa, Santa Cruz

Categoria: Escultura

Subcategoria: Escultura de vulto jacente

Denominação: Cristo Morto

Elemento de conjunto: não

Nº de Inventário: PSC/158

Marcação: calcanhar esquerdo

Nº de Inventário anteriores: (não se aplica)



Descrição

Escultura. Escultura de vulto jacente: imaginária. Imagem jacente de Cristo Morto de cabelos e barba longas e castanhas, representado com a cabeça erguida, de modo a repousar sobre almofada, e as pernas paralelas com os pés levemente apontados para a frente onde apresenta várias chagas espalhadas pelo corpo bastante ensanguentado com fluxos de sangue escorrente e equimose. O braço direito jaz ao longo do corpo com a palma da mão voltada para cima e a mão esquerda repousa sobre a perna com a palma da mão também voltada para cima. A simetria da composição é interrompida na inclinação da cabeça para a direita e leve curvatura corporal oposta, ampliada pela flexão do braço. Possui rosto sereno, de formato oval, mantendo os olhos e os lábios cerrados. Cabelo ondulado, pouco destacado, tocando os ombros e caindo sobre as costas. Ligeiro tratamento anatómico com indicação de veias. Dedos em posição naturalista, sendo alguns com detalhe de restauro. Corpo desnudado surgindo apenas com cendal à cintura onde as pontas de pregas escalonadas caem sobre a perna direita.

Inventário do Património Cultural Móvel da Igreja Matriz de Santa Cruz

Dimensões

Altura: 132 cm
Largura: 41 cm
Profundidade: 23 cm

Datação

Ano(s): Não determinado
Século(s): XVIII-XIX
Justificação da data: Análise estilística e escultórica.

Informação Técnica

Matéria: Madeira
Técnica: Escultura de vulto jacente
Policromado

Conservação

Estado: Bom
Especificações: Peça que apresenta algumas lacunas, nomeadamente no braço direito.
Data: 15-07-2015

Autoria

Nome: Desconhecido
Tipo: Desconhecido
Ofício: Desconhecido

Produção

Oficina/ Fabricante: Desconhecido
Local de Execução: Desconhecido
Escola/Estilo/Movimento: Desconhecido

Incorporação

Data de Incorporação: 00/00/0000
Ano(s): Desconhecido
Modo de Incorporação: Desconhecido
Descrição: Desconhecido

Localização

Localização: Reservas (Nova atualização:
Núcleo Processional. 18-05-2017)

Local e data de conclusão da ficha

Lagoa, 15 de julho de 2015

Inventariante

Joana Simas

Ficha de Inventário

Identificação da Peça

Instituição/ Proprietário: Fábrica da Igreja Paroquial de Santa Cruz – Diocese de Angra

Localização: Concelho de Lagoa, Santa Cruz

Categoria: Mobiliário

Denominação: Esquife

Elemento de conjunto: não

Nº de Inventário: PSC/159

Marcação: no verso

Nº de Inventário anteriores: (não se aplica)



Descrição

Esquife em formato retangular com lados formados por uma grade de volutas. Pernas afuniladas. Assento estofado e revestido a veludo roxo.

Inventário do Património Cultural Móvel da Igreja Matriz de Santa Cruz

Dimensões

Altura: 50 cm
Comprimento: 235 cm
Largura: 70 cm

Datação

Ano(s): Não determinado
Século(s): XX (?)
Justificação da data: Análise estilística e escultórica.

Informação Técnica

Matéria: Madeira
Técnica: Policromado

Conservação

Estado: Bom
Especificações: Peça que apresenta alguns problemas de conservação.
Data: 15-07-2015

Autoria

Nome: Desconhecido
Tipo: Desconhecido
Ofício: Desconhecido

Produção

Oficina/ Fabricante: Desconhecido
Local de Execução: Desconhecido
Escola/Estilo/Movimento: Desconhecido

Incorporação

Data de Incorporação: 00/00/0000
Ano(s): Desconhecido
Modo de Incorporação: Desconhecido
Descrição: Desconhecido

Localização

Localização: Reservas (Nova atualização: Núcleo Processional. 18-05-2017)

Local e data de conclusão da ficha

Lagoa, 15 de julho de 2015

Inventariante

Joana Simas

Ficha de Inventário

Identificação da Peça

Instituição/ Proprietário: Fábrica da Igreja Paroquial de Santa Cruz – Diocese de Angra

Localização: Concelho de Lagoa, Santa Cruz

Categoria: Mobiliário

Denominação: Caixa dos Santos Óleos

Elemento de conjunto: não

Nº de Inventário: PSC/160

Marcação: interior

Nº de Inventário anteriores: (não se aplica)



Descrição

Pequena caixa em formato retangular com tampa para guardar as três Âmbulas dos Santos Óleos. No interior uma placa perfurada para assegurar a estabilidade das ampolas.

Inventário do Património Cultural Móvel da Igreja Matriz de Santa Cruz

Dimensões

Altura: 9 cm
Comprimento: 26 cm
Largura: 11 cm

Datação

Ano(s): Não determinado
Século(s): XX (?)
Justificação da data: Análise estilística.

Informação Técnica

Matéria: Madeira
Técnica:

Conservação

Estado: Bom
Especificações: Peça sem problemas de conservação.
Data: 14-07-2015

Autoria

Nome: Desconhecido
Tipo: Desconhecido
Ofício: Desconhecido

Produção

Oficina/ Fabricante: Desconhecido
Local de Execução: Desconhecido
Escola/Estilo/Movimento: Desconhecido

Incorporação

Data de Incorporação: 00/00/0000
Ano(s): Desconhecido
Modo de Incorporação: Desconhecido
Descrição: Desconhecido

Localização

Localização: Reservas

Marcas/inscrições

Local e data de conclusão da ficha

Lagoa, 14 de julho de 2015

Inventariante

Joana Simas

Ficha de Inventário

Identificação da Peça

Instituição/ Proprietário: Fábrica da Igreja Paroquial de Santa Cruz – Diocese de Angra

Localização: Concelho de Lagoa, Santa Cruz

Categoria: Mobiliário

Subcategoria: Mobiliário religioso

Denominação: Crucifixo

Elemento de conjunto: não

Nº de Inventário: PSC/161

Marcação: interior

Nº de Inventário anteriores: (não se aplica)



Descrição

Baldaquino portátil revestido a pele gravada com ferros dourados nas extremidades. Quando fechado apresenta o formato de um livro. A tampa e os elementos interiores são articulados. O interior é forrado a damasco branco com fio de ouro, sendo que apresenta pala com franjas douradas no topo.

Inventário do Património Cultural Móvel da Igreja Matriz de Santa Cruz

Dimensões

Altura: 44 cm
Largura: 33 cm
Profundidade: 7 cm

Datação

Ano(s): Não determinado
Século(s): XIX
Justificação da data: Análise estilística.

Informação Técnica

Matéria: Madeira
Metal
Têxtil
Técnica: Fundido
Marcenaria
Galão tecido

Conservação

Estado: Bom
Especificações: Peça sem problemas de conservação.
Data: 14-07-2015

Autoria

Nome: Desconhecido
Tipo: Desconhecido
Ofício: Desconhecido

Produção

Oficina/ Fabricante: Desconhecido
Local de Execução: Desconhecido
Escola/Estilo/Movimento: Desconhecido

Incorporação

Data de Incorporação: 00/00/0000
Ano(s): Desconhecido
Modo de Incorporação: Desconhecido
Descrição: Desconhecido

Localização

Localização: Sacristia

Marcas/inscrições

Local e data de conclusão da ficha

Lagoa, 14 de julho de 2015

Inventariante

Joana Simas

Ficha de Inventário

Identificação da Peça

Instituição/ Proprietário: Fábrica da Igreja Paroquial de Santa Cruz – Diocese de Angra

Localização: Concelho de Lagoa, Santa Cruz

Categoria: Pintura

Denominação: Quadro

Título: Santa Teresinha de Lisieux

Elemento de conjunto: não

Nº de Inventário: PSC/162

Marcação: verso

Nº de Inventário anteriores: (não se aplica)



Descrição

Pintura de Santa Teresinha de Lisieux da cintura para cima. A figura destaca-se do pano de fundo mais escuro. Possui rosto alongado, enverga hábito monástico castanho de carmelita com pétalas de flor. Tem um véu negro sobre a cabeça. Sob este, envolve-lhe a cabeça e o pescoço uma coifa branca. Envolva-a um manto bege preso no pescoço caindo sobre os ombros em drapeado. Calça sandálias. A figura está representada com flores nas juntamente com uma cruz com uma figura masculina crucificada. Possui resplendor circular de simples aro liso preso atrás no véu.

Inventário do Património Cultural Móvel da Igreja Matriz de Santa Cruz

Dimensões

Altura: 57 cm
Largura: 43 cm

Datação

Ano(s): Não determinado
Século(s): XX
Justificação da data: Análise estilística.

Informação Técnica

Matéria: Madeira [moldura]
Tela
Técnica: Óleo

Conservação

Estado: Bom
Especificações: Peça sem problemas de conservação.
Data: 15-06-2015

Autoria

Nome: Desconhecido
Tipo: Desconhecido
Ofício: Desconhecido

Produção

Oficina/ Fabricante: Desconhecido
Local de Execução: Desconhecido
Escola/Estilo/Movimento: Desconhecido

Incorporação

Data de Incorporação: 00/00/0000
Ano(s): Desconhecido
Modo de Incorporação: Desconhecido
Descrição: Desconhecido

Localização

Localização: Reservas

Marcas/inscrições

Local e data de conclusão da ficha

Lagoa, 15 de junho de 2015

Inventariante

Joana Simas

Ficha de Inventário

Identificação da Peça

Instituição/ Proprietário: Fábrica da Igreja Paroquial de Santa Cruz – Diocese de Angra

Localização: Concelho de Lagoa, Santa Cruz

Categoria: Pintura

Denominação: Quadro

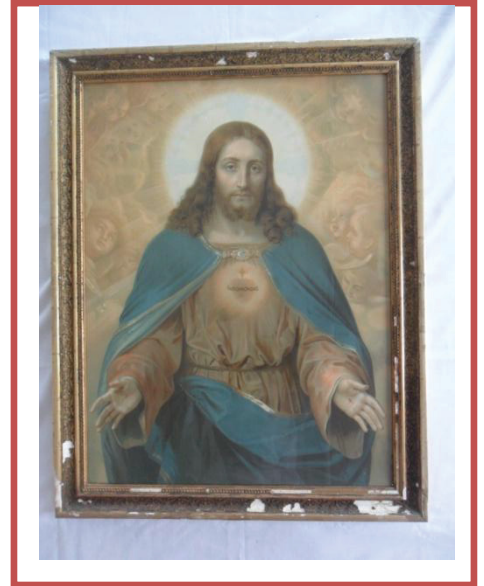
Título: Sagrado Coração de Jesus

Elemento de conjunto: não

Nº de Inventário: PSC/163

Marcação: verso

Nº de Inventário anteriores: (não se aplica)



Descrição

Pintura a óleo sobre tela, de formato retangular disposta na vertical, representando o Sagrado Coração de Jesus. Representação de Jesus Cristo a meio corpo. Apresenta o rosto ligeiramente inclinado com o cabelo comprido ondulado a cair sobre os ombros, e rosto barbado. Enverga uma túnica rosada e por cima um manto azul. Por detrás da cabeça encontra-se uma auréola luminosa. Os braços encontram-se esticados para a frente. Sobressai do peito um coração flamejante.

Inventário do Património Cultural Móvel da Igreja Matriz de Santa Cruz

Dimensões

Altura: 57 cm
Largura: 78 cm

Datação

Ano(s): Não determinado
Século(s): XX
Justificação da data: Análise estilística.

Informação Técnica

Matéria: Madeira [moldura]
Tela
Técnica: Óleo

Conservação

Estado: Bom
Especificações: Peça sem problemas de conservação.
Data: 15-06-2015

Autoria

Nome: Desconhecido
Tipo: Desconhecido
Ofício: Desconhecido

Produção

Oficina/ Fabricante: Desconhecido
Local de Execução: Desconhecido
Escola/Estilo/Movimento: Desconhecido

Incorporação

Data de Incorporação: 00/00/0000
Ano(s): Desconhecido
Modo de Incorporação: Desconhecido
Descrição: Desconhecido

Localização

Localização: Reservas

Marcas/inscrições

Local e data de conclusão da ficha

Lagoa, 15 de junho de 2015

Inventariante

Joana Simas

Ficha de Inventário

Identificação da Peça

Instituição/ Proprietário: Fábrica da Igreja Paroquial de Santa Cruz – Diocese de Angra

Localização: Concelho de Lagoa, Santa Cruz

Categoria: Pintura

Denominação: Quadro

Título: Divina Misericórdia

Elemento de conjunto: não

Nº de Inventário: PSC/164

Marcação: verso

Nº de Inventário anteriores: (não se aplica)



Descrição

Pintura a óleo sobre tela, de formato retangular disposta na vertical, representando a Divina Misericórdia. Representação de Jesus Cristo a meio corpo. Apresenta o rosto voltado para a frente, com o cabelo comprido a cair pelas costas, e rosto barbado. Enverga uma túnica branca e por cima um manto vermelho. Por detrás da cabeça encontra-se uma auréola luminosa. Os braços encontram-se direcionados para o peito, segurando nas vestes para mostrar o coração flamejante que sobressai do peito.

Inventário do Património Cultural Móvel da Igreja Matriz de Santa Cruz

Dimensões

Altura: 54 cm
Largura: 36 cm

Datação

Ano(s): Não determinado
Século(s): XX
Justificação da data: Análise estilística.

Informação Técnica

Matéria: Madeira [moldura]
Tela
Técnica: Óleo

Conservação

Estado: Bom
Especificações: Peça sem problemas de conservação.
Data: 15-06-2015

Autoria

Nome: Desconhecido
Tipo: Desconhecido
Ofício: Desconhecido

Produção

Oficina/ Fabricante: Desconhecido
Local de Execução: Desconhecido
Escola/Estilo/Movimento: Desconhecido

Incorporação

Data de Incorporação: 00/00/0000
Ano(s): Desconhecido
Modo de Incorporação: Desconhecido
Descrição: Desconhecido

Localização

Localização: Reservas

Marcas/inscrições

Local e data de conclusão da ficha

Lagoa, 15 de junho de 2015

Inventariante

Joana Simas

Ficha de Inventário

Identificação da Peça

Instituição/ Proprietário: Fábrica da Igreja Paroquial de Santa Cruz – Diocese de Angra

Localização: Concelho de Lagoa, Santa Cruz

Categoria: Alfaia litúrgica

Denominação: Campainha

Elemento de conjunto: não

Nº de Inventário: PSC/165

Marcação: interior

Nº de Inventário anteriores: (não se aplica)



Descrição

Campainha em forma de campânula, lisa, apenas com dois filetes incisos junto ao bordo. Cabo de madeira liso. No interior, badalo suspenso de argola em ferro.

Inventário do Património Cultural Móvel da Igreja Matriz de Santa Cruz

Dimensões

Altura: 27 cm
Largura: 14 cm

Datação

Ano(s): Não determinado
Século(s): XIX (?)
Justificação da data: Análise estilística.

Informação Técnica

Matéria: Bronze
Ferro
Madeira
Técnica: Fundido

Conservação

Estado: Regular
Especificações: Peça que apresenta algumas lacunas.

Data: 15-06-2015

Autoria

Nome: Desconhecido
Tipo: Desconhecido
Ofício: Desconhecido

Produção

Oficina/ Fabricante: Desconhecido
Local de Execução: Desconhecido
Escola/Estilo/Movimento: Desconhecido

Incorporação

Data de Incorporação: 00/00/0000
Ano(s): Desconhecido
Modo de Incorporação: Desconhecido
Descrição: Desconhecido

Localização

Localização: Reservas

Marcas/inscrições

Local e data de conclusão da ficha

Lagoa, 15 de junho de 2015

Inventariante

Joana Simas

Ficha de Inventário

Identificação da Peça

Instituição/ Proprietário: Fábrica da Igreja Paroquial de Santa Cruz – Diocese de Angra

Localização: Concelho de Lagoa, Santa Cruz

Categoria: Mobiliário

Subcategoria: Mobiliário Religioso

Denominação: Cadeira da presidência

Outras denominações: Cadeira paroquial

Elemento de conjunto: não

Nº de Inventário: PSC/166

Marcação: verso do assento

Nº de Inventário anteriores: (não se aplica)



Descrição

Mobiliário. Mobiliário religioso. Cadeira de braços em madeira com assento e espaldar estofados e cobertos de couro lavrado. Assento quadrangular ornamentado por cruz grega da Ordem de Cristo sobre um fundo lavrado por quatro pequeníssimas flores. Orla do assento e do espaldar definida por elementos vegetalistas emoldurados por grinaldas. Aro do assento fixado por pregaria dourada de latão. Espaldar, de formato retangular fixo por pregaria dourada de latão com uma cruz latina da Ordem de Cristo ao centro. Cachaço com frontão interrompido ondeante e adornado por motivos concheados, rematadas por dois pináculos. Assenta em quatro pernas com pés quadrangulares, sendo as dianteiras em forma balaustriforme e as traseiras lisas. As pernas dianteiras são unidas com as posteriores por travessas lisas. Braços encurvados e enrolados nas extremidades.

Inventário do Património Cultural Móvel da Igreja Matriz de Santa Cruz

Dimensões

Altura: 118 cm
Largura: 58 cm
Profundidade: 53 cm

Datação

Ano(s): Não determinado
Século(s): XX (?)
Justificação da data: Análise estilística.

Informação Técnica

Matéria: Latão
Madeira
Pele (couro)
Técnica: Couro lavrado
Marcenaria

Conservação

Estado: Bom
Especificações: Peça estabilizada.
Data: 29-05-2015

Autoria

Nome: Desconhecido
Tipo: Desconhecido
Ofício: Desconhecido

Produção

Oficina/ Fabricante: Desconhecido
Local de Execução: Desconhecido
Escola/Estilo/Movimento: Desconhecido

Incorporação

Data de Incorporação: 00/00/0000
Ano(s): Desconhecido
Modo de Incorporação: Desconhecido
Descrição: Desconhecido

Localização

Localização: Capela-Mor

Local e data de conclusão da ficha

Lagoa, 29 de maio de 2015

Inventariante

Joana Simas

Ficha de Inventário

Identificação da Peça

Instituição/ Proprietário: Fábrica da Igreja Paroquial de Santa Cruz – Diocese de Angra

Localização: Concelho de Lagoa, Santa Cruz

Categoria: Mobiliário

Subcategoria: Mobiliário Religioso

Denominação: Genuflexório

Elemento de conjunto: não

Nº de Inventário: PSC/167

Marcação: verso do assento

Nº de Inventário anteriores: (não se aplica)



Descrição

Genuflexório de madeira, com espaldar vazado, rematado superiormente por cachaço plano, de formato retangular, com plataforma para apoio dos braços e que prumadas unem à parte inferior. Trata-se de móvel de apoio com quatro pés torneados. Na parte inferior coxim de veludo para apoio dos joelhos. Peça ornamentada por um friso de balaústres, uma cruz latina de pontas segmentadas assente sobre uma peanha triangular.

Inventário do Património Cultural Móvel da Igreja Matriz de Santa Cruz

Dimensões

Altura: 28 cm
Largura: 51 cm
Profundidade: 44 cm

Datação

Ano(s): Não determinado
Século(s): XX
Justificação da data: Análise estilística.

Informação Técnica

Matéria: Madeira (acácia)
Têxteis (veludo vermelho)
Técnica: Marcenaria
Polidor
Torneamento
Veludo [estofo]

Conservação

Estado: Bom
Especificações: Peça estabilizada.
Data: 29-05-2015

Autoria

Nome: Desconhecido
Tipo: Desconhecido
Ofício: Desconhecido

Produção

Oficina/ Fabricante: Desconhecido
Local de Execução: Desconhecido
Escola/Estilo/Movimento: Desconhecido

Incorporação

Data de Incorporação: 00/00/0000
Ano(s): Desconhecido
Modo de Incorporação: Desconhecido
Descrição: Desconhecido

Localização

Localização: Exposição || Capela do
Santíssimo Sacramento

Local e data de conclusão da ficha

Lagoa, 29 de maio de 2015

Inventariante

Joana Simas

Ficha de Inventário

Identificação da Peça

Instituição/ Proprietário: Fábrica da Igreja Paroquial de Santa Cruz – Diocese de Angra

Localização: Concelho de Lagoa, Santa Cruz

Categoria: Mobiliário

Subcategoria: Mobiliário Religioso

Denominação: Genuflexório

Elemento de conjunto: não

Nº de Inventário: PSC/168

Marcação: verso do assento

Nº de Inventário anteriores: (não se aplica)



Descrição

Genuflexório de madeira, com espaldar vazado, rematado superiormente por cachaço plano, de formato retangular, com plataforma para apoio dos braços e que prumadas unem à parte inferior. Trata-se de móvel de apoio com quatro pés torneados. Na parte inferior coxim de veludo para apoio dos joelhos. Peça ornamentada por um friso de balaústres, uma cruz latina de pontas segmentadas assente sobre uma peanha triangular.

Inventário do Património Cultural Móvel da Igreja Matriz de Santa Cruz

Dimensões

Altura: 28 cm
Largura: 51 cm
Profundidade: 44 cm

Datação

Ano(s): Não determinado
Século(s): XX
Justificação da data: Análise estilística.

Informação Técnica

Matéria: Madeira (acácia)
Têxteis (veludo vermelho)
Técnica: Marcenaria
Polidor
Torneamento
Veludo [estofo]

Conservação

Estado: Bom
Especificações: Peça estabilizada.
Data: 29-05-2015

Autoria

Nome: Desconhecido
Tipo: Desconhecido
Ofício: Desconhecido

Produção

Oficina/ Fabricante: Desconhecido
Local de Execução: Desconhecido
Escola/Estilo/Movimento: Desconhecido

Incorporação

Data de Incorporação: 00/00/0000
Ano(s): Desconhecido
Modo de Incorporação: Desconhecido
Descrição: Desconhecido

Localização

Localização: Exposição || Capela do
Santíssimo Sacramento

Local e data de conclusão da ficha

Lagoa, 29 de maio de 2015

Inventariante

Joana Simas

Ficha de Inventário

Identificação da Peça

Instituição/ Proprietário: Fábrica da Igreja Paroquial de Santa Cruz – Diocese de Angra

Localização: Concelho de Lagoa, Santa Cruz

Categoria: Mobiliário

Subcategoria: Mobiliário Religioso

Denominação: Tamborete

Outras denominações: Mocho

Elemento de conjunto: não

Nº de Inventário: PSC/169

Marcação: verso do assento

Nº de Inventário anteriores: (não se aplica)



Descrição

Tamborete em madeira com assento de formato quadrangular. Assenta em quatro pernas torneadas, com cubos onde encaixam travessas abalaustradas, com pés gomados. Tem aba recortada decorada por concheados e enrolamentos.

Inventário do Património Cultural Móvel da Igreja Matriz de Santa Cruz

Dimensões

Altura: 47 cm
Largura: 51 cm
Profundidade: 43 cm

Datação

Ano(s): Não determinado
Século(s): XX (?)
Justificação da data: Análise estilística.

Informação Técnica

Matéria: Madeira (acácia)
Técnica: Marcenaria

Conservação

Estado: Bom
Especificações: Peça estabilizada.
Data: 29-05-2015

Autoria

Nome: Desconhecido
Tipo: Desconhecido
Ofício: Desconhecido

Produção

Oficina/ Fabricante: Desconhecido
Local de Execução: Desconhecido
Escola/Estilo/Movimento: Desconhecido

Incorporação

Data de Incorporação: 00/00/0000
Ano(s): Desconhecido
Modo de Incorporação: Desconhecido
Descrição: Desconhecido

Localização

Localização: Capela-Mor

Local e data de conclusão da ficha

Lagoa, 29 de maio de 2015

Inventariante

Joana Simas

Ficha de Inventário

Identificação da Peça

Instituição/ Proprietário: Fábrica da Igreja Paroquial de Santa Cruz – Diocese de Angra

Localização: Concelho de Lagoa, Santa Cruz

Categoria: Mobiliário

Subcategoria: Mobiliário Religioso

Denominação: Tamborete

Outras denominações: Mocho

Elemento de conjunto: não

Nº de Inventário: PSC/170

Marcação: verso do assento

Nº de Inventário anteriores: (não se aplica)



Descrição

Tamborete em madeira com assento de formato quadrangular. Assenta em quatro pernas torneadas, com cubos onde encaixam travessas abalaustradas, com pés gomados. Tem aba recortada decorada por concheados e enrolamentos.

Inventário do Património Cultural Móvel da Igreja Matriz de Santa Cruz

Dimensões

Altura: 47 cm
Largura: 51 cm
Profundidade: 43 cm

Datação

Ano(s): Não determinado
Século(s): XX (?)
Justificação da data: Análise estilística.

Informação Técnica

Matéria: Madeira (acácia)
Técnica: Marcenaria

Conservação

Estado: Bom
Especificações: Peça estabilizada.
Data: 29-05-2015

Autoria

Nome: Desconhecido
Tipo: Desconhecido
Ofício: Desconhecido

Produção

Oficina/ Fabricante: Desconhecido
Local de Execução: Desconhecido
Escola/Estilo/Movimento: Desconhecido

Incorporação

Data de Incorporação: 00/00/0000
Ano(s): Desconhecido
Modo de Incorporação: Desconhecido
Descrição: Desconhecido

Localização

Localização: Capela-Mor

Local e data de conclusão da ficha

Lagoa, 29 de maio de 2015

Inventariante

Joana Simas

Ficha de Inventário

Identificação da Peça

Instituição/ Proprietário: Fábrica da Igreja Paroquial de Santa Cruz – Diocese de Angra

Localização: Concelho de Lagoa, Santa Cruz

Categoria: Mobiliário

Subcategoria: Mobiliário Religioso

Denominação: Tamborete

Outras denominações: Mocho

Elemento de conjunto: não

Nº de Inventário: PSC/171

Marcação: verso do assento

Nº de Inventário anteriores: (não se aplica)



Descrição

Tamborete em madeira com assento de formato quadrangular estofado e coberto de veludo encarnado cortado liso. Assenta em quatro pernas curvas. Aba recortada decorada por enrolamentos.

Inventário do Património Cultural Móvel da Igreja Matriz de Santa Cruz

Dimensões

Altura: 45 cm
Largura: 42 cm
Profundidade: 39 cm

Datação

Ano(s): Não determinado
Século(s): XX (?)
Justificação da data: Análise estilística.

Informação Técnica

Matéria: Madeira
Têxteis (veludo vermelho)
Técnica: Marcenaria
Veludo [estofo]

Conservação

Estado: Bom
Especificações: Peça estabilizada.
Data: 29-05-2015

Autoria

Nome: Desconhecido
Tipo: Desconhecido
Ofício: Desconhecido

Produção

Oficina/ Fabricante: Desconhecido
Local de Execução: Desconhecido
Escola/Estilo/Movimento: Desconhecido

Incorporação

Data de Incorporação: 00/00/0000
Ano(s): Desconhecido
Modo de Incorporação: Desconhecido
Descrição: Desconhecido

Localização

Localização: Capela-Mor

Local e data de conclusão da ficha

Lagoa, 29 de maio de 2015

Inventariante

Joana Simas

Ficha de Inventário

Identificação da Peça

Instituição/ Proprietário: Fábrica da Igreja Paroquial de Santa Cruz – Diocese de Angra

Localização: Concelho de Lagoa, Santa Cruz

Categoria: Mobiliário

Subcategoria: Mobiliário Religioso

Denominação: Tamborete

Outras denominações: Mocho

Elemento de conjunto: não

Nº de Inventário: PSC/172

Marcação: verso do assento

Nº de Inventário anteriores: (não se aplica)



Descrição

Tamborete em madeira com assento de formato quadrangular estofado e coberto de veludo encarnado cortado liso. Assenta em quatro pernas curvas. Aba recortada decorada por enrolamentos.

Inventário do Património Cultural Móvel da Igreja Matriz de Santa Cruz

Dimensões

Altura: 45 cm
Largura: 42 cm
Profundidade: 39 cm

Datação

Ano(s): Não determinado
Século(s): XX (?)
Justificação da data: Análise estilística.

Informação Técnica

Matéria: Madeira
Têxteis (veludo vermelho)
Técnica: Marcenaria
Veludo [estofo]

Conservação

Estado: Bom
Especificações: Peça estabilizada.
Data: 29-05-2015

Autoria

Nome: Desconhecido
Tipo: Desconhecido
Ofício: Desconhecido

Produção

Oficina/ Fabricante: Desconhecido
Local de Execução: Desconhecido
Escola/Estilo/Movimento: Desconhecido

Incorporação

Data de Incorporação: 00/00/0000
Ano(s): Desconhecido
Modo de Incorporação: Desconhecido
Descrição: Desconhecido

Localização

Localização: Capela-Mor

Local e data de conclusão da ficha

Lagoa, 29 de maio de 2015

Inventariante

Joana Simas

Ficha de Inventário

Identificação da Peça

Instituição/ Proprietário: Fábrica da Igreja Paroquial de Santa Cruz – Diocese de Angra

Localização: Concelho de Lagoa, Santa Cruz

Categoria: Mobiliário

Subcategoria: Mobiliário religioso

Denominação: Canapé

Elemento de conjunto: não

Nº de Inventário: PSC/173

Marcação: verso do assento da primeira cadeira

Nº de Inventário anteriores: (não se aplica)



Descrição

Canapé de sete lugares em madeira, formado por assento, encosto e braços. Encosto recortado e entalhado, relevado ao centro por concheados e folhagem. Apoios curvos percorridos lateralmente com as extremidades enroladas em voluta sobre assento retangular. Pernas traseiras curvas e dianteiras em forma de balaústre.

Inventário do Património Cultural Móvel da Igreja Matriz de Santa Cruz

Dimensões

Altura: 88 cm
Comprimento: 303 cm
Largura: 53 cm

Datação

Ano(s): Não determinado
Século(s): XX (?)
Justificação da data: Análise estilística.

Informação Técnica

Matéria: Madeira
Técnica: Marcenaria
Talha

Conservação

Estado: Bom
Especificações: Peça sem problemas de conservação.
Data: 28-04-2015

Autoria

Nome: Desconhecido
Tipo: Desconhecido
Ofício: Desconhecido

Produção

Oficina/ Fabricante: Desconhecido
Local de Execução: Desconhecido
Escola/Estilo/Movimento: Desconhecido

Incorporação

Data de Incorporação: 00/00/0000
Ano(s): Desconhecido
Modo de Incorporação: Desconhecido
Descrição: Desconhecido

Localização

Localização: Sacristia

Marcas/inscrições

Local e data de conclusão da ficha

Lagoa, 28 de abril de 2015

Inventariante

Joana Simas

Ficha de Inventário

Identificação da Peça

Instituição/ Proprietário: Fábrica da Igreja Paroquial de Santa Cruz – Diocese de Angra

Localização: Concelho de Lagoa, Santa Cruz

Categoria: Mobiliário

Subcategoria: Mobiliário religioso

Denominação: Mesa de sacristia

Elemento de conjunto: não

Nº de Inventário: PSC/174

Marcação: verso da base

Nº de Inventário anteriores: (não se aplica)



Descrição

Mesa de forma circular, em madeira, com oito gavetas, assente sobre pé tripartido estriado em forma de garra.

Inventário do Património Cultural Móvel da Igreja Matriz de Santa Cruz

Dimensões

Altura: 82 cm
Largura: 77 cm

Datação

Ano(s): Não determinado
Século(s): XX (?)
Justificação da data: Análise estilística.

Informação Técnica

Matéria: Madeira
Metal
Técnica: Marcenaria
Talha

Conservação

Estado: Bom
Especificações: Peça sem problemas de conservação.
Data: 28-04-2015

Autoria

Nome: Desconhecido
Tipo: Desconhecido
Ofício: Desconhecido

Produção

Oficina/ Fabricante: Desconhecido
Local de Execução: Desconhecido
Escola/Estilo/Movimento: Desconhecido

Incorporação

Data de Incorporação: 00/00/0000
Ano(s): Desconhecido
Modo de Incorporação: Desconhecido
Descrição: Desconhecido

Localização

Localização: Sacristia

Marcas/inscrições

Local e data de conclusão da ficha

Lagoa, 28 de abril de 2015

Inventariante

Joana Simas

Ficha de Inventário

Identificação da Peça

Instituição/ Proprietário: Fábrica da Igreja Paroquial de Santa Cruz – Diocese de Angra

Localização: Concelho de Lagoa, Santa Cruz

Categoria: Mobiliário

Subcategoria: Mobiliário religioso

Denominação: Estante de altar

Outras denominações: Estante de Missal

Elemento de conjunto: não

Nº de Inventário: PSC/175

Marcação: verso

Nº de Inventário anteriores: (não se aplica)



Descrição

Estante de altar de pequenas dimensões, de formato retangular em madeira. É constituído por duas grades e um apoio. A face central apresenta uma cruz latina.

Inventário do Património Cultural Móvel da Igreja Matriz de Santa Cruz

Dimensões

Altura: 23 cm
Largura: 27 cm
Profundidade: 38 cm

Datação

Ano(s): Não determinado
Século(s): XX (?)
Justificação da data: Análise estilística.

Informação Técnica

Matéria: Madeira
Técnica: Marcenaria
Talha

Conservação

Estado: Bom
Especificações: Peça sem problemas de conservação.
Data: 28-04-2015

Autoria

Nome: Desconhecido
Tipo: Desconhecido
Ofício: Desconhecido

Produção

Oficina/ Fabricante: Desconhecido
Local de Execução: Desconhecido
Escola/Estilo/Movimento: Desconhecido

Incorporação

Data de Incorporação: 00/00/0000
Ano(s): Desconhecido
Modo de Incorporação: Desconhecido
Descrição: Desconhecido

Localização

Localização: Mesa da celebração

Marcas/inscrições

Local e data de conclusão da ficha

Lagoa, 28 de abril de 2015

Inventariante

Joana Simas

Ficha de Inventário

Identificação da Peça

Instituição/ Proprietário: Fábrica da Igreja Paroquial de Santa Cruz – Diocese de Angra

Localização: Concelho de Lagoa, Santa Cruz

Categoria: Ourivesaria

Denominação: Resplendor

Título: Resplendor do Sagrado Coração de Jesus

Elemento de conjunto: não

Nº de Inventário: PSC/176

Marcação: no espigão

Nº de Inventário anteriores: (não se aplica)



Descrição

Resplendor de formato circular com quarenta e oito conjuntos de raios setiformes sobrepostos com pontas retorcidas. Centro formado por florão de oito pétalas lanceoladas que se desenvolve a partir de vidro vermelho engastado. Em redor dispõem-se folhas de acanto, enrolamentos e pequenas flores relevadas. Espigão liso dispondo de dois orifícios circulares.

Inventário do Património Cultural Móvel da Igreja Matriz de Santa Cruz

Dimensões

Altura: 29 cm
Largura: 21 cm
Diâmetro: 64 cm
Outras dimensões: a. 20 cm (só o medalhão)

Datação

Ano(s): Não determinado
Século(s): XIX– XX
Justificação da data: Análise estilística.

Informação Técnica

Matéria: Prata
Vidro
Técnica: Fundido
Relevado

Conservação

Estado: Bom
Especificações: Peça estabilizada, apresentando perda do acabamento de um raio setiforme.
Data: 07-08-2015

Autoria

Nome: Desconhecido
Tipo: Desconhecido
Ofício: Desconhecido

Produção

Oficina/ Fabricante: Desconhecido
Local de Execução: Desconhecido
Escola/Estilo/Movimento: Desconhecido

Incorporação

Data de Incorporação: 00/00/0000
Ano(s): Desconhecido
Modo de Incorporação: Desconhecido
Descrição: Desconhecido

Localização

Localização: Imagem do Sagrado Coração de Jesus

Observações

O resplendor pertence à imagem do Sagrado Coração de Jesus que tem o número de inventário PSC/021

Local e data de conclusão da ficha

Lagoa, 07 de agosto de 2015

Inventariante

Joana Simas

Ficha de Inventário

Identificação da Peça

Instituição/ Proprietário: Fábrica da Igreja Paroquial de Santa Cruz – Diocese de Angra

Localização: Concelho de Lagoa, Santa Cruz

Categoria: Ourivesaria

Denominação: Coroa

Título: Coroa do Menino da Virgem do Rosário

Elemento de conjunto: não

Nº de Inventário: PSC/177

Marcação: travessa e etiqueta

Nº de Inventário anteriores: (não se aplica)



Descrição

Coroa com aro compósito, formado por faixa lisa, de rebordo saliente, decorada por enrolamentos estilizados. Corpo formado por feixes de motivos fitomórficos e vegetalistas, rematadas por motivos trilobados. Quatro imperiais convergindo em feixe no topo, emolduradas por motivos fitomórficos e vegetalistas. O conjunto é rematado por cruz grega, com haste e braços balaustriformes. Dispõe de espigão para fixação.

Inventário do Património Cultural Móvel da Igreja Matriz de Santa Cruz

Dimensões

Altura: 13 cm
Diâmetro: 27 cm

Datação

Ano(s): Não determinado
Século(s): XIX- XX(?)
Justificação da data: Análise estilística.

Informação Técnica

Matéria: Prata
Técnica: Cinzelado
Fundido
Recortado
Soldado

Conservação

Estado: Bom
Especificações: Peça estabilizada.
Data: 07-08-2015

Autoria

Nome: Desconhecido
Tipo: Desconhecido
Ofício: Desconhecido

Produção

Oficina/ Fabricante: Desconhecido
Local de Execução: Desconhecido
Escola/Estilo/Movimento: Desconhecido

Incorporação

Data de Incorporação: 00/00/0000
Ano(s): Desconhecido
Modo de Incorporação: Desconhecido
Descrição: Desconhecido

Localização

Localização: Imagem da Virgem do Rosário

Observações

A coroa pertence ao Menino da imagem da Virgem do Rosário que tem o número de inventário PSC/030

Local e data de conclusão da ficha

Lagoa, 07 de agosto de 2015

Inventariante

Joana Simas

Ficha de Inventário

Identificação da Peça

Instituição/ Proprietário: Fábrica da Igreja Paroquial de Santa Cruz – Diocese de Angra

Localização: Concelho de Lagoa, Santa Cruz

Categoria: Ourivesaria

Denominação: Coroa

Título: Coroa da Virgem do Rosário

Elemento de conjunto: não

Nº de Inventário: PSC/178

Marcação: travessa e etiqueta

Nº de Inventário anteriores: (não se aplica)



Descrição

Coroa com aro compósito, formado por faixa lisa. Corpo formado por motivos vegetalistas feixes de motivos fitomórficos e vegetalistas, rematadas por motivos trilobados. Quatro imperiais convergindo em feixe para o topo, em pestana quadrangular, ornamentados por motivos fitomórficos e vegetalistas. O conjunto é rematado por cruz grega, com haste e braços balaustriformes. Dispõe de espigão para fixação.

Inventário do Património Cultural Móvel da Igreja Matriz de Santa Cruz

Dimensões

Altura: 21 cm
Diâmetro: 37 cm

Datação

Ano(s): Não determinado
Século(s): XIX-XX
Justificação da data: Análise estilística.

Informação Técnica

Matéria: Prata
Técnica: Cinzelado
Fundido
Recortado
Soldado

Conservação

Estado: Bom
Especificações: Peça estabilizada.
Data: 07-08-2015

Intervenções de conservação e restauro:
1967; 1981

Autoria

Nome: Desconhecido
Tipo: Desconhecido
Ofício: Desconhecido

Produção

Oficina/ Fabricante: Desconhecido
Local de Execução: Desconhecido
Escola/Estilo/Movimento: Desconhecido

Intervenções de conservação e restauro:

Nome: Desconhecido
Tipo: Desconhecido
Ofício: Desconhecido

Incorporação

Data de Incorporação: 00/00/0000
Ano(s): Desconhecido
Modo de Incorporação: Desconhecido
Descrição: Desconhecido

Localização

Localização: Imagem da Virgem do Rosário

Observações

A coroa pertence à imagem da Virgem do Rosário que tem o número de inventário PSC/030

Local e data de conclusão da ficha

Lagoa, 07 de agosto de 2015

Inventariante

Joana Simas

Ficha de Inventário

Identificação da Peça

Instituição/ Proprietário: Fábrica da Igreja Paroquial de Santa Cruz – Diocese de Angra

Localização: Concelho de Lagoa, Santa Cruz

Categoria: Ourivesaria

Denominação: Resplendor

Título: Resplendor de São José

Elemento de conjunto: não

Nº de Inventário: PSC/179

Marcação: no verso

Nº de Inventário anteriores: (não se aplica)



Descrição

Resplendor em forma de crescente com o campo preenchido por teoria de motivos florais e enrolamentos vegetalistas. Ao centro apresenta vidro encarnado, cravado em flor de seis pétalas. Raios de tipo setiforme agrupados em conjuntos de diferentes dimensões. Dispõe de espigão central.

Inventário do Património Cultural Móvel da Igreja Matriz de Santa Cruz

Dimensões

Altura: 13 cm
Largura: 10 cm
Outras dimensões: a. 7 cm (só o resplendor)

Datação

Ano(s): Não determinado
Século(s): XIX/XX (?)
Justificação da data: Análise estilística.

Informação Técnica

Matéria: Prata
Vidro
Técnica: Cinzelado
Relevado

Conservação

Estado: Bom
Especificações: Peça estabilizada.
Data: 07-08-2015

Autoria

Nome: Desconhecido
Tipo: Desconhecido
Ofício: Desconhecido

Produção

Oficina/ Fabricante: Desconhecido
Local de Execução: Desconhecido
Escola/Estilo/Movimento: Desconhecido

Incorporação

Data de Incorporação: 00/00/0000
Ano(s): Desconhecido
Modo de Incorporação: Desconhecido
Descrição: Desconhecido

Localização

Localização: Imagem do Sagrado Coração de Jesus

Observações

O resplendor pertence à imagem de São José que tem o número de inventário PSC/027

Local e data de conclusão da ficha

Lagoa, 07 de agosto de 2015

Inventariante

Joana Simas

Ficha de Inventário

Identificação da Peça

Instituição/ Proprietário: Fábrica da Igreja Paroquial de Santa Cruz – Diocese de Angra

Localização: Concelho de Lagoa, Santa Cruz

Categoria: Ourivesaria

Denominação: Resplendor

Título: Resplendor de Santo Antão

Elemento de conjunto: não

Nº de Inventário: PSC/180

Marcação: no espigão

Nº de Inventário anteriores: (não se aplica)



Descrição

Resplendor de formato losangular com medalhão central circular, organizado a partir de elemento central em forma de corola rodeada de elementos fitomórficos e cartelas formadas por motivos em "C" afrontados e com pequena folha estilizada no interior. Raios setiformes agrupados em conjuntos de diferentes dimensões. Fixo a espigão liso com orifício circular.

Inventário do Património Cultural Móvel da Igreja Matriz de Santa Cruz

Dimensões

Altura: 16 cm
Largura: 12 cm
Outras dimensões: a. 12 cm (só o resplendor)

Datação

Ano(s): Não determinado
Século(s): XIX-XX (?)
Justificação da data: Análise estilística.

Informação Técnica

Matéria: Prata
Técnica: Cinzelado
Fundido
Recortado
Relevado

Conservação

Estado: Bom
Especificações: Peça estabilizada.
Data: 07-08-2015

Autoria

Nome: Desconhecido
Tipo: Desconhecido
Ofício: Desconhecido

Produção

Oficina/ Fabricante: Desconhecido
Local de Execução: Desconhecido
Escola/Estilo/Movimento: Desconhecido

Incorporação

Data de Incorporação: 00/00/0000
Ano(s): Desconhecido
Modo de Incorporação: Desconhecido
Descrição: Desconhecido

Localização

Localização: Imagem de Santo Antão

Observações

O resplendor pertence à imagem de Santo Antão que tem o número de inventário PSC/016

Local e data de conclusão da ficha

Lagoa, 07 de agosto de 2015

Inventariante

Joana Simas

Ficha de Inventário

Identificação da Peça

Instituição/ Proprietário: Fábrica da Igreja Paroquial de Santa Cruz – Diocese de Angra

Localização: Concelho de Lagoa, Santa Cruz

Categoria: Ourivesaria

Denominação: Coroa

Título: Coroa do Menino

Elemento de conjunto: não

Nº de Inventário: PSC/181

Marcação: etiqueta

Nº de Inventário anteriores: (não se aplica)



Descrição

Coroa com aro emoldurado, decorado por motivos vegetalistas rendilhados disposta de forma equidistante. Corpo formado por florões compostos por aletas de cariz vegetalista, recortadas, rematadas por motivos trilobados. Quatro imperiais convergindo para o topo em feixe ornamentados por enrolamentos vegetalistas. Pestana quadrangular emoldurada, encimada por cruz balaustri-forme. Dispõe de espigão de encaixe.

Inventário do Património Cultural Móvel da Igreja Matriz de Santa Cruz

Dimensões

Altura: 9 cm
Diâmetro: 20 cm

Datação

Ano(s): 1812
Século(s): XIX
Justificação da data: Documentada a data no Livro do Padre João José Tavares in *Vila da Lagoa e o seu Concelho*, p. 32 e 33; Livro de *Receita e Despesa da Paróquia (1798-1877)*.

Informação Técnica

Matéria: Prata
Técnica: Cinzelado
Dourado
Fundido
Recortado
Soldado

Conservação

Estado: Bom
Especificações: Peça estabilizada.
Data: 07-08-2015

Autoria

Nome: Desconhecido
Tipo: Desconhecido
Ofício: Desconhecido

Produção

Oficina/ Fabricante: Desconhecido
Local de Execução: Desconhecido
Escola/Estilo/Movimento: Desconhecido

Incorporação

Data de Incorporação: 00/00/0000
Ano(s): Desconhecido
Modo de Incorporação: Desconhecido
Descrição: Desconhecido

Localização

Localização: Imagem de Santo António

Observações

A coroa pertence à imagem do Menino Jesus do Santo António que tem o número de inventário PSC/036

Local e data de conclusão da ficha

Lagoa, 07 de agosto de 2015

Inventariante

Joana Simas

Ficha de Inventário

Identificação da Peça

Instituição/ Proprietário: Fábrica da Igreja Paroquial de Santa Cruz – Diocese de Angra

Localização: Concelho de Lagoa, Santa Cruz

Categoria: Ourivesaria

Denominação: Coroa

Título: Coroa da Virgem de Lurdes

Elemento de conjunto: não

Nº de Inventário: PSC/182

Marcação: etiqueta

Nº de Inventário anteriores: (não se aplica)



Descrição

Coroa de aro compósito decorado por motivos geométricos sobre faixa lisa. Corpo decorado por florões recortados por aletas. Fechada por seis imperiais que convergem em feixe para o topo que rematam em folhas de acanto estilizadas que sustentam globo dourado sobre o qual assenta uma cruz latina com resplendor. Dispõe de espigão para fixação.

Inventário do Património Cultural Móvel da Igreja Matriz de Santa Cruz

Dimensões

Altura: 9 cm
Diâmetro: 20 cm

Datação

Ano(s): Não determinado
Século(s): XIX/XX
Justificação da data: Análise estilística.

Informação Técnica

Matéria: Prata
Técnica: Cinzelado
Dourado
Fundido
Recortado
Soldado

Conservação

Estado: Bom
Especificações: Peça estabilizada.
Data: 07-08-2015

Autoria

Nome: Desconhecido
Tipo: Desconhecido
Ofício: Desconhecido

Produção

Oficina/ Fabricante: Desconhecido
Local de Execução: Desconhecido
Escola/Estilo/Movimento: Desconhecido

Incorporação

Data de Incorporação: 00/00/0000
Ano(s): Desconhecido
Modo de Incorporação: Desconhecido
Descrição: Desconhecido

Localização

Localização: Imagem da Virgem de Lurdes

Observações

A coroa pertence à imagem da Virgem de Lurdes que tem o número de inventário PSC/026.1

Local e data de conclusão da ficha

Lagoa, 07 de agosto de 2015

Inventariante

Joana Simas

Ficha de Inventário

Identificação da Peça

Instituição/ Proprietário: Fábrica da Igreja Paroquial de Santa Cruz – Diocese de Angra

Localização: Concelho de Lagoa, Santa Cruz

Categoria: Ourivesaria

Denominação: Resplendor

Título: Resplendor de Santo António

Elemento de conjunto: não

Nº de Inventário: PSC/184

Marcação: no verso

Nº de Inventário anteriores: (não se aplica)



Descrição

Resplendor em forma de crescente com o campo preenchido por teoria de motivos fitomórficos estilizados e aletas. Raios de tipo setiforme agrupados em conjuntos de diferentes dimensões. Dispõe de espigão central.

Inventário do Património Cultural Móvel da Igreja Matriz de Santa Cruz

Dimensões

Altura: 13 cm
Largura: 15 cm

Datação

Ano(s): 1812
Século(s): XIX
Justificação da data: Documentada a data no Livro do Padre João José Tavares in *Vila da Lagoa e o seu Concelho*, p. 32 e 33; Livro de *Receita e Despesa da Paróquia (1798-1877)*

Informação Técnica

Matéria: Prata
Técnica: Cinzelado
Fundido
Recortado

Conservação

Estado: Bom
Especificações: Peça estabilizada apresentando falta do acabamento de alguns raios setiformes.
Data: 07-08-2015

Autoria

Nome: Desconhecido
Tipo: Desconhecido
Ofício: Desconhecido

Produção

Oficina/ Fabricante: Desconhecido
Local de Execução: Desconhecido
Escola/Estilo/Movimento: Desconhecido

Incorporação

Data de Incorporação: 00/00/1812
Ano(s): 1812
Modo de Incorporação: Aquisição
Descrição: A imagem de Santo António foi adquirida com o respectivo resplendor.

Localização

Localização: Imagem de Santo António

Observações

O resplendor pertence à imagem de Santo António que tem o número de inventário PSC/036

Local e data de conclusão da ficha

Lagoa, 07 de agosto de 2015

Inventariante

Joana Simas

Ficha de Inventário

Identificação da Peça

Instituição/ Proprietário: Fábrica da Igreja Paroquial de Santa Cruz – Diocese de Angra

Localização: Concelho de Lagoa, Santa Cruz

Categoria: Escultura

Subcategoria: Escultura de vulto

Denominação: Crucifixo

Elemento de conjunto: não

Nº de Inventário: PSC/185

Marcação: verso da base

Nº de Inventário anteriores: (não se aplica)



Descrição

Cruz com a imagem de Cristo crucificado, morto, com a cabeça pendendo sobre o lado direito. Tem os braços mutilados. O tronco largo é dominado pela caixa torácica com estrutura pronunciada, realçada pela barriga contraída e cintura fina. As pernas paralelas, fletidas estão pregadas com o pé direito sobre o esquerdo. Possui o rosto alongado e barba bífida, olhos fechados. O cabelo está dirigido para trás e deixa visualizar a orelha esquerda, proeminente. Encontra-se desnudo, apenas com a zona do baixo-ventre coberta por cendal atado no lado direito formando laçada. Cruz latina lisa assente em base de encosto, quase retangular, alteada em dois degraus, com aplicação na haste de tabela em madeira.

Inventário do Património Cultural Móvel da Igreja Matriz de Santa Cruz

Dimensões

Altura: 53 cm
Largura: 26 cm
Profundidade: 14 cm

Datação

Ano(s): Não determinado
Século(s): XVII (?)
Justificação da data: Análise estilística e escultórica

Informação Técnica

Matéria: Madeira
Técnica: Escultura adossada à cruz
Engessada
Policromado
Talha

Conservação

Estado: Regular
Especificações: Peça que apresenta mutilações nos membros superiores e policromia gasta.
Data: 05-05-2015

Autoria

Nome: Desconhecido
Tipo: Desconhecido
Ofício: Desconhecido

Produção

Oficina/ Fabricante: Desconhecido
Local de Execução: Desconhecido
Escola/Estilo/Movimento: Desconhecido

Incorporação

Data de Incorporação: 00/00/0000
Ano(s): Desconhecido
Modo de Incorporação: Desconhecido
Descrição: Desconhecido

Localização

Localização: Reservas

Observações

Local e data de conclusão da ficha

Lagoa, 05 de maio de 2015

Inventariante

Joana Simas

Ficha de Inventário

Identificação da Peça

Instituição/ Proprietário: Fábrica da Igreja Paroquial de Santa Cruz – Diocese de Angra

Localização: Concelho de Lagoa, Santa Cruz

Categoria: Ourivesaria

Denominação: Coroa

Título: Coroa de espinhos

Elemento de conjunto: não

Nº de Inventário: PSC/186

Marcação: travessão

Nº de Inventário anteriores: (não se aplica)



Descrição

Coroa de espinhos, de cariz naturalista, com espigão para fixação.

Inventário do Património Cultural Móvel da Igreja Matriz de Santa Cruz

Dimensões

Altura: 17 cm
Diâmetro: 57 cm

Datação

Ano(s): Não determinado
Século(s): XVIII (?)
Justificação da data: Análise estilística.

Informação Técnica

Matéria: Metal (?)
Técnica: Fundido
Recortado

Conservação

Estado: Regular
Especificações: Peça que apresenta fragilidades.
Data: 14-08-2015

Autoria

Nome: Desconhecido
Tipo: Desconhecido
Ofício: Desconhecido

Produção

Oficina/ Fabricante: Desconhecido
Local de Execução: Desconhecido
Escola/Estilo/Movimento: Desconhecido

Incorporação

Data de Incorporação: 00/00/0000
Ano(s): Desconhecido
Modo de Incorporação: Desconhecido
Descrição: Desconhecido

Localização

Localização: Imagem de Cristo Crucificado

Observações

A coroa de espinhos pertence à Cruz com Cristo Crucificado que tem o número de inventário PSC/028

Local e data de conclusão da ficha

Lagoa, 14 de agosto de 2015

Inventariante

Joana Simas

Ficha de Inventário

Identificação da Peça

Instituição/ Proprietário: Fábrica da Igreja Paroquial de Santa Cruz – Diocese de Angra

Localização: Ilha de São Miguel, Concelho de Lagoa

Categoria: Ourivesaria

Denominação: Resplendor

Elemento de conjunto: não

Nº de Inventário: PSC/187

Marcação: travessão

Nº de Inventário anteriores: (não se aplica)



Descrição

Resplendor de formato circular com campo, de perfil convexo, decorado por motivos vegetalistas. Raios setiformes e serpentiformes alternados, dispostos em redor de centro circular. Dispõe de travessão com dois orifícios circulares.

Inventário do Património Cultural Móvel da Igreja Matriz de Santa Cruz

Dimensões

Altura: 29 cm
Largura: 22 cm
Diâmetro: 70 cm
Outras dimensões: 22 cm

Datação

Ano(s): Não determinado
Século(s): XVIII (?)
Justificação da data: Análise estilística.

Informação Técnica

Matéria: Prata
Técnica: Cinzelado
Fundido
Recortado

Conservação

Estado: Mau
Especificações: Peça muito danificada. Exige urgente intervenção de restauro.
Data: 14-08-2015

Autoria

Nome: Desconhecido
Tipo: Desconhecido
Ofício: Desconhecido

Produção

Oficina/ Fabricante: Desconhecido
Local de Execução: Desconhecido
Escola/Estilo/Movimento: Desconhecido

Incorporação

Data de Incorporação: 00/00/0000
Ano(s): Desconhecido
Modo de Incorporação: Desconhecido
Descrição: Desconhecido

Localização

Localização: Imagem de Cristo Crucificado

Observações

O resplendor pertence à Cruz com Cristo Crucificado que tem o número de inventário PSC/028

Local e data de conclusão da ficha

Lagoa, 14 de agosto de 2015

Inventariante

Joana Simas

Ficha de Inventário

Identificação da Peça

Instituição/ Proprietário: Fábrica da Igreja Paroquial de Santa Cruz – Diocese de Angra

Localização: Concelho de Lagoa, Santa Cruz

Categoria: Metais

Denominação: Naveta

Elemento de conjunto: não

Nº de Inventário: PSC/188

Marcação: verso da base

Nº de Inventário anteriores: (não se aplica)



Descrição

Naveta de base circular alteada. Haste balaustriforme com nó em esfera achatada moldurado por filetes incisos. Vaso naviforme ornamentado por motivos florais e geométricos incisos. Cobertura repetindo a mesma decoração, alteada em curva ao centro, com uma das secções a funcionar como tampa, fixa por dobradiça.

Inventário do Património Cultural Móvel da Igreja Matriz de Santa Cruz

Dimensões

Altura: 16 cm
Largura: 18 cm
Profundidade: 9 cm

Datação

Ano(s): Não determinado
Século(s): XVIII-XX (?)
Justificação da data: Apreciação estilística

Informação Técnica

Matéria: Latão
Técnica: Fundido
Inciso
Relevado

Conservação

Estado: Bom
Especificações: Peça estabilizada.
Data: 26-08-2015

Autoria

Nome: Desconhecido
Tipo: Desconhecido
Ofício: Desconhecido

Produção

Oficina/ Fabricante: Desconhecido
Local de Execução: Desconhecido
Escola/Estilo/Movimento: Desconhecido

Incorporação

Data de Incorporação: 00/00/0000
Ano(s): Desconhecido
Modo de Incorporação: Desconhecido
Descrição: Desconhecido

Localização

Localização: Sacristia

Local e data de conclusão da ficha

Lagoa, 26 de agosto de 2015

Inventariante

Joana Simas

Ficha de Inventário

Identificação da Peça

Instituição/ Proprietário: Fábrica da Igreja Paroquial de Santa Cruz – Diocese de Angra

Localização: Concelho de Lagoa, Santa Cruz

Categoria: Ourivesaria

Denominação: Patena

Elemento de conjunto: não

Nº de Inventário: PSC/189

Marcação: verso

Nº de Inventário anteriores: (não se aplica)



Descrição

Patena de formato circular lisa, levemente rebaixada ao centro e aba larga ligeiramente levantada.

Inventário do Património Cultural Móvel da Igreja Matriz de Santa Cruz

Dimensões

Altura: 16 cm
Diâmetro: 49 cm

Datação

Ano(s): Não determinado
Século(s): XX (?)
Justificação da data: Análise estilística.

Informação Técnica

Matéria: Latão (?)
Técnica: Dourado
Fundido
Repuxado

Conservação

Estado: Bom
Especificações: Peça estabilizada.
Data: 26-08-2015

Autoria

Nome: Desconhecido
Tipo: Desconhecido
Ofício: Desconhecido

Produção

Oficina/ Fabricante: Desconhecido
Local de Execução: Desconhecido
Escola/Estilo/Movimento: Desconhecido

Incorporação

Data de Incorporação: 00/00/0000
Ano(s): Desconhecido
Modo de Incorporação: Desconhecido
Descrição: Desconhecido

Localização

Localização: Sacristia

Local e data de conclusão da ficha

Lagoa, 26 de agosto de 2015

Inventariante

Joana Simas

Ficha de Inventário

Identificação da Peça

Instituição/ Proprietário: Fábrica da Igreja Paroquial de Santa Cruz – Diocese de Angra

Localização: Concelho de Lagoa, Santa Cruz

Categoria: Ourivesaria

Denominação: Patena

Elemento de conjunto: não

Nº de Inventário: PSC/190

Marcação: verso

Nº de Inventário anteriores: (não se aplica)



Descrição

Patena de formato circular lisa, levemente rebaixada ao centro e aba larga ligeiramente levantada.

Inventário do Património Cultural Móvel da Igreja Matriz de Santa Cruz

Dimensões

Altura: 14 cm
Diâmetro: 42 cm

Datação

Ano(s): Não determinado
Século(s): XX (?)
Justificação da data: Análise estilística.

Informação Técnica

Matéria: Latão (?)
Técnica: Dourado
Fundido
Repuxado

Conservação

Estado: Bom
Especificações: Peça estabilizada.
Data: 26-08-2015

Autoria

Nome: Desconhecido
Tipo: Desconhecido
Ofício: Desconhecido

Produção

Oficina/ Fabricante: Desconhecido
Local de Execução: Desconhecido
Escola/Estilo/Movimento: Desconhecido

Incorporação

Data de Incorporação: 00/00/0000
Ano(s): Desconhecido
Modo de Incorporação: Desconhecido
Descrição: Desconhecido

Localização

Localização: Sacristia

Marcas/inscrições

Lagoa, 26 de agosto de 2015

Inventariante

Joana Simas

Ficha de Inventário

Identificação da Peça

Instituição/ Proprietário: Fábrica da Igreja Paroquial de Santa Cruz – Diocese de Angra

Localização: Concelho de Lagoa, Santa Cruz

Categoria: Ourivesaria

Denominação: Patena

Elemento de conjunto: não

Nº de Inventário: PSC/191

Marcação: verso

Nº de Inventário anteriores: (não se aplica)



Descrição

Patena de formato circular lisa, rebaixada ao centro e aba larga levantada.

Inventário do Património Cultural Móvel da Igreja Matriz de Santa Cruz

Dimensões

Altura: 15 cm
Diâmetro: 46 cm

Datação

Ano(s): 1887-1937
Século(s): XIX/XX
Justificação da data: Marca de contrastaria em vigor desde essa data.

Informação Técnica

Matéria: Prata
Técnica: Dourado
Fundido
Repuxado

Conservação

Estado: Bom
Especificações: Peça estabilizada.
Data: 26-08-2015

Autoria

Nome: Desconhecido
Tipo: Desconhecido
Ofício: Desconhecido

Produção

Oficina/ Fabricante: Desconhecido
Local de Execução: Desconhecido
Escola/Estilo/Movimento: Desconhecido

Incorporação

Data de Incorporação: 00/00/0000
Ano(s): Desconhecido
Modo de Incorporação: Desconhecido
Descrição: Desconhecido

Localização

Localização: Exposição || Núcleo da Ourivesaria

Marcas/inscrições

Marca de contraste [835 pássaro] do Porto, no verso da patena.

Marca de ourives não identificado.

Local e data de conclusão da ficha

Lagoa, 26 de agosto de 2015

Inventariante

Joana Simas

Ficha de Inventário

Identificação da Peça

Instituição/ Proprietário: Fábrica da Igreja Paroquial de Santa Cruz – Diocese de Angra

Localização: Concelho de Lagoa, Santa Cruz

Categoria: Ourivesaria

Denominação: Patena

Elemento de conjunto: não

Nº de Inventário: PSC/192

Marcação: verso

Nº de Inventário anteriores: (não se aplica)



Descrição

Patena de formato circular em prata lisa, ligeiramente côncava.

Inventário do Património Cultural Móvel da Igreja Matriz de Santa Cruz

Dimensões

Diâmetro: 13 cm

Datação

Ano(s): 1887-1938

Século(s): XIX/XX

Justificação da data: Marca de contrastaria em vigor desde essa data.

Informação Técnica

Matéria: Prata

Técnica: Dourado

Fundido

Repuxado

Conservação

Estado: Bom

Especificações: Peça estabilizada.

Data: 26-08-2015

Autoria

Nome: Desconhecido

Tipo: Desconhecido

Ofício: Desconhecido

Produção

Oficina/ Fabricante: Desconhecido

Local de Execução: Porto

Escola/Estilo/Movimento: Ourivesaria Portuguesa

Incorporação

Data de Incorporação: 00/00/0000

Ano(s): Desconhecido

Modo de Incorporação: Desconhecido

Descrição: Desconhecido

Localização

Localização: Sacristia (Nova atualização: Núcleo da Ourivesaria. 18-05-2017)

Marcas/inscrições

Marca de contraste [833 água] do Porto, na aba da patena.

Marca de ourives não identificado.

Local e data de conclusão da ficha

Lagoa, 26 de agosto de 2015

Inventariante

Joana Simas

Ficha de Inventário

Identificação da Peça

Instituição/ Proprietário: Fábrica da Igreja Paroquial de Santa Cruz – Diocese de Angra

Localização: Concelho de Lagoa, Santa Cruz

Categoria: Ourivesaria

Denominação: Patena

Elemento de conjunto: não

Nº de Inventário: PSC/193

Marcação: verso

Nº de Inventário anteriores: (não se aplica)



Descrição

Patena de formato circular lisa, dourada, ligeiramente rebaixada ao centro e aba larga.

Inventário do Património Cultural Móvel da Igreja Matriz de Santa Cruz

Dimensões

Altura: 15 cm
Diâmetro: 45 cm

Datação

Ano(s): Não determinado
Século(s): XX (?)
Justificação da data: Análise estilística.

Informação Técnica

Matéria: Prata (?)
Técnica: Dourado
Fundido
Repuxado

Conservação

Estado: Bom
Especificações: Peça estabilizada.
Data: 26-08-2015

Autoria

Nome: Desconhecido
Tipo: Desconhecido
Ofício: Desconhecido

Produção

Oficina/ Fabricante: Desconhecido
Local de Execução: Desconhecido
Escola/Estilo/Movimento: Desconhecido

Incorporação

Data de Incorporação: 00/00/0000
Ano(s): Desconhecido
Modo de Incorporação: Desconhecido
Descrição: Desconhecido

Localização

Localização: Sacristia

Local e data de conclusão da ficha

Lagoa, 26 de agosto de 2015

Inventariante

Joana Simas

Ficha de Inventário

Identificação da Peça

Instituição/ Proprietário: Fábrica da Igreja Paroquial de Santa Cruz – Diocese de Angra

Localização: Concelho de Lagoa, Santa Cruz

Categoria: Ourivesaria

Denominação: Patena

Elemento de conjunto: não

Nº de Inventário: PSC/194

Marcação: verso

Nº de Inventário anteriores: (não se aplica)



Descrição

Patena de formato circular lisa, dourada, levemente rebaixada ao centro e aba larga ligeiramente levantada.

Inventário do Património Cultural Móvel da Igreja Matriz de Santa Cruz

Dimensões

Altura: 15 cm
Diâmetro: 45 cm

Datação

Ano(s): Não determinado
Século(s): XX (?)
Justificação da data: Análise estilística.

Informação Técnica

Matéria: Prata (?)
Técnica: Dourado
Fundido
Repuxado

Conservação

Estado: Bom
Especificações: Peça estabilizada.
Data: 26-08-2015

Autoria

Nome: Desconhecido
Tipo: Desconhecido
Ofício: Desconhecido

Produção

Oficina/ Fabricante: Desconhecido
Local de Execução: Desconhecido
Escola/Estilo/Movimento: Desconhecido

Incorporação

Data de Incorporação: 00/00/0000
Ano(s): Desconhecido
Modo de Incorporação: Desconhecido
Descrição: Desconhecido

Localização

Localização: Sacristia

Local e data de conclusão da ficha

Lagoa, 26 de agosto de 2015

Inventariante

Joana Simas

Ficha de Inventário

Identificação da Peça

Instituição/ Proprietário: Fábrica da Igreja Paroquial de Santa Cruz – Diocese de Angra

Localização: Concelho de Lagoa, Santa Cruz

Categoria: Ourivesaria

Denominação: Patena

Elemento de conjunto: não

Nº de Inventário: PSC/195

Marcação: verso

Nº de Inventário anteriores: (não se aplica)



Descrição

Patena de formato circular em prata dourada lisa, ligeiramente côncava. Verso com uma cruz gravada.

Inventário do Património Cultural Móvel da Igreja Matriz de Santa Cruz

Dimensões

Altura: 14 cm
Diâmetro: 41 cm

Datação

Ano(s): Não determinado
Século(s): XX (?)
Justificação da data: Análise estilística.

Informação Técnica

Matéria: Latão (?)
Técnica: Dourado
Fundido
Repuxado

Conservação

Estado: Bom
Especificações: Peça estabilizada.
Data: 26-08-2015

Autoria

Nome: Desconhecido
Tipo: Desconhecido
Ofício: Desconhecido

Produção

Oficina/ Fabricante: Desconhecido
Local de Execução: Desconhecido
Escola/Estilo/Movimento: Desconhecido

Incorporação

Data de Incorporação: 00/00/0000
Ano(s): Desconhecido
Modo de Incorporação: Desconhecido
Descrição: Desconhecido

Localização

Localização: Sacristia

Local e data de conclusão da ficha

Lagoa, 26 de agosto de 2015

Inventariante

Joana Simas

Ficha de Inventário

Identificação da Peça

Instituição/ Proprietário: Fábrica da Igreja Paroquial de Santa Cruz – Diocese de Angra

Localização: Concelho de Lagoa, Santa Cruz

Categoria: Ourivesaria

Denominação: Patena

Elemento de conjunto: não

Nº de Inventário: PSC/196

Marcação: verso

Nº de Inventário anteriores: (não se aplica)



Descrição

Patena de formato circular em prata dourada lisa, ligeiramente côncava.

Inventário do Património Cultural Móvel da Igreja Matriz de Santa Cruz

Dimensões

Altura: 13 cm
Diâmetro: 39 cm

Datação

Ano(s): Não determinado
Século(s): XX (?)
Justificação da data: Análise estilística.

Informação Técnica

Matéria: Prata
Técnica: Dourado
Fundido
Repuxado

Conservação

Estado: Bom
Especificações: Peça estabilizada.
Data: 26-08-2015

Autoria

Nome: Desconhecido
Tipo: Desconhecido
Ofício: Desconhecido

Produção

Oficina/ Fabricante: Desconhecido
Local de Execução: Desconhecido
Escola/Estilo/Movimento: Desconhecido

Incorporação

Data de Incorporação: 00/00/0000
Ano(s): Desconhecido
Modo de Incorporação: Desconhecido
Descrição: Desconhecido

Localização

Localização: Sacristia

Local e data de conclusão da ficha

Lagoa, 26 de agosto de 2015

Inventariante

Joana Simas

Ficha de Inventário

Identificação da Peça

Instituição/ Proprietário: Fábrica da Igreja Paroquial de Santa Cruz – Diocese de Angra

Localização: Concelho de Lagoa, Santa Cruz

Categoria: Ourivesaria

Denominação: Naveta

Elemento de conjunto: não

Nº de Inventário: PSC/197

Marcação: verso da base

Nº de Inventário anteriores: (não se aplica)



Descrição

Naveta com base triangular recortada de orla lisa. Alenteamento ao centro com superfície lavrada por folhagem e aletas, terminando em nó esférico com cercadura de pontilhado. Vaso naviforme profusamente ornamentado por motivos vegetalistas e fitomórficos. Cobertura formada por duas secções. A secção central apresenta-se saliente, rematada por um enrolamento com pontilhado. Faces decoradas por elementos concheados e floreado a ocupar toda a superfície. Numa das extremidades, pequena cabeça de anjo projetada e a outra a terminar em folhagem em bico enrolado. Uma das secções das extremidades funciona como tampa com inscrição “Sta. Cruz”, unida ao corpo da naveta através de uma dobradiça. Naveta que adota a tradicional forma de nau.

Inventário do Património Cultural Móvel da Igreja Matriz de Santa Cruz

Dimensões

Altura: 16 cm
Largura: 22 cm
Profundidade: 7 cm

Datação

Ano(s): Não determinado
Século(s): XVIII
Justificação da data: Análise estilística.

Informação Técnica

Matéria: Prata
Técnica: Cinzelado
Fundido
Gravado
Inciso
Relevado
Repuxado

Conservação

Estado: Bom
Especificações: Peça estabilizada.
Data: 26-08-2015

Autoria

Nome: Desconhecido
Tipo: Desconhecido
Ofício: Desconhecido

Produção

Oficina/ Fabricante: Desconhecido
Local de Execução: Desconhecido
Escola/Estilo/Movimento: Desconhecido

Incorporação

Data de Incorporação: 00/00/0000
Ano(s): Desconhecido
Modo de Incorporação: Desconhecido
Descrição: Desconhecido

Localização

Localização: Sacristia (Nova atualização:
Núcleo da Ourivesaria. 18-05-2017)

Marcas/inscrições

Inscrição gravada na tampa:
"Sta. Cruz"

Local e data de conclusão da ficha

Lagoa, 26 de agosto de 2015

Inventariante

Joana Simas

Ficha de Inventário

Identificação da Peça

Instituição/ Proprietário: Fábrica da Igreja Paroquial de Santa Cruz – Diocese de Angra

Localização: Concelho de Lagoa, Santa Cruz

Categoria: Ourivesaria

Denominação: Turíbulo

Elemento de conjunto: não

Nº de Inventário: PSC/198

Marcação: verso da base

Nº de Inventário anteriores: (não se aplica)



Descrição

Turíbulo em forma de urna, com base circular lisa. Caldeira de fundo pontilhado, seguindo-se o bordo terminal de faixa côncava lisa, com três anéis para passagem das correntes de suspensão. Chaminé com bordo inferior liso e alteado, também com três anéis para passagem das correntes. Orifícios circulares e ovalados no entablamento. Cúpula em forma de corola invertida ornamentada por gomos. A peça é rematada por coruchéu com argola de suporte no topo. Guarda-mão circular, com argola e orifício central para passagem das correntes de suspensão.

Inventário do Património Cultural Móvel da Igreja Matriz de Santa Cruz

Dimensões

Altura: 21 cm
Diâmetro: 38 cm
Outras dimensões: c. 73 cm [correntes]

Datação

Ano(s): Não determinado
Século(s): XIX/XX (?)
Justificação da data: Análise estilística.

Informação Técnica

Matéria: Casquinha
Técnica: Fundido
Pontilhado
Recortado
Relevado

Conservação

Estado: Bom
Especificações: Peça estabilizada.
Data: 26-08-2015

Autoria

Nome: Desconhecido
Tipo: Desconhecido
Ofício: Desconhecido

Produção

Oficina/ Fabricante: Desconhecido
Local de Execução: Desconhecido
Escola/Estilo/Movimento: Desconhecido

Incorporação

Data de Incorporação: 00/00/0000
Ano(s): Desconhecido
Modo de Incorporação: Desconhecido
Descrição: Desconhecido

Localização

Localização: Sacristia

Local e data de conclusão da ficha

Lagoa, 26 de agosto de 2015

Inventariante

Joana Simas

Ficha de Inventário

Identificação da Peça

Instituição/ Proprietário: Fábrica da Igreja Paroquial de Santa Cruz – Diocese de Angra

Localização: Concelho de Lagoa, Santa Cruz

Categoria: Ourivesaria

Denominação: Turíbulo

Elemento de conjunto: não

Nº de Inventário: PSC/199

Marcação: verso da base

Nº de Inventário anteriores: (não se aplica)



Descrição

Turíbulo de forma esférica, com pé de base circular de orla lisa, decorada por motivos florais junto ao arranque. Caldeira inferiormente decorada por folhagem encimada por friso liso, com três anéis para passagem das correntes de suspensão no rebordo. Chaminé com friso inferior com decoração vegetalista, também com três anéis para passagem das correntes. Orifícios circulares no entablamento com folhagem incisa. Cúpula em forma de corola invertida. A peça é rematada por coruchéu com argola de suporte no topo. Guarda-mão circular, com argola e orifício central para passagem das correntes de suspensão.

Inventário do Património Cultural Móvel da Igreja Matriz de Santa Cruz

Dimensões

Altura: 22 cm
Diâmetro: 43 cm
Outras dimensões: c.98 cm [correntes]

Datação

Ano(s): Não determinado
Século(s): XIX/XX (?)
Justificação da data: Análise estilística.

Informação Técnica

Matéria: Prata
Técnica: Fundido
Inciso
Recortado
Relevado

Conservação

Estado: Bom
Especificações: Peça estabilizada.
Data: 26-08-2015

Autoria

Nome: Desconhecido
Tipo: Desconhecido
Ofício: Desconhecido

Produção

Oficina/ Fabricante: Desconhecido
Local de Execução: Desconhecido
Escola/Estilo/Movimento: Desconhecido

Incorporação

Data de Incorporação: 00/00/0000
Ano(s): Desconhecido
Modo de Incorporação: Desconhecido
Descrição: Desconhecido

Localização

Localização: Sacristia (Nova atualização:
Núcleo da Ourivesaria. 18-05-2017)

Local e data de conclusão da ficha

Lagoa, 26 de agosto de 2015

Inventariante

Joana Simas

Ficha de Inventário

Identificação da Peça

Instituição/ Proprietário: Fábrica da Igreja Paroquial de Santa Cruz – Diocese de Angra

Localização: Concelho de Lagoa, Santa Cruz

Categoria: Ourivesaria

Denominação: Turíbulo

Elemento de conjunto: não

Nº de Inventário: PSC/200

Marcação: verso da base

Nº de Inventário anteriores: (não se aplica)



Descrição

Turíbulo em forma de urna, de base circular ondulada, de orla lisa. Base ornamentada por motivos vegetalistas junto ao arranque. Pé do objeto em faixa simples. Caldeira inferiormente decorada por motivos fitomórficos, com três anéis para passagem das correntes de suspensão no rebordo. Chaminé com friso inferior liso, também com três anéis para passagem das correntes. Cúpula formada por dois andares. O primeiro apresenta ornamentação com folhagem recortada, dispostos em alternância com painéis estreitando para o topo com losangos a ornamentar. O segundo andar, campaniforme, é formado por folhas de palma. A peça é rematada por coruchéu com argola de suporte no topo. Guarda-mão circular, com argola e orifício central para passagem das correntes de suspensão.

Inventário do Património Cultural Móvel da Igreja Matriz de Santa Cruz

Dimensões

Altura: 27 cm
Diâmetro: 44 cm
Outras dimensões: c. 77 cm [correntes]

Datação

Ano(s): Não determinado
Século(s): XIX/XX (?)
Justificação da data: Análise estilística.

Informação Técnica

Matéria: Latão
Técnica: Dourado
Fundido
Inciso
Recortado
Relevado

Conservação

Estado: Regular
Especificações: Peça que apresenta deformações
Data: 26-08-2015

Autoria

Nome: Desconhecido
Tipo: Desconhecido
Ofício: Desconhecido

Produção

Oficina/ Fabricante: Desconhecido
Local de Execução: Desconhecido
Escola/Estilo/Movimento: Desconhecido

Incorporação

Data de Incorporação: 00/00/0000
Ano(s): Desconhecido
Modo de Incorporação: Desconhecido
Descrição: Desconhecido

Localização

Localização: Sacristia

Local e data de conclusão da ficha

Lagoa, 26 de agosto de 2015

Inventariante

Joana Simas

Ficha de Inventário

Identificação da Peça

Instituição/ Proprietário: Fábrica da Igreja Paroquial de Santa Cruz – Diocese de Angra

Localização: Concelho de Lagoa, Santa Cruz

Categoria: Ourivesaria

Denominação: Píxide

Outras denominações: Cibório

Elemento de conjunto: não

Nº de Inventário: PSC/201

Marcação: interior da base

Nº de Inventário anteriores: (não se aplica)



Descrição

Píxide em prata dourada de base circular, alteada em dois registos, com rebordo liso. Apresenta haste balaustriforme, com anel em forma de cone invertido. Copa em forma de esfera lisa bojuda, com tampa de encaixe de topo ligeiramente elevado. O conjunto é rematado por uma cruz latina de braços balaústres.

Inventário do Património Cultural Móvel da Igreja Matriz de Santa Cruz

Dimensões

Altura: 31 cm
Diâmetro: 44 cm

Datação

Ano(s): Não determinado
Século(s): XX (?)
Justificação da data: Análise estilística.

Informação Técnica

Matéria: Prata dourada
Técnica: Cinzelado
Dourado
Fundido
Relevado

Conservação

Estado: Bom
Especificações: Peça estabilizada.
Data: 04-05-2015

Autoria

Nome: Desconhecido
Tipo: Desconhecido
Ofício: Desconhecido

Produção

Oficina/ Fabricante: Desconhecido
Local de Execução: Desconhecido
Escola/Estilo/Movimento: Desconhecido

Incorporação

Data de Incorporação: 00/00/0000
Ano(s): Desconhecido
Modo de Incorporação: Desconhecido
Descrição: Desconhecido

Localização

Localização: Sacristia

Marcas/inscrições

Inscrição riscada no bordo do interior da base:

“ D.S.FRCO D VILLA FRANCA”

Local e data de conclusão da ficha

Lagoa, 04 de maio de 2015

Inventariante

Joana Simas

Ficha de Inventário

Identificação da Peça

Instituição/ Proprietário: Fábrica da Igreja Paroquial de Santa Cruz – Diocese de Angra

Localização: Concelho de Lagoa, Santa Cruz

Categoria: Ourivesaria

Denominação: Píxide

Outras denominações: Cibório

Elemento de conjunto: não

Nº de Inventário: PSC/202

Marcação: interior da base

Nº de Inventário anteriores: (não se aplica)



Descrição

Píxide em prata dourada de base circular, alteada em dois registos, com rebordo liso. Apresenta haste balaustriforme, com anel em forma de cone invertido. Copa em forma de esfera lisa bojuda, com tampa de encaixe de topo ligeiramente elevado. O conjunto é rematado por uma cruz latina de braços balaústres.

Inventário do Património Cultural Móvel da Igreja Matriz de Santa Cruz

Dimensões

Altura: 36 cm
Diâmetro: 20 cm

Datação

Ano(s): Não determinado
Século(s): XX (?)
Justificação da data: Análise estilística.

Informação Técnica

Matéria: Prata dourado
Técnica: Cinzelado
Dourado
Fundido
Relevado

Conservação

Estado: Bom
Especificações: Peça estabilizada.
Data: 26-08-2015

Autoria

Nome: Desconhecido
Tipo: Desconhecido
Ofício: Desconhecido

Produção

Oficina/ Fabricante: Desconhecido
Local de Execução: Desconhecido
Escola/Estilo/Movimento: Desconhecido

Incorporação

Data de Incorporação: 00/00/0000
Ano(s): Desconhecido
Modo de Incorporação: Desconhecido
Descrição: Desconhecido

Localização

Localização: Sacristia (Nova atualização:
Núcleo da Ourivesaria. 18-05-2017)

Local e data de conclusão da ficha

Lagoa, 04 de maio de 2015

Inventariante

Joana Simas

Ficha de Inventário

Identificação da Peça

Instituição/ Proprietário: Fábrica da Igreja Paroquial de Santa Cruz – Diocese de Angra

Localização: Concelho de Lagoa, Santa Cruz

Categoria: Ourivesaria

Denominação: Salva

Elemento de conjunto: não

Nº de Inventário: PSC/203

Marcação: verso

Nº de Inventário anteriores: (não se aplica)



Descrição

Salva de forma circular de fundo rebaixado. Orla decorada por motivos florais e leques.

Inventário do Património Cultural Móvel da Igreja Matriz de Santa Cruz

Dimensões

Altura: 27 cm
Diâmetro: 83 cm
Profundidade: 3 cm

Datação

Ano(s): Não determinado
Século(s): XX (?)
Justificação da data: Análise estilística.

Informação Técnica

Matéria: Prata
Técnica: Cinzelado
Dourado
Fundido
Gravado
Relevado

Conservação

Estado: Bom
Especificações: Peça estabilizada.
Data: 04-05-2015

Autoria

Nome: Desconhecido
Tipo: Desconhecido
Ofício: Desconhecido

Produção

Oficina/ Fabricante: Desconhecido
Local de Execução: Desconhecido
Escola/Estilo/Movimento: Desconhecido

Incorporação

Data de Incorporação: 00/00/0000
Ano(s): Desconhecido
Modo de Incorporação: Desconhecido
Descrição: Desconhecido

Localização

Localização: Sacristia

Marcas/ inscrições

Marca de contraste

Marca de ourives não identificável.

Local e data de conclusão da ficha

Lagoa, 04 de maio de 2015

Inventariante

Joana Simas

Ficha de Inventário

Identificação da Peça

Instituição/ Proprietário: Fábrica da Igreja Paroquial de Santa Cruz – Diocese de Angra

Localização: Concelho de Lagoa, Santa Cruz

Categoria: Ourivesaria

Denominação: Jarra

Elemento de conjunto: não

Nº de Inventário: PSC/204

Marcação: interior da base

Nº de Inventário anteriores: (não se aplica)



Descrição

Jarra de base circular de rebordo liso. Corpo em forma de urna com decoração superior de motivos florais e puncionado, envoltos em linhas retas. Topo tranconiforme, ligeiramente côncavo com bocal circular.

Inventário do Património Cultural Móvel da Igreja Matriz de Santa Cruz

Dimensões

Altura: 15 cm
Diâmetro: 26 cm

Datação

Ano(s): Não determinado
Século(s): XX
Justificação da data: Marca de contraste que corresponde à contrastaria em vigor a partir de 1 de janeiro de 1938.

Informação Técnica

Matéria: Prata
Técnica: Cinzelado
Fundido
Inciso
Puncionado
Relevado

Conservação

Estado: Bom
Especificações: Peça estabilizada.
Data: 18-05-2015

Autoria

Nome: Desconhecido
Tipo: Desconhecido
Ofício: Desconhecido

Produção

Oficina/ Fabricante: Desconhecido
Local de Execução: Desconhecido
Escola/Estilo/Movimento: Desconhecido

Incorporação

Data de Incorporação: 00/00/0000
Ano(s): Desconhecido
Modo de Incorporação: Desconhecido
Descrição: Desconhecido

Localização

Localização: Sacristia

Marcas/inscrições

Marca de contraste do Porto (pássaro 833)

Marca de ourives não identificável

Local e data de conclusão da ficha

Lagoa, 18 de maio de 2015

Inventariante

Joana Simas

Ficha de Inventário

Identificação da Peça

Instituição/ Proprietário: Fábrica da Igreja Paroquial de Santa Cruz – Diocese de Angra

Localização: Concelho de Lagoa, Santa Cruz

Categoria: Ourivesaria

Denominação: Jarra

Elemento de conjunto: não

Nº de Inventário: PSC/205

Marcação: interior da base

Nº de Inventário anteriores: (não se aplica)



Descrição

Jarra de base circular de rebordo liso. Corpo em forma de urna com decoração superior de motivos florais e puncionado, envoltos em linhas retas. Topo tranconiforme, ligeiramente côncavo com bocal circular.

Inventário do Património Cultural Móvel da Igreja Matriz de Santa Cruz

Dimensões

Altura: 15 cm
Diâmetro: 26 cm

Datação

Ano(s): Não determinado
Século(s): XX
Justificação da data: Marca de contraste que corresponde à contrastaria em vigor a partir de 1 de janeiro de 1938.

Informação Técnica

Matéria: Prata
Técnica: Cinzelado
Fundido
Inciso
Puncionado
Relevado

Conservação

Estado: Bom
Especificações: Peça estabilizada.
Data: 18-05-2015

Autoria

Nome: Desconhecido
Tipo: Desconhecido
Ofício: Desconhecido

Produção

Oficina/ Fabricante: Desconhecido
Local de Execução: Desconhecido
Escola/Estilo/Movimento: Desconhecido

Incorporação

Data de Incorporação: 00/00/0000
Ano(s): Desconhecido
Modo de Incorporação: Desconhecido
Descrição: Desconhecido

Localização

Localização: Sacristia

Marcas/inscrições

Marca de contraste do Porto (pássaro 833)

Marca de ourives não identificável

Local e data de conclusão da ficha

Lagoa, 18 de maio de 2015

Inventariante

Joana Simas

Ficha de Inventário

Identificação da Peça

Instituição/ Proprietário: Fábrica da Igreja Paroquial de Santa Cruz – Diocese de Angra

Localização: Concelho de Lagoa, Santa Cruz

Categoria: Ourivesaria

Denominação: Colher

Elemento de conjunto: não

Nº de Inventário: PSC/206

Marcação: verso

Nº de Inventário anteriores: (não se aplica)



Descrição

Colher lisa, semi-esférica, em forma de concha, com cabo ligeiramente arqueado e torcido na parte superior. A colher serve para dosear a quantidade de água que é misturada com o vinho consagrado na celebração da missa.

Inventário do Património Cultural Móvel da Igreja Matriz de Santa Cruz

Dimensões

Altura: 9 cm
Largura: 2 cm

Datação

Ano(s): Não determinado
Século(s): XX (?)
Justificação da data: Análise estilística.

Informação Técnica

Matéria: Prata
Técnica: Fundido
Recortado
Relevado

Conservação

Estado: Bom
Especificações: Peça estabilizada.
Data: 18-05-2015

Autoria

Nome: Desconhecido
Tipo: Desconhecido
Ofício: Desconhecido

Produção

Oficina/ Fabricante: Desconhecido
Local de Execução: Desconhecido
Escola/Estilo/Movimento: Desconhecido

Incorporação

Data de Incorporação: 00/00/0000
Ano(s): Desconhecido
Modo de Incorporação: Desconhecido
Descrição: Desconhecido

Localização

Localização: Sacristia (Nova atualização:
Núcleo da Ourivesaria. 18-05-2017)

Marcas/inscrições

Marca não identificável.

Observações

Colher utilizada no conjunto com o número de inventário PSC/207

Local e data de conclusão da ficha

Lagoa, 18 de maio de 2015

Inventariante

Joana Simas

Ficha de Inventário

Identificação da Peça

Instituição/ Proprietário: Fábrica da Igreja Paroquial de Santa Cruz – Diocese de Angra

Localização: Concelho de Lagoa, Santa Cruz

Categoria: Ourivesaria

Denominação: Galhetas e prato

Ficha de conjunto: sim

Nº de Inventário: PSC/207.1 [prato]

PSC/207.2 [galheta do vinho]

PSC/207.3 [galheta da água]

Nº de Inventário anteriores: (não se aplica)

Localização: Sacristia



Descrição

Objeto composto por prato de galhetas, galheta do vinho e galheta da água.

Inventariante

Joana Simas

Ficha de Inventário

Identificação da Peça

Instituição/ Proprietário: Fábrica da Igreja Paroquial de Santa Cruz – Diocese de Angra

Localização: Concelho de Lagoa, Santa Cruz

Categoria: Ourivesaria

Denominação: Prato de galhetas

Elemento de conjunto: não

Nº de Inventário: PSC/207.1

Marcação: verso da base

Nº de Inventário anteriores: (não se aplica)



Descrição

Prato de galhetas oval. Aba alteada e lisa. Fundo liso que ostenta ao centro uma haste que suporta, de cada lado, uma moldura circular a meia altura para suporte dos recipientes.

Inventário do Património Cultural Móvel da Igreja Matriz de Santa Cruz

Dimensões

Altura: 7 cm
Largura: 23 cm
Profundidade: 14 cm

Datação

Ano(s): Não determinado
Século(s): XX (?)
Justificação da data: Análise estilística.

Informação Técnica

Matéria: Metal
Técnica: Dourado
Fundido

Conservação

Estado: Bom
Especificações: Peça estabilizada.
Data: 05-06-2015

Autoria

Nome: Desconhecido
Tipo: Desconhecido
Ofício: Desconhecido

Produção

Oficina/ Fabricante: Desconhecido
Local de Execução: Desconhecido
Escola/Estilo/Movimento: Desconhecido

Incorporação

Data de Incorporação: 00/00/0000
Ano(s): Desconhecido
Modo de Incorporação: Desconhecido
Descrição: Desconhecido

Localização

Localização: Sacristia

Local e data de conclusão da ficha

Lagoa, 05 de junho de 2015

Inventariante

Joana Simas

Ficha de Inventário

Identificação da Peça

Instituição/ Proprietário: Fábrica da Igreja Paroquial de Santa Cruz – Diocese de Angra

Localização: Concelho de Lagoa, Santa Cruz

Categoria: Ourivesaria

Denominação: Galheta do vinho

Elemento de conjunto: não

Nº de Inventário: PSC/207.2

Marcação: verso da base e tampa

Nº de Inventário anteriores: (não se aplica)



Descrição

Galheta em vidro, de formato periforme, com base de secção circular, com bojo amplo e colo estreito, provido de pequeno bico. Esta prolonga-se em asa lateral, auricular, que acaba junto ao bojo. Possui tampa de metal circular com remate de uma cruz grega.

Inventário do Património Cultural Móvel da Igreja Matriz de Santa Cruz

Dimensões

Altura: 9 cm
Largura: 9 cm
Profundidade: 7 cm

Datação

Ano(s): Não determinado
Século(s): XX (?)
Justificação da data: Análise estilística.

Informação Técnica

Matéria: Metal [tampa]
Vidro
Técnica: Dourado
Fundido

Conservação

Estado: Bom
Especificações: Peça estabilizada.
Data: 05-06-2015

Autoria

Nome: Desconhecido
Tipo: Desconhecido
Ofício: Desconhecido

Produção

Oficina/ Fabricante: Desconhecido
Local de Execução: Desconhecido
Escola/Estilo/Movimento: Desconhecido

Incorporação

Data de Incorporação: 00/00/0000
Ano(s): Desconhecido
Modo de Incorporação: Desconhecido
Descrição: Desconhecido

Localização

Localização: Sacristia

Local e data de conclusão da ficha

Lagoa, 05 de junho de 2015

Inventariante

Joana Simas

Ficha de Inventário

Identificação da Peça

Instituição/ Proprietário: Fábrica da Igreja Paroquial de Santa Cruz – Diocese de Angra

Localização: Concelho de Lagoa, Santa Cruz

Categoria: Ourivesaria

Denominação: Galheta da água

Elemento de conjunto: não

Nº de Inventário: PSC/207.3

Marcação: verso da base e tampa

Nº de Inventário anteriores: (não se aplica)



Descrição

Galheta em vidro, de formato periforme, com base de secção circular, com bojo amplo e colo estreito, provido de pequeno bico. Esta prolonga-se em asa lateral, auricular, que acaba junto ao bojo. Possui tampa de metal circular com remate de uma cruz grega.

Inventário do Património Cultural Móvel da Igreja Matriz de Santa Cruz

Dimensões

Altura: 9 cm
Largura: 9 cm
Profundidade: 7 cm

Datação

Ano(s): Não determinado
Século(s): XX (?)
Justificação da data: Análise estilística.

Informação Técnica

Matéria: Metal [tampa]
Vidro
Técnica: Dourado
Fundido

Conservação

Estado: Bom
Especificações: Peça estabilizada.
Data: 05-06-2015

Autoria

Nome: Desconhecido
Tipo: Desconhecido
Ofício: Desconhecido

Produção

Oficina/ Fabricante: Desconhecido
Local de Execução: Desconhecido
Escola/Estilo/Movimento: Desconhecido

Incorporação

Data de Incorporação: 00/00/0000
Ano(s): Desconhecido
Modo de Incorporação: Desconhecido
Descrição: Desconhecido

Localização

Localização: Sacristia

Local e data de conclusão da ficha

Lagoa, 05 de junho de 2015

Inventariante

Joana Simas

Ficha de Inventário

Identificação da Peça

Instituição/ Proprietário: Fábrica da Igreja Paroquial de Santa Cruz – Diocese de Angra

Localização: Concelho de Lagoa, Santa Cruz

Categoria: Ourivesaria

Denominação: Concha batismal

Elemento de conjunto: não

Nº de Inventário: PSC/208

Marcação: verso

Nº de Inventário anteriores: (não se aplica)



Descrição

Concha batismal em forma de vieira, de cariz naturalista de fundo rebaixado e estriado em gomos, com as extremidades recortadas e enroladas. Entre a pega e a concha apresenta dois painéis triangulares com inscrição. Pega flordelisada.

Inventário do Património Cultural Móvel da Igreja Matriz de Santa Cruz

Dimensões

Comprimento: 17 cm
Largura: 16 cm
Profundidade: 4 cm

Datação

Ano(s): Não determinado
Século(s): XIX/XX (?)
Justificação da data:

Informação Técnica

Matéria: Prata
Técnica: Cinzelado
Fundido
Gravado
Puncionado
Recortado
Relevado

Conservação

Estado: Bom
Especificações: Peça estabilizada.
Data: 11-08-2015

Autoria

Nome: Desconhecido
Tipo: Desconhecido
Ofício: Desconhecido

Produção

Oficina/ Fabricante: Desconhecido
Local de Execução: Desconhecido
Escola/Estilo/Movimento: Desconhecido

Incorporação

Data de Incorporação: 00/00/0000
Ano(s): Desconhecido
Modo de Incorporação: Desconhecido
Descrição: Desconhecido

Localização

Localização: Sacristia (Nova atualização:
Núcleo da Ourivesaria. 18-05-2017)

Marcas/ inscrições

Inscrição gravada no painel triangular direito:
“STA”

Inscrição gravada no painel triangular esquerdo:
“CVRS”

Local e data de conclusão da ficha

Lagoa, 11 de agosto de 2015

Inventariante

Joana Simas

Ficha de Inventário

Identificação da Peça

Instituição/ Proprietário: Fábrica da Igreja Paroquial de Santa Cruz – Diocese de Angra

Localização: Concelho de Lagoa, Santa Cruz

Categoria: Ourivesaria

Denominação: Naveta

Elemento de conjunto: não

Nº de Inventário: PSC/209

Marcação: verso da base

Nº de Inventário anteriores: (não se aplica)



Descrição

Naveta de base circular com rebordo liso, alteada ao centro. Copa em forma de esfera achatada com dois registos, o inferior ornamentado por pontilhado, e o registo superior de faixa lisa com um recorte para a colocação da colher de incenso. Tampa em forma de campânula, simulando uma corola de flor invertida, unida ao corpo da naveta através de uma dobradiça. Tampa encimada por uma cruz grega, com pontas segmentadas e resplendor.

Inventário do Património Cultural Móvel da Igreja Matriz de Santa Cruz

Dimensões

Altura: 18 cm
Diâmetro: 30 cm

Datação

Ano(s): Não determinado
Século(s): XIX/XX (?)
Justificação da data: Análise estilística.

Informação Técnica

Matéria: Casquinha
Técnica: Cinzelado
Fundido
Pontilhado
Recortado
Relevado

Conservação

Estado: Bom
Especificações: Peça estabilizada.
Data: 11-08-2015

Autoria

Nome: Desconhecido
Tipo: Desconhecido
Ofício: Desconhecido

Produção

Oficina/ Fabricante: Desconhecido
Local de Execução: Desconhecido
Escola/Estilo/Movimento: Desconhecido

Incorporação

Data de Incorporação: 00/00/0000
Ano(s): Desconhecido
Modo de Incorporação: Desconhecido
Descrição: Desconhecido

Localização

Localização: Sacristia

Local e data de conclusão da ficha

Lagoa, 11 de agosto de 2015

Inventariante

Joana Simas

Ficha de Inventário

Identificação da Peça

Instituição/ Proprietário: Fábrica da Igreja Paroquial de Santa Cruz – Diocese de Angra

Localização: Concelho de Lagoa, Santa Cruz

Categoria: Ourivesaria

Denominação: Colher de incenso

Elemento de conjunto: não

Nº de Inventário: PSC/210

Marcação: verso

Nº de Inventário anteriores: (não se aplica)



Descrição

Colher de naveta com concha lacrimiforme e cabo emoldurado terminando em forma de flor adornado por decoração vegetalista relevada.

Inventário do Património Cultural Móvel da Igreja Matriz de Santa Cruz

Dimensões

Comprimento: 12 cm
Largura: aprox. 3 cm

Datação

Ano(s): Não determinado
Século(s): XX
Justificação da data: Análise estilística

Informação Técnica

Matéria: Metal
Técnica: Cinzelado
Fundido
Recortado
Relevado

Conservação

Estado: Bom
Especificações: Peça estabilizada.
Data: 11-08-2015

Autoria

Nome: Desconhecido
Tipo: Desconhecido
Ofício: Desconhecido

Produção

Oficina/ Fabricante: Desconhecido
Local de Execução: Desconhecido
Escola/Estilo/Movimento: Desconhecido

Incorporação

Data de Incorporação: 00/00/0000
Ano(s): Desconhecido
Modo de Incorporação: Desconhecido
Descrição: Desconhecido

Localização

Localização: Sacristia

Observações

Colher de incenso utilizada na naveta com o número de inventário PSC/209

Local e data de conclusão da ficha

Lagoa, 11 de agosto de 2015

Inventariante

Joana Simas

Ficha de Inventário

Identificação da Peça

Instituição/ Proprietário: Fábrica da Igreja Paroquial de Santa Cruz – Diocese de Angra

Localização: Concelho de Lagoa, Santa Cruz

Categoria: Ourivesaria

Denominação: Gomil

Elemento de conjunto: não

Nº de Inventário: PSC/211

Marcação: verso da base

Nº de Inventário anteriores: (não se aplica)



Descrição

Gomil de formato balaustriforme, com base circular alteada ao centro, de orla lisa. Base decorada por doze folhagens lisas terminando em nó arredondado. Bojo dividido num registo inferior liso, e superiormente decorado por um friso de motivos vegetalistas, com bocal liso terminando em bico largo descrevendo uma curvatura contínua, mais ou menos projetada para o exterior e, do lado oposto, uma asa vertical em S truncado liso.

Inventário do Património Cultural Móvel da Igreja Matriz de Santa Cruz

Dimensões

Altura: 25 cm
Largura: 17 cm
Profundidade: 16 cm
Outras dimensões: d. 39 cm (bojo); d. 31 cm (base)

Datação

Ano(s): Não determinado
Século(s): XX
Justificação da data: Marca de contraste que corresponde à contrastaria em vigor a partir de 1 de janeiro de 1938.

Informação Técnica

Matéria: Prata
Técnica: Cinzelado
Fundido
Inciso
Relevado

Conservação

Estado: Bom
Especificações: Peça estabilizada.
Data: 12-08-2015

Autoria

Nome: Desconhecido
Tipo: Desconhecido
Ofício: Desconhecido

Produção

Oficina/ Fabricante: Desconhecido
Local de Execução: Porto
Escola/Estilo/Movimento: Desconhecido

Incorporação

Data de Incorporação: 00/00/0000
Ano(s): Desconhecido
Modo de Incorporação: Desconhecido
Descrição: Desconhecido

Localização

Localização: Sacristia (Nova atualização: Núcleo da Ourivesaria. 18-05-2017)

Marcas/ inscrições

Marca de contraste do Porto (pássaro 833)

Marca de ourives não identificável

Local e data de conclusão da ficha

Lagoa, 12 de maio de 2015

Inventariante

Joana Simas

Ficha de Inventário

Identificação da Peça

Instituição/ Proprietário: Fábrica da Igreja Paroquial de Santa Cruz – Diocese de Angra

Localização: Concelho de Lagoa, Santa Cruz

Categoria: Ourivesaria

Denominação: Jarra (par)

Elemento de conjunto: não

Nº de Inventário: PSC/212

Marcação: interior da base

Nº de Inventário anteriores: (não se aplica)



Descrição

Jarra de corpo balaustri-forme. Base circular alteada, de orla lisa, com pé tronco-cónico liso. Bojo decorado por motivos vegetalistas. Gargalo estrangulado liso com boca circular. A boca é unida ao bojo por duas asas arqueadas.

Inventário do Património Cultural Móvel da Igreja Matriz de Santa Cruz

Dimensões

Altura: 18 cm
Largura: 9 cm
Profundidade: 6 cm

Datação

Ano(s): Não determinado
Século(s): XIX/XX
Justificação da data: Marca de contraste que corresponde à contrastaria de 1887 a 1937 nos objetos de pequenas dimensões.

Informação Técnica

Matéria: Prata
Técnica: Cinzelado
Fundido
Relevado

Conservação

Estado: Bom
Especificações: Peça estabilizada, embora uma asa esteja partida.
Data: 12-08-2015

Autoria

Nome: Desconhecido
Tipo: Desconhecido
Ofício: Desconhecido

Produção

Oficina/ Fabricante: Desconhecido
Local de Execução: Porto
Escola/Estilo/Movimento: Desconhecido

Incorporação

Data de Incorporação: 00/00/0000
Ano(s): Desconhecido
Modo de Incorporação: Desconhecido
Descrição: Desconhecido

Localização

Localização: Sacristia (Nova atualização: Núcleo de Ourivesaria. 18-05-2017)

Marcas/inscrições

Marca de contraste do Porto (cabeça de lobo II)

Marca de ourives não identificável

Local e data de conclusão da ficha

Lagoa, 12 de agosto de 2015

Inventariante

Joana Simas

Ficha de Inventário

Identificação da Peça

Instituição/ Proprietário: Fábrica da Igreja Paroquial de Santa Cruz – Diocese de Angra

Localização: Concelho de Lagoa, Santa Cruz

Categoria: Ourivesaria

Denominação: Jarra (par)

Elemento de conjunto: não

Nº de Inventário: PSC/213

Marcação: interior da base

Nº de Inventário anteriores: (não se aplica)



Descrição

Jarra de corpo balaustri-forme. Base circular alteada, de orla lisa, com pé tronco-cónico liso. Bojo decorado por motivos vegetalistas. Gargalo estrangulado liso com boca circular. A boca é unida ao bojo por duas asas arqueadas.

Inventário do Património Cultural Móvel da Igreja Matriz de Santa Cruz

Dimensões

Altura: 18 cm
Largura: 9 cm
Profundidade: 6 cm

Datação

Ano(s): Não determinado
Século(s): XIX/XX
Justificação da data: Marca de contraste que corresponde à contrastaria de 1887 a 1937 nos objetos de pequenas dimensões.

Informação Técnica

Matéria: Prata
Técnica: Cinzelado
Fundido
Relevado

Conservação

Estado: Bom
Especificações: Peça estabilizada, embora uma asa esteja partida.
Data: 12-08-2015

Autoria

Nome: Desconhecido
Tipo: Desconhecido
Ofício: Desconhecido

Produção

Oficina/ Fabricante: Desconhecido
Local de Execução: Porto
Escola/Estilo/Movimento: Desconhecido

Incorporação

Data de Incorporação: 00/00/0000
Ano(s): Desconhecido
Modo de Incorporação: Desconhecido
Descrição: Desconhecido

Localização

Localização: Sacristia (Nova atualização: Núcleo de Ourivesaria. 18-05-2017)

Marcas/inscrições

Marca de contraste do Porto (cabeça de lobo II)

Marca de ourives não identificável

Local e data de conclusão da ficha

Lagoa, 12 de agosto de 2015

Inventariante

Joana Simas

Ficha de Inventário

Identificação da Peça

Instituição/ Proprietário: Fábrica da Igreja Paroquial de Santa Cruz – Diocese de Angra

Localização: Concelho de Lagoa, Santa Cruz

Categoria: Ourivesaria

Denominação: Jarra

Elemento de conjunto: não

Nº de Inventário: PSC/214

Marcação: interior da base

Nº de Inventário anteriores: (não se aplica)



Descrição

Jarra de corpo periforme com base circular, ornado por puncionado. Bojo guarnecido por friso de motivos vegetalistas sobre fundo puncionado, estreitando até ao gargalo. Gargalo estrangulado liso, alargando para a boca, de limites ondeantes.

Inventário do Património Cultural Móvel da Igreja Matriz de Santa Cruz

Dimensões

Altura: 17 cm
Largura: 8 cm
Diâmetro: 25 cm

Datação

Ano(s): Não determinado
Século(s): XX (?)
Justificação da data: Análise estilística.

Informação Técnica

Matéria: Casquinha
Técnica: Cinzelado
Fundido
Puncionado
Recortado
Relevado

Conservação

Estado: Bom
Especificações: Peça estabilizada.
Data: 12-08-2015

Autoria

Nome: Desconhecido
Tipo: Desconhecido
Ofício: Desconhecido

Produção

Oficina/ Fabricante: Desconhecido
Local de Execução: Desconhecido
Escola/Estilo/Movimento: Desconhecido

Incorporação

Data de Incorporação: 00/00/0000
Ano(s): Desconhecido
Modo de Incorporação: Desconhecido
Descrição: Desconhecido

Localização

Localização: Sacristia

Local e data de conclusão da ficha

Lagoa, 12 de agosto de 2015

Inventariante

Joana Simas

Ficha de Inventário

Identificação da Peça

Instituição/ Proprietário: Fábrica da Igreja Paroquial de Santa Cruz – Diocese de Angra

Localização: Concelho de Lagoa, Santa Cruz

Categoria: Pintura

Denominação: Quadro

Título: Última Ceia de Cristo (título iconográfico)

Elemento de conjunto: não

Nº de Inventário: PSC/215

Marcação: no verso

Nº de Inventário anteriores: (não se aplica)



Descrição

Pintura a óleo sobre tela, de formato retangular disposta na horizontal, representando a Última Ceia. Jesus aparece no centro da composição rodeado pelos doze discípulos que se encontram de ambos os lados da mesa retangular com uma toalha branca. Em cima da mesa estão colocados alguns objetos com destaque para o pão disperso por toda a superfície, um cálice, fruta, pratos e vinho. Ao lado da mesma no chão surge um gomil com manustérgio e uma bacia, objetos que nos remetem para o momento anterior à Última Ceia, no qual Cristo lava os pés aos seus discípulos. Na parte central é representada a figura masculina com maior destaque. Tem resplendor brilhante, cabelos e barba castanha, de olhar direcionado para baixo, e usa túnica roxa e manto azul. No lado esquerdo da imagem estão mais seis figuras masculinas assim como do lado direito, com destaque para as figuras laterais de ambos os lados. Do lado direito com vestes azuis e manto verde e do lado esquerdo com vestes castanhas. Na extremidade direita da mesa encontra-se um candelabro de pé. A composição principal recorta-se contra o fundo homogéneo pintado em tons de castanho. Ao fundo, ocupando a parte superior da tela, aparece três janelas de formato retangular dispostas na vertical. De ambos os lados um cortinado roxo preso de forma bastante cenográfica. A luz incide sobre o centro da pintura realçando os rostos. A pintura encontra-se inserida numa moldura de madeira em tons de dourado.

Inventário do Património Cultural Móvel da Igreja Matriz de Santa Cruz

Dimensões

Comprimento: 271 cm
Largura: 85 cm
Profundidade: 4 cm
Outras dimensões: 283 cm x 96 cm
(com moldura)

Datação

Ano(s): 2004
Século(s): XXI
Justificação da data: O ano do quadro encontra-se inscrito no canto inferior esquerdo.

Informação Técnica

Matéria: Madeira [moldura]
Tela [suporte]
Técnica: Óleo

Conservação

Estado: Muito Bom
Especificações: Pintura que se apresenta sem problemas de conservação.
Data: 02-10-2015

Autoria

Nome: Domingos Silva
Tipo: autor
Ofício: pintor

Produção

Oficina/ Fabricante: Arte Sacra
Local de Execução: Braga
Escola/Estilo/Movimento: Pintura Portuguesa

Incorporação

Data de Incorporação: 00-00-2004 (?)
Ano(s): 2004 (?)
Modo de Incorporação: Desconhecido
Descrição: Desconhecido

Localização

Localização: Sacristia

Marcas/inscrições

Marca de autoria:

“Arte Sacra
Domingos Silva
Braga 2004”

Local e data de conclusão da ficha

Lagoa, 02 de outubro de 2015

Inventariante

Joana Simas

Ficha de Inventário

Identificação da Peça

Instituição/ Proprietário: Fábrica da Igreja Paroquial de Santa Cruz – Diocese de Angra

Localização: Concelho de Lagoa, Santa Cruz

Categoria: Ourivesaria

Denominação: Prato de galhetas

Elemento de conjunto: não

Nº de Inventário: PSC/216.1

Marcação: verso da base

Nº de Inventário anteriores: (não se aplica)



Descrição

Prato de galhetas oval de linha ondeante com rebordo alteado e segmentado em oito painéis de recorte em volutas. Abas com ornamentação relevada em forma de concheados e pontilhado. Tem o fundo ligeiramente rebaixado de superfície lisa demarcado por dois elementos circulares salientes, soldados numa haste central que se alonga com perfil irregular rematada com pega em forma de coração com cabeça de querubim, para encaixe de galhetas.

Inventário do Património Cultural Móvel da Igreja Matriz de Santa Cruz

Dimensões

Altura: 18 cm
Largura: 28 cm
Profundidade: 2 cm

Datação

Ano(s): Não determinado
Século(s): XX (?)
Justificação da data: Análise estilística.

Informação Técnica

Matéria: Metal
Técnica: Cinzelado
Fundido
Puncionado
Recortado
Relevado

Conservação

Estado: Bom
Especificações: Peça estabilizada.
Data: 12-08-2015

Autoria

Nome: Desconhecido
Tipo: Desconhecido
Ofício: Desconhecido

Produção

Oficina/ Fabricante: Desconhecido
Local de Execução: Desconhecido
Escola/Estilo/Movimento: Desconhecido

Incorporação

Data de Incorporação: 00/00/0000
Ano(s): Desconhecido
Modo de Incorporação: Desconhecido
Descrição: Desconhecido

Localização

Localização: Sacristia (Nova atualização:
Núcleo de Ourivesaria. 18-07-2017)

Local e data de conclusão da ficha

Lagoa, 12 de agosto de 2015

Inventariante

Joana Simas

Ficha de Inventário

Identificação da Peça

Instituição/ Proprietário: Fábrica da Igreja Paroquial de Santa Cruz – Diocese de Angra

Localização: Concelho de Lagoa, Santa Cruz

Categoria: Ourivesaria

Denominação: Galheta da água

Elemento de conjunto: não

Nº de Inventário: PSC/216.2

Marcação: verso da base

Nº de Inventário anteriores: (não se aplica)



Descrição

Galheta em vidro, de base circular e corpo bojudo. Corpo em vidro serigrafada com ornamentação assente em resplendor de raios setiformes envolvendo monograma central com as iniciais JHS com uma cruz ao meio. Arranca no bojo e termina no topo, uma asa em metal de enrolamentos e perfil em S com folhagem a adornar.

Inventário do Património Cultural Móvel da Igreja Matriz de Santa Cruz

Dimensões

Altura: 11 cm
Largura: 11 cm
Profundidade: 5 cm

Datação

Ano(s): Não determinado
Século(s): XX (?)
Justificação da data: Análise estilística.

Informação Técnica

Matéria: Metal
Vidro
Técnica: Cinzelado
Fundido
Recortado
Relevado

Conservação

Estado: Bom
Especificações: Peça estabilizada.
Data: 12-08-2015

Autoria

Nome: Desconhecido
Tipo: Desconhecido
Ofício: Desconhecido

Produção

Oficina/ Fabricante: Desconhecido
Local de Execução: Desconhecido
Escola/Estilo/Movimento: Desconhecido

Incorporação

Data de Incorporação: 00/00/0000
Ano(s): Desconhecido
Modo de Incorporação: Desconhecido
Descrição: Desconhecido

Localização

Localização: Sacristia (Nova atualização:
Núcleo de Ourivesaria. 18-05-2017)

Local e data de conclusão da ficha

Lagoa, 12 de agosto de 2015

Inventariante

Joana Simas

Ficha de Inventário

Identificação da Peça

Instituição/ Proprietário: Fábrica da Igreja Paroquial de Santa Cruz – Diocese de Angra

Localização: Concelho de Lagoa, Santa Cruz

Categoria: Ourivesaria

Denominação: Galheta do vinho

Elemento de conjunto: não

Nº de Inventário: PSC/216.3

Marcação: verso da base

Nº de Inventário anteriores: (não se aplica)



Descrição

Galheta em vidro, de base circular e corpo bojudo. Corpo em vidro serigrafada com ornamentação assente em resplendor de raios setiformes envolvendo monograma central com as iniciais JHS com uma cruz ao meio. Arranca no bojo e termina no topo, uma asa em metal de enrolamentos e perfil em S com folhagem a adornar.

Inventário do Património Cultural Móvel da Igreja Matriz de Santa Cruz

Dimensões

Altura: 11 cm
Largura: 11 cm
Profundidade: 5 cm

Datação

Ano(s): Não determinado
Século(s): XX (?)
Justificação da data: Análise estilística.

Informação Técnica

Matéria: Metal
Vidro
Técnica: Cinzelado
Fundido
Recortado
Relevado

Conservação

Estado: Bom
Especificações: Peça estabilizada.
Data: 12-08-2015

Autoria

Nome: Desconhecido
Tipo: Desconhecido
Ofício: Desconhecido

Produção

Oficina/ Fabricante: Desconhecido
Local de Execução: Desconhecido
Escola/Estilo/Movimento: Desconhecido

Incorporação

Data de Incorporação: 00/00/0000
Ano(s): Desconhecido
Modo de Incorporação: Desconhecido
Descrição: Desconhecido

Localização

Localização: Sacristia (Nova atualização:
Núcleo de Ourivesaria. 18-05-2017)

Local e data de conclusão da ficha

Lagoa, 12 de agosto de 2015

Inventariante

Joana Simas

Ficha de Inventário

Identificação da Peça

Instituição/ Proprietário: Fábrica da Igreja Paroquial de Santa Cruz – Diocese de Angra

Localização: Concelho de Lagoa, Santa Cruz

Categoria: Mobiliário

Subcategoria: Mobiliário Religioso

Denominação: Estante de pé

Elemento de conjunto: não

Nº de Inventário: PSC/217

Marcação: verso da base

Nº de Inventário anteriores: (não se aplica)



Descrição

Estante de pé para colocação do missal com base circular com ressaltos; assenta em três pés, com extremidade chanfrada e marcada por sulcos. Coluna lisa fina de secção circular. A face frontal da prateleira é de formato retangular, desprovido de ornamentação.

Inventário do Património Cultural Móvel da Igreja Matriz de Santa Cruz

Dimensões

Altura: 137 cm
Largura: 46 cm
Profundidade: 30 cm

Datação

Ano(s): 2015
Século(s): XXI
Justificação da data: Móvel confeccionado por vontade do Pe. Nuno Maiato no ano descrito.

Informação Técnica

Matéria: Madeira
Técnica: Marcenaria

Conservação

Estado: Muito Bom
Especificações: Peça em perfeito estado de conservação.
Data: 27-08-2015

Autoria

Nome: João Cabecinha
Tipo: Marceneiro
Ofício: Marcenaria

Produção

Oficina/ Fabricante: Desconhecido
Local de Execução: Cabouco (Lagoa)
Escola/Estilo/Movimento: Desconhecido

Incorporação

Data de Incorporação: 00/00/2015
Ano(s): 2015
Modo de Incorporação: Aquisição
Descrição: Peça mandada fazer ao marceneiro João Cabecinha.

Localização

Localização: Sacristia

Marcas/inscrições

Local e data de conclusão da ficha

Lagoa, 27 de agosto de 2015

Inventariante

Joana Simas

Ficha de Inventário

Identificação da Peça

Instituição/ Proprietário: Fábrica da Igreja Paroquial de Santa Cruz – Diocese de Angra

Localização: Concelho de Lagoa, Santa Cruz

Categoria: Ourivesaria

Denominação: Gomil

Elemento de conjunto: não

Nº de Inventário: PSC/218

Marcação: verso da base

Nº de Inventário anteriores: (não se aplica)



Descrição

Gomil de formato balaustriforme, com base circular alteada de rebordo liso. Base decorada por enrolamentos e folhagem, terminando em nó arredondado. Bojo com decoração semelhante à da base. Bocal liso recortado terminando em bico largo pronunciado, descrevendo uma curvatura contínua, mais ou menos projetada para o exterior e, do lado oposto, uma asa vertical em “S” soldada ao rebordo e bojo com forte decoração incisa dividida em duas pegas.

Inventário do Património Cultural Móvel da Igreja Matriz de Santa Cruz

Dimensões

Altura: 20 cm
Largura: 18 cm
Profundidade: 9 cm
Outras dimensões: d. 31 cm (bojo); d. 27 cm (base)

Datação

Ano(s): Não determinado
Século(s): XX (?)
Justificação da data: Análise estilística.

Informação Técnica

Matéria: Casquinha
Técnica: Cinzelado
Fundido
Gravado
Inciso
Recortado
Relevado

Conservação

Estado: Bom
Especificações: Peça estabilizada.
Data: 15-07-2015

Autoria

Nome: Desconhecido
Tipo: Desconhecido
Ofício: Desconhecido

Produção

Oficina/ Fabricante: Desconhecido
Local de Execução: Desconhecido
Escola/Estilo/Movimento: Ourivesaria Portuguesa

Incorporação

Data de Incorporação: 00/00/0000
Ano(s): Desconhecido
Modo de Incorporação: Desconhecido
Descrição: Desconhecido

Localização

Localização: Sacristia

Marcas/ inscrições

Marca gravada no verso da base:
"PORTUGAL
CASTRO
FINE SILVER PLATE"

Local e data de conclusão da ficha

Lagoa, 15 de julho de 2015

Inventariante

Joana Simas

Ficha de Inventário

Identificação da Peça

Instituição/ Proprietário: Fábrica da Igreja Paroquial de Santa Cruz – Diocese de Angra

Localização: Concelho de Lagoa, Santa Cruz

Categoria: Ourivesaria

Denominação: Bacia de abluções

Elemento de conjunto: não

Nº de Inventário: PSC/219

Marcação: verso da base

Nº de Inventário anteriores: (não se aplica)



Descrição

Bacia de formato circular, com o fundo rebaixado, emoldurada por filetes. Aba ligeiramente convexa com superfície lisa.

Inventário do Património Cultural Móvel da Igreja Matriz de Santa Cruz

Dimensões

Altura: 25 cm
Diâmetro: 64 cm

Datação

Ano(s): Não determinado
Século(s): XX (?)
Justificação da data: Análise estilística.

Informação Técnica

Matéria: Casquinha
Técnica: Fundido
Gravado
Repuxado

Conservação

Estado: Bom
Especificações: Peça estabilizada.
Data: 15-07-2015

Autoria

Nome: Desconhecido
Tipo: Desconhecido
Ofício: Desconhecido

Produção

Oficina/ Fabricante: Desconhecido
Local de Execução: Portugal
Escola/Estilo/Movimento: Ourivesaria Portuguesa

Incorporação

Data de Incorporação: 00/00/0000
Ano(s): Desconhecido
Modo de Incorporação: Desconhecido
Descrição: Desconhecido

Localização

Localização: Sacristia

Marcas/ inscrições

Marca gravada no verso da base:

“PORTUGAL
CASTRO
FINE SILVER PLATE”

Local e data de conclusão da ficha

Lagoa, 15 de julho de 2015

Inventariante

Joana Simas

Ficha de Inventário

Identificação da Peça

Instituição/ Proprietário: Fábrica da Igreja Paroquial de Santa Cruz – Diocese de Angra

Localização: Concelho de Lagoa, Santa Cruz

Categoria: Ourivesaria

Denominação: Lanterna processional

Elemento de conjunto: não

Nº de Inventário: PSC/220

Marcação: verso da zona de encaixe

Nº de Inventário anteriores: (não se aplica)



Descrição

Lanterna processional de forma hexagonal, com pega cilíndrica simples com encaixe para vara de secção circular seguida de nó, dividindo-se em braços de formas retilíneas que seguram o corpo da lanterna rematados por uma flor. Base da lanterna ornamentada por motivos em concheados e enrolamentos sobre fundo puncionado. Seis faces da lanterna envidraçadas inseridas em moldura contracurvado sobre fundo puncionado, uma das quais a abrir em charneira. Sanefas com forte ornamentação através de concheados, volutas e folhagem. Topo do objeto com cobertura cupuliforme com pequenos buracos em forma de losangos, sobre fundo puncionado. Remata uma cruz latina dourada com pontas segmentadas de decoração incisa.

Inventário do Património Cultural Móvel da Igreja Matriz de Santa Cruz

Dimensões

Altura: 62 cm
Diâmetro: 74 cm

Datação

Ano(s): Não determinado
Século(s): XIX (?)
Justificação da data: Análise estilística.

Informação Técnica

Matéria: Prata (?)
Técnica: Cinzelado
Dourado
Fundido
Inciso
Puncionado
Recortado
Repuxado

Conservação

Estado: Bom
Especificações: Peça estabilizada.
Data: 20-07-2015

Autoria

Nome: Desconhecido
Tipo: Desconhecido
Ofício: Desconhecido

Produção

Oficina/ Fabricante: Desconhecido
Local de Execução: Desconhecido
Escola/Estilo/Movimento: Desconhecido

Incorporação

Data de Incorporação: 00/00/0000
Ano(s): Desconhecido
Modo de Incorporação: Desconhecido
Descrição: Desconhecido

Localização

Localização: Reservas

Observações

As varas com o número de inventário PSC/230 e PSC/231 encaixam na lanterna.

Local e data de conclusão da ficha

Lagoa, 20 de julho de 2015

Inventariante

Joana Simas

Ficha de Inventário

Identificação da Peça

Instituição/ Proprietário: Fábrica da Igreja Paroquial de Santa Cruz – Diocese de Angra

Localização: Ilha de São Miguel, Concelho de Lagoa

Categoria: Ourivesaria

Denominação: Lanterna processional

Elemento de conjunto: não

Nº de Inventário: PSC/221

Marcação: verso do braço esquerdo

Nº de Inventário anteriores: (não se aplica)



Descrição

Lanterna processional de forma hexagonal, com pega cilíndrica simples com encaixe para vara de secção circular seguida de nó, dividindo-se em braços de formas retilíneas que seguram o corpo da lanterna rematados por uma flor. Base da lanterna ornamentada por motivos em concheados e enrolamentos sobre fundo puncionado. Seis faces da lanterna envidraçadas inseridas em moldura contracurvado sobre fundo puncionado, uma das quais a abrir em charneira. Sanefas com forte ornamentação através de concheados, volutas e folhagem. Topo do objeto com cobertura cupuliforme com pequenos buracos em forma de losangos, sobre fundo puncionado. Remata uma cruz latina dourada com pontas segmentadas de decoração incisa.

Inventário do Património Cultural Móvel da Igreja Matriz de Santa Cruz

Dimensões

Altura: 62 cm
Diâmetro: 74 cm

Datação

Ano(s): Não determinado
Século(s): XIX (?)
Justificação da data: Análise estilística.

Informação Técnica

Matéria: Prata (?)
Técnica: Cinzelado
Dourado
Fundido
Inciso
Puncionado
Recortado
Repuxado

Conservação

Estado: Bom
Especificações: Peça estabilizada.
Data: 20-07-2015

Autoria

Nome: Desconhecido
Tipo: Desconhecido
Ofício: Desconhecido

Produção

Oficina/ Fabricante: Desconhecido
Local de Execução: Desconhecido
Escola/Estilo/Movimento: Desconhecido

Incorporação

Data de Incorporação: 00/00/0000
Ano(s): Desconhecido
Modo de Incorporação: Desconhecido
Descrição: Desconhecido

Localização

Localização: Reservas

Observações

As varas com o número de inventário PSC/230 e PSC/231 encaixam na lanterna.

Local e data de conclusão da ficha

Lagoa, 20 de julho de 2015

Inventariante

Joana Simas

Ficha de Inventário

Identificação da Peça

Instituição/ Proprietário: Fábrica da Igreja Paroquial de Santa Cruz – Diocese de Angra

Localização: Concelho de Lagoa, Santa Cruz

Categoria: Ourivesaria

Denominação: Lanterna processional

Elemento de conjunto: não

Nº de Inventário: PSC/222

Marcação: verso do braço esquerdo

Nº de Inventário anteriores: (não se aplica)



Descrição

Lanterna processional de forma hexagonal, com pega cilíndrica simples com encaixe para vara de secção circular, dividindo-se em braços de formas retilíneas que seguram o corpo da lanterna rematados por um enrolamento. Lanterna com base de início em forma de coruchéu seguida de parte em forma de campânula com gomos relevados. Base da lanterna ornamentada por motivos em concheados e enrolamentos sobre fundo puncionado. Seis faces da lanterna envidraçadas inseridas em moldura contracurvado sobre fundo puncionado, uma das quais a abrir em charneira. Sanefas dos vidros trabalhadas nas pontas em formas ondulantes e motivos fitomórficos. Topo do objeto com cobertura piramidal com pequenos buracos em forma de losangos, sobre fundo com decoração relevada e incisa. Remate superior dourado com orbe e cruz latina com pontas segmentadas de decoração incisa.

Inventário do Património Cultural Móvel da Igreja Matriz de Santa Cruz

Dimensões

Altura: 68 cm
Diâmetro: 62 cm

Datação

Ano(s): Não determinado
Século(s): XIX (?)
Justificação da data: Análise estilística.

Informação Técnica

Matéria: Prata (?)
Técnica: Cinzelado
Dourado
Fundido
Inciso
Puncionado
Recortado
Repuxado

Conservação

Estado: Bom
Especificações: Peça estabilizada.
Data: 20-07-2015

Autoria

Nome: Desconhecido
Tipo: Desconhecido
Ofício: Desconhecido

Produção

Oficina/ Fabricante: Desconhecido
Local de Execução: Desconhecido
Escola/Estilo/Movimento: Desconhecido

Incorporação

Data de Incorporação: 00/00/0000
Ano(s): Desconhecido
Modo de Incorporação: Desconhecido
Descrição: Desconhecido

Localização

Localização: Reservas (Nova atualização:
Núcleo Processional. 18-05-2017)

Observações

As varas com o número de inventário PSC/228 e PSC/229 encaixam na lanterna.

Local e data de conclusão da ficha

Lagoa, 20 de julho de 2015

Inventariante

Joana Simas

Ficha de Inventário

Identificação da Peça

Instituição/ Proprietário: Fábrica da Igreja Paroquial de Santa Cruz – Diocese de Angra

Localização: Concelho de Lagoa, Santa Cruz

Categoria: Ourivesaria

Denominação: Lanterna processional

Elemento de conjunto: não

Nº de Inventário: PSC/223

Marcação: verso do braço esquerdo

Nº de Inventário anteriores: (não se aplica)



Descrição

Lanterna processional de forma hexagonal, com pega cilíndrica simples com encaixe para vara de secção circular, dividindo-se em braços de formas retilíneas que seguram o corpo da lanterna rematados por um enrolamento. Lanterna com base de início em forma de coruchéu seguida de parte em forma de campânula com gomos relevados. Base da lanterna ornamentada por motivos em concheados e enrolamentos sobre fundo puncionado. Seis faces da lanterna envidraçadas inseridas em moldura contracurvado sobre fundo puncionado, uma das quais a abrir em charneira. Sanefas dos vidros trabalhadas nas pontas em formas ondulantes e motivos fitomórficos. Topo do objeto com cobertura piramidal com pequenos buracos em forma de losangos, sobre fundo com decoração relevada e incisa. Remate superior dourado com orbe e cruz latina com pontas segmentadas de decoração incisa.

Inventário do Património Cultural Móvel da Igreja Matriz de Santa Cruz

Dimensões

Altura: 68 cm
Diâmetro: 62 cm

Datação

Ano(s): Não determinado
Século(s): XIX (?)
Justificação da data: Análise estilística.

Informação Técnica

Matéria: Prata (?)
Técnica: Cinzelado
Dourado
Fundido
Inciso
Puncionado
Recortado
Repuxado

Conservação

Estado: Bom
Especificações: Peça estabilizada.
Data: 20-07-2015

Autoria

Nome: Desconhecido
Tipo: Desconhecido
Ofício: Desconhecido

Produção

Oficina/ Fabricante: Desconhecido
Local de Execução: Desconhecido
Escola/Estilo/Movimento: Desconhecido

Incorporação

Data de Incorporação: 00/00/0000
Ano(s): Desconhecido
Modo de Incorporação: Desconhecido
Descrição: Desconhecido

Localização

Localização: Reservas (Nova atualização:
Núcleo Processional. 18-05-2017)

Observações

As varas com o número de inventário PSC/228 e PSC/229 encaixam na lanterna.

Local e data de conclusão da ficha

Lagoa, 20 de julho de 2015

Inventariante

Joana Simas

Ficha de Inventário

Identificação da Peça

Instituição/ Proprietário: Fábrica da Igreja Paroquial de Santa Cruz – Diocese de Angra

Localização: Concelho de Lagoa, Santa Cruz

Categoria: Ourivesaria

Denominação: Píxide

Outras denominações: Cibório

Elemento de conjunto: não

Nº de Inventário: PSC/224

Marcação: verso da base

Nº de Inventário anteriores: (não se aplica)



Descrição

Píxide de base circular, alteada ao centro, com rebordo liso. Arranque da haste de formato tronco cónico com nó esférico achatado liso. Copa semiesférica lisa com interior dourado. Tampa circular achatada com inscrição gravada. O conjunto é rematado por uma cruz grega dourada.

Inventário do Património Cultural Móvel da Igreja Matriz de Santa Cruz

Dimensões

Altura: 25 cm
Diâmetro da copa: 35 cm
Diâmetro da base: 36 cm

Datação

Ano(s): Não determinado
Século(s): XX / XXI
Justificação da data: Inscrição no cimo da tampa.

Informação Técnica

Matéria: Prata
Técnica: Dourado
Fundido
Gravado
Relevado

Conservação

Estado: Bom
Especificações: Peça estabilizada.
Data: 20-07-2015

Autoria

Nome: Desconhecido
Tipo: Desconhecido
Ofício: Desconhecido

Produção

Oficina/ Fabricante: Desconhecido
Local de Execução: Desconhecido
Escola/Estilo/Movimento: Desconhecido

Incorporação

Data de Incorporação: 00/00/0000
Ano(s): Desconhecido
Modo de Incorporação: Doação
Descrição: Doação em memória de José Catojo e Mary Catojo.

Localização

Localização: Sacristia

Marcas/inscrições

Inscrição gravada na tampa:
"EM MEMORIA
JOSE S. CATOJO
1896-1956
MARY S. CATOJO
1904-1996"

Local e data de conclusão da ficha

Lagoa, 20 de julho de 2015

Inventariante

Joana Simas

Ficha de Inventário

Identificação da Peça

Instituição/ Proprietário: Fábrica da Igreja Paroquial de Santa Cruz – Diocese de Angra

Localização: Concelho de Lagoa, Santa Cruz

Categoria: Ourivesaria

Denominação: Píxide

Outras denominações: Cibório

Elemento de conjunto: não

Nº de Inventário: PSC/225

Marcação: verso da base

Nº de Inventário anteriores: (não se aplica)



Descrição

Píxide de base circular, de orla lisa, alteada em ressaltos de perfil convexo. Haste em forma de balaústre decorada com seis espigas salientes e três cruzeiras latinas, emoldurada por um nó circular saliente. Copa cupuliforme lisa com o rebordo a dourado brilhante, apresentando inscrições gravadas. Tapa circular achatada rematada por uma cruz grega.

Inventário do Património Cultural Móvel da Igreja Matriz de Santa Cruz

Dimensões

Altura: 23 cm
Diâmetro da copa: 34 cm
Diâmetro da base: 37 cm

Datação

Ano(s): Não determinado
Século(s): XX / XXI
Justificação da data: Inscrição na copa.

Informação Técnica

Matéria: Latão (?)
Técnica: Cinzelado
Dourado
Fundido
Gravado
Repuxado

Conservação

Estado: Bom
Especificações: Peça estabilizada.
Data: 22-07-2015

Autoria

Nome: Desconhecido
Tipo: Desconhecido
Ofício: Desconhecido

Produção

Oficina/ Fabricante: Desconhecido
Local de Execução: Desconhecido
Escola/Estilo/Movimento: Desconhecido

Incorporação

Data de Incorporação: 00/00/0000 (?)
Ano(s): Desconhecido (?)
Modo de Incorporação: Doação
Descrição: Doação feita em memória de Maria Cecília Melo

Localização

Localização: Sacristia

Marcas/inscrições

Inscrição gravada na copa:

“MARIA CECILIA DE MELO
8-1912 4-1998”

Marca de ourives [SF] (?)

Local e data de conclusão da ficha

Lagoa, 22 de julho de 2015

Inventariante

Joana Simas

Ficha de Inventário

Identificação da Peça

Instituição/ Proprietário: Fábrica da Igreja Paroquial de Santa Cruz – Diocese de Angra

Localização: Concelho de Lagoa, Santa Cruz

Categoria: Ourivesaria

Denominação: Píxide

Outras denominações: Cibório

Elemento de conjunto: não

Nº de Inventário: PSC/226

Marcação: verso da base

Nº de Inventário anteriores: (não se aplica)



Descrição

Píxide de base circular, de orla lisa, alteada ao centro com uma pomba do Espírito Santo relevada. Copa cupuliforme lisa com inscrições gravadas. Tampa circular achatada rematada por uma cruz latina de pontas segmentadas.

Inventário do Património Cultural Móvel da Igreja Matriz de Santa Cruz

Dimensões

Altura: 21 cm
Diâmetro da copa: 33 cm
Diâmetro da base: 33 cm

Datação

Ano(s): 2003 (?)
Século(s): XXI
Justificação da data: Inscrição na copa.

Informação Técnica

Matéria: Prata dourada(?)
Técnica: Cinzelado
Dourado
Fundido
Gravado
Relevado

Conservação

Estado: Bom
Especificações: Peça estabilizada.
Data: 22-07-2015

Autoria

Nome: Desconhecido
Tipo: Desconhecido
Ofício: Desconhecido

Produção

Oficina/ Fabricante: Desconhecido
Local de Execução: Desconhecido
Escola/Estilo/Movimento: Desconhecido

Incorporação

Data de Incorporação: 01/06/2003 (?)
Ano(s): 2003 (?)
Modo de Incorporação: Doação
Descrição: Doação feita pela Irmandade do Divino Espírito Santo

Localização

Localização: Sacristia

Marcas/inscrições

- Inscrições gravada na copa:
"Sta. Maria . Dos Anjos
1 de Junho – 2003"
"Rev. Padre J. Pires
Lça Irm. D.E.Santo"

- Marca de ourives [SF] (?)

Local e data de conclusão da ficha

Lagoa, 22 de julho de 2015

Inventariante

Joana Simas

Ficha de Inventário

Identificação da Peça

Instituição/ Proprietário: Fábrica da Igreja Paroquial de Santa Cruz – Diocese de Angra

Localização: Concelho de Lagoa, Santa Cruz

Categoria: Ourivesaria

Denominação: Cálice

Elemento de conjunto: não

Nº de Inventário: PSC/227

Marcação: verso da base

Nº de Inventário anteriores: (não se aplica)



Descrição

Cálice composto por uma copa, haste nó e base. Cálice de base circular de orla lisa, alteada ao centro. Haste em forma de balaústre com nó esférico. Copa cupuliforme lisa com interior dourado.

Inventário do Património Cultural Móvel da Igreja Matriz de Santa Cruz

Dimensões

Altura: 18 cm
Diâmetro da base: 34 cm
Diâmetro da copa: 34 cm

Datação

Ano(s): 1968
Século(s): XX
Justificação da data: Inscrição na base.

Informação Técnica

Matéria: Prata
Técnica: Dourado
Fundido
Gravado
Repuxado

Conservação

Estado: Bom
Especificações: Peça estabilizada.
Data: 06-08-2015

Autoria

Nome: Desconhecido
Tipo: Desconhecido
Ofício: Desconhecido

Produção

Oficina/ Fabricante: Desconhecido
Local de Execução: Porto
Escola/Estilo/Movimento: Ourivesaria Portuguesa

Incorporação

Data de Incorporação: 13/10/1968
Ano(s): 1968
Modo de Incorporação: Doação
Descrição: Doação ao Padre Adriano Furtado Mendonça do povo dos Arrifes.

Localização

Localização: Sacristia

Marcas/inscrições

Inscrição gravada na base relativamente ao doador:
"AO PADRE ADRIANO FURTADO MENDONÇA PENHOR DE GRATIDÃO DO POVO DOS ARRIFES
13-X-1968"

Marca de contraste [835 águia - contraste da prata de ensaiador do Porto] na orla.

Local e data de conclusão da ficha

Lagoa, 06 de agosto de 2015

Inventariante

Joana Simas

Ficha de Inventário

Identificação da Peça

Instituição/ Proprietário: Fábrica da Igreja Paroquial de Santa Cruz – Diocese de Angra

Localização: Concelho de Lagoa, Santa Cruz

Categoria: Ourivesaria

Denominação: Vara

Elemento de conjunto: não

Nº de Inventário: PSC/228

Marcação: cimo da zona de encaixe

Nº de Inventário anteriores: (não se aplica)



Descrição

Vara de encaixe, com alma de madeira, é formada por duas secções cilíndricas lisas, moldurada por anel e rematada por pequeno pináculo.

Inventário do Património Cultural Móvel da Igreja Matriz de Santa Cruz

Dimensões

Altura: 166 cm
Diâmetro: 8 cm

Datação

Ano(s): Não determinado
Século(s): XIX (?)
Justificação da data: Análise estilística.

Informação Técnica

Matéria: Prata (?)
Madeira [interior]
Técnica: Fundido
Repuxado

Conservação

Estado: Bom
Especificações: Peça estabilizada.
Data: 24-08-2015

Autoria

Nome: Desconhecido
Tipo: Desconhecido
Ofício: Desconhecido

Produção

Oficina/ Fabricante: Desconhecido
Local de Execução: Desconhecido
Escola/Estilo/Movimento: Desconhecido

Incorporação

Data de Incorporação: 00/00/0000
Ano(s): Desconhecido
Modo de Incorporação: Desconhecido
Descrição: Desconhecido

Localização

Localização: Reservas (Nova atualização:
Núcleo Processional. 18-05-2017)

Observações

A vara encaixa nas lanternas processionais com o número de inventário PSC/222 e PSC/223

Local e data de conclusão da ficha

Lagoa, 24 de agosto de 2015

Inventariante

Joana Simas

Ficha de Inventário

Identificação da Peça

Instituição/ Proprietário: Fábrica da Igreja Paroquial de Santa Cruz – Diocese de Angra

Localização: Concelho de Lagoa, Santa Cruz

Categoria: Ourivesaria

Denominação: Vara

Elemento de conjunto: não

Nº de Inventário: PSC/229

Marcação: cimo da zona de encaixe

Nº de Inventário anteriores: (não se aplica)



Descrição

Vara de encaixe, com alma de madeira, é formada por duas secções cilíndricas lisas, moldurada por anel e rematada por pequeno pináculo.

Inventário do Património Cultural Móvel da Igreja Matriz de Santa Cruz

Dimensões

Altura: 166 cm
Diâmetro: 8 cm

Datação

Ano(s): Não determinado
Século(s): XIX (?)
Justificação da data: Análise estilística.

Informação Técnica

Matéria: Prata (?)
Madeira [interior]
Técnica: Fundido
Repuxado

Conservação

Estado: Bom
Especificações: Peça estabilizada.
Data: 24-08-2015

Autoria

Nome: Desconhecido
Tipo: Desconhecido
Ofício: Desconhecido

Produção

Oficina/ Fabricante: Desconhecido
Local de Execução: Desconhecido
Escola/Estilo/Movimento: Desconhecido

Incorporação

Data de Incorporação: 00/00/0000
Ano(s): Desconhecido
Modo de Incorporação: Desconhecido
Descrição: Desconhecido

Localização

Localização: Reservas (Nova atualização:
Núcleo Processional. 18-05-2017)

Observações

A vara encaixa nas lanternas processionais com o número de inventário PSC/222 e PSC/223

Local e data de conclusão da ficha

Lagoa, 24 de agosto de 2015

Inventariante

Joana Simas

Ficha de Inventário

Identificação da Peça

Instituição/ Proprietário: Fábrica da Igreja Paroquial de Santa Cruz – Diocese de Angra

Localização: Concelho de Lagoa, Santa Cruz

Categoria: Ourivesaria

Denominação: Vara

Elemento de conjunto: não

Nº de Inventário: PSC/230

Marcação: cimo da zona de encaixe

Nº de Inventário anteriores: (não se aplica)



Descrição

Vara de encaixe, com alma de madeira, é formada por duas secções cilíndricas lisas, moldurada por anel e rematada por pequeno pináculo.

Inventário do Património Cultural Móvel da Igreja Matriz de Santa Cruz

Dimensões

Altura: 158 cm
Diâmetro: 8 cm

Datação

Ano(s): Não determinado
Século(s): XIX (?)
Justificação da data: Análise estilística.

Informação Técnica

Matéria: Prata (?)
Madeira [interior]
Técnica: Fundido
Repuxado

Conservação

Estado: Bom
Especificações: Peça estabilizada.
Data: 24-08-2015

Autoria

Nome: Desconhecido
Tipo: Desconhecido
Ofício: Desconhecido

Produção

Oficina/ Fabricante: Desconhecido
Local de Execução: Desconhecido
Escola/Estilo/Movimento: Desconhecido

Incorporação

Data de Incorporação: 00/00/0000
Ano(s): Desconhecido
Modo de Incorporação: Desconhecido
Descrição: Desconhecido

Localização

Localização: Reservas

Observações

A vara encaixa nas lanternas processionais com o número de inventário PSC/220 e PSC/221

Local e data de conclusão da ficha

Lagoa, 24 de agosto de 2015

Inventariante

Joana Simas

Ficha de Inventário

Identificação da Peça

Instituição/ Proprietário: Fábrica da Igreja Paroquial de Santa Cruz – Diocese de Angra

Localização: Concelho de Lagoa, Santa Cruz

Categoria: Ourivesaria

Denominação: Vara

Elemento de conjunto: não

Nº de Inventário: PSC/231

Marcação: cimo da zona de encaixe

Nº de Inventário anteriores: (não se aplica)



Descrição

Vara de encaixe, com alma de madeira, é formada por duas secções cilíndricas lisas, moldurada por anel e rematada por pequeno pináculo.

Inventário do Património Cultural Móvel da Igreja Matriz de Santa Cruz

Dimensões

Altura: 158 cm
Diâmetro: 8 cm

Datação

Ano(s): Não determinado
Século(s): XIX (?)
Justificação da data: Análise estilística.

Informação Técnica

Matéria: Prata (?)
Madeira [interior]
Técnica: Fundido
Repuxado

Conservação

Estado: Bom
Especificações: Peça estabilizada.
Data: 24-08-2015

Autoria

Nome: Desconhecido
Tipo: Desconhecido
Ofício: Desconhecido

Produção

Oficina/ Fabricante: Desconhecido
Local de Execução: Desconhecido
Escola/Estilo/Movimento: Desconhecido

Incorporação

Data de Incorporação: 00/00/0000
Ano(s): Desconhecido
Modo de Incorporação: Desconhecido
Descrição: Desconhecido

Localização

Localização: Reservas

Observações

A vara encaixa nas lanternas processionais com o número de inventário PSC/220 e PSC/221

Local e data de conclusão da ficha

Lagoa, 24 de agosto de 2015

Inventariante

Joana Simas

Ficha de Inventário

Identificação da Peça

Instituição/ Proprietário: Fábrica da Igreja Paroquial de Santa Cruz – Diocese de Angra

Localização: Concelho de Lagoa, Santa Cruz

Categoria: Ourivesaria

Denominação: Patena

Elemento de conjunto: não

Nº de Inventário: PSC/232

Marcação: verso

Nº de Inventário anteriores: (não se aplica)



Descrição

Patena de formato circular com centro rebaixado e aba plana.

Inventário do Património Cultural Móvel da Igreja Matriz de Santa Cruz

Dimensões

Altura: 15 cm
Diâmetro: 45 cm

Datação

Ano(s): Não determinado
Século(s): XX (?)
Justificação da data: Análise estilística.

Informação Técnica

Matéria: Prata dourada(?)
Técnica: Dourado
Fundido
Repuxado

Conservação

Estado: Bom
Especificações: Peça estabilizada.
Data: 26-08-2015

Autoria

Nome: Desconhecido
Tipo: Desconhecido
Ofício: Desconhecido

Produção

Oficina/ Fabricante: Desconhecido
Local de Execução: Desconhecido
Escola/Estilo/Movimento: Desconhecido

Incorporação

Data de Incorporação: 00/00/0000
Ano(s): Desconhecido
Modo de Incorporação: Desconhecido
Descrição: Desconhecido

Localização

Localização: Sacristia

Local e data de conclusão da ficha

Lagoa, 26 de agosto de 2015

Inventariante

Joana Simas

Ficha de Inventário

Identificação da Peça

Instituição/ Proprietário: Fábrica da Igreja Paroquial de Santa Cruz – Diocese de Angra

Localização: Concelho de Lagoa, Santa Cruz

Categoria: Ourivesaria

Denominação: Patena

Elemento de conjunto: não

Nº de Inventário: PSC/233

Marcação: verso

Nº de Inventário anteriores: (não se aplica)



Descrição

Patena de formato circular com centro ligeiramente rebaixado e aba plana.

Inventário do Património Cultural Móvel da Igreja Matriz de Santa Cruz

Dimensões

Altura: 15 cm
Diâmetro: 48 cm

Datação

Ano(s): Não determinado
Século(s): XX (?)
Justificação da data: Análise estilística.

Informação Técnica

Matéria: Prata
Técnica: Fundido
Repuxado

Conservação

Estado: Bom
Especificações: Peça estabilizada.
Data: 26-08-2015

Autoria

Nome: Desconhecido
Tipo: Desconhecido
Ofício: Desconhecido

Produção

Oficina/ Fabricante: Desconhecido
Local de Execução: Desconhecido
Escola/Estilo/Movimento: Desconhecido

Incorporação

Data de Incorporação: 00/00/0000
Ano(s): Desconhecido
Modo de Incorporação: Desconhecido
Descrição: Desconhecido

Localização

Localização: Sacristia

Marcas/inscrições

Marca de ourives e de contraste não perceptível.

Local e data de conclusão da ficha

Lagoa, 26 de agosto de 2015

Inventariante

Joana Simas

Ficha de Inventário

Identificação da Peça

Instituição/ Proprietário: Fábrica da Igreja Paroquial de Santa Cruz – Diocese de Angra

Localização: Concelho de Lagoa, Santa Cruz

Categoria: Ourivesaria

Denominação: Patena

Elemento de conjunto: não

Nº de Inventário: PSC/234

Marcação: verso

Nº de Inventário anteriores: (não se aplica)



Descrição

Patena de formato circular com centro rebaixado e aba plana.

Inventário do Património Cultural Móvel da Igreja Matriz de Santa Cruz

Dimensões

Altura: 15 cm
Diâmetro: 45 cm

Datação

Ano(s): Não determinado
Século(s): XX (?)
Justificação da data: Análise estilística.

Informação Técnica

Matéria: Latão
Técnica: Dourado
Fundido
Repuxado

Conservação

Estado: Bom
Especificações: Peça estabilizada.
Data: 26-08-2015

Autoria

Nome: Desconhecido
Tipo: Desconhecido
Ofício: Desconhecido

Produção

Oficina/ Fabricante: Desconhecido
Local de Execução: Andaluzia (Espanha)
Escola/Estilo/Movimento: Desconhecido

Incorporação

Data de Incorporação: 00/00/0000
Ano(s): Desconhecido
Modo de Incorporação: Desconhecido
Descrição: Desconhecido

Localização

Localização: Reservas

Marcas/inscrições

Local e data de conclusão da ficha

Lagoa, 26 de agosto de 2015

Inventariante

Joana Simas

Ficha de Inventário

Identificação da Peça

Instituição/ Proprietário: Fábrica da Igreja Paroquial de Santa Cruz – Diocese de Angra

Localização: Ilha de São Miguel, Concelho de Lagoa

Categoria: Ourivesaria

Denominação: Patena

Elemento de conjunto: não

Nº de Inventário: PSC/235

Marcação: verso

Nº de Inventário anteriores: (não se aplica)



Descrição

Patena de formato circular em prata dourada lisa.

Inventário do Património Cultural Móvel da Igreja Matriz de Santa Cruz

Dimensões

Altura: 14 cm
Diâmetro: 41 cm

Datação

Ano(s): Não determinado
Século(s): XX (?)
Justificação da data: Análise estilística.

Informação Técnica

Matéria: Latão
Técnica: Dourado
Fundido

Conservação

Estado: Bom
Especificações: Peça estabilizada.
Data: 26-08-2015

Autoria

Nome: Desconhecido
Tipo: Desconhecido
Ofício: Desconhecido

Produção

Oficina/ Fabricante: Desconhecido
Local de Execução: Desconhecido
Escola/Estilo/Movimento: Desconhecido

Incorporação

Data de Incorporação: 00/00/0000
Ano(s): Desconhecido
Modo de Incorporação: Desconhecido
Descrição: Desconhecido

Localização

Localização: Sacristia

Local e data de conclusão da ficha

Lagoa, 26 de agosto de 2015

Inventariante

Joana Simas

Ficha de Inventário

Identificação da Peça

Instituição/ Proprietário: Fábrica da Igreja Paroquial de Santa Cruz – Diocese de Angra

Localização: Concelho de Lagoa, Santa Cruz

Categoria: Ourivesaria

Denominação: Castiçal (par)

Elemento de conjunto: não

Nº de Inventário: PSC/236

Marcação: verso da base

Nº de Inventário anteriores: (não se aplica)



Descrição

Castiçal de prata cinzelada de base circular lavrada com caneluras, de três lumes com arandela e bocal circular. Haste de secção circular ornamentada por caneluras na parte inferior, possui ao centro um nó circular, e na parte superior lisa. Daí parte, transversalmente, uma haste de secção circular constituída por elementos curvados, rematados por pequenas flores.

Inventário do Património Cultural Móvel da Igreja Matriz de Santa Cruz

Dimensões

Altura: 32 cm
Largura: 32 cm
Profundidade: 10 cm

Datação

Ano(s): Não determinado
Século(s): XX (?)
Justificação da data: Análise estilística.

Informação Técnica

Matéria: Metal
Técnica: Cinzelado
Fundido
Inciso
Relevado

Conservação

Estado: Bom
Especificações: Peça estabilizada.
Data: 16-06-2015

Autoria

Nome: Desconhecido
Tipo: Desconhecido
Ofício: Desconhecido

Produção

Oficina/ Fabricante: Desconhecido
Local de Execução: Desconhecido
Escola/Estilo/Movimento: Desconhecido

Incorporação

Data de Incorporação: 00/00/0000
Ano(s): Desconhecido
Modo de Incorporação: Desconhecido
Descrição: Desconhecido

Localização

Localização: Reservas

Local e data de conclusão da ficha

Lagoa, 16 de junho de 2015

Inventariante

Joana Simas

Ficha de Inventário

Identificação da Peça

Instituição/ Proprietário: Fábrica da Igreja Paroquial de Santa Cruz – Diocese de Angra

Localização: Concelho de Lagoa, Santa Cruz

Categoria: Ourivesaria

Denominação: Castiçal (par)

Elemento de conjunto: não

Nº de Inventário: PSC/237

Marcação: verso da base

Nº de Inventário anteriores: (não se aplica)



Descrição

Castiçal de prata cinzelada de base circular lavrada com caneluras, de três lumes com arandela e bocal circular. Haste de secção circular ornamentada por caneluras na parte inferior, possui ao centro um nó circular, e parte superior lisa. Daí parte, transversalmente, uma haste de secção circular constituída por elementos curvados, rematados por pequenas flores.

Inventário do Património Cultural Móvel da Igreja Matriz de Santa Cruz

Dimensões

Altura: 32 cm
Largura: 32 cm
Profundidade: 10 cm

Datação

Ano(s): Não determinado
Século(s): XX (?)
Justificação da data: Análise estilística.

Informação Técnica

Matéria: Metal
Técnica: Cinzelado
Fundido
Inciso
Relevado

Conservação

Estado: Bom
Especificações: Peça estabilizada.
Data: 16-06-2015

Autoria

Nome: Desconhecido
Tipo: Desconhecido
Ofício: Desconhecido

Produção

Oficina/ Fabricante: Desconhecido
Local de Execução: Desconhecido
Escola/Estilo/Movimento: Desconhecido

Incorporação

Data de Incorporação: 00/00/0000
Ano(s): Desconhecido
Modo de Incorporação: Desconhecido
Descrição: Desconhecido

Localização

Localização: Reservas

Local e data de conclusão da ficha

Lagoa, 16 de junho de 2015

Inventariante

Joana Simas

Ficha de Inventário

Identificação da Peça

Instituição/ Proprietário: Fábrica da Igreja Paroquial de Santa Cruz – Diocese de Angra

Localização: Concelho de Lagoa, Santa Cruz

Categoria: Ourivesaria

Denominação: Castiçal (par)

Elemento de conjunto: não

Nº de Inventário: PSC/238

Marcação: verso da base

Nº de Inventário anteriores: (não se aplica)



Descrição

Castiçal de base circular emoldurada por concheados e enrolamentos, com registo central alteado liso. Sobressaem dois braços profusamente decorados por enrolamentos, com lume respetivo, com arandela circular e bocal campaniforme liso.

Inventário do Património Cultural Móvel da Igreja Matriz de Santa Cruz

Dimensões

Altura: 17 cm
Largura: 19 cm
Profundidade: 9 cm

Datação

Ano(s): Não determinado
Século(s): XX (?)
Justificação da data: Análise estilística.

Informação Técnica

Matéria: Casquinha (?)
Técnica: Cinzelado
Fundido
Inciso
Relevado

Conservação

Estado: Bom
Especificações: Peça estabilizada.
Data: 16-06-2015

Autoria

Nome: Desconhecido
Tipo: Desconhecido
Ofício: Desconhecido

Produção

Oficina/ Fabricante: Desconhecido
Local de Execução: Desconhecido
Escola/Estilo/Movimento: Desconhecido

Incorporação

Data de Incorporação: 00/00/0000
Ano(s): Desconhecido
Modo de Incorporação: Desconhecido
Descrição: Desconhecido

Localização

Localização: Reservas

Local e data de conclusão da ficha

Lagoa, 16 de junho de 2015

Inventariante

Joana Simas

Ficha de Inventário

Identificação da Peça

Instituição/ Proprietário: Fábrica da Igreja Paroquial de Santa Cruz – Diocese de Angra

Localização: Concelho de Lagoa, Santa Cruz

Categoria: Ourivesaria

Denominação: Castiçal (par)

Elemento de conjunto: não

Nº de Inventário: PSC/239

Marcação: verso da base

Nº de Inventário anteriores: (não se aplica)



Descrição

Castiçal de base circular emoldurada por concheados e enrolamentos, com registo central alteado liso. Sobressaem dois braços profusamente decorados por enrolamentos, com lume respetivo, com arandela circular e bocal campaniforme liso.

Inventário do Património Cultural Móvel da Igreja Matriz de Santa Cruz

Dimensões

Altura: 17 cm
Largura: 19 cm
Profundidade: 9 cm

Datação

Ano(s): Não determinado
Século(s): XX (?)
Justificação da data: Análise estilística.

Informação Técnica

Matéria: Casquinha (?)
Técnica: Cinzelado
Fundido
Inciso
Relevado

Conservação

Estado: Bom
Especificações: Peça estabilizada.
Data: 16-06-2015

Autoria

Nome: Desconhecido
Tipo: Desconhecido
Ofício: Desconhecido

Produção

Oficina/ Fabricante: Desconhecido
Local de Execução: Desconhecido
Escola/Estilo/Movimento: Desconhecido

Incorporação

Data de Incorporação: 00/00/0000
Ano(s): Desconhecido
Modo de Incorporação: Desconhecido
Descrição: Desconhecido

Localização

Localização: Reservas

Local e data de conclusão da ficha

Lagoa, 16 de junho de 2015

Inventariante

Joana Simas

Ficha de Inventário

Identificação da Peça

Instituição/ Proprietário: Fábrica da Igreja Paroquial de Santa Cruz – Diocese de Angra

Localização: Concelho de Lagoa, Santa Cruz

Categoria: Ourivesaria

Denominação: Jarra

Elemento de conjunto: não

Nº de Inventário: PSC/240

Marcação: verso da base

Nº de Inventário anteriores: (não se aplica)



Descrição

Jarra de corpo abalaustrado com base circular. Bojo estreito, decorado por tarja definida por motivos florais sobre fundo puncionado. Bocal circular.

Inventário do Património Cultural Móvel da Igreja Matriz de Santa Cruz

Dimensões

Altura: 30 cm
Diâmetro: 14 cm

Datação

Ano(s): Não determinado
Século(s): XX (?)
Justificação da data: Análise estilística.

Informação Técnica

Matéria: Prata (?)
Técnica: Cinzelado
Fundido
Puncionado
Relevado

Conservação

Estado: Bom
Especificações: Peça estabilizada.
Data: 19-06-2015

Autoria

Nome: Desconhecido
Tipo: Desconhecido
Ofício: Desconhecido

Produção

Oficina/ Fabricante: Desconhecido
Local de Execução: Desconhecido
Escola/Estilo/Movimento: Desconhecido

Incorporação

Data de Incorporação: 00/00/0000
Ano(s): Desconhecido
Modo de Incorporação: Desconhecido
Descrição: Desconhecido

Localização

Localização: Reservas

Marcas/inscrições

No verso da base tem o número 4 gravado.

Local e data de conclusão da ficha

Lagoa, 19 de junho de 2015

Inventariante

Joana Simas

Ficha de Inventário

Identificação da Peça

Instituição/ Proprietário: Fábrica da Igreja Paroquial de Santa Cruz – Diocese de Angra

Localização: Concelho de Lagoa, Santa Cruz

Categoria: Ourivesaria

Denominação: Jarra

Elemento de conjunto: não

Nº de Inventário: PSC/241

Marcação: verso da base

Nº de Inventário anteriores: (não se aplica)



Descrição

Jarra de corpo abalaustrado com base circular. Bojo estreito, decorado por tarja definida por motivos florais sobre fundo puncionado. Bocal circular.

Inventário do Património Cultural Móvel da Igreja Matriz de Santa Cruz

Dimensões

Altura: 30 cm
Diâmetro: 14 cm

Datação

Ano(s): Não determinado
Século(s): XX (?)
Justificação da data: Análise estilística.

Informação Técnica

Matéria: Prata (?)
Técnica: Cinzelado
Fundido
Puncionado
Relevado

Conservação

Estado: Bom
Especificações: Peça estabilizada.
Data: 19-06-2015

Autoria

Nome: Desconhecido
Tipo: Desconhecido
Ofício: Desconhecido

Produção

Oficina/ Fabricante: Desconhecido
Local de Execução: Desconhecido
Escola/Estilo/Movimento: Desconhecido

Incorporação

Data de Incorporação: 00/00/0000
Ano(s): Desconhecido
Modo de Incorporação: Desconhecido
Descrição: Desconhecido

Localização

Localização: Reservas

Marcas/inscrições

No verso da base tem o número 4 gravado.

Local e data de conclusão da ficha

Lagoa, 19 de junho de 2015

Inventariante

Joana Simas

Ficha de Inventário

Identificação da Peça

Instituição/ Proprietário: Fábrica da Igreja Paroquial de Santa Cruz – Diocese de Angra

Localização: Concelho de Lagoa, Santa Cruz

Categoria: Ourivesaria

Denominação: Jarra

Elemento de conjunto: não

Nº de Inventário: PSC/242

Marcação: verso da base

Nº de Inventário anteriores: (não se aplica)



Descrição

Jarra de corpo abalaustrado com base circular. Bojo estreito, decorado por tarja definida por motivos florais sobre fundo puncionado. Bocal circular.

Inventário do Património Cultural Móvel da Igreja Matriz de Santa Cruz

Dimensões

Altura: 30 cm
Diâmetro: 14 cm

Datação

Ano(s): Não determinado
Século(s): XX (?)
Justificação da data: Análise estilística.

Informação Técnica

Matéria: Prata (?)
Técnica: Cinzelado
Fundido
Puncionado
Relevado

Conservação

Estado: Bom
Especificações: Peça estabilizada.
Data: 19-06-2015

Autoria

Nome: Desconhecido
Tipo: Desconhecido
Ofício: Desconhecido

Produção

Oficina/ Fabricante: Desconhecido
Local de Execução: Desconhecido
Escola/Estilo/Movimento: Desconhecido

Incorporação

Data de Incorporação: 00/00/0000
Ano(s): Desconhecido
Modo de Incorporação: Desconhecido
Descrição: Desconhecido

Localização

Localização: Reservas

Marcas/inscrições

No verso da base tem o número 4 gravado.

Local e data de conclusão da ficha

Lagoa, 19 de junho de 2015

Inventariante

Joana Simas

Ficha de Inventário

Identificação da Peça

Instituição/ Proprietário: Fábrica da Igreja Paroquial de Santa Cruz – Diocese de Angra

Localização: Concelho de Lagoa, Santa Cruz

Categoria: Ourivesaria

Denominação: Jarra

Elemento de conjunto: não

Nº de Inventário: PSC/243

Marcação: verso da base

Nº de Inventário anteriores: (não se aplica)



Descrição

Jarra de corpo abalaustrado com base circular. Bojo estreito, decorado por tarja definida por motivos florais sobre fundo puncionado. Bocal circular.

Inventário do Património Cultural Móvel da Igreja Matriz de Santa Cruz

Dimensões

Altura: 30 cm
Diâmetro: 14 cm

Datação

Ano(s): Não determinado
Século(s): XX (?)
Justificação da data: Análise estilística.

Informação Técnica

Matéria: Prata (?)
Técnica: Cinzelado
Fundido
Puncionado
Relevado

Conservação

Estado: Bom
Especificações: Peça estabilizada.
Data: 19-06-2015

Autoria

Nome: Desconhecido
Tipo: Desconhecido
Ofício: Desconhecido

Produção

Oficina/ Fabricante: Desconhecido
Local de Execução: Desconhecido
Escola/Estilo/Movimento: Desconhecido

Incorporação

Data de Incorporação: 00/00/0000
Ano(s): Desconhecido
Modo de Incorporação: Desconhecido
Descrição: Desconhecido

Localização

Localização: Reservas

Marcas/inscrições

No verso da base tem o número 4 gravado.

Local e data de conclusão da ficha

Lagoa, 19 de junho de 2015

Inventariante

Joana Simas

Ficha de Inventário

Identificação da Peça

Instituição/ Proprietário: Fábrica da Igreja Paroquial de Santa Cruz – Diocese de Angra

Localização: Concelho de Lagoa, Santa Cruz

Categoria: Escultura

Subcategoria: Escultura de vulto

Denominação: Crucifixo

Elemento de conjunto: não

Nº de Inventário: PSC/244

Marcação: verso da base

Nº de Inventário anteriores: (não se aplica)



Descrição

Crucifixo dourado em madeira com molduramento relevado sobre as arestas, ponteiros ornamentadas com volutas e ornatos vegetalistas. Aura circular de raios rodeando a cabeça de Cristo. Ao centro a escultura de Cristo agonizante, em vulto pleno, com as pernas fletidas e pés sobrepostos e a cabeça inclinada sobre a direita com os braços esticados. Contém espigão para encaixe.

Inventário do Património Cultural Móvel da Igreja Matriz de Santa Cruz

Dimensões

Altura: 92 cm
Largura: 56 cm

Datação

Ano(s): Não determinado
Século(s): XIX (?)
Justificação da data: Análise estilística.

Informação Técnica

Matéria: Madeira
Técnica: Escultura adossada à cruz
Engessada
Policromado
Talha

Conservação

Estado: Bom
Especificações: Peça estabilizada.
Data: 19-06-2015

Autoria

Nome: Desconhecido
Tipo: Desconhecido
Ofício: Desconhecido

Produção

Oficina/ Fabricante: Desconhecido
Local de Execução: Desconhecido
Escola/Estilo/Movimento: Desconhecido

Incorporação

Data de Incorporação: 00/00/0000
Ano(s): Desconhecido
Modo de Incorporação: Desconhecido
Descrição: Desconhecido

Localização

Localização: Reservas

Marcas/inscrições

Local e data de conclusão da ficha

Lagoa, 19 de junho de 2015

Inventariante

Joana Simas

Ficha de Inventário

Identificação da Peça

Instituição/ Proprietário: Fábrica da Igreja Paroquial de Santa Cruz – Diocese de Angra

Localização: Concelho de Lagoa, Santa Cruz

Categoria: Instrumento musical

Subcategoria: Classe idiofones

Denominação: Matraca

Elemento de conjunto: não

Nº de Inventário: PSC/245

Marcação: verso da base

Nº de Inventário anteriores: (não se aplica)



Descrição

Matraca em madeira, de formato retangular, com pega semicircular na extremidade superior. Em cada um dos lados, dois batentes solidários em ferro.

Inventário do Património Cultural Móvel da Igreja Matriz de Santa Cruz

Dimensões

Altura: 46 cm
Largura: 21 cm
Profundidade: 5 cm

Datação

Ano(s): Não determinado
Século(s): XVIII (?)
Justificação da data: Análise estilística.

Informação Técnica

Matéria: Madeira
Ferro
Técnica: Fundido
Marcenaria

Conservação

Estado: Bom
Especificações: Peça estabilizada.
Data: 30-04-2015

Autoria

Nome: Desconhecido
Tipo: Desconhecido
Ofício: Desconhecido

Produção

Oficina/ Fabricante: Desconhecido
Local de Execução: Desconhecido
Escola/Estilo/Movimento: Desconhecido

Incorporação

Data de Incorporação: 00/00/0000
Ano(s): Desconhecido
Modo de Incorporação: Desconhecido
Descrição: Desconhecido

Localização

Localização: Sacristia (Nova atualização:
Núcleo Processional. 18-05-2017)

Marcas/inscrições

Local e data de conclusão da ficha

Lagoa, 30 de abril de 2015

Inventariante

Joana Simas

Ficha de Inventário

Identificação da Peça

Instituição/ Proprietário: Fábrica da Igreja Paroquial de Santa Cruz – Diocese de Angra

Localização: Concelho de Lagoa, Santa Cruz

Categoria: Cerâmica

Denominação: Jarra de ornamentação

Elemento de conjunto: não

Nº de Inventário: PSC/246

Marcação: verso da base

Nº de Inventário anteriores: (não se aplica)



Descrição

Jarra de cerâmica pintada a branco, azul e amarelo em forma de balaústre com a inscrição ao centro “N.ª S.ª DA ESTRELLA”.

Inventário do Património Cultural Móvel da Igreja Matriz de Santa Cruz

Dimensões

Altura: 16 cm
Diâmetro: 11 cm

Datação

Ano(s): Não determinado
Século(s): XIX-XX
Justificação da data: Análise estilística.

Informação Técnica

Matéria: Barro
Técnica: Banho
Cozedura
Esmaltagem
Modelagem
Roda
Torneamento
Vidrado

Conservação

Estado: Bom
Especificações: Peça estabilizada.
Data: 17-06-2015

Autoria

Nome: Desconhecido
Tipo: Desconhecido
Ofício: Desconhecido

Produção

Oficina/ Fabricante: Fábrica Cerâmica Vieira
Local de Execução: Lagoa (Açores)
Escola/Estilo/Movimento: Louça da Lagoa

Incorporação

Data de Incorporação: 00/00/0000
Ano(s): Desconhecido
Modo de Incorporação: Desconhecido
Descrição: Desconhecido

Localização

Localização: Sacristia (Nova atualização:
Núcleo da Cerâmica e Azulejaria. 18-05-2017)

Marcas/inscrições

- Inscrição no corpo da jarra:
"Nª Sª DA
ESTRELA"

Local e data de conclusão da ficha

Lagoa, 17 de junho de 2015

Inventariante

Joana Simas

Ficha de Inventário

Identificação da Peça

Instituição/ Proprietário: Fábrica da Igreja Paroquial de Santa Cruz – Diocese de Angra

Localização: Concelho de Lagoa, Santa Cruz

Categoria: Cerâmica

Denominação: Jarra de ornamentação

Elemento de conjunto: não

Nº de Inventário: PSC/247

Marcação: verso da base

Nº de Inventário anteriores: (não se aplica)



Descrição

Jarra de cerâmica pintada a branco e azul, em forma de balaústre.

Inventário do Património Cultural Móvel da Igreja Matriz de Santa Cruz

Dimensões

Altura: 18 cm
Diâmetro: 11 cm

Datação

Ano(s): Não determinado
Século(s): XIX-XX
Justificação da data: Análise estilística.

Informação Técnica

Matéria: Barro
Técnica: Banho
Cozedura
Esmaltagem
Modelagem
Roda
Torneamento
Vidrado

Conservação

Estado: Bom
Especificações: Peça estabilizada.
Data: 17-06-2015

Autoria

Nome: Desconhecido
Tipo: Desconhecido
Ofício: Desconhecido

Produção

Oficina/ Fabricante: Fábrica Cerâmica Vieira (?)
Local de Execução: Lagoa (Açores) (?)
Escola/Estilo/Movimento: Louça da Lagoa (?)

Incorporação

Data de Incorporação: 00/00/0000
Ano(s): Desconhecido
Modo de Incorporação: Desconhecido
Descrição: Desconhecido

Localização

Localização: Sacristia (Nova atualização: Núcleo da Cerâmica e Azulejaria. 18-05-2017)

Marcas/inscrições

Local e data de conclusão da ficha

Lagoa, 17 de junho de 2015

Inventariante

Joana Simas

Ficha de Inventário

Identificação da Peça

Instituição/ Proprietário: Fábrica da Igreja Paroquial de Santa Cruz – Diocese de Angra

Localização: Concelho de Lagoa, Santa Cruz

Categoria: Cerâmica

Denominação: Jarra de ornamentação

Elemento de conjunto: não

Nº de Inventário: PSC/248

Marcação: verso da base

Nº de Inventário anteriores: (não se aplica)



Descrição

Jarra de cerâmica pintada a branco e azul, em forma de balaústre.

Inventário do Património Cultural Móvel da Igreja Matriz de Santa Cruz

Dimensões

Altura: 18 cm
Diâmetro: 11 cm

Datação

Ano(s): Não determinado
Século(s): XIX-XX
Justificação da data: Análise estilística.

Informação Técnica

Matéria: Barro
Técnica: Banho
Cozedura
Esmaltagem
Modelagem
Roda
Torneamento
Vidrado

Conservação

Estado: Bom
Especificações: Peça estabilizada.
Data: 17-06-2015

Autoria

Nome: Desconhecido
Tipo: Desconhecido
Ofício: Desconhecido

Produção

Oficina/ Fabricante: Fábrica Cerâmica Vieira(?)
Local de Execução: Lagoa (Açores) (?)
Escola/Estilo/Movimento: Louça da Lagoa (?)

Incorporação

Data de Incorporação: 00/00/0000
Ano(s): Desconhecido
Modo de Incorporação: Desconhecido
Descrição: Desconhecido

Localização

Localização: Sacristia (Nova atualização: Núcleo da Cerâmica e Azulejaria. 18-05-2017)

Marcas/inscrições

Local e data de conclusão da ficha

Lagoa, 17 de junho de 2015

Inventariante

Joana Simas

Ficha de Inventário

Identificação da Peça

Instituição/ Proprietário: Fábrica da Igreja Paroquial de Santa Cruz – Diocese de Angra

Localização: Concelho de Lagoa, Santa Cruz

Categoria: Escultura

Subcategoria: Escultura de vulto

Denominação: Santa Ana

Elemento de conjunto: não

Nº de Inventário: PSC/249

Marcação: verso da base

Nº de Inventário anteriores: (não se aplica)



Descrição

Escultura. Escultura de vulto: imaginária. Imagem de Santa Ana de pé e frontal. Tem a cabeça e os olhos elevados ao Céu e apresenta rosto envelhecido. Sem mãos. O cabelo está tapado por um véu branco. Enverga uma túnica verde, caindo em pregas vincadas tendendo para a verticalidade, deixando a descoberto a ponta do sapato preto. Imagem envolvida por um manto castanho.

Inventário do Património Cultural Móvel da Igreja Matriz de Santa Cruz

Dimensões

Altura: 42 cm
Largura: 23 cm
Profundidade: 15 cm

Datação

Ano(s): Não determinado
Século(s): XVII/XVIII
Justificação da data: Análise estilística e escultórica.

Informação Técnica

Matéria: Madeira
Técnica: Escultura de vulto pleno esculpida
Engessada
Estofado
Policromado

Conservação

Estado: Regular
Especificações: Peça que apresenta mutilações.
Data: 18-05-2017

Autoria

Nome: Desconhecido
Tipo: Desconhecido
Ofício: Desconhecido

Produção

Oficina/ Fabricante: Desconhecido
Local de Execução: Desconhecido
Escola/Estilo/Movimento: Desconhecido

Incorporação

Data de Incorporação: 16/01/2017
Ano(s): 2017
Modo de Incorporação: Transferência
Descrição: A peça foi transferida do Convento de Santo António para a Igreja Matriz de Santa Cruz, por troca de outras imagens.

Localização

Localização: Núcleo da Imaginária

Observações

Local e data de conclusão da ficha

Lagoa, 23 de maio de 2017

Inventariante

Joana Simas

Ficha de Inventário

Identificação da Peça

Instituição/ Proprietário: Fábrica da Igreja Paroquial de Santa Cruz – Diocese de Angra

Localização: Concelho de Lagoa, Santa Cruz

Categoria: Alfaias litúrgicas

Denominação: Máquina de hóstias

Elemento de conjunto: não

Nº de Inventário: PSC/250

Marcação: verso da base

Nº de Inventário anteriores: (não se aplica)



Descrição

Máquina de hóstias de formato retangular em ferro. No interior apresenta duas placas retangulares, sendo a superior com o formato das hóstias. Apresenta duas pegas em madeira e uma ficha elétrica.

Inventário do Património Cultural Móvel da Igreja Matriz de Santa Cruz

Dimensões

Altura: 47 cm
Largura: 29 cm
Profundidade: 45 cm

Datação

Ano(s): Não determinado
Século(s): XX
Justificação da data: Atendendo que a máquina é ligada à corrente elétrica, a eletricidade só foi possível a partir do século XX.

Informação Técnica

Matéria: Madeira
Ferro
Técnica: Marcenaria
Fundido

Conservação

Estado: Regular
Especificações: Peça que apresenta mutilações.
Data: 06-05-2015

Autoria

Nome: Desconhecido
Tipo: Desconhecido
Ofício: Desconhecido

Produção

Oficina/ Fabricante: Casa Nun'Alvares
Local de Execução: Porto
Escola/Estilo/Movimento: Artigos Religiosos

Incorporação

Data de Incorporação: 00/00/0000
Ano(s): Desconhecido
Modo de Incorporação: Desconhecido
Descrição: Desconhecido

Localização

Localização: Reservas (Nova atualização: Núcleo da Cerâmica e Azulejaria. 18-05-2017)

Observações

Local e data de conclusão da ficha

Lagoa, 06 de maio de 2015

Inventariante

Joana Simas

Ficha de Inventário

Identificação da Peça

Instituição/ Proprietário: Fábrica da Igreja Paroquial de Santa Cruz – Diocese de Angra

Localização: Concelho de Lagoa, Santa Cruz

Categoria: Cerâmica

Denominação: Talhão

Elemento de conjunto: não

Nº de Inventário: PSC/251

Marcação: verso da base

Nº de Inventário anteriores: (não se aplica)



Descrição

Recipiente em forma de pote fabricado em barro, chamado de talhão, para armazenar a água benta. Talhão de base circular e plana, assim como todo o corpo.

Inventário do Património Cultural Móvel da Igreja Matriz de Santa Cruz

Dimensões

Altura: 83 cm
Largura: 29 cm
Profundidade: 75 cm

Datação

Ano(s): 1957
Século(s): XX
Justificação da data: Documentado.

Informação Técnica

Matéria: Barro
Técnica: Cozido
Modelado

Conservação

Estado: Bom
Especificações: Peça estabilizada.
Data: 06-05-2015

Autoria

Nome: Desconhecido
Tipo: Desconhecido
Ofício: Desconhecido

Produção

Oficina/ Fabricante: Desconhecido
Local de Execução: Desconhecido
Escola/Estilo/Movimento: Desconhecido

Incorporação

Data de Incorporação: 00/00/0000
Ano(s): Desconhecido
Modo de Incorporação: Desconhecido
Descrição: Desconhecido

Localização

Localização: Reservas (Nova atualização:
Núcleo da Cerâmica e Azulejaria. 18-05-2017)

Observações

Local e data de conclusão da ficha

Lagoa, 06 de maio de 2015

Inventariante

Joana Simas

Ficha de Inventário

Identificação da Peça

Instituição/ Proprietário: Fábrica da Igreja Paroquial de Santa Cruz – Diocese de Angra

Localização: Concelho de Lagoa, Santa Cruz

Categoria: Cerâmica

Denominação: Talhão

Elemento de conjunto: não

Nº de Inventário: PSC/252

Marcação: verso da base

Nº de Inventário anteriores: (não se aplica)



Descrição

Recipiente em forma de pote fabricado em barro, chamado de talhão, para armazenar a água benta. Talhão de base circular e plana, assim como todo o corpo.

Inventário do Património Cultural Móvel da Igreja Matriz de Santa Cruz

Dimensões

Altura: 72 cm
Largura: 29 cm
Profundidade: 45 cm

Datação

Ano(s): 1957
Século(s): XX
Justificação da data: Documentado.

Informação Técnica

Matéria: Barro
Técnica: Cozido
Modelado

Conservação

Estado: Bom
Especificações: Peça estabilizada.
Data: 06-05-2015

Autoria

Nome: Desconhecido
Tipo: Desconhecido
Ofício: Desconhecido

Produção

Oficina/ Fabricante: Desconhecido
Local de Execução: Desconhecido
Escola/Estilo/Movimento: Desconhecido

Incorporação

Data de Incorporação: 00/00/0000
Ano(s): Desconhecido
Modo de Incorporação: Desconhecido
Descrição: Desconhecido

Localização

Localização: Reservas (Nova atualização:
Núcleo da Cerâmica e Azulejaria. 18-05-2017)

Observações

Local e data de conclusão da ficha

Lagoa, 06 de maio de 2015

Inventariante

Joana Simas

UNIVERSIDADE DOS AÇORES
Faculdade de Ciências Sociais e Humanas

Rua da Mãe de Deus
9500-321 Ponta Delgada
Açores, Portugal



DM

Património Religioso e Museus Eclesiásticos

Uma proposta para a Igreja Matriz de Santa Cruz (Lagoa-Açores)

Joana Maria Sousa Simas